



COLEÇÃO  
POLIEDRO

Mário Matos

# POSTIGOS PARA O MUNDO

21

CULTURA TURÍSTICA E LIVROS DE VIAGENS  
NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ  
{1949-1989/90}

**húmus**



Universidade do Minho  
Centro de Estudos Humanísticos



Mário Matos

# POSTIGOS PARA O MUNDO

CULTURA TURÍSTICA E LIVROS DE VIAGENS  
NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ  
{ 1949-1989/90 }



Universidade do Minho  
Centro de Estudos Humanísticos

POSTIGOS PARA O MUNDO  
Cultura turística e livros de viagens na  
República Democrática Alemã (1949-1989/90)

Autor: Mário Matos

Capa: António Pedro

Edição: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM)

© EDIÇÕES HÚMUS, 2010

End. Postal: Apartado 7097 – 4764-908 Ribeirão

Tel. 252 301 382 / Fax 252 317 555

E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Junho de 2010

Depósito legal: 311574/10

ISBN 978-989-8139-40-5

Apoio:

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

# Índice

11	Nota prévia
15	1. Introdução
15	1.1 Desorientações
31	1.2. Orientações teóricas e metodológicas
45	2. Metatextos
45	2.1 Metadiscursos da investigação sobre a literatura de viagens
62	2.1.2 Aproximações «poetológicas»
67	2.1.3 Imagologia Comparatista e Germanística Intercultural
72	2.1.4 Conceções socio-históricas
83	2.1.5 O «paradigma» (auto)biográfico
88	2.1.6 «Writing Culture», Estudos Pós-Coloniais e Estudos Femininos
96	2.2 Metadiscursos na investigação sobre a literatura de viagens da RDA
96	2.2.1 «Meta-necrologia»
100	2.2.2 Metavisões do «lado de cá» do Muro
109	2.2.3 Metavisões «do lado de lá» do Muro
138	2.2.4 Metavisões pós-reunificação
150	2.3 Resumo
159	3. Contextos
159	3.1 O «encolhimento do mundo», a «relativização do exótico» e a «morte anunciada» do relato de viagens
169	3.2 O turismo na RDA

176	3.2.1 Turismo «colectivo» e «planificado»
183	3.2.2 Turismo individual(ista)
192	3.3 Turismo internacional
195	3.3.1 «Turismo de delegação»
197	3.3.2 <i>Völkerfreundschaft</i> e <i>Tourex</i> : «Mensageiros da amizade entre os povos»
220	3.3.3 A «normalização» da viagem ao «estrangeiro socialista» nos anos 70 e 80
238	3.4 A viagem «além-muro»: privilégio e missão
247	3.4.1 A «caça aos privilégios» e o seu preço
271	3.5 O livro de viagens na paisagem mediática da RDA
279	3.6 Resumo
283	4. Textos e imagens em movimento
296	4.2 Construção discursiva e media(tiza)ção do «Internacionalismo Socialista»
299	4.2.1 Glorificação da União Soviética
348	4.2.2 Representações dos «países irmãos» na pintura
364	4.2.3 «Guias de turismo» à socialista
401	4.3 Postigos para o mundo não-socialista
412	4.3.1 Pelo «(sub)mundo da decadência»
432	4.3.2 Incursão pelo «paraíso proibido»
451	4.3.3 A escrita da viagem como experiência auto-reflexiva e auto-referencial
494	4.4 Resumo
499	5. A vi(r)agem pós-socialista
507	Bibliografia

## Abstract

The purpose of the present study was to reflect on and analyse the complex interrelationship between tourism, that in the hemisphere of the industrialized countries underwent a transformation into a mass phenomenon in the second half of the 20<sup>th</sup> century, and its multiple forms and modes of mediatisation by a political regime and a socio-cultural system in which the multifaceted topic of travel played during the forty years of its existence a rather unusual key role at various levels. In contrast to other contemporary societies situated to the west of the «Iron Curtain» whose liberal conceptions understood tourism and intercultural contact as belonging to the apolitical sphere, in the German Democratic Republic (GDR) these issues were always kept under state control; thus, they were of considerable importance to the maintenance of the political and societal system. Ironically, the control of the state in these matters proved to be one of the key factors that led to the GDR 's implosion.

Despite the bipolar constellation of the «Cold War» era and the existence of the Berlin Wall, the GDR would not remain completely alien to the globalization process largely due to the increasing telematic mobility that easily crossed geopolitical boundaries and the «plan» to encourage tourism among the «socialist community». This peculiarity of the travel phenomenon in this country served as a starting point for the present study that aims to analyse the concrete implications of the «travel policy» on the tourism practices and customs of the population of the now extinct GDR on the one hand, the respective consequences on the level of the discurs-

sive strategies and of the formal mechanisms that support the «narrative» representations of travel in the bi-medial book format (text and image/photo-narrative book), here understood as cultural *artefact* and not merely as a literary product, on the other.

The introduction presents a theoretical and methodological approach to both the multi-dimensional character of the study object and the intentional diversity and transversality of the *corpus* under analysis. Due to the fact that the *corpus* is not limited to travel literature written by professional writers, the concept underlying the present thesis is inherently transdisciplinary. The next chapter is dedicated to «Metatexts» and consists of an inventarisation and a critical discussion of both the main tendencies that during the last decades have shaped the research field concerned with travel and travel literature and the (few) studies that up to the present date have dealt specifically with the literary genre dedicated to travel accounts in the GDR. The third chapter, significantly entitled «Contexts», provides a «poly-contextual» view of the most diverse extra-literary factors that undoubtedly interfered in the processes of textual and/or imagetic staging of travel, such as political legislation concerning travel; the various phases of the evolution of tourism, the place of the book in the mediatic landscape and the implications of the privilege of travel «to the other side of the Wall». The fourth chapter is about «Texts and Images in Movement» and focuses on the formal and functional analysis of the travel books themselves. These books were grouped into two categories: those dedicated to discourse construction and to the mediatization of the «Socialist Internationalism» and those about travel to the «non-socialist world». This study ends with some brief reflections on the travel theme in the post-socialist era.



*À memória do meu irmão  
que partiu, prematuramente,  
na sua derradeira viagem.*



## Nota prévia

A presente publicação resulta de um projecto de doutoramento em Ciências da Cultura, mormente na área da cultura alemã. A dissertação, que foi defendida na Universidade do Minho, em Outubro de 2007, é aqui reproduzida com algumas pequenas alterações. Para além de ter optado por um subtítulo ligeiramente diferente do da tese original, que me parece agora sintetizar melhor o conteúdo deste estudo, procedi a uma actualização da bibliografia, assim como, visando um público mais genérico que não apenas germanista, à tradução para o português de todas as citações alemãs.

Por ter conseguido levar este projecto de vários anos a bom porto, ainda que, curiosamente, numa universidade situada numa cidade sem porto marítimo ou fluvial, não posso deixar de agradecer a uma série de pessoas e instituições que para tal contribuíram de forma significativa.

Em termos académicos e científicos, as minhas primeiras palavras de agradecimento são para o Professor Doutor Alfred Opitz, da Universidade Nova de Lisboa, que há uma dúzia de anos fez despertar o meu interesse pelo inesgotável campo temático da viagem nas suas mais diversas configurações culturais. Estou-lhe particularmente grato porque, enquanto orientador no verdadeiro sentido da palavra, se mostrou sempre disponível a discutir a evolução dos meus trabalhos contribuindo frequentemente com reparos críticos e achegas de extrema pertinência.

No que diz respeito às instituições, agradeço à Universidade do Minho, ao Instituto de Letras e Ciências Humanas e ao Departamento de Estudos

Germanísticos, não só por me terem concedido uma dispensa de serviço durante três anos mas também por outro tipo de apoios logísticos que foram imprescindíveis para concluir este projecto. Os meus agradecimentos vão igualmente para o Centro de Estudos Humanísticos por nunca ter recusado qualquer pedido de aquisição bibliográfica necessária às minhas investigações e ter aprovado o financiamento da presente edição.

Ainda ao nível institucional, ficam aqui também os meus agradecimentos à então chamada *Fundação Nacional para a Ciência e Tecnologia* (FNCT) e ao *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD) que, no âmbito do programa de intercâmbio INIDA, me financiaram diversas deslocações de curta duração a Leipzig, onde não só pude proceder a consultas bibliográficas na universidade local, no *Leipziger Literaturinstitut* e na *Deutsche Bücherei* (Biblioteca Nacional da RDA), como tive a oportunidade de contactar com muitas pessoas que durante a Revolução Pacífica de 1989 se manifestaram pelo direito universal à livre circulação – porventura, muitas entre elas, sem na época se terem apercebido, conforme me confessaram, que estariam a contribuir para o inesperado fim de um estado alemão e um ciclo histórico simbolizado pela queda do muro de Berlim. Entre os muitos professores e investigadores com quem tive o privilégio de conviver na Universidade de Leipzig, em especial, no *Herder Institut* que a integra, não posso deixar de destacar os professores Gerd Wotjak e Barbara Wotjak, quer pela sua extraordinária simpatia pessoal, quer pela sua constante prontidão para me abrirem as portas de instituições locais que se revelariam de uma extrema importância para o meu projecto então em curso.

Em termos pessoais, quero expressar os meus sinceros agradecimentos a todos os colegas e amigos dentro e fora da Universidade do Minho que me apoiaram, cada um à sua maneira – uns, mais pelos seus incentivos pessoais, outros, sobretudo pelas discussões de índole informal, sem deixarem de ser por isso extremamente frutíferas, de muitos diferentes aspectos e tópicos abordados na dissertação. Neste contexto específico, quero aqui deixar um obrigado muito especial ao Fernando Clara, que foi para mim, ao longo de todo o projecto, um interlocutor sobremaneira importante.

À Judite e ao Rodrigo, que toleraram paciente e carinhosamente, sempre com uma extraordinária sensibilidade e um apuradíssimo sentido de solidariedade, as minhas prolongadas ausências durante as infinitas viagens diurnas e nocturnas em torno das quatro paredes forradas a livros do meu quarto (de trabalho), apresento aqui, preto no branco, as minhas

sinceras desculpas e os meus profundos agradecimentos por terem suportado, durante anos a fio, um marido e pai tão obstinado com a sua tese de doutoramento. Vocês os dois, assim como os meus pais, contribuíram de forma significativa, provavelmente muito mais do que possam imaginar, para a conclusão e publicação deste estudo.

Braga, Abril de 2010



# 1. Introdução

## 1.1 Desorientações

ich bin die frau aus einem land/das es nicht mehr gibt/und gehe durch  
länder/die es für mich nie gab

[sou a mulher de um país/que já não existe/e caminho por países /que  
para mim nunca existiram]

É deste modo lapidar que a antiga cidadã da República Democrática Alemã (RDA) Gabriele Stötzer-Kachold<sup>1</sup> (1992: 3) assinala o mote do seu primeiro livro publicado após a chamada reunificação alemã. O volume com o título polissémico *grenzen los fremd gehen* (1992) reúne eclecticamente fragmentos diarísticos que, sem obedecerem à habitual linearidade cronológica do género, «narram» as experiências deambulatórias da figura autorial entre 1988 e 1992. Tratando-se de um período de transição marcado por profundas transformações a nível da história pessoal e colectiva, não surpreende portanto que a narradora se auto caracterize, logo em epígrafe, como uma viajante apátrida em busca de orientação num novo e desconhecido mundo.

---

<sup>1</sup> Stötzer-Kachold, que, desde 1992, passou a publicar os seus livros predominantemente autobiográficos sob o nome de solteira Stötzer, caracteriza-se pelo seu multifacetado perfil artístico como escritora (poesia e prosa), desenhadora, fotógrafa, produtora de filmes e activista feminista com ligações à «cena alternativa» da RDA conhecida por *Prenzlauer Berg*. A respeito da sua escrita autobiográfica, vejam-se Krol (1997) e Linklater (1998).

Mas esta protagonista (duplamente) errante, que numa entrada do diário referente ao histórico dia 9 de Novembro de 1989 recorda com amargura que “beschreiben ist bescheißen // das tor zur welt und nicht welt selbst” (*idem*, 118) [“descrever é enganar // a porta para o mundo e não o próprio mundo”] e que, por isso, se mete de imediato a caminho para saciar *in loco* a “hunger an der welt und nicht am brot” (*idem*, 185) [“fome de mundo e não de pão”] a que fora sujeita durante os tempos da RDA, não representa apenas um destino individual. Transcendendo a dimensão de experiências pessoais, ela simboliza, de um modo particularmente incisivo, a complexa condição identitária vivida pela grande maioria da população da antiga RDA a quem, com a derrocada do Muro de Berlim, se abriram – num sentido não apenas metafórico – novos horizontes. Se bem que, na «nova ordem mundial» posterior à implosão do «mundo socialista», esses horizontes geográficos se tenham vindo a revelar algo ensombrados e, assim, nem sempre se configurem como destinos de viagens de lazer muito atraentes (entre outros, devido ao terrorismo globalizado e às catástrofes naturais e ecológicas um pouco por toda a terra), certo é que a possibilidade de viajar por países *livremente* escolhidos de acordo quer com as apetências individuais quer com (as limitações d)os orçamentos pessoais constitui, a nível sociocultural, uma das consequências mais visíveis da «viragem» (*Wende*) ocorrida na Alemanha em 1989/90. Conforme afirma Birgit Kawohl num dos raros estudos explicitamente dedicados ao tema da viagem na literatura da RDA, um dos fenómenos mais característicos dos primeiros tempos pós-reunificação foi precisamente o aparecimento massivo de cidadãos da Alemanha de Leste no palco mundial, isto é, nas rotas turísticas tradicional e maioritariamente reservadas às populações ocidentais (e aos japoneses), para “recuperar de um modo excessivo” o que lhes fora negado durante os longos “anos passados atrás do muro” (Kawohl, 2000: 7). Face às medidas de restrição da mobilidade turística a destinos ocidentais e meridionais impostas pelo «antigo regime», a avidez com que, no período que sucedeu de imediato à «queda do muro», a população da Alemanha de Leste procurava preencher essas manchas brancas no seu mapa geográfico e mental é portanto uma reacção perfeitamente lógica às carências que, a esse respeito, sofrera durante quatro décadas.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> A grande importância do acesso, geopoliticamente ilimitado, à viagem para os antigos cidadãos da RDA é comprovada pelos estudos empíricos na área das Ciências do Turismo, cujos levantamentos estatísticos referentes à evolução desse domínio na Alemanha (re)unificada



O facto de este frenesim viajero evidenciado pelos cidadãos oriundos da RDA também se ter configurado como tópico central em diversas obras literárias e cinematográficas que, com grande sucesso quer junto do público geral quer por parte da crítica especializada, se dedicaram a esse capítulo agitado da história recente da Alemanha é, pois, um indício inequívoco da relevância simbólica e sociocultural da temática da viagem (turística) nos tempos que antecederam o derrube do «muro da vergonha» e sucederam ao agitado processo que conduziria à reunificação.

Modo geral acolhida pela crítica literária de forma muito positiva, em parte mesmo num tom algo eufórico, como o «romance da viragem» (*Wenderoman*) por excelência, a obra *Simple Storys* [sic] de Ingo Schulze (1998) merece, neste contexto, uma menção de destaque. Tal como no diário de Kachold-Stötzer, também neste subtítulado “Romance da Província do Leste Alemão”, o ponto de partida da narração consiste na nova condição turística dos cidadãos da RDA. Assim, logo no primeiro capítulo é retratada uma excursão de autocarro ao norte de Itália empreendida, em Fevereiro de 1990, por um casal da então ainda RDA. Aparentemente confundido com a legislação transitória de um Estado em vias de dissolução, o casal Meurer<sup>3</sup> viaja sob nomes e com passaportes falsos da República Federal Alemã (RFA), documentação essa que a agência de Munique responsável pelo «pacote completo» da viagem organizara. O *pathos* com que muitos cidadãos da RDA tentavam recuperar o tempo perdido em termos de experiências turísticas e as consequentes dificuldades em se orientarem, de um momento para o outro, em realidades geográficas e culturais que, empiricamente, para eles nunca tinham existido reflecte-se quer no tom tragicómico dessa brevíssima narrativa de viagem quer na dimensão burlesca ou mesmo grotesca que a envolve. Ao contrário do que seria de esperar, a impressão mais marcante que o casal traria da sua primeira viagem às míticas cidades de Veneza, Florença e Perugia não adviria todavia da tão ansiada experiência «real» desse «novo mundo maravilhoso». Como constata Pinkert num artigo sobre “viagens ao Ocidente na literatura alemã do período pós-reunificação”, os excursionistas “não vêem quase nada da

---

durante a primeira metade da década de 1990 ilustram a rápida adaptação da população da antiga Alemanha do Leste aos hábitos e destinos turísticos dos seus concidadãos ocidentais. A este respeito, vejam-se, exemplarmente, os dados fornecidos em Bagger (1992), Opaschowski (1992), Hahn/Kagelmann (1993), Spode (1996; 2003) e Freyer (1998).

<sup>3</sup> O próprio nome de família remete de imediato para o lexema «muro» (*Mauer*, em alemão).

Itália, porque eles estão sobretudo preocupados consigo mesmos e com os problemas” (Pinkert, 2000: 158) relacionados com a «viragem» em curso na RDA. Neste sentido, poder-se-á dizer que a memória de viagem mais incisiva dessa primeira visita à lendária Itália resultaria, significativamente, não do contacto *intercultural*, mas de um insólito reencontro *intracultural* entre o Senhor Meurer e o seu compatriota Dieter Schubert, «Zeus» de alcunha, que, conforme se vai revelando ao longo da narrativa, o primeiro teria espiado e denunciado nos tempos do «antigo regime». Em Perugia, o excursionista Schubert sofre uma espécie de ataque de loucura decidindo subir ao telhado da catedral para daí proferir, alto e bom som, o seu discurso de denúncia e acusação públicas do “Meurer vermelho”, o velho “bonzo” do partido único da RDA. (Schulze, 1998: 21) Uma vez que, além do próprio Meurer, ninguém entre o público desse «espectáculo» de *desequilíbrio* consegue decifrar o confuso discurso de um concidadão aparentemente enlouquecido, a desesperada tentativa de «Zeus» de fazer justiça póstuma revelar-se-ia inócua.

Neste breve, mas bastante complexo «conto de viagem», o sentimento de desorientação manifesta-se ainda a um outro nível. As dificuldades da adaptação a um novo sistema político, social e cultural, dificuldades essas simbolizadas pelo acto de desespero e loucura de «Zeus», não advêm apenas de problemas «internos» da RDA, que então se encontrava em pleno processo de uma transição marcada, entre outros aspectos, pelo conflito entre os antigos opressores e os oprimidos, mas manifestam-se também ao nível do contacto (turístico) com o exterior, isto é, com «realidades» estrangeiras nunca antes experienciadas. Esta nova condição de turista funciona, assim, num sentido metafórico, como representação da insólita e, em certa medida, trágica situação de os habitantes da antiga RDA se encontrarem, a um tempo, não só na condição de viajantes «normais» cujas (auto-)referências identitárias se encontram, por natureza, passavelmente suspensas, mas também como indivíduos políticos e sociais, simultaneamente, em vias de «despatriação» e «repatriação», ou seja, numa fase de desintegração e reintegração colectivas numa nação emergente de contornos e características incertas e para a qual ainda não possuíam o respectivo bilhete de *identidade*. O desnorreamento, a alucinação, a sensação paradoxal de se estar a viver um sonho que, uma vez realizado, não passa de uma mera banalidade, as ânsias, os espantos, mas também as desilusões experimentados durante os primeiros passeios ao «outro lado do

mundo» são alguns dos sentimentos colectivos que dominam estas narrativas só aparentemente “simples”. A seguinte passagem da primeira entre as vinte e nove *Simple Storys* que compõem este romance híbrido constitui um exemplo paradigmático da linguagem e estilo despretensiosos, mas deveras sugestivos e incisivos, com que Schulze consegue dar voz e vida a personagens *simples* num «novo mundo» visto e experimentado como algo, simultânea e paradoxalmente, *complexo* e banal (Schulze, 1998: 17):

Sie müssen mal versuchen, sich das vorzustellen. Plötzlich ist man in Italien und hat einen westdeutschen Paß. Man befindet sich auf der anderen Seite der Welt und wundert sich, daß man wie zu Hause trinkt und ißt und einen Fuß vor den anderen setzt, als wäre das alles selbstverständlich. Wenn ich mich beim Zähneputzen im Spiegel sah, konnte ich noch viel weniger glauben, in Italien zu sein.

[Tente só imaginar a situação. De repente, estamos em Itália e temos em nossa posse um passaporte da Alemanha ocidental. Encontramo-nos no outro lado do mundo e ficamos espantados com o facto de aqui se beber e comer e se colocar um pé ante o outro tal como na nossa terra, como se tudo isso fosse perfeitamente natural. Quando me olhava ao espelho, enquanto escovava os dentes, ainda muito menos conseguia acreditar que estava na Itália.]

Apesar da aparente simplicidade deste excerto, a situação perceptual a que se refere revela-se bastante complexa. Esta complexidade, que de certo modo poderíamos descrever como paradoxal, decorre, por um lado, da dificuldade por parte do sujeito viajante em assimilar a «evidência» da sua presença «real» num mundo que, face à política restritiva da viagem no seu país de origem, se lhe continua a representar imperativamente como um desejo *irrealizável*, isto é, uma «realidade» onírica, e resulta, por outro, da desilusão proporcionada pela descoberta da banalidade de uma rotina quotidiana num «país de sonho» que é afinal em tudo semelhante aos hábitos diários na RDA. Neste contexto concreto, o recurso à tradicional metáfora do espelho adquire assim uma carga duplamente simbólica. Na medida em que não só remete para a dialéctica de identidade/alteridade que subjaz de um modo genérico à viagem concebida enquanto espaço simbólico de intersecção das dimensões do próprio e do outro, como aponta igualmente para a intrincada problemática de identidade que envolve(u) grande parte

dos cidadãos desse país então em vias de dissolução, a imagem do espelho serve aqui para «reflectir» a multidimensionalidade de uma temática que, no caso específico dos cidadãos da então (ainda) RDA, se reveste de uma peculiar significância. Dito de outro modo, além de chamar a atenção para a tensão dialéctica e o evidente desfasamento entre a imaginação ou representação prévia e a vivência ou observação *in loco*, problemática essa que é inerente a qualquer viagem, a passagem supracitada do livro de Schulze evidencia ainda a «potenciação» dessa mesma problemática no caso específico das viagens empreendidas por turistas da antiga RDA a países «míticos», como a Itália, cuja «experimentação» se limitara, até à derrocada do Muro de Berlim, a passeios meramente virtuais em livros e filmes.

Uma viagem a Itália – afinal, o mais persistente, mais literarizado e mitificado destino turístico dos alemães – é o que também constitui a pedra de toque ou, se quisermos, o «motor» do enredo de *Go Trabi, go!* (1990). A história picaresca deste filme de culto sobre a *Wende*<sup>4</sup> realizado por Peter Timm gira em torno das aventuras e peripécias de viagem de uma família da RDA que, logo após a abertura do muro, se propõe finalmente conhecer o lendário “país dos limoeiros em flor”. O «pré-texto» deste périple é constituído pela *Viagem a Itália* de Goethe, livro que servirá ao chefe de família, professor liceal de alemão, como espécie de cicerone, como guia, ao mesmo tempo, turístico e espiritual. Não será difícil imaginar que a obsessão de seguir, em finais do século XX, as pisadas desse clássico da literatura de viagens alemã se transformará, sobretudo para a esposa e a filha adolescente, num autêntico pesadelo. A assimetria entre a ideia construída e adquirida por via das belas-letas e a realidade concreta de um mundo ocidental e meridional que pouco tem a ver com a imagem arcádica (não apenas) goethiana resultará assim, não só devido ao desfasamento temporal, numa sensação de desorientação total. Pois, ao contrário da Itália que, dois séculos atrás, Goethe esboçara e encenara como um local onde se reencontrara consigo mesmo, como vi(r)agem de consolidação

<sup>4</sup> A grande popularidade deste filme só muito recentemente terá sido igualada por peças cinematográficas que tratam de forma igualmente humorística e/ou tragicómica o processo da dissolução da RDA, tais como *Helden wie wir* (1999), *Die Sonnenallee* (1999), ambos realizados com base nos romances (quase) homónimos do jovem autor do Leste alemão Thomas Brussig, e o «sucesso de bilheteira» internacional *Good bye Lenin!* (2003) com realização de Wolfgang Becker. Estes êxitos mais recentes enquadram-se na chamada «*Ostalgiewelle*», isto é, na «onda de nostalgia pelo antigo Leste», que durante os últimos anos tem «inundado» não só o mercado livreiro, como o cinema e a televisão alemães.

identitária, para estes viajantes noviços o mítico país constitui, sem que o tom satírico e humorístico do filme o transmita de um modo propriamente trágico, como que um espelho estilhaçado cujo reflexo, em vez de formar uma imagem íntegra, não lhes mostra senão a sua desintegração e extemporaneidade, o desenquadramento e a deriva num mundo regido por regras, dinâmicas e ritmos muito diferentes do estilo de vida habitual na RDA. Mas a dimensão burlesca desta viagem não se reflecte apenas nos desajeitados comportamentos destes turistas pouco experientes. Quase tão anacrónico como os próprios «guias» da expedição, ou seja, a figura algo patética do pai de família e o clássico relato de viagem de Goethe, é o meio de transporte utilizado: um *Trabant*, modelo de automóvel *standard* da RDA. Conforme já o próprio título sugere, este carro emblemático – *Trabi*, *in vox populi* – desempenha no filme um papel de relevo. Apesar de técnica e esteticamente antiquado e, por isso, aparentemente, incapaz de concorrer com a (pre)potência dos seus congéneres ocidentais, simbolizada pelos *Volkswagen*, *BMW*, *Mercedes* ou *Porsche*, o *Trabi*, que é estimado e acarinhado pelo seu dono como se de um membro da família se tratasse, revelar-se-á o verdadeiro protagonista desta odisseia. Resistindo, numa espécie de luta entre David e Golias, a todos os desafios, adversidades e peripécias da agitadíssima viagem, ele assume o papel principal do herói que, ao reconduzir, por fim, os exaustos turistas são e salvos a casa, assegura o «final feliz» da história.

Conforme pudemos verificar, os textos de Kachold-Stötzer e de Schulze remetem-nos de imediato – aliás, literalmente desde as suas primeiras frases – para a problemática da viagem na RDA. O mesmo se aplica, evidentemente, ao filme *Go Trabi, go!*. Além de também problematizar ficcionalmente o tema da viagem ao mundo ocidental e meridional como realização de um sonho colectivo que, nos primeiros tempos após a queda do Muro, nem sempre se revela tão esplendoroso como por muitos esperado, esta peça cinematográfica confere uma dimensão mais «concreta» a este assunto. O filme consegue, pois, «materializar» ou objectivar a idealização da viagem projectando-a num objecto de elevadíssimo valor simbólico para a população (não só) da RDA: o automóvel. Dito por outras palavras, sob a forma feliz de uma satírica personificação heroicizante do *Trabi*, Timm foi capaz de captar e apontar, com precisão e de uma só vez, os dois desejos colectivos provavelmente mais característicos dos velhos tempos da RDA, ou seja, o automóvel e a viagem ao mundo situado do outro lado do Muro.

Curiosamente, quer a viagem quer o automóvel constituem ambos símbolos ou ícones por excelência de um conceito chave da (pós)modernidade: *mobilidade*. Se aceitarmos a opinião – à primeira vista, algo redutora – de Werner Mittenzei (2001: 460), que considera “o automóvel e as viagens sem entrave” os principais factores que “forçaram a unificação”, poder-se-á afirmar que a implosão da Alemanha socialista se deveu fundamentalmente ao desejo reprimido da sua população adquirir maior mobilidade, o mesmo é dizer, de entrar na chamada era da globalização. Se bem que a queda do Muro de Berlim tenha de ser perspectivada num contexto mais complexo no qual confluem factores de ordem diversa, essa tese (algo) provocatória que Mittenzwei formulou num estudo recente sobre a “Literatura e Política na Alemanha de Leste 1945-2000”, assim o subtítulo do livro *Die Intellektuellen* (2001), apesar de difícil comprovação em termos empíricos, é, conforme espero que seja corroborado pelo presente trabalho, bastante plausível.

De facto, a viagem turística ao mundo «além-muro» não é apenas uma consequência «natural», um dos *efeitos* provavelmente mais palpáveis da «Revolução Pacífica» (*Friedliche Revolution*). A problemática da viagem esteve também, inquestionavelmente, na própria *origem* do maciço movimento de contestação que, por fim, iria conduzir à dissolução (inicialmente não prevista nem intencionada) da RDA. Dito de outra forma, a apetência colectiva pela viagem turística ao mundo situado do outro lado da «Cortina de Ferro», desejo esse que durante quatro décadas fora reprimido e que, por conseguinte, adquiriria mesmo as proporções de uma obsessão ou trauma nacional,<sup>5</sup> consubstanciou uma das *causas* principais em torno das quais se reuniram centenas de milhares de manifestantes que no «Outono quente» de 1989 povoavam as ruas e praças das maiores cidades da RDA. Entre as mais diversas reivindicações populares que, de um modo geral, visavam uma liberalização e democratização do regime a nível político e económico, a exigência do direito universal do Homem à livre circulação foi sempre uma das mais ouvidas e euforicamente aplaudidas durante as lendárias «manifestações de Segunda-Feira» (*Montagsdemonstrationen*). Dos milhares de faixas e cartazes que então inundaram a RDA – tipo de

<sup>5</sup> Segundo Steinecke (2003), as consequências desse “trauma nacional da RDA” fizeram-se mesmo sentir muito para além do fim do próprio Estado, na medida em que, ainda em meados da década de 1990, diversos escritores da extinta RDA se viram obrigados a reconhecer que a “obsessão da viagem” os tornara vulneráveis à “sedução moral” (146) por ela exercida e, assim, os levara a colaborar com o regime em troca da concessão do privilégio da viagem ao Ocidente. No decorrer do presente trabalho voltaremos necessariamente a este assunto.

documentação histórica que testemunha, talvez melhor do que qualquer outra forma de registo, a enorme coragem civil então evidenciada por uma parte significativa da população – destacam-se alguns motes que, devido à peculiar originalidade com que certeiraamente apontavam e expressavam as críticas e os anseios colectivos, se inscreveram e (por enquanto) permanecem na memória cultural alemã.<sup>6</sup> Entre a enorme quantidade de *slogans* que circularam durante o «Outono quente» de 1989 figurava uma faixa com uma inscrição particularmente curiosa: *Visafrei bis Hawaii!*<sup>7</sup> Exigindo a liberalização da viagem por via da concessão geral de “vistos até ao Havai”, a força expressiva e o poder sugestivo que emana deste *slogan* reivindicativo resulta de uma simples combinação de algumas poucas palavras que, no contexto histórico de um regime fechado ao mundo ocidental e, respectivamente, à maioria das «maravilhas exóticas» sob a sua alçada, se revestiam de uma densíssima carga conotativa e denotativa: a «palavra mágica» *visto*, que constituía uma espécie de chave para o outro lado do muro e simbolizava a pertença à elite do país a quem era concedido o privilégio da viagem ao

<sup>6</sup> O mais conhecido – *porque* mais reproduzido nos *media* impressos e audiovisuais – é inquestionavelmente o cartaz com a inscrição *Wir sind das Volk!* (O Povo somos nós!). Perante as promessas proféticas de “paisagens florescentes” para o futuro próximo, caso os cidadãos da ainda RDA votassem pelo projecto eleitoral de uma reunificação imediata proposto pelo então chanceler da República Federal Alemã Helmut Kohl, este *slogan* iria sofrer uma estranha transmutação, no sentido de passar a expressar uma exigência bem diferente da mensagem original: *Wir sind ein Volk!* (Nós somos um povo!). A notoriedade e durabilidade destes dois cartazes na memória cultural alemã dever-se-ão à peculiaridade de demonstrarem como, num brevíssimo período de tempo, os projectos e as exigências originais dos movimentos civis por uma RDA mais democrática e mais liberal, isto é, de um Estado e regime profundamente reformados, se transformaram numa condenação à morte da RDA. A simples troca de um artigo definido por um indefinido transforma o sentido inicial, que consistia na exigência de um regime verdadeiramente democrático que respeitasse e executasse a vontade do povo, num projecto de cunho nacionalista que visaria a dissolução da RDA na constelação de uma Alemanha (re)unificada. Muito recentemente, assistiu-se curiosamente a uma nova mutação desses dois *slogans* ao substituir-se os artigos quer definido quer indefinido pela sua forma de negação. O *bestseller* de Wolfgang Herles *Wir sind kein Volk. Eine Polemik* (2005) (*Não* somos um povo.) é constituído por um pequeno volume de ensaios sobre a persistência da «questão alemã» passada década e meia sobre o processo formal da «reunificação nacional», volume esse que já conta com uma segunda edição como livro de bolso, e tem causado na opinião pública alemã do Ocidente e do Leste, conforme o próprio subtítulo já o sugeria ou fazia adivinhar, uma grande polémica. A frontalidade com que Herles aponta, com fundamentação em dados empíricos das mais prestigiadas entidades da área dos estudos demográficos, as diferenças e o declives que continuam a existir entre as «duas Alemanhas» aos mais diversos níveis, como o financeiro, económico, cultural, mas também no que concerne aos valores sociais e à mentalidade colectiva, tem causado grande celeuma e feito correr muita tinta nos *mass media* tanto do lado da antiga República Federal como na «zona» da extinta RDA.

<sup>7</sup> Certamente inspirado neste *slogan* de protesto original, posteriormente apareceu ainda uma segunda versão com a seguinte rima: “Sicht frei bis Shanghai!” [Vista livre até Xangai!]

Ocidente; o lexema *livre*, afinal, a quintessência de todos os movimentos de protesto contra qualquer tipo de sistema política, social e culturalmente fechado; e, por fim, a simples indicação toponímica *Havai*, que condensava os desejos e sonhos colectivos tradicional e emblematicamente associados ao imaginário do «longínquo», do «exótico» e do «paradisiaco».



Faixa exibida, em Outubro de 1989, numa das lendárias «Manifestações de Segunda-Feira» em Leipzig, exigindo “Vistos livres até ao Havai”.

Num regime ocidental da segunda metade do século XX, em que o fenómeno da viagem era (e é) normalmente associado apenas ao domínio sociocultural dos lazer e tempos livres e, assim, pensado num contexto que aparentemente nada terá a ver com questões políticas, esta exigência *Visafrei bis nach Hawaii!* não se realçaria senão pela originalidade formal da rima e pelo seu espírito humorístico. No entanto, o facto de esta faixa de manifestação ter sido, na altura, confiscada pelas autoridades e ter, posteriormente, sobrevivido ao esquecimento historiográfico constitui por si só um sinal inequívoco da carga politicamente «explosiva» inerente ao tema da viagem na RDA. De facto, o assunto das fortes restrições à viagem impostas à generalidade da população numa época em que o turismo por destinos de opção individual tinha passado progressivamente a integrar os padrões da



vida quotidiana, isto é, os hábitos socioculturais das sociedades «modernas» dos países industrializados, constituiu na (também muito industrializada) RDA, até ao último instante antes da abertura do Muro de Berlim, sempre um tema de elevadíssimo valor simbólico e uma problemática de enorme relevância não só sociológica e cultural, como explicitamente política. Que a *Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung* tenha precisamente escolhido, na viragem para o ano de 1990, o termo *Reisefreiheit*, isto é, «liberdade de circulação», como a «palavra do ano» de 1989 (*apud* Pinkert, 2000: 114), é, pois, um indicador sintomático dessa peculiar significância do fenómeno da viagem no contexto da extinta RDA.

Além de se tratar de um fenómeno duradouro que pairou como uma nuvem negra, ora mais ora menos pesada, sobre as quatro décadas de existência de um Estado cujo hino nacional o concebia como a parte da “Alemanha sobre a qual brilharia o sol como nunca antes”, o delicado e intrincado assunto constituído pela viagem ao «mundo não-socialista»<sup>8</sup> também se manifestou, se assim se pode dizer, sob a forma de dois verdadeiros relâmpagos. Houve, pois, dois eventos inesperados e particularmente marcantes da sua história directamente relacionados, quer como causa quer como consequência, com o fenómeno da viagem, nomeadamente a construção e o derrube do Muro de Berlim.

Ainda que, segundo o discurso officioso das chefias da RDA, a construção desse muro iniciada a 13 de Agosto de 1961 se tivesse devido à incontornável necessidade de erguer uma «barreira de protecção» (*Schutzwall*) face à «ameaça do imperialismo capitalista» do Ocidente, é, no entanto, inquestionável que o verdadeiro móbil desta medida drástica consistiu na tentativa de travar a vaga maciça de emigração, um verdadeiro êxodo, com que o Estado se vira confrontado desde sua fundação. Entre 1949 e 1961, dos cerca de vinte milhões de habitantes que inicialmente constituíram a população da RDA, 2,8 milhões abandonaram o país.<sup>9</sup> Convém notar

<sup>8</sup> A importância desse «mundo não-socialista» para a própria identidade do Estado e regime da RDA reflectia-se inclusive no facto de existirem mesmo um nome e uma sigla oficiais para denominar a «outra» parte do globo: “Nicht sozialistisches Ausland” (NSA), isto é, o «Estrangeiro Não-Socialista», ou “Nicht sozialistisches Währungsgebiet” (NSW), ou seja, a «Zona Monetária Não-Socialista».

<sup>9</sup> Vejam-se a este respeito, entre outros, os interessantes volumes organizados e editados por Jürgen Kleindienst (2001 e 2004) que reúnem várias dezenas de relatos pessoais sobre as mais variadas fugas da RDA entre 1949 e 1989. Estatísticas mais detalhadas sobre o abandono da «República dos Trabalhadores e Camponeses» podem ser encontradas, por exemplo, em Ritter/Lapp (1997) e, na Internet, em [www.chronik-der-mauer.de](http://www.chronik-der-mauer.de)

a este respeito que, mais do que uma desestabilização do regime a nível político e ideológico, esta vaga de *Republikflüchtlinge*, dos «fugitivos da república», conforme eram oficialmente denominados, configurava um fortíssimo abalo quantitativo e qualitativo ao sistema económico do país. Na medida em que a maioria dos dissidentes era constituída por indivíduos dinâmicos e corajosos, ou seja, por pessoas com os traços genéricos do que se poderá chamar de um perfil típico de mão-de-obra qualificada, essa vaga de emigração ameaçava conduzir a então jovem república, ainda em fase de restauração e solidificação, à bancarrota. É evidente que, após a construção do Muro e perante o sofisticadíssimo (e mortífero) sistema de segurança em seu torno, o número de fugitivos decaiu de forma abismal. Mas nem murada a RDA conseguiu espantar por completo o fantasma de um esvaziamento populacional. Nas décadas de 70 e 80 há a registar pelo menos dois picos nesse constante fluxo de emigração: um imediatamente após a polémica e mediática expatriação do poeta e cantor Wolf Biermann, em 1976, à qual não só muitos reputados intelectuais como milhares de outros cidadãos «normais» reagiram com a fuga para o Ocidente; o outro, já na fase final da RDA, durante os agitados Verão e Outono de 1989.

Numa altura em que alguns dos países do Bloco de Leste já tinham aberto as primeiras brechas na «Cortina de Ferro», constatando-se a maior abertura na fronteira entre a Hungria e a Áustria, o «Estado dos Trabalhadores e Camponeses», que entretanto amadurecera e festejava o seu quadragésimo aniversário de uma vida que, segundo o discurso oficial de festejo do chefe de Estado Erich Honecker, deveria durar pelo menos durante mais cem anos, viu-se de novo perante a ameaça de uma autêntica sangria populacional. Não obstante o regime ter passado desde 1987 a uma política mais liberal no que respeitava à concessão de vistos de viagens ao Ocidente,<sup>10</sup> muitos habitantes da RDA continuavam a desconfiar desses primeiros sinais de abertura. Habitados a uma política que, a passo de caranguejo, se caracterizou ao longo de quarenta anos por pequenos avanços e constantes recuos, por breves momentos de liberalização sempre seguidos de (re)fechamentos, várias dezenas de milhares de cidadãos da RDA aproveitaram as suas (pretensas) férias de Verão nos países vizinhos

<sup>10</sup> Segundo os números citados por Charles Maier, no seu estudo *Das Verschwinden der DDR* (1999: 218), com base num relatório officioso que fornecia “Informações sobre o desenvolvimento e a situação no domínio do tráfego turístico, das viagens de saída permanente e do abandono ilegal da RDA”, só em 1987 e 1988, mais de cinco milhões de cidadãos da RDA terão empreendido viagens ao Ocidente.

do Bloco de Leste para dar o salto definitivo para o Ocidente. As imagens televisivas (muitos delas em directo) dos chamados *Botschaftsflüchtlinge*, isto é, as multidões de cidadãos da RDA que, nos meses de Agosto e Setembro de 1989, se refugiaram nas embaixadas da RFA em várias capitais dos países socialistas para daí serem conduzidos para «o outro lado», catapultaram, por via dos *mass media* impressos e audiovisuais, o polémico assunto das restrições à livre circulação impostas pelos regimes de Leste para o palco internacional conferindo-lhe assim uma visibilidade global.<sup>11</sup> Esta entrada tardia e não programada na era da globalização telemática constituiria, conforme a história entretanto se encarregou de demonstrar, mais do que um mero sintoma de doença, já um verdadeiro prenúncio da inevitável morte da RDA.

Apesar deste fortíssimo abanão ao «antigo regime» consubstanciado no último surto de emigração durante as semanas que antecederam a sua queda, na verdade, o muro físico mantinha-se de pé. Aos mais de 16 milhões de habitantes da RDA que, pelas mais diversas razões, fossem elas de foro biográfico, psicológico ou ideológico, reagiram e/ou resistiram ao «êxodo final» com o famoso mote “*Wir bleiben hier!*”, ou seja “Nós permanecemos aqui!”, o direito universal à livre circulação – direito esse que, em teoria, lhes fora sempre garantido nas diversas constituições da RDA – parecia ainda algo possível de alcançar num Estado em evidente transformação. Reivindicando, até ao fim, reformas profundas do regime que conduzissem a uma abertura real e efectiva, as corajosas exigências dessa maioria resistente e persistente viriam mesmo a concretizar-se. Num acto de desespero final para salvar um regime já claramente moribundo, a chefia transitória que entretanto substituía o governo liderado por Honecker decidiu fazer o anúncio de uma medida que acabaria por se transformar num marco histórico. Por via de uma conferência de imprensa, transmitida em directo pela televisão, ao início da noite de 9 de Novembro de 1989, a população da RDA assistia assim às «palavras mágicas» com que o porta-voz do governo Günter Schabowski anunciou o fim oficial das restrições às viagens ao Ocidente: “Die Privatreisen nach dem Ausland können ohne Vorliegen

---

<sup>11</sup> A respeito deste fenómeno dos cidadãos da RDA refugiados nas embaixadas, maioritariamente veraneantes que, após a abertura da fronteira entre a Húngria e a Áustria, aproveitaram ou planearam as suas férias nos países socialistas vizinhos para abandonar o seu país, vejam-se o recente romance de amor e de viagem da autoria de Ingo Schulze (2008) *Adam und Evelyn* assim como o filme de cinema melodramático *Prager Botschaft* (2007), com direcção de Lutz Konermann.

von Voraussetzungen (...) beantragt werden. Die Genehmigungen werden kurzfristig erteilt.” [As viagens particulares ao estrangeiro podem ser requeridas sem condicionalismos prévios. As autorizações serão emitidas a curto prazo.] Interrogado por um jornalista sobre o prazo da efectiva entrada em vigor desse novo decreto sobre a incondicional liberdade de circulação, o mensageiro do governo respondeu, algo desorientado pela pergunta, que a medida se aplicaria “de imediato”. Ora, proverbialmente escaldados e com a desconfiança característica de cidadãos habituados a serem enganados com promessas que maioritariamente ficariam por cumprir, muitos seguiram o velho lema de «ver para crer» e puseram-se a caminho para verificar *in loco* se o anúncio oficial da “imediate” entrada em vigor do novo regulamento das viagens «além-muro» teria mesmo validade. Perante a pressão provocada pelos vários milhares de pessoas que ao longo dessa noite se foram formando junto à fronteira interalemã, sobretudo nos poucos pontos de passagem do Muro em Berlim, os agentes aduaneiros e policiais acabariam por ceder e abrir por completo a passagem.

Em última instância, foi portanto devido a este insólito episódio directamente relacionado com o sempre polémico assunto da viagem que um «mero» desejo colectivo nunca correspondido se pôde transformar numa autêntica sentença de morte, no golpe de misericórdia para um regime anacronicamente fechado ao Ocidente. O facto de os regimes do «mundo socialista» terem tentado, à força e extemporaneamente, remar contra a progressiva mobilidade internacional, que mais tardar desde finais da Segunda Guerra Mundial adquiria um ritmo alucinante, assim excluindo parcialmente os seus cidadãos de um domínio do desenvolvimento socio-cultural fundamental do processo de modernização, a saber, o direito à *livre prática* de circulação sob a forma do turismo, constitui inquestionavelmente um dos principais factores que determinaram a implosão de todo um edifício ideológico cujas muralhas não conseguiram resistir à gigantesca «onda» da globalização. A utopia socialista, concebida, no fundo, à semelhança das utopias clássicas e renascentistas, como ilha (fortificada),<sup>12</sup> seria, por

<sup>12</sup> Referimo-nos aqui, evidentemente, aos arquétipos constituídos, entre outros, pelas *Leis* de Platão respeitantes ao Estado de Creta, pela *Utopia* de Thomas Morus, pela *Nova Atlântida* de Francis Bacon e *A Cidade do Sol* de Tommaso Campanella, assim como, já na viragem do século XVIII para o século XIX, pelo modelo «economicista» de Johann Gottlieb Fichte *Der geschlossene Handelsstaat*, cujos «estados ideais» assentam todos numa concepção «insular» de isolamento geográfico e/ou fortificação que implicaria uma política de viagem extremamente restritiva. Este assunto será retomado, mais à frente, com maior pormenor.

fim, completamente submersa pelas crescentes e imparáveis vagas migratórias de pessoas e ideias, de bens e serviços tão características da segunda metade do século XX.

Conforme já se poderá intuir a partir destas observações meramente introdutórias, o fenómeno da viagem – que nas sociedades ocidentais se generalizara sob a forma do turismo de massas e, por conseguinte, se banalizara como hábito e prática de lazer – na RDA, pelo contrário, foi sempre de uma extraordinária relevância aos mais diversos níveis. Este peculiar e plural significado da viagem no contexto da RDA é, assim, muitas vezes apontado em monografias e manuais de história de índole diversa, sem que, porém, aí se proceda a um desenvolvimento desejavelmente mais aprofundado do assunto. Particularmente estranho é o facto de esses frequentes reparos sobre a importância do fenómeno da viagem na RDA se caracterizarem quase todos pela ausência de qualquer tipo de referências ao próprio género literário que, tradicional e primordialmente, se ocupa dessa temática, ou seja, a literatura de viagens. A título de exemplo, poder-se-á assim citar a observação pertinente, mas inconsequente, formulada por Hans-Jürgen Schmitt, no volume especificamente dedicado à RDA da *Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur*, uma das mais prestigiadas histórias (sociais) da literatura alemã editadas na RFA ainda antes da reunificação (*Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur*, Band 11: 1983, 65):

Reisen in andere Länder – das hat für Bürger der DDR eine völlig andere Bedeutung als für den westlicher Nationen. Bei uns gehört Reisen zum Selbstverständnis einer stark materialisierten Vorstellung von Freiheit, während in der DDR jede Ausreise ins «nicht-sozialistische» Ausland ein Politikum darstellt.

[Viajar a outros países – isso tem para os cidadãos da RDA um significado completamente diferente daquele em nações ocidentais. Do nosso lado viajar faz parte do auto-entendimento de uma representação fortemente materializada de liberdade, enquanto que na RDA qualquer viagem ao estrangeiro «não socialista» representa um caso político.]

Mas mesmo na mais detalhada história da literatura da RDA da autoria de Wolfgang Emmerich, que para a sua reedição pós-reunificação, em

1996, não só sofreu uma profunda revisão, como foi significativamente aumentada,<sup>13</sup> de um total de mais de 600 páginas que a constituem, apenas uma é dedicada à literatura de viagens – e, nem assim, de um modo exclusivo. Atribuindo-a, em conjunto com o género memorialista e autobiográfico, à categoria da “literatura factográfica” (Emmerich, 2000: 291), a seu respeito pouco mais se afirma do que tratar-se de um dos “dois géneros que durante os últimos quinze anos da existência da RDA aumentaram em quantidade e importância” (*ibid.*). Apesar de se lhe atestar uma grande popularidade junto dos leitores, o relato de viagens propriamente dito não merece mais do que uma observação bastante lacónica por parte de Emmerich (*idem*: 292):

Zumal Berichte aus westlichen, dem ‘normalen’ DDR-Bürger verschlossenen Ländern fanden reißenden Absatz. Sie befriedigten das ungestillte Fernweh der Nichtprivilegierten wenigstens kompensatorisch – und hielten gleichzeitig die Sehnsucht lebendig, in die verbotenen Länder zu reisen.

[Sobretudo relatos sobre países ocidentais vedados ao cidadão «normal» da RDA tiveram uma grande saída. Esses satisfaziam ou, pelo menos, compensavam o insaciado desejo do longe nutrido pelos não privilegiados – e, ao mesmo tempo, mantinham viva a esperança de qualquer dia poderem viajar aos países proibidos.]

Além de ser evidentemente discutível se os relatos de viagens sobre os “países vedados aos cidadãos «normais» da RDA” teriam mesmo satisfeito “compensatoriamente” a “insaciada saudade do longe” ou se, pelo contrário, não terão precisamente contribuído para um crescimento gradual da verdadeira obsessão pela viagem ao Ocidente, também a limitação da importância deste género à última década e meia da existência desse Estado se revela, conforme se poderá constatar ao longo do presente estudo, bastante redutora. Facto inquestionável é, no entanto, que a problemática da viagem atravessou e marcou profundamente a história não só política e social, como cultural e literária da RDA, desde a sua fundação, em 1949, até à sua dissolução em 3 de Outubro de 1990.

<sup>13</sup> Veja-se a recensão crítica de Matos (1999).

## 1.2. Orientações teóricas e metodológicas

Face à elevada carga simbólica inerente à temática da viagem na RDA, temática essa que condensa e reflecte em si mesma diferentes dimensões da história política, social e cultural da segunda metade do século XX, surpreende a escassez de estudos que, no âmbito das ciências literárias e culturais, se tenham especificamente dedicado às formas e modos de sua representação na antiga Alemanha de Leste. Não só na investigação anterior à dissolução da RDA, quer de um, quer do outro lado do Muro, como também no que concerne ao intenso levantamento «arqueológico» nos tempos pós-reunificação, que, apesar de recente, se tem debruçado sobre todos os domínios e vestígios imagináveis daquele “país que já não existe”, rareiam os trabalhos que se tenham ocupado de perto desse fenómeno pluridimensional da viagem na RDA. Os estudos de matriz histórico-cultural e sociológica desenvolvidos no âmbito da investigação das Ciências do Turismo constituem a este respeito uma excepção, porventura, muito profícua, como ainda teremos oportunidade de verificar. No que, porém, concerne às abordagens de índole literária e/ou cultural (ista) desta temática, passados vinte anos após a dissolução definitiva da RDA, o levantamento e tratamento sistemáticos do vastíssimo campo da literatura de viagens produzida na extinta RDA continua *grosso modo* a constituir um desiderato da investigação. Na verdade, desde a constatação feita a esse respeito por Peter J. Brenner (1990: 646) no seu monumental estudo sobre o relato de viagens na literatura alemã desde a Idade Média aos finais do século XX – estudo publicado precisamente em 1990, poucos meses antes da reunificação – a situação não se alterou de forma substancial:

(...) die verschiedenen kleineren Überblicksdarstellungen zum Thema (...) beschränken sich auf knappe Charakteristiken und oft nur auf Namensgebungen; eine systematische wissenschaftliche Erschließung größerer Teilkomplexe der DDR-Reiseliteratur steht noch aus.

[(...) as diversas apresentações genéricas do tema são de dimensão menor (...) limitando-se a breves caracterizações e, muitas vezes, a meras enunciações de nomes; ainda está por fazer uma exploração sistemática de índole científica de maiores complexos parciais da literatura de viagens da RDA.]

Uma vez que nos encontramos, portanto, perante um campo de pesquisa em grande parte ainda por desbravar, o presente estudo propõe-se fornecer um contributo, de dimensões necessariamente limitadas, para a exploração e clarificação de um complexo fenómeno que inscreveu e deixou suas indeléveis marcas na história recente da(s) cultura(s) alemã(s).

Como aqui já foi sublinhado, a temática da viagem revestiu-se na RDA de múltiplas e complexas dimensões, quer num plano social, político e cultural, quer ao nível do processo de sua media(tiza)ção. A abordagem deste tema exige, por conseguinte, uma metodologia que permita levar em conta essa mesma multiplicidade e diversidade de perspectivas e contextos. Neste sentido, impõe-se portanto – e não apenas por se tratar de um «paradigma» de investigação actualmente dominante ou mesmo inflacionário – uma aproximação metodológica de cunho *transdisciplinar*. A exequibilidade de uma perspetivação desta natureza depende, como é evidente, não apenas de determinados pressupostos teóricos e modos de focalização metodológicos, como significativamente também da escolha do *corpus* a analisar. Por isso, antes de nos debruçarmos sobre o objecto de estudo propriamente dito, é indispensável proceder-se previamente a uma exposição, necessariamente sucinta, dos conceitos, teoremas e metodologias em que se enquadram e pelos quais se pautam as abordagens analíticas desta investigação.

Em primeiro lugar, convém assim clarificar algumas asserções de ordem genericamente teórica em que o presente estudo se fundamenta. Desde já, há a realçar e reiterar que aqui nos ocuparemos de *fenómenos*, isto é, de formas visíveis nas e pelas quais se «materializam» impressões e sensações resultantes do contacto – «imediato» ou explicitamente mediado – com a «realidade». Uma vez que nos é de todo impossível penetrar no universo interior das percepções, dos sentimentos e das consciências de indivíduos, somos desde logo obrigados a colocarmo-nos, de acordo com a terminologia proposta pelas teorias de índole sistémica e/ou construtivista, na posição de «observadores de segunda ordem». Por sua vez, este posicionamento como observadores de fenómenos discursivos – e não de «realidades» ontologicamente estáveis – pressupõe uma diferenciação operativa entre “sistemas de consciência e sistemas de comunicação [que] existem separadamente” um dos outros (Luhmann 1990:32), ou seja, entre a experiência ou percepção, que são em si incomunicáveis, e a forma de expressão, que é incapaz de representar simetricamente qualquer aspecto



da ordem do mundo sensorial. Como «exegetas» de *ofertas* ou *propostas de comunicação* (*Kommunikationsangebote*), para aqui utilizarmos um conceito proposto por Siegfried J. Schmidt na sua concepção empírica das ciências literárias,<sup>14</sup> que neste caso concreto se consubstanciam sob a forma de relatos de viagens, não nos resta assim outra possibilidade senão adoptarmos a posição de, como o formula Niklas Luhmann (1996: 18s), “observarmos como outros observadores constroem a realidade”. A asserção epistemológica de que – mesmo no âmbito do(s) sistema(s) de observação constituído(s) pela(s) ciência(s) ditas «exactas» – nunca se está a lidar com «realidades», mas com *interfaces* e *dispositivos* entre o sujeito e o mundo,<sup>15</sup> implica, conseqüentemente, uma conceptualização do nosso objecto de análise como um *artefacto* cuja produção e recepção são obrigatoriamente co-determinadas por contextos e factores de ordem diversa. Dito de outro modo, no presente estudo parte-se do pressuposto de que, perante “a impossibilidade de viver[mos] fora do texto infinito” (Barthes, s.d.: 77), nos encontramos sempre enredados em processos semióticos e que, por conseguinte, teremos de conceber os fenómenos aqui em análise como *representações assimétricas*, como *construções* e *encenações* de «realidades» cuja produção e recepção *emergem* sob formas e de modos determinados por uma teia de diversos factores *intra* e *extra*-textuais. Esta perspectiva que poderemos denominar, com recurso a um conceito proposto pelas ciências literárias sistémicas,<sup>16</sup> de “polykontextural” (Plumpe/

<sup>14</sup> Sobre a concepção empírica e construtivista das ciências literárias vejam-se, exemplarmente, Schmidt (1991) e Barsch *et. al.* (Hg.; 1994)

<sup>15</sup> Peter Weibel formula esta ideia de forma particularmente concisa e certa, quando afirma: “(...) wir haben es eigentlich nie mit der Welt an sich zu tun, sondern nur mit der Schnittstelle zwischen uns und der Welt. (...) Wir sind Bewohner der Schnittstelle (und nicht der Welt).“ (*apud* Schmidt, 1998: 71). [(...) no fundo, nunca lidamos com o mundo em si, mas apenas com interfaces entre nós e o mundo. (...) Nós somos habitantes do interface (e não do mundo).]

<sup>16</sup> Em contraste com outros géneros literários, no relato de viagens a dimensão hetero-referencial tende, aparentemente, a secundarizar ou mesmo a ofuscar a dimensão auto-referencial do género. Visto que (a encenação discursiva) da relação com o «mundo exterior» é um elemento basilar, senão mesmo constitutivo do relato de viagens, é assim compreensível que as concepções teórico-metodológicas das ciências literárias sistémicas não se tenham implementado neste domínio específico de investigação. As abordagens de Murath (1995) e, em parte, de Opitz (1997) constituem, a este respeito, excepções raras. Não obstante a manifesta sobrevalorização da dimensão auto-referencial dos sistemas literários por parte da *Systemtheoretische Literaturwissenschaft*, não se podendo portanto aplicar esta teoria de um modo tão conseqüente ao relato de viagens que vive, por assim dizer, das hetero-referências, isto é, da observação do «mundo», a diferenciação heurística entre referências intra-sistémicas e extra-sistémicas, entre sistemas de consciência e sistemas de comunicação, afigura-se-nos, no entanto, também em relação à literatura de viagens como uma necessidade absolutamente incontornável. Para uma visão

Werber, 1993: 25; 1995) implica uma concepção do *sistema* literatura (de viagens) que seja capaz de reflectir a diferença fundamental que existe entre as suas dimensões *auto-referenciais* e *hetero-referenciais*, isto é, entre os factores situados a um nível *intra*-literário (inscrição nas tradições dos códigos discursivos do *sistema* constituído pela literatura), por um lado, e, por outro, a dimensão *extra*-literária (relação *inter-sistémica* da literatura com outras construções de «realidades exteriores», as chamadas *rex*).

Pensamos, pois, que estas asserções epistémicas funcionam, em termos metodológicos, senão como garantia, pelo menos como *conditio sine qua non* para que nos libertemos da “falácia da expressão não-mediatizada” (De Man, 1999: 49) e, assim, possamos estabelecer um distanciamento crítico perante o nosso objecto de estudo, distanciamento este que é, de resto, absolutamente indispensável a qualquer observação e análise de qualquer processo e/ou artefacto cultural que se pretendam (minimamente) científicas. O objecto de estudo propriamente dito do presente trabalho pode ser assim delimitado e definido como sendo a complexa *contextura* composta, por um lado, por uma série de condicionantes histórico-políticas, económicas e socioculturais, e, por outro, por *estratégias discursivas*, por *formas e modos retóricos de encenação e media(tiza)ção* de culturas e sociedades estrangeiras em livros de viagens publicados na RDA desde sua fundação estadual, em 1949, até à sua dissolução oficializada pela chamada reunificação alemã, no ano de 1990.

É facto inquestionável que, no contexto histórico-cultural da segunda metade do século XX, ou seja, em plena era do turismo de massas físico e telemático, a temática da viagem se «exterioriza» sob as mais diversas formas mediáticas que não apenas no suporte do livro. Se bem que não partilhe a visão apocalíptica de muitos estudiosos que, desde há décadas, têm vindo insistentemente a profetizar a morte da literatura de viagens,<sup>17</sup> é, no entanto, indiscutível que o surgimento e a coexistência, cada vez mais densa, de múltiplos meios de representação impressos e audiovisuais abalaram o tradicional estatuto de (quase) monopólio de que a literatura de viagens gozara ao longo de muitos séculos. O facto de este estudo

---

genérica das (auto-)concepções subjacentes ao «paradigma» das ciências literárias sistémicas no espaço de língua alemã, vejam-se, entre outros, Schwanitz (1990), Werber (1992), Berg/Prangel (Hg.) (1993; 1995; 1997), Schmidt (Hg.) (1993).

<sup>17</sup> Cf., por exemplo, Fussel (1980; 1987), Brenner (1989: 38s; 1990: 664ss), Jost (1989) e A. Schmidt (1992; 1998).

insistir no objecto de análise constituído pelo *medium* do livro de viagens no enquadramento e constelação específicos do sistema político, social e cultural da RDA não se deve porém – pelo menos não primordialmente – ao intuito de contrariar e contradizer esse nostálgico canto do cisne sobre a alegada *desfuncionalização*, o mesmo é dizer, a morte anunciada da literatura de viagens.<sup>18</sup> A escolha deste *artefacto* e *corpus* prende-se com razões e factores de ordens diversas que de seguida tentaremos enunciar de forma mais sucinta possível.

Conforme já foi referido, o vasto território da literatura de viagens produzida e/ou publicada na RDA carece, até à data, de estudos mais aprofundados, quer no que diz respeito à sua contínua e multiforme presença nas quatro décadas da história literária do Leste alemão, quer como campo temático perspectivado sob o enquadramento teórico e metodológico aqui proposto. Por conseguinte, a presente dissertação pretende – tal como qualquer projecto académico deste género – não só contribuir com algumas achegas «documentais» para o preenchimento deste relativo vazio ao nível da investigação previamente existente, como se propõe abrir novas formas e modos de abordagem desse abundante material que, *grosso modo*, tem ficado à margem da prosperante área de pesquisa relacionada com a (literatura de) viagem.

Uma segunda razão para a escolha deste objecto de estudo tem que ver com a «biografia de investigador» do seu próprio autor e, respectivamente, com a preocupação de conferir ao seu trabalho de pesquisa uma linha de continuidade e coerência temáticas. Na medida em que o tópico da viagem e suas múltiplas formas de representação num dos dois regimes ditatoriais que marcaram a história alemã do século XX já constituíra o objecto de um estudo que desenvolvera no âmbito de uma tese de mestrado, defendida em 1997, sobre *As viagens marítimas da organização nazi «Kraft durch Freude» a Portugal (1935-1939): turismo, literatura e propaganda*<sup>19</sup>, por uma questão de lógica (não só cronológica), como que se impunha uma análise do

<sup>18</sup> Para uma crítica deste discurso «necro-lógico» sobre a literatura de viagens que, apesar de remontar ao século XIX, se adensou durante segunda metade do século passado, vejam-se, por exemplo, Deeken (1994), Matos (2003: 290s; 2006; 2009), assim como Biernat (2004: 9-21), que também denuncia esse pressuposto muito frequente na área de investigação sobre a literatura de viagens. Este assunto será, necessariamente, retomado com maior profundidade nos capítulos subsequentes.

<sup>19</sup> Sobre a literatura de viagens produzida e publicada na Alemanha nacional-socialista entre 1933 e 1945, vejam-se o interessante estudo de Graf (1995), o volume coordenado por Brenner (Hg.) (1997) assim como os artigos de H.-W. Jäger (1995) e Matos (1996; 1997; 2000a e 2005).

fenómeno da viagem também na *outra* ditadura alemã, isto é, no regime dito socialista da RDA. Face ao «duplo passado totalitarista» (Habermas) da Alemanha, colocavam-se nesta perspectiva comparatista algumas problemáticas e questões que se revelariam mais complexas do que inicialmente intuídas e para as quais, por conseguinte, não se avizinhavam respostas fáceis e concludentes. Será que na RDA, num regime igualmente marcado pela censura, num sistema política e socialmente tão fechado, a viagem – afinal de contas, a mais tradicional e persistente figura de pensamento e metáfora literária do conceito de *liberdade* – também tinha sido pervertida, isto é, explicitamente instrumentalizada como meio propagandístico, tal como acontecera no regime nacional-socialista? Existiriam paralelismos nas concepções políticas, práticas e representações da viagem em dois sistemas que, apesar de serem ambos repressivos, assentavam em valores ideológicos à primeira vista diametralmente opostos, o primeiro exacerbando o nacionalismo como ideograma basilar do regime e o segundo auto-concebendo-se, pelo contrário, como um sistema político, social e cultural fundamentando na ideia de um «Internacionalismo Socialista» segundo o lema do Manifesto Comunista: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”? Considerando a prática política extremamente restritiva em relação à mobilidade turística da generalidade dos cidadãos da RDA, quais as estratégias seguidas por um regime dito internacionalista para convencer a população da «lógica» deste paradoxo? Como é que num Estado em que a grande maioria da população experimentava “a topografia como utopia” (Martin, 1994: 68) se teria lidado com a progressiva globalização que, sobretudo desde o final da Segunda Guerra Mundial, se manifestaria sob a forma de um turismo de massas em exponencial crescimento, por um lado, e, por outro, nos *mass media* audiovisuais que imparavelmente transpunham não só as distâncias físicas como também as fronteiras geopolíticas? Numa época em que parte significativa da população mundial (pelos menos a do hemisfério norte) encarava a viagem de lazer a países distantes cada vez mais como uma normalidade, isto é, como um *hábito* característico de um modo de vida (pós-) moderno, qual a percepção e a reacção a esse manifesto processo de democratização da viagem no Ocidente por parte de cidadãos de um país que, apesar de tão industrializado e tão «moderno», em parte os excluía dessa evolução modernizante?

Estas primeiras interrogações, que se situam num plano genericamente sociológico e político, por sua vez, conduziriam irremediavelmente

a outro género de questões que dizem respeito a factores relacionados com os processos de representação e media (tiza)ção da viagem propriamente ditos. Uma vez privados de experiências «reais» do «mundo além-muro», experiências essas que nas sociedades ocidentais aconteciam basicamente sob a forma quer da viagem turística quer dos *mass media* audiovisuais, por que meios e como é que, numa sociedade caracterizada por um «provincianismo» decretado pelo regime, a população geral adquiriria os seus conhecimentos da outra metade do globo? É, pois, evidente que as mundividências do ser humano se (in)formam, além de baseadas em vivências e experiências concretas, sobretudo também por via dos mais diversos tipos mediais. A este respeito constata-se, desde a segunda metade do século XIX, uma oferta cada vez mais diversificada de meios de representação e comunicação, como a fotografia e, já no século seguinte, a rádio e a televisão, que possibilitariam uma intensa «tele-experiência» dos cantos mais remotos de qualquer parte do globo. Perante esse imparável processo de multiplicação de novos *media*, entre os quais, desde meados do século XX, a televisão assumiria um papel primordial, e face à crescente concorrência entre os tradicionais meios impressos, por um lado, e os audiovisuais, por outro, colocava-se a questão de se entender o posicionamento e a função das hetero-representações veiculadas pelo velho *medium* «literatura de viagens» nessa nova constelação «multimediática». Visto que na RDA os diversos meios de comunicação social, como a imprensa, a rádio e a televisão, estiveram também sempre sujeitos a uma censura apertada, meios comunicacionais esses que no Ocidente tenderiam a ocupar a função *cognitiva* tradicionalmente desempenhada pela literatura de viagens, era de supor que na Alemanha de Leste o tipo de inter-relacionamento entre o sistema literário e os outros *mass media* se configurasse de um modo bastante diferente das sociedades organizadas (pelo menos teoricamente) segundo o princípio da liberdade de expressão pública e privada. A clarificação dessas formas e modos de relações «intermediáticas» na RDA, isto é, do posicionamento e funcionamento do *medium* literatura (de viagens) perante os *media* audiovisuais, apresentava-se assim como um assunto a levar incontornavelmente em conta. Este género de interrogações e pressuposições levaram, irremediavelmente, a outras reflexões que determinariam a estrutura temática e concepção metodológica do presente estudo.

No contexto de uma época civilizacional fortemente caracterizada por um aumento exponencial da mobilidade física e virtual, os fenómenos

de massas do turismo e da (multi)medialidade ocupam, evidentemente, lugares e funções de destaque no que diz respeito às «representações» de culturas estrangeiras. Curiosamente, grande parte da investigação relacionada com a literatura de viagens contemporânea não equaciona esses fenómenos senão de um modo meramente marginal, quando, na verdade, qualquer abordagem da temática da viagem no contexto histórico da segunda metade do século XX terá, no que concerne aos processos de *percepção*, *construção* e *mediação* de «realidades» interculturais, necessariamente de levar em consideração a relevância quer das determinantes (infra)estruturais do turismo quer dos diversos *media*. Ora, o facto de também a RDA ter participado – embora, pela parte de suas autoridades, de um modo muito renitente – nesse imparável processo de intensificação da mobilidade física e telemática impulsionado e suportado pelo turismo de massas moderno e pelos *mass media* audiovisuais colocava uma tarefa de difícil, senão mesmo impossível, execução. Não tendo, pois, qualquer dúvida quanto ao papel extremamente relevante que as imagens televisivas e cinematográficas – apesar de filtradas pela censura – terão desempenhado no processo da percepção e representação de culturas estrangeiras, face ao problema logístico da necessidade de pesquisas prolongadas em arquivos de filmes da antiga RDA, tivemos, no entanto, de abdicar da possibilidade de aqui também se incluir e analisar esse tipo de material audiovisual. Mesmo assim, não quisemos prescindir de abordar e aprofundar o aspecto incontornável do *polimorfismo medial* que, sendo uma marca indelével da cultura (pós)moderna, também se evidencia sobremaneira no domínio representacional da viagem. Olhando à função de relevo desempenhada pelo *medium* do livro numa sociedade que desde cedo se auto-concebera como *Leseland* e *Literaturgesellschaft*,<sup>20</sup> ou seja, como «país da leitura» e «sociedade literária», e na medida em que os livros de viagens se destacaram desde sempre por um frequente recurso a material gráfico, como desenhos, mapas, esquemas, tabelas, incluindo, mais ou menos desde meados do século XIX, também a fotografia, este género de *artefacto plurimórfico* constituiu-se como que um objecto de estudo ideal para uma reflexão de cunho genericamente funcionalista e uma análise fenomenológica das mais diversas implicações histórico-culturais, discursivas e mediáticas da viagem (contemporânea). O facto de esta intensa e manifesta «bi-mediaticidade»

<sup>20</sup> A respeito deste «mito» subjacente à autoconcepção da RDA como um colectivo homogéneo de cidadãos letrados, veja-se U. Schmidt (1991).

(texto e imagem) constituir uma marca recorrente do livro de viagens (moderno) que, até ao momento, passou praticamente despercebida no vasto e abundante campo de pesquisa do(s) discurso(s) da viagem, constituiu, assim, um factor importante para a decisão de aqui se optar por uma perspetivação metodológica que contemple quer a dimensão epistemológica do fenómeno da *(multi)mediaticidade*, quer as diversas condicionantes extra-literárias da produção e recepção dos livros de viagens publicados na RDA. Evidentemente, e uma vez que o *corpus* é essencialmente constituído pelo «género literário» do relato de viagens, também serão levadas em conta as continuidades e descontinuidades de alguns dos elementos constitutivos da literatura de viagens, como os mitos, *topoi* e convenções discursivas de natureza especificamente intra-literárias. De acordo com as diversas abordagens perspectiváveis e os diferentes enfoques a que cada um desses campos temáticos nos obrigarão, irão necessariamente surgindo outros teoremas e problemáticas metodológicas. Esses serão diferenciados e aprofundados no enquadramento específico de cada um dos respectivos capítulos.

Uma vez justificado o interesse e a escolha do tema, assim como, sucintamente, apresentada a aproximação teórico-metodológica ao objecto de estudo, resta ainda fazer algumas considerações sobre os critérios e parâmetros que fundamentaram a selecção do *corpus* de análise. O próprio título desta investigação, *Postigos para o mundo – Cultura turística e livros de viagens na RDA (1949-1989/90)*, contém em si já uma indicação neste sentido. A opção deliberada pelo conceito *livro de viagens*, em detrimento do de «literatura de viagens», pretende assim, a um tempo, apontar e demarcar a perspectiva explicitamente *cultural(ista)* deste trabalho. Uma perspetivação desta natureza implica, conforme já foi dito, além de uma metodologia, por inerência, transdisciplinar, uma conceptualização do livro de viagens como *artefacto bi-mediático* em cuja produção e recepção interferem vários factores que transcendem uma análise meramente literária. Uma vez que aqui nos ocuparemos de *estratégias de encenação* e de *mediação* de experiências de viagens a regiões do mundo inacessíveis a grande parte da população da RDA, os livros que se ocupavam de «realidades» de países estrangeiros, nomeadamente os situados no «hemisfério não-socialista», constituindo mais do que uma oferta meramente estética e lúdica, desempenhavam sobretudo a função de transportadores e meios de aquisição de conhecimentos interculturais. A imagem dos *postigos* uti-

lizada no título pretende assim focar desde logo essa funcionalidade cognitiva e social dos livros de viagem como «mediadores» de informação, funcionalidade essa que, em plena «era da caixa» (também rectangular) da televisão, não deixará de causar uma certa sensação de anacronismo e/ou provincianismo. É precisamente a essa «aura» algo antiquada do *postigo* que o título pretende aludir. Por outro lado, as dimensões restritas do postigo (tal como as do aparelho da TV e do livro) não permitem uma visão ampla e abrangente sobre realidades exteriores, oferecendo apenas a possibilidade de um ângulo de perspectiva limitado e selectivo incapaz de proporcionar imagens que não sejam necessariamente recortadas. Enquanto a tradicional metáfora da *janela* ou da *porta para o mundo* evoca, à partida, a ideia de transparência e pressupõe a possibilidade ou mesmo finalidade de uma transposição física e, por conseguinte, de uma experiência *in loco*, o dispositivo do postigo, pelo contrário, limita a percepção e cognição do exterior apenas à visão (e ao olfacto), excluindo portanto qualquer hipótese de transposição cinética. Se bem que, por princípio, qualquer experiência seja necessariamente mediatizada e previamente determinada por diversas contingências, contextos e actos de selecção, a *reduzida* visão proporcionada pelo postigo *amplia* sobremaneira o paradoxo de uma «presença à distância», paradoxo este que, apesar de igualmente característico dos meios audiovisuais, a televisão consegue superar *ilusoriamente* por via de um infindável número de ângulos, de variadíssimos processos de montagens, arranjos de planos e sucessivas mudanças de ritmo. Esta simulação (quase) perfeita de «amplitude» alcançada pela diversidade angular inerente aos *media* audiovisuais, no entanto, também poderá ser, pelo menos parcialmente, proporcionada pelo artefacto do livro de viagens. Isto, evidentemente, se o observarmos, não sob a perspectiva de uma estética de reprodução mimética, «essencialista» ou «genialista» subjacente a muitas abordagens literárias, mas num enquadramento funcionalista que contemple, independentemente de cânones literários e avaliações hierarquizantes, a peculiar e constitutiva heterogeneidade discursiva e formal a que a literatura de viagens tradicionalmente recorre para criar junto do leitor uma “ilusão referencial” (Riffaterre) deveras sofisticada de realidades e percepções pretensamente autênticas. Face a esta assunção concepcional, o *corpus* de análise é propositadamente constituído por uma amálgama de livros de viagens que, resistindo a classificações estanques, misturam em si mesmos as mais diversas características formais que nas



tradicionais abordagens pautadas por categorizações taxativas e tipologizações hierarquizantes costumam ser atribuídas *em separado* a «géneros» (aparentemente) tão díspares como o «relato literário», que se distingue pela alegada sensibilidade subjectiva do escritor-viajante e suas «qualidades estéticas», a «reportagem de viagem», dita informativa e objectiva, ou o «guia turístico», pretensamente sóbrio e pragmático. Contrariando tais concepções categoriais, que são do ponto de vista formal extremamente redutoras, as construções narrativas aqui perspectivadas – sejam elas textuais e/ou imagéticas – são das mais diversas proveniências «tipológicas». Os livros de viagens contemplados neste estudo referem-se a périplos a países espalhados por todo o globo, não só na Europa aquém e além da «Cortina de Ferro», como nos chamados «Segundo» e «Terceiro Mundo», e devem-se a escritores muito diversos, desde profissionais nacional e/ou internacionalmente reconhecidos, como nos casos de Ludwig Renn, F. C. Weiskopf, Günter Kunert ou Fritz Rudolf Fries, independentemente de se tratar de autores «alinhados», de críticos mais ou menos moderados ou mesmo de «dissidentes» do regime, passando por jornalistas, repórteres, fotógrafos e artistas plásticos, até aos relatos redigidos por viajantes que manifestamente nada têm a ver com estas áreas de profissões criativas, como nos casos dos dois ecléticos volumes de textos satíricos sobre as «viagens em serviço» por quatro continentes do então director do Instituto Nacional de Soldadura da RDA Werner Gilde<sup>21</sup> ou das «impressões» de uma viagem diplomática ao Egipto que Lotte Ulbricht,<sup>22</sup> esposa do chefe de Estado de então, encetara na sua função de «Primeira-dama» e que achou por bem trazer a público.

Não obstante esta manifesta heterogeneidade do objecto de estudo, heterogeneidade essa que reflecte precisamente o carácter híbrido ou “andrógeno” (Kowalewski, 1992: 7) do território textual constituído pelo relato de viagens, há contudo alguns critérios que lhe conferem uma «identidade» como «corpo». Podendo ser amplamente definido como um conjunto de “textos que representam viagens não fictícias com meios ficcionais” (Biernat, 2004: 22), o *corpus* do presente estudo é mais especificamente «enquadrado» pelos seguintes aspectos: em todos os casos dos livros aqui analisados se trata de construções narrativas de viagens *realmente* empre-

<sup>21</sup> *Dienstreisen mit Augenzwinkern. Erlebnisse auf vier Kontinenten* (1984) e *Der große Buddha lächelt. Reisen zu Wasser und zu Lande* (1988).

<sup>22</sup> *Eine unvergeßliche Reise* (1961).

endidas; todos os relatos se reportam a viagens ao estrangeiro realizadas entre 1949 e 1990; e, por fim, todos os livros de viagens aqui estudados foram publicados, em língua alemã (incluindo-se aqui portanto também algumas traduções de autores estrangeiros), por editoras da/na RDA, o que, por sua vez, implica que estiveram (mais ou menos) acessíveis à generalidade da população e que, por conseguinte, influenciaram o «imaginário colectivo» do «outro» numa sociedade parcialmente vedada à prática intercultural da viagem (turística) que caracterizou a intensificação do processo de globalização desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Mesmo que nos encontremos perante um conjunto de livros precisa e propositadamente seleccionado devido à sua grande *disparidade*, é evidente que este *corpus* de análise não poderá, de modo algum, cobrir de forma exaustiva e representativa toda a multiplicidade de formas e modos de encenação da viagem no suporte do livro, nem tampouco tal pretensão se poderia sequer constituir como objectivo de um trabalho académico de dimensões obrigatoriamente limitadas. Uma ausência, passe o paradoxo, saltará logo à vista: as muitas «viagens fantásticas» publicadas na RDA,<sup>23</sup> assim como o frequente recurso à (super)metáfora da viagem enquanto tema ou motivo narrativo *na* literatura dita ficcional,<sup>24</sup> narrativas estas que, evidentemente, também integram a categoria genérica do livro de viagens. Apesar de considerarmos, tal como Michael Riffaterre, que “all literary genres are artifacts” (Riffaterre, 1993: xii), e que, por conseguinte, os pressupostos teóricos e metodológicos de que partimos são estruturalmente aplicáveis quer às “true fictions” etnográficas (Clifford, 1986) quer às “fictional truth[s]” literárias (Riffaterre, 1993), estes últimos tipos de textos de viagens não serão aqui abordados, a não ser de uma forma meramente marginal e pontual. A decisão de não os incluir num *corpus* de análise já assim bastante abrangente deve-se fundamentalmente a uma razão de ordem pragmática e heurística. Razão esta que, de resto, se coloca a qualquer trabalho de investigação, ou seja, a incontornável necessidade

<sup>23</sup> Alguns exemplos paradigmáticos da intensa produção literária de viagens explicitamente «fantásticas» e/ou picarescas na RDA são as obras de Fritz Rudolf Fries: *Der Weg nach Oobliadooh* (publicado na RFA em 1966, mas na RDA apenas em 1989), *Das Luftschiiff* (1974) e *Alexanders neue Welten* (1982), de Irmtraud Morgner: *Die wundersamen Reisen Gustav des Weltfahrers* (1972), de Erich Köhler: *Reisen um die Erde in acht Tagen* (1979) e o muito peculiar «romance de viagem» *Waldwärts* (1985) de Jens Sparshuh..

<sup>24</sup> Do tópico temático da viagem *na* literatura beletrística da RDA ocupa-se o estudo de Kawohl (2000).

de se estabelecer limites, não só a de se “marcar distinções” (George Spencer Brown) para que algo possa sequer emergir e constituir-se enquanto objecto ou tema (de estudo), como também a de se proceder a delimitações para que assim se possa assegurar um mínimo quer de manuseabilidade do material de estudo, quer de operacionalidade e demonstrabilidade das reflexões e teses desenvolvidas a partir desse *corpus* de análise.

Antes de procedermos a uma análise mais detalhada das funções, das estratégias discursivas e dos mecanismos de textualização que condicionaram a produção e recepção dos livros de viagens na RDA, impõe-se um levantamento crítico dos múltiplos factores *extra-literários* que se configuram de uma inquestionável relevância para a problemática em análise. Este trabalho desenvolver-se-á necessariamente a dois níveis distintos. No capítulo dedicado aos *contextos* observaremos a peculiar evolução do fenómeno do turismo na RDA como *praxis* sociocultural enquadrada pela *política* de viagem do regime que, ao longo de quarenta anos, prosseguiu uma «dupla estratégia» assente, por um lado, na ideia de uma democratização da mobilidade intercultural confinada ao «mundo socialista» e, por outro, na concepção deveras restritiva das viagens ao Ocidente que obedeceriam a um rigoroso controlo pelas autoridades e se limitariam a um «quadro de viajantes» de elite que puderam gozar do chamado estatuto dos *Reisekader*. No capítulo que se segue, intitulado de *Metatextos*, serão previamente contempladas e problematizadas algumas linhas e tendências genéricas de investigação pelas quais, durante as últimas décadas, se tem pautado o florescente campo de pesquisas relacionadas com a literatura de viagens, para, de seguida, se passar à observação dos estudos especificamente dedicados ao género no contexto concreto da RDA. Servirão estas aproximações metacríticas dos múltiplos factores e dimensões *extra* e *intraliterários* para fazer emergir com maior clareza – assim se espera – os contornos quer do edifício teórico e das perspectivas metodológicas quer dos pressupostos e das assunções que enquadram e sustentam os resultados da nossa análise do turismo e suas multiformes representações sob o formato mediático dos livros de viagem num país cujo desaparecimento histórico como sistema político, social e cultural, se deveu – porventura, de um modo não pouco significativo – à concepção e prática do poder em relação ao complexo fenómeno da viagem.



## 2. Metatextos

### 2.1 Metadiscursos da investigação sobre a literatura de viagens

Conforme exposto na introdução, o presente estudo propõe uma abordagem *policontextu(r)al* do fenómeno da viagem e suas múltiplas formas de representação na RDA. Antes de nos debruçarmos, analiticamente, quer sobre os *contextos* numa perspectiva extra-literária com enfoque nas respectivas condicionantes e dimensões políticas e socioculturais, quer sobre os mecanismos narrativos subjacentes aos *textos* em si, neste capítulo ocupar-nos-emos, de um modo metacrítico, primeiro, da multiplicidade dos *metadiscursos* pelos quais, durante as últimas décadas, se tem pautado a investigação dedicada ao género do relato de viagens como fenómeno primordialmente literário, para de seguida procedermos a um levantamento mais específico dos escassos trabalhos de pesquisa directamente relacionados com a produção e recepção dos livros de viagens naquele mítico «país da leitura».

Mesmo que, em relação ao tema desta dissertação, se esteja a pisar um terreno em grande parte ainda por desbravar, o objecto do presente estudo não constitui, do ponto de vista da investigação literária propriamente dita, uma verdadeira *terra incognita*. Perspectivado como género literário, ele inscreve-se e enquadra-se, pois, num campo de investigação que, durante as últimas décadas, se foi progressivamente solidificando e institucionalizando como uma florescente subárea dos tradicionais estudos filológicos. Se bem que aqui proponhamos uma abordagem do tema que,

face à complexidade do fenómeno da viagem e à heterogeneidade dos mecanismos de representação, transpõe uma perspectiva intrínseca e unicamente literária, a investigação sobre o género constituído pela literatura de viagens afigura-se, conforme se poderá verificar, de uma incontornável relevância para o nosso estudo. Impõe-se, assim, um levantamento prévio e, necessariamente, sucinto do vasto e complexo campo metadiscursivo constituído pelas investigações – profícuas, mas muito heterogéneas – em torno de um «artefacto literário» que podemos definir, com recurso às palavras de Holland e Huggan (2000: XVIII), como “the most hybrid and unassimilable of literary genres”. Esta inventariação metacrítica servir-nos-á como ponto de partida para demarcar a nossa proposta metodológica, permitindo, assim, fazer emergir com maior clareza os contornos e propósitos concretos subjacentes à nossa abordagem analítica.

É facto inquestionável que a investigação sobre as representações textuais da viagem tem vindo a ocupar um espaço cada vez maior nas diversas filologias nacionais.<sup>25</sup> No âmbito mais concreto da Germanística, área de investigação em que se insere o presente trabalho, denota-se, mais tardar desde a década de 1980, um aumento exponencial no que concerne à produção de estudos relacionados com a literatura de viagens. Apesar de ainda relativamente recente, esta subárea dos estudos germanísticos em torno do complexo fenómeno da representação textual da viagem tem-se revelado um terreno extremamente profícuo, conforme o comprovam a

<sup>25</sup> Uma vez que o presente estudo se dedica especificamente à literatura de viagens em língua alemã, nomeadamente no contexto limitado da RDA entre 1949 e 1990, e para não se extravasar em demasia este campo já em si bastante extenso, prescinde-se aqui deliberadamente de um sistemático levantamento bibliográfico da imensidão de publicações académicas dedicadas às literaturas de viagem em outras línguas, entre as quais se destaca a vasta produção em língua inglesa e francesa. Esta opção não invalida, porém, que se recorra pontualmente também a estudos sobre o género que não sejam provenientes da germanística e/ou de outras disciplinas. No que mais concretamente diz respeito a este ramo de investigação sobre a literatura de viagens em língua portuguesa, convém realçar o «despertar» relativamente tardio para este género por parte dos estudos literários e culturais. Face ao papel central da viagem e sua representação literária na história cultural de Portugal (Descobrimentos), é no mínimo algo surpreendente que, no âmbito dos Estudos Portugueses, só nos anos 90 do século passado tenha emergido um núcleo e/ou uma linha de investigação especificamente dedicado à análise deste género. Este recente impulso no domínio da investigação sobre a literatura de viagens em língua portuguesa em muito se deve aos trabalhos de pesquisa, coordenação e edição de Maria Alzira Seixo (1997, 1998a, 1998b, 2000a, 2000b) e de Fernando Cristóvão (1999). Neste contexto, merecem igualmente destaque o colóquio internacional centrado no género da literatura de viagens e o volume das respectivas actas organizados por Ana Maria Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (1997), assim como, pelo seu carácter de certo modo pioneiro em Portugal, o volume coordenado e publicado por Stephen Reckert e Yvete K. Centeno (1983) com o sugestivo título *A viagem «entre o real e o imaginário»*.

imensidão de publicações<sup>26</sup> e a proliferação de colóquios científicos sobre as mais diversas facetas e dimensões do género. Este recente salto *quantitativo* reflecte-se, em concreto, numa grande diversidade de trabalhos académicos que no seu conjunto cobrem praticamente todos os períodos e formas de representação literárias da viagem, desde a peregrinação medieval ao actual turismo de massas.<sup>27</sup> A acribia com que os investigadores se têm debruçado sobre os mais curiosos detalhes da história literária e sociocultural da viagem contrasta, porém, notoriamente com o défice teórico que tem sido repetidamente constatado em relação a este domínio.<sup>28</sup> A título de exemplo, poder-se-á citar o recente balanço da “situação actual da investigação sobre a literatura de viagens”, em que Alfred Opitz (2003: 87) denuncia esta acentuada assimetria entre uma *prática* académica muito próspera e a ausência de uma sólida fundamentação teórico-metodológica como uma (in)característica que, até ao momento, terá impedido o estabelecimento desta área de estudos como domínio de investigação autónomo:

Die literaturwissenschaftlichen Bibliographien der letzten 20 Jahre verzeichnen eine ständig wachsende Zahl von Publikationen zum Thema Reiseliteratur. (...) Bei genauerem Hinsehen jedoch hinterläßt diese quantitative Vielfalt ein deutliches Unbehagen; das Gesamtbild ist diffus und widersprüchlich. Es ist offenbar nicht gelungen, Reiseliteratur als eigenständigen Forschungsbereich mit einem spezifischen Theorierahmen und entsprechenden Methodologien zu etablieren.

[As bibliografias das ciências literárias dos últimos 20 anos denotam um incessante crescimento de publicações dedicadas ao tema da literatura de viagens. (...) Porém, quando observada com maior atenção, esta diversidade quantitativa provoca uma clara sensação de desconforto; a imagem geral é

<sup>26</sup> Se bem que nenhuma das seguintes bibliografias se proclame – ou, perante uma verdadeira avalanche de estudos neste domínio, se possa sequer proclamar – exaustiva, algumas das listas de referências bibliográficas mais minuciosas podem ser consultadas, por exemplo, em Brenner (1989; 1990), Clara (2002), Hentschel (1999) ou Maurer (1999).

<sup>27</sup> Os volumes organizados por Bausinger *et al.* (1999), Brenner (1989) e Fuchs/Harden (1995), que incluem artigos dedicados à literatura de viagens em língua alemã nos mais diversos contextos históricos, evidenciam essa transversalidade diacrónica que caracteriza este domínio de investigação.

<sup>28</sup> A este respeito, vejam-se, por exemplo, Brenner (1990), Clara (1997, 2002) e Opitz (1993, 2003).

difusa e contraditória. Pelos vistos, não se conseguiu estabelecer a literatura de viagens como uma área de pesquisa autónoma dotada de um quadro teórico específico e respectivas metodologias.]

A manifesta discrepância entre a abundância de publicações académicas relacionadas com a literatura de viagens e a carência de um quadro de referências teórico-metodológicas específico já há mais de uma década que se tinha vindo a constituir como um tópico metacrítico em diversos trabalhos especializados deste domínio. Exemplo paradigmático é constituído pelo volumoso estudo de Peter J. Brenner publicado em 1990, estudo esse que podemos considerar a primeira tentativa de um levantamento *sistemático* do crescente e incessante número de (micro-)investigações em torno do género do relato de viagens em língua alemã, no qual igualmente se constata o notável desequilíbrio entre a quantidade de contributos de pesquisa e a falta de discussões cientificamente coerentes relacionadas com a problemática (Brenner, 1990: 3):

Auch wenn die Zahl von Forschungsbeiträgen inzwischen fast schon bedenkliche Ausmaße angenommen hat, läßt sich von einer »Reiseliteraturforschung« im strengen Sinne des Wortes nicht sprechen. Denn wissenschaftliche Forschung bedeutet mehr und anderes als die Kummulation von Einzelergebnissen. (...) Die Quantität der Forschungsbeiträge zum Reisebericht steht in einem frappanten Gegensatz zum Fehlen eines ausgeprägten und in kohärenten Diskussionen erarbeiteten Problembewußtseins.

[Mesmo que a quantidade de contributos de investigação tenha entretanto adquirido dimensões que nos deveriam dar que pensar, ainda não é possível falar-se, num sentido restrito e rigoroso da palavra, de uma «investigação sobre a literatura de viagens» propriamente dita. Pois, a investigação científica significa mais e algo de diferente que a mera acumulação de resultados parciais. (...) A quantidade dos contributos de investigação sobre o relato de viagens contrasta manifestamente com a ausência de uma consciência nítida do problema que tenha sido adquirida por via de discussões coerentes.]

As razões deste estado teórica e metodologicamente difuso e incoerente da florescente investigação em torno das representações textuais da viagem são de ordem diversa, relacionando-se quer com a «natureza» ins-



tável dos próprios objectos de estudo e, respectivamente, com o “conceito esponjoso «literatura de viagens»” (Klein, 1993: 288), quer com a multiplicidade e diversidade de abordagens e metadiscursos a seu respeito. Não surpreende, assim, que a constatação de uma acentuada *heterogeneidade* da produção científica relacionada com esta temática constitua hoje uma asserção praticamente consensual entre os próprios investigadores que se ocupam de perto do género multiforme do relato de viagens. Entre muitas outras afirmações no mesmo sentido, poder-se-á citar o breve artigo de Ulrich Klein (*idem*: 286s) dedicado à história e ao estado da “investigação sobre a literatura de viagens no espaço de língua alemã”, que resume, do seguinte modo, este consenso acerca da dificuldade do estabelecimento de um “catálogo de critérios” para determinar os limites formais do género e da consequente diversidade de abordagens teóricas e metodológicas:

Es kann nicht zweifelhaft sein, daß der Terminus »Reiseliteratur« ein unscharfer Begriff ist. Zu unterschiedliche Bereiche sind hier vertreten. (...) Daß ein eindeutiger Kriterienkatalog zur Bestimmung der Reiseliteratur quer durch alle Disziplinen so schwer herstellbar sein mag, hat seine Ursachen aber nicht nur in der gegebenen Vielfalt des Untersuchungsfeldes. Auch die Betrachtungsansätze sind (legitim) unterschiedlich.

[Não há dúvida de que o termo «literatura de viagens» é um conceito pouco nítido. São pois demasiadamente díspares as áreas aqui representadas. (...) No entanto, o facto de ser difícil estabelecer, através de todas as disciplinas, um catálogo de critérios unívoco para a determinação da literatura de viagens não reside apenas nessa diversidade do campo de pesquisa. Também as perspectivas de abordagens são (legitimamente) díspares.]

De facto, o conjunto de factores que têm funcionado como obstáculo a uma rigorosa delimitação e solidificação teórico-metodológica deste domínio afigura-se de uma complexidade extrema, complexidade essa com a qual necessariamente nos depararemos ao longo do presente trabalho. Por agora, poder-nos-emos limitar a resumir de forma algo esquemática os múltiplos motivos das apontadas fragilidades e inconsistências da investigação sobre a literatura de viagens remetendo para um breve estudo de Fernando Clara que, de acordo com o respectivo subtítulo, se propõe empreender – de um modo, porventura, muito pertinente e sintético –

“Algumas reflexões a propósito do enquadramento teórico da literatura de viagens” (Clara, 1997: 579):

Esse défice é fruto, em primeiro lugar, da (...) diversidade dos textos [em si] e das consequentes dificuldades em encontrar *uma* perspectiva teórica suficientemente ampla que se proponha analisar estas obras em todas as suas vertentes de uma forma *consistente* e *não redutora*; por outro lado, e em segundo lugar, esse vazio teórico resulta também da manifesta *incomunicabilidade* entre as diversas *tradições teóricas e campos epistemológicos* (cada um deles tendo desenvolvido vocabulários, técnicas, modelos e métodos de análise próprios) em que habitualmente se jogam as análises desses textos.<sup>29</sup>

As inconsistências a nível teórico e metodológico constituem portanto uma (in)característica de uma área de estudo cuja proficuidade, durante as últimas duas décadas, se tem vindo a manifestar sob forma de uma intensa proliferação de congressos, colóquios e publicações, de natureza quer académica quer de divulgação geral, relacionados com a literatura de viagens. Conforme observa Opitz (2003: 89) no seu breve balanço da investigação neste domínio citado atrás, parte significativa deste campo de pesquisa continua, porém, minado por toda uma série de “resíduos teóricos” manifestamente “obsoletos” que impedem uma aproximação e análise capazes de corresponder às intrincadas especificidades do género. Se bem que durante os últimos anos tenham vindo a lume diversos trabalhos que concebem e abordam a literatura de viagens como um complexo conjunto de artefactos culturais cujas peculiaridades não só propiciam, como exigem mesmo a aplicação de metodologias explicitamente policêntricas, na verdade, continua-se por vezes a constatar-se neste domínio uma certa resistência às várias «viragens de paradigma» ocorridas, durante as últimas décadas, na área genérica das Ciências Sociais e Humanísticas, nomeadamente a «viragem» no sentido de uma crescente *transdisciplinaridade*.<sup>30</sup> Uma vez que mais à frente retomaremos diversos aspectos relacionados quer com as (in)características formais e discursivas do multifacetado género da literatura de viagens quer com as perspectivas salutares de alguns estudos mais recentes nesse domínio, debrucemo-nos por agora

<sup>29</sup> Sublinhados no original.

<sup>30</sup> Veja-se a esse respeito Clara (2002), particularmente pp. 28-32.

sobre a tais abordagens obsoletas que não se coadunam, nem teórica nem metodologicamente, com a intrínseca e extrínseca heterogeneidade deste tipo de artefactos viáticos.

As “velharias teóricas” que, segundo Opitz (*idem*: 90), “podem ser, sem problema de maior, depositadas na arrecadação da história das ciências”, são de ordem e natureza diversas. Desses “teoremas obsoletos” que têm contribuído para a perpetuação de algumas aporias na investigação sobre a literatura de viagens fazem parte quer “uma ontologização ingénuo de referências exteriores” fundamentada em “teorias – no fundo mágicas – de congruência”, quer uma “noção profundamente romântica acerca da percepção” que, continuando a desconsiderar os “actuais conhecimentos adquiridos na área da neurologia”, concebe a “experiência sensorial como uma garantia de objectividade factual” (*idem*: 87s). Mas esta “lista dos defeitos” (*ibid.*) que têm impedido o desejável estabelecimento de um distanciamento crítico teórica e metodologicamente consistente face ao relato de viagens não se fica por aqui. Opitz denuncia ainda “a imperturbável insistência em antinomias” anacrónicas do pensamento ocidental, tais como “sujeito–objecto, interior–exterior, facticidade–ficcionalidade” (*idem*: 88), como pressupostos falaciosos que têm retardado uma “urgentíssima reorientação” deste ramo de investigação no sentido de uma “análise fenomenológica e funcionalista” (*idem*: 89).

Uma vez que este breve balanço das carências e fraquezas da investigação sobre a literatura de viagens aponta, de um modo muito sintético, toda uma séria de aspectos extremamente relevantes para a teorização da problemática da construção discursiva da viagem, será conveniente proceder-se aqui a uma exposição um pouco mais desenvolvida dessas diversas debilidades teóricas e metodológicas, para, daí, passarmos construtivamente ao esboço de algumas linhas genéricas que possam contribuir para corroborar algumas propostas de (re)orientação que nos últimos anos se têm verificado nesta área de estudos. Este procedimento justificar-se-á tanto mais se levarmos em conta tratar-se de uma área de pesquisa em que, apesar de muito frutífera quanto a novidades informativas, a descobertas de autores, textos e revelações microscópicas de curiosíssimos detalhes relacionados com a história cultural da viagem e suas representações, se pode constatar uma infindável quantidade de análises fragmentárias, sem

que se consiga entrever um *macrodesign* teórico que lhes confira uma certa coerência e sistematicidade enquanto domínio de investigação.<sup>31</sup>

De facto, a coexistência de numerosas abordagens da literatura de viagens que se caracterizam por uma grande disparidade entre si tem dificultado sobremaneira a edificação de um quadro consensual de referências teóricas e metodologias das quais se possa partir de uma forma consistente para o exame de determinados contextos e para a análise dos próprios textos nos respectivos enquadramentos. A (quase) inexistência de diálogo entre as diferentes concepções e áreas do saber que tradicionalmente se debruçam sobre o tema genérico da (representação da) viagem constitui, assim, um entrave previamente a ultrapassar por qualquer trabalho científico neste domínio. Perante a incessante produção de estudos académicos de cariz muito diversificado sobre a viagem vindos a lume durante as últimas cerca de três décadas, impõe-se, assim, em primeiro lugar, um levantamento (na medida do possível) sistemático da história da recepção científica do relato de viagens e, em segundo lugar, uma avaliação crítica dos diversos e dispersos discursos sobre o género que atravessam os tradicionais limites disciplinares das ciências literárias. No que diz respeito a essa árdua tarefa «arqueológica», o presente estudo pode, felizmente, recorrer em grande parte ao trabalho prévio desenvolvido por uma série de investigações que, durante as últimas duas décadas, não só se têm dedicado à análise mais ou menos detalhada dos mais diversos tipos e contextos de produção e recepção de relatos de viagens, como têm tentado contribuir para a elaboração de modelos teóricos e metodológicos com flexibilidade suficiente, se não para abarcar por completo, pelo menos para perspectivar e problematizar a inesgotável diversidade discursiva deste género textual e a sua característica heterogeneidade em diversos contextos históricos e socioculturais.

Conforme já foi referido, uma primeira tentativa no sentido de uma sistematização e avaliação do desenvolvimento inflacionário e eclético deste domínio de investigação foi empreendida por Peter J. Brenner. Do

<sup>31</sup> A inexistência de um quadro consensual de referências teóricas e metodológicas neste domínio reflecte-se, de resto, já no próprio facto de a maioria das publicações científicas relacionadas com a representação textual da viagem consistir em colectâneas e miscelâneas de artigos marcados por abordagens muitíssimo díspares entre si. Para nos cingirmos apenas à bibliografia referente à produção na área germanística durante os últimos quinze anos, vejamo-nos, entre outros volumes do género, Brenner (Hg.) (1989, 1997), Bausinger *et al.* (Hg.) (1991) Fuchs/Harden (Hg.) (1995), Maurer (Hg.) (1999), Pinkert (Hg.) (2000), Köck (Hg.) (2001) e Schlesier/Zellmann (Hg.) (2003).

seu minucioso levantamento da vasta produção de trabalhos (maioritariamente) germanísticos em torno da literatura de viagens resultou a publicação de dois volumes que se configuram essenciais para quem se move cientificamente nesta área. O primeiro, de 1989, paradigmaticamente intitulado de *Der Reisebericht*, consiste numa antologia de artigos elaborados por diversos investigadores especializados em diferentes contextos históricos e temáticos da literatura de viagens. A concepção desta colectânea visa, conforme indica o subtítulo *Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*, traçar um panorama diacrónico da evolução do relato de viagens no seio da literatura de língua alemã. A visão histórica do género aí esboçada resulta de diversos olhares e contributos dedicados a diferentes épocas, desde a alta Idade Média, passando pelo período dos Descobrimentos, do Iluminismo e do Romantismo até à era contemporânea do turismo de massas, sendo enquadrada por dois trabalhos da autoria do próprio coordenador do volume. Num ensaio introdutório de índole filosófica e histórico-cultural sobre os modos e formas da concepção e percepção de «realidades» estrangeiras, dissertando, mais concretamente, sobre as cambiantes percepções de «alteridade» entendida como uma “categoria relacional” (Brenner, 1989: 16) que é condicionada quer pela história quer pela esfera (inter)cultural do «próprio» e do «outro», Brenner tenta delinear as complexas implicações destes múltiplos condicionamentos para a respectiva representação textual da experiência do contacto intercultural no relato de viagens. A compilação é complementada e rematada por uma preciosa “bibliografia selectiva da literatura crítica sobre a história da viagem e do relato de viagens alemão”.

A sua segunda publicação de inestimável relevância para a investigação sobre a literatura de viagens data de 1990 e é consideravelmente mais volumosa, consistindo numa monumental monografia – escrita, portanto, a uma só mão – sobre a presença quase milenar do relato de viagens na literatura alemã e, respectivamente, sobre a investigação que se tem ocupado deste género literário mais ou menos desde a década de 1970. Se bem que, sobretudo devido à hercúlea tarefa de abranger não só um período tão vasto como um *corpus* colossal de fontes primárias e de literatura crítica, este estudo padeça de algumas lacunas e inconsistências metodológicas, o volume constituído por mais de 700 páginas e intitulado de *Der Reisebericht in der deutschen Literatur* (1990) tem, porém, o inquestionável mérito de ensaiar uma visão sistematizadora de um campo de investigação em si

mesmo muito dificilmente sistematizável. Olhando ao facto de nos encontrarmos perante uma área de pesquisa que se caracteriza precisamente pela “Dispartheit der Fragestellungen und Methoden sowie durch die Heterogenität des untersuchten Materials” (Brenner, 1990: 3), ou seja, que se distingue de outros domínios de investigação quer pela sua acentuada disparidade teórica e metodológica quer pela extrema heterogeneidade do material de análise, com este seu volumoso trabalho, Brenner propõe-se não somente fazer um inventário dos resultados de investigação já existentes como, ao mesmo tempo, fornecer um modelo integrativo capaz de enquadrar essa grande diversidade de abordagens. Na sua perspectiva, a alegada inexistência de consensos teóricos e metodológicos neste domínio (*ibid.*: 6) – “«inexistência de um consenso»” que “é”, segundo o pertinente reparo de Fernando Clara na sua “metacrítica da crítica da literatura de viagens”, “paradoxalmente, consensual nos estudos que se debruçam sobre a literatura de viagens” (Clara, 2007: 55) – só poderá ser superada pela (re)construção da história quer do género em si quer da investigação com ele relacionado. De acordo com Brenner (1990: 6-8), esta reconstrução histórica do género literário à luz do seu meio cultural e social pressupõe uma perspetivação da literatura de viagens que suplante uma interpretação imanente, isto é, puramente estético-literária, dos textos. Rejeitando a “ilusão da hermenêutica romântica” (*idem*) de Schleiermacher e sua implícita “crença na possibilidade de um acesso imediato ao «sentido» de textos” (*idem*: 11), Brenner parte da concepção exegética de Gadamer, concepção essa que reflecte a historicidade como factor condicionante de qualquer acto de compreensão, para contemplar na sua abordagem diacrónica da literatura de viagens tanto as condições da produção literária como as determinantes históricas da recepção. Segundo a sua opinião, somente uma abordagem analítica do género que parta do complexo contexto constituído por diversos factores de ordem intra e extra-literários, assim contribuindo “para a integração de questões histórico-literárias e sociais” (*idem*: 7), poderia conduzir a uma “fundamentação metodológica clara e coerente” da investigação sobre a literatura de viagens. Se bem que este ambicioso projecto «integrativo» fique aquém dos objectivos a que no início se propusera, esta perspetivação do relato de viagens e da investigação com ele relacionado tem, no entanto, a indiscutível vantagem de apelar a uma análise dos textos que considere, para além dos factores intrinsecamente literários, sobretudo os seus multiformes e complexos

contextos extra-literários. A seguinte passagem reflecte de forma inequívoca a importância programática que Brenner confere à investigação dos pressupostos e condições socioculturais e históricos da percepção e representação da viagem (*idem*: 29s):

[Die] gesellschaftlichen und historischen Voraussetzungen der Wahrnehmung und ihrer Beschreibung implizieren für die Reiseliteraturforschung die Forderung nach einer Untersuchung der Kulturmuster, der Wahrnehmungsmuster und der mentalitätsgeschichtlich bedingten Dispositionen, die in die Wahrnehmung und Beschreibung von erfahrener fremder Wirklichkeit eingehen. Inhalt und Form von Reiseberichten sind danach zu verstehen als Ausdruck einer kultur- und zeitspezifischen Mentalität (...).

[Os pressupostos sociais e históricos da percepção e sua descrição implicam para a investigação sobre a literatura de viagens a exigência de uma análise dos padrões culturais e perceptivos assim como das disposições condicionadas pela história das mentalidades que interferem na percepção e descrição da experiência de realidades estrangeiras. O conteúdo e a forma de relatos de viagens devem ser por isso entendidos como expressão de uma mentalidade determinada pela cultura e pelo tempo específicos.]

Com o repetido recurso a um artigo de Gerhard Huck (1978) programaticamente intitulado de “Der Reisebericht als historische Quelle” [O relato de viagens como fonte histórica] – tratando-se, portanto, de uma abordagem que entende o relato de viagens, à boa maneira da historiografia tradicional, como reflexo *documental* do passado –, Brenner concede uma primazia evidente ao estudo das “algemas ideológicas que subjagam épocas inteiras” (Brenner, 1989: 15, e *idem*: 1990: 30) e sua respectiva influência sobre a produção e recepção da literatura de viagens. Não obstante o facto indiscutível de os quadros e padrões histórico-culturais e ideológicos interferirem de modo indelével na percepção e representação de «realidades» estrangeiras, esse primado analítico das condições e disposições *contextuais* da produção de relatos de viagens, pode, em última instância, levar a que os factores de ordem intratextual sejam manifestamente secundarizados. Dito de outra forma, a concepção de análise demasiadamente «determinista» de Brenner leva *grosso modo* a que os contextos ofusquem ou façam praticamente desaparecer os próprios textos. Conforme podere-

mos constatar mais à frente, esta tendência para uma *sobrevalorização* do enquadramento histórico-cultural da literatura de viagens não se verifica apenas na abordagem proposta por Brenner. Sumariamente, poder-se-á afirmar que a crescente focalização do contexto extra-literário advém da «descoberta» do paradigma da *inter e/ou transdisciplinaridade* por parte das (tradicionais) ciências literárias. Esta orientação genérica no sentido de uma progressiva permeabilização das fronteiras disciplinares entre diferentes áreas do saber do território mais alargado das Ciências Sociais e Humanas – se bem que se afigure, sem sombra de dúvidas, como método absolutamente incontornável numa abordagem minimamente adequada a um objecto de estudo que é ele mesmo um terreno extremamente move-dição, um “espaço fronteiro entre a ficção e a realidade” (Buch, 1991: 14s) ou, segundo o neologismo proposto por Ottmar Ette, um género “friccional” que “oscila entre a ficção e a dicção” (Ette, 2001: 48) – contém em si o potencial perigo de se perder de vista o próprio objecto de análise. Passada mais de uma década sobre as publicações de Brenner que temos vindo referir e seu enfático e repetido apelo a uma aproximação de cunho histórico-cultural e, conseqüentemente, “multi, inter ou transdisciplinar” do género do relato de viagens (cf. Brenner, 1990: 2, 40; e *idem*: 1989: 8), encontramos-nos hoje na posição privilegiada de já podermos fazer, de um modo retrospectivo, um balanço crítico da influência que a «descoberta» e a crença algo eufórica da interdisciplinaridade tem vindo a exercer sobre a investigação das representações textuais da viagem. Sem se pôr evidentemente em causa a necessidade imperativa de uma perspectivação da literatura de viagens que se autoconceba como uma subárea das Ciências Culturais e que, por inerência, adopte uma metodologia ecléctica, transversal a diversas disciplinas, esses mesmos eclectismo e transversalidade podem levar a que esta área de investigação deixe fugir entre mãos o seu objecto de estudo propriamente dito e, por conseguinte, perca a sua legitimidade como domínio científico ainda antes de a ter sequer teórica e metodologicamente edificado e solidificado. É neste sentido que se deve entender o recente apelo de Opitz (2003: 89) à urgência de uma reorientação da investigação sobre a literatura de viagens que seja capaz de (re) conciliar a abordagem transdisciplinar com a análise dos textos em si:

Wie könnte (...) eine überfällige Neuorientierung der Reiseliteraturforschung aussehen? Sie müßte einerseits in eine kulturwissenschaftliche



Perspektive integriert werden. Das setzt allerdings transdisziplinäres Arbeiten und einen hohen Grad an Komplexitätsbewältigung voraus. Andererseits müsste der Weg über andere Disziplinen, und darin liegt eine oft unterschätzte Schwierigkeit, an der in der Praxis und in der Theoriebildung dann zahlreiche Ansätze scheitern, wieder zu den Texten zurückführen.

[Como é que se poderia configurar uma urgentíssima reorientação da investigação sobre a literatura de viagens? Por um lado, deveria ser integrada numa perspectiva das ciências culturais. Isso, porém, pressupõe um modo operativo transdisciplinar e uma elevada capacidade para se solucionar aspectos muito complexos. Por outro lado, o caminho via outras disciplinas deveria reconduzir aos textos – e aí reside uma dificuldade, muitas vezes subestimada, que na prática e na teorização faz com que numerosas abordagens fracassem.]

O “elevado grau de complexidade” e as consequentes dificuldades de ordem teórica e prática que o paradigma da inter ou transdisciplinaridade tem acarretado à análise da literatura de viagens exige, de facto, uma “reorientação” deste ramo de investigação. Antes de aqui passarmos a propostas mais pormenorizadas sobre as possibilidades de uma reconfiguração deste domínio, reconfiguração conceptual para a qual, de resto, além das já citadas, outras investigações têm mais recentemente contribuído, será conveniente traçar-se prévia e sucintamente – portanto, sem qualquer pretensão de exaustividade – pelo menos algumas linhas genéricas de orientação pelas quais se têm pautado as investigações sobre a literatura de viagens ao longo das últimas décadas.

Olhando ao carácter “dispare” e “descontínuo” (Brenner, 1990: 40), “difuso e contraditório” (Opitz, 2003: 87) da investigação em torno da literatura de viagens, as linhas genéricas de orientação neste domínio que, de seguida, passaremos brevemente em resenha não podem ser entendidas nem como enquadramentos teóricos e abordagens metodológicas de contornos rígidos, nem como uma sucessão cronologicamente linear de correntes analíticas. A forma e o modo aqui adoptados para apresentar um inventário da situação no domínio da investigação sobre a literatura de viagens obedece portanto a uma necessidade heurística de se traçar um esboço de diferenciação e sistematização de algumas tendências que, apesar dos «paradigmas (mais ou menos) dominantes» de cada época,

de um modo geral coexistem no tempo e se entrecruzam – embora nem sempre de forma consciente e voluntária – no que concerne aos teoremas e métodos pelas quais se regem.

Um olhar retrospectivo, por mais sumário que seja, sobre esta área de pesquisa ainda relativamente recente, mas particularmente produtiva, permite-nos constatar que, de um género tradicionalmente marginalizado pelas investigações filológicas, o relato de viagens se foi, ao longo da segunda metade do século XX, progressivamente estabelecendo e solidificando como um objecto de estudo «digno» das ciências literárias. Esta «ascensão» ao estatuto de um «género *literário*» que, devido às suas alegadas características documentais, já anteriormente atraía o interesse de outras disciplinas de cunho primordialmente historiográfico, geográfico, antropológico e etnológico, deve-se a factores de ordem diversa. Se perspectivarmos esses diferentes factores nas suas complexas interligações verificaremos que eles confluem, de um modo geral, no sentido de constituir uma conjuntura estruturalmente favorável à emergência e instituição de uma área de estudo especificamente dedicada ao fenómeno da viagem e suas representações literárias.

Uma primeira vertente dessa diversidade de factores que permitiram elevar o tema genérico da viagem ao nível da investigação científica, transformando-se assim num objecto intensamente estudado em diferentes disciplinas na área genérica das Ciências Sociais e Humanas (*Geisteswissenschaften*), prende-se com um determinado contexto da História (das mentalidades). Numa época marcada pela memória (então) ainda muito viva das recentes experiências de duas guerras mundiais e, sobretudo, da barbárie do genocídio sistemático preconizado pelo regime nacional-socialista, as áreas de investigação das Humanidades caracterizar-se-iam, *grosso modo*, sobretudo desde a segunda metade da década de sessenta, por um intenso empenho no que se poderá denominar de um processo de «descontaminação» do nacionalismo político. Face aos destroços e ruínas a que os ódios nacionalistas e a irracionalidade racista tinham reduzido o projecto civilizacional da modernidade, procedeu-se assim, como que naturalmente, a uma enfática revisitação e reedificação dos ideais humanísticos e racionalistas do Iluminismo. É neste contexto de uma empenhada «redescoberta» do ideário iluminista no pós-Segunda Guerra Mundial que um dos seus pilares conceptuais, nomeadamente o ideal cosmopolita do *Weltbürgertum*, ou seja, a ideia universalista da coexistência e do inter-

câmbio pacíficos entre os «cidadãos do mundo», foi atraindo cada vez mais a atenção dos investigadores. A consequente tomada de consciência de que o conceito de *mobilidade*, sobretudo sob a forma do contacto intercultural por via da viagem, constituía não só um fenómeno central, uma verdadeira força motriz da história moderna, como também se manifestava inequivocamente como uma *prática* sociocultural cada vez mais generalizada, afigurando-se portanto como uma característica por excelência das sociedades contemporâneas, catapultou, por assim dizer, o género textual que tradicionalmente faz da viagem seu principal tema de narração para o manancial de objectos estudáveis pelas ciências literárias. Neste sentido, não surpreende que os primeiros estudos académicos dedicados à literatura de viagens se tenham maioritária e principalmente ocupado das formas e funcionalidades do género no contexto histórico-cultural e político do Iluminismo. Uma vez que a partir de meados do século XVIII se assiste a um significativo salto quantitativo e qualitativo no que concerne à produção e recepção de literatura de viagens, esta época é unanimemente considerada a (primeira) «era dourada» da viagem. Poder-se-á portanto resumir, por agora, que é devido quer a uma intensa reconsciencialização dos ideais humanistas e universalistas quer a um inquestionável surto de mobilidade internacional proporcionado pelo vertiginoso desenvolvimento das infra-estruturas turísticas assim como dos meios de comunicação telemáticos que, na segunda metade do século XX, o fenómeno da viagem e, respectivamente, suas múltiplas formas de representação textual se foram estabelecendo como objectos de estudo de uma profícua subárea das ciências literárias e culturais.

Além desta conjuntura histórico-civilizacional indelevelmente cunhada quer por uma vontade programática de «re-humanização» do mundo quer por uma súbita aceleração do processo que hoje denominamos de «globalização» – conjuntura que, por razões óbvias, se prefigura portanto por si só deveras favorável à abordagem do tema genérico da viagem – outros factores do foro interior dos estudos humanísticos e, em particular, da investigação literária contribuíram para este crescente interesse pelo relato de viagens. Conforme constata Brenner (1990: 1), a súbita e, até hoje, contínua expansão desta área de estudo dever-se-á, principalmente, às diversas reorientações teóricas e metodológicas ocorridas dentro da própria Germanística:

Die Gründe für die ausufernde Entfaltung dieses Forschungsgebietes scheinen auf der Hand zu liegen: Es sieht so aus, als artikuliere sich darin (...) ein gewandeltes Selbstverständnis des Fachs, die Loslösung nämlich von einem orthodoxen, insgeheim oder offen von klassizistischen Wertvorstellungen inspirierten Literaturbegriff. Damit einher ging sowohl eine methodische wie materiale Neuorientierung der Germanistik.

[As razões para o ilimitado desenvolvimento desta área de investigação parecem ser evidentes: segundo parece, aí se articula a transformação de um auto-entendimento da disciplina, ou seja, a libertação de um conceito ortodoxo de literatura que, de um modo mais latente ou patente, se inspirara em valores e padrões mentais classicistas. Isso implicou uma reorientação tanto metodológica como material da germanística.]

É, pois, inquestionável que o gradual desprendimento de um conceito tradicional de literatura baseado em cânones «classicistas» e numa estética «purista» possibilitou uma (re)habilitação do relato de viagens como objecto dos estudos literários. De facto, a visão diacrónica traçada por Brenner permite-nos constatar que, depois de os anos 60 e 70 se terem genericamente caracterizado por uma certa «fúria poetológica» de delimitação, categorização, hierarquização e (des)canonização de um género literário longamente desprezado<sup>32</sup>, a partir da década de 1980 a investigação sobre a literatura de viagens se abre progressivamente às diversas «mudanças de paradigma» que desde então se têm sucedido no campo mais genérico das Ciências Sociais e Humanas. A «liberalização» interna da Germanística e sua conseqüente abertura ao relato de viagens a que Brenner se refere terá, assim, necessariamente de ser enquadrada “numa visão mais global e envolvente (...) da área em questão” (Clara, 2007: 24). Na verdade, essas mutações e reorientações teóricas e metodológicas dos estudos germanísticos não só se inserem num contexto internacional constituído pelas diversas filologias nacionais que, por sua vez, se iam progressivamente autoconcebendo como estudos *comparados* da(s) literatura(s), como resultam das mais diversificadas «viragens paradigmáticas» ocorridas no território alargado das Humanidades. Podendo aqui remeter, entre outros estudos, para o detalhado balanço metacrítico empreendido por Clara na sua disser-

<sup>32</sup> Vejam-se, exemplarmente, os estudos de Link (1963), Klátik (1969), Stewart (1978) e Strelka (1971 e 1985).

tação citada atrás e, assim, prescindir de uma exposição mais alongada das implicações dessas sucessivas «mudanças de paradigmas» para a investigação relacionada com a literatura de viagens, limitar-nos-emos a constatar sumariamente que, impulsionadas por e em áreas de investigação que *não* os estudos literários, os debates genericamente epistemológicos sobre as condicionantes contextuais da produção de conhecimento e sentido, ou seja, da *Construção Social da Realidade* (1999),<sup>33</sup> para aqui referir o eloquente e paradigmático título do estudo de Berger e Luckmann originalmente publicado em 1966, acabariam por «contaminar» ou, numa visão mais optimista, por «inseminar» as tradicionais linhas hermenêuticas da investigação literária. Face à verdadeira Primavera de «novos paradigmas» teóricos e metodológicos que foram sucessivamente cunhando o pensamento pós-estruturalista, nem a Germanística tradicional(ista) – cujas raízes como disciplina científica remontam (tal como todas as filologias europeias) a uma concepção nacionalista – conseguiria pois ficar imune.

A progressiva permeabilização das tradicionais fronteiras disciplinares reflectir-se-ia, evidentemente, também na investigação relacionado com a literatura de viagens e resultaria, em última instância, numa heterogeneidade particularmente acentuada desse domínio. De resto, esta peculiar disparidade de abordagens nesta área de pesquisa não surpreende, visto que advém não só da grande diversidade tipológica dos textos que se costumam sumariar sob o rótulo de «literatura de viagens» (romances, relatos, reportagens, monografias etnográficas e geográficas, guias turísticos, etc.), como da heterogeneidade intrínseca de um género literário que, desde sempre, se caracterizou pela sua “permeabilidade a outros géneros” (Neuber, 1991: 311), assim como por uma “abertura formal” a variadíssimos modos de expressão (Korte, 1996: 193). Nas narrativas de viagens – independentemente de se tratar de relatos sobre viagens reais ou périplos nunca empreendidos, mas cuja produção e recepção se rejam, *grosso modo*, pelas *convenções* «realistas» do género – é, pois, frequente misturarem-se estruturas de narração descritivas com elementos de índole reflexiva, diálogos com monólogos, discurso directo com discurso indirecto, assim como coexistirem, lado a lado no mesmo texto, fragmentos ensaísticos e

<sup>33</sup> É, no mínimo, curioso o facto de esta obra paradigmática ter sido publicada em Portugal, numa tradução de Ernesto de Carvalho, pela primeira vez mais de trinta anos após a sua publicação original. Este atraso reflectirá, provavelmente, a já referida resistência de determinadas abordagens da área genérica das ciências sociais e humanas às teorias de índole genericamente construtivista.

elementos mais impressionistas ou mesmo líricos. O facto de o relato de viagens constituir não propriamente “un genre sans loi” (Le Huenen, 1990: 14), mas um género “which is notoriously refractory to defintion” (Holland/Huggan, 2000: X), isto é, um espaço de fronteiras porosas potencialmente aberto aos mais diversos estilos de narração e a discursos de múltiplas proveniências disciplinares, condena, por si só e de antemão, qualquer tentativa de uma rígida categorização formal ao fracasso.

### 2.1.2 Aproximações «poetológicas»

Não obstante este evidente hibridismo formal e discursivo de um género literário que poderíamos denominar em si mesmo de duplamente «transfronteiriço», isto é, que não só se ocupa do tema da mobilidade, como é ele mesmo, enquanto território textual, extremamente móvel, na investigação sobre a literatura de viagens não rareiam ensaios que visa(ram) (em vão) elaborar definições tipológicas e classificações taxativas de contornos rígidos. Particularmente surpreendente é a insistência e o fervor com que mesmo alguns trabalhos mais recentes sobre este género intrinsecamente movediço continuam a discutir e a reproduzir a obsoleta dicotomia categorial «autenticidade» *versus* «poeticidade» ou «facto» *versus* «ficção»<sup>34</sup> postulada, por exemplo, por Manfred Link (1963), Zlatko Klátik (1969) ou Joseph Strelka (1971 e 1985).<sup>35</sup> Apesar de a estes trabalhos se ter de reconhecer o mérito de, no seu devido enquadramento histórico, terem contribuído para o «enaltecimento» e consequente inclusão no «sistema» das ciências literárias de um género que durante décadas fora marginalizado pelos estudos filológicos, face à complexidade da literatura de viagens, as premissas predominantemente estético-literárias em que essas abordagens se fundamentam são, porém, teórica e metodologicamente insustentáveis. Seguindo uma lógica binária pautada por uma hierarquia qualitativa de parâmetros alegadamente claros para se distinguir um “relato de viagens literário” de uma “descrição de viagem esteticamente irrelevante”, para se diferenciar um relato com “força literária” daquelas “formas pragmáticas

<sup>34</sup> A título de exemplo, vejam-se Scheitler (1999b) e Scholz (1992).

<sup>35</sup> O artigo de Strelka, carismaticamente intitulado de “Der literarische Reisebericht”, foi publicado duas vezes, sob o mesmo título e sem alterações significativas do seu conteúdo, a uma distância de catorze anos, datando a primeira versão de 1971 e a segunda de 1985.

linguística e artisticamente insuficientes” (Strelka, 1985: 169), esse tipo de abordagens orienta-se por uma escala diferencial em que, no fundo, só os textos produzidos por escritores-viajantes com obra previamente reconhecida pelo cânone literário se constituem sequer como objectos (dignos) de estudo. Contrariamente ao (quase) consenso actual sobre a fluidez extrema dos limites do que genericamente se denomina de «literatura de viagens», Strelka, por exemplo, é peremptório (e redundante) ao afirmar que seria “fácil desenhar as linhas de demarcação do relato de viagens literário” (*ibid.*), uma vez que “o critério de diferenciação é aquele da literariedade.” (*idem*: 175). Conforme se poderá verificar na seguinte afirmação extraída da primeira versão do artigo, o simplismo dicotómico de Strelka no que concerne à categorização e classificação da literatura de viagens, ao longo de década e meia, não terá sofrido evoluções significativas (Strelka, 1971: 63):

Der wesentliche Unterschied zwischen literarischem und nichtliterarischem Reisebericht liegt [...] vor allem in der persönlichen Haltung des Autors, in seiner künstlerischen Gestaltungskraft und in seiner Sprachkraft.

[A principal diferença entre o relato de viagens literário e o não literário reside (...) sobretudo na atitude pessoal do autor, no seu vigor artístico e sua força verbal.]

Se bem que a classificação do *Reisebericht als literarische Kunstform*, isto é, do “relato de viagens como forma artístico-literária”, estabelecida por Link na sua dissertação de 1963 e a “Poetik der Reisebeschreibung” (1969) da autoria de Klátik padeçam, em grande parte, conforme os próprios títulos indicam, do mesmo «purismo literário», de uma “estética idealista que não reflecte a sua própria historicidade” (Neuber, 1991: 20), estes dois estudos distinguem-se todavia do modelo binário e simplista proposto por Strelka pela tentativa de estabelecer tipologias bastante mais diferenciadas. Assim, a hierarquia tipológica elaborada por Link consiste numa partição da literatura de viagens em quatro categorias principais constituídas por: (1) guias e manuais de viagem exclusivamente destinados à preparação logística da viagem; (2) “textos de viagens científicos ou de divulgação” cujo “objectivo prático consiste na transmissão de informações” (Link, 1963: 7); (3) diários, relatos e descrições de viagens em que alegadamente se

denotem os traços subjectivistas dos autores e sinais de uma estruturação narrativa pautada por “princípios artísticos” (*ibid.*); e, por fim, (4) “contos e romances de viagem” cujo “motivo central” é constituído por “uma viagem real ou apenas imaginária” e cujas “estruturas e formas expressivas” são “determinadas pelas leis dos géneros do conto e do romance.” (*ibid.*) Além da problemática da extrema fluidez das pressupostas fronteiras entre as diferentes categorias, problemática que esta tipologia evidentemente não pode resolver de um modo convincente, o modelo proposto por Link vacila sobretudo devido ao seu postulado de esta escala se fundamentar numa ascendente “ficcionalização e integração épica.” (*idem*: 11) De acordo com a sua tipologia hierárquica, a qualidade estética de uma narrativa de viagem seria portanto directamente correlacional ao seu grau de «subjectividade» e «ficcionalidade». Esta premissa explicitamente estética e ingenuamente «genialista» subjaz também à “Poética do relato de viagens” de Klátik que, apesar de reconhecer a característica (convenção da) referencialidade externa destes textos como elemento constitutivo do género pretensamente “documental” constituído pela “descrição da viagem”, paradoxalmente, não deixa de os medir e avaliar pela sua qualidade estética, conforme revela na seguinte afirmação (Klátik, 1969: 129):

Der Hauptsinn eines dokumentarischen Werks, also auch der Reisebeschreibung, besteht aber nicht in dessen Authentizität, auch nicht im historischen, sondern hauptsächlich im ästhetischen Wert.

[O principal sentido de uma obra documental, e portanto também da descrição de viagem, não reside porém na sua autenticidade, nem tão-pouco no seu valor histórico, mas fundamentalmente no seu valor estético.]

Poder-se-á, assim, concluir que estes três exemplos de abordagens e perspetivações do complexo «literatura de viagens» obedecem genericamente a premissas teóricas e se servem de instrumentários analíticos provenientes de um modelo de interpretação esteticamente purista baseado, por um lado, numa concepção imanentista e autonomicista do texto literário e, por outro, numa perspectiva centrada sobre as alegadas qualidades e talentos do autor da narrativa de viagem, isto é, nas palavras de Strelka citadas atrás, a sua “atitude pessoal” e o seu “vigor artístico” e criativo. Mais do que apenas negligenciados, os múltiplos factores extra-literários



do género, como a historicidade social e as convenções culturais e discursivas em que este se inscreve e que, inquestionavelmente, o co-determinam, parecem encontrar-se numa espécie de ângulo morto desta perspetivação unidimensional e, por conseguinte, extremamente redutora da complexidade que envolve a literatura de viagens.

Esta concepção estritamente «poetológica» do relato de viagens iria sendo gradualmente posta em causa por uma série de estudos que dirigi-riam sua atenção sobretudo para os contextos socio-históricos da produção literária. No que concretamente diz respeito aos estudos sobre a literatura de viagens, a «rivalidade» entre dois tipos de abordagens aparentemente incompatíveis reflecte-se de forma paradigmática em dois trabalhos que defendem, cada um com o seu próprio objectivo e, por conseguinte, seguindo argumentações distintas, teorias e metodologias no fundo diametralmente opostas às citadas atrás. Trata-se, por um lado, da dissertação de Hans-Joachim Possin *Reisen und Literatur – Das Thema des Reisens in der englischen Literatur des 18. Jahrhunderts* [O tema da viagem na literatura inglesa do século XVIII], publicada em 1972, e, por outro, do estudo de William E. Stewart sobre a *Reisebeschreibung und ihre Theorie im Deutschland des 18. Jahrhunderts* (1978) [A descrição da viagem e sua teoria na Alemanha do século XVIII]. Enquanto o primeiro se opõe, numa espécie de fuga para a frente, radicalmente a qualquer tentativa de distinção entre «realidade» e «ficção» e rejeita uma concepção mimética de qualquer representação textual, consequentemente considerando qualquer relato de viagens, por princípio, “ein voll integriertes fiktionales Gebilde” (Possin, 1972: 5), ou seja, uma criação integralmente ficcional, Stewart, pelo contrário, elabora uma série de critérios distintivos e elementos constitutivos do relato de viagens que ele considera um género “factográfico” ou “factológico” determinado e regido por convenções *intra-* e *extratextuais*. Apesar da aparente oposição entre estas duas aproximações, ambas têm, porém, em comum o facto de romperem inequivocamente quer com as obsoletas premissas de uma estética de produção centrada na alegada genialidade de determinados escritores-viajantes quer com as ingénuas concepções de um representacionalismo simétrico ou mesmo «documentarista» que até então imperavam (e, por vezes, ainda hoje reaparecem) no campo da investigação relacionada com a literatura de viagens. A importância dos contributos inovadores dos estudos de Possin e Stewart consiste primordialmente no facto de se mostrarem capazes de ultrapassar a tradicional

dicotomia de «realidade» *versus* «ficção» e/ou «artístico» *versus* «utilitário» subjacentes aos modelos tipológicos propostos por Link, Klátik e Strelka. Ao transpor essa “gängige Opposition Kunstform-Zweckform, [die] in eine hermeneutische Sackgasse führt” (Ott, 1991: 56), ou seja, dissolvendo a tradicional oposição conceptual entre a poesia «artística» e a literatura de índole pragmática e utilitária, oposição essa que, segundo Ulrich Ott num estudo dedicado aos relatos de viagens sobre a América no século XX, conduz, do ponto de vista hermenêutico, irremediavelmente a um “beco sem saída” (*ibidem*), ambos fornecem, se considerados em conjunto, contributos importantes para uma perspetivação policêntrica da literatura de viagens.

A complementaridade destas duas abordagens<sup>36</sup> consiste, pois, fundamentalmente no facto de uma considerar, em primeiro lugar, a *referencialidade interna* do relato de viagens, isto é, o funcionamento *intraliterário*, enquanto que a outra, além de contemplar igualmente alguns mecanismos diegéticos a nível interno dos textos, que Stewart denomina de «autotélicos», perspectiva sobretudo a *referencialidade externa* do relato de viagens, isto é, suas funcionalidades epistemológicas a um nível quer social e pedagógico como político. Uma vez que Stewart desenvolve algumas ideias particularmente interessantes no que diz respeito à encenação textual de «autenticidade», tópico de incontornável importância na área de investigação relacionada com a literatura de viagens, ao seu estudo voltaremos num contexto diferente. Por agora, prossigamos com a inventariação de outras linhas genéricas de orientação neste domínio.

<sup>36</sup> A disparidade entre estas duas abordagens e recepções do género reflecte, no fundo, o processo de uma crescente diferenciação do relato de viagens durante o século XVIII. Enquanto Stewart se refere principalmente ao género “factográfico” como expressão do paradigma empirista do Iluminismo, Possin, cujo estudo, recorde-se, se ocupa da literatura de viagens inglesa, contempla também os modelos britânicos da «viagem sentimental» (Sterne) e das «viagens fantásticas» de Robinson Crusoe e Gulliver (Defoe, Swift) que, na segunda metade do século, iriam encontrar inúmeros epígonos nas diversas literaturas nacionais. Este complexo processo de diferenciação do género entre relatos de viagens de uma matriz primordialmente enciclopédica, ou seja, pretensamente objectiva, por um lado, e, por outro, a literatura de viagens como expressão de percepções subjectivas e/ou projectos pessoais de um mundo social e politicamente mais justos cuja representação exige o recurso a técnicas narrativas mais elaboradas conforme as utilizadas noutros géneros pressupostamente ficcionais (romance, conto, utopia), é, aliás, um dos factores que torna o século XVIII tão interessante à luz da investigação especificamente dedicada aos textos viáticos. Face à coexistência dessas duas conceptualizações quer numa mesma época histórica quer no próprio género que, talvez de modo mais intenso do que em qualquer outro género literário, se rege pela máxima horaciana de instruir e deleitar, qualquer abordagem incapaz de considerar essa intrínseca *multifuncionalidade* e *polivalência* da literatura de viagens estará inevitavelmente votada ao fracasso.

### 2.1.3 Imagologia Comparatista e Germanística Intercultural

A progressiva «internacionalização» e «liberalização» dos estudos literários germanísticos de acordo com o paradigma comparatista, por um lado, e, por outro, a inevitável permeabilização das suas tradicionais fronteiras a novos teoremas e metodologias oriundos de áreas disciplinares vizinhas, como a historiografia, a etnografia ou a sociologia, permitiriam, mais ou menos desde meados da década de 1970, perspectivar os objectos de estudo sob novos ângulos, ângulos esses que já não se limitariam a focalizar, de um modo esteticamente elitista e purista, apenas os relatos de viagens produzidos por escritores pertencentes ao cânone literário. Ia assim emergindo uma subárea de investigação que abordaria a literatura de viagens não tanto como fruto das qualidades artísticas ou mesmo da pressuposta «genialidade» de determinados autores, mas sobretudo como *meio* de produção, transporte e recepção de «imagens» e «miragens» de outras culturas. Não obstante o facto de estas novas correntes comparatistas, que, no caso do espaço da investigação em língua alemã, se aglomeraram em torno de dois núcleos disciplinares, nomeadamente a *Komparatistische Imagologie* e a *Interkulturelle Germanistik*, assentarem, conforme verificaremos mais à frente, em premissas teóricas parcialmente discutíveis, certo é que constituíram contributos muito importantes para a implementação e solidificação do relato de viagem como objecto dos estudos germanísticos. As inúmeras publicações académicas relacionadas (não só) com a literatura de viagens que comportam já nos próprios títulos os conceitos e/ou lexemas «(hetero-)imagem» e/ou «intercultural» são, pois, um indício claro da vasta aceitação e longevidade do programa «transnacional» subjacente a estas duas linhas de orientação. Conforme afirma Thomas Bleicher na introdução a um número dos *Komparatistische Hefte* especificamente dedicado à literatura de viagens, as abordagens imagológicas e/ou interculturalistas concedem à “literarische Reise als extreme(s) Paradigma der Kulturüberschreitung” (Bleicher, 1981: 10), evidentemente, um lugar central. Esta concepção da representação literária da viagem como paradigma por excelência do fenómeno “transcultural” não só pressupõe, ainda de acordo com Bleicher, uma “Entgrenzung [des] Literaturbegriffs” (*ibid.*: 8), isto é, uma abertura e transposição do conceito tradicional de literatura, como permite contemplar o relato de viagens na sua característica e constitutiva *dupla* dimensão de fenómeno, simul-

taneamente, estético e cognitivo: “(...) é sobretudo a correlação destas duas perspectivas do estético e do cognitivo que sustenta o conceito de «literatura de viagens»” (*ibid.*: 9). O entendimento da literatura de viagens como uma complexa constelação inter-relacional de múltiplas dimensões e funcionalidades, perspectiva que exigiria necessariamente um abordagem *interdisciplinar*,<sup>37</sup> constituiu, inquestionavelmente, um passo muito significativo no sentido de se ultrapassar as conceptualizações estritamente poetológicas e hierarquizantes que, conforme já pudemos constatar, nas décadas de 60 e 70 tinham dominado esta então emergente área de investigação em torno da literatura de viagens. No entanto, do ponto de vista de sua legitimação como domínio científico, as novas perspectivas comparatistas do fenómeno da literatura de viagens pecariam, se assim se pode dizer, pela sua dimensão exagerada e assumidamente política.<sup>38</sup> Os próprios títulos de diversos estudos nesta área não deixam, pois, qualquer dúvida quanto à centralidade e significância da dimensão política na concepção da *Imagologia Comparatista* e da *Germanística Intercultural*. A título de exemplo, poder-se-á citar o ensaio programático da autoria de Manfred S. Fischer (1983), paradigmaticamente intitulado de “Literarische Seinsweise und politische Funktion nationenbezogener Images – Ein Beitrag zur Theorie der komparatistischen Imagologie” [Característica literária e função política de imagens nacionais – Um contributo para a teoria da imagologia comparatista], ou o artigo de Hugo Dyserinck (1988), o investigador mais representativo da influente corrente comparatista da chamada *Aachener Schule*, com o título inequívoco “Komparatistische Imagologie – Zur politischen Tragweite einer europäischen Wissenschaft von der Literatur” [Imagologia comparatista – Sobre o alcance político de uma ciência europeia da literatura]. Afirmações tão peremptórias como as do género: “qualquer contributo para a imagologia é – voluntária ou involuntariamente – também um contributo político” (Dyserinck, 1988: 17) constituem uma espécie de moeda corrente no discurso de (auto-)

<sup>37</sup> Sobre o apelo à interdisciplinaridade no âmbito dos estudos imagológicos, veja-se, exemplarmente, o artigo de Fischer (1979), com o título emblemático: “Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung nationalimagotyper Systeme” [Imagologia comparatista. Para uma investigação interdisciplinar de sistemas de imagologias nacionais], publicado – não por acaso – num órgão nem germanístico nem das ciências literárias, nomeadamente numa revista do domínio da Psicologia Social, a *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, Bd. 10, Heft 1, Bern/Stuttgart/Wien, pp. 30-44.

<sup>38</sup> Para uma crítica deste programa manifestamente político subjacente a grande parte dos estudos imagológicos, veja-se, exemplarmente, Ott (1991).

legitimação deste domínio de investigação. Autodefinindo-se como um “Instrument der Völkerverständigung” (Ott, 1991: 41), isto é, como um instrumento colocado ao serviço do ideal pacifista, este campo de pesquisa reivindica para si assumir uma “Funktion der Entideologisierung (...), die Entlarvung der Images als Mirages” (Bleicher, 1981: 7). Ora, este auto-entendimento instrumental como meio de “desideologização” e modo de “desmascarar as [hetero-]imagens como miragens”, para assim se corrigirem preconceitos nacionalistas, além de pôr evidentemente em causa a autonomia constitutiva de qualquer área que advogue para si um estatuto de cientificidade, parte de premissas teóricas que (já nos anos 80) podem ser consideradas obsoletas. A assunção ontológica por parte da *Komparatistische Imagologie* da existência de uma relação antinómica e dicotómica entre a «realidade» objectiva, por um lado, e a «ficção» ideologicamente determinada, por outro, pressupõe, pois, uma noção estática e superficial, por assim dizer, uma imagem a preto-e-branco do complexo processo intersistémico em que, para que «realidade» possa sequer emergir e ser, respectivamente, percebida, intervêm factores de ordem muito diversa, nomeadamente neurobiológicos, cognitivos, sociais e, num sentido lato, culturais.<sup>39</sup>

Semelhantes debilidades teóricas e metodológicas também poderiam ser apontadas à *Interkulturelle Germanistik*. Devido à sua autoconcepção predominantemente didáctica e pedagógica, assim como ao seu interesse dedicado ao fenómeno da «interculturalidade», isto é, à complexa inter-relação das «categorias» (pretensamente) ontológicas do «próprio» e do «outro», de «identidade» e «alteridade», esta linha de orientação encontraria, desde meados da década de 1980, sobretudo no domínio académico de ensino/aprendizagem da língua e cultura alemãs um terreno fértil para se implementar como um modelo – apesar de teoricamente frágil – seguido e reproduzido em inúmeros projectos de investigação no domínio da Germanística. A natureza dos seus estudos em torno de núcleos temáticos como os «estereótipos nacionais» e a «tolerância intercultural» propiciam, evidentemente, que o género textual do relato de viagens não seja apenas concebido, tal como por parte da Imagologia Comparativa, enquanto “género genuíno da construção literária de imagens de outras

<sup>39</sup> Para uma crítica do método imagológico no que diz especificamente respeito à abordagem do género do relato de viagens, vejam-se, por exemplo, Ott (1991: 32-49), Brenner (1995), Clara (2002: 50ss) e Opitz (1995: 250ss; 2003: 88).

culturas” (Albrecht/Wierlacher, 1996: 249), como se confere à sua análise hermenêutica a função programática de contribuir para um «verdadeiro» conhecimento do outro e, assim, fomentar o entendimento entre as diferentes culturas. Por mais bem-intencionada que seja, esta perspectivização voluntarista da literatura de viagens, ao centrar-se primordialmente nas suas funções políticas, nomeadamente no seu pressuposto papel pacificador e harmonizador, não só secundariza e desfoca as características constitutivas do género em si, como “significa ignorar deliberadamente os resultados e as próprias dúvidas epistemológicas da historiografia moderna” que, em última instância, levariam ao “abandono recente do positivismo ontologizante” (Opitz, 1996: 180s) que implicitamente subjaz às premissas teóricas quer da *Imagologia Comparatista* quer da *Germanística Intercultural*. Estas dúvidas que, pelo menos desde há duas décadas, têm sistematicamente invadido a reflexão teórica e metodológica das Ciências Sociais e Humanas assim como a consequente renúncia a «certezas ontológicas» e «verdades universalistas», apesar das muitas críticas à notória fragilidade teórica do idealismo hermenêutico que sustenta o programa «xenológico» da Germanística Intercultural,<sup>40</sup> não parecem ter abalado, nem sequer minimamente, as premissas e o rumo genérico desta linha de investigação. A sua autoconceitualização funcionalista e instrumentalista como uma “ciência aplicada” ao serviço do conhecimento e entendimento interculturais continua, pois, patente mesmo nas suas publicações mais recentes. Exemplo paradigmático dessa insistência numa falaciosa harmonia entre as diferentes esferas culturais num mundo pretensamente global(izado), harmonia essa que seria supostamente influenciável pelos estudos (inter)culturais, é constituído pela seguinte afirmação de Wierlacher e Albrecht, duas figuras de proa no que diz respeito à fundamentação teórica da *Interkulturelle Germanistik*. Tratando-se de um trabalho de carácter expositivo e (auto)legitimador das teorias, métodos e objectivos pelas quais se rege essa área de estudos, este artigo integra um volume recente de cariz antológico dedicado aos

<sup>40</sup> De acordo com as diferentes críticas que têm sido dirigidas à *Interkulturelle Germanistik*, esta sua fragilidade teórica verificar-se-á a níveis diversos. Enquanto Bachmann-Medick (1996), por exemplo, denuncia a fragilidade quanto à teorização das noções de «cultura» e de «interculturalidade» por parte de um domínio de investigação que precisamente se autodenomina de intercultural(ista), outros críticos, como Opitz (1995; 1996) e Ribeiro (1996), apontam o seu arsenal sobretudo ao latente eurocentrismo do programa da Germanística Intercultural. A sua “permeabilidade ideológica e política visivelmente detectável nos objectos programáticos” (Clara, 2002: 56) é outro dos alvos apontados, entre outros, por Brenner (1989; 1995) e Clara (1996; 2002).

mais diversos modelos conceptuais que coexistem no campo, em si muito heterogéneo, das ciências culturais (*Kulturwissenschaften*) no espaço de língua alemã (Wierlacher/Albrecht, 2003: 282).

Leitziel ist, bei der Bewältigung täglicher Aktualität des Umgangs mit Anderem und Fremdem begründet kategorische Hilfe leisten zu können. Dementsprechend wird kulturwissenschaftliche Fremdheitsforschung als angewandte Wissenschaft verstanden (...). Als solche Wissenschaft dient Xenologie der Verbesserung sowohl des Verstehens als auch der Verständigung zwischen den Kulturen (...).

[O principal objectivo (da Germanística Intercultural) consiste em fornecer um apoio categórico e bem fundamentado aos modos diariamente actuais de se lidar com o outro e o estranho. Por conseguinte, nas ciências culturais a investigação sobre a alteridade entende-se como ciência aplicada. (...) Enquanto ciência, a xenologia está ao serviço do melhoramento quer da compreensão quer do entendimento entre culturas.]

Para resumir o papel destas duas correntes da Imagologia Comparatista e da Germanística Intercultural no que diz concretamente respeito à investigação relacionada com a literatura de viagens, pode-se afirmar que, não obstante o facto de as suas programáticas assentarem, por um lado, numa concepção ontológica de «realidade» que não se adequa à extrema complexidade do processo da percepção e representação de «mundo» e, por outro, evidenciarem um auto-entendimento disciplinar instrumentalista que transcende os limites do território operativo das *ciências* literárias e culturais, estas duas linhas de orientação têm, no entanto, o mérito de transpor uma abordagem imanentista, ou seja, puramente poetológica e autonomicista, do discurso literário sobre a viagem. Ao encarar o relato de viagens como um produto indissociável de determinados contextos extraliterários que condicionam os seus modos e formas de (re)produção de «realidades» estrangeiras, deu-se assim um passo importante no sentido de uma aproximação metodológica que conceba este género literário como um espaço de confluência de diversos factores cuja análise requer, por conseguinte, mais do que um processamento ahistórico baseado em premissas apenas estético-literárias.

#### 2.1.4 Concepções socio-históricas

A assunção do papel determinante dos contextos históricos, políticos, sociais e culturais para a produção e recepção literárias iria, sobretudo desde finais dos anos 1970, constituir o fundamento de uma outra linha de orientação que se revelaria particularmente profícua para a investigação sobre o relato de viagens. Olhando às características (supostamente) documentais do género, esta nova concepção da história literária, que no âmbito da filologia alemã se implementou como um modelo bastante consistente sob o rótulo de *Sozialgeschichte der Literatur*,<sup>41</sup> encontraria na literatura de viagens um objecto de estudo de maior pertinência para a sua própria legitimação e fundamentação como uma perspectiva, no fundo, empirista ou, se quisermos, «materialista» do fenómeno literário. Esta «descoberta», por parte [das ciências literárias], da materialidade das ficções que [a Literatura] cria, i.e., do seu carácter documental e valor epistemológico” (Clara, 2007: 39), não só permitiria, como obrigaria a uma abordagem das representações literárias da viagem nas suas funções expressamente sociais e políticas. É perante este cenário e fundamento teorico-metodológico que Wolfgang Griep, a quem se deve um grande impulso na investigação sobre este género textual, pôde assinalar, num artigo compacto que integra o volume da *Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur* dedicado ao período que vai desde o Iluminismo à Revolução Francesa (1680-1789), a entrada definitiva e respectiva consolidação do relato de viagens no cânone dos objectos de estudo das ciências literárias. Debruçando-se sobre o significativo surto de publicações de relatos de viagens nas últimas décadas do século XVIII, Griep (1984: 739) constata:

(...) zwischen 1770 und 1800 (...) verfünffacht sich die Zahl der veröffentlichten Reisewerke. (...) Dennoch ist die Reiseliteratur in der traditionellen Literaturgeschichtsschreibung, soweit sie überhaupt behandelt wird, häufig als >minderwertig< und >niveaulos< qualifiziert.

[(...) entre 1770 e 1800 (...) quintuplicou o número das obras de viagem publicadas. (...) Ainda assim, na história tradicional da literatura as narrativas

<sup>41</sup> Sobre a génese e o respectivo conjunto das condições do surgimento da História Social da Literatura no espaço de língua alemã veja-se Rusch (1985).



de viagens são muitas vezes qualificadas, isto, se forem sequer levadas em consideração, como sendo de «valor menor» ou carecendo de «nível».]

Denunciando a discrepância notória entre as avaliações tradicionais da literatura de viagens, avaliações essas pautadas por “medidas clássicas” que menosprezam grande parte dos relatos publicados na época, e a própria estética iluminista que, pelo contrário, não visava “o valor artístico imamente da obra de arte”, Griep considera essa primeira espécie de abordagem tão inadequada ao género quanto as perspectivas classificadoras de índole “formalista e tipológica” que tentam distinguir entre “relatos factuais e fictícios” (*ibid.*). Ao focalizar e reflectir de forma intensa a “função social da literatura de viagens” (*idem*: 919), esta linha de investigação faz, em suma, realçar as *múltiplas* dimensões, sobretudo as extra-literárias, deste género textual, assegurando assim a flexibilidade metodológica indispensável à abordagem analítica de um objecto de estudo que é em si mesmo multifacetado e que, por conseguinte, resiste a qualquer tentativa de um tratamento de índole meramente literária.

Numa fase inicial, esta aproximação primordialmente socio-histórica do fenómeno literário iria centrar as suas atenções sobretudo no surto quantitativo e qualitativo de relatos de viagens publicados na segunda metade do «Século das Luzes», para depois se ir debruçando progressivamente também sobre a produção e recepção do género no século XIX. A incidência das investigações sobre a importância crescente da viagem e, respectivamente, das suas representações textuais no período do Iluminismo, da Revolução Francesa e das primeiras décadas do século XIX, isto é, a época do clima restauracionista do *Biedermeier* e, posteriormente, dos tempos subversivos do *Vormärz* que na Alemanha antecedeu a revolução (falhada) de 1848, resultaria não só numa inventariação sistemática e muito pormenorizada do vastíssimo *corpus* de literatura de viagens produzido nessa(s) época(s),<sup>42</sup> como proporcionou uma profunda e diferenciada reflexão sobre as mais diversas dimensões dos complexos contextos sociais, políticos e culturais

<sup>42</sup> A catalogação bibliográfica de todos os tipos imagináveis de relatos de viagens produzidos entre meados do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX empreendida pela equipa de investigadores em torno de Wolfgang Griep, projecto iniciado na Universidade de Bremen e depois continuado na *Eutiner Landesbibliothek*, merece neste contexto um destaque especial. Deste minucioso trabalho de levantamento bibliográfico ao longo de mais de uma década resultaram duas publicações de referência incontornável e da maior utilidade para quem se move no vastíssimo terreno da produção de literatura de viagens nessa época, designadamente os volumes Griep (Hg., 1990) e Griep/Pelz (Hg., 1995).

em que se inscrevem a produção e recepção das multifacetadas representações da viagem.<sup>43</sup>

A investigação particularmente minuciosa sobre a literatura de viagens produzida no século XVIII permite-nos assim observar como este género reflecte, aos mais diversos níveis, as profundas transformações ocorridas durante a «era das Luzes». Numa perspectiva algo esquemática deste complexo fenómeno, poder-se-á resumir que o crescimento exponencial da prática e representação textual da viagem nesse período constitui, *grosso modo*, o reflexo do irromper da Modernidade, isto é, a ascensão da burguesia e consequente implementação do seu quadro de valores económico-sociais, políticos e culturais. Além do paradigma racionalista e empirista que, desde finais do século XV, se fora gradualmente sobrepondo à tradicional mundividência teocêntrica e metafísica e que, por conseguinte, transformara o relato de viagens místico-fantástico renascentista e barroco progressivamente num género enciclopedista e instrutivo marcado pela acumulação e registo de «factos objectivos», a nova ética e estética burguesa iria imprimir à literatura de viagens um forte cunho política e socialmente criticista. À prática da viagem, que simbolizava uma maior autonomia e mobilidade social e política, e sua respectiva representação textual eram assim atribuídas novas funções. Por via da comparação com sociedades estrangeiras mais liberais e imbuídas de um espírito mais democrático, nomeadamente a França e a Inglaterra, as descrições de viagens a esses países deveriam sobretudo denunciar a situação anacrónica de uma Alemanha então ainda profundamente absolutista. Na medida em que, durante a segunda metade do século XVIII, se assistiria a uma crescente politização da opinião pública, politização essa directamente relacionada com a consolidação de uma rede de informação assente na imprensa burguesa, também o relato de viagens se assumiria cada vez mais como arma política (Griep, 1980: 746ss):

Reisebeschreibungen sind (...) während des gesamten 18. Jahrhunderts wesentlicher Bestandteil eines Nachrichtennetzes, das die Ebene der staatlichen Verlautbarungen, das >Intelligenzwesen< unterläuft. (...) Publizität wird zur politischen Waffe. (...) In dem Maße, wie sich die Schriftsteller der

<sup>43</sup> Vejam-se, entre muitas outras publicações especificamente dedicadas à literatura de viagens do século XVIII e início do século XIX, Stewart (1978), Wuthenow (1980), Panzer (1983), Griep/Jäger (Hg., 1983, 1986), Griep (1984, 1991), Opitz (1983, 1990), Krasnobaev/Robel/Zeman (Hg., 1987), Hentschel (1999), Clara (2002).



ficaria para a posteridade como o «pai» dos *Reisebilder*, um género “híbrido de poesia e jornalismo” (Preisendanz, 1968: 345), que constituiria uma espécie de arquétipo da moderna reportagem de viagem literária.<sup>46</sup> Visto que estes dois marcos da história da literatura de viagens em língua alemã iriam servir a toda uma série de livros de viagens publicados na RDA como «pré-textos», isto é, como fonte de inspiração e modelos (inter)textuais, a eles voltaremos no decorrer do presente estudo. Esta mesma peculiaridade de configurar um modelo duradouro do género para os tempos subsequentes aplica-se evidentemente, também, à *Viagem a Itália* de Goethe que, de acordo com o prefácio de João Barrento (2001: XXIII) à sua tradução para o português, “estaria destinada a assumir, durante mais de um século, o lugar paradigmático de guia para escritores e artistas – e foram muitos – que se dirigiam para Sul.” Contrastando quer com o modelo enciclopedista do relato de viagens «factológico» do Iluminismo quer com a literatura de viagens fortemente politizada de um Seume ou Heine, a *Italienische Reise* de Goethe, que fora publicada na sua íntegra a uma distância de mais de três décadas da viagem propriamente dita, representa na historiografia (estilizada) da literatura (de viagens) alemã o paradigma por excelência da viagem classicista de cunho artístico-cultural (*Bildungs- und Künstlerreise*). No entanto, conforme constata Brenner no capítulo do seu estudo sobre “O relato de viagens na época do classicismo alemão”, a “canonização” da *Viagem a Itália* goethiana, tanto junto do grande público como no domínio científico dos estudos germanísticos, apesar de ter inquestionavelmente contribuído para o enaltecimento do género transformando-o, assim, num objecto de estudo cientificamente legitimado pela investigação filológica, terá sido em suma mais maléfica do que benéfica à investigação específica sobre a literatura de viagens (Brenner, 1990: 278). De facto, as análises e interpretações deste artefacto literário magistralmente orquestrado por Goethe são na sua grande maioria de índole genialista, transcendentalista, psicologizante e/ou ingenuamente representacionista, assim se negligenciando – ou mesmo eclipsando – o contexto histórico-cultural, isto é, as estruturas, convenções e esquemas de percepção e representação em que se inscrevem e que co-determinam de forma indelével a produção e recepção dos discursos sobre a viagem.<sup>47</sup>

<sup>46</sup> Para uma visão geral da abundante investigação especificamente relacionada com os escritos de viagem de Heine, veja-se Brenner (1990: 361-423) e Wülfing (1989).

<sup>47</sup> Para uma crítica da estilização da *Viagem a Itália* pela Germanística e do culto em torno de Goethe que, durante os séculos XIX e XX, terão impedido uma análise mais diferenciada desta

Voltando ao nosso inventário metacrítico da investigação relacionada com a literatura de viagens, nomeadamente à abordagem de cunho socio-cultural, há ainda a constatar, no que em concreto diz respeito à viragem do século XVIII para o século XIX, uma série de transformações exteriores ao sistema literário que não deixariam de influenciar profundamente a produção do género literário em si. Dito de uma forma sumária e algo esquemática, essas alterações consistem, por um lado, numa crescente fragmentarização da visão universalista dos humanistas da era moderna e na consequente diferenciação do(s) saber(es) em disciplinas mais especializadas e, por outro, numa série de inovações tecnológicas que iriam condicionar quer os modos da prática da viagem quer os respectivos esquemas de percepção e representação.

Praticamente ao longo de todo o século XIX, assiste-se ao «nascimento» e consolidação de toda uma panóplia de disciplinas científicas, como a historiografia, a antropologia, etnologia, geografia e a(s) filologia(s) (já para não mencionar as diversas Ciências Naturais), que imprimiriam ao género intrinsecamente híbrido do relato de viagens as suas marcas distintivas de acordo com os respectivos interesses, convenções e funções disciplinares. Desta especialização dos saberes resultaria uma sub-diferenciação do género, por um lado, em «relatos de viagem científicos» de cunho supostamente «objectivo» e empirista, dando-se assim conta das inúmeras «viagens de exploração» (*Forschungsreisen*) tão características do século do colonialismo,<sup>48</sup> e, por outro, em relatos de viagens «poéticos». Se bem que, pelas mais diversas razões já aqui referidas, esta suposta delimitação e categorização seja, na prática da escrita, constantemente subvertida<sup>49</sup>, pode, no entanto, concordar-se genericamente com a assunção consensual na investigação sobre a literatura de viagens de que, desde finais do século XVIII, se assiste – pelo menos *tendencialmente* – a uma diferenciação do género no sentido de uma «cientificação», por um lado, e uma «poetiza-

---

obra paradigmática da história da literatura de viagens em língua alemã, veja-se, por exemplo, Brenner (1990: 276ss) e Opitz (1997: 86ss).

<sup>48</sup> Para uma visão sucinta do paradigma da *Forschungsreise*, veja-se, por exemplo, Fisch (1989) e Brenner (1990: 443-490).

<sup>49</sup> Os exemplos provavelmente mais paradigmáticos da impossibilidade de uma distinção dicotómica entre «relato de viagem científico» e «relato de viagem literário» são constituídos pela vasta obra de escritos de viagem dos famosos cientistas e viajantes alemães Georg Forster e Alexander von Humboldt. A este respeito, veja-se, respectivamente, Sanches (1994) e Ette (2001: 193-226).

ção» ou «literarização», por outro. Para além da influência da crescente sub-diferenciação do sistema das ciências, esta “Texsorten-Dialektik (...) des Reiseberichts im späten 18. Jahrhundert” (Meier, 1999), ou seja, a bifurcação dialéctica do género em finais do século XVIII, deve-se, de modo significativo, também ao intenso surto de alfabetização e respectiva generalização da leitura que, desde meados do «Século das Luzes», iria fazer emergir, não só uma opinião pública letrada e informada por via da imprensa, como um mercado livreiro regido, entre outros aspectos, pelos gostos e expectativas dos leitores que procuravam no relato de viagens já não apenas um meio de transmissão de factos enciclopédicos, mas sobretudo, um pouco à semelhança do que esperavam do romance, uma forma de entretenimento e identificação com os novos valores «sentimentalistas» e «subjectivistas» da burguesia (*bürgerliche Empfindsamkeit*). É neste contexto que o paradigma da «viagem sentimental» à *la Sterne*,<sup>50</sup> ou seja, a tendência para uma acentuada «subjectivização» e «literarização» da experiência e representação viáticas, se transforma, paralelamente à institucionalização do relato (de viagem) científico, numa convenção narrativa poeticamente mais elaborada que doravante se solidificaria como uma alternativa quer à visão enciclopedista e factológica quer às fantasiosas utopias que durante os séculos anteriores tinham cunhado a produção da literatura de viagens. Visto que Rainer Baasner explica esta evolução de um modo particularmente certo e conciso, valerá a pena transcrever aqui uma passagem um pouco mais longa do seu artigo especificamente dedicado ao processo de diferenciação da literatura de viagens em diversos subgéneros entre 1750 e 1800 (Baasner, 1999: 252s):

Der ganze literarische Markt ist [zu dieser Zeit] in einem Wandel begriffen – statt allein von Gelehrten wird neuerdings Literatur auch von einem größeren Publikum gelesen. Und dieses erwartet von Reiseliteratur nicht »trockene« Wissensvermittlung, sondern eine Erzählung anderer Art, die unter anderem auch ästhetischen Genuß bieten soll. Das gesellschaftliche System hält somit nun für die »wirklichen Reisebeschreibungen« zwei verschiedene Anforderungsprofile bereit: einerseits eines, das auf ästhetische Unterhaltung ausgerichtet ist, andererseits eines, das auf Wissensvermittlung zielt. Die traditionelle Gattung der Reiseliteratur erfährt eine Binnendifferenzierung. (...)

<sup>50</sup> Para uma visão sucinta do «paradigma» da *Sentimental Journey* e seus epígonos na literatura alemã, veja-se Sauder (1999).

Die Ausdifferenzierung eines ästhetisch-literarischen und eines wissenschaftlichen Systems aus dem umfassenden (Groß-)System der Gelehrsamkeit entspringt jedoch nicht allein einem Geschmacksgegensatz zwischen dem neuen literarischen Publikum und den Akademikern. Die Abtrennung der beiden Teilsysteme von der Gelehrsamkeit antwortet generell auf veränderte, differenzierte Anforderungen der sozialen Umwelt, deren Befriedigung nur solch eigens dafür spezialisierte und strukturierte Teilsysteme leisten können.

[Todo o mercado literário se encontra [nessa altura] em transformação – em vez de ser lida apenas por sábios, a literatura passa também a ser lida por um público maior. E este espera da literatura de viagens não apenas a transmissão «seca» de saberes, mas uma narrativa de outra espécie que deverá proporcionar, entre outros, a fruição estética. O sistema social passa assim a dispor de dois perfis de expectativas distintos em relação às «descrições verdadeiras de viagens»: por um lado, aquele que espera o entretenimento estético, e, por outro, aquele que visa a transmissão de saberes. O género tradicional da literatura de viagens sofre assim uma diferenciação interna.

A subdiferenciação em sistema estético-literário e noutro de cunho científico no seio do (macro) sistema da erudição não advém, porém, apenas de uma oposição de gostos entre o novo público literário e os académicos. A separação de ambos os subsistemas da erudição constitui uma resposta geral às exigências diferenciadas do meio social cuja satisfação só pode ser garantida por subsistemas próprios, especificamente estruturados para tal.]

Esta explicação sistémica e funcionalista da evolução diferencial dos sistemas social, científico e literário e suas respectivas implicações para o género da literatura de viagens ganhará ainda mais consistência e plausibilidade se considerarmos, complementarmente, um outro factor de uma dimensão explicitamente «material». Referimo-nos, como é evidente, à evolução tecnológica quer no domínio das infra-estruturas dos transportes e comunicação quer na área dos suportes materiais de representação (*media*), como a fotografia e, posteriormente, os meios audiovisuais. A progressiva implementação de uma densa rede de transportes terrestres e marítimos que, desde o século XVIII, possibilitaria o desenvolvimento de um sistema de correio e de carreiras regulares de diligência, implementa-

ção essa complementada, no século seguinte, pelos caminhos-de-ferro<sup>51</sup> e paquetes a vapor, implicaria profundíssimas transformações tanto no que concerne à prática da viagem como, conseqüentemente, aos respectivos esquemas de percepção e formas de representação do «mundo».<sup>52</sup> Com esta «estandardização» da viagem, isto é, uma melhor acessibilidade a geografias (mais ou menos) distantes – processo gradual que, com o desenvolvimento das infra-estruturas dos transportes e turísticas ao longo dos séculos XIX e XX, conduziria mesmo a uma «banalização» ou, numa visão mais optimista, a uma «democratização» da viagem –, o relato de viagens adquire necessariamente funções diferentes das que lhe tinham sido reservadas nos tempos sedentários de uma Alemanha feudalista em que a mobilidade voluntária constituía um privilégio da nobreza (*Grand Tour* ou *Kavalierstour*) e da burguesia culta (*Bildungsbürgertum*).<sup>53</sup> Uma vez que, no âmbito de um estudo dedicado à (representação da) viagem na segunda metade do século XX, nos ocuparemos, *imperativamente* e de forma mais detalhada, das profundas implicações do complexo fenómeno do turismo para a prática sociocultural da viagem, assim como das suas diferentes formas de media(tiza)ção (textual e pictural), concentremo-nos, por agora, nas conseqüências imediatas das transformações ocorridas ao longo das primeiras décadas do século XIX. Em suma, poder-se-á assim constatar que o complexo processo de diferenciação social, literária e cultural e a conseqüente «desmonopolização» da literatura de viagens enquanto meio transmissor de informações sobre realidades inacessíveis à esmagadora maioria da população, resultariam, em última instância, numa fragmentarização deste género tradicionalmente «indiferenciado» em diversos subgéneros dirigidos a públicos distintos, com objectivos mais específicos e, conseqüentemente, desempenhando funções mais diferenciadas. Com a progressiva solidificação de uma opinião pública (in)formada pelo sistema da imprensa, por um lado, e o rápido desenvolvimento das infra-estruturas turísticas, por outro, assiste-se, desde finais do século XVIII,

<sup>51</sup> A respeito das profundas alterações dos esquemas de percepção das coordenadas do tempo e espaço provocadas pela “revolução dos transportes” ocorrida no século XIX, veja-se o estudo emblemático de Schivelbusch (1977) sobre a viagem de comboio.

<sup>52</sup> Para uma visão genérica da “história cultural da aceleração” e suas implicações para a mobilidade turística veja-se o recente estudo de Borscheid (2004).

<sup>53</sup> Entre os inúmeros estudos académicos sobre a *Grand Tour* convém pelo menos destacar a obra paradigmática de Brill (2001).



*grosso modo*, a uma quadripartição do género. Além do relato de viagens de índole científica dirigido a públicos mais interessados e especializados em domínios como a história, a etnografia, a geografia ou a botânica de «realidades» estrangeiras, e dos textos de viagem mais «poetizados» da autoria de reputados novelistas e romancistas, há ainda a constatar a emergência de dois novos subgéneros, nomeadamente a reportagem de viagem (*Reisefeuilleton*), que passaria a ter uma presença quase que obrigatória em qualquer jornal e/ou revista de renome, e o manual ou guia de viagem do tipo Baedeker<sup>54</sup> com o objectivo explicitamente prático e pragmático de aconselhar e orientar o crescente número de viajantes durante os seus périplos de lazer. Se bem que, conforme aqui já foi por diversas vezes reiterado, as fronteiras entre estes diferentes tipos de textos viáticos sejam evidentemente tudo menos estanques, numa perspectiva heurística, poder-se-á considerar que a media(tiza)ção da viagem é submetida, durante todo o século XIX, a um complexo processo de diferenciação que se desdobra em quatro vertentes, nomeadamente a «cientificação», a «estetização» (ou «poetização»), a «media(tiza)ção» jornalística e a «pragmatização» do género. Esta diferenciação quadrifurcada consubstancia-se respectivamente – pelo menos, numa visão esquemática – em quatro «géneros» distintos de textos: o relato de viagens científico, a narrativa de viagem literária, a reportagem de viagem e o guia de viagem. Destes processos de diferenciação, a que no século seguinte se teriam ainda de acrescentar os fenómenos da «áudio-visualização» e «hipermediatização» das experiências de viagem, resultaria, de acordo com Brenner, uma “exoneração funcional” ou instrumental do relato de viagens que, uma vez liberto da tarefa de fornecer “informação factográfica”, se pode dedicar cada vez mais à construção textual do espaço subjectivo do viajante, adquirir uma dimensão mais «poética» e, por conseguinte, afirmar-se definitivamente como género próprio no sistema literário (Brenner, 1990: 275):

Der Funktionsverlust, der mit dem Beginn des 19. Jahrhunderts einsetzte, bedeutete zugleich eine Funktionsentlastung. Der Reisebericht wird weitgehend der Aufgabe enthoben, faktographische Mitteilung zu sein; er kann die formalen Beschränkungen aufgeben, die ihm diese Gebrauchsfunktion

<sup>54</sup> Para uma visão sumária dos poucos trabalhos de investigação que, no âmbito dos estudos germanísticos, se têm dedicado às condições de produção e recepção dos paradigmáticos guias de viagem Baedeker, veja-se Brenner (1990: 584 ss).

auferlegt hatte. Der Reisebericht wird immer stärker zu einer Gattung, die sich der Subjektivität des Reisenden öffnet und sich deshalb jener literarischen Formen bedienen kann, welche sich in der fiktionalen Literatur herausgebildet hatten. Damit gewinnt der Reisebericht endgültig seinen Platz im Gattungsgefüge der Literatur (...). Mit dem 19. Jahrhundert setzt sich so eine Tendenz zur Poetisierung des Reiseberichts durch.<sup>55</sup>

[A perda funcional, a que se assiste no início do século XIX, significa ao mesmo tempo uma exoneração funcional. O relato de viagens é modo geral liberto da tarefa de constituir uma transmissão factográfica, podendo assim abdicar das limitações formais que lhe tinham sido impostas por essa função utilitária. O relato de viagens transforma-se cada vez mais num género que se abre à subjectividade do viajante, podendo-se, por conseguinte, servir daquelas formas literárias que se tinham desenvolvido no seio da literatura ficcional. O relato de viagens conquista assim definitivamente o seu lugar entre a diversidade de géneros que compõem a literatura. (...) No século XIX impõe-se portanto a tendência para a poetização do relato de viagens.]

Se esta “poetização do relato de viagens” possibilitaria, por um lado, a «canonização» literária do género, por outro, constituiria a base de uma perspetivação de certo modo discriminatória que doravante tenderia a excluir do vastíssimo e multifacetado *corpus* da literatura de viagens digno de ser estudado pela filologia praticamente todos aqueles textos cujos autores careciam de reconhecimento por parte da ciência e crítica literárias. Este paradigma esteticista e/ou genialista iria, como, de resto, já aqui tivemos oportunidade de observar, constituir, até à década de 1970, um significativo entrave à investigação especificamente relacionada com este complexo género textual, complexidade essa – reitera-se – cuja abordagem exige um enquadramento teórico e metodológico capaz de ultrapassar os limites das tradicionais concepções filológicas e literárias.

<sup>55</sup> Aproximadamente no mesmo sentido, embora diferenciando a “subjectividade do viajante” que Brenner parece (sub)entender como uma categoria ontológica da encenação da subjectividade do protagonista viático entendida como uma convenção dominante da construção literária do género, veja-se também a afirmação de Opitz (1997: 83): “(...) in den 40er Jahren des 19. Jahrhunderts (...) haben sich wissenschaftlicher Bericht und literarische Reise im Hinblick auf spezifische Leserschichten diskursiv weitgehend differenziert und subjektive Zuschreibungen sind längst die Regel geworden.” [(...) nos anos 40 do século XIX (...) o relato científico e a viagem literária já se encontram, de acordo com as diferentes camadas específicas de leitores, maioritariamente diferenciados em termos discursivos e as atribuições subjectivas já há muito se tinham tornado regra corrente.]

Visto que este processo de diferenciação, que remonta à viragem do século XVIII para o século XIX e que doravante caracterizaria toda a era moderna, na RDA tenderia a ser anulado assistindo-se aí em grande parte da literatura de viagens a uma anacrónica tentativa de *re-integração* ou de *des-diferenciação* formal e funcional, a este assunto voltaremos no decorrer do presente estudo. Neste momento, interessa chamar aqui a atenção para as ilações que parte significativa da investigação sobre a literatura de viagens tiraria dessa progressiva sub-diferenciação do género. Assim, além do rumo esteticamente discriminatório e exclusivista seguido por grande parte dos estudos relacionados com o género, rumo este com o qual, de resto, só a concepção da *História Social da Literatura* se mostraria capaz de romper em definitivo ao chamar a atenção para a complexa inter-relação de diversos factores intra e extra-literários determinantes para a produção e recepção do relato de viagens, a progressiva «subjectivização» da literatura de viagens desde finais do século XVIII iria proporcionar um outro tipo de abordagem que conceberia os textos viáticos como um género intrinsecamente autobiográfico.

### 2.1.5 O «paradigma» (auto)biográfico

Não é, de facto, difícil enumerar-se toda uma série de factores que conferem à perspetivação da literatura de viagens como uma variante do género autobiográfico e/ou memorialista uma certa plausibilidade. Em primeiro lugar, há a destacar o papel central da figura do viajante como eu-narrador no processo diegético do relato de viagens, centralidade essa que, inquestionavelmente, o aproxima da escrita autobiográfica. O recurso muito frequente à forma intimista e introspectiva do *diário* no âmbito da produção da literatura de viagens constitui um outro factor que (aparentemente) corrobora a concepção do relato de viagens com um subgénero da autobiografia. No mesmo sentido poder-se-ia apontar o facto de serem raras as memórias autobiográficas e respectivas (re)construções textuais em que as experiências de viagem não constituam, senão mesmo uma espécie de força motriz da narrativa, pelo menos um tópico importante.<sup>56</sup> A milenar representação da viagem como verdadeira «super-metáfora» que,

<sup>56</sup> Em relação à literatura memorialista de escritores da RDA, vejam-se, por exemplo, os volumes, redigidos e publicados já após a reunificação, de Fries (1996) e Kunert (1999) em que as via-

na sua estrutura circular composta pelo momento da partida, momento do caminho e momento do regresso, reflectiria o decorrer da vida humana nas suas diversas etapas desde o nascimento à morte, assim como os paradigmas clássico e romântico da viagem, respectivamente entendida como processo de auto-formação e busca identitária no confronto do próprio com o outro, complementam toda esta teia argumentativa a favor de uma conceptualização da literatura de viagens como género estruturalmente autobiográfico.

No âmbito da germanística, esta proposta de abordagem e análise do relato viagens tem em Ralph-Rainer Wuthenow um dos seus mais ilustres representantes. Em vários estudos dedicados quer especificamente à literatura de viagem do Iluminismo, quer aos géneros textuais ditos «menores» e, por isso longamente desprezados pelas tradicionais ciências literárias, nomeadamente a “autobiografia, [as] memórias, [os] diários e [os] relatos de viagem” – assim o título do seu artigo integrado no volume IV da *Hansers Sozialgeschichte* dedicado ao período entre o Absolutismo e o Iluminismo (1740-1786) – Wuthenow (1984: 10) justifica a inclusão da literatura de viagens no género mais abrangente da autobiografia do seguinte modo:

Der Reisebericht ist beinahe immer auch autobiographisches Verfahren, wie die Autobiographie selbst eine Art von Reise ist, und zwar in das Innere des Ich und seiner Erinnerungen, wo fast immer ‚Entdeckungen‘ zu machen sind.<sup>57</sup>

[O relato de viagens também é quase sempre uma operação autobiográfica, assim como a própria autobiografia é uma espécie de viagem, nomeadamente ao interior do Eu e das suas recordações, onde quase sempre se podem fazer «descobertas».]

Esta tese da extrema proximidade ou mesmo “permeabilidade e interpenetração destas duas formas literárias” (Clara, 2007: 51) do relato de viagem e da autobiografia é igualmente defendida pelo anglista Stephan Kohl que, num artigo emblematicamente intitulado de “Travel Literature

---

gens empreendidas ainda nos tempos daquele «país que já não existe» constituem um tópico recorrente, senão mesmo um verdadeiro *Leitmotiv* da narração.

<sup>57</sup> No mesmo sentido, vejam-se outras publicações de Wuthenow (1980: 11; 1986: 148ss; 1990: 165ss).

and Self-Invention”, afirma de modo peremptório que “the real subject of literary travelogues is not the outside world, but the evolution of the writer-travellers minds”, para concluir que “travelogues are special forms of autobiographical writing.” (Kohl, 1990: 175). De facto, se considerarmos a escrita autobiográfica, por exemplo, com Paul John Eakin, Philippe Lejeune e Paul de Man, como uma “arte de auto-invenção” (Eakin) baseada num “pacto autobiográfico” (Lejeune) entre o escritor e o leitor, sendo que este último, face ao “des-figuramento” (De Man) ou disfarce inerente a este tipo de textos, nunca se poderá saber ao certo se uma autobiografia ou um relato de viagem se baseia em factos «reais» ou em invenções, a afirmação de Kohl faz todo o sentido. Se, pelo contrário, se postular, conforme Klátik o faz na sua “poética da literatura de viagem” citada atrás, que “no relato de viagem, o narrador é sempre idêntico ao autor” e que essa “identidade do autor com o narrador constitui uma característica do género” (Klátik, 1969: 136), nesse caso estar-se-ia a cair na ratoeira da “ilusão referencial” (Riffaterre, 1982) que é, indubitavelmente, vital para a recepção e o efeito da autobiografia e da literatura de viagens junto dos seus leitores, mas que, de um ponto de vista analítico, revela uma grande ingenuidade em relação ao simulacro do «realismo documental» pressupostamente inerente a estes dois géneros textuais.

Na verdade, esta “cegueira” perante “a existência de um intervalo que separa o artista [leia-se aqui: escritor] enquanto sujeito empírico de um «eu» ficcional” (De Man, 1999: 130), no que especificamente diz respeito à literatura de viagens, tem em grande parte impedido que se reconheça os *mecanismos retóricos* subjacentes à “construção autobiográfica da viagem” (Opitz, 1997: 74ss). Essa ingénuo ontologização quer da «autenticidade» e «integridade» do sujeito – e, respectiva, indistinção entre as instâncias do viajante, do narrador e do escritor empírico – quer da assunção errónea de uma objectividade de «realidades» (d)escritas em relatos de viagens constitui precisamente uma das tais “velharias teóricas” de que a investigação sobre a literatura de viagens se terá de libertar. Para contornar essa “cegueira” teórica e metodológica e, conseqüentemente, trazer à superfície as estratégias discursivas e modos de encenação autobiográfica da multiforme e intrincada figura do viajante-narrador, Opitz propõe assim o conceito de *Reiseschreiber* (escrivão de viagem) a fim de diferenciar o “viajante (social)” do “autor como produtor do texto” (*idem*: 10):

Die in den meisten Studien zur Reiseliteratur permanent betriebene Gleichsetzung des (sozialen) Reisenden mit der (medialen) Figur im Text ist (...) irreführend, was im folgenden damit vermieden werden soll, daß der literarische Reisende, der *Reiseschreiber* bzw. die *Reiseschreiberin*, durch kursive Schreibung von dem Autor als Textproduzent abgesetzt wird. Der "Erzähler" und der "Reisende" sind an bestimmte Textsequenzen gebundene Facetten dieses Reiseschreibers, dem als genretypische Figur zunehmend komplexere Erfahrungen und Erlebnisse zugeschrieben werden können. Daß der Autor diese Kunstfigur gewöhnlich mit seinem Namen und seiner eigenen Existenz legitimiert und sie oft sogar (...) öffentlich darstellt, erhebt die Analyse nicht der Notwendigkeit, beide Instanzen in ihrer jeweiligen Eigenart zu betrachten.

[A equiparação entre o viajante (social) e a figura (medial) no texto, que é permanentemente feita na maioria dos estudos sobre a literatura de viagens, é falaciosa, falácia essa que de seguida deverá ser evitada colocando-se o viajante literário, o *escrivão* ou a *escrivã de viagem* em itálico, para assim se diferenciar do autor como produtor do texto. O «narrador» e o «viajante» são facetas ligadas a determinadas sequências textuais deste *escrivão de viagem*, ao qual, enquanto figura de um género, se pode atribuir experiências e vivências cada vez mais complexas. O facto de o autor legitimar, modo geral, essa figura artística com o seu próprio nome e a sua própria existência e, muitas vezes, até a exibir publicamente não liberta a análise da necessidade de se observar separadamente as respectivas características de ambas as instâncias.]

Além da rigorosa distinção analítica entre o viajante empírico e a construção literária do viajante, a chamada de atenção para a crescente complexidade de experiências e vivências a serem atribuídas à "figura artística" do viajante torna-se tanto mais pertinente, quanto a visão hermeneuticamente idealista da autonomia e integridade do sujeito tende, com o irromper da Modernidade, a desfragmentar-se obrigando, por conseguinte, o «viajante-narrador» a assumir a função, porventura cada vez mais difícil, de construir nos seus textos de viagem e oferecer aos leitores uma ilusão cuidadosamente elaborada de «autenticidade» e integridade que as contingências da viagem e/ou vida «real» não são de modo algum capazes de proporcionar. A nosso ver, o multissecular e contínuo sucesso

da literatura de viagens – mesmo na era dos *mass media* audiovisuais e telemáticos que nos trazem «realidades» estrangeiras pela sala-de-estar adentro, assim como da densa teia global constituída pelas infra-estruturas do turismo de massas que nos possibilitam aceder a qualquer canto do mundo a um ritmo cada vez mais veloz – explica-se de resto, entre outros factores, pelo facto de grande parte da produção de literatura de viagens moderna continuar a esforçar-se por proporcionar ao seu leitor uma visão do mundo aparentemente ainda composto de realidades intactas e provido de um sentido ontologicamente estável, sentido «genuíno» esse cuja existência as ciências naturais e a epistemologia dos últimos dois séculos entretanto desmascararam como uma «grande ilusão» do pensamento ocidental. Dito de outro modo, é esta ausência de um sentido ontológico na «vida real», carência que as técnicas textuais e discursivas do relato de viagens superam ilusoriamente por via da encenação de uma subjectividade e objectividade pretensamente autênticas, que faz com que os leitores entrem – consciente ou inconscientemente – no jogo literário e identitário que lhes é proposto. Ora, são precisamente essas técnicas e mecanismos da (auto)encenação e media(tiza)ção de percepções e experiências de «realidades» (estrangeiras) ou, dito com outras palavras, o modo de construção e funcionamento da “ilusão referencial” que a investigação sobre a literatura de viagens tem em grande parte descurado. Esta negligência é tanto mais gravosa, se considerarmos, conforme se defende no presente estudo, que qualquer abordagem hermenêutica de qualquer tipo de relato de viagem – quer se trate de narrativas poeticamente mais elaboradas quer de textos pautados por objectivos mais pragmáticos – que não seja capaz de considerar e reflectir na sua análise a fundamental e inultrapassável discrepância entre o “viajante social” e o “produtor do texto”, entre a viagem empírica e sua representação/media(tiza)ção, entre experiência e comunicação, se enredará inevitavelmente numa teia (meta)discursiva pseudocientífica minada por argumentos especulativos de índole psicológico e/ou romântica sobre a pretensa sensibilidade sensorial e estética, o talento artístico-literário e a integridade, soberania e autonomia da figura mítica do escritor-viajante.

### 2.1.6 «Writing Culture», Estudos Pós-Coloniais e Estudos Femininos

Este género de aporias subjacentes a muitos dos estudos sobre a literatura de viagens têm sido, durante os últimos anos, repetidamente denunciadas por diversos especialistas do domínio. Além de Brenner, Opitz e Clara, aqui já por diversas vezes citados, Wolfgang Neuber é um dos críticos mais severos desse tipo de abordagens que concebem o relato de viagens ou como representação «simétrica» de realidades empíricas ou como expressão «autêntica» da interioridade do escritor-viajante. No seu extenso estudo dedicado a um vasto *corpus* de relatos de viagens alemães sobre a América nos séculos XVI e XVII, Neuber não mostra, pois, qualquer tipo de complacência perante essas conceptualizações que ele acusa severamente de não constituírem senão uma espécie de “ontologia tautológica da literatura” empolada ao grau de uma “lírica científica” (Neuber, 1991: 24). Uma vez desmontadas as falácias das teorias literárias quer mimético-representacionistas quer «genialistas», ele concentra a sua análise nas “estratégias argumentativas” e de “autentificação” (*idem*: 28) subjacentes à retórica e tópica específicas da escrita viática, para assim fazer emergir das profundezas “a(s) subestrutura(s) do discurso social” de determinada época histórica. Ao enveredar por esta metodologia, pode assim, logo à partida, prescindir tanto das tais tradicionais dicotomias ocidentais, como ficção/facticidade; sujeito/objecto ou interior/exterior (Neuber, 1989: 52) – a que também Opitz se refere, conforme já pudemos constatar, como “teoremas obsoletos” que têm funcionado como entrave à consolidação teórica e metodológica da investigação sobre a literatura de viagens – como, conseqüentemente, abdicar das pretensões hermenêuticas de uma (impossível) reconstrução de «realidades» alegadamente objectivas (d)escritas nos relatos de viagem. No seguinte excerto, Neuber é particularmente conciso e preciso a nomear e definir com clareza o objecto de estudo e as limitações das ciências literárias que se ocupam deste género (*idem*: 30):

Der Literaturwissenschaft hat es (...) nicht darum zu gehen, wie weit der Verfasser eines Reiseberichts ‘objektiv Richtiges’ aufzeichnet; ihr Gegenstand ist die *Darstellung* der fremden Realität, nicht diese selbst. Die Rekonstruktion dieser ist nicht allein unmöglich, sondern entbehrlich (...).<sup>58</sup>

<sup>58</sup> Sublinhados no original.



[A ciência da literatura (...) não se deve ocupar de saber até que ponto o autor de um relato de viagens regista “certezas objectivas”; o seu objecto de estudo é a *representação* da realidade estrangeira, e não esta em si mesma. A reconstrução da última não só é impossível, como é dispensável.]

A chamada de atenção de Neuber para o facto evidente – evidência essa que, curiosamente, parece manter-se invisível ao olhar de muitos estudiosos e exegetas deste género literário – de o objecto de estudo das ciências literárias ser “a *representação* da realidade estranha, e não esta em si mesma”, é tanto mais pertinente quanto os próprios domínios científicos que se propõem reconstruir e apreender «realidades» históricas e/ou estrangeiras terem vindo progressivamente a questionar a viabilidade epistemológica dos tradicionais objectivos e métodos «documentais» da historiografia, antropologia e/ou etnografia.

O tópico da viagem atravessa, quer como móbil, «pretexto» e tema narrativos quer como figura metafórica, toda a história ocidental da Literatura.<sup>59</sup> No entanto, muito antes de os estudos filológicos encararem o relato de viagem como um objecto de estudo «digno» da investigação literária, foram as disciplinas que hoje denominamos de Ciências Sociais a reconhecer a importância do género para os seus propósitos científicos e, por conseguinte, dele se ocuparem de um modo mais intenso. Estas abordagens historiográficas, geográficas, antropológicas e etnológicas tendem, natural e tradicionalmente, a submeter a literatura de viagens a uma leitura de índole documental perspectivando-a – apesar do histórico mito do viajante mentiroso<sup>60</sup> – como *fonte* (mais ou menos) fidedigna para o conhecimento sobre mundos passados e/ou estranhos. Se bem que a concepção do relato

<sup>59</sup> Van Den Abbeele (1992: xiii ss), na introdução ao seu interessante estudo sobre *Travel as Metaphor from Montaigne to Rousseau*, sintetiza esta longevidade e importância do tópico da viagem no pensamento e na literatura ocidentais com uma precisão dificilmente igualável, ao afirmar: “(...) the motif of the voyage counts among the most manifestly banal in Western letters. From Homer and Virgil, through Dante and Cervantes, Defoe and Goethe, Melville and Conrad, Proust and Céline, Nabokov and Butor, and up to the most «postmodern» writers, once can scarcely mention a piece of literature in which the theme of the voyage does not play some role. (...) The dearest notions of the West nearly all appeal to the motif of the voyage: progress, the quest of knowledge, freedom as freedom to move, self-awareness as an Odyssean enterprise, salvation as a destination to be attained by following a prescribed pathway.” Sobre o papel central do tema da viagem na história das Letras ocidentais, vejam-se, entre muitos outros, Kryszinski (1997), Júdice (1991 e 1997), Giebel (1999) e Clara (2002: 34; 91ss).

<sup>60</sup> A propósito do ancestral mito do narrador de viagens como fanfarrão de pouca credibilidade, veja-se o já clássico estudo de Adams (1962).

de viagens como uma forma de registo testemunhal não tenha passado completamente impune a diversas críticas que lhes foram sendo dirigidas já desde finais do século XVIII,<sup>61</sup> certo é que esta perspectiva genérica se revelou um paradigma duradouro e resistente. Somente desde meados do século passado se assistiria a uma gradual «viragem de paradigma», viragem essa “a que não são alheios nem o questionamento (e a falência ou desagregação) dos conceitos clássicos de «verdade», «autenticidade» ou «objectividade»” (Clara, 2007: 29), nem os pensamentos «relativistas» e «construtivistas» *avant la lettre* de Nietzsche, Freud, Cassirer ou Benjamin que, ao denunciarem a «realidade» e a “História como objecto[s] de uma construção” (Benjamin, 1978: 701), constituiriam importantes precursores da crescente tomada de consciência da historiografia e disciplinas afins para as componentes narrativas e técnicas literárias inerentes aos «documentos» que até então tinham sido maioritariamente lidos e analisados como representações supostamente objectivas. Ora, esta viragem auto-reflexiva por parte das Ciências Sociais evidentemente não só implica uma aproximação à Literatura e suas técnicas de análise, como tenderá mesmo a dissolver as tradicionais fronteiras disciplinares entre a historiografia, a etnologia e a antropologia, por um lado, e as ciências literárias e/ou culturais, por outro. O facto de parte significativa das publicações do reputado *historiador* norte-americano Hayden White ostentar títulos tão «genuinamente» literários, como “The Fictions of Factual Representation” (1976),<sup>62</sup> “Poetics of History” (1993) ou *Figural Realism. Studies on Mimesis Effect* (1999), é, pois, apenas um entre muitos outros exemplos sintomáticos deste “assalto às fronteiras académicas e disciplinares” (Sanches, 1999), do processo de hibridização e dos métodos transdisciplinares que recentemente têm cunhado a investigação no vasto, complexo e multiforme campo constituído pelas diversas Ciências Sociais, Literárias e Culturais.

Retomando o nosso levantamento das linhas genéricas de orientação pelas quais se tem pautado a investigação relacionada com a literatura de viagens, não será demais repetir que este território textual extremamente

<sup>61</sup> O “realismo céptico” de Goethe (Opitz, 2001) e as concepções «construtivistas» *avant la lettre* de Herder e Humboldt, entre outros, são apenas alguns exemplos mais proeminentes de uma contracorrente de longa data a essa perspetivação «documentarista» do relato de viagens.

<sup>62</sup> Veja-se a recente publicação, em tradução portuguesa da autoria de Marina Santos, no volume antológico organizado por Sanches (2005) em que figuram, para além desse pioneiro artigo de White, diversos contributos paradigmáticos da «viragem antropológica» ocorrida desde finais da década de 1970.

movediço e, por isso, avesso às concepções de fronteiras estanques quer entre géneros literários quer entre disciplinas exige metodologias e técnicas de análise transversais a essas tradicionais delimitações académicas. Neste contexto de uma tendencial diluição transdisciplinar dos discursos historiográfico e literário, além das propostas teóricas e metodológicas da *Historia Social da Literatura* que, como já tivemos oportunidade de constatar, se fundamentam igualmente sobre uma concepção de entrecruzamento discursivo da História e da Literatura, uma outra linha de orientação desenvolvida no âmbito da Etnologia e Antropologia Cultural se tem mostrado particularmente profícua para a investigação específica sobre os livros de viagens. Na década de 1980, ou seja, sensivelmente pela mesma altura em que (parte d) as ciências literárias se debruçam profundamente sobre a influência determinante dos complexos contextos histórico-social, político e cultural para os processos de produção e recepção da literatura (de viagens), assiste-se no seio dos domínios antropológico e etnológico a um debate de cariz profundamente epistemológico e auto-reflexivo que, significativamente, se concentraria na pertinente, mas tradicionalmente menosprezada, “questão da representação, da objectivação do outro” (Berg/Fuchs, 1993: 7). Levando a designação (sub)disciplinar da *Etnografia* à letra,<sup>63</sup> parte significativa destas (auto-) reflexões teoréticas gira em torno do processo da *escrita*, ou seja, do registo (textual e/ou imagético) de experiências e observações relacionadas com o outro. Ao focalizar o papel do “antropólogo como autor” (Geertz) e o processo da construção e media(tiza)ção de hetero-imagens, para o qual, em inglês, se cunhou o conceito *othering*, muitos dos estudos deste domínio concentram-se, por conseguinte, nas características intrinsecamente literárias e/ou retóricas dos relatos etnográficos que a tradicional antropologia e etnologia lia e utiliza(va) «irreflectidamente» como meio objectivo e fidedigno para a transmissão e aquisição de conhecimentos sobre culturas outras. Dito por outras palavras, esta proposta de abordagem do relato etnográfico e/ou de viagem incide primordialmente sobre o fenómeno da media(tiza)ção de culturas estrangeiras como um *processo* «escritural» (*Writing Culture*) influenciado por convenções de índole diversa. A viragem auto-reflexiva por parte da antropologia cultural no sentido de conceber o seu discurso disciplinar (relato etnográfico) como uma “thick description” (Geertz), isto

<sup>63</sup> A respeito dos pressupostos teóricos e da história desta re-conceptualização etnográfica em particular, veja-se Fabian (1993).

é, como uma descrição narrativa inextrincavelmente inserida numa teia semiótica e discursiva que condiciona e determina a percepção e representação interculturais, vai evidentemente ao encontro da abordagem teórico-metodológica defendida no presente estudo que, conforme já terá ficado claro, propõe uma análise *pluridimensional* da literatura de viagens nos seus complexos contextos *intra* e *extra*-literários. Nesta corrente analítica dos intrincados *mecanismos de textualização* inerentes ao complexo processo *semiótico* da hetero-representação, destacam-se, sobretudo devido ao trabalho pioneiro de edição e difusão da viragem auto-reflexiva da antropologia cultural, os contributos de Clifford Geertz, James Clifford e George E. Marcuse.<sup>64</sup>

Para terminar esta inventariação crítica dos principais parâmetros teóricos e metodológicos pelos quais nas últimas duas décadas se tem orientado grande parte da investigação sobre a literatura de viagens e antes de nos debruçarmos sobre os (relativamente escassos) estudos especificamente relacionados com este género no contexto concreto da RDA, resta ainda chamar a atenção para o recente «paradigma» constituído pelos chamados *Estudos Pós-Coloniais*. Olhando ao facto de o Estado da RDA ter sido fundado, já no pós-Segunda Guerra Mundial, com base numa autoconcepção como «república popular» de cunho socialista que, por conseguinte, rejeitava preliminarmente qualquer tipo de herança da era do imperialismo colonialista, à primeira vista, não parece sequer colocar-se a necessidade de uma *reperspectivação* ou *reconceptualização* do mundo conforme a proposta genérica dos *Post-Colonial Studies*. Pois, ao invés das políticas económicas e culturais alegadamente exploradoras e repressivas do «imperialismo ocidental» que, na perspectiva igualitarista e internacionalista do «Socialismo Real» seria o herdeiro e seguidor «natural» do colonialismo «clássico» do século XIX, a mundividência marxista-leninista assentava por inerência na solidariedade com todos os povos reprimidos pelo «jugo do capitalismo neo-imperial». Face a este auto-entendimento, não surpre-

<sup>64</sup> Exemplarmente, vejam-se os já “clássicos” volumes *The Interpretation of Cultures* (1973) e *Works and Lives. The Anthropologist as Author* (1988), da autoria de Geertz, a colectânea editada por Clifford e Marcuse *Writing Culture* (1986) e o estudo de Atkinson com o paradigmático título *The Ethnographic Imagination. Textual Constructions of Reality* (1990). Para além das respectivas traduções para o alemão das obras de Geertz e Clifford/Marcuse, no que especificamente diz respeito à divulgação e adaptação desta «viragem antropológica» à área germanística, realçam-se as antologias editadas e prefaciadas por Bachmann-Medick (1996) e Berg/Fuchs (1993). Quanto à divulgação (algo retardada) deste paradigma antropológico na germanística portuguesa, destaca-se a recente antologia organizada por Sanches (2005).

ende que uma parte significativa dos livros de viagem da RDA se tivesse dedicado às «lutas de libertação» travadas, durante as primeiras décadas da segunda metade do século XX, em África, na América Latina e na Ásia. Nesta perspectiva esquemática e, por isso, algo redutora da «ideia» basilar dos *Estudos Pós-Coloniais*, poder-se-ia assim afirmar que no «hemisfério socialista» se assistiu a uma espécie de discurso pós-colonial *avant la lettre*. No entanto, um olhar mais atento sobre os teoremas e conceitos que fundamentam esta profícuca área de investigação<sup>65</sup> rapidamente nos revelará uma configuração bastante mais complexa do que a sugerida pela própria denominação. Se bem que a concepção teórica dos Estudos Pós-Coloniais remonte, conforme o nome indica, à problemática do colonialismo e eurocentrismo que, segundo os já lendários trabalhos de Edward Said *Orientalism* e *Culture and Imperialism*, continuariam a marcar de forma indelével os discursos científicos e literários do Ocidente sobre o «resto do mundo», os objectos e objectivos desta área de estudo(s) têm vindo progressivamente a diversificarem-se. Sendo inquestionável que o *design* teórico deste domínio se deve significativa e fundamentalmente a intelectuais oriundos de antigas colónias de países europeus em cujas universidades passariam a investigar e leccionar, como, por exemplo, o já referido Said, Homi K. Bhabha ou Gayatri Chakravorty Spivak, estudiosos esses que visa(va)am, em primeiro lugar, denunciar e desconstruir os discursos do poder (*ex colonial*, certo é que as suas concepções e asserções foram sendo transpostas e adaptadas às mais diversas «ordens discursivas» (Foucault). Assiste-se, se assim se pode dizer, a uma «ramificação» do «tronco» conceptual dessa desconstrução pós-colonial do discurso hegemónico do Ocidente no sentido da denúncia e desmontagem dos mais variados discursos de poder que, voluntária ou involuntariamente, tendem não só a reprimir e a silenciar as *diferenças* identitárias de classes sociais, raças, etnias e culturas inteiras, como a dissolver a diversidade de sub e contraculturas representadas, por exemplo, pela comunidade *gay* ou pelas múltiplas «correntes» juvenis. Ainda que não se trate, evidentemente, de uma minoria propriamente

<sup>65</sup> Esta proficuidade do «paradigma pós-colonial» diz particularmente respeito às investigações desenvolvidas na área mais vasta dos *Cultural Studies* dos países anglo-saxónicos (inclusive as suas antigas colónias) e hispânicos. No que concerne aos estudos culturais de cariz germanístico a influência da perspectiva pós-colonial(ista) é, comparativamente, bastante limitada. Esta situação dever-se-á principalmente à ausência de uma multissecular «tradição colonial» alemã comparável à da Grã-Bretanha, da França, de Espanha ou mesmo de Portugal. Sobre o «olhar pós-colonial» de escritores alemães contemporâneos nos seus relatos de viagens ao “Terceiro Mundo”, vejam-se as duas antologias organizadas por Paul Michael Lützeler (1997 e 1998).

dita e se bem que esta área de estudo se tenha vindo progressivamente a estabelecer como domínio de investigação autónomo sob a designação de *Gender Studies*, também a denúncia da repressão da população feminina por via de um discurso (quase) universalmente machista se enquadra, de um certo modo, no mote que subjaz genericamente aos Estudos Pós-Coloniais: o direito à *diferença*. Ora, esta exaltação da *diferença* não se coaduna – pelo menos não à primeira vista – com a visão totalizante, igualitarista, teleológica e, implicitamente, eurocêntrica do discurso socialista. Perante as naturais limitações de um trabalho académico que não mais pretende do que propor uma visão diacrónica e, na medida do possível, transversal das diversas facetas do artefacto «livro de viagens» na RDA ao longo de todas as suas quatro décadas de existência, a complexa questão de sabermos até que ponto e de que modo terão sido (ou não) resolvidas essas aparentes contradições entre o discurso «tipicamente» pós-colonial da *diferença* e o oficioso discurso socialista da *igualdade* manter-se-á necessariamente um assunto que aqui ficará por analisar com a devida profundidade. Ainda assim, tentaremos, durante a nossa incursão, abordar representativamente um ou outro exemplo de livros de escritores da RDA dedicados a viagens ao «Terceiro Mundo», entendido como espaço de disputa entre os dois blocos ideológicos; do mesmo modo como nos depararemos inevitavelmente com relatos de viagens com «marcas» evidentes da condição feminina de suas autoras/narradoras.

Face às asserções teóricas e objectivos práticos que compõem o quadro de referências dos Estudos Pós-Coloniais, não surpreende que o heterogéneo território da literatura de viagens se tenha vindo a revelar para esta área de investigação como um objecto de análise da maior relevância. Na medida em que o relato de viagens se nutre precisamente do contacto e/ou confronto do próprio com o outro, da dialéctica identidade/alteridade, confronto e dialéctica esses que resultam numa densa e complexa teia de discursos auto e hetero-representacionais inextricavelmente inter-relacionados, este género textual como que se oferece, por inerência, a uma abordagem e análise que desvende as formas e os modos discursivos com que os narradores ora impõem os seus próprios padrões culturais ao outro negando-lhe, assim, o direito à diferença, ora exaltam a dimensão «exótica» de «realidades» estrangeiras, o que – embora ao avesso – equivale igualmente a uma projecção dos valores «ideológicos» do próprio sobre o outro. São estes vestígios de poder hegemónico nos discursos indelevel-

mente eurocêntricos em parte significativa dos relatos de viagens (não só) da era colonial que toda uma série de estudos académicos sobre a literatura de viagens tem procurado investigar e denunciar.<sup>66</sup> Tal como esses trabalhos de investigação que assentam, do ponto de vista metodológico, numa análise basicamente discursiva e «desconstrucionista», também na vasta área dos *Estudos Femininos* se tem assistido, sobretudo durante a última década, a um crescente interesse pelo relato de viagens. Enquanto no caso da vertente explicitamente pós-colonial os impulsos principais da investigação advêm, por razões óbvias, maioritariamente do espaço anglo-saxónico e hispânico que se caracterizam precisamente pela sua história colonial e pela sua «tradição» multi e transcultural(ista), no domínio dos *Gender Studies* o aparecimento inflacionário de estudos académicos sobre a literatura de viagens produzida por mulheres também se constata nos países de língua alemã. Como seria de esperar, o enfoque dessas investigações incide *grosso modo* sobre os «sinais» da condição feminina nos seus respectivos discursos de viagem.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Entre uma infindável quantidade de estudos mais recentes que se inscrevem neste «paradigma», vejam-se Mills (1991), Pratt (1992), Behdad (1994), Greenblatt (1994), Holland/Huggan (2000) e Seixo *et al.* (2000b).

<sup>67</sup> Da vasta bibliografia de «estudos femininos» sobre a literatura de viajantes alemãs, vejam-se, por exemplo, Pelz (1993), Jedamski *et al.* (1994), Fell (1998) e Scheitler (1999a).

## 2.2 Metadiscursos na investigação sobre a literatura de viagens da RDA

### 2.2.1 «Meta-necrologia»

Não obstante a grande diversidade e disparidade de abordagens teóricas e metodológicas, um inventário metacrítico de algumas linhas genéricas da investigação sobre o extenso e híbrido território textual constituído pela literatura de viagens permite-nos constatar que este domínio se pauta sobretudo por uma visão «historicista». Dito de outro modo, a pesquisa sobre a representação textual da viagem denota, embora de um modo mais ou menos tácito, uma tendência para negligenciar a produção mais recente deste género, nomeadamente a verdadeira avalanche de livros de viagens publicados no pós-Segunda Guerra Mundial. Enquanto que a literatura de viagens das últimas décadas do século XIX e da primeira metade do século XX constitui um campo de investigação relativamente bem estudado e documentado, os trabalhos académicos que, no âmbito dos estudos germanísticos, se debruçam sobre a inegável continuidade do género nas épocas subsequentes são comparativamente escassos. O facto de esse primeiro período ocupar no exaustivo estudo de Brenner em número de páginas o triplo do espaço concedido à literatura de viagens alemã produzida durante os últimos cinquenta anos é, assim, sintomático deste défice no que se refere à investigação dedicada ao género nas suas formas de expressão mais contemporâneas. No final prospectivo do seu estudo, Brenner não só explica, como justifica e legitima essa escassez recorrendo a um tipo de argumentação que poderemos considerar tautológica. Ao constatar – pelo menos no que concerne à literatura de viagens proveniente da Alemanha ocidental – um gradual “desaparecimento do género desde há já várias décadas” (Brenner 1990: 660s), “síndrome de [uma] crise” duradoura que alegadamente nem os poucos relatos de viagens “de um elevado grau literário” produzidos desde os anos 50 seriam capazes de contrariar,<sup>68</sup> ele enreda-se assim numa teia metadiscursiva – de resto, paradigmática de

<sup>68</sup> Os raros exemplos paradigmáticos de uma “dedicação intensa ao género” por parte de alguns “dos mais proeminentes romancistas alemães” da segunda metade do século XX são, de acordo com Brenner (1990: 634 ss), Wolfgang Koeppen, Heinrich Böll, Alfred Andersch assim como, em parte, Hubert Fichte e Rolf Dieter Brinkmann, autores cuja prosa de viagem constitui precisamente o objecto de estudo de duas dissertações (Zorach, 1976, e Schlösser, 1987) referenciadas no seu balanço.



grande parte dos estudiosos deste domínio – que poderemos denominar de «necro-lógica».<sup>69</sup> Ao adoptar, na parte final do seu balanço, uma medida estético-literária que ele próprio refutara de forma veemente em relação às posições redutoras e obsoletas defendidas, por exemplo, por Link e Strelka, a sua argumentação adquire, contraditoriamente, uma dimensão «nostálgica» que o impede de considerar a continuidade produtiva da literatura de viagens das últimas quatro ou cinco décadas. A falácia autodiscursiva ou, se quisermos, «auto-necrográfica», em que assenta parte significativa da literatura de viagens mais recente, nomeadamente o paradoxo de “travel and its travel by-product, the travel book, have a habit of justifying their continuation by anticipating their own decline” (Holland/Huggan, 2000: 1), parece assim ter traído a sua visão científica impedindo-o de contemplar a evolução real do género. Negando à continuidade do relato de viagens desde o pós-Segunda Guerra Mundial qualquer impulso verdadeiramente inovador (Brenner, 1990: 631), potencial de inovação que alegadamente se podia ainda verificar em relação aos textos viáticos de cunho expressionista na viragem do século assim como da «reportagem de viagem» das décadas de 1910 e 1920, o discurso analítico do pressuposto «observador de segunda ordem» do fenómeno constituído pela representação literária da viagem inscreve-se, ele próprio, numa longa tradição constitutiva do próprio género, ou seja, a da «crónica (há muito) anunciada da morte» da literatura de viagens. Se bem que esta tendência discursiva remonte aos primórdios do turismo moderno nas primeiras décadas do século XIX,<sup>70</sup> o coro do «canto do cisne» tem vindo continuamente a engrossar. Mais tardar desde a peremptória constatação do “fim das viagens”, com que Claude Lévi-Strauss inicia, em 1955, o seu emblemático ensaio/retrato *Tristes Tropiques* sobre as suas expedições etnológicas à América do Sul nos anos trinta, a assunção da morte da viagem «genuína» e, por consequente, também da «verdadeira» literatura de viagens capaz de reproduzir com qualidade literária experiências interculturais «autênticas», constitui uma espécie de moeda corrente não só dos próprios textos de viagens contemporâneos como dos metatextos a seu respeito.

Servem estas breves reflexões para se explicar – pelo menos parcialmente – a relativa escassez de investigações sobre a evolução da literatura

<sup>69</sup> Este aspecto será desenvolvido com maior pormenor no capítulo 3.1.

<sup>70</sup> A respeito da longa tradição da crítica ao turismo vejam-se, entre outros, Buzzard (1998), Culler (1981), Hennig (1997: 13-26), Moura (2000) e Matos (2006).

de viagens mais recente. Em suma, pode, portanto, constatar-se que este déficit se deve fundamentalmente à premissa – a nosso ver, errônea – de que a «standardização» ou «banalização» da experiência da viagem por via do turismo de massas e dos *mass media* audiovisuais teriam irremediavelmente conduzido a “uma liquidação progressiva (...) da própria natureza da viagem” (Virilio, 2000: 38) e, por conseguinte, também à extinção do gênero literário que tradicionalmente dela se ocupara. O tipo de afirmações, como a de Herbert Jost num artigo dedicado ao “relato de viagens na era do turismo de massas”, que apontam no sentido de que, “numa época em que quase toda a gente viaja” e em que “todos conhecem imagens de todo o mundo”, “as imagens pessoais de um autor já não conseguem impressionar” (Jost, 1989: 504), ou a de Brenner (*idem*: 39), defendendo que hoje em dia o escritor de viagem já não tem outra opção senão a de contar a verdade, verdade essa que, no entanto, já ninguém quereria ouvir porque a conheceria de antemão por via dos *media* audiovisuais e/ou por experiência própria, são pois aporias sintomáticas desta espécie de miopia perante a inegável resistência quer do tema da viagem *na* literatura quer do relato de viagens na paisagem editorial contemporânea. Face a esta «(necro-)lógica», que assenta na pressuposta “Funktionsverlust der Reise und der Reiseliteratur” (Brenner, 1989: 38), ou seja, na alegada *desfuncionalização* quer da viagem (física) quer da literatura de viagens, e que, em última instância, parece assim conceber o relato de viagens, de um modo unidimensional, como um veículo meramente cognitivo, função essa que entretanto não só perdera para os *media* audiovisuais e digitais, como alegadamente se tornara mesmo obsoleta por via da generalização turística da viagem, não surpreende o veredicto final do monumental estudo de Brenner (1990: 666) sobre a milenar evolução da literatura de viagens alemã:

(...) der Reisebericht [ist] zu einer abgestorbenen Kunstform geworden, welche die originären Erfahrungen der zivilisatorischen Gegenwart nicht mehr zu verarbeiten vermag.

[(...) o relato de viagens transformou-se numa forma artística moribunda que já não é capaz de assimilar as experiências originárias do presente civilizacional.]

Se bem que o óbito passado a um género que pressupostamente já não seria capaz de reflectir as contingências e experiências características da nossa intrincada contemporaneidade assente numa argumentação pouco consistente,<sup>71</sup> certo é que esta assunção de a literatura de viagens estar hoje desprovida de que qualquer “funcionalidade real” (Jost, 1989: 505) se tem configurado como uma premissa que subjaz, irreflectida e persistentemente, a grande parte da investigação e que, conseqüentemente, tem levado a que o vastíssimo campo da literatura de viagens da segunda metade do século XX se mantenha parcialmente num ângulo morto.

Retomando o nosso objecto de estudo propriamente dito, isto é, os livros de viagens produzidos e publicados na RDA, verificamos uma situação semelhante. Apesar de, segundo a (necro-)lógica exposta atrás, esse sistema vedado à hiper mobilidade ocidental ter possibilitado uma certa continuidade das tradicionais formas e funções do relato de viagens na RDA, constituindo assim como que uma “reserva” para um género em vias de extinção (Brenner, 1990: 662, 666) nas sociedades ocidentais, os estudos especificamente dedicados a esta pretensa «bolsa de resistência» mantêm-se ainda em grande parte um desiderato da investigação. Conforme já tivemos oportunidade de referir na introdução ao presente trabalho, quer de um lado quer do outro lado do Muro, quer antes quer depois de sua queda, o fenómeno peculiar da representação literária da viagem numa sociedade, apesar de contemporânea da era da globalização, anacronicamente fechada a toda uma metade do globo não parece ter atraído sobremaneira o interesse dos investigadores. Mesmo assim, não se pode dizer que nos encontramos perante uma mancha completamente branca no mapa da profícua e inflacionária investigação directamente relacionada com o estudo da literatura de viagens.

A seguinte inventariação crítica dos poucos trabalhos académicos sobre os livros de viagens na RDA a que pudemos recorrer durante as nossas investigações divide-se, heurísticamente, em três vectores.<sup>72</sup> Em

<sup>71</sup> As alegações do género: «Quem viaja telemática (nos *media* audiovisuais) ou fisicamente (turismo) não precisa de ler sobre viagens de outrem» estará, pois, muito próximo de uma afirmação, que certamente ninguém aceitaria como sendo verdadeira, no sentido de que «romances de amor não fazem sentido para amantes reais».

<sup>72</sup> Neste balanço não serão contempladas as muitas recensões dos livros de viagens publicadas nas revistas académicas de referência da RDA *Neue deutsche Literatur* e *Weimarer Beiträge*. Olhando, porém, à inquestionável importância deste género de publicações para se entender o impacto da literatura de viagens da RDA junto dos leitores (se bem que maioritariamente especializados), a ele recorreremos sempre que se justifique e o consideremos pertinente para o nosso estudo.

primeiro lugar serão contemplados os estudos publicados, antes da queda do Muro, do lado de cá da «Cortina de Ferro». De seguida, ocupar-nos-emos da investigação sobre a literatura de viagens no seio da germanística da própria RDA. Por fim, faremos a relação da situação deste domínio específico de pesquisa nos tempos posteriores à dissolução de todo um sistema político, social e cultural que dera origem ao peculiar fenómeno de uma produção e recepção bastante intensas de livros de viagens por via dos quais a população geral seria votada a «viajantes virtuais» – isto, pelo menos no que concerne à experiência do mundo ocidental.

### 2.2.2 Metavisões do «lado de cá» do Muro

A literatura de viagens da RDA sofria, se assim se pode dizer, de um *duplo handicap* que iria influenciar de forma determinante a sua recepção por parte da(s) germanística(s) dos países ocidentais. Para além de se tratar, como de resto já tivemos oportunidade de verificar, de um género tradicionalmente menosprezado pelas ciências literárias, do lado de cá do Muro, os livros de viagens produzidos e publicados na RDA eram, de um modo geral, analisados pelo prisma político-ideológico que (não só) durante a «Guerra Fria», enquadra(v)a, de modo implícito ou explícito, ora afirmativa ora criticamente, a maioria das abordagens tanto deste género particular como do sistema literário da RDA em geral. Na introdução à versão profundamente revista e consideravelmente alargada da *Kleine Literaturgeschichte der DDR* (Breve História da Literatura da RDA) – tratando-se, porventura, do mais detalhado e reputado estudo sobre este peculiar «capítulo» da literatura germânica publicado após a reunificação alemã – Wolfgang Emmerich mostra-se plenamente consciente do «calcanhar de Aquiles» da investigação relacionada com a literatura da RDA: a sua indelével “politização” (Emmerich, 2000: 17).

Literarische Texte wurden so nur selten als *Texte* untersucht und weit häufiger als Widerspiegelung gesellschaftlich-politischer Verhältnisse – oder umgekehrt (was methodisch wenig ändert): als Protest gegen sie. (*Idem*, 18)<sup>73</sup>

<sup>73</sup> Destaques assim no original.

[Os textos literários só raramente eram analisados enquanto *textos* e muitas mais vezes enquanto reflexo das condições sociopolíticas – ou então, ao invés (o que em termos metodológicos vai dar quase ao mesmo): como protesto contra essas mesmas condições.]

De facto, no que em concreto diz respeito à literatura de viagens da RDA, parte significativa da (escassa) investigação ocidental pauta-se pela metodologia «imagológica» a que aqui já se fez referência. Perante essa premissa teórico-metodológica que marcou grande parte da pesquisa literária relacionada (não só) com este género literário durante as últimas três décadas, os textos de viagens redigidos por autores da RDA raramente foram lidos enquanto *textos*, mas antes como veículos ou reflexos ideológicos de um sistema politicamente fechado. Como exemplos deveras ilustrativos deste tipo de abordagem, podemos aqui referenciar os artigos de dois germanistas oriundos dos Estados Unidos da América. Enquanto Jack Zipes (1975 e 1989) se dedica às “legitimizing and legitimate images” (1989) dos Estados Unidos na literatura em geral da RDA, contemplando portanto os mais diversos géneros literários, como a literatura infantil e juvenil, peças de teatro, poesia e romances, sem que, para além de duas ou três brevíssimas referências, leve porém o género do relato de viagens propriamente dito em consideração, o artigo de Nancy A. Lauckner (1983) debruça-se especificamente sobre o mais famoso e, talvez, mais analisado livro de viagens da autoria de um dos mais reconhecidos escritores da RDA a nível nacional e internacional: *Der andere Planet. Ansichten von Amerika* de Günter Kunert. Indiferentemente dos géneros literários analisados por estes dois investigadores, ambos chegam à conclusão de que as «imagens» dos Estados Unidos esboçadas na literatura da RDA, ao recorrer de modo insistente a toda uma série de *clichés*, como “decadência, perversão, pornografia, diletantismo e irracionalismo” (Zipes, 1975: 334), servem, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, a propaganda oficial do regime e o dogma estético do “Realismo Socialista que exige uma representação impiedosa da brutalidade e barbaridade do modo de vida [norte-]americano” (*ibid.*). Mais preocupados em denunciar, de um modo patriótico e narcísico, o alegado antiamericanismo dos escritores da RDA do que as técnicas literárias subjacentes aos textos, não surpreende assim que a quinta-essência das análises do livro de viagens de Kunert sobre os Estados Unidos se resumam a conclusões deveras redutoras, tais como:

*Der andere Planet* “offers far more negative and critical comments about the USA than positive or even neutral ones.” (Lauckner, 128) O veredicto de Zipes referente a alguns poemas de viagem de Kunert sobre os Estados Unidos aponta, ainda que não de forma tão evidente, genericamente no mesmo sentido (Zipes, 1975: 345s):

Als der einzige Lyriker, der die Vereinigten Staaten kennt, gibt Kunert ein Bild von ihnen, das sich teilweise von dem offiziellen Amerikabild unterscheidet und der Wirklichkeit nähert. [Jedoch] sind [auch] diese Gedichte Behauptungen über amerikanische Politik (...), welche primär die Außenpolitik der DDR flankieren. Sogar im Fall Kunerts könnte man meinen, daß er im Grunde nur das Selbstporträt Ostdeutschlands vermittelt. In der kahlen amerikanischen Landschaft, die er abbildet, ist ihr Gegensatz, ein fruchtbarer >sozialistischer< Garten, zu erkennen. Das wenigstens ist die Schlußfolgerung, die zu ziehen bleibt. An dieser Stelle unterstützt Kunert mit seinem Amerikabild, ob er will oder nicht, das offizielle (...).

[Como único poeta (da RDA) que conhece os Estados Unidos, Kunert projecta deles um imagem que se distancia parcialmente da imagem oficial da América e se aproxima da realidade. (No entanto, também) estes poemas constituem afirmações sobre a política americana (...) que flanqueiam a política externa da RDA de forma primária. Mesmo no caso de Kunert se poderia ser levado a pensar que, no fundo, ele apenas transmite um auto-retrato da Alemanha de Leste. Na árida paisagem americana que ele projecta é possível reconhecer o seu oposto, um frutífero jardim «socialista». Isto é, pelo menos, a ilusão a tirar. Neste aspecto, Kunert apoia com o seu retrato da América, quer ele o queira quer não, a imagem oficial (...).]

Esta acusação de Kunert apoiar, voluntária ou involuntariamente, a política externa do regime da RDA face aos Estados Unidos torna-se tanto mais surpreendente e redutora, se considerarmos, com Ulrich Ott (1991: 381), que a posição “racional e crítica” de Kunert perante esse país denota uma nítida “aversão a afirmações indiferenciadas e a condenações radicais” e que, por conseguinte, “só muito dificilmente poderá ser sumariada sob a rubrica de antiamericanismo.”<sup>74</sup> A “agradável ausência de um *pathos*

<sup>74</sup> No mesmo sentido, vejam-se também Richert (1975), Osterle (1977) e Ryback (1988).

negativo” (*idem*: 383) nas «impressões americanas» de um dos mais reconhecidos poetas, romancistas e escritores de viagens da RDA não só sugere, como exige uma abordagem que seja capaz de se livrar do véu ideológico e se concentrar nos *textos* em si. Uma vez que a poesia e prosa de viagem de Kunert se caracteriza precisamente pelas suas sofisticadas (auto-)reflexões sobre o processo da escrita (da viagem), assim como pelas complexas técnicas literárias de media(tiza)ção aí evidenciadas, no decorrer deste trabalho a ela voltaremos com maior pormenor.

O mesmo se verificará em relação aos diversos livros de viagem da autoria de Fritz Rudolf Fries, aos quais a germanista – porventura, também norte-americana – Cecile Cazort Zorach dedicou um interessante artigo. No seu breve estudo da produção literária de Fries que, no âmbito mais concreto da literatura de viagens, terá acrescentado um notável contributo ao género (Zorach, 1984: 137), esta investigadora atesta a um dos mais polémicos escritores da RDA – sobretudo devido ao seu «inconformismo» literário<sup>75</sup> – uma “rare sensivity to other cultures and an acute awareness of both clichés and the conventions which writing about other lands entails” (*ibid.*: 138), sensibilidade e conhecimentos interculturais esses que advêm da sua “own mixed cultural heritage” enquanto filho de mãe espanhola e pai alemão nascido em Bilbao e que se reflectem de forma indelével quer nos seus textos de viagem propriamente ditos quer nas suas actividades académicas como ávido receptor, tradutor e mediador da literatura e cultura hispânicas na RDA.<sup>76</sup> Ao contrário dos dois estudos «imagológicos» referidos atrás, o artigo de Zorach tem o mérito de tecer algumas considerações teóricas – necessariamente breves – sobre as tradicionais «(in) características» do género do relato de viagens, que ela considera “an area of non-fiction bordering on but distinct from autobiography” (*idem*: 137), assim como de chamar a atenção para o “impulso didáctico” (*idem*: 138) e o pressuposto realismo simplista que informa grande parte da literatura de viagens da RDA e que, por conseguinte, aos olhos dos leitores de países «não-socialistas» se configurará como uma “esquematisação artificial de complexas realidades empíricas” (*ibid.*). Na sua análise são realçadas as

<sup>75</sup> Para uma visão mais aprofundada da complexidade conceptual da obra literária de Fries, veja-se a dissertação de Böttiger (1985) e o extenso artigo monográfico da autoria de Grambow (1987) no terceiro volume da *Literatur der Deutschen Demokratischen Republik. Einzeldarstellungen* (1987).

<sup>76</sup> Devem-se a Fries algumas das traduções pioneiras para a língua alemã de autores hispânicos tão importantes como Calderón, Lorca, Cortázar e Borges, entre outros.

inteligentes construções literárias patentes nos textos de viagem de Fries que, ao contornar deliberadamente modos de ver e (d)escrever estereotipados e tradicionalistas, primam pelas suas técnicas experimentalistas manifestando-se sob a forma de uma peculiar mistura de “parody, fantasy, myth, literary allusions, or experimentation with other modes (as) fiction and dialogue, for example.” (*idem*: 139). Deste denso e interessante jogo de encenação e mediação de experiências de realidades estrangeiras na literatura de viagem da autoria de Fritz Rudolf Fries ocupar-nos-emos com maior profundidade no capítulo explicitamente dedicados aos «textos (em movimento)». Por agora, retomemos a nossa relação crítica da investigação sobre a literatura de viagens da RDA, nomeadamente aquela desenvolvida «do lado de cá» e ainda anterior à «queda» do Muro.

Visto que este trabalho não pretende restringir-se à análise de apenas uma parcela do vastíssimo território da literatura de viagens contemporânea publicada na RDA entre 1949 e 1989/90, tencionando, pelo contrário, fornecer uma visão, na medida do possível, *transversal* de um género que é em si mesmo avesso a perspetivações unidimensionais, não serão apenas contemplados os livros sobre viagens ao «mundo proibido». Neste sentido, seria no mínimo redutor excluir-se deste estudo aquela parte da literatura de viagens que ocupa, lógica e inquestionavelmente, o maior terreno dessa paisagem editorial, a saber, os textos sobre viagens ao «estrangeiro amigo» – *das befreundete Ausland* – como então se dizia no discurso oficial do regime. Se bem que fosse previsível que a investigação ocidental tivesse demonstrado relativamente pouco interesse nesse tipo de publicações, o autêntico deserto que aí se verifica em relação ao estudo da imensidão de relatos de viagens de autores da RDA sobre os países do Bloco de Leste, não deixa, contudo, de surpreender. Se levarmos em conta que, talvez à excepção da «pérola cultural» Praga e das «praias douradas» da Bulgária, a imagem estereotipada da Europa de Leste que circulava nos *media* ocidentais se resumia, no fundo, a um «mundo cinzento por de trás do Muro», seria pelo menos de esperar que alguns literatos «do lado de cá», por poucos que fossem, tivessem vislumbrado nos textos sobre essa região europeia um objecto de estudo estético e cognitivo para colorir um pouco mais essa mancha branca no mapa mental das sociedades ocidentais. Mesmo que não possamos ter a pretensão de termos sido capazes de fazer um levantamento completo e exaustivo de todos os estudos ocidentais



sobre esta (sub)temática específica, certo é que o resultado dessa pesquisa se revelou bastante escasso.

Uma das raras exceções é constituída por um artigo de Heinz Bulmahn (1984), publicado, também este, numa revista norte-americana, a *GDR Monitor*. O próprio título “GDR *Reisebilder* of Poland: A matter of guilt, reconciliation and understanding” fornece, desde logo, algumas pistas em relação à(s) perspectiva(s) adoptada(s). Começando por fazer um brevíssimo retrato das difíceis relações históricas entre a Alemanha e a Polónia e da forma como, durante os séculos XVIII, XIX e, sobretudo, nos anos trinta e quarenta do século passado, os escritores alemães as teriam tratado nos seus livros, Bulmahn confere um papel de destaque à “notável figura” de Heinrich Heine. Enquanto que a causa nacionalista, despertada, no início do século, pelas invasões napoleónicas e, posteriormente, exacerbada quer na era da unificação alemã preconizada por Bismark por volta de 1870, quer pela ideia nacional-socialista do *Drang nach Osten*, votara a Polónia a um interesse não intercultural, mas expansionista, e o povo polaco a um a raça pretensamente inferior, poucos teriam sido os espíritos liberais que se interessaram pela Polónia enquanto «país real». Além de Holtei e Lenau nos seus *Polenlieder*, o poeta Heine terá sido aquele que, no seu relato de viagem *Über Polen* (1822), mais intensamente se ocupou desse país vizinho, analisando “among other things, the cultural, political and social progress of not only the Polish nobility but also the condition of the oppressed Polish peasants and minorities such as the jews.” (Bulmahn, 18). A tese defendida por Bulmahn é, resumindo, que esta sensibilidade sociocultural e o espírito solidário magistralmente evidenciados por Heine no seu «Quadro de Viagem sobre a Polónia» iria servir aos escritores da RDA, sobretudo desde 1972, data do acordo bilateral sobre a abolição dos vistos de viagens entre os dois países, como modelo perceptual e matriz literária para representar e reflectir a crescente aproximação e amizade entre dois «velhos inimigos» que agora viveriam sob um regime socialista e, por isso, se encontrariam em condições sociais, políticas e culturais muito semelhantes (*idem*: 20):

(...) to promote further understanding between Poles and Germans, GDR writers in the 1970s most frequently model their works on the travel literature in the tradition of Heinrich Heine, where the travel experience allowed for an interplay between external world and personal impressions and feelings.

Se bem que a interpretação de Bulmahn careça de uma análise dos textos propriamente ditos por via da qual se pudesse demonstrar, para além da «visão» humanista e (pré-)socialista de Heine que terá enquadrado grande parte da literatura de viagens da RDA, também as afinidades intertextuais entre as suas narrativas de viagem e as da autoria da então «nova geração»<sup>77</sup> de escritores da RDA, a conclusão deste breve artigo sobre a influência do modelo do *Reisebild* heineano na literatura de viagens produzida e publicada na Alemanha de Leste é bastante plausível (Bulmahn, 1984: 27):

The emphasis is placed on the socialist *Alltag*, that is on individuals who have learned to cope with the present in spite of a terrible past. (...) The *Reisebilder* seemed to be the most appropriate literary format for dealing with the sensitive issue of introducing the GDR public to a country about which it knew little and had very ambiguous feelings. (...) they also provided the aesthetic framework for presenting the GDR reader with current information about cultural, social, economic and political developments in modern Poland.

Na verdade, poucos escritores de viagem terão manifestado tanta mestria literária e sensibilidade social na execução da máxima horaciana de *aut prodesse aut delectare*, ou seja, no saber e na arte de dosear e conjugar as dimensões estéticas e cognitivas, como Heinrich Heine o fez nos seus *Reisebilder*. Assim, não surpreende que ao longo da história literária da segunda metade do século XX, quer de um lado quer do outro lado do Muro, os seus «quadros de viagem» se tenham configurado como um modelo, implícita ou explicitamente, seguido não só pelos autores da RDA na década de 1970, mas por gerações sucessivas de escritores que se têm dedicado à literatura de viagens.

Para concluir esta breve exposição metacrítica da investigação ocidental anterior a 1989 sobre a literatura de viagens produzida na RDA, podemos, finalmente, fazer aqui referência a um estudo desenvolvido por uma

<sup>77</sup> Esta segunda geração de escritores da RDA que viveram a sua infância durante a Segunda Guerra Mundial e que nos anos setenta começavam a redescobrir a Polónia, dedicando-lhe algumas das suas obras literárias baseadas em viagens empreendidas a esse país vizinho, são, segundo Bulmahn, Helga Schütz (*Polenreise*, 1970), Helga Schubert (*Anna kann Deutsch*, 1975), Christa Wolf (*Kindheitsmuster*, 1976), Harold Gerlach (*Der gute Hirte*, 1978), Egon Richter (*Eine Stadt und zehn Gesichter*, 1976), Joachim Walther (*Polnische Miniaturen*, 1975) e Rolf Schneider (*Die Reise nach Jaroslow*, 1976). Note-se aqui que, à excepção das «Miniaturas Polacas» de Richter, nenhum desses textos é um relato de viagens propriamente dito, reportando-se à viagem apenas como cenário para os respectivos enredos romanescos ou novelísticos.

germanista da República Federal Alemã. A dissertação de Barbara Zwirner (1986) – que, ao não ter sido publicada por qualquer editora, reflectirá sintomaticamente o esquecimento e/ou desinteresse a que esse género literário de autores da RDA terá sido votado durante o período da «Guerra Fria» na germanística ocidental – é, porventura, o estudo mais extenso e mais aprofundado sobre este tema específico elaborado até ao momento. Enquadrando-se de um modo geral nos dois «paradigmas dominantes» dos anos 70 e 80, isto é, na perspectiva da *História Social* (ou sociológica) da *Literatura*, por um lado, e, por outro, nos parâmetros genéricos de uma teoria da *Recepção da Literatura* que tem em Robert Jauß e Wolfgang Iser os mais proeminentes representantes da chamada *Escola de Constância*,<sup>78</sup> Zwirner propõe-se, de acordo com os objectivos avançados na introdução à sua dissertação (Zwirner, 1986: II):

(...) die Bedingungen von Reisen in der DDR (...) in ihrem sozio-kulturellen und politischen Umfeld zu bestimmen [und] die wesentlichen Faktoren der Entstehung, Funktion und möglichen Wirkung der DDR-Reiseliteratur in ihrem sozialgeschichtlichen Kontext zu erfassen.

[(...) determinar as condições das viagens na RDA (...) no seu meio sociocultural e político (assim como) dar conta dos principais factores da produção, da função e do possível impacto da literatura de viagens da RDA no seu contexto socio-histórico]

Se bem que esse ambicioso objectivo não tenha sido atingido na sua plenitude, o estudo de Zwirner tem, todavia, o inquestionável mérito de constituir, na germanística ocidental, a primeira investigação «a sério» neste domínio específico.<sup>79</sup> Na medida em que se debruça não apenas sobre os

<sup>78</sup> Este seu enquadramento teórico-metodológico, apesar de intuitivamente (?) pressuposto e (a nosso ver) correctamente aplicado à perspectivação do complexo fenómeno «literatura de viagens na RDA», carece, no entanto, de qualquer fundamentação argumentativa, não se podendo encontrar, nem sequer na bibliografia, qualquer referência quer à investigação metacrítica sobre o género, quer aos teoremas que subjazem à concepção de uma *Sozial- und Rezeptionsgeschichte der Literatur*.

<sup>79</sup> Neste sentido, o facto de este estudo de Zwirner ter passado «em branco» a Brenner pode ser considerado uma lacuna relativamente grave naquele que é, inquestionavelmente, o mais extenso e mais exaustivo balanço histórico-literário da investigação relacionada com o relato de viagens em língua alemã. Apesar de se tratar de uma mera assunção, ousaríamos aqui afirmar que, caso Brenner tivesse tomado conhecimento desse estudo, teria, senão revisto por completo,

textos de autores previamente conhecidos junto do público da República Federal Alemã, casos de Kunert e Fries cujas obras também foram em parte publicadas na RFA, como também se ocupa de autores e textos desconhecidas do lado de cá da «Cortina de Ferro», esta dissertação poderia ter contribuído, caso tivesse sido divulgada por via de uma editora ocidental, para um considerável alargamento do conhecimento acerca da grande diversidade e relevância do género no sistema literário da RDA e, por conseguinte, do seu contributo para literatura de viagens contemporânea de língua alemã em geral. Olhando à diversidade do *corpus* analisado, que engloba textos quer dos escritores mais dogmáticos, os chamados «poetas do partido» (*Parteidichter*), quer dos mais críticos e/ou dissidentes, assim como relatos de viagens, do ponto de vista literário, ora mais «tradicionalistas» ora mais «modernistas», Zwirner chega à conclusão (correcta) de que a literatura de viagens da RDA não pode ser abordada, de forma monolítica, apenas sob o prisma de uma sobrevalorização política e ideológica. Face ao período tratado nesse estudo, nomeadamente os anos que medeiam entre 1971 e 1985, altura em que parte significativa da “literatura da RDA entra na sua era experimental” (Emmerich, 2000: 397), não surpreende que Zwirner entreveja, pelo menos numa parte substancial da literatura de viagens desse país, para além das (anacrónicas) funções demasiadamente politizantes e didactizantes que a distinguem da variante ocidental, alguns traços da dimensão crítico-civilizacional semelhantes ou mesmo idênticos aos que na mesma época dominam o género no Ocidente, tais como a perspetivação extremamente crítica da evolução da viagem no sentido do turismo de massas ou as preocupações ecológicas e pacifistas.

Apesar de se poder justificar a escolha deste período pelo facto de, a partir de início da década de setenta, o «novo regime» da RDA, agora liderado por Erich Honecker, propagar uma maior «abertura ao mundo» (*Weltoffenheit*) e, por conseguinte, se ter fomentado a produção e recepção da literatura de viagens, certo é que, ao não se levar em linha de conta a evolução deste género durante as primeiras duas décadas da existência da RDA, ficarão por esclarecer as continuidades e descontinuidades a um nível quer intra quer extra-literário do complexo fenómeno da viagem e sua representação. O nosso estudo pretende assim, para além de proporcionar uma aproximação do tema algo diferente da perspectiva adoptada por

---

pelo menos relativizado a sua opinião de que, em comparação com a República Federal Alemã, na RDA se verificou uma evolução completamente diferente do género (Brenner, 1990: 646).

Zwirner, colmatar os períodos anterior e posterior àquela escassa década e meia tratada nessa dissertação. Escusado será dizer que o trabalho muito informativo de Zwirner constituiu um precioso ponto de partida para as nossas investigações e que, por conseguinte, não hesitaremos a ele aqui recorrer sempre que o consideremos pertinente.

### 2.2.3 Metavisões «do lado de lá» do Muro

No que concerne à investigação germanística na RDA sobre a literatura de viagens produzida e publicada no seu próprio país, a situação não difere substancialmente daquela verificada na germanística ocidental. Adotando, no fundo, o mesmo tom do contemporâneo discurso metacrítico nos estudos literários do Ocidente sobre o silêncio e/ou o esquecimento injustos a que o género teria sido votado, Heinz Härtl (1977) inicia assim o seu artigo expositivo sobre a “Evolução e [as] Tradições da Literatura de Viagens Socialista” precisamente com a indicação de que a investigação literária de cunho marxista-leninista se encontraria ainda perante a urgente tarefa de se dedicar com maior intensidade a esse objecto de estudo. Ao contrário das assunções dos investigadores ocidentais que, mais tardar desde a década de 1970, postulavam a progressiva *desfuncionalização* e o gradual desaparecimento do género na RFA, em relação à evolução da literatura de viagens no «mundo socialista», Härtl (1977: 299) mostra-se convicto de que “a política da coexistência pacífica levada a cabo pela União Soviética” e o conseqüente processo da “integração económica” dos países socialistas iria fazer aumentar ainda mais “a importância da literatura de viagens”, sendo por isso necessária uma “dedicação mais intensa” a esse género literário no seio da germanística da RDA. No seu brevíssimo inventário da escassa investigação sobre a literatura de viagens alemã até então desenvolvida quer na RFA quer na RDA – inventário esse que, curiosamente, não lhe merece mais do que uma mera nota de rodapé, mas em que não deixa de chamar a atenção para a falta de uma dimensão política nas abordagens ocidentais, alegando que, apesar de ainda insuficiente, a investigação da RDA sempre começara a “reconhecer” essas “importantes funções políticas” do relato de viagens – Härtl (*idem*: 333 ss) chega assim à seguinte conclusão:

Zur Bedeutung der Reiseliteratur steht die literaturwissenschaftliche Beschäftigung mit ihr im eklatanten Widerspruch. Er läßt sich in der traditionellen bürgerlichen Literaturwissenschaft erklären aus der Abstinenz von sozialen und politischen Stoffen, der damit verbundenen Autonomiekonzeption der «schönen» Literatur und der Abwertung nicht fiktiver Prosaformen erklären.

[Entre o tratamento da literatura de viagens pelas ciências literárias e a significância da literatura de viagens em si existe uma profunda contradição. Nos tradicionais estudos literários burgueses, essa contradição pode ser explicada pela ausência de matérias sociais e políticas, pela respectiva concepção autonomicista da «bela» literatura e pela sua desvalorização de formas de prosa não fictícias.]

O facto de as referências enumeradas no seu inventário das investigações previamente desenvolvidas na RDA sobre a literatura de viagens se resumirem, de uma forma no mínimo redutora, não a trabalhos sobre esse género propriamente dito, mas a alguns estudos sobre a forma literária da reportagem, é em si já um indicador sintomático do esforço ideológico e retórico de Härtl para inscrever a produção da literatura de viagens da RDA numa tradição «genuinamente» socialista do género. Se levarmos em conta que os anos 70 se caracterizaram na RDA por um intenso debate sobre o *Kulturerbe*, isto é, as tradições e heranças culturais, debate esse que, em última instância, levaria a um alargamento do cânone literário oficialmente reconhecido pelo regime, a redução da literatura de viagens da RDA a apenas duas “tradições essenciais” defendida por Härtl deve ser considerada – mesmo na perspectiva (apesar de tudo) fechada do próprio sistema literário da RDA – uma posição anacronicamente dogmática (*idem*: 300).

Die sozialistische deutsche Reiseliteratur der Gegenwart hat als zwei wesentliche Traditionen die linksbürgerliche und die sozialistische Reise- und Reportageliteratur aus der Zeit der Weimarer Republik sowie die bürgerlich-demokratischen Reisebeschreibungen vor allem der späten Aufklärung, als die deutsche bürgerliche Reiseliteratur ihre hauptsächlichen Typen und Techniken ausgebildet.

[A literatura de viagens socialista em língua alemã dos tempos contemporâneos assenta essencialmente em duas tradições, a de uma esquerda burguesa

e a literatura e reportagem de viagens socialistas dos tempos da República de Weimar, assim como as descrições de viagens democrático-burguesas do Iluminismo tardio, altura em que a literatura de viagens burguesa em língua alemã desenvolveu os seus principais tipos e técnicas.]

Para demonstrar e legitimar esta assunção de uma tradição inquestionavelmente «democrática» e «socialista» da literatura de viagens produzida na RDA que remontaria, por um lado, aos relatos de viagem da burguesia democrática do Iluminismo tardio e, por outro, às reportagens de viagem de cunho socialista na República de Weimar, Härtl enceta de seguida uma breve incursão pela evolução histórica do género desde finais do século XVIII até ao evento da revolução bolchevique em 1917. Conforme seria de esperar, nesse levantamento diacrónico é dada uma grande ênfase às tendências politizantes do género. A esta vertente explicitamente política e sócio-crítica contrapõem-se, sob forma de uma simplificação algo grosseira, as concepções «classicistas» e «burguesas» das *Bildungs-und Kunstreisen* (viagens de formação cultural e artística) que, ao ignorarem as condições sociais nos países visitados, não passariam de “fugas mais ou menos conscientes de um presente miserável (...) para um passado idealizado” (*idem*: 303). Na perspectiva esquemática (e dogmática) de Härtl, este forte contraste entre duas vertentes da história do relato de viagens alegadamente opostas e incompatíveis é representado, de um modo emblemático, pelas «viagens italianas» de Goethe e Seume (*idem*: 304):

So klassisch die *Italienische Reise* aufgrund der Meisterschaft der Darstellung, des Reichtums des Dargestellten sowie als Zeugnis der Wiedergeburt des Autors durch die Begegnung mit Kunst, Landschaft und Menschen Italiens ist, sowenig kann sie Reisebeschreibungen als Paradigma dienen, die sich einem aktuellen Interesse an sozialpolitischen Verhältnissen verpflichten. (...) Zu dem Italienbild, das die *Italienische Reise* im Bewußtsein des deutschen Bildungsbürgertums errichtet hat, bildet Johann Gottfried Seumes *Spaziergang nach Syrakus im Jahre 1802* (1803) den stärksten Kontrast.

[Por mais clássica que a *Viagem a Itália* possa ser considerada devido à mestria da representação, à riqueza do que é representado, assim como ao facto de constituir um testemunho do renascimento do autor pelo encontro com a arte, a paisagem e a gente italianas, ela não pode, porém, servir de

paradigma aos relatos de viagens comprometidos com um interesse actual pelas condições sócio-políticas. (...) A imagem da Itália que a *Viagem a Itália* implementou na consciência da burguesia culta alemã representa o maior contraste com *Spaziergang nach Syrakus im Jahre 1802* (1803) de Johann Gottfried Seume.]

Antes de se dedicar à exposição histórico-evolutiva do outro vector da tradição literária em que a literatura de viagens da RDA se insere, nomeadamente a tradição vincadamente marxista-socialista que atingiria o seu auge na República de Weimar, Härtl tece, ao longo de várias páginas, os mais rasgados elogios aos dois relatos diarísticos de Seume sobre as suas duas grandes viagens, respectivamente a Itália (*Spaziergang nach Syrakus im Sommer 1802*) e ao Norte e Leste europeu (*Mein Sommer 1805*). Lamentando que a influência dos seus relatos de viagem sobre a posterior evolução do género se tenha basicamente resumido ao “cliché de «Seume, o andarilho»” (*idem*: 309),<sup>80</sup> lugar-comum que estaria na origem do fenómeno de moda «burguês» da viagem pedestre durante todo o século XIX, Härtl não tem qualquer dúvida em atestar a Seume, para além de uma extrema sensibilidade social e coragem política, as mais elevadas qualidades literárias, entre as quais se destacariam “a coerência interna das suas descrições de viagem”, o seu “estilo firme e poderoso”, “o modo conciso de nomear as realidades”, a “apetência pelo sarcasmo e o anedótico”, a sua peculiar capacidade para sintetizar os registos culto e coloquial, a “relação de equilíbrio entre a descrição e a reflexão” que decorreria, por um lado, do seu apurado sentido da “objectividade social” e, por outro, da sua “subjectividade assumida” (*idem*: 306). Perante o esplendor deste discurso laudatório sobre a obra de Seume, as poucas e lacónicas referências, feitas *en passant*, à evolução do género no período do *Vormärz*, para a qual contribuíram escritores da craveira de Heinrich

<sup>80</sup> Mesmo que na RDA lhe tenha sido dedicada, na década de 1950, uma pequena antologia de divulgação (*Seume-Lesebuch*) e, em 1954, a *Bibliothek deutscher Klassiker* tenha editado a sua obra em dois volumes, de facto, Seume poderá ser mesmo considerado um dos «clássicos (quase) esquecidos» da história literária alemã. Recentemente, o conhecido escritor da República Federal Alemã Friedrich Christian Delius prestou-lhe uma homenagem literária muito interessante com a narrativa de viagem *Der Spaziergang von Rostock nach Syrakus* (1996). Uma vez que aí conta a história (baseada num caso verídico) de um cidadão da RDA que, em meados da década de 1980, ousou e conseguiu transpor as fronteiras de forma ilegal para fazer, à semelhança de Seume, uma caminhada até à Sicília e voltar voluntariamente (!) ao seu país, o livro de Delius será ainda retomado no decorrer deste estudo.



Heine e Fanny Lewald, entre muitos outros, quase que se dissolvem à sombra daquele escritor de viagem enaltecido por Härtl. A continuação da sua argumentação desvenda a razão dessa subestimação do importantíssimo impulso para a literatura de viagens constituído pelo vasto e diversificado *corpus* de relatos sobre viagens a Itália vindos a lume durante todo o século XIX, uma vez que considera que as visitas a esse mítico país por parte de escritores alemães quase só deram origem a uma literatura de viagens de cunho claramente «burguês» (*idem*: 309): “Die sozialistische Reiseliteratur über Italien (vermochte), sich nur punktuell auszubilden.” [A literatura de viagens sobre a Itália só foi capaz de se desenvolver em termos pontuais.] Na sua opinião, esta evolução regressiva no pós-Iluminismo deveu-se ao facto de o Romantismo, apesar ter contribuído para o surgimento de novas formas de “elevado valor estético”, se caracterizar pelo “desaparecimento do conteúdo social” e, conseqüentemente, pela *despolitização* do género (*idem*: 307). Visto que Härtl exclui da «tradição socialista» – à boa maneira do dogma estético-cultural do «Realismo Socialista» – toda a herança do Romantismo e do Expressionismo, o século XIX apresenta-se-lhe como que uma longa travessia do deserto que só terminaria com a «Revolução de Outubro» e com o interesse que a nova União Soviética despertaria em muitos escritores alemães.

Face à suposta ruptura na tradição do relato de viagens sócio-crítico ocorrida no século anterior (*idem*: 307), o «recomeço» da literatura de viagens socialista no século XX configurar-se-ia, assim, algo difícil. Se bem que logo desde o final da Primeira Guerra Mundial tivesse vindo a lume uma “infindável quantidade de escritos sobre a União Soviética” (*idem*: 311),<sup>81</sup> Härtl considera que a maioria não se mostrou capaz de retomar de imediato, pelo menos de um ponto de vista qualitativo, a «tradição democrática» do relato de viagem do Iluminismo tardio. Essas dificuldades no domínio estético devem-se, na sua opinião, a factores de ordem diversa que vão desde um partidarismo excessivo, por vezes, mesmo patético, por parte dos muitos «viajantes-delegados» do Partido Comunista Alemão,

<sup>81</sup> Visto que a «reportagem de viagem» na República de Weimar constitui, no âmbito da investigação sobre a literatura de viagens, um dos objectos mais aprofundadamente estudados da germanística quer ocidental quer da RDA, podemos aqui abdicar de uma exposição mais alongada desta vertente do relato de viagens. A este respeito, vejam-se, entre outros, Schreiber (1972), Engelbert (1974), Schütz (1977), Hammond (1980), Hertling (1982), Markham (1986), Gleber (1989) e Brenner (1990: 588-628). Visto que alguns desses autores de reportagens de viagens continuaram a escrever e a publicar na RDA, como nos casos de Weiskopf e Renn, este assunto será ainda pontualmente retomado no decorrer deste trabalho.

passando por uma relação demasiadamente emocional com o país descrito, até à falta de uma teoria sólida acerca do «novo» género da *reportagem* de viagem que a distinguisse da sua contravertente «burguesa» representada pelo paradigma da *Neue Sachlichkeit* (Nova Objectividade). De acordo com Härtl (*idem*: 313-319), o desenvolvimento da reportagem de viagem de cunho socialista no sentido de (re)adquirir uma elevada qualidade literária terá sido, em parte, atrasado pela concepção “purista” de Georg Lukács, então o «papa» da teoria do «Realismo Socialista». Não obstante sua insistência numa separação clara entre a «verdadeira» obra literária, paradigmaticamente representada pelo romance realista, por um lado, e, por outro, a «reportagem», que alegadamente não se pautaria por interesses estéticos, mas científicos, ao aceitar a “importância ideológica da reportagem”, Lukács terá ainda funcionando como “catalisador” para o “carácter artístico” que a reportagem de viagem socialista iria adquirir durante a República de Weimar.<sup>82</sup> Os “principais impulsionadores” desta evolução da reportagem no sentido de a transformar numa “forma artística” propriamente dita são, ainda de acordo com Härtl (*idem*: 320ss), Weiskopf e Kisch, autores que, no entanto, mais do que remontarem à tradição (iluminista) alemã, deveriam os seus impulsos inovadores sobretudo à “herança checa” consubstanciada nas obras de “representantes tão proeminentes da arte da narrativa socialista” como Majerová, Pujmanova, Fucik e Václavěk (*idem*: 323s). O único autor que Härtl considera ter sido capaz de retomar e desenvolver nos anos 20 – de forma, porventura, dialéctica e muito produtiva – a tradição «clássica» da literatura de viagens alemã sobre a Itália foi Walter Benjamin com os seus *Städtebilder* (1927) do Sul e do Leste europeu. Uma vez que esta convocação dos «Quadros de Cidades» ensaísticos de Benjamin para fundamentar uma alegada tradição da literatura de viagens de cunho socialista é no mínimo curiosa, valerá aqui a pena transcrever um excerto um pouco mais extenso da argumentação de Härtl (*idem*: 327):

Lehrte Benjamin sein Sowjetunion-Aufenthalt, «Europa mit dem bewußten Wissen von dem, was sich in Rußland abspielt, zu beobachten und zu

<sup>82</sup> Este «ataque» a Georg Lukács, inquestionavelmente um dos mais proeminentes teóricos do «Realismo Socialista», terá de ser visto à luz da reviravolta que a sua reputação sofrera, em 1956, desde o seu envolvimento pela causa anti-estalinista no seu país de origem, a Hungria, passando então de «mestre idolatrado» a «traidor contra-revolucionário». Sobre as cambiantes da recepção e influência de Lukács na RDA, veja-se Spies (1991).

beurteilen», so kontrastierten seine Städtebilder aus dem Süden zu den inhaltsleeren spätbürgerlichen Italien-Schilderungen. Mit dem Zusammenhang zwischen dem Leben im Süden und im Osten reflektieren sie untergründig den zwischen der klassischen bürgerlichen Bildungsreise und der klassischen sozialistischen. Während diese sich auszubilden begann, entfernte jene sich von ihren sozialen und persönlichkeitsbildenden Gehalten. Indem Benjamins Städtebilder diese zur gleichen Zeit bewahrten, in der sie das werdende Neue in der Sowjetunion erkennen ließen, verweisen sie auf die klassische Reiseliteratur über Italien als eine wesentliche Tradition der sozialistischen.

[Se a estada na União Soviética ensinara Benjamin “a observar e avaliar a Europa com o saber consciente daquilo que se passa na Rússia”, os seus «quadros de cidades» do Sul contrastam com as descrições de Itália de uma burguesia tardia que se caracterizavam por um esvaziamento de conteúdo. Com o estabelecimento de uma conexão entre a vida no Sul e a Leste, eles reflectem, de forma subliminar, a ligação entre a viagem de formação cultural burguesa e a viagem clássica de cunho socialista. Enquanto esta começara a desenvolver-se, aquela distanciara-se dos seus conteúdos sociais e de formação pessoal. Na medida em que os quadros de cidades da autoria de Benjamin preservaram ambos dando, ao mesmo tempo, conta do novo que emergia na União Soviética, eles estabelecem assim uma referência à literatura de viagens clássica sobre a Itália como uma tradição essencial da literatura de viagens socialista.]

Para chegar ao panorama contemporâneo da literatura de viagens na RDA, Härtl salta de Benjamin directamente para Günter Kunert, em cuja escrita (não só de viagem) suspeita – correctamente – uma influência dos *Städtebilder*. As frequentes “viagens ao passado, sobretudo ao tempo do fascismo,” assim como à história do próprio género da literatura de viagens (Härtl, 1977: 328) são, de facto, duas características marcantes da produção literária de Kunert, em cuja obra os tópicos da *memória* e as auto-reflexões sobre o *medium* literatura desempenham um papel fulcral.

Antes de terminar o seu artigo com uma breve revista de alguns relatos de viagens de escritores da RDA sobre viagens à União Soviética, textos que alegadamente se caracterizam por uma “continuidade” linear em relação aos autores socialistas que, já na época de Weimar, escreveram sobre esse país e que “ocupam na literatura da RDA um lugar sólido e destacado”

(*idem*: 329), tais como os de Alfred Kurella (1947 e 1956), Stephan Hermlin (1948), Peter Grosse (1967), Karl Grünberg (1970) e Karl-Heinz Jakobs (1975), Härtl volta ainda à sua «obsessão», se assim se pode dizer, da tradição «burguesa» dos livros de viagem sobre a Itália. Perante a publicação então recente de um volume de impressões de viagens da jovem escritora Christine Wolter, com o título alusivo a Goethe *Meine italienische Reise* (1973) (*A minha Viagem a Itália*), Heinz Härtl parece mesmo sentir a necessidade de legitimar o aparecimento de uma publicação desse género na paisagem editorial de um país tão «profundamente» socialista como a RDA. Esse novo interesse pela Itália contemporânea justificar-se-ia, na sua opinião, mais do que por uma questão de tradição literária e cultural, sobretudo devido aos “sucessos do PCI e dos trabalhadores italianos” que teriam recentemente contribuído de forma significativa para a crescente importância desse país (*idem*: 329):

An die Tradition der deutschen Italienreise anzuschließen konnte nicht das Hauptziel der sozialistischen Reiseliteratur sein. Doch vermittelt *Meine italienische Reise* (1973) von Christine Wolter von Örtlichkeiten und Menschen Italiens einige wesentliche, sehr plastische Ansichten, die von einer um Präzision bemühte Sprache herausgetrieben werden. Vielleicht liegen hier am ehesten Ansätze zu einem bedeutenden Italien-Buch der DDR-Literatur, das der aktuellen, durch die Erfolge der IKP und der italienischen Werktätigen erst neuerdings gesteigerten Bedeutung des Landes ebenso bewußt ist wie der Tradition der deutschen Italien-Reiseliteratur, der sich die Autorin mit dem an Goethes *Italienische Reise* anspielenden Titel verpflichtet.

[O objectivo principal da literatura de viagens socialista não poderia ser o de dar continuidade à tradição alemã das viagens a Itália. Ainda assim, *A minha Viagem a Itália* (1973) de Christine Wolter transmite algumas visões essenciais e muito plásticas de lugares e gentes italianas que primam pela sua linguagem precisa. Talvez aqui se encontrem as bases para o que poderá ser um livro significativo sobre a Itália na literatura da RDA, livro esse que não só revela uma consciência dos actuais sucessos do Partido Comunista Italiano e dos trabalhadores Italianos que recentemente têm vindo a conferir uma crescente importância ao país, como se mostra comprometido com a tradição alemã da literatura de viagens sobre a Itália, conforme demonstra o seu título alusivo à *Viagem a Itália* de Goethe.]

Na verdade, esta não iria ser a única «viagem italiana» de Wolter. Depois de ter «visitado» a Itália para investigações académicas na sua área de romanista e tradutora literária, estadias diversas que, de resto, deram origem ao livro referenciado por Härtl, a jovem escritora acabaria por estabelecer laços matrimoniais com um cidadão italiano e mudar-se definitivamente para o lendário «país dos limoeiros em flor». Precisamente no ano da publicação do artigo de Härtl seria editado um segundo livro de viagens de sua autoria com o título *Juni in Sizilien* (1977) e, dez anos depois, um volume de pequenos textos sobre Milão (*Die Straße der Stunden. 44 Ansichten von Mailand*, 1987), trabalhos esses com os quais iria certamente gorar as expectativas que esse estudioso do género nela depositara, isto é, a de fornecer à RDA uma obra importante da literatura de viagens sobre a Itália que contrariasse, de forma inequívoca, a bissecular tradição «burguesa» e «conservadora».<sup>83</sup> Na verdade, nem as de Wolter nem qualquer outra das (poucos) «viagens italianas» de escritores da RDA, como, por exemplo, os volumes mais extensos dos «alinhados» Hugo Huppert (1965) e Waltraut Lewin (1989), conseguiram romper tão radicalmente com esse paradigma «burguês» e «conservador» da literatura de viagens sobre a Itália como o autor ocidental Rolf Dieter Brinkmann no seu demolidor *Rom. Blicke* (1979).

Apesar de este artigo de Härtl constituir o primeiro estudo académico de fundo sobre a literatura de viagens produzida na RDA e assim ter chamado, no âmbito da germanística da Alemanha de Leste, a atenção para um género – com certeza não por mero acaso – ignorado ou menosprezado pelas ciências literárias durante as primeiras duas décadas de existência da «República dos Operários e Camponeses», o seu contributo para a investigação específica neste domínio parece-nos, no entanto, de um valor científico bastante duvidoso. Se bem que demonstre possuir conhecimentos profundos da história literária do género, o seu esforço por «construir», a todo custo, uma tradição pressupostamente socialista que enquadraria a produção dos livros de viagens na RDA resulta, em suma, num discurso legitimador cujas marcas de um esquematismo político-ideológico são por demais evidentes, nomeadamente no que concerne à omissão da impor-

<sup>83</sup> A respeito do efeito deturpador das recensões da sua obra de viagem pelos estudiosos da RDA, veja-se o artigo ensaístico “Die Kunst der Rezension: «sozialistische Reiseliteratur»” [“A arte da recensão: «Literatura de viagens socialista»”] da autoria da própria Christine Wolter (1993: 21-27) num volume seu que veio a lume já no período pós-reunificação.

tante função *autocrítica* da literatura de viagens nos séculos XVIII e XIX. Uma das marcas e/ou «máculas» mais visíveis da sua perspectiva dogmática consiste na concepção explicitamente instrumental do relato de viagens. Assim, na visão de Härtl, este género literário não só devia contribuir para conferir à literatura da RDA uma dimensão «internacionalista» e cosmopolita, como devia assumir um importante papel didáctico e político-diplomático no processo de integração e «solidariedade anti-imperialista» dos povos do «mundo socialista» (Härtl, 1977: 299):

Zahlreiche Reisebücher bezeugen mit der Mannigfaltigkeit der in die DDR-Literatur eingebrachten Stoffe ihre Anteilnahme am antiimperialistischen und Befreiungskampf anderer Länder, Völker und Menschen und damit eine Welthaltigkeit, die primär durch politische und soziale Interessen vermittelt ist und von exotischen unterstützt wird.

[Numerosos livros de viagens testemunham, com a diversidade das matérias acrescentadas à literatura da RDA, a sua participação activa na luta anti-imperialista e de libertação de outros países, povos e gentes, demonstrando assim uma mundanidade essencialmente assente em interesses políticos e sociais e apoiada em aspectos exóticos.]

Este entendimento basicamente instrumental(ista) do género coincide, de resto, com a entrada referente a *Reiseliteratur* no «Dicionário das Ciências Literárias» da RDA. Após uma breve e objectiva exposição histórica do desenvolvimento da literatura de viagens alemã, a “reportagem de viagem” contemporânea é aí considerada – numa formulação que faz lembrar a linguagem dos serviços de segurança do Estado da RDA, a *Stasi*<sup>84</sup> – um “operatives Genre”, isto é, um género *operativo*, e um importantíssimo “elemento constitutivo no surgimento e solidificação das diversas literaturas nacionais de cariz socialista” (*Wörterbuch der Literaturwissenschaft*, 1986: 431).

Como co-autor desse artigo enciclopédico, não surpreende que Harri Günther reitere essa peculiar função «operacional» do género noutros dos seus estudos dedicados quer à edição histórica quer à produção contem-

<sup>84</sup> Este precioso reparo é feito por Heymann (1998: 21) num dos raros estudos pós-reunificação sobre a literatura de viagens da RDA, tratando-se de um artigo a que, obrigatoriamente, mais à frente faremos referências mais detalhadas.

porânea de literatura de viagens na RDA. Na conclusão do seu artigo “Zur Pflege historischer Reiseliteratur in den Verlagsprogrammen der DDR”, em que se traça, conforme o título indica, o perfil da paisagem editorial da RDA no que concerne à “preservação” da literatura de viagens histórica, a avaliação da evolução do género durante o século XX é, assim, idêntica à concepção político-instrumental defendida quer por Härtl quer pelo próprio Günther na referida entrada do dicionário literário (Günther, 1988: 43):

Im 20. Jahrhundert erhielt die Reiseliteratur mit dem Erstarren der Arbeiterbewegung und dem Entstehen der Sowjetunion einen neuen sozialen Inhalt, dem vor allem in der Reisereportage der proletarisch-revolutionären Literatur entsprechende Darstellungsweisen zukommen. Die wichtigsten dieser Reportagen (...) werden in der DDR lebendig gehalten, weil sie als operatives Genre geradezu ein bedeutsames Element im Entfaltungsprozeß der sozialistischen Nationalliteratur darstellen.

[No século XX a literatura de viagens adquiriu, com o fortalecimento do movimento operário e o surgimento da União Soviética, um novo conteúdo social de cuja representação seria sobretudo a reportagem de viagens no seio da literatura proletária e revolucionária a ocupar-se. As mais importantes dessas reportagens (...) são mantidas vivas na RDA, visto que, enquanto género operativo, reapresentam um elemento basilar do processo de desenvolvimento da literatura nacional de cunho socialista.]

Curiosamente, o forte cunho de uma retórica marxista-leninista nesta constatação final sobre o desenvolvimento mais recente da literatura de viagens contrasta com a descrição bastante objectiva que Günther faz da evolução *diacrónica* do género. Ao invés do esforço discursivo de Härtl para construir uma (sinuosa) linha genuína e tradicionalmente «socialista» do relato de viagens, o historial traçado por Günther demonstra que “nas editoras da RDA, a literatura de viagens histórica foi desde o início entendida e preservada como parte integrante da herança” cultural, sem que se tenha procedido a qualquer tipo de classificações taxativas que diferenciassem esse heterogéneo território textual entre “»eigentliche« und »uneigentliche« Literatur” (Günther, 1988: 38s), ou seja, entre “literatura «verdadeira» e «não verdadeira»”. De facto, a quantidade e, sobretudo, a grande diversidade dos textos de viagens e aventuras «clássicos» (re)publicados pelas

editoras da RDA, entre as quais se destacam a *Brockhaus*, a *Verlag Neues Leben* e a *Hinstorff Verlag* com as suas séries especificamente dedicadas à literatura de viagens anterior ao século XX, não permitem entrever uma linha editorial explicitamente submetida aos parâmetros políticos e ideológicos de uma teleologia socialista. Apesar da intensa e “multifacetada preservação da herança literária nacional e internacional” por parte das editoras da RDA remontar ao “reinício cultural [logo] após 1945”, Günther considera porém que essa assimilação produtiva de toda a “riqueza temática e formal” inerente à diversificada tradição da literatura de viagens não aconteceu de um modo contínuo e denuncia as “tendências restritivas” que, sobretudo na década de 1960, se teriam baseado numa concepção estanque da tradição do relato de viagens que teria sobrevalorizado, conforme Härtl ainda o fizera em 1977, a dimensão e função explicitamente políticas e ideologizantes do género.

O processo de transformações ocorrido a nível da “mundividência” a que Günther se refere reflecte, de forma exemplar, a (tímida) «viragem» ocorrida na própria política cultural e diplomática da RDA que, conforme ainda poderemos constatar com maior pormenor no capítulo seguinte, durante a era de governação de Erich Honecker (1971-1989) se autoproclamava um país cada vez mais aberto ao mundo moderno. Num sistema fundamentado sob uma hierarquia repressiva, em que os espaços autónomos dos diversos domínios socioculturais foram sempre limitados ou mesmo ilusórios,<sup>85</sup> esse discurso oficial de «abertura» e «modernização» repercutir-se-ia forçosamente também ao nível da política literária. O famoso discurso de Honecker perante o IV Plenário do Comité Central logo após a sua tomada de posse em que afirmava que, doravante, na arte e literatura não poderia haver tabus, nem ao nível da escolha dos temas nem em relação a questões de estilo e forma, se bem que na prática se tenha posteriormente revelado como uma falsa promessa, sinalizava essa nova tendência liberalizante. No que à germanística em concreto diz respeito, o sinuoso e descontínuo processo de semi-liberalização ocorrido nas duas últimas décadas da existência da RDA expressou-se numa gradual (e parcial) substituição da vertente «gnosiológica», que caracterizava a teoria

<sup>85</sup> O movimento vanguardista do *Prenzlauer Berg*, cujas figuras de proa Sascha Anderson e Rainer Schedlinski também colaboraram com a *Stasi*, representa o exemplo mais paradigmático dessa autonomia *ilusória* mesmo na «cena» dos jovens escritores dissidentes. Vejam-se a esse respeito, entre outros, a denúncia de Biermann (1991) no semanário *Die Zeit* e o interessante artigo de Mann (1993).



representacionista do «Realismo Socialista», pelo chamado «paradigma funcionalista e comunicacional».<sup>86</sup> Sem pôr em causa os fundamentos político-ideológicos e as respectivas «responsabilidades» socioculturais de uma germanística de índole marxista-leninista, esta nova perspectiva renunciava progressivamente ao dogma «anti-modernista», que durante as primeiras décadas da RDA dominara as «campanhas» contra a alegada decadência do «formalismo» literário representado por figuras tão proeminentes do cânone mundial como Kafka, Proust ou Joyce, e passava a concentrar suas atenções sobre as dimensões empírica e sociológica do sistema literário.<sup>87</sup> Uma concepção meta-literária deste género não só pressupunha uma «abertura» do cânone clássico e/ou socialista, como implicava considerar os interesses de leitura do país «real». É neste sentido que se deve entender a afirmação de Günther de que a recente “reavaliação da herança constituída pela literatura de viagens” e o conseqüente “surto explosivo de livros de viagem no mercado literário da RDA” iriam ao encontro das “necessidades cada vez mais diferenciadas dos leitores” por um tipo de literatura lúdica e informativa cuja “autenticidade” e técnicas de representação documentaristas apelariam ao “intemporal desejo de participar em algo que não pode ser pessoalmente vivido” (*idem*). Se tivermos em conta as fortes restrições da mobilidade turística imposta aos leitores e olhando ao facto de esta afirmação se reportar à literatura de viagens *histórica*, ou seja, a textos sobre uma «realidade» que, irremediavelmente, jamais poderia ser experimentada *in loco*, a afirmação de Günther em relação ao crescente interesse por esse género literário e à maior diversidade de livros de viagens disponíveis nos escaparates das livrarias da RDA, se bem que não deixe de ser verídica e, portanto, não possa ser considerada demagógica, reveste-se todavia de um certo cinismo.

Num outro artigo de Günther dedicado à “Reiseprosa in der Gegenwartsliteratur der DDR” (1982), este cinismo torna-se ainda mais acentuado, quando no final do seu ensaio panorâmico sobre a presença deste género específico na paisagem literária contemporânea da RDA afirma (Günther, 1982: 52s):

---

<sup>86</sup> Para uma visão crítica desta «semi-iragem de paradigma» ocorrida nas ciências literárias da RDA durante a década de 1970, veja-se Lehmann (1995).

<sup>87</sup> Os volumes *Gesellschaft, Literatur, Lesen. Soziologische Untersuchungen zur Literatur und Kunst* (1975) e *Funktion und Wirkung. Literaturrezeption in theoretischer Sicht* (1978) reflectem, de forma paradigmática e programática, esta nova perspectiva da germanística da RDA.

Einen ausführlichen Reiseführer in diese spezifische Literaturlandschaft vermochten wir nicht zu geben, wohl aber haben wir dem Reisewilligen eine Fahrkarte gelöst, deren Zielort von ihm selbst eingetragen werden muß.

[Não fomos aqui capazes de oferecer um guia de viagem exaustivo para esta paisagem literária específica, mas demos àquele com vontade de viajar um bilhete de viagem cujo destino deverá ser por ele próprio preenchido.]

Mesmo que à superfície se trate de um mero recurso retórico à milenar «super-metáfora» da viagem, certo é que, no contexto concreto de uma sociedade em que a possibilidade da transposição física (e não apenas virtual) das fronteiras rumo ao Ocidente se afigurava como um dos mais valiosos bens – porque inacessível à generalidade da população –, a ideia de que com o seu artigo sobre a multifacetada literatura de viagens contemporânea da RDA o autor do artigo teria fornecido ao leitor um bilhete para um qualquer destino de sua opção pessoal não pode ser considerada senão uma escolha extremamente infeliz, visto tratar-se de uma imagem que, na cabeça do cidadão comum, não poderia representar senão uma *miragem*. Ainda que, na verdade, a forte adesão aos livros de viagem por parte dos leitores da RDA se fundamentasse quer sobre a (plena?) consciência da dimensão cínica inerente ao *Ersatz* que a literatura de viagens lhes proporcionaria, quer numa certa “dose de masoquismo e voyeurismo” (Heymann, 1998: 23) que os impelia à leitura desse tipo de literatura, certo é que, sobretudo desde a década de 1970, os «viajantes virtuais» constituídos pelos cidadãos «normais» da RDA tiveram ao seu dispor uma enorme e muito diversificada panóplia de relatos sobre viagens históricas e contemporâneas a países espalhados por todo o globo. No contexto da germanística da RDA os artigos de Günther – apesar das «máculas» ideológicas que lhe possam ser apontadas – fornecem, sem dúvida, os “guias” mais detalhados sobre essa presença da literatura de viagens na RDA. Nomeadamente o seu ensaio dedicado aos livros de viagens contemporâneos constitui um contributo precioso para o nosso estudo. Valerá, assim, a pena sumariarmos aqui as informações mais pertinentes que dele pudemos reter.

Em primeiro lugar, há a destacar a perspectiva explicitamente «funcionalista» adoptada por Günther que, não pretendendo preencher a lacuna que as ciências literárias teriam, durante décadas, deixado em aberto no

que diz respeito à investigação sobre o género, se pressupõe “apenas” chamar a atenção para alguns “fenómenos e tendências” que comprovariam a importância da “prosa de viagem” na paisagem literária e editorial da RDA (Günther, 1982: 39).<sup>88</sup> No seu entendimento lato de literatura de viagens, sob a qual soma “independentemente de suas formas, todos os textos impressos com referência temática à viagem” (*idem*), esse vastíssimo e heterogéneo território textual subdivide-se, “sob um ponto de vista funcional”, em três “tipos fundamentais”, nomeadamente: (1) “a literatura de viagens turística”, (2) os textos de viagem de índole “científico-geográfica” e (3) “a prosa de viagens” com características “artístico-documentais”. Enquanto a primeira categoria englobaria “guias e manuais de viagem” assim como outros “produtos editoriais [relacionados com a viagem] que, modo geral, constituem uma síntese de texto, imagem e ilustrações cartográficas”, o segundo tipo abrangeria os “relatos e descrições de expedições científicas” subordinadas aos mais diversos objectivos e interesses específicos. Apesar de se mostrar consciente de que também na “literatura de viagens turística” os seus autores recorrem com frequência a “técnicas literárias do domínio das belas-lettras”, Günther não hesita em resumir esse tipo de livros sob o rótulo de uma “literatura de divulgação popular” (*populärwissenschaftliche Literatur*). No que diz respeito à segunda categoria, a sua delimitação face à “prosa de viagens documental e/ou artística” parece-lhe já bastante mais “questionável”. Levando em conta a crescente heterogeneidade do “horizonte de expectativas” dos receptores, que varia de acordo com o “nível de formação dos potenciais leitores”, Günther considera que esse subgénero da «literatura de viagens científico-geográfica» tende, do ponto de vista da produção, cada vez mais a “misturar elementos objectivos e documentais com avaliações subjectivas dos seus autores” (*idem*), aproximando-se assim da categoria – deveras «elástica» – constituída pela “prosa (literária) de viagem” (*idem*). O objecto de apreciação do estudo de Günther consiste

<sup>88</sup> Nesta «chamada de atenção» é interessante verificar-se como Günther se dirige subtilmente também aos “leitores estrangeiros”, designação com a qual visaria sobretudo informar os leitores e estudiosos da República Federal Alemã sobre a tal «nova abertura ao mundo» entretanto ocorrida na RDA (*idem*): “Schließlich dürfte es auch für den ausländischen Leser interessant sein, durch das Prisma der Reiseliteratur zu erfahren, welche Weltsicht DDR-Autoren gewonnen haben.” (Günther, 1982: 38) [Afinal, também para os leitores estrangeiros deverá ser interessante ficar a saber, pelo prisma da literatura de viagens, qual a mundividência dos autores da RDA.] Conforme já tivemos oportunidade de constatar, à excepção de Brenner (1990: 647s) e Zwirner (1986), essa espécie de piscadela de olhos aos germanistas do «outro lado do muro» não terá surtido grande efeito.

precisamente neste último grupo de textos de viagem que, por sua vez, se reveste de múltiplas e díspares designações (*ibid.*: 40):

Im realen Literaturprozeß<sup>89</sup> finden wir darunter [d.h. innerhalb der literarisch-künstlerischen bzw. poetischen Prosaformen] zahlreiche Genrebezeichnungen wie: Report, Reportage, Reisebericht, Reiseschilderung, Reisebrief, Reiseskizze, Reisetagebuch, Reiseessay, Reiseporträt, Reiseerzählung, Reisebild.

[No processo literário real encontram-se (entre as formas de prosa artístico-literárias e poéticas) múltiplas designações de género, tais como: reportagem, relato de viagem, relação de viagem, descrição de viagem, carta de viagem, esboço de viagem, traços de viagem, diário de viagem, ensaio de viagem, retrato de viagem, narrativa de viagem, imagem ou quadro de viagem.]

Esta panóplia de designações e diversidade de formas literárias seriam já em si um reflexo inequívoco do “elevado valor” que a prosa de viagem ocuparia no sistema literário da RDA. Independentemente da influência duradoura que a intensa produção desse género textual (de qualidades literárias muito díspares entre si) pudesse vir a ter sobre a futura evolução da “literatura nacional da RDA”, Günther não tem qualquer dúvida quanto à posição de destaque que a prosa de viagem ocuparia na “vida literária actual”. Essa relevância manifestar-se-ia desde logo numa série de fenómenos *quantitativos*, tais como o facto de quase 10% de todos os títulos editados de literatura contemporânea da RDA pertencerem à categoria da “prosa de viagem”, os elevados números de tiragens, as sucessivas reedições desse género literário por parte de um leque cada vez mais vasto de editoras e, conseqüentemente, a maior acessibilidade a este tipo de literatura viática por parte do leitor comum.

De facto, estes dados empíricos, na sua maioria referentes aos programas editoriais da segunda metade da década de 1970, corroboram de forma inequívoca a constatação, com que Inge Borde (1979) inicia a

<sup>89</sup> Tal como a expressão «género operativo», também esta formulação parece transportar directamente para o subsistema literário o discurso oficial do “realexistierender Sozialismus”, isto é, o «socialismo real», conceito que na era de Honecker se encontrara para demarcar a evolução da RDA no seu período pós-estalinista das décadas anteriores.

sua recensão de vários volumes contemporâneos de literatura de viagens infantil da autoria de escritores da RDA, de que nessa época o país estaria a ser inundado por uma autêntica “vaga de livros de viagens”.<sup>90</sup> Enquanto Borde, no intuito de entender e explicar as complexas razões desse recente surto de literatura de viagens, coloca uma série de perguntas retóricas que apontam (de forma ingénua?) para factores situados ao nível da – pressupostamente, nova – realidade sociocultural do cidadão comum da RDA, isto é, que o crescente interesse dos leitores por “livros de viagem interessantes” tanto poderia ser o reflexo do aumento geral da mobilidade turística que, por sua vez, despertaria a necessidade de leituras de orientação pragmática, como poderia ser a expressão de uma “vaga anti-turística”, assim constituindo uma espécie de “antídoto” contra a «decadente» tendência dos “maus-hábitos” desencadeados pelo crescente bem-estar económico que levaria muitos turistas a “determinar o valor de uma viagem apenas pela bitola do conforto do hotel” (Borde, 1979: 152s), Günther envereda aqui – contrariamente à perspectiva empirista adoptada na primeira parte do seu artigo – por uma argumentação de cariz explicitamente político-ideológico. Sem que por isso deixe de constituir um dos mais detalhados e informativos ensaios sobre a produção e recepção da literatura de viagens na RDA, é, no entanto, facto inquestionável que deste modo se coloca ao serviço do «novo» discurso oficial de «abertura ao mundo». O seguinte excerto ilustra, de forma deveras paradigmática, a (lamentável) submissão do seu «estudo científico» ao discurso e aos interesses do regime a nível da política nacional e internacional (Günther, 1982: 41):

Ende der sechziger/Anfang der siebziger Jahre bemerken wir eine gewisse Bevorzugung der Auslandsthematik. (...) Wir dürfen Impulse für diese Tendenz vor allem in der Stärkung der DDR als Mitglied der sozialistischen Staatengemeinschaft suchen, die auf der Grundlage der von der Sowjetunion durchgesetzten Politik der friedlichen Koexistenz internationales Gewicht und Anerkennung findet. Auf dieser Grundlage erfolgt nicht nur der Ausbau der freundschaftlichen Beziehungen sozialistischer Länder untereinander und die damit verbundene geistig-kulturelle Annäherung ihrer Völker, sondern verstärkt sich auch die Anteilnahme der DDR an den politischen und geistigen Auseinandersetzungen vor allem um die Sicherung des Friedens, was

<sup>90</sup> Os cerca de 50 títulos enumerados na “selecção bibliográfica de prosa de viagem da RDA 1976-1980” fornecida no final do artigo de Günther (1982: 53s) apontam no mesmo sentido.

alles nicht ohne Folgen für die Reiseliteratur bleiben kann. (...) Wenn diese gesellschaftlichen Entwicklungstendenzen (...) der DDR-Literatur ein gehöriges Maß von Weltoffenheit einbringen, so betrifft dies auch den verstärkten Trend zur literarischen Auslandserkundung.

[No final dos anos sessenta e início de setenta constatamos uma certa predilecção pela temática do estrangeiro. (...) Os impulsos desta tendência advirão sobretudo do fortalecimento da RDA enquanto membro da comunidade dos Estados socialistas, tendo assim adquirido, com base na política da coexistência pacífica imposta pela União Soviética, um peso e reconhecimento internacionais. Sob esta base, não só se desenvolvem as relações amigáveis entre os países socialistas e a respectiva aproximação espiritual e cultural entre seus povos, como se fortalece a participação da RDA nas querelas políticas e ideológicas, mormente no que diz respeito à sua contribuição para assegurar a paz, não podendo tudo isso deixar de ter consequências para a literatura de viagens. (...) Se estas tendências evolutivas ao nível social conferem (...) à literatura da RDA uma enorme dose de cosmopolitismo e de abertura ao mundo, o mesmo também diz respeito à crescente tendência de uma descoberta literária do estrangeiro.]

Mesmo que, conforme ainda teremos oportunidade de verificar ao longo do presente trabalho, parte significativa da literatura de viagens produzida e editada na RDA se tenha mostrado ora mais ora menos renitente em servir os objectivos do regime, é porém inquestionável que este género literário se presta(va) sobremaneira para veicular e incutir aos leitores os principais “valores espirituais” propagados pelo discurso oficial do «Socialismo Real», tais como “patriotismo, internacionalismo e solidariedade” (*idem*: 42). Segundo os dados fornecidos por Günther, a transmissão desse «valores socialistas» por via da prosa de viagem reflectia-se numa diversificação, de “proporções equilibradas”, das regiões e dos países tratados nos mais diversos tipos de livros de viagens. Assim, entre 1977 e 1982, cerca de 20% das publicações reportavam-se a viagens dentro da própria RDA, 30% aos «países socialistas» e mais ou menos uma sexta parte ter-se-ia dedicado aos “focos das lutas de independência” travadas pelos mais diversos povos em África, na América Latina e na Ásia. O facto de também cerca de 15% desses textos representarem “viagens ao mundo capitalista” merece, por parte de Günther, o comentário adicional de que nestes últimos livros de

viagens não só se processava a “delimitação objectivamente necessária entre os diferentes sistemas sociais”, como se procedia a detalhadas análises quer das “desigualdades sociais” quer das “contradições das perspectivas históricas” inerentes ao “progresso social” nesses países (*ibid.*).

Para demonstrar a evolução extremamente produtiva do género na RDA, desde os seus tempos de fundação, em que a “reportagem de viagem” (na sua esmagadora maioria sobre a União Soviética) desempenhara “primordialmente as funções de agitação e propaganda” políticas (*idem*: 45), até à “tendência [contemporânea] para uma intensificação poética do relato” de viagens (*idem*: 48), Günther procede a uma subcategorização bastante diferenciada deste território textual que, desde a década de 70, se configuraria cada vez mais denso e heterogéneo. Se bem que essas subcategorias constituídas pela «prosa de viagem de orientação turística» (*touristisch orientierte Reiseprosa*), pelo «ensaio de viagem» (*Reiseskizze*), pela «reportagem» (*Reportage*), pelas «cartas de viagem» (*Reisebriefe*) e pelos «diários de viagem» (*Reisetagebücher*), não possam, em boa verdade, ser entendidas senão como meras linhas de orientação heurística numa área que se caracteriza precisamente pela constante transgressão de limites categoriais, certo é que a quantidade e a diversidade das características dos textos pretensamente representativos de cada um desses «tipos» apresentados neste estudo apontam, de uma forma coerente e bem fundamentada, para uma relação equilibrada entre a “representação objectiva” de “elevado valor informativo” e o prazer estético proporcionado pela “narração de impressões subjectivas” (*idem*: 51). Esta “dialéctica produtiva” resultaria, em suma, numa manifesta “multidimensionalidade” (*idem*: 44) temática, formal e funcional da literatura de viagens contemporânea da RDA.

Em comparação com a visão vincadamente teleológica da evolução da «literatura de viagens socialista» subjacente ao artigo de Härtl, poder-se-á assim resumir que este estudo de Günther se pauta por uma aproximação mais flexível à manifesta multiplicidade formal e funcional do género, sem, no entanto, jamais abdicar da concepção político-didáctica característica do dogma literário de índole marxista-leninista. Esta sua preocupação em não perder de vista a função basicamente politizante da literatura (de viagens), preocupação essa que atravessa todo o seu (sub)texto de um modo ora mais ora menos visível, irrompe por vezes sob a forma de curiosas afirmações que não deixam qualquer dúvida quanto à «ginástica retórica» a que Günther se vê forçado a recorrer. Ao contrário de Härtl, que pura e

simplesmente suprime da tradição «democrática» e «socialista» da literatura de viagens o seu traço característico de, por via da comparação com sistemas políticos e sociais mais liberais, constituir um importante veículo de autocrítica, Günther chama a atenção para essa tradicional função do género, mas considera (paradoxalmente) que esses traços autocríticos só surtiriam efeito se as opiniões dos escritores se encontrassem em sintonia com o sentido crítico dos leitores: “[Die] auf produktive literarische Tradition bauende kritische Funktion der Reiseprosa [wird] nur dann wirksam, wenn die subjektiven Befindlichkeiten des Autors mit den Befindlichkeiten des Lesers korrespondieren” (Günther, 1982: 48) [A função crítica da prosa de viagem assente numa tradição literária produtiva só poderá funcionar se os posicionamentos do autor corresponderem aos dos leitores.]

Como seria de esperar, num regime indelevelmente caracterizado por uma intrincada inter-relação ou, melhor, por uma inextrincável interpenetração dos domínios e discursos da política, da ciência e da literatura, a maioria dos trabalhos académicos sobre a literatura de viagens desenvolvidos no âmbito da germanística da RDA dificilmente conseguiria abstrair-se dessa preocupação de enquadramento com e na «grande narrativa socialista».

A dissertação de Bärbel Maciy (1988) sobre *Funktion und Gestalt der künstlerischen Reiseprosa von Richard Christ* não constitui, a este respeito, uma excepção. Apesar de se inscrever nas linhas genéricas do(s) meta-discurso(s) de índole «socialista» sobre a literatura de viagens a que aqui nos temos vindo a referir, este trabalho tem, no entanto, a particularidade de constituir até à data a única monografia dedicada a um dos mais produtivos escritores de viagem da RDA. A escolha do objecto de estudo justifica-se não só pelo facto de a Richard Christ se deverem, para além de inúmeros pequenos *Reisfeuilletons* publicados em jornais e revistas da RDA, mais de uma dezena de livros sobre suas viagens aos mais diversos países, entre os quais se destacam várias regiões e repúblicas da antiga União Soviética, a Índia, o Paquistão e o Sri Lanka, como pela “grande diversidade formal” da sua obra de viagem, que consiste em retratos, relatos, cartas, narrativas e um romance de viagem: “Die künstlerische Reiseliteratur Christs zeichnet sich durch große Formenvielfalt aus. Er schrieb Reisebilder, -berichte, -briefe, -geschichten und einen Reiseroman.” (Maciy, 1988: 6)

De um ponto de vista teórico-metodológico, poder-se-á dizer que a dissertação de Maciy não passa de alguns lugares-comuns que, quer de



um lado quer do outro lado do Muro, dominavam (e, em parte, ainda dominam) a área de investigação relacionada com a literatura de viagens, tais como a pressuposta “autenticidade” do género, o seu “carácter predominante documental” e, no caso mais concreto da «variante» constituída pela «prosa de viagem artística», a “unidade dialéctica de facto e ficção” que seria “determinada pela subjectividade artística do autor” (*idem*: 2). As limitações deste tipo de asserções teoreticamente obsoletas são ainda ampliadas pela sobrevalorização «tipicamente» socialista das funções políticas e sócio-didácticas do género que, no estudo de Maciy, se expressa, por vezes, sob a forma de afirmações que não disfarçam um certo *pathos* idealista. A seguinte passagem é a este respeito deveras ilustrativa (*ibid.*):

Innerhalb des Ensembles der Literatur kommt künstlerischer Reiseprosa eine spezifische Verantwortung zu (...). Als die wichtigste Aufgabe der künstlerischen Reiseliteratur ist die Herausbildung und Festigung internationalistischer Haltungen zu betrachten, da diese zur Bewältigung solcher Probleme notwendig sind, die die gesamte Menschheit betreffen.

[No seio do conjunto da literatura, cabe à prosa de viagens artística uma responsabilidade específica. (...) A tarefa mais importante da literatura de viagens artística deve ser considerada a sua contribuição para o desenvolvimento e fortalecimento de atitudes internacionalistas, visto que estas são necessárias à solução dos problemas que dizem respeito a toda a humanidade.]

Apesar dos pressupostos que inscrevem este estudo no discurso oficial do «Internacionalismo Socialista», a sua perspectiva monográfica, ao permitir um olhar mais concentrado sobre os textos de um só autor, tem a inquestionável vantagem de focalizar os tópicos principais, as técnicas e os mecanismos narrativos que sustentam a escrita de um dos mais produtivos escritores de viagem da RDA. Algumas das estruturas e temáticas características dos livros de viagem de Christ são, de acordo com Maciy, a “dialéctica de historicidade e actualidade” (*idem*: 11), dialéctica essa que, particularmente no que concerne às diversas repúblicas da antiga União Soviética aí descritas, implica um minucioso levantamento dos vestígios do fascismo alemão nessa região do mundo (*idem*: 9), assim como a autoconsciência de Christ no que diz respeito à tradição literária em que a sua obra de viagem se inscreve, nomeadamente as suas múltiplas

referências a Heine, a Kisch e ao escritor soviético Daniil Granin, “autores” que se caracterizariam sobremaneira por “uma relação produtiva com as pessoas, a história e os valores” dos países visitados (*idem*: 7). A denúncia de “qualquer forma de eurocentrismo” (*idem*: 11) por parte de Christ, que implicaria imperativamente também um olhar autocrítico sobre os valores e atitudes dos leitores da RDA e de outros países do «Primeiro Mundo», é um outro traço característico que Macy atribui aos seus livros de viagem. Sobretudo o “encontro com o Islamismo, o Hinduísmo e o Budismo”, que Christ aí proporciona aos seus leitores, constituiria um apelo importante não só à “tolerância, mas também a uma auto-reflexão sobre os próprios modos de vida e os valores pessoais” (*idem*: 12). Segundo Macy, é sobretudo nos seus diversos livros de viagens dirigidos ao público infantil e juvenil que este “aufklärerische[s] Moment” (*ibid.*), ou seja, este vector cognitivo e didáctico, encontraria sua expressão mais evidente. Ao nível estilístico e formal, a obra de Christ destaca-se por uma “grande variedade de técnicas narrativas” (*idem*: 146), tais como o “monólogo interior” e o “diálogo fictício” entre o narrador da primeira pessoa e os leitores, por um lado, e, por outro, entre a figura do viajante e os representantes da cultura visitada (*idem*: 148). O frequente recurso a lendas e contos oriundos dos países por que Christ viajou consubstanciaria uma outra forma pela qual conseguiria dar voz às sociedades e povos descritos nos seus livros (*idem*: 149). Outra marca distintiva das narrativas de viagem de Christ consiste, ainda de acordo com Macy, numa mistura dialéctica de passagens mais poéticas com elementos documentais, como referências a artigos jornalísticos e científicos e a inclusão de apêndices e tabelas estatísticas com dados empíricos. Essa dialéctica formal, alegadamente constituída pela junção das duas “formas de representação de narrar e relatar” (*idem*: 152), conferiria à “literatura de viagens artística” de Christ um “elevado grau de autenticidade” (*idem*: 148) e resultaria assim numa suposta relação de equilíbrio entre a «ficção» e o «facto», isto é, entre a visão subjectiva do autor e a objectividade da realidade representada.

“A estreita relação com as outras artes” (*idem*: 14), ou seja, do ponto de vista temático, a preocupação por dar a conhecer aos seus leitores os artistas e os ramos artísticos mais característicos das sociedades visitadas e, ao nível formal, o «jogo intermediático» entre a escrita e a imagem (desenhos e fotos), é outra marca criativa que essa dissertação atribui aos livros de viagem de Christ. No que diz respeito ao complexo processo da

media(tiza)ção de «realidades» estrangeiras nos livros de viagens por via de diversos códigos e suportes, o estudo de Maciý limita-se à assunção genérica e, assim, redutora de que “a ilustração [gráfica e/ou fotográfica] complementa o sentido do texto” (*idem*: 140). Face à abordagem teórica e metodológica do nosso próprio estudo que, conforme já tivemos oportunidade de expor na introdução, também se pretende uma reflexão sobre as relações intermediáticas no processo da representação da viagem, essa chamada de atenção para o frequente recurso à fotografia e outro tipo de material paratextual (gráficos, mapas, tabelas etc.), não só nos livros de viagem de Richard Christ, mas em parte significativa da literatura de viagens oriunda da RDA, reveste-se, na nossa perspectiva, de uma maior relevância do que a que Maciý lhe confere. Este aspecto será, por isso, retomado com maior profundidade no capítulo dedicado aos «textos e imagens em movimento».

A grande diversidade formal das técnicas narrativas e discursivas que, segundo esse estudo monográfico, caracteriza a escrita de viagem de Christ e que resultaria, em suma, numa “unidade dialéctica de facto e ficção”, numa relação pretensamente equilibrada entre a visão subjectiva do sujeito viajante e a representação objectiva, é igualmente apontada por Dunja Welke (1988). Num breve artigo dedicado à «obra viática» de Christ, com o título programático “Zwischen erfahrener Wirklichkeit und erfundener Wahrhaftigkeit” (Entre a realidade vivida e a veracidade inventada), Welke realça a mestria desse escritor no que diz particularmente respeito às suas capacidades de manusear os “meios e formas de composição e representação” (Welke, 1988: 1145) de acordo com as expectativas dos leitores em relação a um género literário que se situa tradicionalmente “num campo de tensões entre a autenticidade e a ficcionalidade” (*idem*: 1139). Se bem que não proceda a uma diferenciação rigorosa da disparidade formal entre os dez livros de viagens que Christ publicou entre 1974 e 1987, entre os quais figuram – independentemente da complexa problemática da fluidez de categorias formais a que aqui já se fez por diversas vezes referência – reportagens, diários e narrativas de viagens infantis de matiz beletrística, Welke denota na sua obra “uma mistura do autêntico com o fictício” com uma tendência progressiva para a componente da “fabulação fantástica” (*idem*: 1153), tendência essa que corresponderia assim ao pendor genérico do sistema literário da RDA, constatável desde finais da década de 1960, no sentido de uma crescente «subjectivização», «ficcionalização» ou «poe-

tização» da literatura (de viagens).<sup>91</sup> Neste sentido, os textos de viagem de Christ representariam exemplarmente o processo de «modernização» conceptual, formal e funcional a que o género teria vindo a ser – positivamente – submetido na evolução recente da literatura da RDA. Esta «nova» concepção programática da literatura de viagens, programa esse que Christ teria portanto executado com grande mestria literária, é sumariada por Welke (1988: 1140) do seguinte modo:

Reiseliteratur hat keine Statistik zu liefern und sich nicht in unwesentliche Fakten zu verlieren. Sie hat das Recht und die Pflicht, die Fremde im persönlichen Erleben zu spiegeln. Und dazu nur in scheinbarem Widerspruch stehend: Reiseliteratur muß sich an erfahrene Wirklichkeit halten, möglichst genau, keineswegs aber völlig im Faktischen sein, darf tatsächlich durch erzählerische Phantasie ergänzen und ausdeuten. (...) (Reisebücher) sollten Erkenntnisse vermitteln, die den Leser emotional berühren.

[A literatura de viagens não deve fornecer dados estatísticos nem perder-se em factos insignificativos. Ela tem o direito e o dever de reflectir a realidade estrangeira na vivência pessoal. E, encontrando-se em relação a isso apenas numa contradição aparente: A literatura de viagens deve seguir-se, na medida do possível, de forma exacta, pela realidade vivenciada, mas não deve, de modo algum, manter-se por completo no domínio do factual; por via da fantasia narrativa, ela pode mesmo acrescentar e alargar algo em termos interpretativos. (...) Os livros de viagens devem transmitir saberes que tocam o leitor ao nível emocional.]

Nesse breve estudo defende-se portanto a tese de que a elevada qualidade literária dos livros de viagem de Christ advém de uma fusão harmoniosa das duas dimensões constituídas, por um lado, por “wirklich Erfahrenes”, isto é, por experiências e vivências empíricas, e, por outro, por

<sup>91</sup> Se levarmos em conta, conforme de resto já tivemos oportunidade de verificar, que esta crescente sub-diferenciação do difuso e moveção território da literatura de viagens corresponde, de um ponto de vista da história literária, a um processo a que se assistira já desde finais do século XVIII, esta tendência para uma “autonomização auto-reflexiva” do relato de viagens na RDA não poderá ser considerada senão uma «modernização» tardia. Cf. Matos (2001: 186-188). Sobre a característica coexistência simultânea de aspectos pré-modernos, modernos e pós-modernos no sistema literário da RDA em geral, veja-se, exemplarmente, o artigo de Emmerich (1994: 129-150) com o título paradigmático “Gleichzeitigkeit. Vormoderne, Moderne und Postmoderne in der Literatur der DDR”.

“wahrhaftig Erfundenes”, ou seja, por invenções verdadeiras, fusão essa que, por sua vez, daria origem a uma “nova realidade artística que o leitor experimentado é capaz de reconhecer como tal” e que, aparentemente, espera mesmo que a literatura de viagens lhe proporcione. A avaliação da obra desse mesmo escritor por parte de outro germanista igualmente oriundo da RDA é bastante menos favorável.

Contrariamente aos elogios de Macy e Welke, num artigo sobre a «narrativa de viagens» contemporânea na Alemanha de Leste, Klaus Hammer (1986: 50) considera os textos de Christ experiências literárias inócuas em que a sobrecarga de “informações enciclopédicas” constituiria um impedimento à desejável “aproximação da realidade à verdade”:

Christ überschwemmt das Bildhaft-Erlebte mit einer Fülle enzyklopädischer Sachinformationen, (...) welche aber die Wirklichkeit der Wahrheit nicht einmal anzunähern vermögen. (...) Hier atomisiert die Exaktheit eine Realität, die sie beschreiben wollte, ins Ufer-und Bodenlose. (...) Das permanente Interesse an empirischer Tatsächlichkeit kann nur punktuell durch die Subjektivität und Betroffenheit des Berichtenden aufgehoben werden.

[Christ inunda as experiências imagéticas com uma quantidade de informações enciclopédicas (...) que, no entanto, não são sequer capazes de aproximar a realidade da verdade. (...) Aqui a exactidão atomiza, até à infinitude e à inconsistência, uma realidade que ela quisera descrever. (...) O interesse permanente pela facticidade empírica só pontualmente é capaz de ser anulado pela subjectividade e parcialidade do relator.]

Esta formulação algo hermética revela-se, desde logo, um claro indicador de que a concepção e a perspectiva com que Hammer aborda o fenómeno da literatura viagens se regem por parâmetros que são, senão diametralmente opostos, pelo menos substancialmente diferentes dos critérios das duas estudosas citadas atrás. Mesmo que com elas partilhe o pressuposto de que a literatura de viagens “prossegue o objectivo de romper com hábitos de percepção e formas de pensamento «automatizados»” para, assim, se “abrir a visão” à possibilidade de uma “assimilação dialéctica do mundo” (*idem*: 44), Hammer envereda por uma abordagem explicitamente *intra-sistémica*. Dito de outro modo, mais do que à referencialidade exterior, ao “meio ambiente estranho” (»*das fremde Milieu*«) a que os relatos de via-

gens se referem, a sua atenção concentra-se no “künstlerisches Verfahren der »Verfremdung«”, ou seja, nas técnicas e efeitos estéticos do processo de «estranhamento», que determinariam a sua qualidade ou “carácter artístico” (*idem*: 45). Quanto à medida comparativa a utilizar para apurar o grau qualitativo desse «carácter artístico», Hammer mostra-se particularmente peremptório: a bitola é constituída por aquelas «formas» do relato de viagens que se caracterizam precisamente pela sua «informalidade» (*Uniform*), nomeadamente a matriz do *Reisebild* de Heinrich Heine, o diário e ensaio de viagens assim como todas as «pequenas formas» de prosa de viagem que, de um modo geral, resistem a uma representação mimética e estática, à concepção simplista de um “realismo da evidência” (*idem*: 52), e favorecem a “diversidade e multiplicidade emaranhadas”, o “desordenamento, o espontâneo e o fragmentário” (*idem*: 47). Face a esta concepção (pós-moderna) da literatura de viagens como “terreno de jogo” (*idem*: 51), como campo de experiências literárias em que a complexa *processualidade* da percepção e construção de realidades outras, em suma, as contingências mais diversas do contacto intercultural, se auto-reflectem na própria forma literária, isto é, na própria composição textual, não surpreende que os volumosos e maçudos livros de viagens de Richard Christ – que, de facto, denotam, quer intrínseca quer extrinsecamente, uma carga excessiva de informações documentais sobre os países visitados – sirvam a Klaus Hammer como contra-exemplo paradigmático do que ele considera uma literatura de viagens de elevado «valor artístico». Alguns dos escritores da RDA que se teriam mostrado mais capazes de exteriorizar, no *medium* da literatura de viagens, a desejada “processualidade dialéctica e dialógica” (*idem*: 49) inerente ao acto da viagem em si são, de acordo com este breve, mas muito interessante estudo, Franz Fühmann, com o seu diário sobre uma curta estadia em Budapeste *22 Tage oder die Hälfte meines Lebens* (1973), o peculiar diário da viagem tunisina do escultor Wieland Förster *Begegnungen* (1974), os «mosaicos de viagem» de Armin Stolper com o título *Nach Reykjavik & Flachsenfingen* (1985) e praticamente todos os livros de viagens da autoria de Fritz Rudolf Fries. Apesar da evidente disparidade e heterogeneidade estilísticas, formais e temáticas dos discursos com que cada um deles tenta narrar a viagem, todos “entendem as suas representações da viagem como momentos tanto de um acto social como de uma [auto-]reflexão poética” (*idem*: 51) que se processaria de uma forma dinâmica e dialéctica. Segundo a conclusão de Hammer, esta dia-

léctica produtiva assenta numa inextrincável interpenetração de diversas dimensões da qual *emerge* o realismo (não mimético) da prosa de viagem (*idem*: 52):

Aus dem Verhältnis von Eigenem und Fremdem, Vertrautem und Unbekanntem, Bildhaftem und Reflexivem, Authentischem und Fiktivem gewinnt auch die Reiseprosa ihren Realismus. Das ist kein Realismus des Offensichtlichen, Feststehenden, offiziell Beglaubigten. Zur Wirklichkeit gehört nicht nur das Erkannte, Anerkannte, Vorhandene, die Welt muß immer wieder neu entdeckt, neu erfunden werden.

[É da relação entre o próprio e o outro, o habitual e o desconhecido, o imagético e o reflexivo, o autêntico e o fictício, que a prosa de viagem adquire o seu realismo. Isto não é um realismo da evidência, do estabelecido, do oficialmente autenticado. A realidade não é apenas constituída pelo conhecido, o reconhecido, o existente; o mundo tem que ser constantemente redescoberto e reinventado.]

Vista à luz das investigações germanísticas da/na RDA sobre a literatura de viagens a que temos vindo a fazer referência, esta concepção predominantemente auto-reflexiva de Hammer, cujo artigo com o título de certo modo programático “Erzählen vom Reisen” data – convém aqui lembrá-lo – de 1986, poderá ser considerada bastante «vanguardista», sem, em simultâneo, deixar de constituir um sinal inequívoco dos tempos de uma progressiva, mas relativamente tímida liberalização das ciências literárias ocorrida, como já tivemos oportunidade de constatar, desde a década de 1970. De certo modo, o mesmo se poderá dizer do último número especial (*Sonderheft*) da revista do Herder-Institut *Deutsch als Fremdsprache* (1989) publicado pouco antes do histórico anúncio das novas leis de viagem que daria directamente origem à «queda» do Muro de Berlim. Editado já no «Outono quente» de 1989, ou seja, sob o pano de fundo da crescente contestação das manifestações populares, entre outras exigências, pela liberalização da política de viagens, a habitual opção por um dossiê anual dedicado a um assunto específico recai significativamente sobre a temática da viagem na literatura da RDA. Se bem que o breve editorial do então director da revista faça – como que obrigatoriamente – uma alusão «oficiosa» ao quadragésimo aniversário da RDA, que se comemoraria a 7 de

Outubro de 1989, a seguinte formulação (só aparentemente ambígua) dos objectivos desse “caderno” dedicado à (literatura de) viagem não poderá ser lida senão como uma crítica ao regime que continuava, modo geral, a limitar o acesso ao Ocidente aos cidadãos já aposentados e a um punhado de privilegiados, isto é, os chamados *Reisekader* a que pertenciam, entre outras classes socioprofissionais, os escritores que o regime considerava de confiança ou cuja reputação internacional não permitia, por questões de prestígio diplomático, que se lhes negasse a possibilidade participar, a convite do exterior, em conferências e outras actividades académicas e literárias do «outro lado» da «Cortina de Ferro»:

So soll es im Sinn dieses Heftes sein, in den individuell-subjektiven Äußerungen der Schriftsteller unseres Landes über ihre Beobachtungen, Erfahrungen und künstlerischen Wertungen des Lebens außerhalb unserer Grenzen auch deutlich zu machen, daß das von ihnen gestaltete Verhältnis zur Welt zugleich auch das Urteil unseres Volkes mitträgt.

[O sentido deste caderno é assim o de demonstrar, por via das expressões individuais e subjectivas dos escritores do nosso país sobre as suas observações, experiências e avaliações artísticas da vida fora das nossas fronteiras, que a sua relação com o mundo evidenciada nas suas obras transporta e suporta, ao mesmo tempo, a visão do nosso povo.]

Os onze contributos deste “número especial” sobre a literatura de viagens da RDA constituem, como seria de esperar, uma panóplia heterogénea de excertos de textos de viagem e de meta-discursos muito díspares entre si. Esta acentuada heterogeneidade, naturalmente, não só advém da disparidade formal e temática do próprio *corpus* literário, que inclui textos quer em prosa quer poemas de viagem, quer reportagens quer narrativas beletrísticas de viagens empreendidas, em épocas diferentes, de um e do outro lado do Muro e redigidas por escritores de uma qualidade e reputação necessariamente muito desiguais entre si,<sup>92</sup> como reflecte as

<sup>92</sup> De um total de quase trinta autores estudados, realçam-se alguns nomes mais sonantes da literatura da RDA, tais como os pertencentes à «geração fundadora», caso de Anna Seghers, KuBa, F. C. Weiskopf ou Stephan Hermlin, alguns representantes da geração intermédia, por exemplo, Erik Neutsch, Hermann Kant ou Volker Braun, mas também autores mais jovens, tais como Helga Schütz, Joachim Walther, Christine Wolter, Irene Runge e Manfred Jendryschik, entre outros.



diferentes concepções propriamente «literárias», mas também «ideológicas» dos seus «exegetas». Apesar de alguns desses breves artigos insistirem anacronicamente no *pathos* da «solidariedade internacional(ista)» e da «objectividade mimética» que caracterizaria, de acordo com a «grande narrativa» do socialismo, a função e qualidade da literatura de viagens da RDA, a maioria dos contributos denota todavia uma manifesta tendência para uma focagem dos meios e técnicas literárias com que os narradores de viagem «veiculam» as suas visões *subjectivas* dos países, povos e sociedades estrangeiros. O realce que a maioria destes contributos confere quer à função tradicionalmente *auto-crítica* do relato de viagens quer aos meios de representação situados ao nível *intra-literário*, como, por exemplo, o frequente recurso à intertextualidade e o pendor auto-reflexivo de muitos dos livros de viagens produzidos por escritores da RDA, é, portanto, um indício inequívoco da aproximação da germanística do Leste alemão aos padrões do discurso científico do Ocidente que ocorreu, pelo menos em parte, ainda antes da dissolução do próprio Estado.

Para concluir este inventário da investigação relacionada com os livros de viagens no seio da germanística da RDA, poder-se-á resumir que o crescente impacto político, social e cultural do sempre polémico tema da viagem e sua representação literária se reflectiu também, quer quantitativa quer qualitativamente, numa progressiva tematização e teorização do fenómeno por parte das ciências literárias. Se bem que o subtexto de parte dessas investigações seja implicitamente atravessado pela consciência das restrições *reais* à viagem que a esmagadora maioria dos leitores conhecia da sua própria (in)experiência, factor esse que necessariamente influenciou as formas e os modos da produção e recepção da literatura de viagens publicada nesse país, é de notar que, por razões óbvias, nenhum desses estudos ousou colocar explicitamente o dedo numa «ferida aberta» que, entre outras «doenças» de que a RDA padecia, em última instância teria mesmo levado à implosão de todo um sistema que menosprezara o poder *real* da carga simbólica inerente à viagem. Dito por outras palavras, a concepção da literatura viagens como um possível meio de compensação, como *Ersatz*, para a impossibilidade da experiência «imediate» da viagem ao «outro lado» – uma ideia que curiosa e paradoxalmente contraria a máxima do próprio Marx de que “é o ser que determina a consciência” e não *vice-versa* – revelou-se manifestamente insuficiente para saciar a «fome de mundo» (Reiner Kunze), o mesmo é dizer, o desejo da experi-

ência *in loco* daquela parte do mundo que os cidadãos «normais» da RDA só conheciam virtualmente por via da visão, em si mesma limitada, dos «postigos para o mundo» simulados (de forma evidentemente deficiente) pelos livros de viagem.

#### 2.2.4 Metavisões pós-reunificação

A política do regime da RDA em relação à prática da viagem turística aos «países amigos» e, sobretudo, ao «mundo não-socialista» constitui, sem margem de dúvidas, um factor da maior relevância para o entendimento da literatura de viagens produzida, publicada e lida naquele país. Se bem que não partilhe a assunção algo redutora defendida por Brenner, que postula “um desenvolvimento do relato de viagens da RDA completamente diferente” do da RFA (Brenner 1990: 646) concebendo a sua “evolução” do lado de lá do Muro como uma espécie de “reserva” (*idem*: 662) em que alegadamente não se constatara qualquer “potencial inovador”, é porém facto inquestionável que, de um ponto de vista funcional, a literatura de viagens da RDA se diferencia da sua congénere ocidental. Enquanto na República Federal Alemã a crescente hipermobilidade turística e telemática fora progressivamente dispensando o relato de viagens da sua ancestral função de informar os seus leitores sobre «realidades» longínquas e desconhecidas, o que, segundo as visões «necro-lógicas» a que aqui já se fez referência, teria em última instância levado à *desfuncionalização* ou, numa perspectiva mais optimista, a uma acentuada estetização e/ou ficcionalização do género, na RDA, pelo contrário, essa tradicional funcionalidade explicitamente cognitiva da literatura de viagens manteve-se como traço característico. Apesar de alguns estudos elaborados já nos anos pós-reunificação reflectirem, de forma ora mais ora menos explícita, esta importante condicionante da produção e recepção da literatura de viagens da RDA, certo é que as suas implicações concretas ao nível do processo da media(tiza)ção, isto é, no que diz respeito aos modos e formas por via dos quais se terá tentado proporcionar aos leitores dos livros de viagens um «simulacro perfeito» de experiências turísticas inacessíveis à maioria da população, continuam *grosso modo* a constituir um desiderato da investigação.

Antes de analisarmos com maior profundidade quer as condicionantes extra-literárias da viagem na RDA quer as respectivas implicações para as

técnicas e mecanismos de sua representação no formato do livro de viagens, resta ainda fazer referência a alguns escassos e breves trabalhos de investigação que, vindos a lume já depois da reunificação, se relacionam directamente com a temática da presente dissertação.

Ainda que não se trate de um estudo explicitamente dedicado ao relato de viagens no contexto concreto do sistema político, social e literário da RDA, num dos relativamente raros artigos sobre a literatura de viagens em língua alemã produzida na segunda metade do século XX, Gerhard Sauder (1995) enceta também uma breve “digressão” (*Exkurs*) ao território literário daquele país que entretanto se extinguiu. No âmbito da sua crítica ao “vaticínio pessimista sobre o futuro do género” (Sauder, 1995: 553) proferido por Brenner na obra aqui já por diversas vezes e por diferentes razões citada, essa «excursão» à literatura de viagens da RDA<sup>93</sup> serve como exemplo – *extremo*, é certo – para contrariar o canto do cisne sobre o alegado fim da literatura de viagens que teria vindo a engrossar neste domínio específico da investigação. Apesar de não contestar a tese praticamente consensual entre os investigadores de que o relato de viagens sofrera, desde finais do século XVIII, uma gradual diferenciação e, conseqüentemente, uma perda de funções, Sauder consegue todavia encontrar exemplos suficientes de textos de viagens mais recentes de escritores ocidentais que demonstram, contra as profecias da morte da literatura de viagens na era do turismo de massas e dos *mass media* audiovisuais, como o género tem sido capaz de resistir a um alegado esgotamento estético e de se auto-renovar.<sup>94</sup> O recurso cada vez mais frequente a técnicas «narrativas» originalmente extra-literárias, tais como as do filme ou da fotografia, assim como a “utilização maciça” da intertextualidade explícita e implícita (*idem*: 563), são alguns dos meios formais por via dos quais a literatura de viagens terá “desautomatizado o olhar convencional” e “re-estetizado a percepção”, proporcionando assim ao leitor uma experiência da viagem diferente da «standardização» ou «banalização» a que fora alegadamente submetida pelo turismo de massas.

<sup>93</sup> Uma vez que Sauder se baseia nos estudos de Härtl (1977), Günther (1982) e Zwirner (1986), estudos esses que, conforme aqui já pudemos constatar, se limitam essencialmente aos livros de viagens da RDA publicados na década de 1970, o *corpus* literário a que se refere é necessariamente muito restrito. A sua defesa da grande «vitalidade» da literatura de viagens durante a segunda metade do século XX ganharia ainda mais consistência se tivesse recorrido a um *corpus* mais amplo e mais diversificado.

<sup>94</sup> Alguns dos exemplos constituídos por escritores ocidentais a que Sauder se refere são: Alfred Andersch, Heinrich Böll, Rolf Dieter Brinkmann, Hans Christoph Buch, Hubert Fichte, Wolfgang Koepfen, Gerhard Roth, Uwe Tim e Bernward Vesper.

No que concerne à literatura de viagens oriunda da RDA, Sauder adota uma perspectiva curiosamente ambígua. Por um lado, constata que aí não se teriam verificado “inovações de realce”, isto devido ao pressuposto de “a transmissão de informações” constituir na RDA a função principal do género (*idem*: 564), mas, por outro, enumera toda uma série de escritores da RDA, como Günter Kunert, Elke Erb, Adolf Endler, Franz Fühmann ou Fritz Rudolf Fries, cujos relatos de viagens se realçariam precisamente pelas suas experiências inovadoras (*idem*: 569):

Die Reiseliteratur der DDR weist in den traditionellen Genres keine auffälligen Innovationen auf. (...) Erstaunlicherweise waren es überwiegend Lyriker, die in Tagebüchern eine Polyperspektive und sprachliche Vielschichtigkeit erprobten. (...) Fries ist als einziger Prosaschriftsteller origineller Reiseskizzen zu erwähnen.

[Nos seus géneros tradicionais a literatura de viagens da RDA não denota inovações que saltem à vista. (...) Surpreendentemente, foram sobretudo poetas que, nos seus diários, ensaiaram uma abordagem poliperspectival e multidimensional. (...) Entre os prosadores de esboços de viagens originais, Fries é o único que se pode mencionar.]

Ao reproduzir, irreflectidamente, as tarefas ideologizantes que a geramística «oficial» do regime da RDA atribuía ao relato de viagens, tais como fomentar o «patriotismo socialista» e «o socialismo internacionalista», assim como ao menosprezar a dimensão estético-formal dos próprios textos em detrimento da sua alegada função central como «transportador» de informações sobre países estrangeiros (*idem*: 564), Sauder enreda-se, em última instância, na mesma retórica concepcional de Brenner – concepção essa que afinal pretendia refutar. Dito de outro modo, se os profetas da morte da literatura de viagens consideram a perda da sua função cognitiva para os *media* audiovisuais e a generalização da viagem proporcionada pelas infra-estruturas do turismo moderno as causas principais do gradual desaparecimento desse género, Sauder parece ver na manutenção dessa função – conforme acontecera na RDA – um impedimento à inovação ou renovação estética do mesmo. Resumindo, poder-se-á portanto dizer que nem as sombrias «necrologias» nem as mais entusiásticas «profecias» de um radioso futuro para o género milenar do relato de viagens conseguem

conceber a interligação das dimensões epistemológica e estética – entrelaçamento esse que é, independentemente de um pendor de aparência ora mais «factológica» ora mais «ficcional», em todo caso sempre inextrincável – como um elemento constitutivo e, por isso, imprescindível para o funcionamento e efeito da literatura de viagens. De facto, perante um género literário que se autolegitima precisamente pela sua estreita relação com o «mundo exterior», mesmo que essa relação se processe evidentemente sob a forma de uma referencialidade ilusória textual e/ou imageticamente construída, qualquer abordagem que o conceba apenas como uma “ficção integral” (Possin, 1972: 5) caracterizada pela ausência de referências à «realidade» extra-literária estará necessariamente destinada ao falhanço. Opitz aponta esta aporia subjacente a parte significativa dos estudos mais recentes em torno da literatura de viagens, nomeadamente os de índole desconstrutivista, do seguinte modo certo: “Die Abwesenheit der Welt (...) ist für eine Literatur, die ihre Rechtfertigung aus ihrer Welthaltigkeit bezieht, inakzeptabel.” (Opitz, 1997: 67)<sup>95</sup> [A ausência do mundo (...) é, para uma literatura que se legitima pela sua mundanidade, inaceitável.]

Ao contrário das posições redutoras de Brenner e de Sauder, que concebem a literatura de viagens da RDA *grosso modo* como uma “reserva” em que a sobrevalorização da função epistemológica teria alegadamente votado o género a um conservadorismo estético e formal, na sua “retrospectiva” sobre o fenómeno *Reiseliteratur in der DDR*, Brigitte Heymann (1998) concentra as atenções sobre a histórica *multifuncionalidade* do relato de viagens. Na sua opinião, apesar do “processo de diferenciação” e das diversas “transformações funcionais” a que o género foi sendo submetido desde o século XVIII, o relato de viagens manteve, até aos nossos tempos – mais que não seja, de forma “residual” – a sua “generativa potencialidade multifuncional” (Heymann, 1998: 19).

Ora, a RDA constitui precisamente um desses contextos sociais, políticos e culturais particularmente propícios à reemergência dos sedimentos residuais das históricas pluridimensionalidade e multifuncionalidade

<sup>95</sup> No mesmo sentido, veja-se a constatação de Korte (1996: 9), no seu estudo sobre a história do relato de viagens em língua inglesa, de que o relato de viagens se (auto-)define, mais do que qualquer outro género literário, pelo contacto com o mundo exterior: “Der Gegenstand des Reiseberichts [ist] seine Welthaltigkeit im wörtlichsten Sinne (...) Wie kaum eine andere Textart ist der Reisebericht durch die Begegnung eines Subjekts mit Welt definiert (...)” [O objecto do relato de viagens é a sua mundanidade num sentido literal (...). Mais do que qualquer outro género textual, o relato de viagens define-se pelo encontro de um sujeito com o mundo.]

inerentes à literatura de viagens. Segundo Heymann, uma abordagem desse género literário no enquadramento específico do “anacronismo cultural” (*idem*: 20) e das “anomalias histórico-sociais” (*idem*: 21) que caracterizaram o fenómeno da viagem na RDA terá necessariamente de considerar quer “a situação específica dos leitores”, cujas possibilidades de viajar eram, alegadamente, muito limitadas, quer a peculiar posição dos próprios escritores. Enquanto viajantes privilegiados, por um lado, e, por outro, podendo recorrer a dispositivos artísticos e convenções discursivas historicamente inerentes a um género que se implementou no sistema literário precisamente como meio e forma de afirmação dos direitos individuais e civis da burguesia liberal, os escritores gozavam assim de um estatuto de dupla liberdade. A situação destes “autores duplamente livres” contrastava evidentemente com as limitações dos “leitores, cuja única possibilidade de realizar a sua liberdade dependia em grande parte da leitura” (*ibid.*). No entanto, face às históricas características do relato de viagens enunciadas atrás, esse tipo de literatura e leitura continha em si mesmo uma “potência generativa” que terá – ou, pelo menos, poderá ter – conseguido “resistir” às tentativas de controlo, de “funcionalizações e reduções” por parte do regime. Do ponto de vista da produção, o (duplo) privilégio dos escritores-viajantes ter-se-á “articulado quer moral quer intelectualmente” sob a forma ora de uma “solidarização com o leitor”, ora de uma certa “arrogância” ou mesmo de um distanciamento cínico (*idem*). Com base numa análise contrastiva de dois livros sobre viagens ao Ocidente, nomeadamente o volume de Rolf Schneider *Von Paris nach Frankreich* (1975) e o «relato» de Günter Kunert *Der andere Planet* (1974) sobre a sua estada como professor convidado numa universidade norte-americana, Heymann demonstra como a literatura de viagens da RDA tanto serviu para veicular um discurso de legitimação ideológica – caso de Schneider – como desempenhou, para além de «informar» o leitor sobre realidades que lhe eram inacessíveis, uma função predominantemente autocrítica ou mesmo subversiva em relação à «grande narrativa» socialista. Em suma, poder-se-á portanto dizer que, ao rejeitar uma interpretação linear ou dicotómica, esse artigo tem o mérito de apontar, de um modo bastante diferenciado, a complexa relação das múltiplas condicionantes ao nível quer da produção quer da recepção do género no contexto específico da RDA. Essa complexidade manifesta-se, contrariamente aos veredictos redutores daqueles exegetas que vêm a literatura de viagens da RDA ou

como uma mera bolsa anacrónica na evolução estética do género ou como um simples instrumento ideológico do regime socialista, numa acentuada ambiguidade funcional assim como numa considerável diversidade formal que exigem, por conseguinte, uma abordagem capaz de perspectivar as múltiplas valências e o polimorfismo que caracterizam o vastíssimo e em si mesmo muito heterogéneo *corpus* constituído pelos livros de viagem da autoria de escritores e fotógrafos, de jornalistas e diplomatas, mas também de outras personalidades que pertenciam à «elite» do chamado «quadro de viajantes» (*Reisekader*) da RDA.<sup>96</sup>

O casal de Leipzig Gerti e Reiner Tetzner é um dos casos exemplares de escritores que, apesar de não pertencerem ao «núcleo duro» dos habituais *Reisekader*, puderam encetar, nos anos 80, diversas viagens à Dinamarca. Do livro que resultou dessas repetidas estadas *Im Lande der Fähren* (1988), isto é, no “país dos *ferry-boats*”, ocupa-se um artigo de Ernst-Ulrich Pinkert (2002). Integrado num volume constituído por diversos estudos sobre a imagem da Dinamarca e da Suécia na literatura da RDA e *vice-versa*<sup>97</sup> com o sugestivo título *Bücher als Brückenschlag*, título que portanto concebe os livros como “pontes” entre países, povos e culturas, esse artigo aborda uma série de questões bastante pertinentes no que concerne às condicionantes intra e extra-literárias da produção e recepção dos livros de viagens na RDA. O próprio título deste breve estudo de Pinkert, “Das Märchenland Dänemark – ferner als Sibirien”, é já um indicador nesse sentido. O “país de fadas Dinamarca” que, para os leitores da RDA, se configurava, apesar de sua proximidade geográfica, de facto, “mais distante do que a Sibéria”, constitui na memória cultural não só dos alemães do Leste como dos ocidentais um espaço (físico e) imaginário ao qual se associa uma figura que, por sua vez, remete de imediato para o universo da fantasia: o contador de fadas dinamarquês Hans Christian Andersen. Como é evidente, para o cidadão «normal» de um país cujo governo lhe vedava *realmente* o acesso a esse espaço geográfico e simbólico, essa reminiscência literária reveste-se de uma dimensão duplamente onírica. No contexto específico da recepção literária na RDA, a potenciação «artificial» do simbolismo que envolve esse «país de sonho», que estava, simultaneamente, tão próximo e

<sup>96</sup> Sobre as condições dos *Reisekader* e a política de concessão de vistos de viagem veja-se o capítulo 3.4 do presente estudo.

<sup>97</sup> À excepção do artigo de Pinkert, os restantes três estudos não dizem respeito à literatura de viagens propriamente dita, mas à imagologia «veiculada» em romances e respectivas traduções.

tão longínquo, a paradoxal ampliação do desejo de um dia o poder experimentar *in loco* e, assim, se transformar o sonho em realidade, manifesta-se no próprio facto de esse livro poder ter contado, ainda no mesmo ano de sua publicação original – porventura, apenas um ano antes da queda do muro – com uma segunda edição.

Se bem que não tenha sido o único relato de viagens sobre a Dinamarca<sup>98</sup> da autoria de escritores da RDA, o volume de Gerti e Reiner Tetzner pode ser considerado uma preciosa raridade na paisagem literária do mítico «país da leitura». O seu valor revela-se, conforme Pinkert tenta demonstrar numa análise textual bastante minuciosa, a um nível tanto extra como intraliterário. De um ponto de vista mais político e/ou sociológico, as frequentes comparações das mais diversas instituições assim como dos hábitos socioculturais e dos modos de vida na liberal Dinamarca, por um lado, e na conservadora RDA, por outro, comparações que atravessam, de forma implícita e explícita, todo o texto e subtexto, constituem no seu conjunto uma crítica bastante clara e destemida ao regime autoritário e anacronicamente fechado da Alemanha de Leste. Neste sentido, o país visitado funciona como “uma espécie de utopia concreta” (Pinkert, 2002: 22) onde o social e o individual se parecem fundir numa harmoniosa síntese.

O acentuado pendor sócio-crítico deste livro de viagens, nomeadamente no que concerne à denúncia das insuficiências do país de origem dos viajantes, permite-nos, de acordo com Pinkert, enquadrá-lo genericamente no modelo da literatura oposicionista do período pré-revolucionário do *Vormärz* (*ibid.*): “(...) mit ihren Reisebildern gelingt [Gerti und Reiner Tetzner], was Karl Gutzkow 1835 von der oppositionellen Vormärz-Literatur verlangte: der »Schmuggel mit der Freiheit.«.” [ (...) com os seus retratos de vigem, (Gerti e Reiner Tetzner) conseguem o que Karl Gutzkow exigia, em 1835, da literatura oposicionista: o «contrabando com a liberdade». ] A inscrição deste relato de viagens na tradição literária do *Vormärz* é ainda reforçada pelo próprio subtítulo *Bilder aus Dänemark* que remete de imediato para a forma literária dos *Reisebilder*, um subgénero da literatura de viagens “criado” por Heinrich Heine como “um meio que, em tempos da censura, deveria parecer inofensivo e com cuja ajuda se esperava iludir os censores” (*idem*: 13). Além da sinalização no subtítulo e do espírito crítico em relação ao regime de censura da RDA que subjaz, de modo indelével, ao

<sup>98</sup> Veja-se, por exemplo, o livro de viagens de Manfred Küchler (1977) com o título *Kopenhagen. Ein dänisches Mosaik* que, aliás, também teve direito a uma segunda edição em 1978.



livro de G. e R. Tezner, também no plano formal se pode detectar uma série de reminiscências a Heine. A saltitante “diversidade de estilos, de géneros e temáticas” assim como o “carácter de montagem” aí patentes são, para Pinkert, alguns traços que permitem ler essas “imagens da Dinamarca” como “Reisebilder in der Tradition von Heines »Reisebildern«” (*ibid.*). Se bem que os «quadros» ou «imagens de viagem» do casal Tetzner se integrem, por um lado, numa *tradição* literária que remonta portanto às primeiras décadas do século XIX, por outro lado, elas realçam-se precisamente por traços inovadores que contrariam o representacionismo simplista característico de parte significativa daquela literatura de viagens da RDA que seguiu *grosso modo* o dogma oficial do «Realismo Socialista» e sua obsoleta concepção mimética. Além das já referidas diversidade formal e transversalidade discursiva, que se consubstanciam, entre outros elementos, numa densa teia intertextual de citações e excertos oriundos dos mais variados géneros literários, em discursos directos e indirectos assim como sob a forma de cartas e passagens ensaísticas, destaca-se o facto de este volume ser composto de capítulos cuja redacção se devem alternadamente aos dois autores. Dessa alternância de formas e modos de escrita visivelmente diferentes entre si resulta uma dinâmica bastante interessante cuja cadência de ritmo é adicionalmente marcada pela inclusão dispersa de fotografias quer a cores quer a preto-e-branco da autoria de Reiner Tetzner. Uma vez que este «jogo intermediático» de textos e imagens assim como outros mecanismos paratextuais que se manifestam num frequente recurso a anexos «ilustrativos», como mapas, gráficos e tabelas recheadas de informações enciclopédicas, representam um fenómeno recorrente em parte significativa dos livros de viagens na RDA, estes aspectos serão retomados com maior pormenor noutro capítulo do presente estudo.

Para completar esta relação metacrítica já algo extensa da investigação pós-reunificação alemã especificamente dedicada à literatura de viagens na RDA, resta ainda fazer aqui referência a um estudo da autoria de Birgit Kawohl (2000). Conforme já pudemos constatar na nossa introdução, o seu trabalho não se dedica ao relato de viagens propriamente dito, isto é, a um género cujo móbil de produção e cujas expectativas ao nível da recepção se baseiam *explicitamente* em experiências *empíricas* de viagens, mas à “viagem como tópico temático que atravessou, durante todo o período de existência da RDA, a literatura” beletrística aí produzida. Kawohl (2000: 7) parte da tripartição categorial da literatura de viagens proposta pelo germa-

nista da RDA Harri Günther – categorização essa que, face à artificialidade das alegadas delimitações formais entre os subgéneros ditos “turísticos”, “científico-geográficos” e “artístico-documentais”, se configura, como já tivemos oportunidade de reparar, bastante problemática – e acrescenta-lhe uma quarta categoria: a “»künstlerische Reiseliteratur« oder auch »fiktive Reiseprosa«” (*idem*: 19). Se bem que a utilização dos adjetivos “artístico” e “fictício” como sinónimos aparentemente perfeitos aponte, à partida, para a tal concepção «poetológica» da literatura de viagens que postula, de modo obsoleto, uma correlação directa entre qualidade estética e «ficcionalidade»,<sup>99</sup> a contextualização *funcional* a que Kawohl submete esse seu objecto de estudo constituído pela “prosa de viagens fictícia ou artística” na RDA revela, todavia, tratar-se de uma mera imprecisão conceptual que não põe em causa o valor do seu contributo para o presente estudo. Dito de outro modo, apesar das narrativas de viagens por ela analisadas “não partirem necessariamente de experiências reais por parte dos respectivos autores”, baseando-se antes em “enredos fictícios”, a sua recepção é, de um ponto de vista funcional, muito semelhante aos outros diversos tipos de livros que tratam de viagens. Olhando às restrições reais no acesso à viagem empírica e à “escassez de guias de viagem” que, tal como toda a literatura de índole mais documental ou «factológica», eram submetidos a um apertado controlo pela censura, os cidadãos da RDA terão assim lido também a “prosa de viagens fictícia” como “fontes de informações sobre países estrangeiros” (*idem*: 20). De facto, perante as peculiares medidas políticas e condições socioculturais que na RDA determinaram quer a produção quer a recepção não só da literatura como de todos os *media* impressos e audiovisuais, as intenções dos escritores de narrativas de viagens assim como as respectivas expectativas dos leitores transcendem necessariamente a dimensão estético-literária do *medium* lúdico e artístico constituído pela literatura. Invertendo-se, tendencialmente, o bissecular processo de diferenciação da literatura de viagens que nos sistemas política, social e culturalmente mais liberais teria, em última instância, levado a uma intensa «poetização» do género, na RDA assiste-se portanto a uma *reintegração* funcional das suas dimensões estética e cognitiva. Visto que essa «*desdiferenciação*» se deve fundamentalmente à concepção sócio e político-didáctica dos regimes socialistas, poder-se-á portanto concordar

<sup>99</sup> Cf. subcapítulo 3.1.2.

com a abordagem de Kawohl que parte do pressuposto de que “o tratamento da temática da viagem na literatura beletrística” permite tirar-se ilações acerca das condições políticas e sociais que cunharam os modos de vida e os imaginários dos cidadãos da RDA.

Se bem que essa perspectivacão funcional nos pareça *grosso modo* legítima, o estudo de Kawohl apresenta, no entanto, algumas fragilidades. Em primeiro lugar há a destacar a escassez do *corpus* de análise que, apesar de contemplar, de um modo salutar, viagens tanto dentro do «mundo socialista» como além da «Cortina de Ferro», se limita a seis narrativas ficcionais em cujo enredo a viagem desempenha um papel ora mais ora menos central,<sup>100</sup> e que portanto dificilmente poderá ser visto como uma amostra representativa do recurso muito frequente ao tema da viagem na literatura da RDA. Visto tratar-se de um estudo sobre “viagens fictícias”, surpreende igualmente o facto de não se encontrar qualquer referência ao muito popular subgénero das «viagens fantásticas» que teve na RDA, conforme mencionámos na nossa introdução, representantes por exemplo da craveira de um Fritz Rudolf Fries ou de uma Irmtraud Morgner. Que as análises dos textos e respectivas conclusões contradigam, pelo menos em parte, algumas das asserções de que o estudo partira pode ser considerada uma outra inconsistência desse trabalho. Enquanto no capítulo introdutório sobre as “condições genéricas da viagem da RDA” se defende, por exemplo, que, em comparacão com a literatura «factológica» (guias e relatos de viagens propriamente ditos), a prosa de viagem ficcional proporcionaria ao seu autor melhores possibilidades de iludir a censura (*idem*: 20), na conclusão afirma-se que na RDA a “prosa de viagem artística” era submetida a uma censura particularmente minuciosa (*idem*: 79). Esse controlo apertado terá sido, segundo Kawohl, a causa principal de essas narrativas fornecerem dados “tão pouco concretos” ou mesmo propositadamente deformados sobre os países visitados (*ibid.*). Noutra passagem da mesma conclusão constata, no entanto, que para esse género beletrístico o mais importante não seria a descriçao de realidades exteriores, mas, evidentemente, “a vivência interior” (*idem*: 78) e sublinha a subjectividade das impressões descritas (*idem*: 81). Tirando estas inconsistências ao nível

<sup>100</sup> Os autores e textos analisados são, por ordem cronológica: Christa Wolf, *Moskauer Novelle* (1961); Rolf Schneider, *Die Reise nach Jaroslaw* (1974); Erich Loest, *Es geht seinen Gang oder Mühen in unserer Ebene* (1978) e, do mesmo autor, o romance já publicado na RFA, após seu abandono da RDA, *Zwiebelmuster* (1985); Uwe Kant, *Die Reise von Neukuckow nach Nowosibirsk* (1980); Wolfgang Trampe, *Tage in Köln* (1986).

*teórico* e argumentativo assim como algumas incongruências nas análises dos próprios textos, o estudo de Kawohl chega, porém, à conclusão – a nosso ver correcta – de que as *falsas* expectativas dos leitores em relação à literatura de viagens ficcional como meio de obtenção de informações pretensamente factuais sobre sociedades e culturas estrangeiras foram, modo geral, defraudadas. Esse horizonte de expectativas não só teria sido induzido pela “posição” especial a que o *medium* da literatura (de viagens) fora votado devido às restrições reais da viagem e à concepção marxista-leninista dos fenómenos culturais e literários, como, em última instância, também perdurou para além da existência da RDA, tendo ainda influenciado indelevelmente o comportamento turístico dos (antigos) leitores da RDA nos primeiros tempos depois da «queda» do Muro (*idem*: 82s):

Was bewirkt es, wenn ein ganzes Volk quasi nur die Möglichkeit hat, in der Literatur zu verreisen? Zum einen erhält damit die Literatur eine Position, die weit über der von Reiseliteratur in Ländern mit uneingeschränkten Reisemöglichkeiten aber auch über der von Nicht-Reiseliteratur im eigenen Land steht. Zum zweiten beeinflussen diese »Kopfreisen« selbstverständlich auch das reale Reiseverhalten der DDR-Bürger. Das war vor allem nach der Wende zu spüren (...). Da er so vieles nicht wußte, woher denn auch, denn wie oben analysiert, hatte ihm auch die Reiseliteratur seines Landes wenig konkrete Informationen vermittelt, (...) brauchte es auch einige Zeit, bis der DDR-Bürger quasie durch *learning by doing* sich sein Fremdbild aus eigenen Erfahrungen und den jetzt frei zugänglichen Medien zusammensetzen konnte.

[Quais são os efeitos de um povo inteiro quase só ter a possibilidade de viajar na literatura? Por um lado, a literatura obtém assim uma posição muito acima daquela ocupada pela literatura de viagens em países com a possibilidade de se viajar ilimitadamente, mas também acima da literatura geral que não seja de viagens no próprio país. Por outro, essas «viagens mentais» também influenciam naturalmente os comportamentos turísticos dos cidadãos da RDA durante as suas viagens reais. Isso notou-se sobretudo depois da viragem e da queda do muro. (...) Como havia tanta coisa que não sabiam – de onde, aliás, o poderiam saber se, como atrás analisado, mesmo a literatura de viagens do seu país lhes tinha transmitido informações tão pouco concretas? – é natural que os cidadãos da RDA tenham necessitado de algum tempo, até, por assim

dizer por *learning by doing*, serem capazes de compor as suas próprias hetero-imagens alicerçadas em experiências próprias e nos *media* agora livremente acessíveis.]

As implicações e transformações quer no que diz respeito à prática turística quer no plano do imaginário e da representação da viagem e sua respectiva «materialização» na literatura pós-reunificação é um aspecto que, em bom rigor, ultrapassa os limites do presente estudo. No entanto, tendo em conta que os “processos (...) culturais não terminam, de um momento para o outro, numa data ou num acontecimento específico, como, por exemplo, o fim de um Estado” (Emmerich, 2000: 10), na parte final deste trabalho voltaremos incontornavelmente a essas implicações duradouras da concepção e mediação da viagem nos livros de viagem da RDA, assim como às transformações ocorridas após a diluição oficial desse sistema político, social e cultural.

Por fim, e apesar de não se tratar de um estudo que se reporte especificamente à literatura de viagens da RDA, não podemos deixar de fazer ainda referência à recente publicação de Ulla Biernat (2004) dedicada, conforme indica o subtítulo, à “literatura de viagens em língua alemã pós-1945”. O principal mérito deste livro consiste no facto de se ocupar da «vitalidade» do género precisamente numa época em que, segundo a perspectiva de muitos investigadores, esse já estaria supostamente condenado à morte. Contrariando a tal «necro-lógica», que aqui já tivemos oportunidade de discutir, Biernat afirma ter indagado nada mais, nada menos do que 250 títulos que correspondem à sua definição do relato de viagens como “textos que representam viagens não fictícias como meios ficcionais que, por sua vez, variam histórica e culturalmente” (Biernat 2004: 22). Desse vasto conjunto submete cerca de trinta exemplos a uma análise discursiva que se pretende representativa da grande diversidade do género ao longo da segunda metade do século passado. Ainda que o seu estudo se configure, modo geral, como um trabalho que convence pela sua coerência teórica e analítica, no que diz particularmente respeito à sua abordagem da literatura de viagens da RDA, há todavia um aspecto a apontar que, do ponto de vista metodológico, nos parece bastante problemático. Que se coloque lado a lado a literatura de viagens das «duas Alemanhas» é evidentemente legítimo ou mesmo desejável, mormente se o objectivo for proceder-se a

uma análise comparativa que, olhando à inextrincável inter-relação entre textos e contextos, considere necessariamente os diferentes enquadramentos extratextuais da produção literária. Ora, não é essa a perspectiva pela qual se pauta a abordagem de Biernat. Relegando, logo à partida, as diferentes “condicionantes sociopolíticas da escrita [e] as diferenças entre as condições culturais do acto da viagem na RDA e na RFA” (*idem*: 25) para segundo plano, optando antes por perspectivar a “proximidade quer histórica quer ao nível técnico-formal do género” (*ibid.*) das «narrativas» de viagem produzidas e recepcionadas de um e de outro lado do Muro, as suas análises textuais – das quais, em boa verdade, apenas uma se ocupa com algum pormenor de um autor da RDA, a saber, o relato de viagem sobre a China *Ferne Nähe* de Stephan Hermlin (1954) – resultam, por conseguinte, numa avaliação notoriamente redutora do vasto e multifacetado campo da literatura de viagens da Alemanha do Leste. Ao estudo de Biernat voltaremos no capítulo IV do presente trabalho, em que procederemos às análises propriamente ditas dos «textos e imagens em movimento».

Por agora, concluamos a nossa inventariação da investigação sobre a literatura de viagens (na RDA) com um resumo sucinto das ilações a tirar para a abordagem teórica e metodológica proposta no presente estudo.

### 2.3 Resumo

Para fazer o balanço final deste levantamento metacrítico já algo extenso, podemos, em suma, constatar que a profícua área de investigação relacionada com o vasto e heterogéneo território ocupado pela literatura de viagens se reflecte, como que necessariamente, numa manifesta diversidade e disparidade dos respectivos metadiscursos. Numa perspectiva algo esquemática, verifica-se que este domínio de investigação se tem pautado, durante as últimas décadas, por três linhas distintas de orientação genérica a que, respectivamente, subjazem concepções centradas em diferentes dimensões do complexo *campo* da literatura de viagens. Estas diferentes tendências caracterizam-se, de um ponto de vista heurístico, por uma maior ou menor focagem ora das componentes estético-literárias ora dos contextos históricos que determinam a produção e recepção do género. Enquanto as concepções que atrás denominamos de «poetológicas» tendem a abordar a literatura de viagens como uma entidade pretensamente autónoma ou,

se quisermos, «monádica» cuja qualidade se deveria, ahistoricamente, à «genialidade», ou seja, à alegada sensibilidade subjectiva e às capacidades artísticas do autor, as abordagens de um cunho mais histórico-social centram a sua perspectiva sobre o multifacetado enquadramento extra-literário que condiciona e determina os modos e formas da percepção da viagem em si e, por conseguinte, a produção e recepção do relato de viagens. A estes dois tipos de aproximações, aparentemente incompatíveis entre si, há ainda a acrescentar uma terceira linha de orientação que concebe a literatura de viagens, de um modo epistemologicamente irreflectido e obsoleto, como uma fonte documental, ou seja, como um reflexo simétrico e objectivo da realidade exterior.

Não obstante a manifesta diversidade e disparidade de perspectivas de abordagem – constelação essa que, face à multissecular história do género assim como à sua natureza intrinsecamente híbrida, de resto, não surpreende –, nesse domínio parece existir, pelo menos, um pressuposto teórico que, hoje, reúne o vasto consenso entre os investigadores, a saber: os múltiplos *contextos* extra-literários influenciam indelevelmente a produção e recepção dos próprios *textos*. Porém, o que à primeira vista se apresenta como uma «realidade» cientificamente consensual revelar-se-á, na prática analítica, uma construção demasiadamente abstracta incapaz de resistir à diversidade formal e à multiplicidade de possíveis «manuseamentos» dos textos. Dito por outras palavras, as divergências metodológicas (re) surgem no preciso momento em que se procede a uma análise mais concreta e diferenciada das ditas implicações extratextuais sobre o processo da *textualização*.

A falta de comunicação entre os diferentes modelos no domínio da investigação sobre a literatura de viagem tem sido, mais tardar desde a década de 1980, repetidamente apontada e denunciada como um impedimento ao desenvolvimento de um *design* teórico e metodológico que seja capaz de perspectivar o (in)característico *hibridismo* de um género que, desde sempre, se distinguiu precisamente pela sua *multidimensionalidade* quer no plano formal quer ao nível funcional. Face à manifesta incapacidade de aquelas aproximações proporcionarem, cada uma por si só e isoladamente umas das outras, uma visão integrativa dos múltiplos contextos e das intrincadas relações intra e intersistémicas que caracterizam a literatura de viagens, impõe-se portanto a necessidade de uma concepção policêntrica ou, de acordo com o conceito proposto pela teoria sistémica da

literatura, de um modelo *policontextu(r)al*. Neste sentido, o apelo à *inter* e/ou *transdisciplinariedade*, que, mais recentemente, tem atravessado – de um modo algo inflacionário, diga-se – praticamente todos os discursos disciplinares, afigura-se, no que em concreto concerne à investigação sobre a literatura de viagens, de facto como uma *conditio sine qua non*. No entanto, a complexidade epistemológica e reflexiva inerente ao trabalho transdisciplinar tem, na prática, afastado parte significativa das investigações dos textos em si, abdicando-se neste domínio muitas vezes de uma análise dos mecanismos de representação, ou melhor, do processo de *textualização* no *medium* constituído pelo livro de viagens.<sup>101</sup>

No que em particular diz respeito ao «sistema RDA», o inextricável entrelaçamento das dimensões política, sociocultural e literária que o caracterizavam parece, à partida, favorecer as concepções metodológicas que estabelecem uma relação irremediavelmente causal – em última instância, mesmo sobredeterminista – entre o dirigismo estatal e a própria produção e recepção textuais. Ainda que, em termos genericamente sistémicos, *não* se possa considerar a literatura da RDA um “subsistema” que se tenha “diferenciado, de um modo auto-poiético e auto-referencial” do supra-sistema social, visto que foi permanentemente “*overmanaged* pelas prescrições do Estado e partido” (Emmerich, 2000: 40), o habitual primado de aproximações político-sociológicas do «campo literário» na RDA<sup>102</sup> tende, por inerência, a menosprezar as tradições literárias, os mecanismos narrativos e as estratégias discursivas, em suma, os contextos intra-literários, que sustentam os textos em si.

Ora, se mesmo em relação à literatura ficcional da RDA se procede maioritariamente a uma perspectivação que concebe o seu objecto de

<sup>101</sup> Os trabalhos de Brenner (1990) e Meurer (1999: 287-410), que apelam explícita e repetidamente à interdisciplinaridade, constituem exemplos deveras ilustrativos de estudos sobre a *literatura* de viagens em que a própria «literatura», isto é, os seus mecanismos textuais, são praticamente esquecidos.

<sup>102</sup> Este prisma primordialmente político das abordagens da literatura da RDA culminou, logo a seguir à reunificação, na chamada «querela literária alemã-alemã» (*deutsch-deutscher Literaturstreit*) desencadeada pela descoberta da colaboração com os serviços secretos (*Stasi*) por parte de diversos escritores da RDA com renome internacional que aí tinham sido lidos (sobretudo na RFA) como autores críticos e opositoristas ao regime. Os casos que causaram mais celeuma, quer nos *massmedia* impressos e audiovisuais quer em revistas especializadas, foram, entre outros, os de Christa Wolf, Sascha Anderson e Fritz Rudolf Fries, proeminentes autores da RDA que o investigador ocidental Ulrich Greiner designou, peremptória e ahistoricamente, como “poetas de Estado” ao serviço de uma “estética político-ideológica” (*Gesinnungsästhetik*). Sobre esta «querela» que incendiou as hostes entre muitos literatos do Ocidente e Leste alemães, veja-se a detalhada bibliografia em Emmerich (2000: 609-613).



análise como um reflexo pretensamente simétrico do contexto histórico em que se insere, perpetuando-se assim a tradicional «cegueira» (De Man) face ao “hiato existente entre o acontecimento e seu registo na textualidade” (Scholes, 1991: 67), no que em concreto concerne à literatura de viagens produzida e lida na RDA, essa concepção exegética parece, à primeira vista, adequar-se na perfeição a um género que se alimenta precisamente da «ilusão referencial», ou seja, da convenção «realista» e/ou «documentarista», assente no pressuposto de que o relato de viagens representa a «realidade» de um modo «autêntico». Ao conceber o relato de viagens como um género «factográfico», que não só estaria irremediavelmente condicionado pelo contexto histórico, como alegadamente reproduz esses mesmos condicionamentos de forma simétrica, grande parte da investigação sobre a literatura de viagens enreda-se, por conseguinte, na mesma teia discursiva e narrativa que sustenta precisamente os processos narrativos dos textos em si. Este idealismo ontológico, que continua a minar parte do vasto território da pesquisa dedicada ao relato de viagens, tem de facto impedido que se proceda quer a um olhar mais diferenciado sobre as continuidades e descontinuidades *funcionais* do género, quer a uma análise mais detalhada das suas inscrições em determinadas tradições discursivas e dos mecanismos narrativos inerentes à produção dos livros de viagem.

Tendo em vista que a RDA se caracterizava, por um lado, por complexas e inextrincáveis «ligações perigosas» entre os discursos político e literário e, por outro, pela peculiar situação de os leitores comuns serem parcialmente excluídos do acesso a uma experiência turística *global*, uma abordagem de índole transdisciplinar e funcional que contemple tanto as condições políticas e socioculturais da viagem como as convenções discursivas e os mecanismos intra-literárias da sua representação no *medium* do livro de viagens é, assim, não só necessária, como absolutamente incontornável. Perante a intrincada constelação desse cenário, poder-se-ia ser induzido – tal, como de resto, acontece em muitos estudos sobre a literatura (de viagens) da RDA – ou a uma leitura centrada sobretudo nas condições socioculturais de um povo anacronicamente excluído do processo da globalização ou a uma análise de índole «imagológica» focalizada nos propósitos ideologizantes que, na verdade, caracterizaram muitos dos livros de viagens publicados nesse país. Conforme o presente inventário metacrítico terá, porém, evidenciado, por si só e, sobretudo, se aplicados de um modo isolado um do outro, estes dois modelos conceptuais não só são redutores,

como assentam em pressupostos teóricos e epistemológicos, no mínimo, discutíveis. Enquanto uma abordagem primordialmente sociológica e/ou histórico-cultural da literatura de viagens tende, modo geral, a menosprezar os próprios textos em detrimento dos seus contextos, ou seja, a sobrevalorizar as condições e determinantes extra-sistémicas e, respectivamente, a subvalorizar a referencialidade intra-sistémica, uma aproximação que se oriente pelo prisma político-ideológico mostrar-se-á, logo à partida, duplamente fragilizada. Pois, além da aporética concepção que a sustenta, nomeadamente a assunção de uma realidade ontologicamente estável e, por princípio, objectivamente representável, essa perspectiva imagológica carece *grosso modo* de um ângulo de visão que lhe permita contemplar as tradições, as convenções e os mecanismos da discursividade literárias, isto é, as referências intra-literárias que, inquestionavelmente, também pré-condicionaram e co-determinaram quer a produção quer a recepção dos livros de viagens na RDA.

Para evitar aproximações *unidimensionais* – aproximações essas que, por isso mesmo, correm, logo à partida, o risco de passarem ao lado da característica *multidimensionalidade*, isto é, do tal *hibridismo* formal e funcional da literatura de viagens acerca do qual parece existir um vasto consenso entre os investigadores deste domínio – o presente estudo propõe, portanto, uma abordagem que tenta não só dar conta dos diversos subsistemas (intra e extratextuais) que, sob a forma de uma inextrincável teia inter-relacional, constituem o complexo supra-sistema do discurso viático, como procura focar e analisar os pontos de contacto e intersecção, os *interfaces* entre essas diferentes dimensões e componentes da rede discursiva que envolve o fenómeno da viagem.

Perante um género textual que, porventura, não só faz da mobilidade o seu principal «pré-texto» temático, como constitui em si mesmo um tipo de “literatura em movimento” (Ette, 2001), há, assim, em primeiro lugar, que se abdicar de visões teleológicas sobre uma alegada evolução linear da literatura de viagens e, em segundo lugar, que resistir a perspectivas que a concebiam como um reflexo «mediato» da realidade, única e incondicionalmente predeterminado pelos contextos históricos em que se inserem. Sendo, evidentemente, inquestionável que os próprios textos são “*sintomas* do supertexto mais amplo formado pela cultura”<sup>103</sup> (Scholes, 1991: 46) e

<sup>103</sup> Sublinhado nosso.

que “o que somos e aquilo em que nos tornaremos foi antecipadamente modelado por poderosos textos culturais” (*idem*: 43), não se deve todavia sucumbir ao facilitismo (ou fatalismo) inerente às perspetivações axiomáticas que negam a existência de um espaço *diferencial* que, apesar de dificilmente delimitável, separa a (percepção da) realidade extratextual da sua construção mediática. A abordagem analítica de um género que é intrinsecamente transfronteiriço, quer do ponto de vista temático quer formal, e cujas (in)especificidades produtivas e receptivas resultam precisamente da *diferença* entre a percepção/experiência e a comunicação (literária) terá portanto de focar os *modi operandi* e formas da *construção* de «realidade» nesse ténue espaço intermédio. Por outras palavras, o objecto de análise não é constituído nem pela «realidade exterior», nem pela «realidade interior» do viajante-narrador, mas sim pelo «interface» no qual e por via do qual se encena aquele processo de transposição da fronteira entre o «mundo» e o «sujeito» que sustenta não só a viagem concreta como a sua encenação mediática.<sup>104</sup>

Essas «paisagens textuais», cujos contornos, além de obedecerem em parte a um *design* «prescrito» pela política e dogmas culturais do regime, *emergem* significativamente a partir de convenções e referencialidades intra-literárias, exigem, por conseguinte, uma observação mais atenta e, sobretudo, uma análise mais detalhada do complexo jogo das tensões dinâmicas por via das quais nos relatos se constroem as «realidades» viáticas. A dinâmica subjacente a esse complexo espaço literário onde se entrecruzam e se negociam diversas convenções discursivas e sociais é sintetizada – a nosso ver de forma salutar – por Ulla Biernat (2004: 31), no seu estudo sobre a literatura de viagens alemã pós-1945 a que aqui já se fez referência:

‘Reise’ wird als Diskurs aufgefaßt, der von gesellschaftlich konsentierten formalen Operationen, Deutungsmustern und Zuschreibepraktiken geleitet wird. Reiseliteratur bildet das kollektive Wissen über das Reisen, verschiedene Länder, Exotik usw. nicht nur ab, sie verwendet nicht nur etablierte Redeweisen über Nationalcharaktere und Sehenswürdigkeiten, sie inszeniert nicht nur ritualisierte Handlungsweisen; sie stellt vielmehr einen Raum dar, wo sich

<sup>104</sup> Cf. Matos (2001: 175s).

verschiedene Erkenntnis- und Interpretationsmuster treffen und Regeln des Diskurses verhandelt werden.

[“Viagem” é aqui entendido como um discurso que é conduzido por operações formais, modelos de interpretação e práticas de atribuição socialmente consentidas. A literatura de viagens não só reproduz o saber colectivo sobre a viagem, diversos países, exotismo, etc., ela não só recorre a modos de expressão previamente estabelecidos sobre caracteres, curiosidades e monumentos nacionais, ela não só encena práticas ritualizadas; mais do que isso, ela constrói um espaço em que se encontram diferentes modelos epistemológicos e interpretativos e em que são negociadas as regras do discurso.]

Nunca será, assim, demais insistir-se na intrincada relação que existe entre as «duas viagens», isto é, entre os dois campos de referências extra e intratextuais que, respectivamente, informam e formam a *contextura* do relato de viagens e cujo efeito (ilusório) pressupõe a aceitação das convenções de «realismo» e «autenticidade» por parte do leitor. Opitz (1997: 221) explica este fenómeno constitutivo da literatura de viagens de um modo particularmente incisivo e concludente:

Nicht eine individuelle, einmalige Reise wird verschriftlicht, sondern sprachliche Formen werden auf eine als authentisch ausgewiesene Reise geschickt. Daß es dabei nicht um persönliche Erfahrungen geht, sondern um die Herstellung von Formen, die als beständige Erfahrung erscheinen können, [kann] am Topos der “zwei Reisen“ dargelegt [werden]. Die als individuell und authentisch ausgegebenen Erfahrungen sind illusionäre Attribute literarischer Konventionen, deren Entsprechung zu Zuständen des individuellen Bewußtseins vom Leser vorausgesetzt wird.

[Não é uma viagem individual e única que é transposta para a escrita, mas são as formas de linguagem que são enviadas numa viagem pretensamente autêntica. O facto de aí não se tratar de experiências pessoais mas da construção de formas capazes de parecerem experiências consistentes pode ser explicado por via do *topos* das “duas viagens”. As experiências apresentadas como sendo individuais e autênticas são atributos de convenções literárias cuja correspondência com estados de consciência individual é pressuposta pelo leitor.]

Partindo, portanto, do pressuposto de que, segundo Riffaterre (1979: 19), “la réalité est un succédané du texte” e que “les références au réel [sont] une espèce de gymnastique verbale que le texte fait faire au lecteur” (*idem*: 21), propomos aqui um tipo de leitura e abordagem que considere quer a referencialidade intra-literária quer as funcionalidades sociais dos discursos em torno da viagem apresentados sob o formato do livro de viagens, um artefacto cultural que na RDA gozou, por razões a explicar mais à frente, do estatuto de um verdadeiro *mass medium*. Para tal adoptaremos uma dupla perspectiva que contemple as «duas viagens», isto é, a viagem, por um lado, como prática sociocultural condicionada pela peculiar *Reisepolitik* do regime e, por outro, como encenação mediática. Não obstante o risco da imprecisão esquemática que é sempre inerente a qualquer tentativa de periodizações e outros géneros de delimitações de correntes e artefactos culturais, por via de uma aproximação, simultaneamente, tópico-temática, formalista e funcionalista tentaremos perceber e explicar – pelo menos em parte – como é que, ao nível do processo da mediação em si, se configuram as múltiplas relações entre as diversas fases e dimensões da política, da prática e da representação mental da viagem. A nossa análise será portanto balizada pelo intuito de desmontar tipificações redutoras que, de ambos os lados do Muro, consider(av)am a literatura de viagens da RDA, indiferenciada e irremediavelmente, ou um mero «reflexo» das condições políticas e socioculturais ou um simples instrumento propagandístico que o regime controlaria e manipularia por completo.

O poliperspectivismo inerente a esta proposta reflecte-se, respectivamente, nas diferentes formas de abordagem em cada um dos três capítulos que, no seu conjunto, compõem o núcleo do presente estudo. Enquanto o capítulo III se ocupa, primordialmente, dos contextos e «pré-textos» extra-literários, isto é, das condições infra-estruturais, políticas, sociais e culturais da viagem (turística), o capítulo IV debruça-se sobre as construções narrativas propriamente ditas, centrando-se nos processos da *media(tiza)ção* textual e/ou imagética da viagem, mais concretamente nas estratégias e nos mecanismos de encenação que sustentam a produção e recepção de representações interculturais.



## 3. Contextos

### 3.1 O «encolhimento do mundo», a «relativização do exótico» e a «morte anunciada» do relato de viagens

Num ensaio dedicado ao “culto do movimento”, que nos «loucos anos vinte» teria irrompido sob a forma de uma frenética dedicação aos “actos profanos” da viagem e da dança, o crítico cultural Siegfried Kracauer (1977: 40s) faz a seguinte observação:

Je mehr die Welt dank Auto, Film und Aeroplan zusammenschrumpft, um so mehr wird freilich auch der Begriff des Exotischen relativiert. (...) Diese Relativierung des Exotischen geht Hand in Hand mit seiner Verbannung aus der Wirklichkeit – so daß romantische Gemüter früher oder später die Anlage umzäunter Naturschutzparks werden anregen müssen, verschlossener, märchenhafter Bereiche, in denen man auf Erlebnisse hoffen darf, die zur Zeit Kalkutta kaum noch gewährt. Bald ist es soweit. Infolge der zivilisatorischen Annehmlichkeiten ist heute bereits nur der geringste Teil der Erdoberfläche terra incognita, die Menschen sind heimisch sowohl zuhause wie anderwärts oder auch nirgends zuhause.

[Quanto mais o mundo vai encolhendo graças ao automóvel, ao filme e à aeronave, tanto mais se relativiza naturalmente o conceito do exótico. (...) Esta relativização do exótico anda de mãos dadas com a sua expulsão da realidade – de forma a que, mais cedo ou mais tarde, os espíritos mais românticos

irão ter de sugerir a adopção de parques naturais cercados, de fabulosas áreas vedadas nas quais se poderá ansiar por experiências que neste momento já nem sequer Calcutá nos consegue proporcionar. Esses tempos estão próximos. Devido às comodidades civilizacionais, já hoje apenas uma ínfima parte da superfície o globo ainda se mantém *terra incognita*, os seres humanos sentem-se como se estivessem em sua terra natal tanto em casa como noutra qualquer lugar ou talvez não se sintam em casa em nenhum lugar.]

As tendências cosmopolitizantes diagnosticadas por Kracauer na década de 1920, ou seja, o progressivo “encolhimento do mundo” por via do crescente recurso ao “automóvel, filme e aeroplano”, a consequente “relativização do exótico” assim como a previsão do surgimento de espaços de lazer sintéticos<sup>105</sup> antecipam um complexo fenómeno processual que se intensificaria sobremaneira durante a segunda metade do século XX. O aumento exponencial da mobilidade física e telemática ocorrido no pós-Segunda Guerra Mundial, aumento esse que culminaria na actual «hipermobilidade»,<sup>106</sup> representa inquestionavelmente um salto quantitativo e qualitativo no longo processo da democratização da viagem turística e do acesso generalizado à experiência (áudio-)visual de realidades (outrora) longínquas. A primeira utilização do avião a jacto para fins turístico-comerciais<sup>107</sup> e a inauguração de emissões televisivas regulares constituem dois eventos – porventura, ambos originários dos anos 1950 – que condensam em si mesmos os dois principais motivos do «encurtamento» de distâncias geográficas assim como da respectiva reconceptu-

<sup>105</sup> Em relação ao recente *boom* de parques de lazer que simulam «realidades exóticas» vejamos, por exemplo, os ensaios paradigmáticos de Eco (1986) e Augé (1997).

<sup>106</sup> É de realçar que a hipermobilidade intercultural tão característica da segunda metade do século XX não se deve apenas ao turismo e à globalização dos meios de comunicação analógicos e digitais, mas também – porventura, de um modo substancial – aos fluxos migratórios que, ao invés da viagem de *lazer*, são motivados por razões explicitamente políticas (refugiados) e/ou carências económicas. Estas razões e motivações desiguais que subjazem ao novo «nomadismo» universal reflectem-se também nos rumos diametralmente opostos desses movimentos, isto é, enquanto o fluxo turístico se direcciona basicamente do hemisfério Norte para Sul, o segundo move-se, modo geral, no sentido inverso.

<sup>107</sup> O primeiro avião a jacto que viria a constituir o protótipo do famoso *Messerschmitt Me 262* da Força Aérea do *Terceiro Reich* foi construído, em 1939, pela empresa alemã Heinkel. Uma década após a primeira utilização para fins militares em 1942, esse novo engenho, que permitiria uma substancial aceleração no domínio das viagens de longo curso, seria colocado ao serviço do turismo. O primeiro avião a jacto de carreira foi o *Comet*, uma produção da Grã-Bretanha, que em 1952 passou a integrar as frotas das principais agências mundiais.



alização da viagem e do imaginário do exótico a que Kracauer se referia – sublinhe-se – já em 1925. Face à densíssima rede de voos *charter* que hoje nos permitem aceder fisicamente aos cantos mais remotos do globo em apenas poucas horas (desde que haja condições financeiras para tal) e perante a omnipresença da televisão que, todos os dias, nos traz o mundo pelas salas de estar adentro, sem que para tal necessitemos sequer de mover o nosso corpo (a não ser, para premirmos o botão do comando à distância), poder-se-á dizer que as perspicazes visões «futuristas» de Kracauer se revelaram particularmente certas.

Para a generalidade da população da RDA, o “encolhimento do mundo”, entendido como um processo que remonta – já para não se ir mais atrás no tempo até à chamada época dos descobrimentos – às origens do turismo moderno em meados do século XIX, revestiu-se, porém, de um sentido ambíguo. Enquanto o conceito utilizado por Kracauer remete para o fenómeno da acessibilidade, virtualmente *ilimitada*, a qualquer canto do mundo como uma consequência do desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, no contexto específico da RDA, esse “encolhimento do mundo” aponta, ao mesmo tempo, para uma evolução no sentido inverso, ou seja, o da *limitação*, politicamente decretada, do espaço turisticamente experienciável. Essa inversão (parcial) da manifesta tendência do século XX para a “*généralisation du voyage*” (Moura, 2000: 271) aconteceu, na RDA, de um modo paradoxal, visto que a «democratização» da viagem aí assentou e resultou, simultânea e ambigualmente, por um lado, num inquestionável *alargamento* social do acesso ao turismo e, por outro, numa clara *restrição* do espaço geográfico que, em plena era do turismo de massas e dos *mass media* audiovisuais, se encontrava teórica e tecnicamente acessível às populações de todos os países industrializados.

Perante essa ambivalente configuração do “encolhimento do mundo”, também a “relativização do exótico” adquiriu na RDA um sentido necessariamente diferente daquele que Kracauer lhe confere. Enquanto nas sociedades industrializadas do Ocidente, o «imaginário do exótico», que tradicionalmente se alimenta de representações «românticas» do longínquo,<sup>108</sup>

<sup>108</sup> Perante a vertiginosa aceleração da mobilidade física proporcionada pelos aviões, o «longínquo», ou seja, a distância geofísica, passa, por assim dizer, de uma categoria espaço-temporal, a um espaço simbólico sobre o qual os turistas projectam as suas representações e expectativas. Sobre as profundas alterações das noções e percepções das coordenadas espaço-temporais induzidas pelas «revoluções» dos transportes e dos meios de transmissão e comunicação, vejam-se, exemplarmente, as teorias “dromológicas” de Paul Virilio (1993, 2000) e Schmidt (1998).

da diferença cultural e do «autêntico», tende – pelo menos, de acordo com as visões nostálgicas de muitos «poetas da viagem» e críticos do turismo de massas – a perder a sua dimensão «transcendental»,<sup>109</sup> nomeadamente devido às possibilidades proporcionadas pelas infra-estruturas turísticas e mediáticas de agora se poder, paradoxalmente, «realizar» “fantasias colectivas”, isto é, fazer-se a “experiência sensorial de mundos imaginários” (Hennig, 1997: 95s), na RDA, pelo contrário, assistiu-se a uma espécie de prolongamento ou mesmo regresso anacrónico do «exotismo» na sua acepção tradicional.<sup>110</sup> Num breve texto de introdução a um volume do escritor Erich Loest que, após ter definitivamente abandonado a RDA em 1981, se radicara na RFA e em 1986 publicou os relatos das suas primeiras experiências viáticas no «novo mundo», Günter Kunert, também ele um dissidente que emigrara em 1979, explica o efeito dessa peculiar forma de «conservação do exótico» do seguinte modo (Loest, 1992: 7s):

Wem das Hinausreisen aus dem eigenen Lande verwehrt wird, für den verwandelt sich die nie erblickte Welt in ein Sehnsuchtsziel, das ihn nicht zur Ruhe kommen läßt. (...) Ein Schriftsteller, der die DDR verläßt und in die

<sup>109</sup> Ainda que a alegada perda dessa dimensão «transcendental» possa ser melancolicamente lamentada, certo é que não só a forma (pós)moderna da viagem turística – que, de facto, potencia as possibilidades da «materialização» de *fantasias* colectivas – mas todas as formas da viagem que se foram desenvolvendo ao longo da história assentam precisamente no paradoxo que Christoph Hennig (1997: 95s) resume do seguinte modo: “In allen Kulturen existiert (...) eine Geographie des Imaginären. (...) Phantasien werden an imaginären Orten angesiedelt, die man auf fiktionalen Reisen erreicht. (...) Doch die imaginierten Orte sind heute real erreichbar. (...) Es geht im touristischen Reisen selten darum, etwas vollständig neues zu erreichen; vielmehr hoffen wir, die Wahrheit der kollektiven Phantasien zu erleben. (...). Der Tourismus entfaltet sich im Spannungsfeld von kulturell vermittelten Phantasien und realer Ortsveränderung. Sein Ziel besteht wesentlich in einer scheinbar paradoxen Form des Erlebens: in der sinnlichen Erfahrung imaginärer Welten.“ [Em todas as culturas existe (...) uma geografia do imaginário. (...) As fantasias são sedeadas em locais imaginários que podem ser alcançados em viagens fictícias. (...) Hoje, porém, os lugares imaginários são realmente alcançáveis. O objectivo de viagens turísticas raramente consiste em alcançarmos algo de absolutamente novo; mais do que isso, esperamos poder experienciar a verdade das fantasias colectivas. (...) O turismo desenvolve-se no campo das tensões entre fantasias culturalmente transmitidas e a mobilidade real no espaço. Ele visa fundamentalmente a experiência sensorial de mundos imaginários.] Opaschowski (2001: 130) argumenta no mesmo sentido, ao considerar que a mítica “saudade do paraíso terrestre” se prolonga até aos nossos tempos, funcionando como principal motivação do turismo actual.

<sup>110</sup> A respeito deste fenómeno, num interessante artigo sobre a “construção histórica de espaços de mobilidade”, Walter Schmitz (2005: 7) fala de “Exotisierungsspuren in der Wahrnehmung der ehemaligen DDR”, isto é, de resíduos ou vestígios de «exotização» na percepção colectiva do outro (ocidental) por parte da população da RDA. Para uma definição do conceito «exotismo» e suas representações literárias ao longo da história, vejam-se, por exemplo, Reif (1975), Börner (1984) e Wemhöner (2004).

ihm lange verwehrt ferne zieht, erlebt sie anders als der niemals von Staats wegen am Reisen gehinderte. Ihm bleibt, jedenfalls für eine Weile, die Kehrseite des Unternehmens, die Frustration erspart, am Ziel statt der erwarteten Phantasmagorie nur das eigene Ego anzutreffen (...) Für ihn, den ungetübten Globetrotter, strahlt die Erde noch im lichten Glanz der Neuheit, des erstmals erschauten. Nur langsam stellt sich die Gewöhnung ein, Normalität und damit die Erkenntnis, auch anderswo werde mit Wasser gekocht.

[A quem o viajar para fora do seu país é interdito, a esse o mundo nunca antes visto transforma-se no alvo da sua ânsia que não o deixa sossegar. (...) Um escritor que abandona a RDA rumo ao longe que durante muito tempo lhe fora interdito experiencia-o de modo diferente daquele que nunca fora impedido pelo Estado de viajar. A esse é poupada, pelo menos por um certo período, a outra face da medalha, a frustração de, uma vez alcançado o alvo do seu desejo, encontrar, ao invés da esperada fantasmagoria, apenas o próprio ego. (...) Aos olhos desse, do inexperiente trota-mundos, a terra ainda irradia todo o esplendor do novo, do que é visto pela primeira vez. Só lentamente se vai implementado o hábito, a normalidade e, com isso, o saber de que também noutros lugares se cozinha com água.]

Além de ter exercido um efeito de retardamento da “relativização do exótico” no sentido de uma preservação da “fantasmagoria”, do “esplendor do novo” que envolve as expectativas e o olhar ingênuos do “viajante inexperiente”, a política restritiva de viagem da RDA contribuiu, ao mesmo tempo, não só para uma ampliação, mas para uma espécie de *duplicação* da carga simbólica inerente à representação de países e culturas estrangeiras. Dito de outro modo, face à evidência das limitações geopolíticas do seu raio de mobilidade turística, para a generalidade da população da RDA o «paraíso longínquo» situava-se não somente a centenas ou milhares de quilômetros, em esferas culturais diferentes, mas, ao mesmo tempo, estava também logo ali ao lado, isto é, «do outro lado do muro». As distâncias geográficas, desde que confinadas às fronteiras do «mundo socialista», essas seriam, apesar de uma série de barreiras burocráticas e logísticas previamente a ultrapassar, em princípio transponíveis pelos meios modernos do “automóvel, filme e aeroplano” de que também a sociedade industrializada da RDA dispunha; a proximidade física do «paraíso ocidental», pelo contrário, configurava-se, obrigatoriamente, como um destino quimérico cujo

acesso estaria vedado à esmagadora maioria da população. Ainda que o sol, o mar e a praia assim como as paisagens romanticamente «genuínas» constituíssem, tal como para a generalidade dos turistas ocidentais, partes integrantes do «imaginário exótico» dos cidadãos «normais» da RDA, imaginário esse que, durante as férias, poderia ser «realizado», por exemplo, nas «praias douradas» da Bulgária ou nas imponentes cadeias montanhosas da Checoslováquia ou da Roménia, no seu mapa mental havia, contudo, ainda um outro género de «mundo exótico» que se diferenciava substancialmente da “geografia imaginária” (Hennig) subjacente ao fenómeno do turismo moderno: o «Golden West». Apesar de todo esse hemisfério se caracterizar precisamente por um modelo societal e civilizacional diametralmente oposto à tradicional ideia do «exótico» constituído por «paisagens virgens» e «culturas autênticas» que, segundo Hans Magnus Enzensberger (1964: 190), continuam a representar os “Leitbilder”, isto é, as imagens e os móveis dominantes, do turismo contemporâneo, a consciência amarga da objectiva inacessibilidade a essa parte do globo por parte da esmagadora maioria da população da RDA fez com que se projectasse sobre o mundo ocidental aquela espécie de aura mítica que envolve a multissecular representação do «paraíso longínquo».

Neste sentido, poder-se-á portanto afirmar que, em plena era da globalização, se assistiu na RDA a uma anacrónica «re-relativização» e «re-territorialização» do exótico. Esta curiosa forma de uma idealização paradisíaca do Ocidente hiperindustrializado<sup>111</sup> – que contrastava, evidentemente, com a demonização do «capitalismo imperialista» no discurso oficial – reflectiu-se, necessariamente, também nas respectivas representações textuais e imagéticas. A nossa análise da produção e recepção dos livros de viagem na RDA terá, por isso, de considerar a coexistência dessas duas formas distintas da “relativização do exótico”, uma no sentido referido por Kracauer, ou seja, como consequência da modernização das infra-estruturas turísticas e comunicacionais, macroprocesso esse em que, evidentemente, também a RDA se insere, outra dizendo respeito à idealização ou, inversamente, à «demonização» do mundo ocidental projectadas pelos viajantes-narradores oriundos da Alemanha do Leste. No capítulo dedicado aos livros de viagens, proceder-se-á a uma análise dos respectivos vestígios que, implícita ou

<sup>111</sup> Este fenómeno continua a constatar-se, evidentemente, também em relação ao fluxo da migração económica actual ao qual subjaz uma semelhante idealização dos países (pós-) industrializados.

explicitamente, poderão ser detectados quer ao nível dos subtextos quer à superfície dos textos de viagem propriamente ditos. Antes de se proceder a essa análise textual, ter-se-á porém de perceber melhor as condições socioculturais e políticas que na RDA enquadraram o fenómeno da viagem e que, por conseguinte, interferiram de forma indelével nas respectivas mediatizações. Conforme poderemos verificar mais à frente, nesse «país que já não existe» o turismo revestiu-se de formas bastante peculiares. Apesar dessas especificidades que, sob o pano de fundo das referidas tendências universais no sentido de um progressivo «encolhimento do mundo» e da consequente «relativização do exótico», condicionaram evidentemente as percepções interculturais, é, no entanto, indiscutível que também aí o fenómeno da viagem e de suas multiformes representações se inscreve, *grosso modo*, nesse mesmo macroprocesso da globalização turística. Por isso, parece-nos conveniente proceder-se previamente também a algumas reflexões – ainda que de forma sucinta – sobre a inextrincável relação entre o turismo moderno e a literatura de viagens, temática essa à qual necessariamente voltaremos durante o presente estudo.

No que em concreto diz respeito às influências das práticas turísticas sobre a representação literária da viagem, é de realçar que existe um consenso tácito – mas, no fundo, redutor – entre muitos dos estudiosos que durante as últimas décadas se têm dedicado ao género do relato de viagens. Esse consenso assenta, sumariamente, numa «neco-lógica» que entende a democratização do acesso à viagem (física e mediatizada) como uma consequência, modo geral, negativa para a literatura de viagens. Segundo essa concepção, o turismo de massas e os *mass media* modernos terão esvaziado o relato de viagens das suas principais funções condenando-o, assim, à morte. Uma vez que o balanço genérico feito por Brenner no que concerne às implicações do turismo para a literatura de viagens é, a este respeito, deveras representativo, valerá aqui a pena transcrever uma passagem um pouco mais extensa do seu monumental estudo sobre a multissecular evolução do relato de viagens em língua alemã (Brenner, 1990: 575s):

Der Massentourismus hat neue Formen des Reisens hervorgebracht und erheblichen Einfluß auf die Entwicklung des Reiseberichts ausgeübt. Dieser Einfluß allerdings ist weniger produktiv als negativ gewesen; der Massentourismus hat die Voraussetzungen zerstört, aus denen die traditionelle Gattungsentwicklung ihre Impulse bezogen hat. In einer Gesellschaft, in der

grundsätzlich fast jeder reisen kann, verliert der Reisebericht viele der Funktionen, die ihm eine Sonderstellung in der Literatur verliehen hat: Der Bericht über die Reisen anderer kann immer mehr durch den eigenen Augenschein ersetzt werden. Zugleich entstehen tourismusspezifische Varianten der Reiseliteratur, welche die Nachfolge des traditionellen Reiseberichts angetreten haben; sie reichem vom Reiseführer über Magazin-, Zeitschriften- und Fernsehbeiträge bis zum Werbeprospekt der Reiseveranstalter.

[O turismo de massas fez emergir novas formas da viagem e exerceu uma considerável influência sobre a evolução do relato de viagens. Esta influência foi, no entanto, mais negativa do que produtiva; o turismo de massas destruiu as condições das quais a evolução tradicional do género recebera os seus impulsos. Numa sociedade em que, em princípio, quase todos podem viajar o relato de viagens perde muitas das funções que lhe tinham conferido um lugar privilegiado no seio da literatura. O relato sobre as viagens de outrem pode agora, cada vez mais, ser substituído pela própria observação. Ao mesmo tempo, surgem variantes especificamente turísticas da literatura de viagens que entretanto se encarregaram de ocupar o lugar de sucessores do relato de viagens tradicional, abrangendo desde o guia turístico, passando pelos contributos em revistas e na televisão até à brochura promocional das agências de viagens.]

A ideia de que, ao proporcionar às massas a possibilidade da “experiência própria” de realidades outras, o turismo tende a “substituir” as experiências de viagem em segunda-mão, isto é, os relatos de viagens redigidos por outros, tem-se revelado um (falso) pressuposto bastante resistente no seio da investigação relacionada com a literatura de viagens.<sup>112</sup> Por conseguinte, são relativamente escassos os estudos que se dedicam *de facto* a uma análise das postuladas “influências profundas do turismo de massas sobre a evolução do relato de viagens.”<sup>113</sup> Se bem que o surgimento de novas “variantes especificamente turísticas da literatura de viagens”,

<sup>112</sup> Vejam-se, entre outros, Fussell (1980) e Johst (1989) que argumentam no mesmo sentido.

<sup>113</sup> Em relação à literatura de viagens britânica, vejam-se, exemplarmente, o estudo pioneiro de Buzard (1998) e o livro de Holland/Huggan (2000), assim como o artigo de Culler (1981). No domínio da investigação sobre a literatura de viagens em língua alemã destaca-se, sob o ponto de vista das implicações do turismo para a produção e recepção do relato de viagens, o recente estudo de Biernat (2004). No mesmo sentido, veja-se também o artigo de Moura (2000) que oferece algumas interessantes “réflexions sur les figurations littéraires du voyageur et du touriste.”

como os “guias de viagem e os contributos em revistas, jornais e programas televisivos”, constitua, indubitavelmente, uma consequência do longo processo da democratização da viagem proporcionado pelas infra-estruturas do turismo moderno, a tese defendida por Brenner no excerto supracitado de que essas novas formas de media(tiza)ção da viagem teriam tomado o lugar outrora ocupado pelo “relato de viagens tradicional” é, no mínimo, questionável. Contrariamente ao esquema binário e excludente que subjaz a esse género de argumentação, uma perspectiva *inclusiva* que considere as complexas inter-relações mediáticas permite-nos verificar que, ao longo da história, são raros os casos em que novos *media* se tenham substituído por completo a formas e meios de representação mais antigas. Em vez de seguir uma lógica da *substituição*, a evolução dos *media* caracteriza-se por uma lógica da *coabitação* concorrencial de «velhos» e «novos» meios de representação que, no seu conjunto, constituem uma “mediale Mischstruktur” (Voßkamp, 2000: 322) assente sobre uma “konkurrierende Gleichzeitigkeit der «ungleichzeitigen» Medien” (*idem*: 318). Dito por outras palavras, as transformações dos modos de viajar induzidas pelo turismo de massas e os «novos» meios de representação da viagem daí resultantes não substituem as funções do «velho» livro de viagens, mas exigem dele um reposicionamento funcional.

Para os «necrólogos» do relato de viagens, esse reposicionamento funcional significa, em última instância, a diluição de um “género próprio, dotado de formas expressivas genuínas” que se transforma numa espécie de “continuação da literatura [ficcional] por outros meios” (Brenner, 1990: 661). Num artigo dedicado ao “relato de viagens na era do turismo de massas”, Herbert Jost (1989: 504s) corrobora essa perspectiva ao afirmar que, “hoje em dia, o relato de viagens já não oferece a mistura de factos e ficções” que antigamente o caracterizara, não desempenhando agora outra “funcionalidade real” senão – conforme indica o título do seu contributo – a da “Selbst-Verwirklichung und Seelensuche”.

Curiosamente, a pressuposição de que, perante o acesso generalizado à viagem física e telemática, esse género literário teria praticamente perdido o seu significado para os leitores como meio de informação (*idem*: 490) não considera o simples facto que essa “busca interior” e a ânsia da “auto-realização” não só são despertadas e «alimentadas» pela *imagerie* tradicionalmente veiculada pelo *medium* do livro de viagens, como sustentam o próprio *marketing* turístico que se distingue precisamente pela sua

retórica e semiótica da nostalgia.<sup>114</sup> Dito de outro modo, ao contrário da falácia da «lógica de substituição» que leva muitos exegetas da literatura de viagens assim como inúmeros «poetas da viagem» (não só) contemporâneos à melancólica – ou, mesmo, apocalíptica – conclusão de que o turismo de massas e os *media* audiovisuais aniquilaram o «bom velho livro de viagens», este género continua de boa saúde, tendo-se mostrado “remarkably immune to even the harshest criticism”, o que faz dele “one of the most popular and widely read forms of literature today” (Holland/Huggan, 2000: VII). Ainda que esta observação seja feita em relação à literatura de viagens britânica na viragem do século XX para o século XXI, a nosso ver, também se aplica inquestionavelmente a outras literaturas nacionais contemporâneas, visto que mesmo os mais melancólicos e nostálgicos escritores de viagens, cujo trabalhos se nutrem de modo significativo de uma crítica feroz à massificação da viagem,<sup>115</sup> contribuem ironicamente para a manutenção e solidificação da indústria turística a nível mundial.

Apesar de não concordarmos, portanto, com as teorias que postulam uma progressiva *desfuncionalização* da literatura de viagens, é, todavia, indiscutível que a globalização turística exige um reposicionamento funcional do género. É, pois, evidente que escrever para alguém que nunca experimentou *in loco* determinada região geográfica, isto é, para um leitor que conhece essa mesma topografia apenas por experiências em segunda-mão – como no caso do cidadão comum da RDA –, ou para um público *habitué* que procura na literatura de viagens o prazer estético proporcionado por uma perspectiva complementar à sua experiência pessoal, tem, do ponto de vista das estratégias discursivas e narrativas, implicações que não podem ser de modo algum menosprezadas. Face ao contexto específico do turismo na RDA, cujo regime tudo fez para restringir a generalização global da mobilidade viática e mediática dos seus cidadãos, é, assim, de supor que aquele reposicionamento funcional do livro de viagens se tenha processado e configurado de modos e formas diferentes da respectiva evolução no «mundo ocidental».

No âmbito de um estudo que se dedica aos livros de viagem numa sociedade e Estado cuja existência coincide historicamente com a intensificação da globalização nas suas vertentes turística e mediática, mas em que, ao mesmo tempo, se verifica uma «via específica» desse macroprocesso,

<sup>114</sup> Cf. Culler (1981) e Frow (1991).

<sup>115</sup> Sobre este paradoxo como elemento constitutivo de parte significativa da literatura de viagens contemporânea, veja-se Matos 2006 e 2009.



impõe-se, por conseguinte, uma abordagem analítica que tenha em conta os diferentes vectores do intrincado conjunto de factores que influenciaram profundamente a prática e representação da viagem na RDA. A nossa proposta consiste assim numa separação heurística deste complexo fenómeno em três dimensões que, apesar de intrinsecamente inter-relacionadas, serão abordadas em capítulos diferentes. Antes de nos debruçarmos sobre o campo da referencialidade *intra*-literária constituído pelas tradições e convenções discursivas do género da literatura de viagens em que, necessariamente, também os relatos de viagens produzidos na RDA se inscreveram de forma afirmativa e/ou crítica e procedermos a uma observação mais detalhada das interferências da questão (inter)mediática no processo da produção e recepção de experiências interculturais representadas sob o formato polimórfico do livro de viagens, analisar-se-ão, no presente capítulo, em primeiro lugar, as condições socioculturais e políticas que enquadram a viagem no contexto específico da antiga Alemanha de Leste. De seguida, tentar-se-á apurar e demonstrar em que medida é que o peculiar condicionamento da mobilidade turística dos cidadãos da RDA terá interferido quer na representação mental de «realidades» estrangeiras situadas de ambos os lados do Muro quer no processo de media(tiza)ção (textual e pictural) da viagem. Escusado será dizer que se trata de duas dimensões ou vectores da problemática da viagem que não só estão intimamente interligadas, como se condicionam mutuamente. Uma vez que a proliferação do ciberespaço virtual e a «materialização» da concepção de «mundos sintéticos» *à la Disneyland* previstos por Kracauer se confinou, nos tempos anteriores à implosão dos regimes ditos comunistas, ao «mundo capitalista», esse fenómeno do «exotismo híper-real» não se configurará como objecto de análise do presente estudo. Concentremo-nos portanto nas condicionantes específicas da concepção política e da prática sociocultural da viagem (turística) no contexto concreto da RDA.

### 3.2 O turismo na RDA

Ao contrário da evolução da *indústria* do turismo nas sociedades ocidentais, um ramo económico que, obedecendo às máximas liberalistas da auto-regulação do mercado, se transformou até ao final do século XX num “gigante da economia mundial” (Hennig, *op. cit.*: 149) cujos lucros são actualmente apenas ultrapassados pelos das indústrias petrolífera e

automóvel,<sup>116</sup> no mundo dito socialista o fenómeno de massas moderno da viagem de lazer foi encarado como assunto de matriz social sujeito a regulamentações políticas. Na RDA, a intervenção por parte do Estado no turismo, um domínio que é tradicionalmente concebido como apolítico, resultou, todavia, num efeito absolutamente contrário às intenções do regime. Ao invés dos objectivos pretendidos, com os quais se visava nivelar as históricas assimetrias no acesso à viagem e, assim, fomentar a paz social e a estabilidade política, a forma ambígua de democratização do turismo a destinos maioritariamente limitados ao «hemisfério socialista», levou, na RDA, conforme já pudemos observar na introdução ao presente estudo, precisamente a um crescente descontentamento da população. Por sua vez, esse massivo desagrado com a política de viagem – democratizante, no que dizia respeito a destinos situados no «mundo socialista», mas extremamente restritiva em relação ao «mundo capitalista» – conduziu, em última instância, à submersão das muralhas do «edifício socialista». Mas a história (do turismo) da RDA não pode ser (d)escrita nem a partir do seu fim nem de um modo tão linear. Impõe-se, por isso, uma observação mais diferenciada das diversas fases e facetas das políticas e práticas turísticas nessa Alemanha que “já não existe”.

Conforme constata Hasso Spode na sua recente “Introdução à História do Turismo” na Alemanha, o “conceito da democratização da viagem” remonta ao século XIX (Spode, 2003: 131),<sup>117</sup> constou sempre das principais reivindicações do movimento operário que se intensificou durante a República de Weimar<sup>118</sup> e foi, posteriormente, instrumentalizado pelo regime

---

<sup>116</sup> Sobre a dimensão económica do turismo, uma área que extravasa os limites do presente estudo, veja-se a vasta bibliografia citada, por exemplo, em Hahn/Kagelmann (1993), Hennig (1997: 149-164) e Freyer (1998).

<sup>117</sup> Curiosamente, o primeiro «pacote turístico» organizado, em 1841, por Thomas Cook, que é considerado o «pai do turismo moderno», teve um propósito explicitamente social. A sua primeira viagem colectiva consistiu numa excursão de comboio entre Leicester e Loughborough destinada a 570 membros de uma associação de trabalhadores que lutavam contra o flagelo do alcoolismo entre as classes sociais menos favorecidas. No entanto, essa vertente inicialmente socializante foi rapidamente cedendo o seu lugar aos interesses económicos que doravante ditariam o sucesso comercial da cadeia de agências de viagens Cook cuja clientela se constituía das elites sociais da época. (cf. Spode 2003: 62ss).

<sup>118</sup> O estudo de Keitz (1997) oferece uma visão aprofundada da concepção do «turismo proletário» desde cerca de 1880 até à aniquilação ou absorção das suas infra-estruturas organizacionais, materiais e financeiras pelo regime nacional-socialista em 1933.

nacional-socialista de um modo extremamente hábil<sup>119</sup>. Não obstante a longevidade desta ideia da necessidade de uma generalização social do acesso à viagem, só no pós-Segunda Guerra Mundial se assistiu à verdadeira “fase de consolidação do turismo de massas” (*ibid.*). Essa massificação da viagem processou-se, embora a um ritmo diferente e com algum desfazamento temporal, quer de um lado quer do outro do Muro. Ao contrário do que sugere a imagem colectiva ocidental dos regimes e sociedades do Leste como sistemas fechados e estagnados, modo geral desprovidos de mobilidade de bens e pessoas, a sociedade da RDA caracterizou-se, tal como a da RFA, por uma movimentação turística bastante intensa. Numa perspectiva comparatista do fenómeno do turismo em ambas as «Alemanhas», vários estudos do domínio das Ciências do Turismo, nomeadamente na sua vertente histórico-social e cultural,<sup>120</sup> chegam assim à conclusão de que, no que concerne à prática da viagem em termos *quantitativos* os dois estados alemães eram, afinal, mais parecidos entre si do que com outros países pertencentes ao seu próprio hemisfério político, ideológico e social. Spode (1996: 21) resume o resultado do seu estudo comparado dos hábitos turísticos na RFA e na RDA do seguinte modo:

Festzuhalten ist ein – trotz kleinerer *time-lags* auf beiden Seiten – verblüffender Gleichklang der Reiseintensität. Die beiden deutschen Staaten waren sich hier viel ähnlicher, als sie es mit vielen anderen ost- und westeuropäischen Ländern waren.<sup>121</sup>

<sup>119</sup> Sobre a instrumentalização do turismo para fins explicitamente políticos sob a forma organizacional da “obra de lazer nacional-socialista” *Kraft durch Freude* (“Força pela Alegria”), que, por sua vez, remonta à ideia da organização estadual dos tempos livres sob o fascismo italiano na década de 1920 (*Dopolavoro*), vejam-se Brenner (1997: pp. 140-159), Bucholz (1976), Frommann (1992), Graf (1995: pp. 107-119) e Spode (1980, 1991). O enorme impacto internacional dessa forma de «turismo social» sob a alçada do Estado, entre cujos destinos Portugal desempenhou um papel privilegiado (cf. Matos 1996, 1997, 2005), levou, inclusivamente, à instituição de uma organização semelhante sob o regime do Estado Novo português, a saber, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT). A este respeito da instrumentalização dos tempos livres durante o Estado Novo, consulte-se também o interessante estudo do historiador José Carlos Valente (1999).

<sup>120</sup> Cf. Saretzki/Krohn (1992) e os diversos contributos nos volumes *Endlich Urlaub!* (1996), assim como Spode (1996) e Biskupek/Wedel (2003).

<sup>121</sup> Já em 1978, um estudo comparado desenvolvido e publicado pela fundação ocidental *Friedrich-Ebert-Stiftung* sobre *Urlaub und Tourismus in beiden deutschen Staaten* (Férias e Turismo em ambos os Estados alemães) apontara no mesmo sentido.

[Há a reter – apesar de pequenos *time-lags* de ambos os lados – uma surpreendente sincronia ao nível da intensidade turística. Ambos os Estados alemães eram entre si muito mais semelhantes do que em relação a muitos dos outros países da Europa ocidental e oriental.]

No que em concreto diz respeito às viagens além-fronteiras – e se bem que a esse nível se verificasse um claro predomínio por parte da RFA, onde dois terços de todas as viagens empreendidas desde a década de 1980 tiveram o estrangeiro como destino – não deixa de ser surpreendente que, no ano precedente à queda do Muro de Berlim, as estatísticas sobre a intensa mobilidade turística referentes à RDA se tenham situado ao nível das de diversos países do mundo ocidental, como, por exemplo, a França (*idem*: 14). Ainda que o turismo de massas, como fenómeno internacional por excelência, tenha de ser, evidentemente, perspectivado no macrocontexto da modernização civilizacional dos séculos XIX e XX, a apetência pela viagem evidenciada de forma igualmente intensa pelas populações alemãs de ambos os lados do Muro, ou seja, em sistemas políticos e socioeconómicos profundamente distintos, poderá também ser em parte interpretada como resultado de uma espécie de *Sonderweg* alemão no que concerne à sua história do turismo. Dito de outra forma, em relação a este domínio específico, a história da Alemanha anterior à sua divisão no pós-Segunda Guerra Mundial denota uma evolução peculiar que não só deixaria as suas marcas na memória e imaginário colectivos dos alemães, como influenciaria, necessariamente, os seus hábitos e práticas turísticos. Nessa secular tendência para a progressiva democratização da viagem destacam-se duas fases que contribuíram significativamente para uma herança cultural comum a *todos* os alemães e que, conseqüentemente, não poderia deixar de vir a influenciar o fenómeno do turismo nos dois estados alemães fundados em 1949. Nomeadamente, o surgimento de uma intensa “contracultura turística” (Keitz, 1991) associada ao movimento operário alemão<sup>122</sup> na viragem do século XIX para o século XX, assim como a posterior “febre da viagem” (Spode, 2003: 130) desencadeada, mais do que

<sup>122</sup> Esta “contracultura” consubstanciou-se sob diversas formas, nomeadamente na criação de uma série de associações turísticas dotadas de infra-estruturas próprias (campos de férias, residenciais, etc.), entre as quais se destaca a “Naturfreunde” fundada em 1908, assim como na edição de um “guia de viagem proletária” (*Dietz Arbeiter-Reise- und Wanderführer*) concebido como contra-modelo ao *Baedeker* “burguês”. Sobre esta vertente do «turismo proletário», vejam-se, por exemplo, Bagger (1991), Hobusch (1991), Keitz (1991, 1997) e Krumbholz (1991).

pelas possibilidades *reais* de uma prática turística acessível à generalidade da população, sobretudo pela retórica igualitarista habilmente mediatizada pelos nazis, que souberam empolar a ilusão de a instituição estadual *Kraft durch Freude (KdF)* ser uma organização que ofereceria a *todos* a possibilidade de usufruir do tradicional «privilégio burguês» da viagem.<sup>123</sup> Face a essa dinâmica histórica de contornos simultaneamente políticos, sociais e culturais – dinâmica que, apesar das tentativas de repressão pelas «leis anti-socialistas» nos tempos do *Kaiserreich* e da posterior apropriação política pelo regime nacional-socialista, revelou ser um processo irreversível – não surpreende que, na chamada «Hora Zero», tivesse existido um vasto consenso sobre a necessidade de uma efectiva democratização do acesso ao turismo (*idem*: 132):

Es war [1945] gesamtdeutscher Konsens, dass die Urlaubsreise kein Privileg mehr sein dürfte. Er basierte auf Forderungen, die die Arbeiterbewegung vergeblich erhoben hatte, und die dann das NS-Regime geschickt aufgegriffen und weltweit propagiert hatte (...). Bei der Frage mit welcher Priorität und mit welchen Mitteln der Tourismus zu demokratisieren sei, gingen Ost und West freilich getrennte Wege.

[Em 1945 havia um consenso em toda a Alemanha no que dizia respeito à ideia de que a viagem de lazer não poderia continuar a ser um privilégio. Esse consenso baseava-se nas exigências que o movimento operário fizera em vão e que depois o regime nacional-socialista soubera retomar e propagandear internacionalmente de modo perspicaz. (...) É certo que, em relação à questão

<sup>123</sup> A organização de algumas dezenas de cruzeiros bálticos, mediterrânicos e atlânticos sob a alçada da *Kraft durch Freude*, eventos que o regime nacional-socialista divulgou com grande insistência e eficácia pelos *mass media* (não só na imprensa, na rádio e no cinema como, inclusivamente, sob a forma de relatos de viagens), funcionou como uma espécie de prova empírica desse alegado rompimento do privilégio burguês da viagem. Se bem que, as chamadas “Viagens Atlânticas”, com paragens em Lisboa e na Madeira, fossem propagandeadas como “cruzeiros de operários”, na verdade, nem sequer 20% dos passageiros pertenciam ao operariado alemão. A este respeito, convém ainda referir que, apesar de no discurso oficial do regime nacional-socialista os alemães terem sido retoricamente elevados ao estatuto de uma gigantesca «comunidade de turistas» (des)privilegiados, facto é que só um em cada dez alemães teve oportunidade de participar nos vários milhares de excursões e viagens organizadas pela *KdF* entre 1934 e 1939. Estes dados não permitem, portanto, que consideremos o fenómeno da “Força pela Alegria” como um verdadeira democratização da viagem, mas antes como um salto quantitativo – considerável, é certo – no processo de massificação da viagem que ocorreu apenas nos tempos posteriores à Segunda Guerra Mundial.

da prioridade e dos meios a utilizar para democratizar o turismo, o Ocidente e o Leste acabariam por optar por caminhos diferentes.]

Apesar das semelhanças *quantitativas* ao nível da intensa mobilidade turística que fizeram dos alemães, nos respectivos hemisférios a que pertenciam, os “campeões mundiais da viagem”<sup>124</sup>, as duas vias distintas desse processo da democratização da viagem pelas quais se enveredou no pós-Segunda Guerra Mundial resultariam, efectivamente, em profundas diferenças *qualitativas*. Num volume recente sobre o tema da viagem de lazer na RDA, Biskupek e Wedel (2003: 6) resumem essas notórias desigualdades de um modo muito peculiar, recorrendo-se para tal de um humor mordaz que revela a proveniência dos autores como cidadãos de um país em que, durante quatro décadas, se viram (parcialmente) privados do direito universal, estabelecido em 1948, da *livre* circulação.<sup>125</sup>

Die DDR-Bürger waren, was das Reisen anbelangt, Weltmeister. Allerdings in der Welt, die heute nicht mehr ist, in der sozialistischen. Auch in der anderen Welt kämpften unsere Brüder und Schwestern um den Platz an der Sonne, den vordersten Platz in der Reisetatistik – mit einem großen Atlas. Für die DDR-Bürger aber war nur ein kleiner Teil der Welt als Reiseziel vorgesehen.

[Os cidadãos da RDA eram, no que se referia à viagem, campeões do mundo. Eram-no, porém, apenas naquele mundo que hoje já não existe, o socialista. Também no outro mundo, os nossos irmãos e irmãs lutavam pelo lugar ao sol, pelo lugar cimeiro das estatísticas turísticas – faziam-no com um grande atlas. No entanto, para os cidadãos da RDA só estava prevista uma pequena parte do mundo como destino de viagem.]

A assimetria mais acentuada entre a prática da viagem de um e do outro lado do Muro residiu, de facto, nas diferentes dimensões geográ-

<sup>124</sup> O título da História do Turismo supracitada é precisamente: *Wie die Deutschen “Reiseweltmeister” wurden (Como os alemães se transformavam em “campeões mundiais” da viagem)*. Os estudos sobre o turismo alemão da segunda metade do século XX da autoria de Bagger (1992), Confino (1999), Freyer (1998), Fuhrmann (1996) e Irmischer (1996) chegam a conclusões semelhantes às de Spode (1996, 2003).

<sup>125</sup> Cf. artigo 13 da *Declaração Universal dos Direitos do Homem* em que consta que “todo o homem tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada estado” assim como o “direito de deixar qualquer país (...) e a este regressar”.

ficas dos respectivos raios da mobilidade turística. Enquanto os alemães ocidentais tinham virtualmente *todo* o mundo à sua disposição, oportunidade essa que, devido ao crescente bem-estar económico, começariam a aproveitar sobretudo desde finais da década de 60,<sup>126</sup> os seus concidadãos do Leste ter-se-iam, no que dizia respeito aos seus projectos turísticos, de contentar, conforme versava uma conhecida anedota oriunda da própria RDA, com “o mais pequeno livro do mundo”, que seria o atlas de viagem oficial desse mesmo país (*apud* Spode, 1996: 22). Outra diferença abismal entre as práticas turísticas na RFA e na RDA consistia no incomparável dispêndio de esforços logísticos com que a generalidade dos alemães de Leste se via confrontados para realizar uma viagem, nomeadamente se o destino de férias fosse o estrangeiro (socialista). Ao contrário dos «turistas capitalistas» que, de acordo com os seus orçamentos privados, poderiam, de um momento para o outro, comprar um «pacote turístico» completo destinado a qualquer parte do mundo junto de umas das agências de viagem logo ao virar da esquina, para a esmagadora maioria dos cidadãos da RDA a organização de uma viagem transfronteiriça – mesmo que apenas dentro dos limites do Bloco de Leste – significava um longo e penoso procedimento que lhes exigiria muita paciência, persistência e um peculiar sentido de improvisação.

No entanto, não só as viagens ao estrangeiro implicariam uma série de barreiras previamente a ultrapassar. Face à política dirigista do regime em relação ao sector do turismo, também o planeamento das férias dentro da própria RDA estava sujeito a todo um conjunto de factores burocráticos e organizacionais que, de seguida, passaremos brevemente em resenha.

---

<sup>126</sup> Ao contrário da ideia generalizada de que o «milagre económico» dos anos 50 teria conduzido, na RFA, de imediato a um aumento exponencial do turismo de média e longa distância, só desde 1968 é que se pode constatar que o número de viagens de lazer ao estrangeiro (mesmo assim, maioritariamente aos países vizinhos, como a Suíça, a Áustria e a Itália) ultrapassa o das viagens nacionais. Neste sentido, só desde a década de 1970 se poderá falar de um verdadeiro *boom* da indústria turística na RFA (cf. Schildt, 1996). A «italofolia» nos anos 50 e 60, que, por exemplo, em 1957, terá levado cerca de 4 milhões de alemães ocidentais a visitar o lendário “país dos limoeiros em flor” (Goethe), se bem que antecipe esse surto de viagens ao estrangeiro, deve-se a uma conjuntura de factores muito peculiares que transcende o fenómeno do turismo de massas propriamente dito, tais como a multissecular memória cultural transmitida por toda uma série de «clássicos» da literatura alemã, agora perpetuados sob a forma de filmes, programas televisivos e canções populares dedicados a Itália, assim como o (então recente) passado fascista comum dos alemães e italianos que terá facilitado um reatamento das relações interculturais sob a forma do turismo (Cf. Mandel, 1996).

### 3.2.1 Turismo «colectivo» e «planificado»

Na concepção subjacente à «via socialista» da democratização do turismo, a viagem ao estrangeiro desempenhou, mais ou menos durante as duas primeiras décadas da existência da RDA, um papel secundário, confinando-se basicamente a uma espécie de «turismo de delegação» organizado no âmbito de programas oficiais de intercâmbio. «Democratizar a viagem turística» significava pois, em primeiro lugar, que o Estado deveria garantir aos seus cidadãos a possibilidade de usufruir, digna e construtivamente, do direito a um determinado período anual de férias pagas, direito esse que, tendo sido previamente legislado pela administração de ocupação soviética, encontrou a sua expressão legal também na primeira constituição da RDA de 1949.<sup>127</sup> Procedeu-se assim, ainda antes da fundação estadual, à (re)criação de diversas infra-estruturas turísticas, tais como estâncias e lares de férias (*Ferienwohnheime*) para a população, assim como uma instituição própria, o *Ferienst*, que deveria velar pela justiça social no cumprimento do direito a férias dignas. Conforme se pode ler no estatuto de fundação dessa secção de turismo integrada na supra-estrutura do sindicato único *Freier Deutscher Gewerkschaftsbund (FDGB)*,<sup>128</sup> o *Ferien-*

<sup>127</sup> Cf. Spode (1996: 16). Refira-se, a este respeito, que na RFA o direito a férias pagas, se bem que já houvesse legislação ao nível regional dos *Länder* desde a sua fundação estadual, só em 1963 foi ancorado na constituição (*Grundgesetz*) a nível federal. Para uma visão histórica da evolução da legislação do direito a férias que, na Alemanha, remonta a finais do século XIX, veja-se Mertsching (1996).

<sup>128</sup> As semelhanças político-estruturais do *Ferienst* sindical com a organização nazi *Kraft durch Freude*, que também estava sob a alçada do (pseudo-)sindicato único da *Deutsche Arbeitsfront* são – apesar de evidentemente silenciadas pelo regime da RDA – evidentes (cf. Spode, 1996: 16-18). No seu estudo comparatista do «turismo social» nas duas ditaduras alemãs, Spode não encontra, porém, apenas semelhanças. Além de algumas inegáveis continuidades entre a *Kraft durch Freude* e o *Ferienst des FDGB*, como a função de «estabilização dos regimes» por via do fomento da «integração» social e da «lealdade política» por parte da população, realçam-se também diferenças fundamentais: Ao contrário da *KdF*, que cooperava maioritariamente com agências e operadores de viagens privados, na RDA o Estado adquiriu e construiu as suas próprias infra-estruturas turísticas. Enquanto o «turismo social» do *Terceiro Reich* em grande parte se autofinanciou, na RDA foi fortemente subsidiado. Contrastando com a mera «simulação da democratização da viagem» (*idem*: 20) pela *KdF*, sob cuja alçada se empreenderam apenas cerca de 10% dos périplos turísticos dos alemães entre 1934 e 1939, o «turismo sindical» da RDA, ao abranger cerca de um terço de todas as viagens de lazer feitas pelos cidadãos da RDA, terá, de facto exercido, «uma grande influência sobre a intensidade e comportamentos turísticos» (*ibid.*). Segundo Spode, a diferença fulcral reside, porém, no facto de o *Terceiro Reich* se ter recorrido do «turismo social» para, em última instância, poder executar o seu «plano de uma terrível destabilização sob a forma de um «reordenamento da Europa»» sob domínio alemão (*idem*: 18), isto é, para a *expansão* do seu poder. Na RDA, pelo contrário, a ideia de que o acesso (tendencialmente) generalizado ao turismo deveria estabilizar a «paz social» serviria «apenas»



*dienst* propunha-se “proporcionar a todos os seus associados passar umas férias úteis” (*apud* Selbach, 1996: 66). Se bem que as evidentes tentativas do regime para instrumentalizar essas estadias turísticas sob a alçada do Estado como meio de doutrinação ideológico<sup>129</sup> não tenham passado despercebidas e desagradado à maioria dos seus utentes, esse «turismo planificado» (*Plantourismus*) constituiu, de facto, uma “proeza social” do regime da RDA, conforme afirma Selbach (*idem*: 75) num artigo especificamente dedicado ao «turismo sindical» do *FDGB*:

Mit dem Feriendienst des Freien deutschen Gewerkschaftsbundes boten Staat und FDGB den Bürgern der DDR eine preiswerte Möglichkeit, ihren Urlaub zu verbringen. Die sozialen Kriterien<sup>130</sup> bei der Vergabe der Ferienschecks sorgten zumindest in den letzten zwanzig Jahren des Feriendienstes dafür, daß gerade soziale Problemgruppen, wie kinderreiche Familien, Rentner, alleinerziehende Mütter oder Väter, aber auch Behinderte und gesundheitlich Gefährdete die Möglichkeit hatten, regelmäßig zu verreisen. (...) Insofern war der Sozialtourismus in der DDR tatsächlich eine »soziale Errungenschaft« (...).

[Com o serviço turístico sindical, o Estado e o *FDGB* ofereciam aos cidadãos da RDA uma possibilidade financeiramente acessível de passar as suas férias. Os critérios sociais subjacentes à distribuição dos vales de férias proporcionaram, pelo menos durante os últimos vinte anos da existência desse serviço, férias regulares aos grupos sociais precisamente mais problemáticos,

---

para uma *manutenção* “esclerótica” (*ibid.*) do regime. Em relação à concepção do turismo sob a alçada do Estado nacional-socialista como contributo elementar para o megalómano projecto bélico da «mobilização total» (E. Jünger, 1930), veja-se Matos (2005).

<sup>129</sup> De acordo com Selbach (1996: 71-73), essa tendência doutrinante e ideologizante dos «programas culturais» constituídos por palestras, mas também por sessões musicais e teatrais, entre outros eventos, diminuiu drasticamente a partir de meados de 1960.

<sup>130</sup> Segundo o “catálogo de critérios” oficioso para a selecção dos «candidatos» às ofertas turísticas do *Feriendienst* citado em Selbach (*idem*: 70s), as famílias numerosas e “outros a quem, por razões sociais, se deve um tratamento preferencial” encontravam-se entre os primeiros a serem contemplados. Outros dos requerentes a quem se deveria dar a preferência eram “os associados do sindicato” que se teriam distinguido pela sua “eficácia na produção, administração, sistema escolar, etc.”, que “exerçam trabalhos pesados e com riscos ao nível da saúde”, “funcionários que nas organizações democráticas representem exemplos a seguir”, os cidadãos “legalmente reconhecidos como tendo sido perseguidos pelo regime nazi” e os “associados de longa data” do sindicato *FDGB*. Este catálogo permite-nos constatar que, além da sua função «democratizante», os pacotes turísticos do *Feriendienst* também deveriam funcionar como uma espécie de prémio para os mais fieis aos parâmetros ideológicos do regime.

tais como famílias com muitos filhos, famílias monoparentais, mas também cidadãos deficientes e, do ponto de vista da saúde, mais frágeis. (...) Neste sentido, o turismo social da RDA foi de facto uma «conquista social».]

É inquestionável que os baixos preços possibilitados pela subvenção do Estado na ordem dos dois terços dos custos reais representaram para muitos dos cidadãos socialmente menos favorecidos da RDA uma primeira oportunidade de usufruir do tradicional privilégio turístico e passar as suas férias de um modo digno. Face aos preços atraentes, por um lado, e, por outro, devido à (evidente) escassez da «oferta» turística privada num regime de «economia planificada» que, no auge da política de «colectivização», proferira, com a chamada *Aktion Rose* de 1953, um forte ataque aos proprietários de hotéis e pensões particulares,<sup>131</sup> não surpreende que o *Feriedienst* nunca tenha sido capaz de satisfazer a procura massiva dos seus «pacotes turísticos». Estes eram, modo geral, compostos por uma estadia de 13 a 15 dias em regime de pensão completa, incluindo um diversificado programa cultural e desportivo. Uma vez que, em média, havia quatro a cinco candidatos para cada uma dessas estadias<sup>132</sup> num dos 700 lares de férias do sindicato que, apesar de espalhados por toda a RDA, se concentravam sobretudo na costa do Mar Báltico e nas zonas montanhosas, precisamente as regiões turisticamente mais atraentes, a obtenção de um *Ferientscheck*, o «vale» que comprovava a concessão do respectivo pacote turístico, revelava-se, assim, um assunto complicado e, por vezes, extremamente moroso. Não só o facto de o local e lar atribuídos muitas vezes não corresponderem aos efectivamente desejados, como a longa espera pelo almejado «cheque de férias», cuja obtenção, por vezes, poderia demorar até quatro anos, são apenas dois entre vários aspectos que, ao longo dos anos, foram fazendo crescer o descontentamento popular com a política dirigista no domínio do turismo interno da RDA.

Perante a crescente e incessante procura desses pacotes turísticos proporcionados pelo referido “serviço de férias” sindical, o Estado não só foi, ao longo de quatro décadas, continuamente expandindo as capacidades infra-estruturais do próprio *Feriedienst*, como passou a subsidiar as

<sup>131</sup> Cf. Spode (2003: 135).

<sup>132</sup> Cf. Selbach (1996: 70).

estâncias de lazer das empresas<sup>133</sup> e toda uma série de «associações» – evidentemente também politicamente controladas – tais como o *Komitee für Wandern und Touristik*, a secção de turismo do *Kulturbund* e os diversos «serviços de lazer» infantis e juvenis<sup>134</sup> da *Freie Deutsche Jugend (FDJ)*.<sup>135</sup> Enquanto essas instituições se ocupavam primordialmente da «mediação» de viagens turísticas no interior da RDA, outras organizações, como a *Gesellschaft für Deutsch-Sowjetische Freundschaft (DSF)*,<sup>136</sup> a «agência de viagens juvenil» *Jugendtourist* e, sobretudo, a *Staatliches Reisebüro*, isto é, a «Agência Nacional de Viagens», tinham a seu cargo a gestão do turismo internacional. Neste domínio, as diferenças em relação à RFA foram, conforme se verificará mais à frente, incomparavelmente mais acentuadas do que no que concerne às práticas turísticas confinadas ao território nacional.

Sob uma perspectiva meramente quantitativa e explicitamente limitada do fenómeno da viagem no interior da RDA, poder-se-á constatar que os estudos vindos a lume já após a dissolução desse país corroboram, modo geral, a conclusão a que Hans Bauer chegara, em 1971, na sua “História Cultural da Viagem desde Homero a Baedeker”.<sup>137</sup> Ainda que o período abordado nesse

<sup>133</sup> A partir de meados da década de 60, as empresas ultrapassam quantitativa e, muitas vezes, qualitativamente as ofertas turísticas do sindicato. Em 1989, o *Feriedienst* concedeu no total 1,8 milhões de «vales de férias», enquanto as empresas proporcionaram aos seus funcionários cerca de 3,3 milhões de estadias turísticas. (Cf. Spode, 1996: 19)

<sup>134</sup> A esse respeito, vejam-se Biskupek/Wedel (2003: 117-137) e Selbach (1996: 74).

<sup>135</sup> A *FDJ* era a versão «socialista» da «Juventude Alemã» com evidentes reminiscências a organizações semelhantes sob outros regimes ditatoriais, como a «Juventude Hitleriana» ou a «Mocidade Portuguesa», entre outras. Para uma visão mais detalhada dessa organização de massas da qual, na década de 1980, mais de 80% dos jovens da RDA entre os 14 e 26 anos de idade eram membros, veja-se Mähler/Stephan (1996).

<sup>136</sup> A *DSF (Associação de Amizade Soviético-Alemã)* foi uma das mais importantes organizações sócio-culturais na RDA, tendo chegado a contar, em 1985, com 6 milhões de associados. Sob a sua alçada eram organizados cursos de língua e cultura russas, eventos culturais diversos, congressos sobre os mais variados assuntos e, evidentemente, as «viagens de estudo» às mais diversas repúblicas que constituíam a União Soviética.

<sup>137</sup> Além deste estudo monográfico de Bauer (1971), foi ainda publicada – porventura, numa edição conjunta da RDA e da RFA – a “História Cultural da Viagem” de Löscheburg (1977). Estes dois volumes reflectem o crescente interesse pelo fenómeno da viagem na RDA. Não se tratando de publicações propriamente académicas, oferecem uma visão sumária e superficial da evolução histórico-social e cultural da viagem. Ao contrário do que a afirmação supracitada de Bauer possa sugerir, nestes dois estudos de divulgação popular, a situação da viagem na segunda metade do século XX sob as condições do turismo de massas resume-se à constatação de se tratar de um fenómeno universal, sem que se lhe conceda uma observação minimamente diferenciada. Na recente reedição do volume de Löscheburg (1997), passados vinte anos, pouco mais se alterou do que o título, tendo-se apenas acrescentado algumas brevíssimas considerações sobre a evolução dos *media* digitais e as novas «realidades virtuais», considerações essas que, no entanto, se resumem a meros lugares-comuns.

estudo termine, conforme indica o respectivo subtítulo, com os primórdios do turismo moderno representado pelos famosos guias de viagem que Karl Baedeker começara a editar em 1839,<sup>138</sup> o autor não deixa de fazer uma referência elogiosa ao desenvolvimento turístico na sua pátria, sublinhando que, na «República dos Operários e Camponeses», o “turismo social” alicerçado sobre diversas instituições estatais estaria perfeitamente “à altura do crescimento internacional do turismo” (Bauer, 1971: 193).

Essa tendência universal para a massificação turística é – pelo menos, em relação ao turismo interno – também corroborada por alguns escritores da RDA. A avaliar, por exemplo, pelas crónicas de viagens nacionais de Richard Christ que, no seu volume *Reisebilder. Ansichtskarten aus der DDR*, dedica alguns dos seus textos às estâncias balneares da costa do Mar Báltico, o frenesim dos veraneantes nas praias da RDA em nada se terá diferenciado do ambiente em qualquer praia do mundo explorada pela indústria do turismo de massas. Auto-estilizando-se, à semelhança da grande maioria dos seus colegas ocidentais, como «verdadeiro viajante» que, nas épocas baixas, se move contra a corrente das massas, nas descrições das suas visitas a algumas das maiores localidades turísticas na costa báltica, como Kühlungsborn, Stralsund e Warnemünde, Richard Christ não poupa alusões satíricas à “maquinaria de lazer” (Christ, 1975: 91):

Wo die Nachsaison am Meer beschließen? Am nächsten Tag trolle ich nach Kühlungsborn, in unser größtes Osteebad, ich kenne es, wenn die Erholungsmaschinerie auf vollen Touren läuft, wenn die Strandpromenade dem Foyer der Staatsoper in der großen Pause ähnelt und man die Strandkorblehne nicht nach hinten kippen darf, weil das dem Karbidstecher aus Buna und seiner Familie die Sonne verdunkeln würde.

[Onde terminar a época estival junto ao mar? No dia seguinte esgueirei-me para Kühlungsborn, a nossa maior estância balnear na costa do Báltico, isso quando a maquinaria de lazer funciona a todo o gás, quando a avenida da praia se assemelha ao átrio da ópera nacional durante o intervalo e não se pode dobrar o encosto das espreguiçadeira para trás porque isso escurecia o sol ao mineiro de Buna e sua família.]

<sup>138</sup> Os guias de Karl Baedeker assentavam, por sua vez, no modelo dos *Red Books* do britânico John Murray que, em 1836, inventara o sistema categorial das estrelinhas atribuídas às rotas a percorrer e aos monumentos que o turista deveria visitar. (Cf. Enzensberger, 1961: 188).

Os turistas «normais» são caricaturados como escriturários barrigudos que, ávidos de sol, se submetem, durante os habituais treze ou catorze dias de estadia num dos lares de férias do sindicato ou das empresas, ao ritual do bronzeamento até a pele escamar (*idem*: 92):

Bleichgesichter mit sonnentwöhnten Bürobäuchen über der Badehose, frisch angekommen, nach drei Tagen mit den Feuermalen des Sonnenbrands auf den Schultern, nach einer Woche geht Rötung in Bräune über, nach dreizehn Tagen löst sich gebräunte Haut in Fetzen – morgen Abreise, das Zimmer ist bis elf Uhr zu räumen, nun kommen sie wieder nach Hause, und ihr regloses Ausharren in der Mittagsglut ist gering belohnt. Aber erholsam war's doch.

[Caras pálidas com barrigas de escritório desabituidas de sol a saltar para fora dos calções de banho; acabadinhas de chegar, após três dias, com os ombros cobertos das máculas das queimaduras solares, após uma semana, o vermelhão passa a bronze, após treze dias, a pele bronzeada solta-se em escamas – amanhã, a partida, o quarto deve ser abandonado até às onze horas; agora regressam a casa, e a sua inerte perseverança durante o insuportável calor do meio-dia não teve grande recompensa. Ainda assim, foi relaxante.]

Numa outra crónica de viagem dedicada a Kühlungsborn, a maior estância balnear da RDA, Christ (1975: 109-113) mostra-se, curiosamente, muito menos crítico em relação à “maquinaria de lazer” e elogia mesmo os grandes investimentos financeiros que o Estado dedicara à construção de uma nova piscina e ao alargamento de um lar de férias do sindicato. Contrariando a caricatura do turismo colectivo atrás citada, este breve texto constitui uma verdadeira promoção publicitária da política de turismo do regime que, ao acolher também delegações de turistas estrangeiros constituídas quer por habitantes dos países do Bloco de Leste quer por sindicalistas franceses e britânicos, estaria a contribuir para a «Paz Mundial» e para solidificar o espírito do «Socialismo Internacionalista».

Na verdade, apesar de bem-intencionada e de nunca ter poupado meios logísticos e financeiros para democratizar o acesso à viagem de lazer dentro das fronteiras da RDA, o que conduziu a um inegável nivelamento da intensidade turística ao nível nacional nas duas «Alemanhas», a política de

um «turismo social» maciçamente subsidiado<sup>139</sup> estaria de antemão condenada ao fracasso. A História encarregou-se entretanto de nos mostrar que esse gigantesco esforço do Estado para satisfazer as apetências turísticas dos mais de 17 milhões de habitantes de nada lhe valeu em termos de apoio popular e estabilização política do regime. Não obstante os preços baixos e a enorme quantidade das ofertas estatais, que foram, de facto, aproveitadas pelas massas e que fez dos cidadãos da RDA os «campeões da viagem» do Bloco de Leste, os relatórios dos Serviços Secretos da *Stasi* testemunham, ao longo da década de 1980, um crescente descontentamento popular em relação à política turística do regime. Segundo Spode (2003: 142), essa manifesta “discrepância entre a democratização objectiva da viagem e sua avaliação subjectiva” resulta do facto de o regime da RDA não ter entendido o poder simbólico e mítico que rege o turismo. Dito de outro modo, a partir do momento em que a viagem de lazer se estabelece como um hábito sociocultural generalizado, o seu valor já não é tanto determinado pelo facto em si de se poder viajar, mas sobretudo pela maneira *como* se viaja, pela forma como, ilusoriamente, se conseguem «materializar» as fantasias colectivas, paradoxo esse que, conforme se constatou atrás, funciona como força motriz do turismo de massas. Para a maioria da população da RDA, essa «geografia imaginária» situar-se-ia sobretudo em espaços física e/ou simbolicamente distantes do turismo colectivo providenciado pelo Estado. Neste sentido, os destinos no estrangeiro configurar-se-iam evidentemente como os lugares mais apetecíveis, visto que não só se ofereciam como superfície de projecção de todo um imaginário do «exótico longínquo», bem distante da rotina quotidiana, como pareciam garantir um distanciamento temporal e espacial da vigilância do regime. Mas também dentro dos limites das fronteiras nacionais se encontraram espaços e formas turísticos de refúgio, como o campismo e o nudismo cuja tradicional aura de liberdade e autenticidade atraiu grande parte dos habitantes da RDA.

<sup>139</sup> Segundo Spode (2003: 142), nos anos finais da RDA, pelo menos 10% do orçamento de Estado teria sido destinado à subvenção do «turismo social» que, deste modo, terá significativamente contribuído para a implosão do sistema económico do «Socialismo Real».

### 3.2.2 Turismo individual(ista)

Antes de nos debruçarmos sobre as diversas formas e condicionantes das viagens transfronteiriças, que são, para a temática genérica do presente estudo, evidentemente, da maior pertinência, há ainda a destacar que a intensa actividade turística ao nível interno não se manifestou apenas em conformidade com os parâmetros do «plano socialista». Não obstante o gigantesco e persistente esforço logístico e financeiro que o regime dedicou, ao longo de quarenta anos, à planificação do «turismo colectivo», os números totais de viagens organizadas sob a alçada do Estado nunca terão igualado os dos périplos turísticos individuais. Na verdade, ao contrário de um cálculo elaborado na RFA que, em 1988, pressuponha que o Estado da RDA organizava 90% de todas as viagens de lazer, a maioria dos cidadãos viajava «por conta própria», isto é, sem usufruir dos serviços de mediação turística estatais.<sup>140</sup> Essa situação deveu-se, segundo Gundel Fuhrmann (1996: 44), não só à manifesta (e compreensível) falta de capacidade por parte das diversas organizações do Estado para absorver a procura maciça de estâncias de lazer, como também ao facto de muitos turistas preferirem projectar e realizar os seus tempos *livres*, num sentido literal, de acordo com os seus gostos e desejos individuais.

Na perspectiva desta a investigadora do turismo e lazer na RDA, a política do regime caracterizou-se, sobretudo a partir da década de 1960, por uma dimensão cada vez mais pragmática que reconhecia ou, pelo menos, tolerava a existência de “espaços livres para o turismo individual” (*idem*: 46). Ainda que as teorias totalitaristas concebiam as ditaduras, sejam elas de direita ou de esquerda, como sistemas *monolíticos* que alegadamente anulam por completo os espaços de manobra dos indivíduos, certo é que, no caso concreto da RDA, o fenómeno do turismo não pode ser visto “como um processo exclusivamente controlado e dirigido pelo Estado” (*ibid.*). Pois, à semelhança de todos os sistemas política e socialmente fechados, também o regime da RDA não poderia subsistir «fora da História», isto é, sem considerar minimamente as macro-transformações socioculturais ocorridas no domínio dos lazers, domínio esse cuja funcionalidade como válvula *descompressora* e força, física e psicologicamente, regeneradora era, o mais tardar desde o início do século XX, considerada um dispositivo

<sup>140</sup> Cf. Spode (1996: 20).

indispensável à organização e manutenção das sociedades industrializadas.<sup>141</sup> Não obstante a tradicional desconfiança por parte das ditaduras em relação aos «tempos livres» e da relutância do regime em consentir aos seus cidadãos espaços de liberdade demasiadamente extensos, na verdade, a maioria dos turistas da RDA viajou, na medida do possível, não segundo o plano colectivista do Estado, mas seguindo os seus «mapas» individuais.

A forma mais popular do «turismo individual(ista)» foi o campismo, que Judith Kruse (1996) considera, de acordo com o título do seu artigo dedicado a essa temática, um “nicho no Socialismo”. Ao contrário do que se poderia esperar, o contínuo e intenso crescimento do número de adeptos do campismo dentro da própria RDA não se deveu primordialmente a razões económicas. Enquanto nas viagens ao estrangeiro as estadias em parques de campismo constituíam, inquestionavelmente, a forma mais económica e menos complicada para se pernoitar, em relação às férias passadas em território nacional, acampar era uma forma mais dispendiosa do que a de se recorrer às infra-estruturas do «turismo colectivista». Se bem que também a concessão dos lugares de acampamento se encontrasse sob a alçada do Estado, o que, por vezes, implicava morosos processos burocráticos para se efectuar as respectivas reservas<sup>142</sup> e apesar dos custos bastante elevados dos materiais de campismo que, em termos da economia da RDA, podem ser considerados “artigos de luxo”<sup>143</sup> (Bütow, 1996: 102), os *Individual-touristen*, conforme os campistas orgulhosamente se auto-designavam para se diferenciar dos *Kollektivtouristen*, não poupavam esforços para poder viver as suas «pequenas liberdades» pelo menos durante as férias. Não se podendo considerar os campistas uma comunidade de “potenciais dissidentes”, as relações interpessoais e o ambiente social nos parques de campismo da RDA são, todavia, descritos por Bütow (*idem*: 101s) como

<sup>141</sup> Para uma resenha histórica da relação dialéctica entre a Revolução Industrial e a “révolution des loisirs” (Corbin, 1998) – lazeres esses entre os quais o turismo assumiria um lugar de destaque – vejam-se, exemplarmente, Corbin (1995), Cormack (1998), Cross (1990) e Huck (1980).

<sup>142</sup> Cf. Kruse (1996: 107).

<sup>143</sup> A título de pormenor, pode-se destacar uma originalidade da RDA neste domínio de materiais de campismo. Em 1978, o cidadão Gerhard Müller patenteou a sua curiosa invenção do *Dachzelt*, isto é, um tenda de tejadilho feita às medidas do *Trabi*, o automóvel *standard* da RDA. Este engenho foi, inclusivamente, popularizado numa canção de Gerd Leonhardt com o título *Der Dachzelter-Song*. Também o «automóvel-protagonista» do filme *Go Trabi, go!*, a que aqui já se fez referência na introdução, está equipado com uma dessas tendas de tejadilho que simbolizava o espírito aventureiro e o forte sentido de improviso da população da RDA no que dizia respeito à viagem.



sendo “espiritual e intelectualmente” bastante mais liberais do que o convívio nos lares de férias do sindicato e das empresas:

Die Lieder zur Gitarre am Strand beim Lagerfeuer (...) stammen häufig von moralisch oder politisch unerwünschten Gruppen und Liedermachern aus West und Ost; die nächtlichen politischen Diskussionen bei Bier und Wein sind meist schärfer als gewohnt – und als bei FDGB-Heim-Abenden. Nicht daß sich auf den Campingplätzen der DDR lauter potentielle Dissidenten träfen, aber die für den Urlaub gewählte individuell freiere Form hat oft genug auch einen entsprechenden geistigen, intellektuellen Hintergrund.

[As canções acompanhadas da guitarra que se cantavam e tocavam junto a uma fogueira na praia (...) provinham muitas vezes de bandas ou poetas-cantores do Ocidente e do Leste alemães moral e politicamente indesejados (pelo regime); as discussões políticas ao serão acompanhadas de cerveja e vinho eram quase sempre mais quentes do que o costume – e sobretudo do que aquelas nos serões dos lares de férias do sindicato. Isto não quer dizer que nos parques de campismo da RDA se encontrariam potenciais dissidentes aos montes; todavia, aquela opção por uma forma mais livre para se passar as suas férias não raramente acontecia perante o respectivo pano de fundo espiritual e intelectual.]

Olhando ao facto de a RDA ter sido provavelmente “o Estado de vigilância mais aperfeiçoado do mundo” (Funder, 2005: 51), tendo a *Stasi* contado com cerca de 97 mil funcionários e 173 mil «colaboradores não oficiais» (*Inoffizielle Mitarbeiter*) entre a população, é de supor que o governo tivesse tido pleno conhecimento desse «ambiente liberal» e, por isso, politicamente suspeito nos parques de campismo. No entanto, também em relação a este subsector do turismo, a política dirigista parece ter-se submetido à ideia voluntarista do «Socialismo Real» de se democratizar o acesso aos lazeres, assim como à necessidade pragmática de se estabilizar a paz social por via de uma concessão regulada de alguns espaços de liberdade. Apesar de em 1960 o governo ainda ver no campismo uma forma de lazer “tipicamente capitalista” que fomentaria “o individualismo nocivo” (*apud* Bütow: 107), posteriormente o Estado não deixou, porém, de fomentar o desenvolvimento das infra-estruturas e da prática campistas.<sup>144</sup> Certo é que, em finais da década

<sup>144</sup> Cf. Fuhrmann (1996: 41).

de 1980, o campismo igualava praticamente as estatísticas referentes aos sectores do turismo social sob a alçada do sindicato e das empresas.

O mesmo pragmatismo se verificou, de resto, no que diz respeito à regulamentação estatal relativamente liberal de outra forma de lazer muito popular na RDA: o nudismo. As tentativas iniciais de se reprimir o retomar de uma velha tradição «contra-cultural», que, em parte, também estivera associada ao movimento operário do início do século, dariam, desde finais de 1950, progressivamente lugar a uma política de contornos mais tolerantes. A edição, em 1982, de um exaustivo guia do turismo nudista (*Baden ohne. FKK zwischen Mövenort und Talsperre Pöhl*), cuja primeira tiragem na ordem de vários milhares de exemplares esgotou em apenas quatro semanas<sup>145</sup>, constitui um indicador sintomático quer da popularidade do nudismo na RDA, uma prática turístico-cultural que não se limitava apenas às praias do Mar Báltico, mas que era também muito frequente junto aos lagos do interior do país, quer da atitude por parte do governo que, comparado com o usual pudor conservador do Socialismo, nesse domínio se mostrou surpreendentemente complacente perante hábitos tão «libertinos» e, quiçá, potencialmente «subversivos».



Guia do nudismo na RDA (1982)

<sup>145</sup> Cf. Bütow (1996: 105) e Kruse (1996: 111).

Segundo Biskupek e Wedel (2003: 81-85), essa surpreendente tolerância deveu-se ao facto de o nudismo ter contado com muitos adeptos quer entre os prestigiados “agentes e criadores culturais” (*Kulturschaffende*), quer até entre altos funcionários do Estado que, numa espécie de *Kulturkampf* travada logo na primeira década da existência da RDA, conseguiram resistir às tentativas do regime para impedir a popularização da prática naturista. Facto é que também em alguns textos sobre viagens no interior da RDA se podem encontrar referências às simpatias dos respectivos autores pelo nudismo. A título de exemplo, podemos citar novamente Richard Christ (1984: 124) que, numa breve crónica intitulada de “Ostsee-Bilderbogen”, ridiculariza os complicados procedimentos da muda de vestuário de banho em plena praia como um ritual burguês e confessa pertencer, ele próprio, ao grupo dos que preferem o «método do bronze total», método esse que, mesmo em zonas não assinaladas para tal efeito, rapidamente se espalhou nas praias do Mar Báltico:

[Am Strand in Kühlungsborn] fand ich bemerkenswert, wie hier zwei Haltungen aufeinandertrafen. Die erste besteht darin, die Haut in ihrer Gesamtheit bräunen zu lassen, die andere legt Wert auf die Erhaltung von kartoffelkeimbleichen Intimgürteln (...). Ich selbst bekenne mich zur ersten Gruppe, schon aus Bequemlichkeit, weil ich die clownshaften Verrenkungen und Versteckspiele scheue, die zwischen Strandkörben beim An- und Ablegen herkömmlicher Badekleidung sich eingebürgert<sup>146</sup> haben. Interessant war nun, daß die Gesamtbräunungsmethode rasch Schule machte, obwohl doch kein kein Holzschild mit FKK-Erlaubnis aufgestellt war.

[(Na praia de Kühlungsborn) achei notável como aqui entrechocavam duas atitudes. A primeira consiste em deixar que a pele bronzeie em toda a sua plenitude, a outra faz questão em manter as cinturas íntimas num tom tão pálido como a semente da batata (...). Eu próprio declaro-me partidário do primeiro grupo, mais que não seja, já por comodismo, uma vez que me envergonho daquelas contorções grotescas e daqueles joguinhos de esconder que no acto de se vestir e despir a vulgar roupagem de banho entre as tendas

<sup>146</sup> Destaque gráfico no original. Na tradução portuguesa de “einbürgern”, isto é, “tornar-se hábito”, perde-se necessariamente a alusão irónica que nesta passagem se faz à etimologia do original alemão que deriva dos lexemas “burguês” e “burguesia” e por via da qual R. Christ denuncia a visão pequeno-burguesa dos veraneantes não nudistas.

de praia se tornaram hábito. Foi também interessante de reparar que o método do bronzamento pleno rapidamente fez escola, apesar de não haver qualquer placa de madeira que indicasse a permissão de aí se fazer nudismo.]

Nas suas memórias dos tempos passados na RDA até 1979, também Günter Kunert (1999: 186s) se mostra um adepto do nudismo, prática cultural essa que lhe proporcionaria (a ilusão de) um “outro sentimento vital”, uma vida mais livre, conforme se poder verificar na sua descrição – de certo modo, auto-irónica – do ritual naturista a que regularmente se submetia nas praias do Báltico:

(...) am 15. Mai liegen wir nackt in den Dünen, der Sonne hingegeben. Sobald eine Wolke vorüberzieht, ist der Körper von Gänsehaut überzogen. Richtet man sich auf, beginnt das große Bibbern. Langsam erwärmen sich der Tag und der Strand. Da werden Burgen gebaut, nach altdeutscher Sitte, und während [meine Frau] Marianne zwischen den Nackten ungeniert herbstolziert, ihres appetitlichen Leibes gewiß, knie ich nur und luge über den Burgrand. Ich starre und glotze angesichts der vielen Aktmodelle. Ringsum Fleisch, von der Sonne leicht angebraten. Und es dauert eine Weile, ehe ich mich von den Knien zu erheben wage, um auch mich so vorzuführen, wie es strandauf, strandab gang und gäbe ist. Bald stumpft man ab, ignoriert die sich nach Muscheln bückenden Damen jeglichen Kalibers und schmort unter den Strahlen des Zentralgestirns vor sich hin. Ein anderes Leben, ein anderes Lebensgefühl. (...) Ich lerne, mit meinem Körper anders umzugehen (...).

[...] no dia 15 de Maio estamos deitados nus entre as dunas, virados ao sol. Mal passa uma nuvem, o corpo reveste-se de uma pele de galinha. Quando nos erguemos, logo começa o grande tremelicar. Lentamente, o dia e a praia começam a aquecer. São construídos castelos e fortalezas, à boa, velha maneira alemã, e enquanto (a minha esposa) Marianne se passeia com toda a à-vontade entre os nus, ciente do seu corpo apetitoso, eu coloco-me apenas de joelhos e espreito sobre a borda da fortaleza. O meu olhar arregalado e espantado, perante tantos artísticos modelos de nu. Em todo o redor, carne, ligeiramente assada pelo sol. E assim leva o seu tempinho até eu ousar levantar-me dos joelhos, para apresentar o meu corpo, tal como os outros o fazem praia-acima, praia-abaixo. Dentro em pouco, já não nos preocupamos com o que nos rodeia, ignoramos as mulheres de qualquer tipo e calibre que

se debruçam sobre a areia para apanhar conchas e vamos indolentemente derretendo sob os raios do astro-rei. Uma outra vida, um outro sentimento de vida. (...) Aprendo a lidar com o meu corpo de modo diferente.]

Ainda que não se assuma como nudista, também Fritz Rudolf Fries se mostra tolerante em relação ao direito da prática naturista quando, num dos textos do seu volume *Seestücke* (1980: 106) dedicado a diversas localidades na costa da RDA, depara, durante um passeio pela praia de Hiddensee, com duas senhoras despidas:

Zwei einsame Damen haben sich im Wald ausgezogen, das Recht ist auf ihrer Seite, Grenzland FKK-Strand, das ein Schild markiert. Mit wippenden Brüsten gehen sie ins Meer und reiben sich die Schenkel mit dem kalten Maiwasser. Wir laufen weiter und nehmen keinen Anteil an ihrer aphroditischen Wiedergeburt.

[Duas senhoras solitárias despiram-se na floresta, a lei está do seu lado, zona fronteiriça da praia de nudismo marcada por uma placa. Com os peitos a abanar, entram no mar e esfregam as coxas com a água fria de Maio. Continuamos o nosso passeio e não participamos da sua afrodisíaca ressurreição.]

A este respeito é, no mínimo, curioso verificar-se que, em contraste com a anuência por parte de um regime tão fechado como o “daquela pequena república que, a pouco e pouco, se transformara num paraíso dos nudistas” (Biskupek/Wedel: 85), se tenha procedido, imediatamente após a reunificação, a uma regulamentação mais rigorosa dos locais onde nos «novos *Länder*» se pode praticar o nudismo.<sup>147</sup>

No que concerne ao turismo interno, pode portanto concluir-se que a maioria dos cidadãos da RDA manifestou, à semelhança do que se verificava na RFA, uma grande apetência para passar as suas férias fora de casa. Enquanto na Alemanha Federal, a generalização dessa prática sociocultural se deveu, sobretudo, às significativas melhorias das condições de vida proporcionadas pelo «milagre económico», na Alemanha de Leste foi o próprio Estado que, por via do sindicato único, das empresas nacionalizadas e de outros organismos estatais, fomentou a implementação maciça

147 Cf. Bütow (1996: 105).

dos hábitos turísticos. Não obstante as diferentes vias da democratização do acesso à viagem (interna), uma de índole liberalista e mercantilista, outra baseada na concepção colectivista de um turismo social fortemente subsidiado pelo Estado, desde a década 1960 as férias passadas fora do local de residência (mas em território nacional) passariam a constituir para ambas as populações alemãs uma «normalidade». Se ao nível quantitativo se verificou portanto uma inquestionável semelhança da intensidade turística dos habitantes da RFA e da RDA, de um ponto de vista qualitativo há, no entanto, a registar profundas diferenças. Ao contrário da situação no mercado ocidental, onde o enorme leque de ofertas foi sempre suficiente para satisfazer a crescente procura de serviços e bens turísticos, na RDA a política dirigista do sector nunca foi capaz de garantir os tão desejados *Ferienschecks* nem sequer a metade dos vários milhões de candidatos que anualmente concorriam às estadias em regime de pensão completa num dos 700 lares de férias do sindicato ou das empresas espalhados pelo país. A discrepância objectiva entre a procura maciça e a oferta relativamente escassa desses pacotes turísticos a preços muito acessíveis foi, sem dúvida, uma das principais razões do crescente descontentamento da população em relação ao sistema do turismo social sob a alçada do Estado. Segundo os relatórios da sempre muito vigilante *Stasi*, as críticas às insuficiências quantitativas e qualitativas das infra-estruturas turísticas providenciadas pelo Estado eram uma constante das conversas diárias e foram aumentando ao longo dos anos.<sup>148</sup> Outro motivo dessa massiva e manifesta insatisfação com o «turismo colectivista» advinha menos das suas incapacidades estruturais e organizacionais do que da vontade subjectiva de muitos cidadãos que preferiam planear e empreender as suas viagens de acordo com as suas apetências individuais. Mais de metade dos habitantes da RDA *optou*

<sup>148</sup> Cf. Spode (1996: 23). É de notar que as críticas não se manifestavam apenas, de modo informal, no domínio do privado. As próprias instituições incumbidas da organização turística, nomeadamente as de maior prestígio, como o «serviço de férias» do *Kulturbund* que, no seu lar situado na estância balnear de Ahrenshoop, pretendia proporcionar aos privilegiados «agentes culturais» da RDA um tempo de lazer o mais agradável possível, se ocuparam de auscultar as opiniões dos utentes em relação aos serviços prestados. Biskupek e Wedel (2003: 172-176) citam toda uma série de críticas proferidas, neste contexto, por parte de diversas personalidades proeminentes da área da cultura. Outra forma legal de os turistas manifestarem as suas insatisfações consistia no recurso ao artigo 103 da constituição da RDA (*Eingabengesetz*) que garantia a todos os cidadãos da RDA o direito de apresentar as suas queixas relacionadas com todas as instituições do Estado. Biskupek e Wedel (2003: 177-182) documentam exemplarmente algumas dessas queixas representativas do espírito crítico evidenciado por parte de muitos utentes do turismo social providenciado pelo Estado.

deliberadamente por diversas formas de um «turismo individual(ista)» para se refugiar, pelo menos durante as férias, do dirigismo paternalista que caracterizava o sistema socialista. Tendo em conta que em finais da década de 1980 a maioria daqueles que, dentro da RDA, passavam as suas férias fora de casa o fazia sem recorrer (de forma directa) aos serviços estatais, poder-se-á dizer que as viagens organizadas por conta própria desempenharam para muitos cidadãos da RDA a função de uma espécie de válvula de escape, configurando-se assim, em última instância, como uma bolsa, senão de um resistência passiva propriamente dita, pelo menos, de uma certa autonomia face ao ambiente quotidiano indelevelmente marcado pelas tendências controladoras do regime. O desejo «escapista» de, consciente ou inconscientemente, se demarcar e construir, durante os tempos de lazer, espaços de liberdade que possibilitem modos de percepção e experiências diferentes dos do quotidiano – desejo esse que, de resto, subjaz ao fenómeno geral do turismo – no contexto específico da RDA, terá sido portanto potenciado pela inextrincável inter-relação das dimensões simbólica e sociocultural com factores do domínio explicitamente político. Além das funções física e psicologicamente regeneradoras inerentes ao fenómeno universal do turismo e da tradicional conotação simbólica da viagem como espaço exótico sobre o qual os turistas projectam os seus desejos de liberdade e autenticidade, em relação às suas configurações na RDA ter-se-á, por isso, também de considerar as motivações e práticas políticas que lhe subjazem. Conforme ainda teremos oportunidade de verificar, as interferências políticas não se limitaram à organização e percepção do turismo a nível interno, tendo-se manifestado, de forma ainda mais evidente e, porventura, mais perniciosa, no domínio das viagens transfronteiriças.

Ainda que o dirigismo na área do turismo interno tenha, pelas razões expostas atrás, constituído um alvo constante das críticas populares ao regime, é inquestionável que a política dos sucessivos governos da RDA se pautou, de um modo ideologicamente coerente, pelo ideal socialista da democratização do acesso à viagem de lazer dentro dos limites das fronteiras nacionais. Por parte do Estado não se pouparam meios para se transformar, na medida do possível, o direito às férias passadas fora de casa numa prática sociocultural generalizada. Face às limitações orçamentais e infra-estruturais que impossibilitaram a execução plena desse «plano socialista», o regime (modo geral) fechado demonstrou uma certa tolerância nesse domínio, permitindo, além do «turismo colectivo» sob seu controlo, a existência paralela

de diversas formas e modos de os cidadãos organizarem *individualmente* os seus périplos turísticos dentro da RDA. Esses pequenos espaços e períodos de autonomia seriam, porém, manifestamente insuficientes para corresponder às múltiplas dimensões e expectativas que sustentam o complexo fenómeno do turismo moderno. Como é evidente, numa sociedade historicamente já pertencente à era do encolhimento das distâncias geográficas e da exaltação do exótico pelos *media*, a mobilidade turística confinada ao território da RDA ficaria necessariamente aquém das expectativas colectivas relacionadas com a viagem, nomeadamente no que se refere à sua dimensão imaginária em torno do «exótico longínquo», da «diferença cultural» e do «desconhecido» cuja experimentação pressupõe a transposição das fronteiras não só simbólicas como geopolíticas. Desse fenómeno das viagens transfronteiriças, suas condicionantes políticas, suas diversas formas socioculturais e seus significados simbólicos ocupar-nos-emos de seguida.

### 3.3 Turismo internacional

Em contraste com a generosidade e (relativa) tolerância que caracterizou a política de incentivo à democratização da viagem de lazer em território nacional, as medidas do regime da RDA referentes ao turismo a destinos internacionais denotaram, modo geral, indeléveis traços de desconfiança e restrição. A legislação em vigor até ao dia 9 de Novembro de 1989, dia em que o porta-voz de governo Günter Schabowski anunciava, em conferência de imprensa transmitida em directo pela televisão, a liberalização das leis de viagem que, conforme exposto na nossa introdução, iria dar de imediato origem à abertura das fronteiras para a Alemanha ocidental, não deixava, pois, qualquer espécie de dúvidas quanto à regulamentação extremamente repressiva das viagens ao estrangeiro. O artigo 8 do “Paß-Gesetz der Deutschen Demokratischen Republik”, decreto-lei de 15 de Setembro de 1954 que regulamentava a concessão e o uso do passaporte, previa uma pena de prisão até três anos aplicável a qualquer cidadão da RDA que transpusesse as fronteiras nacionais sem autorização prévia ou que não cumprisse as rotas e os prazos prescritos durante as suas viagens ao estrangeiro.<sup>149</sup>

<sup>149</sup> Além dos cidadãos que, desrespeitando essa lei, cumpriram as respectivas penas prisionais, cerca de mil pessoas pagaram as suas tentativas da transposição ilegal da «Cortina de Ferro»



Ainda que a obsessiva preocupação com o controlo da mobilidade internacional dos seus habitantes tenha, inquestionavelmente, constituído uma constante de todos os governos da RDA, é, no entanto, possível distinguir diversas fases e variações no complexo conjunto de medidas e condicionantes que, ao longo de quatro décadas, cunharam as políticas e as práticas socioculturais da viagem ao estrangeiro. Antes de, no capítulo seguinte, nos debruçarmos sobre as suas multifacetadas representações textuais e imagéticas, impõe-se portanto uma observação diferenciada dos diversos factores *extra-literários* que interferiram e se repercutiram, de um modo ora mais ora menos manifesto, nos processos de produção e recepção dos livros de viagens publicados nesse mítico «país da leitura».

Como já tivemos oportunidade de constatar, o turismo interno era, na perspectiva do regime, concebido como um assunto explicitamente submetido ao foro da política sócio-laboral e cultural. Ao Estado caberia, assim, não só velar pela aplicação igualitária do direito, constitucionalmente consagrado, ao lazer turístico, que era entendido como um fundamental “elemento da cultura socialista”, mas também fomentar a qualidade do turismo nacional por via de uma política “planificada de ampliação da rede colectiva de centros de férias e lazer”, conforme constava no artigo 34 da constituição da RDA revista em 1968. Se bem que as medidas governamentais dependessem, obviamente, de factores conjunturais dos domínios micro e macroeconómico, poder-se-á contudo afirmar que, ao nível da regulamentação do fluxo turístico em território nacional, a política do regime se desenvolveu, modo geral, de forma autónoma e em concordância com o ideal socialista da democratização da viagem de lazer. Já no que diz respeito ao turismo transfronteiriço, as orientações dos governos da RDA, para além da dependência de aspectos financeiros e económicos, nomeadamente da crónica escassez de divisas, estiveram sempre submetidas a uma série de factores externos directamente relacionados com a conjuntura diplomática internacional.

Mais do que ter funcionando como um mero pano de fundo, o cenário da «Guerra Fria» desempenhou, ao longo de quatro décadas, um papel sobremaneira determinante no domínio das políticas e práticas turísticas na RDA. A divisão do mundo em dois blocos ideologicamente antagónicos

---

com a sua própria vida. O apuramento dos números totais dessas vítimas mortais, os chamados *Mauer-oder Grenztote*, continua a suscitar polémica. Veja-se a este respeito, a reportagem de Matthias Lohre (2003) publicada na edição de 12 de Agosto de 2003 do semanário *Spiegel*.

e a respectiva separação da nação alemã em dois estados e duas sociedades oficialmente edificados sobre os valores políticos, sociais e culturais subjacentes aos respectivos modelos rivais, implicou, no que à orientação da política externa da RDA diz respeito, o estabelecimento e seguimento de dois princípios fundamentais com implicações directas e profundas para o fenómeno do turismo externo. Sumariamente, poder-se-á dizer que esses dois grandes vectores da política internacional da Alemanha de Leste assentaram, por um lado, na ideia obsessiva da *delimitação* face ao Ocidente – obsessão essa que encontraria a sua expressão física na construção do Muro de Berlim em 1961 – e, por outro, no ideal do «Internacionalismo Socialista» que implicaria a solidificação da *integração* da RDA na «comunidade dos povos» do Bloco de Leste. Perante estas duas linhas de orientação, uma visando o isolamento, na medida do possível, hermético em relação ao «mundo do imperialismo» situado do outro lado do «baluarte de protecção», isolamento esse que se configurava como *conditio sine qua non* para o desenvolvimento de uma nova espécie de “patriotismo socialista” (*sozialistischer Patriotismus*) que deveria cimentar a identidade nacional de uma «outra Alemanha», outra aspirando ao reconhecimento (semi-) internacional dessa «nova Alemanha» e ao conseqüente melhoramento das relações com os estados e povos que a «velha Alemanha» devastara durante a guerra, poder-se-á afirmar que o fenómeno (inter)cultural do turismo ao estrangeiro foi submetido aos interesses estratégicos da política externa (e, simultaneamente, interna) da RDA, revestindo-se, na perspectiva oficial do regime, de uma função, por assim dizer, diplomática.

Essa lógica de um «turismo de delegação», que concebia a viagem pelos «países amigos» como uma espécie de prémio do «bom comportamento socialista» – prémio esse, inicialmente, reservado a grupos muito reduzidos da *intelligentsia* (por exemplo, escritores) e, posteriormente, alargado a algumas centenas de milhares de cidadãos que, em representação do resto da população, puderam usufruir dos programas institucionais de intercâmbio cultural entre a RDA e os países parceiros do Leste europeu – determinou a política e prática turísticas durante as duas primeiras décadas. Só a partir de finais dos anos 1960, se assistiria, por razões a especificar mais à frente, a um significativo aumento das viagens turísticas ao «estrangeiro socialista». A concepção da viagem ao Ocidente como um *privilégio* concedível apenas em casos excepcionais, essa manter-se-ia basicamente

inalterada até ao lendário anúncio das «novas leis de viagem» na célebre noite da «abertura» do Muro.

Conforme já se poderá deduzir desta visão meramente esquemática, no contexto específico da RDA, o fenómeno do turismo, quer interno quer externo, reveste-se de uma peculiar complexidade. Longe de poder ser considerado um tema de cariz apenas sociocultural, impõe-se portanto uma abordagem e análise que contemplem as interferências explicitamente políticas neste domínio. No que em concreto diz respeito às viagens transfronteiriças, teremos que distinguir vários factores de índole diversa. Em primeiro lugar, há assim que diferenciar entre as múltiplas condicionantes e fases diversas que cunharam as políticas e práticas de viagem exclusivamente relacionadas com o turismo internacional limitado ao «hemisfério socialista». A seguir, debruçar-nos-emos sobre o multiforme conjunto de diferentes factores que determinaram o que, no âmbito do sistema da RDA, não se poderá considerar senão uma espécie de turismo de elite, ou seja, as viagens dos privilegiados *Reisekader* ao mundo ocidental.

### 3.3.1 «Turismo de delegação»

A primeira década da existência da RDA foi, evidentemente, cunhada pelo difícil processo de (re)construção e consolidação políticas, económicas e culturais de uma «nova Alemanha» cuja autoconcepção assentava na ruptura radical com o passado imperialista e fascista. Perante as múltiplas dificuldades internas dessa «fase da fundação» (*Aufbauphase*), dificuldades essas que se situavam não só ao nível socioeconómico, mas também diziam respeito à complicada tarefa de fomentar politicamente a identificação das massas com aquela nova «(semi-)nação» edificada sob os fundamentos ideológicos do Socialismo, não surpreende que a viagem de lazer ao estrangeiro tenha sido, nessa altura, um assunto relegado para segundo plano. Ao invés da situação no domínio do turismo interno em que, conforme constatámos atrás, se assistiu, devido à determinação política para transformar o acesso aos lazers não só num bem generalizado como num direito social dos cidadãos, a uma rápida e efectiva democratização da viagem dentro da RDA, o começo do turismo transfronteiriço só pode ser considerado tímido e extremamente limitado.

Condicionado quer por factores internos, nomeadamente económicos, quer pelas vontades diplomáticas dos «novos parceiros socialistas» para estabelecer acordos bilaterais de intercâmbio, na década de 1950, o «fluxo» turístico de cidadãos da RDA pelo «novo mundo» situado a Leste da «Cortina de Ferro» aconteceu a um ritmo de conta-gotas. Após o estabelecimento prévio de uma série de convenções com instituições sindicais de diversos países do Bloco de Leste, só em 1951 é que o *FDGB* conseguia «enviar» os primeiros 150 (!) «turistas» da RDA em viagens pela União Soviética, pela Polónia, Hungria, Bulgária e República Checa.<sup>150</sup> Este «turismo de delegação», que representou, até meados da década de 1960, o modo quase exclusivo de cidadãos «normais» poderem empreender viagens ao estrangeiro, era organizado e subvencionado não só pelo sindicato único e suas múltiplas subsecções como por outras instituições estatais, tais como a secção *Jugendtourist* da organização juvenil *FDJ* ou o *Kulturbund*, a associação dos «agentes e criadores culturais», mas também pelas próprias empresas que intercambiavam as estadias nos seus lares de férias com grupos homólogos dos países socialistas. Visto que essas excursões internacionais obedeciam a programas de intercâmbio oficiais e contemplavam toda uma série de rituais institucionais constituídos por visitas a unidades industriais, encontros de convívio entre os trabalhadores sindicalizados ou participações em congressos de espécies diversas,<sup>151</sup> não as podemos considerar viagens puramente turísticas. Ainda assim, sobretudo devido aos seus preços muito acessíveis, porque fortemente subvencionados, assim como aos entraves burocráticos e legais associados a outras formas de «turismo por conta própria», verificou-se, até à dissolução da RDA, sempre uma procura massiva dessa (estranha) modalidade da viagem turística. A gritante discrepância entre a procura e oferta de possibilidades para se viajar por países estrangeiros transformou, em suma, o «turismo de delegação» num bem exclusivo, isto é, num prémio pelo excepcional desempenho ao nível da produtividade profissional e do comportamento exemplar no plano social e político.<sup>152</sup> Contrariando assim a função democratizante que teoricamente lhe era atribuída, a concessão dessas viagens a cidadãos criteriosamente seleccionados constituía para o regime, ao mesmo tempo, um meio efi-

<sup>150</sup> Cf. Biskupek/Wedel (2003: 139).

<sup>151</sup> Cf. Diemer (1996: 89).

<sup>152</sup> Cf. Fuhrmann (1996: 45); Biskupek/Wedel (2003: 139).

caz para «disciplinar» a população. Esta instrumentalização da apetência colectiva pelo turismo internacional para «regular», ao nível interno, a paz social e política – configurando-se portanto como uma versão moderna da estratégia do *panem et circenses* – assemelha-se, como de resto já pudemos constatar, à estratégia seguida pelo regime nacional-socialista.<sup>153</sup>

### 3.3.2 *Völkerfreundschaft* e *Tourex*: «Mensageiros da amizade entre os povos»

A faceta mais visível dessas semelhanças (parciais) entre as duas ditaduras alemãs do século XX no domínio da política do turismo manifestou-se, na RDA, sob a forma de uma tímida imitação – evidentemente, nunca assumida – dos «cruzeiros operários» da organização nazi *Kraft durch Freude* (“Força pela Alegria”). Ao contrário da imponente *KdF-Flotte*,<sup>154</sup> que, entre 1934 e 1939, chegara a dispor de uma dúzia de navios turísticos e consubstanciara um enorme sucesso propagandístico nacional e internacional para o *Terceiro Reich*, a «Frota da Paz» da RDA poderá ser, *grosso modo*, considerada uma aposta perdida pelo regime, já que rapidamente se revelaria um projecto financeiramente insustentável nos moldes de um turismo social que o Estado suportava quase na sua totalidade. Constituída, durante a década de 60, por apenas dois navios, o *Völkerfreundschaft*, com o nome programático de “Amizade dos Povos”, que em Fevereiro de 1960 inauguraria os seus cruzeiros no Mediterrâneo e no Mar Negro, e o *Fritz Heckert*, cuja viagem inaugural pelo Báltico aconteceria cerca de ano e meio depois, a «frota da KdF vermelha», conforme era chamada no Ocidente, desde muito cedo se veria confrontada com graves problemas de rentabilidade. Ainda que não tenhamos conseguido apurar dados estatísticos sobre as proveniências socioprofissionais dos passageiros, é de supor que, pelo menos durante os primeiros dois anos, período durante o qual os dois navios estiverem sob a plena responsabilidade do sindicato, os viajantes tenham sido mais ou menos equitativamente constituídos – conforme se pode ler na introdução a um volume editado pelo *FDGB* abundantemente ilustrado sobre os *Urlauberschiffe. Boten der Völkerfreundschaft* (1961: 5) – por “operários, funcionários e representantes da inteligência que

<sup>153</sup> Cf. subcapítulo 3.2.

<sup>154</sup> Para informações mais detalhadas acerca dos diversos paquetes da frota da *Kraft durch Freude*, veja-se o volume, abundantemente ilustrado, de Heinz Schön (1987).

contribuem com sucesso para a vitória do Socialismo na República Democrática Alemã”. Essa situação ter-se-á alterado a partir de finais de 1963, altura em que o sindicato único passaria apenas a dispor de uma quota de 60% para os seus associados. Os restantes 40% dos passageiros seriam doravante geridos pela *Deutsches Reisebüro der DDR*, isto é, a Agência de Viagens Nacional da RDA que, seguindo as regras e os preços do mercado capitalista, vendia as luxuosas viagens de cruzeiro aos cidadãos nacionais e estrangeiros com maior poder de compra.



Capa do volume editado pelo FDGB, em 1961, sobre os primeiros cruzeiros ao serviço da «Amizade entre os Povos»

Particularmente surpreendente – embora, do ponto de vista económico compreensível ou mesmo inevitável – é o facto de, a partir de 1965, se ter assistido a um forte crescimento de passageiros ocidentais a bordo, conforme afirma o antigo capitão do *Völkerfreundschaft* num artigo exclusivamente dedicado ao turismo marítimo na RDA (Peters, 1996: 99):

Da Gewerkschaftsmitglieder nur die Hälfte der Reisekosten zahlen, der FDGB also jede Fahrt mit 50 Prozent bezuschußt, ist die Gewerkschaftkasse stark belastet. Es gilt, neue Einnahmequellen zu finden, zunächst gemäß staatlicher Vorgabe im sozialistischen Ausland. (...) 1964 und 1965 fahren »Völkerfreundschaft« und »Fritz Heckert« im Auftrag tschechischer, polnischer, ungarischer und schwedischer Reiseunternehmen. Ab 1965 zeigt das westliche Ausland Interesse an den DDR-Passagierschiffen. (...) Der steigende Anteil ausländischer, insbesondere westlicher Passagiere an Bord beider Schiffe ist aus ideologischen Gründen zwar unerwünscht, aus finanziellen Gründen jedoch unverzichtbar.

[Uma vez que os cidadãos sindicalizados pagam apenas metade dos custos dos cruzeiros, o que quer dizer que o FDGB tem de subvencionar cada viagem na ordem dos 50%, o orçamento do sindicato está fortemente estrangido. É necessário encontrar novas fontes de rendimentos, primeiramente, conforme prescrição estatal, no estrangeiro socialista. (...) Em 1964 e 1965 os paquetes «Völkerfreundschaft» e «Fritz Heckert» navegam ao serviço de agências de viagens polacas, húngaras e suecas. A partir de 1965 o estrangeiro ocidental começa a demonstrar interesse pelos navios turísticos da RDA. (...) É certo que o crescente número de passageiros estrangeiros, mormente ocidentais, a bordo de ambas as embarcações é, por razões ideológicas, indesejável, mas, ao mesmo tempo, irrenunciável, por razões financeiras.]

Enquanto o *Völkerfreundschaft*, navio adquirido à Suécia em estado já usado, teve uma duração considerável e transportou, até 1985, em cruzeiros turísticos um total de “218 593 passageiros”<sup>155</sup> maioritariamente constituídos por “privilegiados, mas também por cidadãos normais da RDA”

<sup>155</sup> Apesar de não dispormos dos respectivos dados referentes ao navio *Fritz Heckert* e ao *Arkona*, pode-se, no entanto, presumir que o número total de passageiros que usufruiu da frota turística da RDA entre 1960 e 1989 tenha ficado consideravelmente abaixo dos mais de 750 000 turistas que a frota da *KdF* nacional-socialista transportara em apenas quatro anos (cf. Schön, 1987: 200), ou seja, entre 1934 e 1939, altura em que, devido à guerra, se suspenderam os cruzeiros.

seleccionados devido à sua “fidelidade absoluta ao regime” (Schreiber, 1996: 11), o *Fritz Heckert*, uma construção nacional que representava o orgulho da engenharia náutica da RDA, passado apenas uma década do seu baptismo, foi, em 1971, forçosamente retirado das rotas turísticas devido a graves problemas técnicos.<sup>156</sup>

Já na fase final da RDA, a frota turística seria renovada pelo *Astor* (rebaptizado com o nome de *Arkona*), tratando-se, curiosamente, de um navio comprado, em 1985, à RFA e que o público alemão conhece bem da série televisiva ocidental, muito popular na década de 80, como *Traumschiff*, isto é, o «navio de sonho». A referida tendência para uma crescente «ocidentalização» da clientela dos cruzeiros em navios da RDA, que remontava já a meados dos anos 60, culminaria, em 1986, na organização de uma viagem mediterrânica do *Arkona* exclusivamente destinada a passageiros oriundos da RFA. Além de constituir um sinal do progressivo melhoramento das relações diplomáticas entre as «duas Alemanhas», essa «abertura» ao Ocidente poderá também ser interpretada como um sintoma claro das graves carências económicas de um regime que, contrariando a sua retórica oficial em relação à organização de «cruzeiros para trabalhadores» como expoente máximo da justiça social no domínio turístico, utilizou os seus paquetes de luxo não só para «premiar», primordialmente, os (altos) funcionários e personalidades de destaque da RDA (por exemplo, desportistas e artistas de gabarito internacional), mas também como meio para a aquisição de divisas ocidentais.

O afunilamento evidente do acesso a esses cruzeiros pretensamente destinados a todos os tipos de cidadãos sociologicamente representativos da população da RDA, não se deveu, porém, apenas a razões do foro económico. Uma vez que as rotas, quer mediterrânicas quer bálticas, dos paquetes turísticos da RDA também incluíam cidades portuárias ocidentais, tais como Atenas ou Helsínquia, a orientação da política externa no sentido de um isolamento hermético face ao «mundo capitalista» não poderia deixar de interferir na organização dos cruzeiros, nomeadamente no que dizia respeito à selecção dos passageiros. Não surpreende portanto que a construção do Muro de Berlim em Agosto de 1961 tivesse tido consequências imediatas para esse peculiar modo de um luxuoso «turismo de delegação» ao estrangeiro. Na altura do anúncio histórico do fechar definitivo do último

<sup>156</sup> Cf. Peters (1996: 100).





O «navio de sonho» *Arkona* (Fonte: Saretzki/Krohn,1992: 333)

ponto de passagem possível para o Ocidente, os dois navios turísticos da RDA encontravam-se em cruzeiro, um pelo Mar Negro e Mediterrânico, outro no Báltico. Conforme relata o então capitão do *Völkerfreundschaft* no artigo citado atrás, logo após se ter sabido a bordo desse evento, vários passageiros, tanto do seu próprio navio como do *Fritz Heckert*, aproveitaram de pronto as excursões em solo ocidental para abandonar a RDA. Nomeadamente a passagem pelo Bósforo, o estreito de Istambul que une o Mar Negro ao Mediterrânico e que era obrigatoriamente atravessado de dia e a uma velocidade muito reduzida, transformar-se-ia doravante no local predilecto para os quatro ou cinco passageiros que, por cada cruzeiro, arriscavam o “salto do convés para a liberdade” (Schreiber, 1996: 15). Perante essa situação, o governo não só ordenou que se alterassem as rotas, visando-se agora predominantemente os portos dos «estados socialistas» e eliminando-se, por exemplo, as passagens pelo canal entre o Mar Báltico e o Mar do Norte, que constituía outro sítio propício a fugas, como apertou ainda mais os critérios de selecção dos cidadãos premiados com as viagens marítimas. A passagem pelo Bósforo, por exemplo, essa seria doravante exclusivamente reservada a “»staatsbürgerlich gefestigte« Bürger” (Peters, 1996: 99), ou seja, a cidadãos ideologicamente «firmes» de plena confiança

política, o que, na prática, significava que os cruzeiros mediterrânicos e bálticos passariam a representar, cada vez mais, uma forma de turismo privilegiado para altos funcionários do partido único. Ainda que essas medidas restritivas tenham sido posteriormente algo afrouxadas, certo é que, mais ou menos desde meados da década de 1960, se aumentou o número de viagens marítimas com destino a Cuba, viagens essas que praticamente não ofereciam hipóteses de fugas, em claro detrimento dos cruzeiros pelo Mares do Norte, do Báltico, do Mediterrâneo e do Mar Negro.<sup>157</sup>

Do ponto de vista do turismo moderno como um movimento de *massas*, é evidente que os cruzeiros sob a bandeira da RDA não constituem, em termos quantitativos, um fenómeno significativo. A sua significância ter-se-á manifestado, para além dos propósitos ideologizantes, sobretudo a um nível simbólico. Numa altura em que, para a generalidade da população da Alemanha de Leste, a viagem ao estrangeiro, nomeadamente a países meridionais, ainda estava longe de representar uma «normalidade», reduzindo-se o contacto com o «exótico longínquo», modo geral, a formas mediatizadas, tais como relatos de viagens impressos e/ou audiovisuais, o aparato de divulgação propagandística montado em torno desse «turismo de sonho para trabalhadores» terá certamente influenciado o imaginário colectivo relacionado com a viagem. Ainda que o acesso aos cruzeiros se confinasse *factualmente* a um punhado de eleitos, facto do qual, assim se pode supor, praticamente todos teriam mais ou menos consciência, a intensa divulgação mediática dos cruzeiros ao serviço da «Amizade entre os Povos» terá logrado transformar *artificialmente* um bem exclusivo, reservado a uma minoria ínfima da população, numa espécie de sonho colectivo virtualmente acessível a todos os cidadãos que contribuíssem fiel e intensamente para a solidificação do «Socialismo Real» na «República dos Operários e Camponeses». Dito de outro modo, mesmo que não se participasse de facto num desses cruzeiros exóticos cujos passageiros eram alegadamente compostos dos melhores entre os cidadãos «normais», o fluxo mediático de relatos, imagens e notícias a seu respeito terá funcionado como uma espécie de sinal simbólico de identificação para todos aqueles que, ficando em terra, poderiam teoricamente aspirar a esse prémio, conforme constata Irmscher (1996: 52) num artigo sobre a evolução do turismo transfronteiriço na RDA:

---

<sup>157</sup> Cf. Peters (1996: 99).

Diese Schiffe [des FDGB] hatten sicherlich eine Art Signalwirkung. Auch wer selbst nicht mitfuhr, konnte doch sehen, daß so etwas für “seinesgleichen” möglich war, obwohl man selbst nur im eigenen Land verreiste und oft bei Bekannten und Verwandten übernachtete.

[Os paquetes (do FDGB) tinham certamente um espécie de efeito simbólico. Mesmo aqueles que, de facto, neles não viajavam, podiam todavia ver que existia essa possibilidade para pessoas “simples” como eles, apesar de eles próprios apenas viajarem dentro das fronteiras do país e muitas vezes recorrerem para tal a familiares e amigos durante as suas estadas fora de suas casas.]

No mesmo estudo, que a autora entende, numa perspectiva mais ampla, como um contributo para uma “Archäologie des Fremden im DDR-Alltag” (*idem*: 53), isto é, para uma arqueologia de representações do outro no quotidiano da RDA, afirma-se que a investigação relacionada com a presença de hetero-imagens de culturas estrangeiras de um e do outro lado do Muro nos *media* da RDA constitui, *grosso modo*, ainda um desiderato: “Die Medienpräsenz der Fremde – und durchaus nicht nur der der östlich oder südlich von Oder und Neiße gelegenen – ist bisher kaum untersucht” (*idem*: 52). [A presença mediática do estrangeiro – e não apenas aquele estrangeiro situado a Leste ao a Sul dos rios Oder e Neiße – quase ainda não foi estudada até ao momento.] Ao nomear diversos exemplos da forte «presença mediática do estrangeiro» na RDA, Irmscher consegue contribuir com algumas achegas para o preenchimento dessa lacuna na investigação – lacuna que, de certo modo, também a presente dissertação pretende ajudar a colmatar, ao debruçar-se sobre os livros de viagens publicados naquele “país que já não existe” e que o discurso ocidental concebia ou, por vezes, ainda concebe, de forma redutora, como uma sociedade anacronicamente imóvel, adversa ao contacto intercultural e, por isso, alegadamente propícia a actos xenófobos como os que têm proliferado nas zonas geográficas da antiga RDA.<sup>158</sup> Contrariando esse discurso simplista sobre a “falta de mundanidade” (“fehlende Weltläufigkeit”) dos alemães de Leste, nesse interessante artigo apresenta-se toda uma panóplia, surpreendentemente diversificada, dos mais variados modos e formas das viagens ao estran-

<sup>158</sup> Cf. Irmscher (1996: 51).

geiro empreendidas pelos cidadãos da RDA. Essa diversidade serve para demonstrar – embora, nem sempre, de forma convincente – que, o mais tardar desde a década de 1970, a viagem além-fronteiras terá constituído na RDA um fenómeno, afinal, quase tão normal ou banal como para os cidadãos da RFA (*idem*: 64):

Mit dem Alltäglichwerden der Auslandsreise in den 70er Jahren (...) [haben] die DDR-Bürger, allerdings auf zahlenmäßig niedrigerem Niveau, eine ähnliche »Reisekarriere« hinter sich wie die Bundesdeutschen. Auch zeitlich gesehen sind die Unterschiede gar nicht so gravierend.

[Perante a vulgarização da viagem além-fronteiras nos anos de 1970, (...) os cidadãos da RDA, ainda que a um nível quantitativo inferior, têm um passado com uma «carreira turística» semelhante à dos alemães da (antiga) República Federal. Mesmo de um ponto de vista temporal, as diferenças não são assim tão diferentes.]

Voltando de novo aos anos 60 e ao início (quantitativamente) tímido do turismo internacional na RDA, resta ainda referir alguns exemplos da «presença mediática» desses paradigmáticos cruzeiros a bordo dos imponentes navios *Völkerfreundschaft* e *Fritz Heckert*. Longe de poder ser considerado um fenómeno de massas no sentido de uma experiência «concreta», o impacto desse género de «turismo de delegação» deve-se sobretudo ao efeito de ampliação e identificação proporcionado pela sua insistente presença nos mais diversos *media*. Desde noticiários e outros programas televisivos, assim como as muito populares palestras com diapositivos<sup>159</sup>,

<sup>159</sup> Durante as minhas investigações em Leipzig tive oportunidade de trocar impressões com diversas pessoas que, em conversas mais ou menos informais sobre as suas experiências de viagens internacionais nos tempos da antiga RDA, destacaram a popularidade dessas «palestras audiovisuais» organizadas nos mais diversos contextos e lugares públicos, como em associações recreativas das autarquias, em estabelecimentos de ensino e nas empresas, entre outros. Por exemplo, o escritor Rainer Tetzner, co-autor de um livro sobre as suas viagens à Dinamarca na segunda metade da década de 1980, obra que aqui ainda será submetida a uma observação mais pormenorizada, relatou-me que percorreu praticamente toda a RDA para apresentar, em dezenas desse género de palestras com grande afluência por parte do público, as suas impressões fotográficas e textuais de um país que, para a população da RDA, era “mais distante do que a Sibéria” (Tetzner, 1988: 7). A este respeito, gostaria também de realçar o comentário de um alfarrabista local que, recordando-se desses «velhos tempos», me dizia que não perdera qualquer oportunidade para, por via dessas palestras com diapositivos que, do ponto de vista tecnológico podemos considerar uma espécie de protótipo das actuais *datashows*, ficar a conhecer, pelo menos visualmente, algo mais do mundo situado do outro lado da «Cortina de Ferro». Porém, o

passando pelos jornais e revistas até aos livros de viagem em luxuosas encadernações abundantemente ilustrados com fotografias,<sup>160</sup> inúmeras eram, pois, as possibilidades para os não contemplados com esse prestigioso prémio poderem acompanhar *virtualmente* os seus “camaradas” que cruzavam os mares como “mensageiros” quer das proezas sociais e virtudes políticas da “pátria socialista” quer do “internacionalismo proletário” (*Urlauberschiffe*: 37).

Conforme ainda teremos oportunidade de observar na nossa análise de alguns livros de viagens, esse *pathos* da «grande narrativa socialista» atravessou e cunhou, de modo ora mais ora menos exacerbado, o discurso da viagem na RDA. No entanto, as multifacetadas representações desses cruzeiros nos *mass media* não podem ser apenas perspectivadas sob o prisma das suas funções explicitamente propagandísticas. Ainda que, num sistema que se caracterizava pela inextrincável interpenetração dos campos da política e da cultura, a dimensão doutrinal tenha de ser sempre levada em conta, no que diz respeito ao fenómeno da encenação da viagem turística, tratando-se de um fenómeno directamente associado aos lazeres, isto é, a um espaço tradicionalmente concebido como apolítico, não se pode descurar a sua função de entretenimento. Não surpreende assim que na «imprensa cor-de-rosa» os «grandes valores socialistas» fossem apresentados sob a forma de um discurso menos agitador. Adoptando-se, modo geral, técnicas de representação caracterizadas por uma evidente subjugação da palavra à imagem fotográfica, mais do que visar uma «consciencialização» política e social, as foto-reportagens apelavam predominantemente ao imaginário e desejos colectivos da viagem marítima como uma experiência «paradisíaca» por excelência. As revistas femininas *Sybille* e *für dich*<sup>161</sup>, por

---

que mais me impressionou nas suas declarações a esse respeito foi a descrição da ambiguidade dos sentimentos e impressões com que saíria desses eventos, nomeadamente o entusiasmo por ter adquirido mais conhecimentos sobre um «mundo longínquo» que, ao mesmo tempo, se misturava com uma certa frustração devido à tomada de consciência de que acabara de contactar com realidades que não lhe eram efectivamente acessíveis, ambivalência essa que, em última instância, lhe teria provocado uma profunda tristeza, fazendo aumentar a sua “melancolia do longe” (“Fernweh der Fremde”) e sua insatisfação com a política restritiva do regime.

<sup>160</sup> Vejam-se, por exemplo, os volumes editados pelo sindicato FDGB *Urlauberschiffe. Boten der Völkerfreundschaft* (1961) e *Frohe Urlaubstage auf hoher See* (1962).

<sup>161</sup> Em 1965, a revista *für dich* contou, na sua rubrica dedicada a viagens, com uma colaboração muito especial por parte de uma personalidade extraordinariamente proeminente na RDA, a saber, a esposa do então chefe de Estado Walter Ulbricht. Tendo acompanhado o seu marido numa visita de estado ao Egipto em Fevereiro/Março desse ano, visita que incluiu uma travessia do mediterrânico entre Dobrovnik (na antiga Jugoslávia) e Alexandria a bordo do *Völker-*

exemplo, incluíam regularmente «foto-relatos» sobre os cruzeiros mediterrânicos, em que a dimensão «exótica» se sobrepunha, pelo menos à superfície, aos propósitos manifestamente doutrinadores. As revistas de moda em que os modelos posavam com frequência perante os cenários «românticos» das praias solarengas na Bulgária e Roménia<sup>162</sup> – muitas vezes com o navio *Völkerfreundschaft* em pano de fundo – constituem outro exemplo paradigmático dessa intensa media(tiza)ção (aparentemente) despolitizada dos «cruzeiros de sonho» e de regiões do mundo que, para a maioria da população, se configuravam então como «realidades», não só longínquas, como praticamente inacessíveis.

De facto, por um lado, as hipóteses de se ser seleccionado para integrar as «delegações turísticas» subvencionadas e supervisionadas pelo estado eram ínfimas e, por outro, os preços praticados pela «Agência de Viagens Nacional» da RDA, quer para todo o género de cruzeiros quer para outros pacotes turísticos mais modestos, situavam-se muito além do poder de compra da generalidade dos assalariados.<sup>163</sup> Face à discrepância abismal entre a oferta e a procura, não será certamente exagerado afirmar-se que, na RDA, a viagem turística ao estrangeiro, mesmo que política e geograficamente limitado ao «hemisfério socialista», constituiu, pelo menos até meados dos anos 60, um bem quase que exclusivo para cujo acesso havia, em última instância, apenas duas vias: ou fazer parte do chamado *Reisekader*, isto é, pertencer ao «quadro» restrito dos viajantes a quem o Estado concedia o privilégio da viagem (inclusive ao Ocidente), ou empenhar-se sobremaneira na produção industrial, económica e cultural assim como na vida sociopolítica do país, para assim se poder pelo menos manter a esperança de que um dia se viesse a ter a felicidade de ser «premiado» por esse «comportamento exemplar» no processo da «construção e solidificação do Socialismo» na RDA.

A manifesta carência de oportunidades para a maioria da população da RDA poder, até essa altura, partilhar de um prática sociocultural

---

*freundschaft*, Lotte Ulbricht, em entrevista exclusiva à referida revista, relatou essa “viagem inesquecível”. Uma versão mais elaborada desse relato de viagem seria, ainda no mesmo ano, também publicada em livro pela editora dirigida ao público feminino *Verlag für die Frau*, sob o título *Eine unvergeßliche Reise* (1965) [Uma viagem inesquecível].

<sup>162</sup> Cf. Irmscher, (1996: 52).

<sup>163</sup> Sobre os preços dos pacotes turísticos comercializados pelo *Deutsches Reisebüro der DDR*, vejamos, entre outros, Biskupek/Wedel (2003: 19), Fuhrmann (1996: 36s) e Irmscher (1996: 55).

semelhante à dos seus compatriotas do outro lado do Muro, para quem o turismo internacional se transformara com o «milagre económico» numa normalidade, fez, incontornavelmente, aumentar o valor simbólico da viagem turística ao estrangeiro. Como é evidente, o crescente desejo colectivo dos alemães de Leste de também poderem usufruir desse «bem de consumo» tão característico das sociedades (ocidentais) de bem-estar não poderia ter passado despercebido às chefias. Ciente de que o acesso ao turismo não só interno, mas sobretudo internacional constituía, cada vez mais, um indicador do «grau de modernidade» de determinada sociedade, o regime da RDA investiu política e economicamente em estratégias que possibilitassem, na medida do possível, fazer face a essa evolução no sentido de uma modernização social e cultural que, segundo o discurso oficial da «Alemanha socialista», deveria ser sempre superior à verificada na «Alemanha capitalista», conforme versava o lema, insistentemente repetido nos *media* impressos e audiovisuais, do então secretário-geral do SED e chefe de Estado Walter Ulbricht: “Die BRD überholen, ohne einzuholen”, ou seja, ultrapassar [a RFA], sem imitar o seu modelo.

Uma vez terminada a fase da «edificação do socialismo» em solo nacional, fase essa que, segundo o cinismo do discurso oficial, teria sido definitivamente ultrapassada com a construção do «muro de protecção contra o imperialismo», assistiu-se na RDA a um considerável crescimento económico impulsionado, em 1963, por um plano nacional de reformas, pomposamente denominado de *Neues Ökonomisches System der Planung und Leistung* (NÖSPL) [Novo Sistema Económico de Planeamento e Produção], cujos reflexos na vida quotidiana o historiador Stefan Wolle (1999: 39s) descreve, sucintamente, do seguinte modo:

Langsam aber stetig ging es seit Mitte der sechziger Jahren ökonomisch bergauf. Die offizielle DDR-Statistik vermeldete 1964 bis 1967 pro Jahr konitinuierlich zehn Prozent Steigerung im Einzelhandelsumsatz, 1968 13 und 1969 gar 17 Prozent. Solche Zahlen sollten nur mit größter Vorsicht verwendet werden. Dennoch steht fest, daß Fernsehapparate, elektrische Kühlschränke und Waschmaschinen in dieser Zeit Einzug in die Haushalte hielten. Immer mehr Familien konnten sich ein Auto leisten. Bescheidener Wohlstand breitete sich aus. Auch die Fünf-Tage-Arbeitswoche setzte sich Mitte der sechziger Jahre durch. (...) Daher ist es kein Zufall, daß vielen ehemaligen DDR-Bürgern die sechziger Jahre, wenn nicht gerade als »goldenes

Zeitalter« so doch als ein Abschnitt des Aufbruchs, des Neubeginns und vieler Hoffnungen erscheinen.

[De forma lenta, mas contínua, assistiu-se, desde os anos sessenta, a um desenvolvimento positivo a nível económico. As estatísticas oficiais da RDA anunciavam, para o período entre 1964 e 1967, aumentos anuais na ordem dos 10 % no domínio dos rendimentos do comércio, para 1968 um crescimento de 10 e para 1969 mesmo de 17 %. Ainda que esses números devam ser utilizados com a maior cautela, é incontestável que foi nesse tempo que os televisores, os frigoríficos e as máquinas de lavar eléctricas conquistaram a maioria dos lares domésticos. Cada vez mais famílias passavam a ter acesso a um automóvel. Propagava-se assim um modesto bem-estar material. Também a semana de trabalho de cinco dias se implementou em meados dos anos sessenta. (...) Por isso, não é por acaso que muitos antigos cidadãos da RDA vejam nos anos sessenta, senão uma «época dourada» propriamente dita, pelo menos um período de arranque, de reinício e de muitas esperanças.]

Desde meados da década de 1960 constata-se portanto uma conjuntura económica que se caracteriza por um crescente “bem-estar” – em comparação com as sociedades de consumo do mundo industrializado ocidental – “modesto”, é certo, mas que, ainda assim, seria determinante para o desenvolvimento do hábito sociocultural da viagem turística por parte dos cidadãos da RDA.<sup>164</sup> Apesar de na descrição supracitada não se fazer qualquer referência ao domínio dos lazeres, é inquestionável que a evolução do acesso ao turismo (sobretudo nacional, mas progressivamente também internacional) se constituiu nessa época, para além do significativo aumento dos electrodomésticos e do parque automóvel, como outro dos importantes indicadores desse crescimento económico que se repercutiu, de forma indelevelmente positiva, nos modos de vida da população da RDA.

No entanto, num regime centralista e dirigista, em que não eram (pelo menos, não predominantemente) nem o «poder de compra» nem as vontades pessoais dos indivíduos que determinavam a possibilidade do acesso a

<sup>164</sup> É de notar a este respeito que, entre 1960 e 1970, se verificou na RDA um aumento efectivo dos salários médios na ordem de mais de 25%. (cf. Irmscher, 1996: 55). A significativa melhoria dos padrões de vida material traduziu-se paradigmaticamente no domínio da motorização da sociedade da RDA, ou seja, da aquisição de automóveis que, segundo Fuhrmann (1996: 38), terá duplicado no escasso período entre 1962 e 1967.



bens e serviços, mas sobretudo a vontade política do governo, esse terreno economicamente favorável não seria o único factor determinante para o futuro desenvolvimento dos hábitos e fluxos turísticos na RDA. Conforme já tivemos oportunidade de constatar, num sistema político, social e cultural dessa natureza, o fenómeno do turismo, mais do que constituir um espaço simbólico e um mero domínio de lazeres, revestiu-se de uma dimensão explicitamente política. Se, no que dizia respeito ao «turismo social» ao nível interno, o governo podia – consoante as possibilidades financeiras e as estratégias políticas – proceder autonomamente às medidas que achava necessárias para democratizar o acesso aos lazeres, já no que em concreto dizia respeito às viagens transfronteiriças, as suas orientações dependiam também da conjuntura política internacional. O gradual aumento do fluxo turístico de cidadãos da RDA pelo «mundo socialista», fenómeno a observar, de seguida, com maior pormenor, terá sido, em suma, predeterminado por uma série de factores de índole diversas que transcenderam quer os desejos individuais dos próprios turistas quer a autonomia do aparelho político nesse domínio. Dito por outras palavras, independentemente das inclinações mais ou menos liberalizantes do próprio governo da RDA no sentido de permitir que os seus cidadãos «se passassem» em turismo pelo estrangeiro, havia que se proceder previamente ao estabelecimento de acordos internacionais que, de um ponto de vista legal e institucional, possibilitassem esse trânsito turístico.

É de notar a este respeito que, ao contrário da retórica oficial que veiculava a visão harmoniosa de uma rápida e incondicional aceitação e integração no Bloco de Leste desse novo Estado alemão constituído, em Outubro de 1949, como reacção imediata à fundação da República Federal Alemã em Maio do mesmo ano, as relações da RDA com os seus novos «parceiros socialistas» não se caracterizaram propriamente por aquele clima de plena franqueza e fraternidade que, alegadamente, sustentava o «Socialismo Internacionalista».<sup>165</sup> Neste sentido, não terá sido por acaso que as dificuldades da aproximação, do estabelecimento de um ambiente de confiança entre essa «nova Alemanha» – que, apesar de tudo, representava a herança (parcial) do antigo agressor e inimigo durante duas guerras

<sup>165</sup> Sobre a política externa da RDA que, devido ao facto de os respectivos arquivos ainda se manterem em parte vedados ao acesso público, continua, segundo Pfeil (2001: 9), a constituir um dos domínios menos investigados da abundante historiografia relacionada com esse país, vejam-se, exemplarmente, Siebs (1999) e Muth (2000).

mundiais – e os diversos países da comunidade do Leste europeu, se tenham constituído em muitos livros sobre viagens no «hemisfério socialista» como um tópico recorrente.<sup>166</sup> Em suma, poder-se-á afirmar que, durante as décadas de 1950 e 60, a política do exterior da RDA em relação aos novos vizinhos a Leste foi cunhada por um forte empenho numa estratégia que visava não só o seu reconhecimento e legitimação como Estado nacional com plena soberania, como pretendia implementar uma intensa cooperação política, económica e cultural que assegurasse a sua sobrevivência como tal. Sobretudo após a construção do Muro, acontecimento que significava um ponto (aparentemente) final na «questão alemã» e um ostentativo «virar de costas» ao Ocidente, verificou-se, por razões óbvias, uma nítida intensificação desse processo estratégico de integração na «comunidade socialista». Escusado será dizer que o turismo dos cidadãos da RDA pelos «países amigos» se revestiria, no contexto dessa orientação diplomática, de uma importância cardeal, nomeadamente como um indispensável «contributo para o entendimento entre os povos e a paz universal», conforme versava a retórica oficial. Ainda que, em boa verdade, o fenómeno sociocultural da viagem transfronteiriça tenha sido, na RDA, submetido ao serviço da política externa (e, simultaneamente, interna), certo é que essa instrumentalização – por mais condenável que seja – de um domínio tradicionalmente concebido como espaço de autonomia individual por excelência se traduziu, para a população, desde meados da década de 1960, senão ainda num salto quantitativo propriamente dito, pelo menos num crescimento gradual das possibilidades de experiências interculturais in loco cujo acesso se limitara, até então, maioritariamente a representações em «segunda mão». Uma vez que essas experiências mediáticas proporcionadas pelos mais diversos géneros de «textos» de viagens constituirão o objecto de análise de um outro capítulo, retomemos, por agora, a nossa exposição cronológica dos complexos contextos sócio-culturais e políticos em que essas representações se inseriram.

Após o estabelecimento de uma série de tratados de amizade e convénios de intercâmbio económico e cultural com praticamente todos os estados-satélites da União Soviética, o governo da RDA encetou, no início da década de 1960, uma campanha que, numa visão retrospectiva sobre a história do turismo internacional nesse país, se configuraria como etapa

<sup>166</sup> Veja-se, a este respeito, Bulmahn (1984) e Zwirner (1986: 63s, 98-104).

de uma viragem significativa. Sensivelmente pela mesma altura em que os emblemáticos navios turísticos *Völkerfreundschaft* e *Fritz Heckert* apareciam, sob um grande impacto mediático, no Mar do Norte, no Báltico, no Mar Negro e no Mediterrâneo para divulgar ao mundo (primordialmente, ao ocidental) as proezas socioeconómicas daquela «outra Alemanha» – entidade essa que os países não-socialistas tardavam em reconhecer como um Estado soberano e cuja legitimidade como tal era contestada pela “Hallstein-Doktrin” segundo a qual caberia à RFA representar toda a “nação alemã” a nível internacional – tomou-se, na RDA, a importante decisão de se complementar aquela forma de «turismo de luxo», que, apesar de propagandeada como «cruzeiros para o povo», se confinava, de facto, a um número muito restrito de eleitos, com formas turísticas, literalmente, mais «terrestres», isto é, quantitativamente mais abrangente. Numa altura em que o avião ainda estava, mesmo no mundo ocidental, longe de poder ser considerado um verdadeiro meio de transporte de massas, o veículo que mais se coadunava com a «realidade» sociocultural dos cidadãos «normais» e do turismo em geral da época era o comboio. Para impulsionar o que poderemos chamar de uma primeira vaga turística rumo ao «estrangeiro socialista» por parte dos cidadãos da RDA, decidiu-se assim, em 1961, criar um comboio especificamente destinado a esse fim. O *Touristenexpress*, verdadeiro «hotel sobre rodas» que, do ponto de vista tecnológico e do conforto, correspondia aos padrões mais elevados da engenharia ferroviária da altura, proporcionaria, conforme se pode ler num anúncio oficial publicado aquando da sua conclusão na Primavera de 1963, “a muitos mais trabalhadores da república a possibilidade de empreenderem viagens turísticas pelos países socialistas”, constituindo, ao mesmo tempo, “um bom cartão-de-visita do trabalho de qualidade alemão desenvolvido na RDA” (apud Diemer, 1996: 87).

No Verão do mesmo ano, assistiu-se na estação de Dresden à partida, encenada com pompa e circunstância, do primeiro desses «comboios de amizade» que, sob o lema “*Mit dem Tourex ins Freundesland*” [“Com o Tourex aos Países Amigos”], passariam doravante a transportar os turistas da RDA aos mais diversos destinos espalhados pelos «países irmãos», desde Praga e Bratislava na (então) Checoslováquia, passando pelas capitais da Hungria e da Roménia, até Varna, um dos mais concorridos locais turísticos na costa búlgara do Mar Negro.



Cartaz com indicação do itinerário percorrido pelo *Tourex*

O acesso a essas viagens ferroviárias, que se podiam configurar sob os mais diversos tipos de excursões turísticas, tais como visitas guiadas pelas capitais do «mundo socialista» ou estadias com sol e praia na Roménia ou na Bulgária, processava-se, tal como no caso dos cruzeiros, modo geral por duas vias, ou seja, quer pela concessão do sindicato e de outras instituições associativas enunciadas atrás, quer pela compra directa do respectivo pacote turístico na «Agência Nacional de Viagens». Para facilitar a participação dos cidadãos financeiramente menos favorecidos nesta primeira fase de franca expansão do turismo transfronteiriço, instituiu-se, em 1965, um regulamento que possibilitava o pagamento em prestações.<sup>167</sup>

<sup>167</sup> A respeito desta medida, que visava uma maior justiça social no acesso ao turismo, refira-se que a ideia remontava, curiosamente, ao sistema das “KdF-Reisesparkarten” instituído pelo regime nacional-socialista no âmbito do seu programa turístico “Força pela Alegria”.

O significativo aumento do fluxo turístico rumo aos «países amigos» deveu-se, conforme aqui já se referiu, não apenas ao melhoramento gradual dos níveis de vida económico e material desde meados da década de 1960. Um factor não menos importante para o crescimento do turismo internacional foi o reconhecimento da RDA como Estado soberano pelos seus parceiros a Leste. Essa legitimação (semi-) internacional foi, assim, a *conditio sine qua non* para o estabelecimento de uma série de acordos bilaterais de intercâmbio político, económico e cultural que, por sua vez, constituiriam a base do futuro desenvolvimento das viagens transfronteiriças dentro dos confins do «mundo socialista». Os tratados de amizade estabelecidos durante a primeira década e meia da existência da RDA permitiram um intercâmbio turístico quase exclusivamente supervisionado pelo Estado, isto é, com quotas oficialmente estabelecidas referentes aos destinos, datas e quantidades de turistas,<sup>168</sup> o que, por sua vez, obrigaria os candidatos a uma viagem ao estrangeiro organizada fora dos âmbitos quer da *Staatliches Reisebüro* quer dos serviços turísticos sob alçada das diversas associações aqui já referidas a submeterem-se a um processo burocrático ainda mais complexo e moroso do que o que acontecia no contexto do «turismo planificado» ao nível interno. Os maiores entraves no moroso processo de requerimento de uma viagem com destino ao Leste e Sudeste europeus eram constituídos não só pela obtenção de um respectivo visto e, para os países mais «exóticos», como a Bulgária e a Roménia, de um convite pessoal emitido por um cidadão comprovadamente residente no respectivo país de acolhimento, como pela difícil aquisição de divisas suficientes que assegurassem o sustento e alojamento durante as férias passadas no estrangeiro. Face a essas dificuldades logísticas que transformavam cada viagem transfronteiriça numa espécie de aventura não surpreende que, pelo menos até finais dos anos 60, a mobilidade dos cidadãos da RDA se tenha, modo geral, manifestado sob a forma de um turismo colectivo (em sentido duplo) cujas rotas e programas eram, em última instância, inteiramente organizados pelos diversos «serviços turísticos» sob a alçada do Estado. Aqueles que se aventurassem ao empreendimento de uma viagem individual desenquadrada dos habituais procedimentos burocráticos subjacentes ao funcionamento do «turismo de plano», esses seriam imperativamente confrontados com uma série de barreiras cuja transposição lhes exigia

---

<sup>168</sup> Cf. Großmann (1996: 77).

uma considerável dose de paciência e um forte sentido de perseverança e persistência.

Nas memórias autobiográficas de Günter Kunert (1999), que abrangem um período de mais ou menos três décadas, desde a sua infância até 1979, altura em que abandonou, em definitivo, a RDA, o tema da viagem ocupa um lugar de destaque – como, de resto, em toda a sua extensa obra, tratando-se portanto de um autor a que necessariamente ainda voltaremos no presente estudo. Uma vez que a sua descrição de uma viagem de automóvel à Bulgária, empreendida, em 1961, a convite do poeta e tradutor búlgaro Dimiter Dublew, representa, melhor do que qualquer ensaio teórico do domínio das ciências do turismo o possa fazer, um retrato deveras elucidativo dos kafkianos entraves burocráticos e organizacionais com que, (não só) nessa época, o turista individual (ista) da RDA se via confrontado, justificar-se-á aqui transcrevermos um excerto algo mais longo das *Erinnerungen* de Kunert (1999: 222ss):

Wir benötigen eine von der Sofioter Polizei beglaubigte Einladung. Stempel. Stempel. Stempel. Als läse in Ostberlin jede Behörde das Bulgarische fließend. Der Paß: eine Kostbarkeit, auch wenn man damit nur gen Ostland zu reisen vermag. Sodann: pro Person ein Palet auszufüllender Karteikarten von der Volkspolizeidienststelle. (...) Zurückreichen mit Fotos der Antragsteller. Sind diese (...) Aufgaben gelöst, die amtlichen Bestien bezwungen, beugt man das Haupt vor dem bulgarischen Konsul. »Die Einreise bitte, Exzellenz!«. Stempel, gnädigst erteilt. Leider liegen, der Geographie zufolge, zwischen uns und Bulgarien diverse Länder. Also: Durchreisevisum Tschechoslowakei, Durchreisevisum Ungarn, Durchreisevisum Jugoslawien. (...) Schließlich: die Zentralbank der Deutschen Demokratischen Republik neben dem katholischen Dom, wo noch ein Bittgebet möglich ist: um »Reisedevisen«, Kronen, Forint und Lewa. Ohne Vorzeigen des Passes mit den vielen Stempeln keine Penunse. Auch hier: ein Antrag. Die Tage werden sorgfältig ausgerechnet, damit der Reisende nicht aus Versehen vier Mark sechzig in kleinen schmutzigen Noten zuviel erhält. (...) Hat man sämtliche Hindernisse überwunden, erfordert das Marco-Polo-Unterfangen Vorsorge für die Ausrüstung [des Autos]. Sind wir jetzt vollständig ausgerüstet? Nicht ganz. (...). Die echten Devisen [...], sprich (...) illegal importierte [D-Mark-]Scheine hinter den Spiegel gesteckt und nichts wie up, up and away.

[Precisamos de um convite autenticado pela polícia de Sófia. Carimbos. Carimbos. Carimbos. Como se em Berlim leste qualquer funcionário público fosse capaz de ler búlgaro sem problemas. O passaporte: uma preciosidade, mesmo que apenas nos possibilite viajar por terras do Leste. Depois: por cada pessoa, uma resma de formulários dos serviços da polícia popular da RDA para preencher. (...) Devolver com as fotos dos requerentes. Uma vez cumpridas estas tarefas, domadas as bestas burocráticas da função pública, baixamos a nossa cabeça perante o cônsul búlgaro: «Sua Excelência, a viagem de entrada, por favor!» Carimbo, misericordiosamente concedido. Lamentavelmente, entre nós e a Bulgária encontram-se, devido à geografia, diversos países. Portanto: visto de passagem para a Checoslováquia; visto de passagem para a Hungria; visto de passagem para a Jugoslávia. (...), Por fim, o Banco Central da República Democrática Alemã situado junto à catedral católica, onde ainda é possível fazer-se uma súplica divina: por «divisas de viagem», coroas, forintes e levas. Sem a apresentação do passaporte com os inúmeros carimbos não há guita. Também aqui, um requerimento. São feitas as contas cuidadosas referentes a três dias, para que o viajante não receba por lapso quatro marcos e sessenta cêntimos em pequenas notas sujas a mais. (...) Uma vez transpostas todas as barreiras, a expedição à Marco Pólo exige os preparativos preventivos para o equipamento do automóvel. Estaremos agora plenamente equipados? Ainda não. (...) Há que meter as verdadeiras divisas (...), ou seja, as notas de marco ocidentais ilegalmente importados, por detrás do retrovisor lateral e toca a andar, *up and away*.

Parte dessas barreiras inerentes à organização de viagens empreendidas *por conta própria* mantiveram-se durante toda a existência da RDA, nomeadamente a labiríntica e penosa caminhada para a obtenção de autorizações oficiosas para deslocações aos países mais «exóticos» do Leste europeu, como a Roménia, a Bulgária e, sobretudo, a própria União Soviética, que dificultou sempre a entrada de turistas *individuais* oriundos quer de países ocidentais quer dos restantes estados socialistas. Perante a fidelidade da URSS à “invenção russa do sistema *Delegacija*” (Enzensberger, 1974: 139) com origem no início dos anos vinte, isto é, à ideia de um «turismo de delegação» institucional rigorosamente supervisionado pelos anfitriões – forma peculiar de turismo essa que Hans Magnus Enzensberger submeteu, no seu ensaio “Revolutions-Tourismus”, a uma análise crítica – para a esmagadora maioria dos cidadãos da RDA, o próprio «país-berço do

Socialismo» manteve-se, em última instância, um destino quimérico cujo acesso se limitava aos que podiam pagar os exorbitantes preços praticados pela Agência Nacional de Viagens e aos felizes contemplados com o precioso prémio de integrar as delegações de intercâmbio sob a alçada de diversas instituições estatais, tais como o sindicato, a organização juvenil *Freie Deutsche Jugend* ou a *Gesellschaft für Deutsch-Sowjetische Freundschaft* (Associação de Amizade Soviético-Alemã), «associação de amizade germano-soviética» essa que – certamente, também devido às expectativas de um dia poder vir a angariar uma dessas cobiçadas viagens ao «sétimo continente» – chegou a contar com cerca de 6 milhões de sócios

A outra barreira ao turismo individual enunciada não só por Kunert no excerto supracitado, como em praticamente todos os estudos dedicados a essa temática na RDA, ou seja, a limitação da posse de divisas, também essa se revelaria um problema duradouro para todos os cidadãos da RDA que se quisessem aventurar individualmente à exploração intercultural dos «países irmãos». Na prática, a crónica escassez de divisas e a regulamentação extremamente severa a esse respeito impuseram aos turistas da RDA um “estilo de viagem muito típico”, conforme constata Großmann (1996: 79):

Preise, Umtauschkurse und Devisenknappheit zwingen den reisenden DDR-Bürger im Ausland einen typischen Reisetil auf: Sie übernachteten in einfachen und preiswerten Unterkünften, verpflegen sich oft selbst und erkunden das Reiseland möglichst mit dem eigenen PKW (...). Es überrascht, welch umfangreiches Programm sie mit den knappen zugeteilten Devisen gestalten.

[Os preços, as taxas de câmbio e a escassez de divisas impõem aos turistas da RDA no estrangeiro um estilo de viagem muito típico: eles pernoitam em sítios simples e baratos, muitas vezes levam os seus próprios víveres e exploram o país, se possível, no seu automóvel (...) Perante a escassez das divisas atribuídas, é surpreendente como conseguem cumprir um programa tão vasto.]

De facto, a ultrapassagem desse manifesto obstáculo durante as suas viagens individuais ao estrangeiro exigia aos cidadãos da RDA – contrariamente à passividade que caracterizava o estilo de viagem dos «turistas de



delegação» e dos que recorriam aos serviços da Agência de Viagens estatal – um peculiar “sentido de improviso”, que se manifestava, ainda de acordo com o mesmo artigo de Großmann (79s), numa série de «estratégias de sobrevivência» que, em parte, ultrapassavam a legalidade:

Um trotz der Devisenregelung eine solche Fahrt [auf eigene Faust ins sozialistische Ausland] finanzieren zu können, ist Erfindungsgeist gefragt. Reisende aus der DDR nehmen Lebensmittel und Benzin für ihren eigenen Bedarf mit, auch Waren zum »Naturaltausch«, orientiert an der Nachfrage im Gastland. So lassen sich zum Beispiel Gardinen in Bulgarien gut tauschen, Kleidung und Lebensmittel in Rumänien, auch Zeltausrüstungen wechseln den Besitzer. Sie tauschen Geld auf dem Schwarzmarkt und erwerben so Devisen des Ziellandes. »Westverwandte oder –freunde«, die in einem der RWG-Urlaubsländer Ferien machen, buchen oft den Aufenthalt für DDR-Bürger mit (...).

[Para poder financiar, apesar do regulamento das divisas, uma dessas viagens (ao estrangeiro por conta própria), é necessário haver criatividade. Os viajantes oriundos da RDA levam os seus próprios mantimentos e gasolina, mas também produtos para a «troca de naturais» de acordo com a procura no respectivo país de destino. Por exemplo, na Bulgária é fácil trocar cortinas, na Roménia vestuário e víveres, e também os equipamentos de campismo trocam de proprietários. Eles cambiam o dinheiro no mercado negro obtendo assim as divisas do país de acolhimento. «Familiares ou amigos ocidentais» que passam as suas férias num dos países socialistas do Leste europeu fazem muitas vezes a reserva para eles próprios e para as estadias de cidadãos da RDA (...).]

Além da necessidade de (sobre)carregarem as suas bagagens com os mais diversos produtos, quer para o consumo próprio durante as férias quer para as trocas directas de determinados bens à anacrónica maneira de uma economia pré-mercantilista,<sup>169</sup> e face às severas limitações do acesso a moeda estrangeira, grande parte dos turistas da RDA terão sido como que impelidos a recorrer a práticas ilegais para financiar as suas férias no estrangeiro. Estas passavam tanto pelos mencionados recursos ao câmbio monetário e à troca de géneros no mercado negro dos países de destino

<sup>169</sup> Para o caso da Roménia, por exemplo, Irmscher (1996: 61) enumera, além dos bens mencionados por Großmann, o café, a pimenta e a pastilha elástica como objectos de troca.

como pela reserva e pagamento dos alojamentos por parte de cidadãos ocidentais. Outro «truque» muito recorrente para se contornar a barreira das divisas atribuídas por pessoa consistia em incluir na lista dos pretensos viajantes também familiares que, na realidade, ficavam em casa, por assim dizer, a regar as plantas durante a ausência dos «verdadeiros turistas».<sup>170</sup> Se bem que esse sentido de improvisação tivesse indelevelmente cunhado o estilo de viagem de grande parte dos cidadãos até à dissolução da RDA, certo é que, desde a década de 1970, se assistiria, pelo menos, em relação a certos destinos no Leste, a uma progressiva desburocratização do acesso turístico ao estrangeiro.

Resumindo a evolução do turismo internacional preconizado pelos cidadãos da RDA até finais da década de 1960, verificam-se – como, de resto, já pudemos observar em relação ao turismo nacional – dois vectores que, em conjunto, contribuíram para um aumento significativo dessa prática intercultural. Por um lado, há a constatar que o empenho dirigente e diplomático do Estado nesse domínio proporcionou, após cerca de uma década de isolamento internacional da recém-criada RDA, novas possibilidades de viagens de lazer aos mais diversos destinos turísticos situados nos países do Bloco de Leste. Por outro lado, e apesar das inúmeras barreiras que se colocavam às viagens empreendidas fora desse sistema estadual, verificou-se igualmente uma considerável subida do turismo individual(ista). Segundo o estudo de Fuhrmann (1996), que analisa representativamente os dados estatísticos referentes a 1967, nesse mesmo ano já cerca de 17,5 % da população adulta da RDA teria passado as suas férias no «estrangeiro socialista». Se bem que, ainda de acordo com o mesmo artigo, essa percentagem de viagens além-fronteiras pareça, em comparação com a RFA, bastante baixa, em finais dos anos 60 já não se pode todavia considerar a sociedade da RDA um sistema imóvel, hermeticamente fechado sobre si mesmo cuja população estaria completamente alheada do resto do mundo (socialista). Além do contacto directo com realidades estrangeiras – que, como é óbvio, representava um significativo acréscimo da experiência intercultural dos próprios viajantes – há também que levar em conta o efeito «multiplicador» e «ampliador» proporcionado pelo efectivo aumento do fluxo de turistas que, por via das suas memórias e «narrativas de viagem» (conversas, fotos, *souvenirs*, etc.), partilhavam as

<sup>170</sup> Cf. Biskupek/Wedel (2003: 23).

suas impressões do estrangeiro com a maioria dos que passavam as suas férias dentro dos limites fronteiriços da RDA. Esse reparo de Fuhrmann (1996: 44s) a propósito da mediação de experiências de viagem por parte de cidadãos «normais» complementa e corrobora, assim, as afirmações de Irmischer relativas ao efeito da forte presença mediática de realidades estrangeiras no quotidiano na RDA:

Der größte Teil der DDR-Bürger verbrachte [1967] seine Ferien im eigenen Land, doch immerhin 17,5 % verlebten sie im sozialistischen Ausland. Obwohl dieser Anteil im Vergleich zur Bundesrepublik gering erscheint, ist seine Bedeutung nicht zu unterschätzen. Von der wieder- oder neugewonnenen Möglichkeit, als ganz normaler Bürger “in eigener Regie“ andere Länder besuchen zu können, profitierten in erster Linie die Touristen selbst – aber nicht nur diese: Über ihre Souvenirs, Fotos, Erzählungen, über zu Hause ausprobierte Rezepte oder fremdsprachige Ausdrücke konnten sich auch die Daheimgebliebenen einen Eindruck von der “großen weiten Welt“ verschaffen.

[(Em 1967) a maioria dos cidadãos da RDA passou as suas férias em território nacional, mas 17% fê-lo em solo estrangeiro nos países socialistas. Ainda que em comparação com a RFA essa percentagem possa parecer muito baixa, o seu significado não pode ser subestimado. Os dividendos da adquirida ou readquirida possibilidade de conhecer outros países como cidadão comum sob «direcção própria» favoreciam em primeiro lugar os próprios turistas – mas não só estes: por via dos *souvenirs* de viagem, de fotos, de relatos narrados, assim como de receitas culinárias e expressões estrangeiras experimentadas de regresso a casa, também aqueles que não tenham viajado podiam adquirir as suas impressões do «grande mundo».]

Que os livros de viagens – percebidos pelos leitores como potenciais meios para a aquisição de conhecimentos sobre realidades estrangeiras – terão desempenhado nesse processo de *socialização intercultural* dos cidadãos RDA uma função complementar, quer às experiências turísticas e respectivas «narrativas» pessoais mencionadas no excerto supracitado quer aos *mass media* impressos e audiovisuais, é o que precisamente tentaremos demonstrar com o presente estudo.

Porém, antes de nos dedicarmos a uma análise mais pormenorizada das funções e estratégias discursivas que sustentam esses «textos» de viagem propriamente ditos, impõe-se ainda um olhar algo mais diferenciado sobre a derradeira fase da evolução do turismo transfronteiriço na RDA que, nas duas últimas décadas de sua existência, se transformaria, inquestionavelmente, numa prática sociocultural bastante generalizada.

### 3.3.3 A «normalização» da viagem ao «estrangeiro socialista» nos anos 70 e 80

Na RDA, o turismo internacional, mesmo que limitado aos confins do «mundo socialista», só a partir de início da década de 1970 poderá ser considerado um fenómeno de *massas*. Enquanto na RFA o rápido, senão mesmo exponencial crescimento da mobilidade turística além-fronteiras remonta, mais ou menos, à viragem das décadas 1950/60 – se bem que nessa fase, maioritariamente, ainda destinada aos países vizinhos geográfica e culturalmente mais próximos, como a Áustria «germânica» e a «clássica» Itália<sup>171</sup> –, na Alemanha do Leste, a viagem de lazer ao estrangeiro apenas cerca de dez anos depois se transformaria acessível a parte significativa da população. No que diz respeito a este domínio específico do turismo internacional, as diferenças entre as «duas Alemanhas» não se restringiram evidentemente apenas a este ligeiro *time lag*. Conforme já tivemos oportunidade de verificar, não só os sentidos e raios de mobilidade geográficos como os próprios volumes quantitativos dos respectivos fluxos turísticos diferem entre si. Na RFA, as viagens ao estrangeiro ultrapassaram, pela primeira vez em 1968, o número dos périplos turísticos empreendidos em território nacional tendo, desde a década de 80, passado a representar cerca de dois terços de todas as viagens de lazer empreendidas pelos alemães ocidentais.<sup>172</sup> Ainda que as estimativas referentes à percentagem das viagens internacionais no volume geral do turismo na RDA apontem números muito díspares entre si, denotando uma considerável oscilação entre os 10% (Kagelmann/Hahn, 1993: 7) e os quase 50% (Großmann, 1996: 77), se nos orientarmos pelo valor médio indicado por Spode (1996:

<sup>171</sup> Para uma visão mais diferenciada das práticas e destinos turísticos dos alemães ocidentais nas duas primeiras décadas pós-guerra, vejam-se, entre outros, Göckeritz (1996), Mandel (1996), Spode (2003: 143-150) e Schildt (1996).

<sup>172</sup> Cf. Spode (2003: 150).

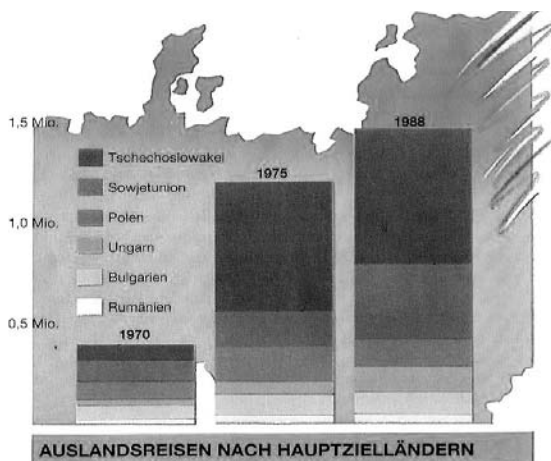
22), o turismo transfronteiriço dos cidadãos da antiga Alemanha do Leste nunca terá excedido os 25%, isto é, em cada quatro viagens turísticas dos cidadãos da RDA apenas uma se destinava ao estrangeiro (quase exclusivamente) socialista. Mais do que nessas consideráveis desigualdades ao nível quantitativo, as fundamentais diferenças das práticas turísticas entre as «duas Alemanhas» residiam, obviamente, no facto de os ocidentais terem tido *virtual e potencialmente* todo o mundo ao seu dispor, o que se manifestaria, desde a década de 1980, num aumento inflacionário das viagens de avião de longo curso a países cada vez mais longínquos e mais «exóticos», enquanto os turistas da RDA se teriam forçosamente de contentar com um conjunto de países maioritariamente situados num raio de mobilidade politicamente imposto cujo acesso se fazia, à excepção de Cuba ou das repúblicas mais distantes da União Soviética, quase sempre por via terrestre, ou seja, de comboio, autocarro ou automóvel.

Apesar das consideráveis diferenças a nível quantitativo e qualitativo, diferenças essas que, numa comparação directa com a RFA, a «campeã da viagem» do Ocidente, desfavorecem evidentemente a «campeã da viagem» do Bloco de Leste, não se pode, porém, caracterizar a RDA como uma sociedade turística e interculturalmente *inexperiente*. Ainda que a esmagadora maioria da população da RDA tivesse, por imposições da política nacional e internacional, forçosamente que se contentar com uma «semi-globalização», é indiscutível que, mais tardar desde a década de 1970, a viagem turística ao estrangeiro (socialista) deixaria de constituir um fenómeno de excepção, para se transformar numa prática social e cultural bastante mais corrente do que uma visão redutora da alegada imobilidade dos alemães do Leste pressupõe.

Mesmo que – devido à falta de dados precisos sobre a quantidade de viagens ao estrangeiro empreendidas por conta própria – consideremos apenas os «pacotes turísticos» transaccionados pelas duas únicas agências de viagens (nacionalizadas) desse país, ou seja, a *Staatliches Reisebüro der DDR* e a sua sucursal *Jugendtourist* que, desde 1975 sob a alçada da organização de massas da *FDJ*, se destinava ao intercâmbio turístico juvenil, a triplicação, verificada entre 1970 e 1988, dos respectivos volumes de vendas anuais de mais ou menos 500 mil para cerca de 1,5 milhões viagens, constitui por si só um indicador deveras elucidativo da progressiva mas-sificação do turismo internacional numa sociedade que, à primeira vista, nomeadamente na visão redutora de muitos ocidentais, se apresentava

como um sistema supostamente desprovido da mobilidade intercultural tão característica da (pós-) modernidade.

O seguinte gráfico, reproduzido num artigo de índole generalista da autoria de Saretzki/Krohn (1992: 338) sobre o fenómeno do turismo na antiga Alemanha de Leste e que, devido à sua expressividade, aqui tomamos de empréstimo, ilustra, de forma inequívoca, o exponencial crescimento das viagens empreendidas pelos cidadãos da RDA, sob a alçada directa e indirecta do Estado, aos diversos países do antigo Bloco de Leste desde 1970. Conforme demonstra o diagrama, as viagens com destino ao «estrangeiro socialista», quer as organizadas pelo sindicato e outras estruturas associativas no âmbito de programas oficiais de intercâmbio quer as vendidas pelas duas únicas agências de viagens do país, visavam, em termos quantitativos e por ordem decrescente, a antiga Checoslováquia, nomeadamente a «pérola cultural» Praga, a União Soviética, aí sobretudo as cidades russas de Moscovo e Leninegrado assim como as estâncias balneares ucranianas na Crimeia, a Polónia, a Hungria, cuja capital Budapeste era considerada a mais ocidentalizada de todas as cidades situadas a Leste da «Cortina de Ferro» e, por fim, os países mais «exóticos» entre os «vizinhos do Leste», isto é, a Bulgária e a Roménia.<sup>173</sup>



Evolução do turismo organizado ao «estrangeiro socialista»  
(Fonte: Saretzki/Krohn, 1992: 338)

<sup>173</sup> As viagens de longa distância a outros países do «hemisfério socialista», tais como a Mongólia, Cuba, o Vietname, a Coreia do Norte e China, terão constituído, segundo Spode (1996: 33), apenas cerca de 1% da totalidade do turismo transfronteiriço na RDA.

Ainda que se refira apenas às «viagens colectivas» – e não às empreendidas «por conta própria» que, apesar de dificilmente calculáveis em termos numéricos, segundo as estimativas da maior parte dos investigadores, terão quantitativamente ultrapassado o turismo de grupo – este gráfico permite-nos tirar algumas ilações acerca das tendências genéricas na área do turismo internacional na extinta RDA.

Em primeiro lugar há a destacar que a figura ilustra, de forma inequívoca, o vertiginoso aumento do volume de viagens aos «países amigos» ocorrido no escasso período entre 1970 e 1975. Apesar de se ter assistido, até finais da década de 80, a um contínuo crescimento, verificamos que, durante os anos que se seguiram ao primeiro *boom*, o ritmo de crescimento sofreu um notório abrandamento. Esta curva evolutiva corrobora assim a assunção de Irmscher e Spode, entre outros estudiosos desse domínio já aqui citados, de que, nos anos 70, a viagem turística além-fronteiras, desde que limitada ao Leste e Sudeste europeus, se «normalizou» como uma prática sociocultural entre parte significativa da população da RDA. A complexa conjugação de diversos factores que possibilitaram esse súbito incremento do turismo internacional será analisada mais à frente. Por agora, retenhamos os dados e tendências evidenciados pelo diagrama.

Assim, um segundo aspecto que aí salta à vista é a clara predominância da (então) Checoslováquia como destino. O facto de esse país ter absorvido, desde 1975, mais de metade de todo o fluxo turístico dos cidadãos da RDA que, para a organização das suas viagens ao estrangeiro, recorriam aos diversos “serviços de férias” (parcial ou completamente) providenciados pelo Estado, teve diversas razões. Uma das causas dessa tendência situa-se – como, de resto, não poderia deixar de ser – ao nível da política externa da RDA. Devido a um acordo bilateral, assinado em 1967, que visava uma intensificação das relações políticas, económicas e culturais entre essas duas «repúblicas socialistas», assistiu-se a uma considerável desburocratização da mobilidade turística. Ao contrário do que, até à implosão do Bloco de Leste, sucedeu em relação à maioria dos países que integravam o COMECON, isto é, o *Conselho de Assistência Económica Mútua*, desde 1972, o trânsito entre a RDA e a Checoslováquia foi significativamente facilitado pela abolição de uma série de documentos, como o tal convite officioso por parte de um cidadão nacional com residência comprovada no país de destino e o respectivo visto de viagem, cuja obtenção, até então, exigira aos «turistas-candidatos» uma certa perseverança e, por isso, não

raramente os fizera desistir dos seus projectos de passar suas férias no estrangeiro. Além do convénio interestadual que, no sistema antiliberal dos países ditos socialistas, era uma incontornável condição prévia para a mobilidade internacional, um factor determinante dessa predilecção pela Checoslováquia como destino turístico terá também tido a ver com as boas infra-estruturas de acolhimento num dos países económica e tecnologicamente mais desenvolvidos do antigo Bloco de Leste. Outra razão dessa forte apetência por esse país prende-se com a diversidade da sua oferta turística, quer ao nível cultural, sublimemente representado pela sua majestosa capital Praga, quer em relação à paisagem natural, nomeadamente as densas florestas, os lagos e os parques naturais do maciço montanhoso Tatra nos Cárpatos Centrais que faziam as delícias dos turistas (de certa forma) ligados à longa tradição germânica do *Bergwandern*, isto é, das caminhadas e do alpinismo, e que, ao longo das décadas de 70 e 80, com a emergência e generalização do paradigma (ou moda) do «turismo ecológico» nas sociedades quer ocidentais quer do Leste europeu, passariam a atrair cada vez mais cidadãos – sobretudo jovens – oriundos da RDA.<sup>174</sup> Ainda que essas diversas «atracções» culturais e naturais proporcionadas pela Checoslováquia fossem, por si sós, suficientes para justificar a eleição desse país como destino de férias predilecto dos alemães do Leste, outra – senão mesmo a principal – razão dessa escolha terá sido o desejo de experimentar o «toque» ocidental(izado), a vontade de aspirar o ar mais liberal que caracterizava não só Praga como a capital húngara Budapeste, porventura, duas cidades historicamente associadas às duas grandes tentativas de «revoluções liberais» no hemisfério político controlado pela antiga União Soviética, respectivamente, em 1968 e 1956. Essa razão que terá motivado os cidadãos da RDA a viajarem em número tão elevado a esses dois países – e isso, contra todas as adversidades, como, por exemplo, a crónica escassez de divisas que fazia deles «turistas de segunda», mesmo entre «povos amigos» – é enunciada por Spode (1996: 23) do seguinte modo:

<sup>174</sup> A respeito da popularidade do turismo de montanha entre as gerações mais jovens da RDA, veja-se, Irmscher (1996: 61): “Der *Run* auf die slowakischen Berge oder das Riesengebirge war in den 70er und 80er Jahre so groß, daß Wanderwege gesperrt werden mußten, weil vor allem die [Ost-] Deutschen in naturzerstörerischem Umfang von ihnen Gebrauch gemacht haben (...)” [O *boom* das viagens às montanhas eslovacas ou às serras florestais checas atingiu nos anos de 1970 e 1989 proporções tais que muitos trilhos pedestres tiveram que ser encerrados, sobretudo porque os Alemães (de Leste) se apropriaram dessas regiões de uma forma ameaçadora em termos ambientais.]



Daß es die Ostdeutschen trotz der beschwerlichen, ja demütigenden Umstände in großer Zahl ins “befreundete Ausland” zog, [liegt u.a. am] DDR-typische[n] Motiv, nämlich der Wunsch, eine auch im politischen Sinne etwas freiere Luft zu atmen und in Prag oder Budapest ein wenig westlich-modernes Flair zu genießen.

[O facto de os alemães de Leste se sentirem, apesar das difíceis ou mesmo humilhantes condições, atraídos pelos países do «estrangeiro amigo» em tão grande número advém, entre outras razões, do móbil típico da RDA, isto é, o desejo de respirar, também num sentido político, um ar mais livre e de fruir em Praga ou Budapeste um pouco do ambiente moderno e ocidentalista que imbuía essas cidades.]

Ainda que, no *ranking* do diagrama referente aos países mais procurados pelos «turistas de grupo» da RDA, a Hungria surja muito abaixo da Checoslováquia e da União Soviética, é de supor que esse país tenha sido um dos destinos mais visados por aqueles viajantes que organizavam as suas férias sem recorrer aos serviços da «Agência Nacional de Viagens». Nomeadamente as gerações mais jovens ter-se-ão sentido particularmente atraídas pelo ambiente liberal e ocidentalizado de uma Budapeste onde não só havia a possibilidade de se pernoitar, a preços muito acessíveis, em vários parques de campismo ou mesmo, gratuitamente, num dos vários albergues instituídos e subvencionados pela autarquia, como se podia comprar *jeans* ocidentais e discos de grupos de rock a que na RDA não tinham acesso. À semelhança da juventude ocidental que, nas décadas de 1970 e 80, «explorava» a Europa de mochila às costas recorrendo-se para tal das vantajosas condições proporcionadas pelo já lendário sistema do *Interrail*, também os jovens «do lado de lá do Muro» se fizeram maciçamente à aventura de descobrir a «sua Europa» de comboio e/ou à boleia.<sup>175</sup> Conforme se pode ver na fotografia abaixo, a ostentação do símbolo «D» da República Federal (em vez da sigla oficial «DDR») nas mochilas de muitos desses jovens turistas da RDA que palmilhavam o «estrangeiro socialista» representa, segundo Kruse (1996: 110) no seu artigo dedicado ao turismo individual como “nicho no Socialismo” e do qual aqui tomamos a imagem

<sup>175</sup> Cf. Biskupek/Wedel (2003: 133). O filme de cinema do realizador Hermann Zschoche (1980) *Und nächstes Jahr am Balaton* expressa precisamente a enorme popularidade dessa forma de turismo individual(ista) entre os jovens da RDA.

de empréstimo, um meio de expressão do seu desejo colectivo de também poderem viajar pelo Ocidente que lhes era objectivamente vedado pela legislação.



De mochila à descoberta do «mundo socialista»  
(Fonte: Kruse, 1996: 110)

O seguinte excerto<sup>176</sup> de um relato retrospectivo da autoria de um (então) jovem da RDA sobre a popularidade do «turismo de mochila» e o poder de atracção exercido pela capital húngara ilustra, de forma concisa, uma tendência do turismo internacional na antiga RDA de que as estatísticas oficiais do diagrama referente às viagens organizadas pelos diversos «serviços de férias», evidentemente, não dão conta:

Budapest war für uns DDR-Bürger die größte und westlichste Stadt, die wir erreichen konnten. Es gab Originaljeans (Levis, Wrangler) und Schallplat-

<sup>176</sup> Reproduzido em Großmann (1996: 79). No mesmo sentido, veja-se Irmscher (1996: 61), que afirma: “Ungarn [galt] immer als vergleichsweise »westlich« und die ungarische Toleranz gegenüber dem Westen entsprach dem, was sich DDR-Jugendliche massenhaft erhofften.“ [A Hungria foi sempre vista como um país comparável ao Ocidente e a tolerância húngara face ao Ocidente correspondia ao desejo das massas juvenis da RDA.]

ten von Bands, die in der DDR nicht aufgelegt wurden (Frank Zappa, Gentle Giant, Santana, Woodstock ...), aber auch all das, was in den Top Ten damaliger Zeit lief (...). Es gab wunderbare Thermalbäder und eine wunderschöne Markthalle mit einem Angebot an Obst und Gemüse, wovon wir nur träumen konnten. All dies kostete natürlich viel Geld, mehr als dem Preisgefüge der DDR entsprach. Zudem war die tauschbare Menge an Forint pro Jahr ziemlich stark beschränkt. Das Geld, das nicht in Zeltplätze, welche zu Genüge da waren, oder Übernachtungen investiert wurde, konnte in Hosen, Platten und andere Artikel umgesetzt werden. Die Stadtverwaltung Budapest richtete das Lager Saturn ein, um Jugendlichen die Möglichkeiten zu bieten, kostenlos zu übernachten. (...)

[Para nós, cidadãos da RDA, Budapeste era a maior e a mais ocidentalizada cidade que podíamos alcançar. Havia calças de ganga originais (*Levis*, *Wrangler*) e discos de bandas não editadas na RDA (Frank Zappa, Gentle Giant, Santana, Woodstock ...), mas também tudo que, na altura, estava nos *Top Ten* (...) Havia estâncias balneares maravilhosas e um belíssimo *hall* de mercado com uma oferta de fruta e legumes com a qual apenas podíamos sonhar. Tudo isto era, naturalmente, muito caro, muito mais caro do que os preços normais da RDA. Além disso, a quantidade de forintes que anualmente se podia cambiar era muito limitada. Aquele dinheiro que não era investido em parques de campismo, dos quais havia imensos, ou para pernoitar noutros sítios podia ser aplicado em calças, discos e outros artigos. A administração municipal de Budapeste instituiu o campo *Saturn* para assim dar aos jovens a possibilidade de pernoitar gratuitamente.]

O fascínio irradiado pelas capitais da Checoslováquia e da Hungria devido ao seu ambiente ocidentalizado, que proporcionando uma espécie de *Ersatz* para um mundo a que, modo geral, os cidadãos da RDA não tinham acesso, se consubstanciava simbólica e materialmente na existência de uma considerável oferta de certos bens de consumo característicos da cultura de massas das sociedades «do lado de lá» da «Cortina de Ferro», ter-se-á manifestado não só num aumento do «turismo individual(ista)», como também, conforme se pode verificar no diagrama reproduzido atrás, num considerável crescimento do volume de vendas de pacotes turísticos destinados a esses dois países. Embora nos casos da Bulgária e Roménia se constate uma subida menos acentuada, certo é que, entre 1970 e 1988,

a tendência geral do número das viagens ao estrangeiro organizadas pelas diversas entidades oficiais da RDA aponta também num sentido francamente ascendente.

O único destino entre os «vizinhos socialistas» que contraria essa curva representativa de um claro crescimento do turismo internacional na RDA é a Polónia. Ainda que entre 1970 e 1975 se tenha assistido a uma duplicação dos pacotes turísticos com destino a esse país, de acordo com o quadro estatístico a que nos temos vindo a referir, nos treze anos subsequentes verificou-se curiosamente uma inversão, tendo então o volume de viagens à Polónia diminuído na ordem de mais ou menos 50%. Ao contrário do que se poderia supor, este caso não constitui a tal mera excepção que confirma a regra, mas deve-se a uma conjuntura política muito peculiar. Em relação à Polónia, assistiu-se pois a uma política de viagem particularmente sinuosa por parte do regime da RDA. Tal como acontecera com a Checoslováquia, os diversos acordos de intercâmbio estabelecidos entre os dois governos e a abolição, em 1972, da obrigatoriedade de um visto de viagem para esse país, resultou a curto prazo num aumento exponencial da mobilidade transfronteiriça. Porém, em contraste com a Checoslováquia e a Hungria, não se pode considerar que a Polónia tenha representado um destino turístico predilecto dos alemães do Leste. Mais do que passar as suas duas semanas de férias nesse país, a maioria terá preferido o vizinho a Leste sobretudo para encetar breves excursões, uma vez que, do ponto de vista das atracções turísticas, pouco de diferente teria a acrescentar à própria oferta paisagística e cultural da RDA. À excepção dos «lugares de memória» do terror nazi (Auschwitz, Treblinka, Belzec), que na literatura de viagens da RDA sobre a Polónia representam, como de outro modo não seria de esperar, um ponto de passagem obrigatório e, portanto, um tópico recorrente,<sup>177</sup> a república polaca não se prestava, de facto, a configurar um espaço ou uma superfície ideais sobre os quais se pudesse projectar nem a tradicional imagem do exótico meridional nem o sonho peculiar do «paradisiaco Ocidente» que sustentavam o desejo colectivo dos turistas da RDA. A relativa escassez do fluxo de viagens de lazer rumo à Polónia não se deve, porém, apenas a esses motivos de ordem simbólica, mas advém também de intervenções reguladoras por parte do governo da RDA que, a dada altura, tentou retirar o «país amigo» a Leste das rotas turísticas da

<sup>177</sup> A este respeito veja-se Bulmahn (1984).

população. Pois, com o notório crescimento do(s) maciço(s) movimento(s) de contestação ao sistema socialista que, liderados pela organização sindical e católica *Solidarność*, desde meados da década de 1980, não só agitaria a vida política e social na própria Polónia como faria vacilar todo o Bloco de Leste, e face ao presumível perigo de uma «contaminação» ideológica dos cidadãos da RDA e, respectivamente, de uma destabilização sociopolítica do sistema do «Socialismo Real», o governo da Alemanha de Leste reagiu num sentido precisamente inverso à tendência de democratização e liberalização que até então tinha caracterizado a sua política no domínio das viagens ao estrangeiro, tentando restringir, na medida do possível, o fluxo turístico entre os dois países. Conforme refere Spode (1996: 22; 2003: 140), em 1986, a agência de viagens nacional não vendeu uma única viagem à Polónia, tendo, em contrapartida, num curioso e surpreendente acto de compensação, transaccionado cerca de 18 mil pacotes turísticos com destino à Dinamarca, que geograficamente se situava «logo ali ao lado», mas politicamente integrava o «contra-mundo capitalista».

Voltando ao diagrama sobre o turismo internacional organizado e supervisionado pelo Estado da RDA, há, ainda, a realçar um terceiro aspecto. Num sentido inverso ao que aqui verificámos em relação à Hungria e que, em parte, também se aplica à Polónia dos anos marcados pelo movimento de protesto *Solidarność*, ou seja, a *sub*-representação de certos «países amigos» no sector do turismo organizado que, na verdade, devido aos seus sistemas económica e/ou politicamente mais liberais, terão atraído muitos mais turistas por conta própria do que turistas de grupo – tendência essa que o quadro estatístico obviamente não contempla -, a posição cimeira ocupada pela União Soviética (logo a seguir à Checoslováquia) entre os países mais visitados corresponde a uma *sobre*-representação que não reflecte as tendências gerais do turismo internacional na RDA de um modo proporcional. Dito por outras palavras, numa perspectiva que considere o conjunto das viagens colectivas e individuais, o elevado volume dos pacotes turísticos com destino à União Soviética, fossem eles vendidos pela(s) agência(s) de viagens ou, na maior parte dos casos, organizados no âmbito dos múltiplos programas oficiais de um intercâmbio associativo, não aponta necessariamente no sentido de o país do «grande irmão socialista» ter constituído um destino de férias de primeira eleição por parte da população da RDA. Olhando para o facto de a esmagadora maioria dessas viagens terem sido empreendidas no contexto de uma espécie de «turismo

de delegação» sob uma apertada supervisão do país de acolhimento a que atrás já se fez referência, as expectativas e tradicionais projecções imaginárias da viagem ao estrangeiro longínquo como espaço simbólico de autonomia, liberdade e aventura saíam assim não raramente goradas. O seguinte excerto, reproduzido em Großmann (1996: 78), de um relato de uma cidadã anónima de Dresden sobre uma dessas viagens à União Soviética em 1984 ilustra, paradigmaticamente, não só o desagradável controlo a que os turistas da RDA se sentiam submetidos como também a sua percepção de serem discriminados face aos turistas ocidentais:

In der UdSSR waren ost-und west-deutsche [sic] Touristen streng getrennt. Sie hatten eigene Wohntrakte im Hotel und getrennte Speisesäle. Begegnungen zwischen Ost- und West-Touristen waren unerwünscht. Außerdem waren Essenszeiten und Ausflugsprogramme unterschiedlich. Gute Souvenirs gab es nur in besonderen Shops, gegen Devisen. So war es mir nicht möglich, eine Matrjoschka zu erwerben. (...) In diesen Shops schöpfte die UdSSR westliche Devisen ab. Für uns blieben Stadtführer und Karten übrig.

[Na União Soviética os turistas alemães ocidentais e do Leste estavam separados. Eles tinham as suas próprias repartições de habitação nos hotéis e salas de refeições separadas. Encontros entre turistas ocidentais e do Leste eram indesejados. Além disso, os horários das refeições e de programas de excursões eram diferentes. Os bons *souvenirs* só os havia em lojas específicas, a pagar em divisas. Assim, não me foi possível adquirir uma *Matrjoschka*. (...) Essas lojas eram para a URSS uma importante fonte de divisas ocidentais. Para nós apenas sobravam as plantas das cidades e mapas.]

A insatisfação com a organização dessas viagens colectivas à URSS é igualmente corroborada pelo relato pessoal de um antigo guia turístico dos tempos da RDA que, em 1995, denuncia retrospectivamente as insuficiências e o incumprimento dos programas de viagens previstos (*apud*, Großmann: 82):

Für mich als über viele Jahre tätiger ehrenamtlicher Reiseleiter war es unverständlich, daß es seitens der zuständigen Länderbearbeiter der Zentrallstelle für Jugendtouristik nicht auf Veränderungsvorschläge (...) beim Ablauf der Reisen im Gastland eingegangen wurde. (...) So zum Beispiel beim

Reiseland Sowjetunion: Fast jede 8- beziehungsweise 14-Tagereise sah auf der Hin- und Rückfahrt zwei Tage Aufenthalt in Moskau vor, mit Kreml- und Leninmausoleum-Besuch, Metrofahrt, Allunionsausstellung in Ostankino. Und das, obwohl die Reise als Sibirienfahrt deklariert wurde oder in den Kaukasus oder zu anderen Zielen in den Unionsrepubliken, [so daß] nur zwei bis drei Tage für den Aufenthalt in Sibirien übrig [blieben].

[Para mim, enquanto guia turístico de muitos anos de experiências estatalmente acreditado, era incompreensível que nas delegações dos serviços centrais do turismo juvenil não se levasse em consideração as propostas de alteração referentes à forma como estavam a decorrer as viagens nos países de acolhimento. Por exemplo, em relação à União Soviética como destino turístico: quase todas as excursões de 8 ou 14 dias previam, durante a ida e o regresso, dois dias de estada em Moscovo, incluindo visitas ao Kremlin, ao mausoléu de Lenine, um passeio de metro, exposição universal da União em Ostankino. E isso, apesar da viagem estar declarada como viagem à Sibéria ou ao Cáucaso ou outros destinos nas Repúblicas da União, de modo que sobravam apenas dois ou três dias para a estada na própria Sibéria.]

Este tipo de críticas em relação aos périplos turísticos quer pela União Soviética quer por outros «países amigos» – críticas essas que, convém realçá-lo, foram proferidas *a posteriori* e/ou num contexto de relatos pessoais e privados que, evidentemente, não se destinavam a uma publicação – contrasta profundamente, conforme ainda teremos oportunidade de observar de um modo mais detalhado, com o tom apologético que trespassa modo geral o discurso da imensidão de livros de viagens sobre as relações e experiências interculturais no seio da «comunidade socialista». Face ao planeamento e ao dirigismo, ora mais ora menos manifestos, a que na RDA o turismo nacional e internacional esteve sujeito e apesar de se ter de levar em conta que as viagens empreendidas pelos viajantes-escritores privilegiados se enquadram num conjunto de circunstâncias que diferem naturalmente do contexto de uma mera viagem de lazer, parecemos legítimo defender aqui a tese de que a política de viagem do regime em relação quer aos «cidadãos normais» quer a figuras proeminentes da vida social e cultural do Estado, tais como escritores, desportistas e cientistas, se pautou, em última instância, pelo mesmo objectivo funcional, ou seja, o da legitimação da RDA como uma nação alemã autónoma de

matriz socialista. Esse objectivo da criação de uma identidade e afirmação nacionais passava, necessária e simultaneamente, por um lado, pela diferenciação face à «outra Alemanha» (RFA) e, por outro, pela solidificação e celebração da integração dessa semi-nação no sistema do Bloco de Leste. Neste sentido, poder-se-á considerar que na RDA a viagem, quer como prática sociocultural consubstanciada sob a forma do turismo, quer como fenómeno simbólico e objecto de media(tiza)ção literária e imagética (livros de viagem), foi submetida por parte do regime a uma tentativa de concebê-la como um instrumento ao serviço de objectivos situados ao nível da política nacional e internacional.

Apesar de a História se ter, entretanto, encarregado de demonstrar a falibilidade dessa concepção instrumental da viagem, é, porém, inquestionável que o forte crescimento quer do turismo internacional quer de publicações com ela relacionadas durante as duas últimas décadas de existência da RDA se deveu primordialmente à vontade política do regime. O surpreendente salto quantitativo das viagens turísticas além-fronteiras, nomeadamente aquele verificado no escasso período entre 1970 e 75, que o gráfico de Saretzki e Krohn ilustra de um modo deveras expressivo, resulta sobretudo da intervenção directa por parte do Estado. Num sistema político e social em que, conforme já tivemos oportunidade de explicar, o sector do turismo nacional e internacional esteve sempre sujeito a um manifesto dirigismo estatal, a quase triplicação do volume de vendas de pacotes de viagens aos países socialistas terá tido, portanto, razões que transcendem os domínios sociocultural e simbólico em que o fenómeno do turismo moderno se inscreve, nomeadamente os macro-processos que sustentam o desenvolvimento das práticas turísticas nas sociedades ocidentais. Dito por outras palavras, além de reflectir, de certo modo, um traço característico da «modernidade civilizacional» dos países industrializados que se manifesta, entre outros aspectos, sob a forma de uma progressiva apetência pela viagem de lazer e sua consequente generalização como hábito social e cultural, esse crescimento surpreendentemente vertiginoso do turismo internacional na RDA deriva sobretudo de uma determinada conjuntura política. De facto, o contexto histórico em que se verificou esse surto turístico, isto é, a primeira metade da década de 1970, é marcado por uma série de eventos ao nível da política quer nacional quer internacional que efectivamente se repercutiram de forma indelével no domínio das viagens ao estrangeiro por parte dos cidadãos da RDA. De um modo



algo esquemático, poder-se-á distinguir dois factores fundamentais que determinaram essa evolução.

No domínio interno, há a destacar a substituição, em 1971, de Walter Ulbricht por Erich Honecker na chefia partidária e governamental. Os primeiros anos da «era Honecker», mais concretamente até à polémica expatriação do cantor e poeta Wolf Biermann em 1976, altura em que o regime adoptaria um rumo regressivo, mais controlador e repressivo, ficariam para a História como uma época de transição prometedora a vários níveis. A “mini-liberalização” (Wolle, 1999: 67) preconizada no início da década de 70 traduziu-se no quotidiano dos cidadãos da RDA, nomeadamente no dia-a-dia das gerações mais jovens, sob a forma de uma (aparente) aproximação ao estilo de vida ocidental que o historiador Stefan Wolle descreve nos seguintes termos (*idem*: 65ss):

Der Wechsel von Ulbricht zu Honecker brachte im Alltag der DDR manche Erleichterung. (...) Westliche Beat-Musik, 1965 pauschal unter das Verdikt kapitalistischer Unkultur gefallen, durfte wieder gespielt werden. Die begehrten »Blue Jeans«, bis dahin Symbol westlicher Dekadenz, wurden nun in der DDR angeboten. Als die ersten originalen »Levis« zu relativ moderaten Preisen in den Jugendmode-Abteilungen der CENTRUM-Warenhäuser auftauchten, kam es zu regelrechten Volksaufläufen. (...) Später kamen Jeans-Adaptationen aus der volkseigenen Produktion und Einfuhren aus den Bruderländern hinzu. (...) Die Nonkonformisten-Uniform der Woodstock-Generation verlor durch die Aufnahme in die Eigenproduktion das Odium des Verworfenen, Oppositionellen und Aufsässigen. Selbst FDJ-Funktionäre preßten ihr Hinterteil in die engen Jeans. (...) [Der] bis 1971 [von] Lehrer[n] und Parteifunktionäre[n] [geführte] Kleinkrieg gegen lange Haare und kurze Röcke [wurde] nach dem Machtantritt Erich Honeckers (...) eingestellt, und bald schon unterschieden sich die Oberschüler und Studenten der DDR in Haar- und Bartracht kaum von ihren Altersgenossen im Westen.

[A mudança de Ulbricht para Honecker trouxe à vida quotidiana algumas facilidades. (...) Podia-se novamente passar e ouvir a música *beat* ocidental que, em 1965, fora sentenciada como barbárie capitalista. As muito desejadas *blue jeans*, até essa altura, vistas como símbolo da decadência ocidental, passaram agora a estar disponíveis na RDA. Quando as primeiras *Levis* originais aparecerem, a preços mais ou menos razoáveis, nas secções de moda juvenil

nos armazéns estatais da cadeia *CENTRUM* assistiu-se a verdadeiros motins populares. (...) Mais tarde surgiram as respectivas adaptações oriundas da produção nacional e as importações dos países-irmãos. (...) A farda dos inconformados da geração de Woodstock perdeu, pela introdução nos planos da produção nacional, a sua imagem de ódio associada à decadência, ao oposicionista e ao rebelde. Mesmo os funcionários da *Juventude Livre Alemã* passaram a enfiar os seus traseiros gordos nos *jeans* apertadinhos. (...) A pequena guerra contra os cabelos compridos e as saias curtas, travada até 1971 pelos funcionários do partido e professores, chegou ao fim com a tomada de posse de Erich Honecker e, dentro em breve, os alunos liceais e estudantes universitários da RDA já quase não se diferenciavam, em termos de penteados e uso de barbas, dos seus companheiros de idade na Alemanha ocidental.]

Ainda que baseada num sistema subsidiário cujos elevados custos conduziriam inevitavelmente à implosão do tecido económico e consequente bancarrota da RDA, é inquestionável que a tímida «ocidentalização», isto é, a implementação de uma “espécie de sociedade de consumo socialista” (*idem*: 73) intentada pelo governo de Honecker no início dos anos 70 resultou, em suma, num “período de consideráveis sucessos nos domínios da economia, da política cultural e das relações internacionais” (*idem*: 68s). Tendo em vista que viajar por lazer requer, como condições prévias, não só dinheiro como a liberdade de circulação e, do ponto de vista das relações internacionais, acordos legais que assegurem a execução desse direito, poder-se-á considerar que o súbito alargamento do acesso ao bem de consumo e simbólico da viagem turística ao estrangeiro (socialista), a que se assistiu nessa época, sintetiza e reflecte, de forma paradigmática, as transformações ocorridas nesses três domínios. Por outras palavras, provavelmente mais do que em qualquer outra área do sistema da antiga RDA, foi no sector do turismo internacional que as mudanças proporcionadas pela inextrincável inter-relação dos vectores económico, sociocultural e político subjacentes à «mini-liberalização» dos primeiros anos de governação de Honecker se repercutiram de forma mais notória. Neste contexto particular, as alterações que nessa altura se fizeram sentir ao nível das relações internacionais revelaram ser de uma importância cardeal para o sinuoso rumo que o regime da RDA adoptaria em relação à mobilidade turística dos cidadãos.

Já aqui tivemos oportunidade de chamar a atenção para a problemática da identidade e legitimação como Estado-nação que pairou, sobretudo durante as duas primeiras décadas de sua existência, sobre a República Democrática Alemã. A esse respeito constatámos que a política externa de integração na comunidade dos países socialistas constituíra, sobretudo depois da construção do Muro de Berlim, em 1961, a *conditio sine qua non* para a afirmação da RDA como entidade política e jurídica (relativamente) soberana. Conforme pudemos verificar, a moderada democratização do turismo pelos «países amigos» desde os anos 60 insere-se nesse contexto histórico-político, tendo sido portanto não só condicionada por dois propósitos, inseparavelmente interligados, como instrumentalizada para solidificar a identidade nacional («patriotismo socialista»), por um lado, e para alcançar a afirmação e o reconhecimento no plano (semi-)internacional (tratados bilaterais de amizade com todos os países no raio de influência directa da União Soviética), por outro. Ora, a subida de Honecker ao poder coincide com uma alteração parcial dessa constelação internacional. Sendo difícil de estabelecer uma relação directa de causa-efeito, certo é que à «abertura» verificada, entre 1971 e 1976, no interior da RDA, corresponde, no plano da política externa, um claro afrouxamento das tensas relações características da «Guerra Fria», nomeadamente no que diz respeito às (até então praticamente inexistentes) relações diplomáticas entre as «duas Alemanhas». Proporcionada pela chamada *Ostpolitik* cunhada e encetada por Willy Brandt que, após uma série de tratados bilaterais da RFA com a maioria dos países a Leste da «Cortina de Ferro», conduziria, em 1972, à assinatura do *Grundlagenvertrag* (Tratado de Bases) com a RDA e culminaria, um ano depois, na aceitação pela *Organização Internacional da Nações* (ONU) dos dois estados alemães como membros oficiais de plena legitimidade e soberania, a «outra Alemanha» de cariz socialista via-se finalmente reconhecida e legitimada por toda a comunidade internacional. Entre a vaga de acordos e tratados internacionais da RDA com inúmeros países do «hemisfério ocidental» que se seguiram<sup>178</sup> destaca-se a Conferência de Helsínquia, em cuja acta final de 1975 a Alemanha de Leste se comprometia quer a cooperar no sentido da segurança e coexistência pacífica na Europa quer a garantir ao seus cidadãos direitos humanos tão fundamentais como

<sup>178</sup> Para uma visão mais pormenorizada das relações bilaterais da RDA com diversos países ocidentais, como os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, França, Dinamarca, Bélgica e a Suíça, vejam-se os respectivos artigos no volume editado por Pfeil (2001: 165-349).

o direito à livre circulação. Apesar de, na prática, conforme demonstra o artigo de Marianne Howarth (2001: 81-98), a subsequente “política ocidental da RDA” se ter sempre matreiramente pautado por objectivos que, por via da “valorização internacional”, visavam, em última instância, uma “ofensiva ideológica”, o sucesso diplomático alcançado por Honecker nos primeiros anos do seu governo traduziu-se, quer no plano externo que a nível da política interna, num aumento da credibilidade do sistema. Por um lado, permitiu aumentar o seu prestígio e a confiança no Ocidente e, por outro, não só fomentou a auto-estima (semi-) nacional e a respectiva identificação com o Estado por parte da população como alimentou a expectativa de que doravante se lhe abririam todas as «maravilhas turísticas» do mundo ocidental e meridional.

Essas expectativas e ilusões colectivas foram potenciadas pelo discurso oficial do regime que proclamava a RDA um país cada vez mais «aberto ao mundo e à diversidade cultural». Nos anos 70, “Weltoffenheit und Vielfalt”, ou seja, os tópicos centrais da retórica cosmopolita pela qual se pretendia criar e divulgar a imagem de uma RDA moderna e liberal, configuraram-se então como verdadeiros chavões que não poderiam faltar em qualquer género de discurso público. Nessa perspectiva, os discursos e práticas relacionados com a viagem assumiriam, evidentemente, um papel de importância basilar. Não é, assim, por acaso que nessa altura se tenha assistido quer a um significativo aumento de publicações de livros de viagens quer ao surto turístico fomentado pelo Estado a que temos vindo a fazer referência.

A proclamada «abertura ao mundo» e a (semi-)liberalização no domínio do turismo limitou-se, como se sabe, cinicamente ao «mundo socialista». O «resto do mundo», esse manter-se-ia, até à derrocada do Muro de Berlim, apenas acessível a uma minoria da população, nomeadamente aos reformados, que, no caso de não regressarem à pátria após suas excursões ao «outro lado», não constituiriam qualquer prejuízo para o sistema social e económico do Estado, e aos chamados *Reisekader*, os viajantes privilegiados que eram considerados uma espécie de «embaixadores» em quem o regime depositava a sua confiança para representar e dignificar a imagem da «República dos Operários e Camponeses» durante as suas «missões» por «terras de inimigo». Em relação aos cidadãos «normais» da RDA, a autorização para a transposição da fronteira ocidental era – pelo menos até 1987, altura em que, conforme referimos na introdução do presente

estudo, o regime deu um sinal de uma atitude mais liberal no que respeitava à concessão de vistos de viagens ao Ocidente – apenas concedida em «casos familiares de urgência», isto é, para assistir a funerais, baptizados ou casamentos de membros de família até ao segundo grau. Em termos sucintos poder-se-á, portanto, concluir que, durante as décadas de 1970 e 80, a política de viagem do governo chefiado por Honecker se caracterizou por uma falaciosa liberalização que assentava numa estratégia biface abrindo-se e fomentando-se, por um lado, o acesso ao turismo internacional circunscrito aos países socialistas e, por outro, limitando-se as possibilidades da experiência *in loco* de países ocidentais a um punhado de eleitos.

Face a essa ambiguidade, as «narrativas» dos viajantes privilegiados adquiririam uma função *duplamente* mediadora, sendo-lhes atribuída não só a tradicional tarefa da literatura de viagens como meio por excelência para a transmissão e aquisição de «experiências» e conhecimentos interculturais, como deveriam ainda desempenhar a missão (impossível) de «mediar» entre duas concepções políticas e práticas da viagem diametralmente opostas. Ainda que, na realidade, o discurso literário da viagem tenha, como poderemos verificar mais à frente, frequentemente subvertido os propósitos que se lhe pretendeu impor do exterior, de acordo com a concepção instrumental do regime, as funções dos livros de viagem deveriam, necessariamente, variar conforme se tratasse de périplos ou pelo «mundo socialista» ou pelo «mundo capitalista». Se, no que dizia respeito às viagens no «hemisfério socialista», a função dos livros de viagens seria a de contribuir para corroborar a proclamada «abertura ao mundo e à diversidade cultural» e, conseqüentemente, para «ampliar» o sentimento colectivo de uma RDA cada vez mais cosmopolita, já no que se referia às viagens ao «outro lado», as experiências «mediatizadas» deveriam não só fornecer um retrato da alegada decadência ocidental como, ao mesmo tempo, *compensar* virtualmente todos aqueles a quem o Estado não queria proporcionar a (in) felicidade dessa vivência concreta. Apesar de o fenómeno da representação literária e imagética da viagem se inscrever, conforme ainda teremos oportunidade de analisar, numa teia discursiva que transcende os objectivos e a retórica estritamente políticos, obedecendo, nomeadamente, a convenções e tradições *intra*literárias que, por sua vez, não podem ser consideradas fora do seu contexto histórico-social e cultural, uma abordagem da produção e recepção dos livros de viagens na RDA terá necessariamente de levar em conta a (tentativa de) instrumentalização a que esse género de

representações interculturais foi submetido. As respectivas consequências serão necessariamente aprofundadas no capítulo dedicado aos textos de viagem propriamente ditos. Para terminarmos a nossa exposição dos múltiplos contextos e factores *extraliterários* que condicionaram a percepção e media(tiza)ção interculturais, resta ainda tecer algumas considerações sobre as implicações e os sinuosos métodos de concessão do privilégio da viagem ao Ocidente, hemisfério esse que no imaginário da maioria da população a quem o Muro se apresentava como uma intransponível barreira se configurava, afinal, como o «verdadeiro» estrangeiro.<sup>179</sup>

### 3.4 A viagem «além-muro»: privilégio e missão

Ao contrário do que até aqui pudemos constatar em relação à mobilidade pelos países do «mundo socialista» que, por via de uma política de fomento do turismo internacional assim como pela respectiva ampliação mediática, se foram, desde a década de 1960, progressivamente abrindo à percepção e experiência interculturais de parte significativa da população da RDA, o «outro lado do mundo» manteve-se, enquanto espaço de vivência concreta, ao longo de quarenta anos, praticamente inacessível aos cidadãos «normais». No contexto específico da RDA, qualquer reflexão sobre o fenómeno da viagem, nomeadamente no que concerne à inextrincável inter-relação entre as experiências turísticas, as representações mentais e as mediatizações textuais e imagéticas de «realidades» estrangeiras, terá, assim, necessariamente de considerar as implicações e consequências da coexistência de duas tendências diametralmente opostas. Sabemos hoje que a manifesta inconciliabilidade entre as duas concepções políticas e respectivas expressões sócio-culturais no domínio da viagem que caracterizaram sobretudo a «era Honecker» (1971-1989), ou seja, a *abertura* e habituação a um estilo de vida mais cosmopolita, por um lado, e, por outro, a *limitação* artificial dessa mesma socialização intercultural apenas àquela parte do cosmos ideologicamente «sincronizada» com o próprio, contribuiu, de forma significativa, para a implosão de um sistema concebido sobre a ilusão

<sup>179</sup> Cf. Irmischer (1996: 65) que, numa série de entrevistas a cidadãos da antiga RDA sobre as suas viagens ao estrangeiro, diz ter deparado muitas vezes com afirmações no sentido da inexistência de quaisquer experiências a esse respeito, apesar de os entrevistados se referirem, ao mesmo tempo, às suas frequentes visitas aos países vizinhos do Bloco de Leste.

de que um muro físico e uma política de viagem restritiva seriam capazes de isolar, em pleno século XX, a sociedade da RDA de uma multissecular tendência universal, isto é, o imparável processo da globalização.

Ainda que esta falaciosa ideia não se tenha nem devido nem limitado ao regime da RDA, correspondendo, evidentemente, ao ideário e à estratégia genericamente prosseguidos por todos os estados sob a influência da União Soviética durante os tempos da «Guerra Fria», é de notar que, entre os governos dos países do Bloco de Leste, o de Erich Honecker foi, sem dúvida, um dos mais relutantes e resistentes à vaga (mesmo assim, excessivamente tardia) de reformas liberalizantes (*Glasnost e Perestroika*) desencadeada pela própria URSS após a chegada de Mikhail Gorbachev ao poder, em 1985. Essa relutância por parte da chefia da RDA em aceitar a necessidade imperativa de uma abertura efectiva à circulação global – e não apenas «semi-global» – de pessoas, bens e ideias como “uma questão de vida ou de morte para todas as nações civilizadas” (Marx/Engels) revelar-se-ia, do ponto de vista político, social e cultural, não só insensata, como manifestamente redutora e anacrónica, sobretudo se levarmos em conta tratar-se da negação de uma iniludível realidade que os próprios mentores do comunismo, Karl Marx e Friedrich Engels, perceberam já em meados do século XIX. Conforme se pode ler no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848, a implementação do modelo burguês como paradigma dominante das nações industrializadas deveu-se, significativamente, quer à «mundialização» da produção, do mercado e do fluxo de capital quer à crescente interconectividade de ideias e movimentos culturais à escala global (Marx/Engels, 1975: 64):

A burguesia, pela sua exploração do mercado mundial, deu um carácter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. (...) As velhíssimas indústrias nacionais foram aniquiladas [e] são desalojadas por novas indústrias cuja introdução se torna uma questão de vida ou de morte. (...) No lugar das velhas necessidades, que eram satisfeitas pelos produtos do país, surgem necessidades novas que reclamam para a sua satisfação os produtos dos países e dos climas mais longínquos. Em lugar da velha auto-suficiência e do velho isolamento locais e nacionais, surgem um intercâmbio generalizado e uma dependência generalizada de todas as nações entre si. E do mesmo modo que na produção material, também na produção espiritual. Os produtos espiri-

tuais das nações individuais tornam-se mercadoria comum. O nacionalismo unilateral e estreito está a tornar-se impossível (...).

A fim de superar esse domínio planetário do «modelo burguês» e implementar uma nova «ordem socialista», à crescente interdependência das nações ao nível da “produção material e espiritual” que teria possibilitado o desenvolvimento de uma (mono-)cultura de cunho liberal e cosmopolita – mas social e economicamente injusta – ter-se-ia, na perspectiva de Marx e Engels, de (cor)responder necessariamente com um movimento *transnacional*: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”

Ora, nos sistemas do «Socialismo Real» da segunda metade do século XX, a concepção marxista de um «internacionalismo socialista» circunscreveu-se, em termos da mobilidade física (turismo) e do intercâmbio intercultural, *grosso modo*, ao mundo dito comunista, o que, em última instância, revelou ser uma estratégia política, económica e culturalmente catastrófica. Essa cegueira perante a complexa dinâmica inter-relacional de processos económicos, sociais e culturais à escala mundial que remontavam à época dos chamados descobrimentos e que, nos séculos subsequentes, se tinham intensificado com o surgimento de novos meios de transporte e comunicação, dando, por sua vez, origem à indústria do turismo de massas, resultaria, conforme a História entretanto se encarregou de demonstrar, no colapso de todos os regimes do antigo Bloco de Leste. Neste sentido, poder-se-á considerar que a bicéfala política dos regimes socialistas, nomeadamente do da RDA, em relação ao fenómeno de massas (pós-)moderno do turismo internacional ilustra, de um modo deveras paradigmático e provavelmente mais evidente do que em qualquer outro domínio, uma das principais causas do desmoronamento de todo um edifício ideológico assente na ideia «pré-moderna» de que seria possível controlar politicamente essa imparável tendência universal no sentido de um “intercâmbio generalizado” entre as nações confinando-o, paradoxalmente, a uma espécie de semi-globalização de cunho socialista, sem levar em conta o que já Marx e Engels tinham percebido com toda a clarividência no século anterior. Isto é, que qualquer sistema nacional e/ou internacional que se auto-concebesse sobre os moldes de um modelo fechado, isolacionista ou unilateralista, estaria irremediavelmente condenado à morte. Ainda que a (pre)visão marxista de uma «revolução mundial» impulsionada e suportada pelo operariado internacional que conduzisse a um modelo societal – num



duplo sentido – *globalmente* mais justo se tenha revelado (até ao momento) uma mera profecia de carácter escatológico, já em relação ao processo da globalização económico-financeira e cultural que, a todos os níveis, se intensificaria vertiginosamente no pós-Segunda Guerra Mundial e no que diz respeito às advertências para a insustentabilidade de sociedades assentes em concepções políticas, económicas e culturais que tentassem anacronicamente resistir à evidência de uma crescente interdependência de *todas* as nações não poderia ter sido mais certa.

A *dupla estratégia* subjacente à política de viagem adoptada pelos regimes dos países socialistas para encontrar um meio-termo entre a proclamada *Weltoffenheit*, isto é, a curiosa forma de um cosmopolitismo, paradoxalmente, limitado apenas ao «mundo socialista», e o isolamento quase hermético face à alegada ameaça do «mundo capitalista» constituiu em si mesma uma aporia que acabaria por ditar a implosão de um sistema que se pretendia «internacionalista» por excelência. Se até aqui incidimos sobretudo na vertente «(semi-) cosmopolita» dessa dupla estratégia, isto é, a *abertura* turística ao «estrangeiro socialista» que os governos de Ulbricht e Honecker foram gradualmente fomentando, interessa agora observarmos um pouco mais de perto a outra face dessa política relacionada com o fenómeno da viagem.

Depois de nos termos debruçado sobre as diversas etapas históricas da peculiar evolução do fenómeno do turismo limitado ao «estrangeiro amigo», impõe-se uma exposição algo mais diferenciada dos múltiplos factores que condicionaram as viagens ao «estrangeiro não-socialista» e que, por conseguinte, determinaram a imagem colectiva profundamente ambivalente de um Ocidente, ora concebido de acordo com o discurso oficial, como «terra de inimigo» representando uma espécie de inferno imperialista, ora como «paraíso proibido» cujo acesso se transformaria num sonho obsessivo do cidadão comum da RDA.

A observação diacrónica do fenómeno da viagem de lazer confinada ao espaço do antigo Bloco de Leste a que procedemos nos parágrafos anteriores permite-nos deduzir que a evolução do turismo na RDA se insere, em termos genéricos, num macroprocesso sociocultural característico das sociedades industrializadas do século XX, ou seja, o exponencial crescimento da mobilidade internacional proporcionado pela democratização do acesso às diversas infra-estruturas e bens de consumo turísticos. Partindo do pressuposto de que o turismo de massas constitui uma das poucas

referências consensuais na complexa discussão em torno dos factores que poderão funcionar como indicadores do grau de «modernidade» de determinada sociedade e olhando à evolução desse domínio na RDA, sobretudo durante as duas últimas décadas de sua existência, nas suas “reflexões para uma história cultural da RDA”, Dietrich Mühlberg (1994: 69) considera que “a sociedade da RDA seguiu obrigatoriamente as tendências de modernização que nessa altura caracterizavam todas as sociedades industrializadas.” Ainda que esta tese de que a RDA “acompanhou forçosamente as tendências de modernização” das sociedades industrializadas nos pareça *genericamente* válida, ter-se-á, porém, de proceder a uma relativização levando-se também em conta algumas características do fenómeno do turismo na RDA que o diferenciam, de um modo não pouco significativo, das respectivas formas e práticas em sistemas políticos e económicos mais liberais. Conforme já pudemos observar, na «moderna» Alemanha do Leste os principais traços distintivos do turismo consistiram, por um lado, no forte dirigismo estatal por via do qual se fomentou a mobilidade internacional e, por outro, na paradoxal circunscrição geopolítica dessa mesma tendência cosmopolitizante ao «hemisfério socialista». Enquanto a progressiva liberalização e democratização da viagem de lazer confinada ao espaço socialista corroboram portanto a ideia da «modernidade» social e cultural da RDA, as severas restrições ao fluxo de mobilidade no sentido ocidental apontam – precisamente num sentido inverso – para um anacrónico provincianismo característico das sociedades pré-modernas.

Essa bicéfala política de viagem não só reflecte as características ambiguidades das estratégias e práticas do poder da RDA, como ilustra, de forma paradigmática, as profundas e indissolúveis contradições inerentes a um edifício ideológico fundamentado sobre a falácia de que a identificação das massas com o sistema se podia alcançar por via da exclusão do «Outro ideológico» (o Ocidente), sem levar em conta que «identidade» é um conceito e sentimento relacional que se constrói inevitavelmente por via de uma osmose constante com a diferença.<sup>180</sup> Neste sentido, poder-se-á conside-

<sup>180</sup> A respeito da inextrincável teia inter-relacional das dimensões do «próprio» e do «outro» que sustenta os sistemas identitários, vejam-se, por exemplo, o volume editado por Münkler (1997), a «filosofia intercultural» de Waldenfels (1997) e, do ponto de vista sociológico, Elias (1993). Numa perspectiva antropológica, também Renate Schlesier (2000: 136) postula que a viagem, isto é, o contacto com o outro, é uma condição constitutiva de qualquer identidade cultural, ao afirmar que “nenhuma cultura, por mais distante que seja ou por mais «genuína» que parece, deixou de ter, por períodos prolongados, contactos com outras culturas.” Dito de outro modo, nomeadamente com recurso ao emblemático conceito cunhado por James Clifford (1997: 17-46):

rar que, ao contrário da visão ocidental do pretensão perigo expansionista do Socialismo, este assentava afinal numa concepção política e cultural profundamente defensiva e conservadora que, por sua vez, remontava ao ideário insular e isolacionista subjacente a muitas utopias de Estado clássicas, renascentistas e neoclássicas. A seguinte digressão histórica – ainda que necessariamente breve e sucinta – pelos arquétipos de matriz utópica, em que o fenómeno da (limitação da) viagem ocupa, de resto, um lugar central, servirá aqui para explicar a origem da referida aporia ou paradoxo que caracterizou a concepção e política de viagem do regime RDA.

De um modo meramente conceptual, é certo, poder-se-á entender a efémera existência do edifício ideológico chamado RDA como um projecto histórico parcialmente assente no arquétipo filosófico-literário da «utopia de Estado» que remonta a uma multissecular tradição. Na verdade, se perspectivarmos a «grande narrativa» (Lyotard) escatológica e teleológica do Socialismo sob o prisma diacrónico, deparar-nos-emos obrigatoriamente com o fenómeno da *viagem* como um temática recorrente que se estende como que um fio condutor através de toda história desse género utópico.<sup>181</sup> Conforme constata Kornelius Schütze (1995a: 13) no seu interessante volume ensaístico significativamente intitulado de *Gefährliche Geographie* (Geografia Perigosa), no “horizonte da utopia”, a viagem não só constitui um tópico imprescindível ou mesmo constitutivo, como é, modo geral, concebida como um “sinónimo de liberdade”:

Die Verknüpfung von Utopie und Reiseverbot wirkt zunächst wie ein Affront, spricht sie doch sowohl den Utopien als auch der Reisefreiheit hohn. Das Reisemotiv ist im utopischen Horizont unverzichtbar und mit der Freiheit fast synonym.

Esta tradicional associação directa entre *utopia*, *viagem* e *liberdade* tem, assim, impedido tomarmos consciência de que a maioria das narrativas utópicas assentam na restrição proibitiva da mobilidade física dos cidadãos desses «estados perfeitos». Ao longo da história das construções filosóficas

---

todas as culturas são “traveling cultures”, o que significa que “intercultural connection is, and has long been, the norm” (*idem*: 5) e que a relação entre os conceitos *roots* (raízes) e *routes* (rotas ou itinerários) é bem mais complexa e intrincada do que a entre palavras meramente homófonas em inglês.

<sup>181</sup> Para uma visão histórica do género «utopia de Estado», veja-se Berghahn/Seeber (1983).

e literárias de sistemas sociais *u-tópicos*, isto é, *a-espaciais* e *a-temporais*, muitos foram os “gestores de utopias” que “restringiram fortemente a viagem ou a proibiram mesmo por completo” com o manifesto propósito de precaver uma infiltração de “novidades ameaçadoras” à estabilidade do sistema e, por conseguinte, à pressuposta felicidade dos habitantes (Schütze, 1995b: 596ss). De facto, desde a colónia agrária na ilha de Creta projectada nas *Leis* de Platão, em que só aos sábios anciãos seria permitido viajar na função de «observadores», passando pela referência à obrigatoriedade de se possuir uma autorização oficial emitida pelo Estado sem o qual os habitantes da ilha *Utopia* de Thomas Morus não podiam deslocar-se além-fronteiras – um visto, portanto -, pela *Nova Atlântida* de Francis Bacon, onde havia uma «academia» que regulava com rigor a entrada e saída de viajantes estrangeiros e autóctones, até ao modelo economicamente autarca do *Geschlossener Handelsstaat* (1800) esboçado por Johann Gottlieb Fichte, cujo «Estado da Razão» limitaria o acesso à viagem transfronteiriça apenas aos «estudiosos e artistas superiores», Schütze evoca numerosos exemplos da tradição restritiva em relação à mobilidade que caracteriza esse género de narrativas utópicas. Os paralelismos entre as clássicas construções ficcionais e/ou filosóficas de estados virtuais e o funcionamento concreto num sistema em que vigorava o chamado «Socialismo Real» (*realexistierender Sozialismus*) são por de mais evidentes. O seguinte excerto do mencionado ensaio de Fichte (1971, Bd. III: 506s) é deveras elucidativo da concepção restritiva da viagem em que deveria assentar o Estado utópico *Geschlossener Handelsstaat*, concepção e formulação essas que, conforme à frente verificaremos, muito se assemelham às directrizes esboçadas num manual sobre os regulamentos de «viagens ao serviço» do Estado «real» da RDA:

Zu reisen hat aus einem geschlossenen Handelsstaat nur der Gelehrte und höhere Künstler: der müssigen Neugier und Zerstreungssucht soll es nicht länger erlaubt werden, ihre Langeweile durch alle Länder herumzutragen. Jene Reisen geschehen zum Besten der Besten der Menschheit und des Staates; weit entfernt, sie zu verhindern, müsste die Regierung sogar dazu aufmuntern, und auf öffentliche Kosten Gelehrte und Künstler auf Reisen schicken.

[Num Estado de Comércio fechado só ao estudioso e ao artista sublime dever ser permitido viajar além-fronteiras; à ociosa curiosidade e ao vício da diversão já não se deverá permitir conduzir o seu tédio e enfado pelo mundo fora. Aquelas viagens acontecem para o bem dos melhores da Humanidade e do Estado; longe de as impossibilitar, o governo deveria mesmo incentivá-las e enviar, a custo público, os estudiosos e artistas em viagem.]

Essa elite de viajantes criteriosamente seleccionados entre a «inteligência», cujos périplos missionários deveriam ser, “a bem da Humanidade e do Estado”, fomentados (e supervisionados) pelas autoridades, configurar-se-ia e revestir-se-ia, na realidade concreta do «Estado Fechado» da RDA, de uma peculiar designação: *Reisekader*.

Voltando, portanto, à política e prática concretas de viagem na RDA, facto é que, à excepção das escassas dezenas de milhares de viagens explicitamente turísticas destinadas a países ocidentais, como por exemplo à Áustria, Finlândia, Dinamarca, França ou mesmo à RFA, que a «Agência Nacional de Viagens» passaria, pouco antes da implosão definitiva do regime, a «comercializar» a preços não subvencionados e que, por isso, se manteriam apenas acessíveis aos «bonzos» do regime,<sup>182</sup> a viagem ao Ocidente nunca foi entendida – pelo menos, não em termos oficiais – como um fenómeno de lazer cuja regulamentação seria, por conseguinte, um assunto do foro social e laboral. Se mesmo em relação ao crescente fluxo do turismo no «hemisfério socialista» verificámos tratar-se de uma evolução que, em última instância, também assentava numa estratégia intrinsecamente funcional, no que se refere à mobilidade «além-muro» a concepção instrumental da viagem era ainda mais evidente. Por outras palavras, em contraste com a progressiva abertura turística aos «países amigos», que era idea(liza)da quer como uma prática sociocultural «tipicamente» moderna

<sup>182</sup> Cf. Saretzki/Krohn (1992: 333). Exceptuando o número, avançado por Spode (1996: 22), de 18.000 viagens turísticas com destino à Dinamarca vendidas, em 1988, pela agência *Staatliches Reisebüro*, não nos foi possível averiguar dados mais concretos sobre as dimensões quantitativas dos volumes dos périplos de lazer a países ocidentais empreendidos por cidadãos da RDA. Para os anos de 1987 e 1988, Schroeder (1998: 582) aponta a concessão de cerca de 1,2 milhões de vistos para viagens ao Ocidente, primordialmente à RFA, realizadas por «motivos familiares de urgência». Independentemente dos números exactos, não há dúvida de que, além de tardia, se tratou de uma abertura meramente simbólica que não foi, de forma alguma, capaz nem de satisfazer a ânsia colectiva pelo acesso ao «outro lado do mundo» nem de anular a força das «energias negativas», isto é, as frustrações acumuladas ao longo de quatro décadas, que, por fim, não só fizeram cair o Muro como se consubstanciaram sob a forma de um golpe de misericórdia que ditaria a dissolução do Estado RDA.

e que o regime pretensamente progressivo deveria, por isso, fomentar, quer como um meio para a formação e solidificação de uma «identidade socialista» das massas, as deslocações ao mundo ocidental nunca foram concebidas como um fenómeno propriamente turístico. Exceptuando as visitas a familiares residentes do outro lado do Muro em casos de «emergência» assim como o turismo empreendido pelos cerca de 1,3 milhões de cidadãos reformados que, entre 1965 e 1985, terão em média anualmente transposto a fronteira no sentido ocidental,<sup>183</sup> as viagens ao «estrangeiro não-socialista» eram, de acordo com a lógica e o discurso governamentais, explicitamente submetidas a uma função política, obedecendo nomeadamente à incumbência de uma espécie de representação diplomática cujo sucesso só uma elite de viajantes criteriosamente seleccionados poderia garantir. As directrizes oficiosas, emitidas em 1972, sobre os “princípios fundamentais e as regulamentações do trânsito viático entre a RDA e os estados não-socialistas” não deixam pois qualquer dúvida quanto à concepção e instrumentalização políticas das viagens além-muro, uma vez que aí se reitera, repetidamente, que “o viajante tem a obrigação de representar a RDA com dignidade”. Num interessante artigo dedicado aos “Pflichtberichte der wissenschaftlichen Reisekader der DDR”, ou seja, aos relatórios que todos os detentores de vistos para o Ocidente eram obrigados a redigir sobre os seus périclos por «terras do capitalismo», Sabine Gries (1995: 148s) cita algumas passagens das referidas directrizes que ilustram, de forma inequívoca, essa subjugação funcional da viagem aos “interesses de estado e sociais da RDA”:

Immer stand im Vordergrund der Genehmigung einer Reise das staatliche und gesellschaftliche Interesse der DDR. “Der Reisende muß die DDR würdig vertreten“. (...) Im Vordergrund [der Westreisen] steht die “sozialistische Persönlichkeitserziehung” und das Ziel, “die DDR im Ausland würdig zu repräsentieren“.

[Em primeiro plano da autorização de uma viagem esteve sempre o interesse estadual e social da RDA. «O viajante deve representar dignamente a RDA». (...) No primeiro plano (das viagens ao Ocidente) está a «formação socialista da personalidade» e o objectivo de «representar a RDA no estrangeiro com dignidade».]

<sup>183</sup> Cf. Schroeder (1998: 584).

No contexto da RDA, o fenómeno da viagem ao Ocidente reveste-se assim, intrínseca e paradoxalmente, de uma dupla dimensão configurando, por um lado, um privilégio social de um inestimável valor simbólico e, por outro, um «dever ao serviço da pátria». O estatuto ambivalente desses viajantes privilegiados e as condições específicas que envolviam as suas «missões» em «terra de inimigo» interferiram necessariamente no complexo processo da percepção intercultural co-determinando, por conseguinte, também a produção e recepção das respectivas representações/encenações. No capítulo dedicado aos livros de viagens propriamente ditos, proceder-se-á a uma análise mais detalhada dos vestígios discursivos e marcas narrativas resultantes desse peculiar enquadramento das viagens ao «estrangeiro não-socialista». Previamente parece-nos, no entanto, conveniente esboçar, ainda que de forma necessariamente sucinta, algumas reflexões sobre a concepção e o funcionamento do «sistema dos quadros de viajantes» (*Reisekader*) por via do qual algumas dezenas ou centenas de milhares<sup>184</sup> de cidadãos da RDA, maioritariamente recrutados entre a «inteligência» (cientistas, investigadores, artistas) e outras personalidade representativas das «proezas do Socialismo», tais como desportistas de gabarito internacional e altos funcionários do Estado e do partido SED, puderam aceder ao prestigiado bem (simbólico) da viagem ao Ocidente.

### 3.4.1 A «caça aos privilégios» e o seu preço

Contrariamente à retórica igualitarista do «Socialismo Real», a sociedade da RDA era sustentada por uma complexa teia de favorecimentos quer pessoais quer de determinadas camadas profissionais entre as quais os escritores e artistas em geral, isto é, os “engenheiros das almas” (Estaline), gozavam de um tratamento e estatuto muito especial. Essa «discriminação positiva» manifestava-se, de acordo com a descrição de Stefan Wolle (1999: 471s) na sua História do poder e do quotidiano na «era de Honecker», num “complicado sistema de pequenos e grandes privilégios”:

---

<sup>184</sup> As investigações sobre esta temática específica a que recorremos para a elaboração do presente estudo não permitem uma quantificação, nem pouco nem mais ou menos, exacta do número total de viagens ao Ocidente empreendidas por cidadãos da RDA.

In der »geschlossenen Gesellschaft« der DDR gab es, abgesehen von den rein materiellen Bevorzugungen, ein kompliziertes System kleiner und großer Privilegien. Ihr höchstes und schönstes Gut bestand in dem Recht, sie wenigstens zeitweise verlassen zu dürfen. Das Zauberwort lautete »Reisekader« und meinte nicht die Gesamtheit des Kaderbestandes, sondern den einzelnen Inhaber des Westreiseprivilegs. Der psychologische und praktische Wert dieses Status läßt sich kaum hoch genug veranschlagen (...).

[Na «sociedade fechada» da RDA havia, para além dos favorecimentos puramente materiais, um complicado sistema de pequenos e grandes privilégios. O seu mais elevado e mais belo bem consistia em poder abandoná-la pelo menos por algum tempo. A palavra mágica era «Reisekader» e não se referia à totalidade dos que pertenciam aos quadros do país, mas aos singulares portadores do privilégio da viagem ocidental. O valor psicológico e prático desse estatuto só pode ser estimado como algo que se situava no mais alto patamar (dos objectivos que um cidadão comum da RDA jamais poderia almejar.)]

A panóplia dos “favorecimentos puramente materiais” a que o excerto citado se refere podia ir desde o acesso facilitado aos chamados *Intershops*,<sup>185</sup> onde se podiam encontrar e comprar (apenas com moeda estrangeira) os bens de consumo «exóticos», isto é, os mais diversificados artigos e víveres importados dos países capitalistas que, no «mercado normal» da RDA, se caracterizavam pela sua crónica escassez, passando por facilidades diversas na organização do dia-a-dia, tais como em relação à concessão de habitações ou mesmo de subsídios para suas rendas, à compra de mobiliário, de electrodomésticos, de materiais para a construção das muito populares *Datschen*, ou seja, as casinhas de fim-de-semana e de férias,<sup>186</sup> à obtenção de um automóvel e suas peças sobresselentes, até à muito cobiçada ligação à linha de telefone, um luxo com que, até finais da década de 1980, apenas uma minoria ínfima de todos os lares da RDA estiveram equipados e por cujo acesso se esperava, de acordo com as memórias de Günter Kunert (1999: 191), “pelo menos, durante dez anos”.

<sup>185</sup> Sobre a importância simbólica dos *Intershops* como «janelas» para o «outro lado do mundo», ou seja, como “montras do paraíso do consumo”, mas também sobre o seu impacto real na economia da RDA, veja-se Wolle (1999: 116-122).

<sup>186</sup> A respeito da grande popularidade desses «pequenos paraísos privados» que os cidadãos da RDA projectavam como lugares idílicos de refúgio da omnipresença do «colectivo socialista», vide Biskupek/Wedel (2003: 55-159).



Que a viagem ao Ocidente, cuja única via legal de acesso passava, para os cidadãos não-reformados, pela inclusão no «quadro de elite» dos *Reisekader*, constituía, nesse complexo sistema de favorecimentos materiais e simbólicos, um dos mais valiosos privilégios – senão mesmo o mais apreciado entre todas as distinções que as autoridades poderiam conceder – é o que Erich Loest tentou demonstrar num dos seus romances escritos após o seu abandono definitivo da RDA em 1981. Em *Zwiebelmuster*, primeiramente publicado em 1985, é contada a labiríntica odisseia do casal Haas em busca do inestimável prestígio social e, conseqüentemente, da elevada auto-estima psicológica representados pela pertença ao grupo restrito daqueles cidadãos que podiam gozar de uma autorização oficial para transpor a fronteira da RDA em direcção ao «estrangeiro não-socialista». Os protagonistas principais, ou seja, o historiador e escritor Hans-Georg Haas e sua esposa Kläre, directora de um importante armazém comercial em Leipzig – que é também a cidade natal do próprio Loest –, são um casal económica e profissionalmente bem-sucedido e gozam, por conseguinte, dos tais pequenos favorecimentos materiais e simbólicos que lhes asseguram uma vida quotidiana estável e, aparentemente, agradável. Do ponto de vista político, podem ser considerados «enquadrados» com o regime, já que ambos são membros militantes do partido SED. Os seus dois filhos tiveram uma educação e socialização em conformidade com os ideais oficialmente propagados pelo discurso do Socialismo. Enquanto o filho Thorsten se decide por servir fielmente a «pátria socialista» enveredando pela carreira militar no exército popular da RDA, a filha adolescente, que, no ano de 1983 em que decorre acção do romance, se encontra a concluir os estudos no ensino secundário, ao estabelecer namoro com um jovem holandês que, cursando arquitectura em Berlim ocidental, a vem regularmente visitar com um «visto diário», demonstra, no entanto, já uma certa «instabilidade» ideológica, instabilidade essa que, por fim, a levaria a participar numa manifestação pacifista considerada ilícita pelas autoridades e que, em última instância, iria dificultar aos seus pais a obtenção do muito almejado visto para uma viagem ao Ocidente. Apesar desse pequeno «desvio» de Marion, poder-se-ia, ainda assim, considerar que o casal Haas se caracteriza por um conduta social e politicamente correcta, reunindo portanto as condições necessárias para aspirar à integração na elite social dos “mais privilegiados entre os privilegiados” (Loest, 1991: 132). Não obstante a sua (aparente) «lealdade socialista» e seu respectivo enquadramento no

sistema, a obsessão com que Haas prossegue, a todo custo, o seu objectivo de uma viagem ao Ocidente *tout court*, independentemente de que país do «outro mundo» se tratasse em concreto, revela como a sua pretensa integridade ideológica é afinal minada pelos mais banais instintos humanos, tais como a busca egoísta da autovalorização pessoal e a inveja de todos aqueles que “gozavam do maior privilégio que o Estado (da RDA) podia conceder, uma viagem ocidental” (*idem*). Num dos convívios de amena cavaqueira na «Associação dos Escritores» (*Schriftstellerverband*), que o protagonista frequenta com relativa regularidade para fazer mexer os cordelinhos nessa instituição indispensável à obtenção de um visto, Haas assiste às descrições das aventuras de alguns dos seus colegas em terras ocidentais, inclusive na «outra Alemanha», e vê-se a si mesmo ser «devorado» pela inveja<sup>187</sup> (*idem*: 32s):

Haas saß still dabei und beobachtete, wie in ihm der Neid wuchs, dieser fressende, böse Neid auf jemanden, der das größte Privileg genoß, das dieser Staat zu vergeben hatte, eine Westreise. (...) wer einmal Reisekader war, schlüpfte dann auch kurz nach West-Berlin. Er selber ... Diesmal wird's, suggerierte er sich, Algerien oder Griechenland ist schnurz, und wenn sie mich nach Island schicken, dann eben Island.

[Haas acompanhava, silencioso, a conversa e observava, como nele ia crescendo a inveja, aquela inveja devoradora e maléfica por alguém que gozava do maior privilégio que este estado podia conceder, uma viagem ao Ocidente. (...) aquele que uma vez passe a integrar o quadro de viajantes,

<sup>187</sup> A propósito da rivalidade e da inveja entre a «casta» dos escritores da RDA – mesmo entre os que genericamente podem ser considerados opositores do regime – devido à prática desigual na concessão do privilégio da viagem ocidental por parte das autoridades, veja-se também o significativo reparo de Loest no seu livro de cunho autobiográfico *Der vierte Zensor* (1984; *apud* Sahlmen, 1992: 109): “Wie hatte sich IBM neidvoll das Zwerchfell gehärtet, hörte er, daß Christa Wolf nach New York flog, Kunert nach London, Fries war in Paris gewesen und hatte für demnächst Portugal im Visier.” Na verdade, grande parte dessas viagens empreendidas pelos escritores enunciados resultariam em pequenos textos ou mesmo em livros de viagens. Curiosamente, segundo as nossas investigações, os alegados planos de Fries de uma viagem a Portugal, nunca se realizaram, tendo-se (forçosamente?) contentado com diversos périclipos pela Espanha pós-franquista, em 1976 e 1977, dos quais resultou o seu livro de viagens *Mein Spanisches Brevier* (1979). O facto de no seu diário *Im Jahr des Hahns*, publicado em 1996, mas referente aos anos de 1979, 1984, 1993 e 1995, se encontrarem diversas referências a Portugal (1996: 9, 17, 154), país para o qual, segundo confessa, em 1993, ao investigador literário Mittenzwei, um dia gostaria de emigrar, é um indicador de que Fries terá mesmo desejado empreender tal viagem. Face à rápida reviravolta política no Portugal pós-PREC, não surpreende que nunca lhe tenha sido autorizada.

depois também terá a hipótese de dar, de vez em quando, uma saltinho a Berlim ocidental. Ele próprio ... Desta vez ia consegui-lo, sugeria a si mesmo, a Argélia ou a Grécia, é indiferente, e mesmo que me enviem para a Islândia, que seja então a Islândia.]

As conversas em família giram constantemente em torno do projecto de uma viagem «além-muro», périplo esse cujo destino geográfico propriamente dito lhe é mais ou menos indiferente, conforme o protagonista confessa à sua filha (*idem*: 11):

«Eigentlich«, sagte Hans-Georg Haas, »wäre mir Südamerika lieber gewesen.« Aber für das nächste Jahr seien alle Reisen dorthin ausgebucht. Er wolle eine Schiffsreise ins westliche Ausland machen, da könnte man nicht noch Sonderwünsche einbringen. Er hatte einen Vorschlag nachgereicht: Über die Nationenbildung nach der Ablösung der Kolonialherrschaft wollte er schreiben, das war ihm vorher nie in den Sinn gekommen und lag weitab von seinem Spezialgebiet, aber solch eine Absichtserklärung machte sich in den Antragspapieren gut. Als er sich auf das Mittelmeer umstellen mußte, wollte er den Aufstand [einer bestimmten lokalen Ethnie] in den zwanziger Jahren als Thema arbeiten. In Oman oder Algier würde das Schiff schon halt machen.

[«No fundo», dizia Hans-Georg Haas, «teria preferido a América do Sul.» Mas para o ano seguinte já todas as viagens a esse destino estariam esgotadas. Ele pretendia fazer uma viagem de navio ao estrangeiro ocidental, e portanto não seria possível apresentar, ainda por cima, desejos muito especiais. Ele teria enviado uma proposta: Pretendia escrever sobre a formação das nações após a dissolução do poder colonial, algo que, anteriormente, nunca lhe teria vindo ao juízo e que se encontrava muito fora da sua área de especialidade, mas um voto de intenção desse género ficaria bem na papelada do requerimento. Quando tivera de mudar para o Mediterrâneo, teria pretendido trabalhar como tema a insurreição de um determinado povo da região nos anos vinte. Bem, o navio haveria de fazer uma qualquer paragem em Omã ou na Argélia.]

A fim de justificar a sua candidatura oficial a um «visto ocidental» para investigações *in loco*, o Dr. Hans-Georg Haas vai esboçando projectos muito distintos, consoante as diferentes alternativas geográficas que lhe vão sendo sugeridas, por exemplo, pelo seu editor ou por um amigo estrategicamente

bem situado no complicado aparelho hierárquico responsável pela autorização de viagens ao «estrangeiro capitalista» que envolvia quer o Conselho Distrital, quer a Associação de Escritores, quer a *Stasi* (Serviços de Segurança) e podia ser mesmo decidida na mais elevada instância do Ministério dos Negócios Estrangeiros e/ou do Comité Central. Desde histórias fictícias de espionagem<sup>188</sup> à John Le Carré (*idem*: 17) sobre as actividades de um agente da CIA em terras gregas ou de um contra-espião da RDA em Munique, passando por estudos de índole politológica sobre os levantamentos nacionalistas em Omã ou os movimentos de libertação colonial na costa norte-africana, na Argélia, na Líbia ou na Tunísia (*idem*: 18), múltiplos são os pretensos projectos de investigação que o protagonista vai obsessivamente elaborando para manter uma maior variedade possível de destinos no mundo ocidental – na melhor das hipóteses, mesmo meridional – em aberto. Devido às sucessivas barreiras burocráticas ou, melhor, aos “erros de coordenação” (*idem*: 174) entre as diferentes repartições responsáveis pela autorização dos vistos ocidentais que vão sucessivamente adiando o sonho de uma viagem ao outro lado do Muro, Haas vai-se sentido cada vez mais como um “escritor de segunda categoria” (*idem*: 45) e entra numa profunda depressão. Como compensação é-lhe proposta uma «viagem de delegação» a Kiev, na Ucrânia, que Haas declina por causa das suas experiências anteriores muito negativas com essa forma de turismo aos «países amigos» (*idem*: 181), no âmbito do qual os excursionistas oriundos da RDA seriam, em comparação com a atenção dada aos ocidentais, tratados como «turistas de segunda»:

«Geh mir weg mit Kiew.« Jedes Jahr fuhren Gruppen hin, einmal war[en] sie dabeigewesen. Einen Tag lang war ihr Zug inmitten ukrainischer Felder auf ein Nebengleis geschoben worden, sie waren in Vierbettzimmer in einer Art Jugendherberge untergebracht gewesen, einmal hatten sie, fast schon an den Tischen sitzend, einen Speisesaal räumen müssen, denn nicht für sie war gedeckt, sondern für kanadische Touristen; ihre Mahlzeit wurde der Devisenbringer wegen um drei Stunden verschoben.

<sup>188</sup> A fórmula de sucesso de uma mistura do género policial com o relato de viagens fictício, ou seja, de se colocar o enredo de narrativas de espionagem em cenários exóticos, é paradigmaticamente representada pela grande popularidade dos «romances de aventura» do escritor (alinhado com o regime) Wolfgang Schreyer. Sobre a instrumentalização doutrinadora desse género de narrativas, veja-se a breve análise de Matos (2003: 293-297) do romance de aventura e espionagem de Jürgen Lenz *Kein Paß für Rio* (1966), cuja acção decorre no Brasil.

[«Não me venhas com Kiev.» Todos anos lá iam grupos, eles próprios também já lá tinham estado. O seu comboio fora desviado para um trilho secundário, durante um dia inteiro, em plena planície de campos ucranianos; tinham estado hospedados em quartos de quatro camas num albergue de juventude; uma vez, estando já quase sentados à mesa, tinham sido obrigados a abandonar uma sala de refeições porque não tinha sido preparada para eles mas para um grupo de turista canadianos; a sua refeição fora atrasada por três horas, devido ao interesse em divisas.]

Face às «maravilhosas» experiências antecipatórias que Haas tinha, durante meses a fio, vivido por via das suas leituras de pesquisa relacionadas com todos aqueles «fantásticos» países no «estrangeiro não-socialista» – ainda que situados em zonas muito diferentes do globo e, consequentemente, inseridos em esferas culturais muito díspares entre si – nenhum destino no «mundo socialista» seria capaz de lhe proporcionar qualquer sensação de consolo. Numa altura em que o protagonista já se resignara ao seu estatuto de um historiador e escritor da RDA condenado a uma existência literalmente *provinciana* e, por isso, decidira prosseguir uma antiga investigação sobre a porcelana da região de Meißen com o seu famoso padrão *Zwiebelmuster* – daí o título deste romance de Erich Loest – surge uma reviravolta. A Associação de Escritores propõe-lhe uma “viagem de serviço” a Munique com a duração de dez dias. A sua «missão» como *Inoffizieller Mitarbeiter* da *Stasi*, isto é, como «colaborador inoficial» dos Serviços de Segurança, consiste em transportar documentação secreta da RDA para fins de espionagem na RFA. Como seria de esperar, essa surpreendente hipótese de poder representar a sua pátria socialista numa espécie de missão diplomática faz redespertar o seu ânimo e auto-estima, vendo-se finalmente reconhecido como *Reisekader*, ou seja, como um «cidadão de primeira classe» pertencente à elite intelectual do seu país. No entanto, no último instante antes de realizar o seu sonho, quando já se preparava para subir ao comboio que o deveria transportar «ao outro lado do mundo», Haas tem um colapso nervoso e cai no cais, queda essa que lhe provoca um forte traumatismo craniano do qual levaria cerca de três anos a recompor-se. Curiosamente, segundo o diagnóstico médico, a causa do colapso teria resultado de uma experiência traumática relacionada com o estrangeiro, o que, para a convalescença do paciente, implicaria que, na sua presença, se

deveria doravante evitar pronunciar qualquer palavra associada ao campo semântico da viagem (*idem*: 283s):

Die Ärzte sagen (...), daß ein Auslandstrauma zu vermuten ist. Einmal kam der Gedanke auf, ihn mit seiner Frau nach Bulgarien zur Erholung zu schicken (...) Auch die Genossin Haas war [aber] der Meinung, so was ihm gegenüber gar nicht zu erwähnen. Begriffe wie Paß, Visum, Schiffsplatz, sogar wie Fahrkarte und dergleichen sollten vorerst außerhalb seiner Begriffswelt gelassen werden.

[Os médicos dizem (...) que desconfiam de um trauma do estrangeiro. Chegou mesmo a surgir a ideia de o enviar com a sua esposa para a Bulgária, afim de relaxar. (...) Porém, também a camarada Haas achou que nem sequer se lhe deveria mencionar esse assunto. Palavras como *passaporte*, *visto*, *lugar de navio*, e mesmo como *bilhete de viagem* e coisas do género, deveriam ser, por enquanto, excluídas do seu mundo conceitual.]

O facto de aqui destacarmos, de um modo algo extensivo, alguns tópicos centrais do romance *Zwiebelmuster* deve-se a duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque Loest apresenta um retrato – apesar de fictício, deveras verosímil e detalhado – da «aura mágica» que, na RDA, envolvia o imaginário colectivo do mundo ocidental, assim como do grande prestígio social, ou dito de outro modo, do “inestimável valor psicológico” e simbólico associado ao estatuto do “detentor do privilégio da viagem ao Ocidente” (Wolle, 1999: 472). Em segundo lugar, há a realçar a trama kafkiana dessa narrativa que reflecte, provavelmente de uma forma mais expressiva e elucidativa do que qualquer ensaio científico sobre o tema o possa fazer, o *modus operandi* (propositadamente) arbitrário da prática do regime da RDA relacionada com a viagem «ao outro lado». A constante oscilação entre a expectativa e o fracasso, entre a euforia e a depressão, que, ao nível da forma e do conteúdo, imprimem à narrativa um efeito contínuo de *suspense*, ilustra, de um modo quer reflexivo quer auto-reflexivo, a estratégia de manipulação, de chantagem e coação psicológicas, prosseguida pela sinuosa política da concessão de vistos ocidentais. Se no romance de Loest, escrito ainda antes da derrocada do Muro, a tensão contínua que vacila entre a promessa e o incumprimento da «abertura ao mundo» global – e não apenas ao mundo dito socialista – resulta num colapso do sistema

nervoso do protagonista, na História «real» esse perverso jogo político e psicológico do poder contribuiu, ironicamente, como hoje sabemos, para o colapso da própria RDA enquanto regime e edifício ideológico. Dito de outro modo, ainda que as peripécias narradas em *Zwiebelmster* nos pareçam, por vezes, demasiadamente grotescas ou mesmo mirabolantes para poderem ser «verdade», facto é que esse romance não só fornece um quadro «realista» da obsessão colectiva dos cidadãos da RDA pelo acesso ao hemisfério situado a oeste da «Cortina de Ferro» e, respectivamente, das desilusões, depressões e traumas causados pelos sinuosos procedimentos governamentais a esse respeito, como antecipa no manto da ficção – mas de um modo, porventura, surpreendentemente certo – uma das principais causas da implosão da «grande narrativa» socialista, a saber: a manifesta incapacidade dos dirigentes para perceber que a fantasia colectiva dos cidadãos não consistia em abandonar a RDA em definitivo, mas sim no desejo de poderem, esporadicamente, experimentar o Ocidente *in loco*, para depois regressarem à pátria, conforme o famoso dramaturgo Heiner Müller afirmara numa entrevista, de 1982, concedida a uma revista da RFA (*apud* Spode, 1996: 14): “Die Allgemeine Haltung hier, oder die allgemeine Phantasie, ist, von Zeit zu Zeit in den Westen zu gehen und wiederzukommen.” [Aqui, a atitude geral ou a fantasia geral é a de se poder ir, de tempos em tempos, até ao Ocidente e regressar.] Num jogo de palavras que, em língua alemã, assenta na simples substituição de um “ß” por um “s” – jogo esse que em português não funciona – poder-se-ia portanto resumir essa “atitude ou fantasia” da maioria da população face à impossibilidade da livre circulação num mote do género «*Ausreisen, nicht ausreißen!*»<sup>189</sup>, o que traduziria o desejo generalizado entre os cidadãos «normais» da RDA, não de *emigrar* ou fugir, mas de poder *viajar* em turismo, de acordo com as suas vontades, inclinações e disponibilidades individuais, pelo espaço geopolítico situado além das fronteiras do «mundo socialista».

Este intenso desejo colectivo de uma viagem turística «ao outro lado» está também subjacente à narrativa do escritor ocidental Friedrich Christian Delius (1995) *Der Spaziergang von Rostock nach Syrakus*. A sua trama

<sup>189</sup> Cf. o seguinte verso de um poema de Michael Wüstemfeld com o título *für Uwe Kolbe* reproduzido na antologia editada por Anderson/Erb (1985: 82) que foi apenas publicada na RFA: “Hierbleiben nicht dableiben/Ausreisen nicht ausreißen.” [Ficar aqui não lá/Viajar não emigrar.] Em relação ao título desse poema há que referir que o poeta Uwe Kolbe, não seguindo o apelo do seu colega, após a obtenção de um visto de longa duração (*Dauervisum*) para o Ocidente em 1986, um ano depois acabaria mesmo por abandonar definitivamente a RDA.

pode ser, sumariamente, dividida em dois núcleos. Numa primeira parte é descrito o minucioso plano da preparação de uma viagem ilegal que o servente de mesa Paul Gompitz vai meticulosamente elaborando ao longo de anos. O trajecto desse projectado périplo estende-se desde Rostock, sua cidade natal, passando pela RFA e pela Áustria, até à Sicília, e inclui deliberadamente o regresso *voluntário* à «pátria socialista». Tal como o protagonista do romance de Loest, também este cidadão da RDA desenvolve uma verdadeira obsessão por uma viagem ocidental e/ou meridional a empreender sobre as pisadas de Goethe e de Seume, duas das figuras mais emblemáticas da cultura de viagem alemã. Mas ao contrário de Haas, em *Zwiebelmuster*, cuja situação socioprofissional lhe permite aspirar (em vão) à integração legal na elite dos *Reisekader*, Gompitz não é “nem funcionário, nem pertence à academia, nem tampouco é artista ou desportista”, o que, à partida, lhe impede “qualquer hipótese de transpor o muro com documentos repletos de carimbos autorizados” (Delius, 1995: 13). Desde logo, põe assim de lado a possibilidade de sequer encetar um longo, penoso e pouco ou nada prometedor processo burocrático pelo requerimento de um visto para o Ocidente e arrisca tudo, sob ameaça de uma pena de prisão prevista por lei, para realizar o seu sonho de uma viagem à “terra dos limoeiros em flor”. Ainda que, durante essa peculiar – mas, na realidade, nada «exótica» ou «romântica» – aventura descrita na segunda parte do livro de Delius, as eufóricas expectativas em relação a esse espaço mítico sejam, modo geral, goradas pela experiência concreta de uma geografia «real» que se apresenta, evidentemente, desfasada da imagem arcádica previamente adquirida pela leitura dos cicerones clássicos, esta narrativa de viagem, que se baseia, porventura, na história verídica do cidadão da RDA Klaus Müller que, em 1988, realizou essa sua fantasia obsessiva,<sup>190</sup> tem um final feliz. Pois, apesar de ter sido logo capturado aquando do seu regresso à Alemanha do Leste, o corajoso aventureiro é rapidamente amnistiado pelos tribunais. Além de evidenciar, tal como já pudemos constar em relação ao texto de Loest, o elevadíssimo valor simbólico e psicológico da «mágica» *Westreise* como um tópico que ocupou no imaginário colectivo dos cidadãos da RDA um lugar central, este «conto de viagem» da autoria de Delius tem ainda a vantagem de, por via de um intenso jogo intertex-

<sup>190</sup> Sobre este caso verídico veja-se Diemer (1996: 91s) onde, inclusivamente, se reproduz o mapa e a rota da viagem desenhados, em 1988, pela mão do próprio Klaus Müller.



tual<sup>191</sup> – e hiperficcional –, assinalar a importância funcional da herança cultural constituída pela literatura de viagens no intrincado processo da percepção, da representação mental, da construção mediática e, por conseguinte, também da experiência concreta de realidades outras, sobretudo quando se trata de um Outro cujas possibilidades de contacto e vivência *in loco* se limitavam a uma minoria ínfima da população. Visto que essas funcionalidades e as respectivas estratégias discursivas inerentes à produção e recepção dos livros de viagem na RDA constituirão o objecto principal de análise e reflexão de um outro capítulo deste trabalho, retomemos, por agora, alguns aspectos relacionados com a concepção e o funcionamento concreto daquele estranho «sistema dos quadros» de elite que puderam usufruir do privilégio da viagem «além-muro».

Ainda que, “em princípio, toda e qualquer viagem de um cidadão da RDA ao estrangeiro devesse servir a política externa” e, assim, constituir “um contributo para a auto-representação do Estado” no palco internacional (Gries, 1995: 144), há que distinguir entre dois grupos diferentes de *Reisekader*: os «quadros de viajantes» profissionais directamente pertencentes e submetidos ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e/ou dos Serviços Secretos, por um lado, e, por outro, aqueles que esporádica e temporariamente podiam aceder ao «prémio» da viagem ao Ocidente. Para o propósito do presente estudo, podemos pôr aqui os «diplomatas de carreira» de lado, concentrando-nos apenas nos procedimentos inerentes à concessão das autorizações de viagens ao «mundo capitalista» a cidadãos da RDA ditos «normais». Como aqui já foi referido, além dos aposentados e dos requerentes de visitas a familiares ocidentais nos «casos excepcionais» enunciados atrás, entre a população geral poucas eram, no entanto, os que podiam sequer apresentar um propósito ou pretexto válido para se candidatar a essas «viagens de serviço». Olhando ao facto de qualquer deslocação ao Ocidente carecer de uma autorização prévia que, por sua vez, seria ou não concedida consoante os objectivos delineados no respectivo requerimento, pode-se considerar que havia, logo à partida, um mecanismo selectivo que predeterminava o acesso a essas viagens a certas camadas ou classes socioprofissionais, tais como, desportistas, investigadores e artistas, que, a pretexto de participarem em competições internacionais, congressos, conferências, leituras públicas ou exposições, podiam aspirar

<sup>191</sup> O título é em si uma reminiscência quase literal ao relato de viagem de Johann Gottfried Seume *Spaziergang nach Syrakus* (1803).

ao estatuto de *Reisekader*. Independentemente da natureza e dos objectivos desses requerimentos, segundo as directrizes oficiosas que visavam uma uniformização das regulamentações relacionadas com todos os géneros de viagens ao «mundo não-socialista», qualquer aspirante a uma dessas deslocações deveria ser submetido a um rigoroso “processo de selecção” que, segundo o estudo de Gries (1995: 148s) citado atrás, não só abrangia um exame prévio do seu “perfil político-ideológico” como considerava “toda a escala do carácter e atitudes pessoais” nos espaços público e privado, incluindo as suas relações sociais e familiares.

Se esse exame prévio comprovasse a “fidelidade e firmeza” ideológicas (*ibid.*) do «candidato», ser-lhe-ia, em princípio, concedida a respectiva autorização. Não obstante a meticulosidade desse processo de triagem e ao contrário do que se poderia supor, a concessão de um visto para o Ocidente não se configuraria, porém, como um privilégio vitalício. As autoridades reservavam-se pois o direito de o retirar quando bem o entendessem, caso verificassem comportamentos menos adequados por parte dos *Reisekader* (Wolle, 1999: 472s):

Die Partei benötigte nicht nur ausgewählte und ausgebildete Kader, die ihren Staat im Ausland diplomatisch, handelspolitisch, sportlich oder wissenschaftlich vertraten, sondern nutzte die Vergabe des Freigang-Privilegs [sic] auch zur dauerhaften Disziplinierung aller Führungskräfte, Akademiemitglieder und Universitätsangehörigen. Sie gewährte das Vorrecht als Gnade und konnte es jederzeit ohne Begründung wieder entziehen. Negative politische Meinungsäußerungen, Eheprobleme, Disziplinarverstöße oder gar kriminelle Delikte führten zwangsläufig zur zeitweiligen oder dauerhaften Aufhebung des Reisekaderstatus.

[O partido não necessitava apenas de quadros seleccionados e formados para representar o Estado no estrangeiro ao nível diplomático, desportivo ou científico, mas também usou a concessão do privilégio as livres andanças com o objectivo de disciplinar, a longo prazo, todos os executivos políticos e administrativos, membros da academia e pertencentes às universidades. Ele concedia esse privilégio de modo misericordioso e podia-o retirar a qualquer altura e sem qualquer justificação. Expressões negativas de teor político, problemas matrimoniais, processos disciplinares ou mesmo delitos criminosos acarretavam obrigatoriamente uma suspensão temporária ou duradoura do estatuto de quadro de viajante.]

A arbitrariedade que caracterizou a política de viagem do regime da RDA, nomeadamente no que concerne à concessão de vistos para deslocações a países ocidentais, desempenhou, de facto, uma função fulcral na estratégia por via da qual se tentou (e, em parte, se conseguiu) «disciplinar» a *intelligentsia* da «República dos Operários e Camponeses». Além de ilustrar, de forma paradigmática, uma característica histórica de sistemas social e/ou politicamente autoritários, ou seja, a tática de dividir para reinar, assim como o hábito de alterar as regras do jogo conforme as suas conveniências e interesses, essa *praxis* da emissão de vistos demonstra como, na verdade, o regime se pautou, mais do que em conformidade com questões ideológicas de fundo, sobretudo por objectivos de ordem pragmática que visavam controlar e regular o potencial oposicionista no meio cultural. Visto que o estatuto de pertencer ao «quadro de viajantes» nunca constituiu um «direito» definitivamente adquirido, nem os mais leais e afirmativos cidadãos da RDA, nem os mais críticos em relação ao regime podiam estar certos de um dia lhes ser (re)concedido ou não esse privilégio. Em suma, poder-se-á assim considerar que a metodologia das concessões de vistos de viagens ao «Golden West» obedeceu sempre a uma política calculista com a qual tanto se podia «premiar» os mais devotos ao sistema socialista, como «reeducar» ou «domesticar» aqueles que davam sinais de descrença em relação ao regime. Na prática, esta estratégia de desagregação significava que em cada caso individual se procedia de um modo diferente, com o objectivo de assim se evitar, logo à partida, o surgimento de uma espécie de identidade de grupo fundamentada num provável sentimento de solidariedade entre as vítimas castigadas do mesmo modo. Para tal, procedeu-se à implementação de um intrincado “sistema de privilégios e sanções” que Joachim Walther (1999: 109) descreve no seu reputado e excelentemente documentado estudo sobre o «tratamento de segurança» a que o campo literário da RDA foi submetido quer pelo *Ministerium für Staatssicherheit* (MfS) quer pelo partido<sup>192</sup>:

<sup>192</sup> Entre o número infinito de publicações sobre as intrincadas relações entre o «espírito e o poder» na RDA, nomeadamente entre a literatura e os serviços de segurança, destaca-se, para além do estudo de referência de Walther (1999), a antologia editada por Böthig/Michael (1993) que tem o mérito de coligir várias dezenas de textos, comentários e testemunhos que, no âmbito da «querrela» em torno da herança literária da RDA (*Literaturstreit*) travada na imprensa durante os primeiros dois anos após a dissolução da RDA, se tinham dispersado e que, por isso, corriam o risco de se subtraírem a uma observação global e, na medida do possível, objectiva dessa temática como um importante campo de investigação.

Was das MfS mit Zersetzungsmaßnahmen zu erreichen suchte, praktizierte die Partei mit einem feingestaffelten System von Privilegien und Sanktionen: Der erste wurde aus der Partei ausgeschlossen, der zweite erhielt trotz gleicher Handlung lediglich eine Rüge, der dritte blieb drin, der vierte durfte generell nicht in den Westen reisen, der fünfte für einen Tag, der sechste ständig mit Dauervisum, dem siebenten wurde die Entlassung aus der Staatsbürgerschaft nahegelegt, dem achten die Aussiedlung verweigert [...], der fünfzehnte erhielt Stipendien, Haus, Auto, Telefon, Preise und Orden, der sechzehnte nichts von alledem (...) etc. pp.

[Aquila que o Ministério da Segurança de Estado procurava alcançar por via de medidas de destabilização e desmoralização, o partido praticou-o por via de um sistema de privilégios e sanções subtilmente hierarquizado. O primeiro era expulso do partido, o segundo recebia, apesar de prática do mesmo delito, apenas uma advertência disciplinar, o terceiro ia para a cadeia, o quarto não podia, de forma alguma, viajar ao Ocidente, o quinto apenas por um dia, o sexto podia fazê-lo duradouramente com um visto de longa duração, ao sétimo era sugerida a expatriação, ao oitavo era recusada a emigração (...), ao décimo quinto eram concedidas bolsas, casa, carro, telefone, prémios e condecorações, ao décimo sexto nada disso (...) etc. pp.]

Essa dupla «estratégia do pão e do pau», da repressão e sedução, que visava a domesticação da *intelligentsia*, manifestou-se, de forma paradigmática, numa “política de viagem” perversamente “flexível” (*idem*: 115), que Walther (113) resume do seguinte modo:

Neben den offen repressiven Maßnahmen wie Hausarrest, Ausschluß aus dem Schriftstellerverband, Parteistrafen und Publikationsverboten glaubten SED und MfS mit der kalkulierten, individuellen Handhabung der Reise- und Ausreisemöglichkeiten ein weiteres wirksames Mittel gefunden zu haben, das literarische und künstlerische Oppositionspotential kontrollieren und regulieren zu können, und zumindest zeitweise scheint diese Rechnung auch aufgegangen zu sein.

[Para além das medidas manifestamente repressivas, tais como prisão domiciliária, exclusão da Associação de Escritores, punições partidárias e proibição de publicar, o partido SED e os Serviços de Segurança de Estado

pensavam ter encontrado no procedimento calculista de um ajuste a cada caso individual em relação à concessão de autorização de viagens e de emigração um outro meio efectivo para controlar e regular o potencial oposicionista dos artistas; e, pelo menos temporariamente, esse cálculo parece mesmo ter funcionado.]

De facto, foi devido a estes sinuosos e desiguais procedimentos relacionados com a política de viagem que uma série de escritores que podem ser considerados tudo, menos «poetas do partido», tais como Reiner Kunze (*idem*: 113s), Karl-Heinz Jakobs (*idem*: 115), Stefan Heym (*idem*: 116s), Rolf Schneider (*ibid.*) e Günter Kunert (*idem*: 119s), para aqui citar apenas alguns dos nomes mais sonantes mencionados nas actas da *Stasi* investigadas por Walther, tiveram a oportunidade de viajar pela «outra parte do mundo». Ainda que, conforme sublinha Wolle (*idem.*, 473), nem todos os escritores que gozaram – por uma ou mais vezes – do privilégio da posse de um visto para o Ocidente tenham sido colaboradores profissionais ou voluntários dos Serviços de Segurança, é, porém, inquestionável que, a fim de realizar o sonho de uma viagem ao «verdadeiro estrangeiro», pelo menos alguns de entre os presumíveis espíritos críticos do regime pagaram esse elevado preço.

Um dos casos mais proeminentes entre os autores que, apesar de manifestamente «incómodos» para o sistema e após anos de tentativas de aliciamento por parte da *Stasi*<sup>193</sup>, acabariam por sucumbir à “oferta [do poder] de converter do individualismo ao oportunismo” (Kunert, 1999: 327) foi Fritz Rudolf Fries.<sup>194</sup> Após a publicação, em 1966, de uma viagem fantástica narrada no romance *Der Weg nach Oobliadooh* por uma editora da RFA, a quem recorrera para fazer chegar ao público o seu manuscrito que anteriormente fora censurado na RDA, onde só em 1989 viria a lume, Fries foi, durante vários anos, não só «votado ao silêncio» (censura), como constituiu um alvo predilecto do controlo por parte dos Serviços de Segurança. Devido à sua crescente reputação no Ocidente, quer como romancista quer como tradutor de diversos autores de renome do mundo hispânico, o «desalinhado» Fries representava um daqueles casos problemáticos que

<sup>193</sup> A complicada relação entre Fries e o Ministério de Segurança está documentada em Walther (1999: 605-608).

<sup>194</sup> A respeito da colaboração de Fries, sob o nome de disfarce «Pedro Hagen», com a *Stasi*, veja-se, para além de Walther (1999: 641, 647-649, 652s), Jäger (1996).

poderiam pôr em causa o (então recém-adquirido) prestígio internacional do Estado da RDA sob pena de ser acusado de violar os direitos humanos tão fundamentais como os da livre expressão e circulação dos seus cidadãos. Face a esse potencial *duplamente* crítico, a *Stasi* iniciou, em 1972, uma campanha de aliciamento e chantagem junto de Fries, à qual o escritor sucumbiria por volta de 1975, altura em que assinou, de acordo com Christine Cosentino (2002), uma declaração de compromisso para colaborar com a *Stasi*, que lhe garantia uma certa liberdade para viajar e maior autonomia no seu trabalho. Se, por um lado, é verdade que a obra de Fries se caracteriza por um frequente recurso à «supermetáfora» da viagem (fantástica)<sup>195</sup> que nos seus romances «picarescos»<sup>196</sup> ocupou sempre um lugar central, por outro lado, é também facto inquestionável que, desde a sua anuência em cooperar com o poder, os relatos de viagens «reais»<sup>197</sup> passaram a concorrer directamente com o recorrente tópico das «viagens erráticas» a que submete os protagonistas das suas narrativas fictícias. Perante esta sua verdadeira “obsessão pela viagem”, quer como *Leitmotiv* romanesco quer como prática sociocultural, não surpreende que Fries tenha constituído um alvo relativamente fácil da tática de chantagem habilmente montada pelo Ministério de Segurança ou, como Harmut Steinecke (2003: 146s) recentemente o formulou, que a obsessiva «saudade do longe» de Fries tenha “facilitado a sua sedução moral”: “Kaum ein literarischer Fall zeigt greller [als Fries’ Werk], wie in der DDR die Sehnsucht nach dem Reisen zur Obsession werden konnte und damit die moralische Verführung erleichterte.” Conforme se pode ler na transcrição de uma conversa entre Fries e um colaborador oficial da *Stasi* citada em Walther (1999: 650), o que mais o teria “estimulado” a cooperar terá sido “o interesse e o apoio” que os serviços secretos manifestaram em relação “às suas viagens” ao «outro lado», nomeadamente, a Espanha, a França, aos Estados Unidos e à Holanda. Após as suas renitências iniciais em servir o regime como informa-

<sup>195</sup> Nomeadamente, no romance *Der Weg nach Oobliadooh* (1966, 1989), nas «viagens fantásticas» narradas em *Das Luft-Schiff* [sic] (1974) e *Alexanders neue Welten* (1982), assim como na antologia de «narrativas de viagem» *Der Seeweg nach Indien* (1978).

<sup>196</sup> Sobre a dimensão «picaresca» da prosa de Fries veja-se, por exemplo, Bruns (1991) e Richter (2000).

<sup>197</sup> Além de em *Mein spanisches Brevier* (1979), um volume que resultou de duas viagens à Espanha pós-franquista, em 1976/77, a intensidade viática que Fries evidenciou desde 1975 reflecte-se nas duas antologias de relatos de viagens (maioritariamente reais), *Alle meine Hotel Leben* [sic] (1980) e *Leipzig am Herzen und die Welt dazu* (1983).

dor, desde o início da década de 1980, “a colaboração” entre «Pedro Hagen» e os serviços secretos teria, de acordo com o relatório da *Stasi* supracitado, “adquirido uma nova qualidade”, uma vez que o escritor teria entretanto reconhecido que “encontrara no oficial do *MfS* um estimado parceiro” e que as “informações que ele próprio fornecera após as suas viagens não teriam sido de pouca significância” (*ibid.*). Conforme comprovam as investigações de Walther (1999: 651-654), Fries não se terá, porém, apenas limitado a «informar» sobre as suas impressões e experiências no «estrangeiro não-socialista», tendo igualmente espiado vários colegas de profissão, como Rolf Schneider, Sarah Kirsch, Kurt Bartsch, Klaus Schlesinger e Günter de Bruyn, todos eles escritores «inconformados» ou dissidentes que acabariam por abandonar a RDA ainda antes da queda do muro. Que essa cooperação não terá, todavia, acontecido, por parte de Fries, de ânimo leve, é sinalizado não só pela insistência dessa temática nos seus mais recentes romances publicados após a reunificação<sup>198</sup>, como em diversos excertos dos seus diários fragmentários referentes aos anos de 1979, 1984, 1993 e 1995. A sua autoconfessada fraqueza pela viagem e respectivo dilema de consciência manifestam-se, de forma deveras evidente, na entrada do seu diário do dia 19 de Maio de 1979, altura em que, poucas semanas antes de começar a sua “zweiter ausflug in die freie welt”<sup>199</sup> (Fries, 1996: 16), ou seja, após uma viagem de estudo a Paris em 1974, a sua “segunda excursão ao mundo livre”, se vê confrontado com a difícil situação de subscrever ou não uma petição de protesto, elaborada pelo seu colega Martin Stade, a um processo penal iniciado contra o famoso escritor Stefan Heym. Ciente de que se optasse pela assinatura como sinal de solidariedade perderia evidentemente a oportunidade das projectadas viagens a Amesterdão e aos Estados Unidos, Fries opta pela “caça aos privilégios” e afoga, de seguida, a sua má consciência no álcool (*idem*: 15s):

Abendbesuch Martin Stade. Seit jahren bin ich sein leser. Kommt mit einem brief an Honecker in sachen Heym. Unterschreibe ich, kann ich meine reise nach Amsterdam (und Amerika) in den ofen stecken. Solidarität oder jagd nach privilegien? Ich entscheide mich, wie ich meine, daß Heym sich

<sup>198</sup> A respeito da insistência de Fries nesse delicado assunto (autobiográfico) das intrincadas relações entre o poder e os escritores da RDA em *Die Nonnen von Bratislawa* (1994), *Der Roncalli-Effekt* (1999) e *Diogenes auf der Parkbank* (2002), vejam-se Cosentino (2002) e Steinecke (2003).

<sup>199</sup> Grafia e cursivos no original.

in meinem fall entschieden hätte: ich unterschreibe nicht. Zugegeben, für Kunert, Fühmann, auch für Jacobs hätte ich vermutlich unterschrieben. Dennoch, miserables gefühl hinterher, das zur statistischen erhöhung des alkoholkonsums in diesem land beiträgt.

[À noite, visita de Martin Stade. Há anos que sou seu leitor. Vem-me com uma carta dirigida a Honecker sobre o assunto Heym. Se subscrevo, poderei arrumar a minha viagem a Amesterdão e à América. Solidariedade ou caça aos privilégios? Decido-me conforme penso que Heym o faria no meu lugar: não subscrevo. Admito que se fosse para Kunert, Fühmann ou mesmo para Jacobs, o teria provavelmente feito. Ainda assim, fica depois um sentimento miserável, que contribui para o aumento estatístico do consumo de álcool neste país.]

Este caso de Fries, que, do ponto de vista da sua produção literária, terá de ser considerado um dos mais ensimesmados, mais «(pós-)modernistas» e mais «desalinhados» escritores da RDA,<sup>200</sup> demonstra, por um lado, como a força de atracção emanada pela (ideia da) viagem «ao outro lado do mundo» foi capaz de fazer vacilar mesmo os intelectualmente mais inconformados e adversos aos dogmas do regime fechado da RDA, e, por outro, ilustra que o estatuto dos *Reisekader* não representava, de modo algum, um privilégio vitalício. Pois, apesar da colaboração de Fries com a *Stasi* lhe ter, desde meados dos anos 70, proporcionado tanto prémios literários como várias viagens ao Ocidente que, por sua vez, lhe forneceram material e/ou pretextos suficientes para a sua vasta produção de literatura de viagens, da qual nos ocuparemos com maior profundidade no capítulo seguinte, nem todos o seus requerimentos de vistos com destino ao «mundo capitalista» seriam deferidos pelas autoridades. Como se pode ler num dos seus fragmentos diários, em Setembro de 1979, por exemplo, ser-lhe-

<sup>200</sup> Sobre a percepção do «desenquadramento» da obra de Fries na paisagem literária da RDA pelos investigadores compatriotas, veja-se, paradigmaticamente, o artigo que lhe é dedicado no terceiro volume do dicionário da autoria do «colectivo de autores» dirigido por Hans Jürgen Geerds (1987), *Literatur der Deutschen Demokratischen Republik. Einzeldarstellungen, Band 3*, pp.39-59. Essa singularidade é-lhe igualmente atestada por um funcionário da *Stasi* especializado na avaliação de literatos e sua produção em cujo relatório acerca da personalidade e obra de Fries se afirma: “Er ist von allen (...) Autoren der komplizierteste und schwierigste. Andererseits steht fest, daß er von seiner literarischen Begabung her ein großes Talent ist.” (*apud* Fries, 1996: 231) (Ele é de todos os autores o mais complicado e mais difícil. Por outro lado, é incontestável que ele tem um grande talento literário).



-iam negados logo dois pedidos, um referente à sua participação numa conferência em Caracas, outro relacionado com um convite para leituras públicas na Áustria (Fries, 1996: 20s):

Der verband lehnt zwei reiseanträge ab: Caracas, wohin mich Carlos Rincón zu einer konferenz eingeladen hatte (thema: exil in lateinamerika). Und: Österreich, zu lesungen, abgelehnt ohne begründung. Die gerüchte sagen, in der Wiener buchhandlung, die mich eingeladen hat, habe unlängst Biermann gelesen – kann man es da unseren autoren zumuten, auf gleichem stuhl wie jener zu sitzen? (...) Die armen leute vom verband, die immerzu die spielchen höherer diplomatie beherrschen müssen. Hätte gern, nach einer Österreichreise, so etwas geschrieben wie *Die Wiedereinführung der k. u. k. – Monarchie*. (...) *Hotel-Leben*-manuskript abgeschlossen.

[A Associação dos Escritores rejeita dois pedidos de viagens: Caracas, para onde Carlos Rincón me tinha convidado para uma conferência (tema: exílio na América latina). E: Áustria, para leituras públicas, indeferido sem explicação. Consta que na livraria vianense que me convidou terá, há pouco tempo, lido (Wolf) Biermann – perante essa situação, poder-se-á exigir aos nossos autores que se sentem na mesma cadeira daquele? (...) A pobre gente da associação que tem sempre de controlar os jogos da alta diplomacia. Gostaria de ter escrito, após uma viagem à Áustria, qualquer coisa do género: *A reimplantação da monarquia real e imperial do Danúbio*. (...) Terminei o manuscrito de *Hotel-Leben*.]

A referência final quer ao plano – necessariamente gorado – de uma viagem à Áustria que lhe deveria fornecer o pretexto para uma narrativa ou relato sobre o antigo império austro-húngaro, quer à conclusão do manuscrito para a sua antologia de textos de viagens que acabaria por ser editada em 1980, reveste-se, nesta entrada datada de Setembro de 1979, de uma peculiar significância. É que o hipotético título dessa viagem que lhe fora negada pelas autoridades constitui, indubitavelmente, uma alusão crítica à “breve descrição de algumas etapas de uma viagem através da antiga Cacânia e suas actuais regiões limítrofes” (incluindo o sul da Alemanha e norte de Itália) que o seu colega de profissão Günter Kunert acabara de publicar numa antologia de textos de sua exclusiva autoria sobre os seus frequentes périplos pelo «mundo socialista» e «não-socialista». O volume *Ziellose*

*Umtriebe. Nachrichten vom Reisen und vom Daheimsein* (1979) de Kunert, que inclui a referida “Kurze Beschreibung einiger Stationen der Reise durch das einstige Kakanien und seine gegewärtige Umgebung”, para além de antecipar a publicação da antologia de textos de viagens *Alle meine Hotel Leben* (1980) – o que por si só, poderia ser razão suficiente para provocar uma certa inveja – também se reporta a uma geografia incomparavelmente mais vasta do que a abrangida pelas experiências viáticas de Fries. Tendo em vista que o género da literatura de viagens gozou, junto dos leitores da RDA, sempre de uma grande simpatia e considerando a «aura cosmopolita» e o enorme prestígio social que envolviam os *Reisekader*, é portanto de supor que Fries se tenha sentido, de certa maneira, secundarizado ou ultrapassado pelo rival Günter Kunert em cuja obra, tal como na sua, o tema da viagem «fantástica» e «real» desempenha, inquestionavelmente, um papel fulcral.<sup>201</sup> Ainda que Fries nunca tenha vindo a escrever a tal apologia irónica da “re-implementação da dupla monarquia austro-húngara” que, olhando à sua amplitude transnacional, proporcionaria assim um «pacote de viagens» logo a vários países do «outro lado do muro», poder-se-ia especular se, com esse projecto, não visaria mesmo denunciar – de forma subliminar, é certo – a política de vistos praticada pelas autoridades da RDA de um modo arbitrário, desigual e, portanto, injusto. Não obstante tratar-se de uma mera suposição, nos diários que temos vindo a referir, há contudo uma passagem – porventura, logo a seguir ao registo de Setembro citado atrás – que poderá abonar a favor da nossa assunção. A propósito da emigração definitiva e voluntária de Kunert para a RFA, em Outubro de 1979, Fries (1996: 21s) anota o seguinte comentário sobre o seu colega que ele considera sobremaneira privilegiado:

Kunerts ausreise: bin betroffen, traurig, ärgerlich. Warum nur? Wenn hier einer alles konnte, hatte, durfte, dann er. Was soll das gerede, man habe ihn beleidigt (...), er könne nicht mehr schreiben in diesem mief. Als ob man im mief nicht erst recht schreiben kann – um sich luft zu machen.

<sup>201</sup> Cf. o artigo de Baron (1991: 51), com o título elucidativo “Günter Kunert als Reisender” (Günter Kunert como viajante): “Das Reisen gehört zu den Standardthemen Günter Kunerts; es gewinnt seine Bedeutung für ihn weniger durch die bloße räumliche Bewegung, als vielmehr durch den Wechsel des Standorts, auf den er als Beobachter und Autor reagiert.” [A viagem faz parte dos temas habituais de G. Kunert; o seu significado advém-lhe menos da mera mobilidade no espaço do que da mudança do ponto de vista à qual reage como observador e autor.]

[Emigração de Kunert: estou chocado, triste, raivoso. Mas porquê? Se aqui havia alguém tudo podia fazer e ter, era-o ele. Mas que conversa, essa de que teria sido ofendido (...), que já conseguiria escrever neste ambiente de mofo. Como se o mofo não fosse mesmo o melhor móbil para se escrever – para nos desafogarmos.]

Na verdade, nem as memórias de Kunert sobre a sua vida na RDA até 1979, nem os abundantes estudos de investigação a que sua obra tem sido submetida sob as mais diversas perspectivas<sup>202</sup> corroboram a assunção de Fries de que ele teria gozado de um tratamento deveras privilegiado pelas autoridades. Aliás, os resultados das minuciosas análises, levados a cabo por Walther (1999) e, mais recentemente, por Brohm (2000), das milhares de páginas que, nos arquivos da *Stasi*, enchem vários dossiês explicitamente relacionados com o «Processo Operativo» (*Operativer Vorgang*) contra »Zyniker«<sup>203</sup> (*alias* Kunert), demonstram que Günter Kunert foi, inquestionavelmente, um dos escritores mais intensamente «observados» pelos “polícias do pensamento” (Kunert, 1999: 301). Neste sentido negativo poder-se-ia, assim, considerar que teve um tratamento especial. Esse estatuto de alvo predilecto do obsessivo aparelho de controlo da RDA deveu-o Kunert ao facto de, desde cedo, nomeadamente desde a sua manifesta desilusão com a violenta repressão da esperança de um «verdadeiro» Socialismo simbolizada pelos levantamentos de Budapeste, em 1956, se ter mostrado um autor cuja produção literária não «encaixava» nas máximas dogmáticas propagadas pelo discurso oficial. Ainda que a sua formação literária se tenha enquadrado, modo geral, nos moldes institucionais da política cultural do regime, contando com o apoio de figuras tão proeminentes como Johannes R. Becher e Bertolt Brecht, o cepticismo e distanciamento face ao «Socialismo Real» passariam progressivamente a marcar a sua obra, como constata Manfred Jurgensen (1995: 89) num artigo dedicado à temática da viagem na poesia de Kunert:

Trotz seiner Förderung durch Johannes R. Becher und Bertolt Brecht zeichnet sich in Kunerts Werk (...) relativ früh eine immer weniger verdeckte

<sup>202</sup> A título de exemplo, vejam-se os volumes e colectâneas editados por Durzack/Steinecke (1992), Durzak/Keune (1995) ou o n.º 109 da revista literária *Text + Kritik* (1991).

<sup>203</sup> Terminologia própria dos serviços de segurança.

Skepsis und Distanz gegenüber dem real praktizierten Staatssozialismus ab. Schon bald fühlt sich der Autor »fremd daheim« (...).

[Apesar de ter sido fomentado por Johannes R. Becher e Bertolt Brecht, desde relativamente cedo se destaca na obra de Kunert um cepticismo e uma distância cada vez menos ocultados face ao socialismo de Estado realmente praticado. Rapidamente o autor se sentirá «um estanho em casa».]

Apesar de ter sido, durante 25 anos, membro do partido SED, do qual seria expulso, em 1976, por ter subscrito uma petição contra a expatriação de Wolf Biermann, Günter Kunert, considerado politicamente vacilante, foi, conforme se pode ler num relatório da *Stasi* datado de 1971, desde cedo submetido a um “controlo operativo” (*apud* Kunert, 1999: 311):

Der freischaffende Schriftsteller Kunert, Günter; geb. am 6.3.1929 in Berlin; (...) Parteizugehörigkeit: SED seit 1951; (...) Konfession: jüdischen Glaubens; (...) Vorstrafen: keine; (...) wird seit 1957 in einem operativen Material als politisch schwankender und labiler Mensch unter operativer Kontrolle gehalten. Im Rahmen der politisch-operativen Kontrolle verstärkten sich die Verdachtsmomente einer (...) staatsfeindlichen Tätigkeit des Kunert (...).

[O escritor Günter Kunert, nascido a 6.3.1929, em Berlim; militante do partido SED desde 1951, (...) de religião judia; (...) sem delitos no registo criminal; (...) encontra-se, desde 1957, sob controlo operativo, por ser considerado um indivíduo politicamente incerto e instável. No âmbito do controlo político-operativo solidificaram-se as suspeitas de actividades hostis ao Estado por parte de Kunert.]

Noutro relatório secreto de 1969, Kunert não só é acusado de, “há mais de dez anos, ter vindo a fazer frente à política cultural do SED e ao governo da RDA”, assim tentando “impedir a implementação da arte de cunho socialista e realista”, como se denuncia o sistemático ataque às “bases ideológicas da nossa ordem social” por via dos seus trabalhos literários que assentariam num profundo “pessimismo e [na ideia de uma pressuposta] «alienação do ser humano no Socialismo»” (*apud* Kunert, 1999: 301).

Não obstante as suspeitas da sua “hostilidade ao Estado” e a alegada subversão dos valores socialistas, que se mantiveram durante duas décadas,

o desalinhado poeta, narrador e ensaísta, que, ainda por cima, publicava a maioria dos seus livros tanto na «inimiga» RFA como na própria RDA, nunca foi alvo de represálias manifestas por parte das autoridades. Não tendo passado completamente impune ao “terror psicológico” (*idem*: 383) consubstanciado por repetidas tentativas de difamação para se denegrir a sua imagem nos *media*, mormente por via de recensões literárias em que era frequentemente acusado de defender “posições reaccionárias”, de veicular na sua obra um “niilismo negro” eivado da “mentalidade de uma burguesia tardia” e decadente, de “escapismo”, de “cinismo” e “snobismo”, “falta de dignidade” (*idem*: 388) ou de um “egocentrismo subjectivista” que “não servia, de forma alguma, a formação e educação estético-moral do Homem socialista” (*idem*: 247s), é, de facto, algo curioso que esse pressuposto «inimigo da pátria» tenha podido usufruir de dois dos mais valiosos privilégios que a RDA poderia conceder aos seus artistas: a permissão para publicar no «estrangeiro não-socialista» – incluindo a possibilidade de assim angariar as preciosíssimas divisas ocidentais – e o visto oficial para repetidas viagens pelo «mundo além-muro».

Este aparente enigma rapidamente se dissolverá se se considerar, em primeiro lugar, a reputação internacional da obra de Kunert, cuja divulgação no hemisfério aquém da «Cortina de Ferro» acontecia, desde 1963, pela chancela da prestigiada casa editorial *Hanser* da RFA. Sob esta perspectiva, o «incómodo» poeta funcionou como uma espécie de cartão-de-visita não só da inquestionável qualidade literária de um autor que, apesar de tudo, se considerava um patriota socialista (*idem*: 397), como do pretenso espírito de liberdade e tolerância que caracterizaria o regime da RDA. O segundo motivo desse espaço de autonomia e raio de mobilidade relativamente vastos de que Kunert pôde usufruir num sistema que era, como se sabe, pouco votado à concessão de «grandes liberdades» individuais, prende-se menos com uma «razão de Estado», isto é, com a instrumentalização de pessoas e suas obras para fins diplomáticos, do que com questões pessoais, nomeadamente com a teia das (boas) relações sociais e do «sistema das cunhas» que, na realidade, minaram o edifício retórico do igualitarismo socialista. Conforme relata nas suas memórias autobiográficas, o privilégio das suas frequentes excursões ao «outro mundo» e a possibilidade de aí publicar todos os seus livros, ter-se-á devido – sem que de tal se tivesse sequer apercebido durante a sua vida como cidadão da «República dos Operários e Camponeses» – a uma peculiar simpatia que o ideólogo-mor

do partido e ministro da cultura da RDA Kurt Hager teria por ele nutrido e que, por conseguinte, o levara a suspender, por ordem superior e de forma sistemática, a interdição geral de Kunert poder empreender viagens ao Ocidente que a *Stasi* emitira em 1968 (Kunert, 1999: 431s):

Erst viel, viel später, als er [d.h. Kurt Hager] schon entmachtet und als Mitverantwortlicher für die Mauertoten angeklagt, aber nicht aufgehängt worden ist, erfahre ich, wie er die von den »unteren Organen« gegen mich geforderten Maßnahmen ablehnte. Die Stasi hatte von Anfang an eine Ausreisesperre über mich verhängt, die Hager, wenn eine Auslandsreise für mich anstand, immer wieder aufheben ließ. (...) In den sechziger Jahren hatte mich Hager noch als negatives Beispiel an die Wand gemalt, später seine Haltung korrigiert.

[Só muito, muito mais tarde, quando ele (Kurt Hager) tinha sido des-  
tronado e acusado de, mas não enforcado por, ter sido co-responsável das  
mortes junto ao muro, venho a saber como ele bloqueara as medidas que  
os «órgãos inferiores» queriam ter aplicado contra mim. A *Stasi* deliberara  
desde o início a minha interdição de saída do país, deliberação essa que Hager  
mandara sempre anular quando surgia a possibilidade de uma viagem minha  
ao estrangeiro. (...) Se nos anos sessenta Hager ainda tinha propagado o meu  
retrato como exemplo negativo, mais tarde corrigiu a sua posição.]

Independentemente dessa sua sorte de ter podido contar com um favo-  
recimento pessoal por parte de uma figura do topo da hierarquia do regime,  
facto é que, ao contrário de Fritz Rudolf Fries e de muitos seus colegas de  
profissão que, apesar de genericamente críticos em relação ao regime, não  
conseguiram resistir ao apelo da viagem ao «verdadeiro estrangeiro» e,  
por isso, sucumbiram ao aliciamento da *Stasi* em troca dos tais «pequenos  
e grandes privilégios», Kunert conseguiu satisfazer repetidamente o seu  
confesso vício de viajar, sem para tal ter tido de pagar o elevado preço de  
sua autonomia e integridade pessoais. O preço, certamente não menos alto,  
que o próprio Günter Kunert estabeleceu e pagou foi o exílio.

A nosso ver, estes dois exemplos de Fries e Kunert, duas figuras de proa  
não só da literatura da RDA em geral, como, mais especificamente, do vasto  
território da literatura de viagens que marcou indelevelmente a topografia  
(imaginária) daquele «país que já não existe», ilustram – porventura, de

forma deveras paradigmática – o inestimável valor simbólico inerente à ideia da *livre e ilimitada* mobilidade e, respectivamente, os elevados preços e sacrifícios que mesmo os espíritos mais críticos se dispuseram a pagar para poder saciar a sua enorme “fome de mundo”, para aqui recorrerem à imagem sensorial que Reiner Kunze, outro dos poetas exilados da RDA, encontrou no seu poema *Kleine reisesonate* (sic) (1966) para expressar essa ânsia da viagem além-muro, essa «saudade do longe» (*Fernweh*) que dominou o imaginário colectivo dos cidadãos da Alemanha do Leste. Olhando ao lugar de destaque que as obras viáticas desses dois autores ocupam no campo da literatura de viagens produzida na RDA, a elas regressaremos imperativamente durante este trabalho.

Antes de nos debruçarmos analiticamente sobre as estratégias discursivas e os mecanismos narrativos que sustentam os livros de viagens propriamente ditos e para concluirmos o presente capítulo sobre os diversos contextos extra-literários que na antiga Alemanha do Leste condicionaram quer a viagem física quer as suas múltiplas formas e modos de encenação, parece-nos ainda imprescindível proceder-se aqui também a algumas reflexões em torno desse género textual sob a perspectiva do seu posicionamento na paisagem mediática na RDA. Fá-lo-emos nas páginas que se seguem.

### 3.5 O livro de viagens na paisagem mediática da RDA

Ainda que no âmbito de um trabalho académico de dimensões necessariamente limitadas não possamos desenvolver com a desejável profundidade toda a multiplicidade e diversidade de factores que interferem no processo da produção e recepção de um artefacto cultural que se caracteriza em si mesmo por uma acentuada multidimensionalidade, na perspectiva teórica e metodológica da nossa abordagem *policontextu(r)al* teremos de considerar, para além dos diversos contextos expostos atrás, pelo menos mais um aspecto extra-literário que se nos afigura de uma importância central para o nosso tema. Referimo-nos ao peculiar estatuto e posicionamento do livro na paisagem multimediática da RDA onde o *medium* «literatura» – não só a da viagem, mas de toda espécie – ocupou, em plena era dos *mass media* audiovisuais, um lugar invulgarmente importante.

Contrastando com a situação a ocidente da «Cortina de Ferro», onde a generalização de emissões televisivas a partir da década de 1950 consubstanciara, depois do imparável avanço da rádio e do cinema desde os anos de 1920, um fortíssimo abanão ao tradicional monopólio não só dos *media* impressos em geral, mas do livro em particular – evolução essa que, desde cedo, se configuraria metadiscursivamente no apocalíptico anúncio do fim da «era Gutenberg» e da «morte da literatura» –, na RDA o «velho livro» parecia resistir impunemente ao crescente «ataque» audiovisual. Mesmo que a concepção da RDA como *Literaturgesellschaft*, concepção essa que remonta ao reputado poeta e primeiro-ministro da cultura da então recém-criada «República dos Camponeses e Operários» Johannes R. Becher<sup>204</sup>, se tenha por fim revelado um mito fundador ou uma “construção idealista” (Emmerich, 2000: 42) da «grande narrativa» socialista sem equivalência proporcional na prática sociocultural, é, todavia, indubitável que o *medium* (aparentemente anacrónico) constituído pela «literatura» teve para a população da RDA um valor de significação diferente do que para os leitores da RFA. A abundante investigação sobre a literatura da RDA é unânime no que concerne às razões dessa sua peculiar importância. Em suma, poder-se-ão enunciar três motivos que conferiram e asseguraram ao livro um estatuto privilegiado face à forte concorrência dos meios audiovisuais. A primeira razão reside na função vincadamente instrutiva, isto é, sócio-didáctica, que a doutrina marxista-leninista atribui aos escritores como «engenheiros das almas» e que os respectivos governos dos países ditos socialistas nunca deixaram de valorizar e fomentar como uma importantíssima «herança cultural» da tradição humanista.

Em correspondência com essa conservadora *sobrevalorização* da literatura e do livro, assistiu-se, ao mesmo tempo, a uma profunda desconfiança em relação ao «poder transfronteiriço» – e, por isso, pressupostamente ameaçador à concepção insular das utopias proto-socialistas de Estado<sup>205</sup> – dos *media* telemáticos.<sup>206</sup> O elevado valor simbólico e pragmático da lite-

<sup>204</sup> A título de curiosidade, é de referir que Becher, para além de ter sido o autor da letra do hino nacional da RDA, foi o fundador de um prestigiado instituto literário situado em Leipzig onde se formaram quase todos os proeminentes escritores da RDA. Após a reunificação, o antigo *J. R. Becher-Institut* foi reestruturado e baptizado como *Leipziger Literaturinstitut*.

<sup>205</sup> Cf. subcapítulo 3.4.

<sup>206</sup> Sobre a tradicional desconfiança dos socialistas – mesmo os da «Nova Esquerda» que sustentou o «movimento de 68» – em relação aos *mass media* audiovisuais veja-se Enzensberger (1970).



ratura na RDA deveu-se, assim, ao que se poderá considerar uma inflação artificial, ou seja, uma regulamentação política, que permitiu, em última instância, a sobrevivência algo anacrónica do monopólio do livro como principal meio de informação.

Recorrendo à avaliação do historiador dos *media* Jochen Hörisch, na sua «Breve História da Literatura da RDA» Emmerich (2000: 13) resume essa peculiar constelação do sistema mediático acrescentando uma terceira razão para a grande popularidade da literatura na RDA, nomeadamente a sua função como meio de compensação para a comunicação social impressa e audiovisual, um domínio que nesse país terá sofrido uma censura ainda mais apertada do que o campo literário:

[Die Literatur] sah sich im »Kulturschutzgebiet« DDR einer von Staats wegen »künstlich geschwächten Medienkonkurrenz« gegenüber, die es ermöglichte, daß »eine seltsame Spätform des medialen Buchmonopols« weitgehend intakt blieb. Eine zweite, gleichfalls nicht im engeren Sinne literarische, sondern politisch-kompensatorische Funktion (...) war noch wichtiger: (...) Kritische DDR-Literatur schuf und vollzog eine Ersatzöffentlichkeit anstelle einer nicht zugelassenen Presse- und Medienöffentlichkeit, wie sie für demokratisch verfaßte Gesellschaften konstitutiv ist. Ihr daraus erwachsener Nimbus kann kaum überschätzt werden.

[Na «zona de reserva e protecção cultural» da RDA, a literatura encontrava-se perante uma «concorrência medial artificialmente debilitada» que possibilitou a manutenção, praticamente intacta, de «uma estranha forma tardia do monopólio do livro» entre os outros *media*. Um segunda função, também essa não propriamente literária num sentido mais restrito, mas antes do domínio da política de compensação, foi ainda mais importante: (...) a literatura crítica da RDA criou e desenvolveu um domínio público da compensação no lugar onde se deveria encontrar um domínio público da imprensa e dos *media* que é constitutivo nas sociedades democráticas. O nimbo que daí advém à literatura é de um valor que dificilmente poderá ser subestimado.]

No que em concreto diz respeito ao género do relato de viagens, o nimbo que, devido à sua recepção como *Ersatz* ou complemento de outros órgãos de comunicação politicamente controlados, envolveu a literatura e o artefacto do livro na RDA terá sido adicionalmente potenciado por

factores de ordem diversa. Tendo em vista a relativa escassez de informações não censuradas sobre o estrangeiro, mormente sobre o «estrangeiro não-socialista»,<sup>207</sup> na televisão, na rádio e na imprensa *oficiais* da RDA,<sup>208</sup> não surpreende que esse género tradicionalmente tido por «factográfico»

<sup>207</sup> O lendário programa televisivo da RDA *Der Schwarze Kanal* (O Canal Negro), que foi emitido semanalmente entre 1960 e o dia 30 de Outubro de 1989, isto é, até poucos dias antes da derrocada do Muro de Berlim, constitui o exemplo mais paradigmático da manifesta instrumentalização ideológica da televisão para fins contrapropagandísticos. Essa série elaborada e apresentada por Karl-Eduard von Schnitzler, uma personagem que devido à sua presença mediática ao longo de três décadas se transformou num verdadeiro ícone da propaganda bacoca contra o «inimigo imperialista», consistia em seleccionar e (contra)comentar excertos de programas informativos da televisão da RFA, tais como *Kennzeichen D* e os telegornais diários *Tagesschau* e *heute-journal*, prosseguindo-se assim o objectivo de denunciar os alegados ataques constantes dos *massmedia* ocidentais à RDA. A necessidade de se ter adoptado essa estratégia de «autodefesa» deve-se ao fortíssimo impacto dos programas da televisão da RFA em solo da RDA. À excepção dos habitantes da bacia da região de Dresden, onde por razões topográficas não era possível captarem-se os canais ocidentais e que, por isso, era popularmente conhecido como o «Tal der Ahnungslosen», isto é, o «vale dos ignorantes», a recepção dos programas televisivos da RFA representava um hábito generalizado – e publicamente conhecido – entre a população da RDA. A este respeito é ainda de referir que, após as tentativas iniciais durante as décadas de 1950/60 para dismantelar o mar de antenas viradas para a RFA e castigar o seu público-receptor, desde a «mini-liberalização» preconizada na «era Honecker», o governo mudou de estratégia, tendo, por um lado, tacitamente permitido o seu visionamento e, por outro, fomentando uma maior diversidade e «modernidade» da própria TV da RDA balizadas pelos conteúdos e formas da programação televisiva da RFA. Durante as duas últimas décadas, a televisão da RDA passaria também a transmitir, para além das suas próprias produções, séries de entretenimento e longas-metragens oriundas dos países ocidentais. Apesar da «allabendliche «kollektive Ausreise» [in den Westen]» (Wolle, 1999: 109), ou seja, das excursões colectivas rumo ao Ocidente diariamente empreendidas ao serão por via da televisão ocidental e/ou de uma programação ocidentalizada, não se poderá de forma alguma deduzir que a recepção dos *media* audiovisuais do «mundo do outro lado» tenha contribuído para uma visão mais «objectiva» e «realista» do «paraíso ocidental» por parte da população da RDA. Segundo o pertinente reparo de Zwirner, é de duvidar que a televisão ocidental como meio de ligação ao mundo exterior tenha contribuído para o desenvolvimento de uma imagem criticamente diferenciada dos países ocidentais, sendo, pelo contrário, de supor, que o «esplendor» televisivo tenha fomentado uma certa estilização do «Golden West»: «Es ist denkbar, daß der Wunsch nach dieser [durch das West-Fernsehen vermittelten] Welt (...) dazu verführt, den sogenannten freien Westen zu stilisieren: Dann ficht es den DDR-Bürger nicht an, daß Mallorca mit seinen Betonburgen und seinem unpersönlichen Massenbetrieb so gar nichts Paradiesisches hat. Und er wird es nicht glauben wollen, daß Costa Brava und Schwarzmeerküste sich so unähnlich nicht sind. Er wird an seinen Traumbildern, die immer auch Klischeevorstellungen sind, feshalten, solange ihm eigenes Anschauen und Erleben fehlen.» (Zwirner, 1986: 16). [É possível que o desejo desse mundo (transmitido pela televisão ocidental) seduza a uma estilização do chamado Ocidente livre. Se assim for, ao cidadão da RDA pouco incomodará que Maiorca, com as fortalezas de betão e o frenesim anónimo das massas que a caracterizam, não tenha afinal absolutamente nada de paradisíaco. E ele não quererá acreditar que a Costa Brava e a costa do Mar Negro não são assim tão dissemelhantes. Ele manterá as suas imagens de sonho, que também são sempre representações de *clichés*, enquanto não lhe for possível fazer a sua própria observação *in loco*.]

<sup>208</sup> A respeito do apertado controlo político da comunicação social impressa e audiovisual na RDA, vejamos, entre outros, Beuthelschmidt (1995), Geserick (1989), Holzweißig (1989; 1999; 2002), Ludes (1990), Mühl-Benninghaus (1993), Rixin (1989).

– porque a sua produção e recepção assentam, como vimos, num «pacto de leitura» de convenções e expectativas «realistas» que, no seu conjunto, criam por sua vez uma «ilusão referencial» de «objectividade» e «autenticidade» – tenha gozado de uma enorme simpatia junto dos leitores.

Ainda que não se possa provar que a simpatia do público em relação à literatura de viagens advenha primordialmente da sua «fome de mundo» e «sede de informação» (aparentemente) não manipulada, é, no entanto, indiscutível que as publicações relacionadas com a representação do estrangeiro aquém e além-muro ocuparam na lista de preferências dos leitores da RDA sempre lugares cimeiros.<sup>209</sup> Os elevados números de tiragem assim como as muito frequentes reedições dos livros de viagens, aspectos que Günther (1982: 40) realça no seu artigo dedicado à “Prosa de viagem contemporânea na RDA”, apontam precisamente no mesmo sentido.

A incontestável popularidade de todos os tipos de relatos de viagens e as consequentes vantagens financeiras para os seus autores, evidentemente, não passaram despercebidas aos próprios escritores da RDA, conforme se pode verificar, a título paradigmático, no seguinte exemplo.

O jovem poeta e comediante Hans-Eckardt Wenzel, cuja obra se distingue por frequentes críticas satíricas às insuficiências do regime do «Socialismo Real», mas que, mesmo assim, foi publicada e distinguida com prémios oficiais do Estado da RDA, tematiza, de forma irónica, esse assunto nos seus apontamentos de viagem reunidos em *Reisebilder*, um volume que veio, curiosamente, a lume poucas semanas antes do histórico anúncio do fim das restrições das viagens ao Ocidente. No seu “prefácio à primeira versão” desse peculiar livro de viagens que inclui, de acordo com o subtítulo, “Sátiras, Relatos e Ensaios”, Wenzel (1989: 7) explica, numa espécie de jogo metaficcional, os móbeis que o terão impellido a dedicar-se a esse género literário:

Mein Griff nach dieser Art Prosa ist einzig dem Umstand verschuldet, daß ich mir zur Verbesserung meiner egoistischen Lebensbedingungen Kühlschrank, Waschautomat, Fernsehapparat, Auto kaufen will, mein bisheriges Einkommen für solchen elementaren Luxus aber nicht ausreicht. (...) Schließlich erfuhr ich von einem gut aussehenden Soziologen (...), daß man *Reisebeschreibungen* machen müsse, weil danach ein riesiges Nachfragepo-

<sup>209</sup> Cf. os estudos sócio-empíricos de Löffler (1975; 1978), assim como os artigos de Borde (1979; 1981) e Günther (1982).

tential bestünde. *Pakistan, Teheran, Jerewan, Neu York und so*. Fotoapparat, Notizblock, Auflagen, das große Geld. (...) Also schreibe ich über das Reisen, denn es bildet, und Bildung hat das deutsche Volk schon von einigen Leichtsinngigkeiten abgehalten.<sup>210</sup>

[O deitar a minha mão a esta espécime de prosa deve-se apenas à circunstância de, com vista a melhorar as minhas condições de vida egoístas, eu querer comprar um frigorífico, uma máquina de lavar, um televisor, um carro, luxo elementar este para o qual, contudo, até ao momento não chegam os meus rendimentos. (...) Finalmente fiquei a saber por um sociólogo bem-parecido que se deveria redigir *relatos de viagens*, uma vez que haveria uma grande procura por esse tipo de escrita. *Paquistão, Teerão, Nova Iorque e assim*. Máquina fotográfica, bloco de notas, tiragens, a grande guita. (...) Portanto, escrevo sobre as viagens, já que elas cultivam, e a cultura já foi capaz de prevenir o povo alemão de algumas imprudências.]

O interesse «materialista» evidenciado pela própria figura narradora poderá ser aqui interpretado como uma forma auto-reflexiva por via da qual se questiona a função primordialmente pragmática ou instrumental (*Zweckfunktion*), isto é, cognitiva e instrutiva, que tradicionalmente se atribui ao relato de viagens e que, portanto, terá constituído a razão principal do grande sucesso desse género literário junto dos leitores da RDA. O jogo intertextual, hiperficcional e auto-reflexivo característico da escrita de Wenzel representa, em suma, um exemplo deveras ilustrativo dos tais traços «pós-modernos» que, segundo alguns (poucos) investigadores,<sup>211</sup> também existiram no campo literário da «anacrónica» e «fechada» RDA.

Voltando à perspetivação da literatura de viagens na paisagem mais genérica dos *media* da RDA, há a sublinhar um outro aspecto de índole formal que nos parece deveras característico da produção daquele género no contexto específico desse sistema político, social e cultural. Ao contrário da evolução na então República Federal Alemã, onde se assistiu, desde os anos de 1950, a uma crescente diferenciação da literatura de viagens em diversos subgéneros e formatos editoriais distintos, tais como narrativas de viagem (contos, romances), monografias (*Sachbücher*) e guias turísti-

<sup>210</sup> Itálicos e (orto)grafia assim no original.

<sup>211</sup> Como, por exemplo, Emmerich (2000) e Mann (2003).

cos (*Reiseführer*), na RDA a literatura de viagens manteve-se um género tendencialmente «integrativo». Dito por outras palavras, enquanto na RFA os elementos para- ou extratextuais, como fotografias, mapas, gráficos e tabelas com dados estatísticos, foram progressivamente «empurrados» da «bela literatura» para os livros de viagens técnicos ou os guias turísticos,<sup>212</sup> na Alemanha do Leste os livros de viagens, independentemente de se tratar de relatos de experiências viáticas redigidos por reconhecidos poetas ou de livros da autoria de escritores não profissionais sobre países estrangeiros, caracterizavam-se por um recurso bastante frequente a tais elementos não-literários. Esta insistência numa técnica de representação «multimedial» *avant la lettre* – que, remontando à multissecular tradição «bimediativa» (texto e imagem) da imprensa ilustrada, se estandardizara nas reportagens de viagem da *Neue Sachlichkeit* («Nova Objectividade») dos «loucos anos vinte»<sup>213</sup> – parece, assim, corroborar uma das teses centrais da nossa dissertação: *Face a um retardamento politicamente deliberado do processo de globalização física (turismo) e telemática, na RDA o «velho» livro de viagens constituiu uma tentativa anacrónica de conjugar o maior número possível de funções e meios de representação num único suporte mediático para assim se oferecer um «simulacro perfeito» de «realidades» estrangeiras.*

Ainda que essa concepção fizesse aparentemente jus à multissecular metáfora enciclopédica do «mundo como livro» ou *vice-versa*, é evidente que um modelo epistemológico e estético dessa natureza estaria, logo à partida, condenado a falhar, visto que as contingências e experiências do «mundo» – entendido como *Lebenswelt* – não cabem, de modo algum, nem entre duas capas de um livro, nem sequer poderão ser representadas pelos mais sofisticados *hypermedia* digitais e suas técnicas de construção de «Rea-

<sup>212</sup> Ainda que no contexto da literatura de viagens beletrística da RFA também se possam, evidentemente, encontrar exemplos diversos de um recurso sistemático à fotografia, como nos peculiares textos viáticos de Brinkmann e Sebald, certo é que nesses casos a bimediatividade obedece, não a um programa «realista» ou «documentarista» que prossegue uma estratégia de autenticação de uma determinada experiência de realidades estrangeiras, conforme acontece em parte significativa dos livros de viagens publicados na RDA, mas visa, pelo contrário, uma «estratégia de desestabilização» [“Verunsicherungsstrategie”; cf. Nölp (2001): 138] estética e epistemológica dos tradicionais esquemas de percepção e representação inerentes ao *medium* «literatura».

<sup>213</sup> Cf. Schlösser (2003: 53): “Dass Reiseberichte durch Bilder ergänzt wurden, gehörte (...) in den zwanziger Jahren zum Standard aller Illustrierten und Sammelbände (...)”. Facto é que já nas revistas da segunda metade do século XIX se assistira a uma estandardização dessa técnica bimediativa.

lidades Virtuais» cujo aperfeiçoamento remonta já à era pós-socialista.<sup>214</sup> Não obstante os avanços tecnológicos a que mais recentemente se tem assistido no domínio das tecnologias de representação e/ou simulação, tecnologias essas que inquestionavelmente predeterminam a nossa imagem do Outro de um modo cada vez mais «realista», o contínuo crescimento da mobilidade turística, sobretudo durante as últimas cinco décadas, demonstra que o desejo da experiência «autêntica» e da vivência intercultural «concreta», isto é, da viagem real, não é nem satisfeito nem anulado por encenações mediáticas, sejam elas de que espécie. Pelo contrário, o incessante aumento do fluxo turístico à escala global e a crescente presença do Outro nos mais diversos *media* impressos, audiovisuais e digitais apontam, a nosso ver, no sentido de um efeito precisamente inverso: Quanto mais intensa e «realista» a presença mediatizada do Outro, maior parece ser a apetência de uma verificação *in loco* das imagens, ou melhor, dos esquemas perceptuais criados por esses mesmos *media*. A estratégia de encenação de realidades estrangeiras enquadrada com o dogma do Realismo Socialista, estratégia essa que, em última instância, consistia na gestão política de propostas de um contacto intercultural a um ritmo de «conta-gotas» e ideologicamente «filtrado» por via das quais se terá pretendido satisfazer o inegável desejo colectivo da viagem de lazer tão característico do século XX, demonstra, de forma paradigmática, que os *media* – neste caso concreto, os livros de viagens – não podem ser nem concebidos nem instrumentalizados como um mero meio de *Ersatz*. O caso da regulamentação da viagem e suas multiformes representações na RDA constitui, assim, um exemplo deveras elucidativo de como as «viagens virtuais» – quer se trate do formato do «velho» livro quer de suportes multi ou hipermediáticos – contribuem, não para saciar, mas, ao invés, para agudizar a «fome de mundo» e a «saúde do longínquo» que na antiga Alemanha de Leste foram, ao longo dos anos, adquirindo a dimensão de um gigantesco *pathos* ou mesmo de uma patologia colectiva.

<sup>214</sup> Para uma breve reflexão sobre os arquétipos literários em que assentam alguns teoremas conceptuais dos novos meios digitais, nomeadamente do *hypermedium* por excelência representado pela Internet, veja-se Matos (2000b).

### 3.6 Resumo

Conforme exposto na introdução à presente dissertação, partimos do pressuposto de que qualquer abordagem do complexo fenómeno da viagem e suas multiformes representações no contexto histórico da segunda metade do século XX terá necessariamente de considerar a evolução do turismo no sentido de uma progressiva «normalização» da prática viática como hábito sociocultural característico de sociedades (pós-)industrializadas. Por conseguinte, achámos imprescindível proceder-se previamente a um enquadramento histórico-social dos diversos modos turísticos da RDA nesse *macro*processo civilizacional que, segundo Siegfried Kracauer, se consubstanciaria sob a forma de um manifesto “encolhimento do mundo” e, consequentemente, se reflectiria simbolicamente numa “relativização do exótico”.

A nossa análise diferenciada das diversas fases e dimensões das políticas e práticas turísticas na RDA permitiu-nos verificar que a tendência universal da «democratização» da viagem se processou de formas diferentes nos dois lados da «Cortina de Ferro». Ao contrário da concepção mercantilista e liberalista que, no Ocidente, permitiu não só uma rápida (re)implementação como um vertiginoso desenvolvimento da *indústria* do turismo, a «via socialista», alicerçada sobre a ideia de um indispensável dirigismo por parte do Estado que deveria regulamentar a justiça social em todos os domínios, imprimiu à evolução do turismo um ritmo muito próprio que seria predeterminado por uma série de factores que extravasavam o domínio dos chamados tempos «livres».

Ainda que instrumentalizada para fins de estabilização e manutenção do regime a nível interno e externo, a regulamentação estatal do turismo permitiu, sem dúvida, um considerável alargamento social do acesso à viagem de lazer. Conforme pudemos verificar no subcapítulo dedicado ao turismo «colectivo» e «planificado», os esforços financeiros e logísticos despendidos pelo Estado, sobretudo no que dizia respeito às possibilidades de os cidadãos passarem as suas férias em território nacional, constituíram inquestionavelmente uma proeza social da RDA, tendo proporcionado às camadas sociais mais desfavorecidas e, por isso, tradicionalmente arredadas das zonas e prazeres turísticos formas e modos economicamente acessíveis de usufruir de estadias nos cerca de 700 lares de férias do sindicato e das empresas espalhados por todo o país. No entanto, esses esforços e

«ofertas» estatais não foram nem quantitativamente suficientes nem qualitativamente convincentes, já que metade da população da RDA terá deliberadamente optado por diversas formas de um turismo «individual(ista)»,<sup>215</sup> tais como o campismo e o nudismo, que lhe proporcionaria uma certa distância e autonomia face à (quase) omnipresença de um regime, que não obstante a sua obsessão controladora, neste domínio se mostrou bastante complacente ao permitir esses pequenos nichos de liberdade.

Já em relação ao domínio do turismo internacional, não se pode de modo algum considerar que o Estado tenha sido tão anuente. Conforme constatámos, no que diz respeito às viagens transfronteiriças, independentemente de se destinarem ao «estrangeiro socialista» ou ao «hemisfério capitalista», a política turística da RDA pautou-se, pelo menos, até ao início da década de 1970, por um evidente esforço para restringir, na medida do possível, o raio de mobilidade da população. Qualquer deslocação de férias ou em serviço a solo estrangeiro, mesmo que apenas aos «países amigos», carecia de uma autorização oficial cuja obtenção, não raramente, se transformava num moroso e labiríntico processo burocrático para o cidadão «normal». Em suma, pode considerar-se que durante as primeiras duas décadas da existência da RDA o «fluxo» turístico rumo ao estrangeiro aconteceu, em comparação com os países ocidentais, a um ritmo de contagotas. Confinando-se, por um lado, ao que denominámos de um «turismo de delegação» reservado a algumas dezenas de milhares de «turistas» mais o menos criteriosamente seleccionados entre os representantes «exemplares» da vida política, social e cultural da RDA que tiveram a oportunidade de integrar excursões e visitas de intercâmbio institucional<sup>216</sup> e, por outro, aos projectos turísticos de índole claramente propagandístico representados pela coqueluche do turismo na RDA, ou seja, os cruzeiros de luxo a bordo dos navios *Völkerfreundschaft*, *Fritz Heckert* e, já no final dos anos 80, o *Arkona*, assim como pelas «viagens de amizade» no sofisticado e confortável comboio *Tourex*,<sup>217</sup> até finais da década de 1960, o turismo transfronteiriço era indubitavelmente um bem a que muitos cidadãos «normais» aspiravam, mas ao qual, na realidade, só uma minoria tinha acesso.

<sup>215</sup> Cf. subcapítulo 3.2.2.

<sup>216</sup> Cf. subcapítulo 3.3.1.

<sup>217</sup> Cf. subcapítulo 3.3.2.



A «normalização» da viagem ao estrangeiro – e, ainda assim, apenas ao «estrangeiro socialista» –, essa processar-se-ia, de um modo porventura bastante repentino, nos primeiros anos da «era Honecker». Nessa altura assistiu-se a um verdadeiro salto quantitativo no domínio do turismo internacional, sobretudo devido a uma conjuntura diplomática bastante favorável que, em última instância levaria ao reconhecimento internacional da RDA quer pela «rival» RFA quer pela ONU. Esse aumento do prestígio internacional incentivaria o regime a autoproclamar-se um Estado «aberto ao mundo», estatuto esse que doravante tentaria demonstrar e comprovar por via de uma política turística mais liberal destinada a fomentar significativamente a mobilidade internacional dos seus cidadãos.<sup>218</sup>

Verificámos ainda que, numa altura em que a viagem ao estrangeiro (socialista) passara portanto a integrar os padrões sócio-culturais do cidadão comum da RDA – que, assim, começava a aspirar, natural e legitimamente, às «pequenas diferenças» (Bordieu) que determinam o valor simbólico de práticas culturais e o prestígio social dos indivíduos nas sociedades de bem-estar material (como o era basicamente a da RDA) –, o facto de esse propagandeado fomento de um pretenso cosmopolitismo se ter limitado, paradoxalmente, apenas ao «mundo socialista» acabaria por representar, contrariamente às intenções do regime, não num factor apaziguador para a ordem social e para a consequente estabilização do poder, mas antes numa obsessão colectiva pelo acesso ao «outro lado do mundo» que não só conduziria a um crescente descontentamento e a uma frustração generalizada entre a população, como resultaria mesmo numa espécie de força catalisadora de protesto contra o regime. A exigência de *Reisefreiheit*, isto é, do direito universal à livre circulação, foi, como de resto já aqui por diversas vezes realçámos, uma das mais ouvidas reivindicações durante os meses dos massivos protestos que antecederam o desmoronamento do Muro e, por fim, ditaram o desaparecimento do sistema (semi-) fechado ao mundo chamado RDA. Com base numa análise de alguns excertos representativos dos textos autobiográficos de dois escritores de viagens por excelência da RDA, Kunert e Fries, obras vindas a lume já após a reunificação, tentámos ilustrar essa ânsia colectiva pela obtenção do mais valioso privilégio que o Estado poderia conceder, ou seja, o visto para uma «viagem além-muro», as neuroses por ela provocada, os

<sup>218</sup> Cf. subcapítulo 3.3.3.

sacrifícios e preços que muitos se dispuseram a pagar – mas também as «baixeiras» morais cometidas – para realizar esse sonho.

Na parte final deste capítulo dedicado aos diversos *contextos* extra-literários em que se inserem a produção e recepção dos livros de viagens na RDA procedemos ainda a uma perspectivização desse género literário na multiforme paisagem mediática. Resumindo o que ficou exposto e desenvolvido atrás, poder-se-á dizer que a literatura de viagens desempenhou naquele «país que já não existe» o papel de uma espécie de «*super-medium*». Isto é, além de ter constituído um género multifuncional que, por um lado, podia servir como meio de informação adicional ou justaposto a outros órgãos de uma comunicação social impressa e audiovisual deliberadamente fragilizada pelo regime da RDA e que, por outro, se configurava como um dispositivo de acesso apenas virtual a realidades estrangeiras vedadas ao cidadão «normal» (o «paraíso ocidental»), os livros de viagens sobre aqueles «países amigos» que estavam de facto ao alcance da população em geral terão sido também recepcionados quer como um meio de fruição estética quer, numa função mais utilitarista, como guias ou roteiros turísticos antes e durante as viagens reais. Esta multiplicidade e diversidade de funções – que, não obstante as intenções do regime e/ou dos autores, são, em última instância, sempre atribuídas e activadas pelo próprio leitor – ter-se-ão, conforme se demonstrará no capítulo seguinte sobre os «textos e imagens em movimento», necessariamente reflectido ao nível das estratégias discursivas e dos mecanismos narrativos.

## 4. Textos e imagens em movimento

### 4.1 Considerações prévias

A divisão bipolar do mundo e da Alemanha que, no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, resultara das profundas divergências entre as potências vencedoras ocidentais e a União Soviética reflectiu-se, conforme aqui já tivemos oportunidade de constatar, indelevelmente no domínio das concepções e práticas da viagem. Ainda que a forte apetência pela viagem turística nos dois lados da «Cortina de Ferro» tivesse constituído uma característica comum a ambas as populações alemãs, podendo ser as duas consideradas as «campeãs da viagem» nos respectivos hemisférios «geo-ideológicos» que integravam,<sup>219</sup> facto é que, perante o dirigismo político da RDA, que impunha ao turismo e ao contacto com o estrangeiro uma função vincadamente sociodidáctica, o fenómeno da mobilidade intercultural se manifestou nos dois sistemas de formas qualitativa e quantitativamente distintas. Enquanto no regime democrático e liberal da RFA a viagem se afigurava - pelo menos, em termos retóricos e não obstante assentar em infra-estruturas turísticas progressivamente massificadas - como uma experiência *individual* e um acto de realização pessoal, na «outra Alemanha» a mobilidade transfronteiriça era, no discurso oficial, enquadrada por propósitos *colectivos* que, em última instância, visavam uma estabilização política e social. Ao contrário da situação na Alemanha ocidental, onde o *pathos*

---

<sup>219</sup> Cf. capítulo 3.

da subjectividade que, remontando à multissecular tradição burguesa da viagem como metáfora e prática por excelência da liberdade do indivíduo, se manifestava sob a forma de um progressivo aumento das viagens (turísticas), segundo a concepção socialista da RDA o contacto com o estrangeiro deveria romper com essa tradição cosmopolita de matriz liberal. Com o intuito de se demarcar de forma clara dessa conotação apoliticamente burguesa da viagem, nos países de regimes socialistas assistiu-se assim a uma espécie de demonização dessa tradição individualista, uma vez que contrariava os propósitos politizantes do «Internacionalismo Proletário» que deveria conduzir à «revolução mundial» anunciada, um século antes, por Marx e Engels. Com a intensificação da «Campanha Antiformalista» no início da década de 1950, campanha política essa por via da qual se implementou o dogma do «Realismo Socialista» como directriz imperativa da produção cultural na RDA, o «cosmopolitismo burguês» passaria mesmo a ser usado como um rótulo pejorativo para denunciar o «modernismo formalista e decadentista» que, ao anular a tradição e a herança cultural do Humanismo, teria alegadamente contribuído para fomentar o ideário e a política belicistas do imperialismo ocidental (cf. Emmerich (2000: 118ss.). De acordo com essa lógica antiliberal, era pois necessário elaborar-se um modelo «genuinamente» socialista para o fenómeno da mobilidade internacional e sua representação literária. O conceito «cosmopolitismo» seria, conseqüentemente, banido da «grande narrativa» socialista. Em sua substituição, emergiria e consolidar-se-ia a retórica do «Internacionalismo Socialista» ao serviço de um «entendimento entre os povos» (*Völkervers-tändigung*) e da «paz mundial» (*Weltfrieden*), dois tópicos que doravante se consubstanciariam como *Leitmotive* incontornáveis no discurso viático de matriz marxista-leninista.

Esta reconceptualização funcional do complexo fenómeno da viagem no sentido da formação de uma “unidade dialéctica de patriotismo socialista e internacionalismo proletário (Simons, 1973: 10) implicaria necessariamente uma instrumentalização da respectiva produção literária que deveria, conforme se pode ler no seguinte excerto da mais prestigiada *Geschichte der Literatur der Deutschen Demokratischen Republik* (1977: 189s) editada na RDA, contribuir de modo significativo para a integração da «nova Alemanha» na comunidade dos “países amigos” que teriam seguido o novo modelo social da URSS:

Besonders in der ersten Hälfte der fünfziger Jahre bildeten sich durch den Friedenskampf gemeinsame Züge in der sozialistischen und demokratisch orientierten Weltliteratur aus, die sich dann weiter ausdifferenzierten. (...) Die Grundlage dafür war die neue Gesellschaftsordnung in der UdSSR und in den anderen Ländern, war das Weltlager des Sozialismus, des Friedens und der Demokratie. (...) Die wichtigsten gesellschaftlichen Gesetzmäßigkeiten der internationalen Entwicklung kamen auch in der entstehenden Nationalliteratur der DDR zum Ausdruck und wirkten entscheidend auf sie ein. (...) Auf vielfältige Weise äußerte sich die Gemeinsamkeit zwischen der Literatur der DDR und der sozialistischen Länder Europas. (...) In Reportagen und Reiseberichten vor allem erkundeten die Schriftsteller der DDR die neue Wirklichkeit in den befreundeten Ländern und förderten dadurch das friedliche Zusammenleben der Völker.

[Sobretudo durante a primeira metade dos anos de 1950 desenvolveram-se, devido à luta pela paz, traços comuns na literatura mundial de orientação socialista e democrática, os quais, posteriormente, se foram cada vez mais diferenciando. (...) A base para essa evolução consistiu na nova ordem social na URSS e noutros países, no leito internacional do socialismo, da paz e da democracia. (...) As principais tendências sociais da evolução internacional também encontraram a sua expressão na emergente literatura nacional da RDA e influenciaram-na de modo decisivo. (...) Os aspectos comuns entre a literatura da RDA e os países socialistas da Europa expressou-se de múltiplas formas. (...) Foi, antes de mais, em reportagens e relatos de viagens que os escritores da RDA exploravam a nova realidade nos países amigos, fomentando assim a coexistência pacífica entre os povos.]

Algumas páginas adiante, é ainda realçado e reenfatizado o importantíssimo papel do género da “reportagem de viagem” quer para a solidificação da RDA ao nível interno quer para a sua indispensável integração na comunidade das nações baseada na “ideia do internacionalismo proletário” (*idem*: 250):

Seit 1953 traten neben die Reportagen aus dem Leben der Republik Reiseberichte, in denen Schriftsteller ihre Eindrücke von Besuchen in volksdemokratischen Ländern und der Sowjetunion vermitteln (...). Diese Werke verschafften den Lesern der DDR Zugang zum Leben der befreundeten Völker.

Allen diesen Reise-Reportagen war der Gedanke des proletarischen Internationalismus gemeinsam.

[Desde 1953, surgiram, ao lado das reportagens da vida (nacional) na república, relatos de viagens em que os escritores transmitiam as suas impressões de visitas aos países das democracias populares e da União Soviética. (...) Estas obras conferem aos leitores da RDA um acesso à vida dos povos amigos. Todas essas reportagens de viagens tinham em comum a ideia do internacionalismo proletário.]

Ainda que na mesma História Literária da RDA se reitere por diversas vezes a importância extrema desse género de publicações como forma de solidificar o «espírito socialista» ao nível interno e a solidariedade internacional entre os «países amigos» empenhados na luta contra o «imperialismo ocidental», certo é que as considerações sobre a literatura de viagens se resumem aí a uma mera enumeração de alguns nomes e títulos maioritariamente oriundos dos anos 50.<sup>220</sup> O “considerável volume da lírica de viagem fictícia” (Zwirner, 1987: 55) de meados da década de 60 ou o verdadeiro surto de livros de viagens de toda a espécie após a «mini-liberalização» e a «abertura ao mundo» proclamadas por Honecker aquando da sua tomada de posse como chefe do governo em 1971, dois fenómenos quantitativa e qualitativamente muito importantes no domínio editorial da RDA, esses nem sequer são mencionados nessa obra de referência constituída por mais de 900 páginas. Perante a qualificação da literatura de viagens como um “género operativo” que se terá configurado como um factor fulcral para a identidade nacional e internacional da «nova Alemanha», conforme consta na entrada *Reiseliteratur* do *Wörterbuch der Literaturwissenschaft* [der DDR] (1986: 431), surpreende o laconismo evidenciado na mais volumosa e mais completa História Literária da RDA. Essa lacuna no seio da investigação literária da própria RDA não só seria apontada como parcialmente preenchida pelos dois breves estudos de Härtl (1977) e de Günther (1982) assim como pelo número especial da revista *Deutsch als Fremdsprache* (1989)

<sup>220</sup> Tais como o de Armin Müller e suas reportagens sobre a Polónia *Sommerliche Reise ins Nachbarland. Ein junger Schriftsteller erlebt das neue Polen* (1953) e a Coreia *In den Hütten der Hoffnung* (1955), o relato de uma viagem à China por parte de Stephan Hermlin (*Ferne Nähe*, 1954), a reportagem sobre o Vietname *Sturm aus Bambushütten* (1956) da autoria de Bernhard Seeger ou o relato com o paradigmático título *Paradies ohne Seligkeit* (1955) [Paraíso sem felicidade] de uma viagem à RFA empreendida por Eduard Claudius.

composta de diversos pequenos artigos dedicados à viagem que aqui já tivemos oportunidade de comentar no capítulo sobre os «Metatextos». No entanto, apesar de esses trabalhos corroborarem a grande relevância «operacional» desse género específico na paisagem literária da RDA, não se debruçam sobre as formas de expressão e os modos de funcionamento dos próprios textos. Ainda que, por exemplo, na introdução ao seu artigo sobre “O desenvolvimento e as tradições da literatura de viagens socialistas”, Härtl se proponha responder a questões relacionadas com “a função, o carácter artístico e o efeito estético” da literatura de viagens socialista (Härtl, 1977: 299), na verdade, mais do que análises propriamente ditas dos diversos livros de viagens mencionados, as suas reflexões mantêm-se como meros postulados carecendo das respectivas comprovações junto dos próprios textos. O mesmo se poderá afirmar em relação ao estudo de Günther que, ao mencionar mais de cinquenta títulos, traça um panorama bastante detalhado da forte presença da “Prosa de viagem na literatura contemporânea da RDA”, isto é, na década de 70 e início dos anos 80, sem que, porém, se dedique aos mecanismos narrativos dos textos em si. A conclusão de um breve artigo de Irmfried Hiebel (1989: 4) sobre a literatura de viagens nas duas primeiras décadas de existência da RDA, estudo que abre o *Literarisches Sonderheft* da revista acima mencionada, parece-nos constituir outro exemplo deveras representativo da redução da investigação literária relacionada com o relato de viagens a fórmulas esvaziadas, isto é, a chavões ideológicos do discurso socialista.

So wurde während der ersten beiden Nachkriegsjahrzehnte in der frühen DDR-Literatur die einst im Geiste des proletarischen Internationalismus entwickelte Tradition der kulturellen Verständigung zwischen den Völkern wieder aufgenommen und auf dem politischen Hintergrund der Herausbildung antifaschistisch-demokratischer und später sozialistischer Gesellschaftsverhältnisse fortgeführt. Bisweilen geschah dies mit einer vom realistischen Betrachten der gesellschaftlichen Möglichkeiten ins Idealistische abgehobenen Haltung, bisweilen auch mit einem überzogenen Pathos des Neubeginns, das bis in die sprachlichen Details hinein seine Spuren hinterließ.

[Durante as duas primeiras décadas do pós-guerra, retomou-se, na nova literatura da RDA, a tradição do entendimento entre as culturas que outrora se desenvolvera com base no espírito do internacionalismo proletário dando

-se lhe assim continuidade sob o pano de fundo político da emergência de condições sociais de

antifascista e democrático e, posteriormente, socialista. Por vezes, isso aconteceu com uma atitude de sublimação algo idealista que advinha da observação realista das possibilidades sociais; por vezes, também, com um *pathos* exagerado do reinício que deixaria os seus vestígios até aos próprios detalhes da linguagem.]

Como é que na prática textual se terão reflectido o alegado “idealismo”, o “*pathos* do reinício” e a “missão de unir os povos” (*ibid.*) da literatura de viagens, isso, de facto, manteve-se um desiderato dos estudos que na RDA se dedicaram mais de perto ao género. Neste sentido, só se pode concordar com o balanço global de Brenner (1990: 646) no que concerne a esse domínio específico de investigação:

(...) die verschiedenen kleineren Überblicksdarstellungen zum Thema beschränken sich auf knappe Charakteristiken und oft nur auf Namensgebungen; eine systematische wissenschaftliche Erschließung größerer Teilkomplexe der DDR-Reiseliteratur steht noch aus.

[(...) as diversas apresentações genéricas do tema são de dimensão menor (...) limitando-se a breves caracterizações e, muitas vezes, a meras enunciações de nomes; ainda está por fazer uma exploração sistemática de índole científica de maiores complexos parciais da literatura de viagens da RDA.]

Bastante mais duvidosa parece-nos, no entanto, a sua infundada conclusão de que a evolução do género na RDA se tenha primordialmente pautado pelo recurso a “velhas tradições, mais burguesas que socialistas” (*ibid.*), negando-se lhe, por isso, qualquer tipo de “potencial inovador” (*idem*: 648). Perante a complexidade e especificidade do contexto político, social e cultural que na RDA enquadraram a viagem e se repercutiram, necessariamente, nas suas múltiplas formas de encenações narrativas, essa visão subliminarmente ahistórica só poderá ser considerada redutora. A indiferenciada avaliação de Brenner não só omite as diversas fases e estratégias da política de viagem dos governos da RDA em pelo menos dois ciclos, ou seja, antes e depois do reconhecimento internacional da



RDA pela ONU enquanto Estado nacional de plena autonomia em 1973 e suas respectivas repercussões quer na prática turística quer na produção e recepção da literatura de viagens, como carece de uma perspectiva que, face à idiossincrática multidimensionalidade do fenómeno da viagem na antiga Alemanha do Leste, terá de ser, a nosso ver, incontornavelmente *funcional*. Dito por outras palavras, uma abordagem analítica que pretenda fazer o levantamento das peculiaridades dos processos de produção e recepção dos livros de viagens na RDA não pode deixar de considerar os diferentes contextos em que se inscrevem, por um lado, as representações de viagens a regiões *potencialmente* acessíveis aos leitores, como aconteceu, a partir da década de 70, em relação aos países vizinhos no hemisfério socialista, e, por outro, as encenações de incursões por um «paraíso ocidental» apenas *virtualmente* experienciável pela esmagadora maioria dos cidadãos comuns. Como é evidente, essas diferenças contextuais pressupõem funções e estratégias narrativas distintas.

Que essas funcionalidades terão tido implicações profundas nos processos de textualização e media(tiza)ção das «realidades» estrangeiras é um aspecto intuído, mas não aprofundando nem analisado, por Biernat (2004: 25), que no seu interessante estudo se propõe, contra as habituais separações das paisagens literárias dos dois estados alemães, colocar lado a lado a literatura de viagens produzida na RFA e na RDA desde o pós-Segunda Guerra Mundial.

Beide Bereiche [d.h. Reiseliteratur aus der BRD und der DDR] werden – entgegen der gängigen Praxis in der Reiseliteraturforschung – nicht gesondert betrachtet. Sie sind in die systematischen Fragestellungen integriert, das heißt der historischen und gattungstechnischen Nähe wird der Vorzug gegeben vor soziopolitischen (...) Voraussetzungen des Schreibens. Gerade die Unterschiede in den reisekulturellen Bedingungen der DDR und der BRD sowie deren Auswirkungen auf die Reiseliteratur in der DDR wären ein lohnenswertes Untersuchungsfeld, das bisher kaum abgesteckt wurde. Auch die Tourismusforschung zum Reisen in der DDR steht noch am Anfang. Darüber hinaus unterlagen reisende DDR-Schriftsteller anderen Vorgaben als ihre reisenden Mitbürger (...). Der dezidiert politische Auftrag war an den literarischen Imperativ des Sozialistischen Realismus gekoppelt, und in diesem Spannungsfeld bewegte sich auch die Reiseliteratur.

[Ambas as áreas (isto é, a literatura de viagens da RFA e da RDA) não são aqui – ao contrário da prática habitual na investigação sobre a literatura de viagens – observadas em separado. Elas estão integradas nas questões sistemáticas, isto quer dizer, à proximidade histórica e técnico-formal do género é dada a prioridade perante as condições sociopolíticas (...) da escrita. As diferenças no que concerne às condições culturais da viagem na RDA e na RFA assim como as respectivas repercussões na literatura de viagens da RDA constituiriam precisamente um campo de investigação que valeria a pena a estudar, o que, até ao momento, ainda quase não foi feito. Mesmo a investigação turística ainda se encontra no seu início. Para além disso, as viagens dos escritores da RDA estavam sujeitas a prescrições diferentes das dos seus concidadãos (...). A missão decididamente política estava inextricavelmente ligada ao imperativo literário do Realismo Socialista, e é nesse campo de tensões que também a literatura de viagens se movia.]

De facto, não se pode considerar que a lacuna da investigação sobre a literatura de viagens da RDA apontada por Biernat tenha sido colmatada pelo seu próprio estudo, não tendo sido, de resto, esse o seu propósito. Ao optar por uma aproximação «integrativa» da literatura de viagens das duas Alemanhas, abordagem essa que justifica pela “proximidade histórica” e de aspectos técnicos e formais relacionados com o género, é evidente que as idiosincrasias contextuais e textuais da produção e recepção dos livros de viagens na RDA são, logo à partida, relegadas – a nosso ver, de forma ilegítima – para segundo plano. Por conseguinte, os resultados da sua investigação em relação à literatura de viagens da Alemanha de Leste reduzem-se a algumas afirmações que, apesar de aparentemente consensuais, padecem do mesmo reducionismo ou, em parte, das mesmas aporias teóricas e metodológicas de outros trabalhos de investigação neste domínio que aqui já tivemos oportunidade de comentar. A seguinte passagem do livro de Biernat (2004: 192s) exemplifica-o de forma paradigmática:

Das staatlich regulierte Reisen in der DDR erzeugte Wahrnehmungsmodi, die der Autopsie des Fremden eine existentielle Bedeutung zuwiesen, wie sie das Reisen zuletzt während der Pilgerzüge hatte. (...) [Die] DDR-Reiseliteratur [bot] – neben Unterhaltung, Information und Inszenierung von Alteritätserfahrungen – vor allem eines: Ersatz für das wirkliche Reisen. (...) [Die] Reiseliteratur der DDR war ein eskapistischer, informativer Ersatz für die

ingeschränkten Reismöglichkeiten. Sie erfüllte damit für das DDR-Publikum die Funktion, die die Reiseliteratur vor Beginn des Massentourismus im 19. Jahrhundert hatte. Nach 1989 verlieren die Reisetexte zunehmend diese Funktion und sind seitdem in der Lesergunst gesunken – eine Entwicklung, die in der westdeutschen Literatur seit den sechziger Jahren zu beobachten ist.

[Na RDA, as viagens reguladas pelo Estado produziu modos de percepção que conferem à autópsia de realidades estrangeiras um significado existencial, tal como acontecera com a viagem durante a época das peregrinações. (A) literatura de viagens da RDA (proporcionou) – para além do entretenimento e da encenação de experiências de alteridade – sobretudo uma coisa: um *Ersatz* para a viagem verdadeira. (...) (A) literatura de viagens da RDA era uma compensação escapista e informativa para as limitações das possibilidades de se viajar. Para o público da RDA, ela desempenhou portanto a função inerente à literatura de viagens antes do início do turismo de massas no século XIX. Após 1989, os textos de viagem perderam progressivamente essa função e desceram, desde então, no que diz respeito às boas graças junto dos leitores – um desenvolvimento que se tem vindo a observar na literatura alemã ocidental desde os anos sessenta.]

A avaliação genérica da literatura de viagens da RDA como portadora de um significado transcendental conforme, alegadamente, acontecera na era medieval das peregrinações religiosas, ou a sua redução à função cognitiva como meio transmissor de informações interculturais que o género desempenhara nos tempos sedentários anteriores ao surgimento do turismo de massas no século XIX parece-nos, na verdade, uma perspectiva algo limitada, mostrando-se incapaz de considerar que o macroprocesso da globalização mediática e turística no mundo industrializado também não passara por completo ao lado da «fechada» RDA. Discordamos portanto dessas premissas demasiadamente simplistas que, em última instância, concebem o «sistema RDA» de forma monolítica e generalista como um entidade completamente anacrónica, sem levar em conta a coexistência e simultaneidade de resíduos «pré-modernos», de traços de uma modernidade de cunho «iluminista», isto é, não-dialéctica e teleológica, e de certos aspectos de uma pós-modernidade cultural que, segundo Emmerich (1994b: 129-150), em conjunto caracterizaram o complexo e efémero projecto histórico de uma «sociedade socialista» em solo alemão. Ainda

que refutemos esse tipo de pressupostos pouco diferenciados que subjazem ao estudo de Biernat, estamos, no entanto, genericamente de acordo com as suas conclusões em relação à literatura de viagens – não só a da RDA, mas do género em geral. Concordamos nomeadamente com a importância que aí se atribui às “estratégias de autenticação” nos relatos de viagens de autores da RDA (Biernat, 2004: 193):

Aus dieser Perspektive [der eingeschränkten Reisemöglichkeiten] kam den Authentizitäts- und Beglaubigungsstrategien in den Reiseberichten von DDR-Autoren eine wichtige Aufgabe zu. Der realistische Schreibgestus, der sich in vielen der seit den fünfziger Jahren veröffentlichten Reisetexten findet (...), sollte den Lesern ein wirklichkeitsgetreues Bild der Fremde liefern (...). Dadurch entstand die Illusion einer grenzenlosen Verfügbarkeit ferner Länder, die realiter nicht gegeben war. Seit den siebziger Jahren setzten die DDR-Reiseschreiber verstärkt modernistische, antirealistische Gestaltungsmittel ein (...) – und zwar mit demselben Ziel: dem Leser glaubwürdige Alteritätserfahrungen zu vermitteln.

[Sob a perspectiva (das limitações das viagens), as estratégias de autenticação nos relatos de viagens de autores da RDA desempenhavam um tarefa importante. O modo realista da escrita, patente em muitos textos de viagem publicados desde os anos cinquenta (...), deveria fornecer aos leitores uma imagem fiel das realidades estrangeiras (...). Criou-se assim a ilusão de um alcance ilimitado de países distantes que, de facto, não existia. Desde os anos setenta, os escritores de viagens da RDA passaram a utilizar cada vez mais meios artísticos modernistas e anti-realistas – e isto, com o mesmo objectivo: o de transmitir ao leitor experiências de alteridade verosímeis.]

Que o crescente recurso a meios de composição “modernistas e anti-realistas” com vista a proporcionar ao leitor “experiências de alteridade verosímeis” se tenha pautado, conforme se afirma no excerto supracitado, pelo mesmo ideal ontológico subjacente ao dogma estético do «Realismo Socialista» que predominara nos anos de 1950/60 e pretendia fornecer um «retrato fiel» e objectivo de realidades estrangeiras, parece-nos uma tese difícil de comprovar. No entanto, é inquestionável que, perante as peculiares condições da viagem e da sobrevalorização do livro como *medium* de instrução por excelência nessa «sociedade da leitura», as estratégias

discursivas e os mecanismos narrativos de autenticação nos textos viáticos publicados na RDA merecem um enfoque analítico muito especial.

Antes de procedermos a essa análise mais aprofundada dos processos de encenação em que assentam os «textos e imagens em movimento», impõe-se ainda algumas breves considerações sobre os critérios metodológicos adoptados no presente capítulo.

No início das investigações subjacentes a este estudo partimos do pressuposto de que, perante a existência do Muro e face às características política, social e culturalmente repressivas do regime, o tema da viagem seria na RDA um espécie de tabu e que, por conseguinte, as publicações relacionadas com esse fenómeno deveriam ser, do ponto de vista quantitativo e metodológico, facilmente abrangíveis no âmbito de uma dissertação académica. No entanto, as nossas pesquisas mais aprofundadas, não apenas no que concerne ao levantamento bibliográfico das «fontes» literárias e dos respectivos metatextos, mas também dos estudos produzidos no domínio das ciências do turismo sobre os hábitos de viagem dos alemães de Leste, indagações essas cujos resultados expusemos e debatemos nos capítulos anteriores, viriam a contrariar quer a nossa hetero-imagem (ocidental) da RDA como uma «sociedade imóvel» hermeticamente fechada ao exterior, quer a assunção errónea de que as limitações políticas à circulação dos cidadãos e a censura literária implicariam necessariamente um «apagamento» do tópico da viagem da vastíssima paisagem editorial desse «país da leitura».

Perante a imensidão e diversidade de livros directa e explicitamente relacionados com a viagem com que fomos deparando, impunha-se assim, primeiro, uma inventariação sistematizante desse vastíssimo segmento de publicações<sup>221</sup> e, em segundo lugar, uma selecção das obras a serem submetidas a uma análise que, evidentemente, não podendo ser exaustiva, deveria ser, na medida do possível, representativa das principais tendências da produção e recepção da literatura de viagens na RDA. Tratando-se de um género literário que gira, por excelência, em torno do fenómeno da

---

<sup>221</sup> A bibliografia das fontes anexa a este estudo contempla, para além dos textos a que aqui se faz referência directa, toda uma série de livros de viagens (contemporâneos) editados na RDA que durante as nossas investigações pudemos consultar, mas que nesta dissertação não foram submetidos a uma análise. A opção de não restringir essa listagem bibliográfica apenas aos poucos exemplos representativos explicitamente abordados neste trabalho, mesmo que não se pretenda exaustiva, proporcionará, pelo menos, ficar-se com uma vaga ideia da imensidão desse território literário e, respectivamente, da importância do multidimensional fenómeno da viagem na extinta Alemanha do Leste.

mobilidade internacional e olhando à constelação bipolar do mundo que limitou de forma indelével essa mesma mobilidade dos cidadãos comuns do Estado da RDA entre 1949 e 1989/90, optámos por uma abordagem analítica de cunho mais *funcional e contextualizante* que formal. Dito por outras palavras, adoptou-se basicamente uma perspectivação dos livros de viagens que focaliza as diferentes *estratégias* de representação do estrangeiro consoante o seu enquadramento «geo-ideológico» e as diferentes fases conjunturais da política internacional dos governos da antiga Alemanha do Leste, o que implicava directamente a sua *Reisepolitik* e, por conseguinte, também a política literária e editorial em relação a esse género. Em função desses critérios de selecção organizámos a nossa análise do *corpus* em dois grupos que correspondem respectivamente a uma determinada «região» da ordem bipolar de então e, indirectamente, às características mais marcantes de determinados períodos da história política e cultural da própria RDA.

Ainda que se trate de uma divisão heurística e, por isso, necessariamente esquemática, o agrupamento das obras a analisar em torno de dois núcleos distintos justificar-se-á pelo facto de espelhar, a nosso ver, de forma paradigmática, quer as principais tendências evolutivas da política de viagens da RDA quer as diversas funções e as peculiares características das múltiplas configurações do vastíssimo campo da literatura de viagens produzida na RDA. O primeiro subcapítulo será assim dedicado à construção discursiva e à media(tiza)ção do «Internacionalismo Socialista», focando-se aí as formas e os modos diversos da encenação de uma relação de proximidade e harmonia identitárias entre a RDA e os mais diversos «países amigos» que de facto já integravam ou que poderiam, conforme se esperava em relação a toda uma série de nações situadas num território de disputa política, económica e ideológica entre os dois grandes sistemas rivais, vir a integrar a «comunidade mundial» do Socialismo. Conforme tentaremos demonstrar, apesar dessa «supra-estrutura» ideológica comum, as estratégias de representação do «estrangeiro socialista» diferem em virtude de se tratar ou dos países vizinhos, que mais tardar desde a década de 1970, passariam a constituir para o cidadão comum da RDA destinos turísticos «reais», ou de países mais longínquos, cujas descrições requeriam técnicas narrativas que não poderiam prescindir de uma certa aura exotizante. No segundo subcapítulo focar-se-ão as estratégias e os mecanismos de representação do Mundo Ocidental cuja inacessibilidade à esmagadora

maioria da população da antiga Alemanha de Leste transformou todos os géneros de publicações relacionadas com as viagens ao «paraíso proibido» ou – ao invés, mas resultando numa imagem igualmente monocromática do «hemisfério além-muro» – ao «inferno imperialista» num dos artefactos culturais mais populares entre os leitores daquela mítica *Lesegesellschaft* (sociedade de leitura).

Uma vez expostos e discutidos os múltiplos factores extratextuais, isto é, os contextos sociais, políticos e culturais, que na RDA enquadraram a prática da viagem e que, por conseguinte, não poderiam deixar de interferir na percepção e representação do Outro, neste capítulo ocupar-nos-emos portanto dos processos da *textualização* ou *mediatização* propriamente ditos. Conforme tentaremos demonstrar, as funções e configurações desses processos e mecanismos narrativos variaram não apenas consoante as «regiões» visitadas, as conjunturas históricas mais específicas e, num sentido lato, os esquemas ideológicos quer ao nível colectivo quer no plano mais individual dos «viajantes-narradores», mas também de acordo com as tradições e matrizes literárias em que os textos se inscrevem.

Resta apenas sublinhar que as análises que se seguem não se pretendem exaustivas, reportando-se a uma selecção de livros de viagens que, de acordo com as perspectivas e os métodos adoptados neste estudo, reflectem representativamente os traços mais característicos de um campo literário ou, melhor, de um segmento editorial que é – como aqui já por diversas vezes se reiterou – em si mesmo muito heterogéneo. Ao tentar-se ilustrar os modos de funcionamento de alguns mecanismos narrativos por via dos quais os viajantes – entendidos como figuras sociais e textuais – construíram e «veicularam» as suas imagens de «realidades» estrangeiras, o propósito deste capítulo só pode ser o de contribuir para uma «cartografia» da multifacetada paisagem de representações do Outro elaboradas e consumidas num tempo e espaço entretanto submersos pela imparável vaga da «Globalização». Uma vez que um mapeamento «arqueológico» mais minucioso da “topografia da alteridade” (Waldenfels, 1997) na RDA se nos afigura como uma tarefa impossível de realizar no âmbito de um trabalho académico de dimensões necessariamente limitadas, com as análises e reflexões aqui propostas não mais se pretende portanto que assinalar algumas pistas possíveis para futuras investigações num domínio da história recente cujo conhecimento mais aprofundado nos poderá proporcionar uma melhor compreensão das múltiplas causas da implosão de todo um

modelo ideológico, de um regime político e sociocultural que, durante o século passado, determinou não só as mundividências como a *Lebenswelt* de uma parte significativa da população mundial.

#### **4.2 Construção discursiva e media(tiza)ção do «Internacionalismo Socialista»**

Os primeiros anos pós-guerra caracterizaram-se, em todas as quatro zonas de ocupação da Alemanha derrotada, por uma “mobilidade generalizada” (Biernat, 2004: 35). No entanto, o intenso fluxo migratório que envolvia dezenas de milhões de cidadãos alemães, desde os exilados que regressavam dos quatro cantos do mundo à pátria em destroços, passando pelo exército de ex-soldados e refugiados de guerra até aos expatriados das zonas do Leste do antigo «Terceiro Reich», evidentemente não pode ser considerado o género de mobilidade viática que constitui o principal objecto de encenação do que consensualmente se designa de «literatura de viagens». Ainda que essas experiências-limite, tal como as vivências e memórias da guerra e do exílio no estrangeiro, tenham forçosa e indelevelmente marcado as cosmovisões e representações heteroculturais dos alemães, as situações extremas a que dizem respeito não se enquadram na noção de viagem subjacente ao tipo de livros que constituem o objecto de estudo da presente investigação. É, portanto, das viagens *voluntárias* ou, se quisermos, turísticas – e não das viagens forçadas por motivos de sobrevivência económica e/ou política – de que aqui nos ocupamos.

Sob esta perspectiva conceptual, os tempos que de imediato se seguiram à Segunda Guerra Mundial configuram-se como uma época de uma forte limitação da viagem internacional, limitação essa que se deve não só às carências económicas como às prescrições legais das forças ocupantes. Enquanto nas três zonas ocidentais se assistiria, em conformidade com as autoconcepções liberalistas e cosmopolitas das potências de ocupação, a uma popularização surpreendentemente rápida do hábito da viagem turística ao estrangeiro, na zona administrada pela União Soviética, que, em 1949, se transformaria num novo país chamado RDA, a mobilidade transfronteiriça manter-se-ia até 1954 um direito exclusivo de viajantes em representação do Estado. Não obstante se ter abolido, logo após a morte de Estaline, a lei que proibia em absoluto qualquer tipo de viagem



internacional por iniciativa privada, é indiscutível que, pelo menos até à construção do Muro de Berlim e à subsequente abertura à experiência concreta dos «países amigos» por parte dos cidadãos comuns, o turismo transfronteiriço – mesmo que apenas ao «estrangeiro socialista» – mostrou ser, modo geral, um assunto de interesse diplomático, limitando-se, por conseguinte, a um grupo muito restrito de «viajantes de confiança». Em termos sumários poder-se-á assim afirmar que o contacto e a experiência interculturais *in loco* se manifestaram na RDA, até meados da década de 60, maioritariamente sob a forma de um «turismo de delegação» cuja vivência os respectivos «viajantes-missionários» se encarregariam de veicular a todos aqueles que, embora podendo gozar do intenso fomento estatal do turismo ao nível nacional, se viam excluídos de uma prática colectiva de lazer progressivamente característica das sociedades de bem-estar ocidentais, isto é, o turismo internacional.

Face a essa situação, os livros de viagens assumiriam, como é evidente, um papel de extrema importância. Podendo recorrer a uma longa tradição de grande popularidade que advinha sobretudo dos seus conteúdos exóticos relacionados com lugares longínquos inacessíveis ao leitor comum, no contexto específico da fase de fundação e solidificação da RDA, esse *medium* revestir-se-ia, porém, de funções bem mais complexas do que as de uma mera *Ersatz* que desempenhara nos tempos sedentários anteriores ao turismo moderno. Se é verdade – e neste aspecto concordamos com a afirmação supracitada de Biernat (2004: 193) – que na perspectiva da recepção, isto é, nas expectativas dos leitores, a literatura de viagens da RDA terá sobretudo funcionado como um modo de compensação para as limitações ou mesmo impossibilidade de experiências interculturais concretas,<sup>222</sup> perante um sistema em que a produção cultural estava submetida a prescrições políticas no sentido de enquadrar e divulgar os fundamentos ideológicos de uma «nova Alemanha» integrada na «comunidade socialista», ter-se-á, imperativamente, também de considerar a função «instrutiva» que, segundo a concepção sociodidáctica do regime, deveria extravasar o tradicional papel do livro de viagens como um meio lúdico que apelava, em primeiro lugar, ao imaginário do exótico. Concepção explicitamente *bifuncional* essa que Härtl (1977: 299) sintetiza de forma paradigmática e inequívoca:

---

<sup>222</sup> Sobre as diversas funções de *Ersatz* da literatura de viagens da RDA veja-se Matos (2001).

Zahlreiche Reisebücher bezeugen mit der Mannigfaltigkeit der in der DDR-Literatur eingebrachten internationalen Stoffe ihre Anteilnahme am antiimperialistischen und Befreiungskampf anderer Länder, Völker und Menschen und damit eine Welthaltigkeit, die *primär* durch politische und soziale Interessen vermittelt ist und von exotischen unterstützt wird.<sup>223</sup>

[Inúmeros livros de viagens testemunham, com a diversidade de matérias internacionais trazidas para o seio da literatura da RDA, a sua participação na luta anti-imperialista e de libertação de outros países, povos e seres humanos, demonstrando assim uma mundialidade que é, *primordialmente*, conferida por interesses políticos e sociais comuns e apoiada em aspectos de interesse pelo exótico.]

No que diz especificamente respeito ao relato de viagens na *Aufbau-phase*, isto é, na fase de criação da RDA, a literatura crítica só pode ser considerada extremamente escassa, quer se se tiver em linha de conta a abundância de livros de viagens (maioritariamente sobre a União Soviética e os seus «países-satélite») vindos a lume entre 1949 e 1961 quer quando comparada com os estudos sobre a produção desse género nos períodos posteriores. Limitando-se basicamente à enumeração de alguns autores de reportagens de viagens dessa época, as breves considerações de Härtl (1977), Günther (1982) e Hiebel (1989) sobre o assunto são unânimes tanto no que concerne à centralidade do género na paisagem literária da RDA como em relação às suas “funções de agitação e propaganda” (Günther: 45), “literaturpropagandistische Bemühungen” (Hiebel, 1989: 2), “esforços propagandísticos por via da literatura” esses que terão sido particularmente acentuadas durante os anos 50. Uma vez que nenhum desses trabalhos de investigação se debruça sobre os textos em si produzidos nessa época inicial da RDA, justificar-se-á portanto observarmos um pouco mais de perto o modo como essa peculiar conjugação da tradicional função de um entretenimento «exotizante» com os novos propósitos de uma doutrinação inequivocamente política se terá manifestado ao nível das estratégias narrativas.

<sup>223</sup> Destaque gráfico da nossa autoria.

#### 4.2.1 Glorificação da União Soviética

Conforme afirma Hiebel (*ibid.*), após a implosão da Alemanha nazi, uma das principais tarefas que se impunha aos escritores, nomeadamente àqueles que regressando do exílio podiam beneficiar dessas suas experiências concretas do contacto com realidades estrangeiras e da solidariedade internacional, seria a de “reatar os fios quebrados entre os alemães e o mundo”. Perante a constelação da Guerra Fria, para a Alemanha de Leste o reatamento das relações pacíficas com o estrangeiro significaria, obviamente, a sua inserção na «comunidade socialista» sob égide da União Soviética. Neste sentido, não surpreende que a esmagadora maioria de livros de viagens publicados na RDA, sobretudo nas duas primeiras décadas, se tenham dedicado quer ao próprio «país-berço», ao «modelo supremo do Socialismo», quer aos países sob sua influência directa. Não obstante a complexidade dessa difícil tarefa de «descontaminar» as mentes dos alemães do chauvinismo rácico em relação aos supostos *Untermenschen* do Leste europeu que, ao longo de mais de uma década, lhes fora incutido pelo regime nacional-socialista, a produção literária da jovem RDA pôde para tal recorrer à «tradição socialista» da reportagem de viagens cujos fundamentos remontavam aos tempos da República de Weimar. Tendo em conta que a reportagem de viagem em língua alemã dos anos 1920/30, nomeadamente aquelas que evidenciavam um forte cunho político sobre a União Soviética e os Estados Unidos da América, constitui um objecto de estudo já vasta e pormenorizadamente analisado e documentado na investigação germanística de um e do outro lado do Muro,<sup>224</sup> podemos aqui prescindir de uma exposição mais alongada da génese e das principais características desse género textual que teve, entre muitos outros ilustres representantes, em Egon Erwin Kisch, F.C. Weiskopf e Ludwig Renn os seus principais impulsionadores que serviriam de modelo às futuras gerações de escritores da RDA. Para o presente estudo, convém, ainda assim, realçar que, apesar de a reportagem (de viagem) ter constituído, no próprio seio dos mais dogmáticos defensores do «Realismo Socialista», o alvo de um aceso debate,<sup>225</sup> na recém-fundada

<sup>224</sup> Vejam-se, por exemplo, Brenner (1990: 558-628), Engelberg (1971), Gleber (1989), Härtl (1977), Hertling (1982), Scheer (1955), Schlendstedt (1959), Schütz (1974; 1977) e Zwirner (1986: 38-54).

<sup>225</sup> Os extremos desse debate tinham sido, nos anos 30, personalizados, de um lado, por Georg Lukács, o crítico mais feroz dessa forma de escrita alegadamente documental e ilustrativa, mas não criativa (*gestalterisch*) no processo da representação da realidade, não podendo por isso

RDA o conceito e a forma da reportagem de viagem cunhados na época de Weimar seriam consensualmente aceites como sendo os mais adequados e eficazes para se fomentar o espírito do «Internacionalismo Socialista» junto de uma população que, na altura, ainda teria interiorizada a imagem demoníaca do «inimigo russo» insistentemente propagandeada pelo regime nazi. Face à necessidade da “divulgação da verdade sobre a União Soviética” (Hiebel: *ibid.*), a reportagem de viagem seria o género literário que, devido às suas características «operativas» e persuasivas, oferecia as melhores garantias de sucesso para se alcançar o objectivo. As seguintes conclusões de uma palestra sobre “Die Reportage – gestern und heute”<sup>226</sup> [A reportagem – ontem e hoje] que Maximilian Scheer (1955: 18), um dos mais produtivos (e mais dogmáticos) «repórteres de viagem» da RDA, proferiu durante um colóquio organizado pela *Deutscher Schriftsteller Verband der DDR* não deixam dúvidas quanto à concepção «factológica» e instrumental que, segundo a visão marxista, deveria enquadrar a literatura de viagens dos primeiros tempos de existência da RDA:

Ich fasse zusammen. Was verlangt eine Reportage?

(...). Der Reporter muß die Wirklichkeit abbilden. (...) Der Reporter muß den ideologisch klaren Standort haben, von dem aus er die Wirklichkeit sieht. (...) Der Reporter darf nichts erfinden und darf nicht wirklichkeitsfern fabulieren. Jeder Fakt, den er bringt, muß beweisbar sein. (...) Der Reporter muß wissen: Der Mittelpunkt der Reportage ist der Mensch. (...) Der Reporter muß ein Gesellschaftsforscher mit künstlerischer Phantasie sein, die es ihm ermöglicht, Menschen und Dinge lebendig, die Wahrheit farbig wie das Leben in einer bildkräftigen Sprache zu beschreiben. Der Reporter in der Deutschen Demokratischen Republik muß wissen: Reportage ist Waffe, und er darf nie das Ziel aus den Augen verlieren: Aufbau und Festigung unserer Republik, Humanismus, Einheit Deutschlands und Frieden.

[Passo a resumir. O que exige uma reportagem?

(...) O repórter deve representar a realidade. (...) O repórter tem que ter o ponto de vista ideologicamente claro a partir do qual ele vê a realidade.

---

ser aceite como literatura propriamente dita, e, do outro, por Kisch, considerado o “fundador e mestre da reportagem de viagem literária” moderna (cf. Zwirner, 1986: 44).

<sup>226</sup> Apesar de o título aludir à reportagem num sentido genérico, todos os exemplos históricos e contemporâneos aduzidos por Scheer referem-se a relatos de viagens.

(...) O repórter nada pode inventar e não pode fabular de forma pouco realista. Cada facto por ele enunciado tem que poder ser comprovado. (...) O repórter tem que saber: O ponto central da reportagem é o ser humano. (...) O repórter tem que ser um pesquisador da sociedade com fantasia artística, a qual lhe permite descrever seres humanos e coisas de forma viva, descrever a verdade de forma colorida como a vida numa linguagem imagetivamente forte. O repórter na RDA tem que saber: A reportagem é uma arma e ele nunca deve perder o seu objectivo de vista, que é: A construção e solidificação da nossa república, o humanismo, a unidade da Alemanha e a paz.]

As aporéticas ou mesmo paradoxais “exigências” formuladas por Scheer, nomeadamente a de a reportagem (de viagem) dever representar, “de forma viva e colorida”, a realidade (estrangeira) com objectividade e autenticidade, o que alegadamente só seria possível se o observador/narrador adoptasse “o ponto de vista ideológico correcto”, reflectem programaticamente os fundamentos conceptuais subjacentes à teoria marxista-leninista da representação literária da viagem que, não obstante as suas evidentes debilidades epistemológicas, resistiria mais ou menos até meados da década de 1960, altura a partir da qual que se assistiria a um progressivo e gradual afrouxamento do dogma estético do «Realismo Socialista». Tendo em vista que o relato de viagens era tradicionalmente entendido e recepcionado como um género «documental» que reproduziria a percepção do mundo de um modo simétrico ou, se quisermos, «fotográfico», não surpreende que esse *pathos* programático da «verdade objectiva e autêntica» tivesse encontrado na reportagem de viagem o veículo literário mais adequado à transmissão da «realidade socialista». Concebida como “Kunstform und Kampfform”, ou seja, como uma “arma artística” ao serviço do humanismo e da paz internacional, tal como Kisch a definira nos anos 1920,<sup>227</sup> à reportagem de viagens caberia, por via de testemunhos de experiências concretas, contrariar a retórica anti-soviética e divulgar a «nova realidade socialista», ou seja, os resultados exemplares alcançados pelos governos comunistas desde a Revolução Bolchevique.

O título da antologia *Mit deutschen Augen gesehen. Erlebnisse, Erfahrungen, Erkenntnisse* (1952) [Visto com olhos alemães. Vivências, experiências e saberes], que reúne os «testemunhos» de viagem da autoria dos

<sup>227</sup> Egon Erwin Kisch, “Reportage als Kunstform”, in *Theodor Kast* (Hg.) (1976), pp.163-166.

cerca de 20 participantes que, em 1947, portanto, ainda antes da fundação da RDA, constituíram a comitiva da primeira *Delegationsreise* de alemães do Leste à União Soviética, reflecte essa concepção do relato de viagens como um género «factográfico», documental ou testemunhal, em que o factor estético seria inegavelmente relegado para segundo plano, de um modo explícito e paradigmático. Composto por quatro dezenas de pequenos textos redigidos por autores de proveniências profissionais diversas, desde reconhecidos escritores, tais como Anna Seghers, Stephan Hermlin, Harald Hauser e Kuba, entre outros, passando por representantes de diversas organizações políticas e sociais então ainda em fase de gestação, como a *Freie Deutsche Jugend* ou a *Gesellschaft für Deutsch-Sowjetische Freundschaft*, até às «impressões de viagem» de técnicos e investigadores de áreas tão dispares como a agronomia, a engenharia mecânica e civil e a medicina, este volume pretende, conforme se afirma na respectiva introdução, proporcionar ao leitor um panorama transversal dos «grandiosos» feitos e efeitos dos trinta anos de governação socialista na União Soviética transmitindo-lhe “uma diversificada imagem (...) das inovadoras conquistas do povo soviético” (5), que deveria servir como um modelo para “o futuro do seu próprio país” (*ibid.*), ou seja, para a construção de uma «sociedade socialista» em solo alemão fundamentada sobre uma profunda solidariedade e amizade com o país-berço da “grande revolução que quebrou as algemas do capitalismo” (*idem*: 7).

Não obstante a natural e evidente disparidade, quer no que diz respeito aos temas abordados (sistema educativo, instituições sociais e culturais, complexos industriais, etc.) quer ao nível da qualidade narrativa, as múltiplas e multiformes encenações do país de acolhimento da primeira «viagem de delegação» publicadas nesse volume convergem notoriamente no sentido de uma idealização funcional da União Soviética como «matriz» modelar para a construção de uma «nova Alemanha».

Essa funcionalização da União Soviética como país-modelo, como a «origem» ou o «arquétipo» do Socialismo a seguir pela futura RDA constitui precisamente o objecto de reflexão do texto de abertura da antologia. Paradigmaticamente intitulado de “Original-Eindruck”, o breve texto de Anna Seghers reflecte essa problemática a dois níveis distintos, teorizando, por um lado, sobre a importância da experiência «genuína» *in loco* e seu duradouro efeito psicológico e, por outro, sobre a questão da media (tiza) ção de uma «impressão original». Ao partir das reflexões de Goethe sobre

a “Original-Eindruck” como uma experiência «originária» de uma criança que determinaria as suas futuras representações mentais da realidade, Seghers (10) tenta justificar quer o significado, por assim dizer transcendental ou mesmo epifânico das experiências marcantes proporcionadas pela observação *in loco* da «origem» do Socialismo e dos feitos entretanto alcançados, quer o papel fulcral que esses testemunhos oculares dos participantes dessa comitiva de viagem iriam doravante desempenhar junto dos seus conterrâneos.

Die meisten Schriftsteller, die jetzt [d.h. 1947] in die Sowjetunion fuhren kamen zum erstenmal. Sie bringen den “Original-Eindruck“ heim. Das Land und seine Gesellschaft machten aber auch auf Gäste, die schon einmal dort waren, den Eindruck, den sonst nur die Wirklichkeit macht, die man zum erstenmal sieht. Sie prägten in ihrer neuen Phase einen neuen “Original-Eindruck“, wie er sonst kaum zweimal demselben Menschen geboten wird und gewöhnlich nur Kindern vorbehalten ist. Sie wirkten elementar wie ein Naturereignis. Als könne man die gleiche Gesellschaft auf einer neuen Entwicklungsstufe wie in der Natur das Meer zum zweitenmal wie das erstemal sehen.

[A maioria dos escritores que agora (1947) viajaram até à União Soviética fizeram-no pela sua primeira vez. Eles trazem consigo a “impressão originária” para casa. No entanto, esse país e essa sociedade causaram também àqueles hóspedes que já aí tinham estado a impressão que normalmente é apenas causada pela realidade vista pela primeira vez. Na sua nova fase, (esse país e essa sociedade) cunharam uma nova “impressão originária”, como raramente é proporcionada a alguém pela segunda vez e que normalmente se confina às crianças. Tiveram um efeito elementar, como se de um fenómeno natural se tratasse. Como se se pudesse ver pela segunda vez a mesma sociedade num novo estádio da evolução, como o mar na natureza, da mesma maneira que pela primeira vez.]

Mesmo reconhecendo as dificuldades subjacentes à media(tiza)ção de uma experiência ou impressão originária tão profunda e marcante, nomeadamente devido à desconfiança, de certo modo compreensível, por parte dos leitores em relação à “imensidão” das proezas socialistas alcançadas desde a revolução de 1917 até 1947, Seghers (10s) não tem porém qualquer espécie de dúvida quanto à efectiva «grandiosidade» da União Soviética

que teria entretanto alcançado uma solidez tal que a sua imagem «real» já não permitiria ser beliscada pelos seus opositores:

Es ist immer schwer, einen solchen Eindruck den anderen zu vermitteln. (...) Die Mängel werden begierig aufgenommen, und lau und skeptisch die Erfolge.

Nur, daß der sozialistische Aufbau inzwischen ein solches Ausmaß erreicht hat, daß die Sowjetunion nicht mehr um seine Wirkung auf die besorgt ist, die sich gegen ihn sträuben. Die Sowjetmacht steht so stark dar, daß es nicht mehr auf sie zurückwirkt, ob ihr Echo in einer hohlen Hand aufgefangen wird oder ob eine Welt davon dröhnt.

[É sempre difícil transmitir tal impressão aos outros. (...) As deficiências e carências são sofregamente absorvidas, enquanto os sucessos o são de modo tépido e céptico.

Acontece porém que a construção socialista atingiu entretanto uma dimensão tal que a União Soviética já não se preocupa com o seu efeito junto daqueles que o negam. O poder soviético apresenta-se com tal força que já não a afecta se o seu eco é apanhado na palma de uma mão ou se ressoa no mundo.]

A exaltação da União Soviética que Seghers desenvolve, a título de introdução, de um modo genérico e teorizante, configurando a experiência testemunhal dessa «matriz» do Socialismo como uma espécie de rito de iniciação que depois viria a funcionar como mito fundador para a própria RDA, manifesta-se nos restantes textos da antologia a um nível mais concreto. Desde infantários (Kuba, 25-27; 37-40), escolas (Ruth Fabisch, 17-22), bibliotecas (Karl Hagemann, 32-37), universidades (Gerhardt Haß, 44-52) e centros de investigação (Hans Stubbe, 182-187; Robert Havemann, 196-200), lares para invisuais (Anna Seghers, 40-44) e hospitais (Inge Leetz, 200-205), passando pelo teatro (Ilse Weintraud, 59-62), pelos “museus vivos” (Hermlin, 88-98; Gustav Seitz, 107-108), espaços de concertos (Hermann Abendroth, 98-106) e outros “palácios da cultura” (Werner Schweinin, 79-84; Andrew Thorndike, 84-88), até às mais diversas instituições da produção agrícola (Anne Rehan, 157-169; Karl-Heinz Gerstner, 169-176; Eduard Claudius, 176-178) e industrial (Walter Wolfsteller, 62-73), todos



os «organismos» da sociedade soviética visitados pelos delegados-viajantes são representados como domínios a funcionar na perfeição.

Face à engrenagem aparentemente perfeita das mais diversas peças que compõem essa «máquina orgânica», o eclético conjunto dos textos incluídos na antologia “Visto com Olhos Alemães” não só sugere, como impõe ao leitor uma imagem de contornos claramente delineados, ou seja, um retrato aparentemente documental da União Soviética como «sociedade ideal». Mas para que essa representação idealizante – que, paradoxalmente, se baseia sobretudo numa estratégia narrativa «factológica» – surta o efeito persuasivo que Scheer atribui à reportagem de viagem nas suas reflexões programáticas atrás citadas, o volume a que aqui temos vindo a fazer referência é ainda complementado por uma segunda série de textos que se debruça primordialmente sobre o ser humano, ou melhor, sobre a relação do indivíduo com as estruturas colectivas. Correspondendo às exigências da estética do «Realismo Socialista» como um meio de se fomentar junto do leitor uma ética humanista por via da criação artística de «caracteres-modelo» oriundos do «povo simples» com os quais se pudesse identificar, são significativamente os textos da autoria dos escritores profissionais presentes nesse volume que esboçam alguns breves retratos tipológicos da paisagem humana nessa «sociedade-modelo». Assim, o poeta Stephan Hermlin (108-110) escreve sobre uma empregada de mesa moscovita que, apesar da sua aparente simplicidade, é também uma escritora; Anna Seghers dedica um pequeno texto<sup>228</sup> a uma manicura (110-112) que se revela muito culta e fala várias línguas estrangeiras; Eduard Claudius retrata “Uma menina do campo” (176-178) que, tal como ele próprio, participara na Guerra Civil de Espanha do lado dos republicanos e que posteriormente veio a desempenhar a função de correspondente para assuntos hispânicos na rádio de Moscovo; enquanto Hedda Zinner representa o forte espírito de solidariedade entre “Uma família” (178-182) de camponeses da Sibéria na sua tenaz e corajosa luta de sobrevivência após a morte do pai durante a Segunda Guerra Mundial.

Todos estes pequenos «retratos humanos» revelam um certo esquematismo heroizante que, no entanto, não atinge a dimensão patética de um texto de Bernhard Kellermann, extraído do seu livro *Wir kommen aus Rußland* (1948) [Vimos da Rússia], sobre “Der Neue Russische Mensch”.

<sup>228</sup> Originalmente publicado no seu livro de retratos humanos *Sowjetmenschen. Lebensbeschreibungen nach ihren Berichten* (1948).

A estilização do “Novo Homem Russo” como se do ser humano mais feliz sobre a terra se tratasse atinge proporções tais que fazem com que o seu relato de viagem se assemelhe a um conto fantástico. A seguinte passagem do seu «conto de fadas» propagandístico, em que os “vários milhares de pessoas” que terá pormenorizadamente observado durante a sua estada em Moscovo e Leninegrado apresentam, sem exceção, expressões faciais e gestuais de “satisfação”, “despreocupação”, “activismo” e “optimismo”, ilustra paradigmaticamente o exacerbado tom dessa idealização do «modelo» societal e humano soviéticos (Kellermann, 1948: 12):

Bei meinem Aufenthalt in Moskau und Leningrad sah ich täglich Hunderte und Tausende von Menschen, im Hotel, auf der Straße, in den Geschäften, in den Schulen, im Theater und in den Museen. Ich sah mir diese Menschen genau an und beobachtete sie allerorts.

Es war erstaunlich, diese Menschen hatten alle ein zufriedenes Aussehen. Wenn sie auf den Straßen dahineilten wie alle Großstädter, so geschah das nicht in überstürzter Hast und Nervosität, sondern mit Gemessenheit. Niemals beobachtete ich zermürbte Menschen, erschöpfte Wesen, die der Kampf um das Leben zu Tode gehetzt hatte, wie man ihnen in allen Großstädten häufig begegnet. (...)

Alles in allem, ich fand ein zufriedenes, lebendiges, aktives Volk voller Zuversicht und Optimismus vor. Und alle schienen stets guter Laune zu sein!

[Durante a minha estada em Moscovo e Leninegrado vi diariamente centenas e milhares de seres humanos, em hotéis, na rua, nas lojas, nas escolas, no teatro e nos museus. Por todo o lado, observei esses seres humanos com toda a atenção.

Era impressionante, esses seres humanos tinham todos um ar de satisfação. Quando se apressavam nas ruas, como todos os habitantes de grandes cidades, isso não acontecia com uma desenfreada azáfama ou nervosismo, mas de forma comedida. Nunca observei seres humanos desmoralizados, seres fatigados cuja luta pela vida precipitava a sua morte, tal como muitas vezes os encontramos em todas as grandes cidades. (...)

De um modo geral, encontrei um povo satisfeito, vivo, activo, pleno de confiança e optimismo. E todos pareciam estar sempre de boa disposição!]

Na perspectiva do narrador que se auto-estiliza, de acordo com o programa da reportagem de viagem formulado por Scheer, como um observador empírico muito atento da realidade estrangeira, esse autêntico “milagre” de deparar, na agitada vida das metrópoles de um país cujo povo era tradicionalmente visto como “ensimesmado e pessimista”, apenas com caras satisfeitas explica-se, como de outra forma não seria de esperar, evidentemente pela implementação do regime socialista e as consequentes transformações profundas das quais teria, “necessária e imperativamente”, de resultar um “novo tipo de ser humano” (Kellermann, 12ss):

War es nicht wie ein Wunder? Und wie war dieses Wunder möglich geworden, bei einem Volk, das man aus seiner älteren Literatur als grüblerisch und pessimistisch kennt?

Nun, man hatte diesem Volk die wirtschaftliche Bedrückung genommen, man gab ihm die Gewißheit, daß die Zeiten der Ausbeutung und des Frondienstes für immer vorbei sind, und man zeigte ihm ein neues Ziel: das erhabene Ziel der menschlichen Gemeinschaft und des Neuaufbaus eines Landes. Man gab seinem Leben neuen Sinn und Inhalt, und das war die Ursache, weshalb es zufrieden und stets guter Dinge war.

Das russische Volk ist heute in Wahrheit das einzige Volk der Erde, das ohne jede Furcht leben kann. Die Sorglosigkeit, der sich in den anderen Nationen sonst nur eine dünne Oberschicht erfreut, ist heute in Rußland die Wohltat aller. (...)

Die neue Gesellschaftsform mußte notgedrungen in einigen Jahrzehnten einen neuen Menschentypus hervorbringen. (...)

Begreift man jetzt den neuen russischen Menschen, sein Selbstbewußtsein, seine Lebensfreude, seinen Optimismus?

[Não foi como um milagre? E como é que esse milagre fora possível, tratando-se de um povo que conhecemos da sua literatura mais antiga como um povo ensimesmado e pessimista?

Bem, tinha-se liberto esse povo dos problemas económicos, deu-se lhe a certeza de que tinha definitivamente chegado ao fim o tempo da exploração e do trabalho forçado de escravatura, e mostrou-se lhe uma nova meta: a meta sublime da comunidade humana e da reconstrução de um país. Deu-se às suas vidas um novo sentido e preenchimento, e foi essa a causa e razão por que é que agora estava sempre satisfeito e bem-disposto.

Na verdade, o povo russo é hoje sobre o mundo o único povo que pode viver sem qualquer receio. A despreocupação, da qual noutras nações apenas uma pequena camada social superior pode gozar, é hoje na Rússia o bem-estar de todos. (...)

A nova forma social teve obrigatoriamente de fazer emergir, em poucas décadas, um novo tipo de Homem. (...)

Será que agora se entende o novo Homem russo, a sua autoconfiança, a sua alegria de vida, o seu optimismo?]

Este *pathos* do novo, a exaltação de um «novo Homem» como produto lógico e directo de uma «nova ordem social» de cunho comunista, ainda que nem sempre de um modo tão exacerbado como no excerto supracitado, representa inquestionavelmente uma das marcas mais características, um verdadeiro *Leitmotiv*, da literatura de viagens da RDA até meados da década de 60. Enquanto os relatos da época da República de Weimar sobre a então ainda muito «jovem» União Soviética, tais como os da autoria do *Rasender Reporter* Egon Erwin Kisch,<sup>229</sup> Ludwig Renn,<sup>230</sup> F. C. Weiskopf,<sup>231</sup> Frida Rubiner,<sup>232</sup> Alfred Kurella,<sup>233</sup> Ernst Toller<sup>234</sup> ou Karl Grünberg,<sup>235</sup> entre outros, se baseiam nas tais «impressões originárias» de uma nova realidade, a que Seghers se refere, e se empenham em veicular o «espanto» do absolutamente novo numa fase, por assim dizer, ainda embrionária, o que é paradigmaticamente expresso pelo título *Zukunft im Rohbau* [Futuro em fase de construção] do livro de reportagens de Weiskopf, novidade e espanto esses que resultam, modo geral, numa retórica de exaltação muito emotiva do prenúncio de um “futuro em construção”, as reportagens de viagens do pós-Segunda Guerra já podem fazer referência a um estádio mais avançado do Socialismo. O facto de nas representações da União Soviética se poder agora partir de uma realidade aparentemente consolidada

<sup>229</sup> *Zaren, Popen, Bolschewiken* (1927).

<sup>230</sup> *Rußlandfahrten* (1932).

<sup>231</sup> *Umsteigen ins 21. Jahrhundert* (1927) e *Zukunft im Rohbau* (1932).

<sup>232</sup> *Der große Strom* (1930).

<sup>233</sup> *Aufbau in der Sowjetunion* (1930).

<sup>234</sup> *Quer durch. Reisebilder und Reden* (1930).

<sup>235</sup> *Was geht im kollektivierten Sowjetdorf vor?* (1931)

e inabalável como resultado efectivo de três décadas de governação socialista não poderia deixar de se reflectir ao nível das estratégias narrativas, nomeadamente no que diz respeito à função persuasiva da reportagem de viagem. Uma vez que na *Aufbauphase* da RDA o objectivo primordial do relato de viagens consistia em legitimar a matriz do regime soviético como única ordem política e social desejável para a «nova Alemanha», a comprovação documental de todas as transformações positivas ocorridas no país-berço do Socialismo desde a década de 1920 assumiria, evidentemente, um papel central.

A técnica mais característica, porque mais eficaz, dessa estratégia narrativa de legitimação e autenticação consistiu num esquema de representação binário assente na comparação entre o «velho» e o «novo», entre o «antes» e o «depois» da consolidação do regime marxista-leninista. A credibilidade e, por conseguinte, o efeito de persuasão dessas comparações comprovativas – uma estratégia, diga-se de passagem, muito frequente no domínio contemporâneo do *marketing* publicitário (sobretudo, o da promoção de detergentes e de produtos para emagrecimentos) – seria, compreensivelmente, tanto maior se o viajante-narrador pudesse «documentar» as suas experiências tanto da «velha» como da «nova realidade», tal como acontece, por exemplo, com Karl Grünberg. No seu breve relato, paradigmaticamente, intitulado de “Moskau, wie hast du dich verändert”, um texto redigido e publicado em 1952 que aqui citamos a partir da sua inclusão na antologia *Auf der Straßer nach Klodawa* (1977) [Na estrada para Klodawa],<sup>236</sup> Grünberg concentra as impressões autobiográficas da figura narradora numa única rua de Moscovo que reflecte as transformações ocorridas entre a sua primeira viagem à capital soviética em 1931 e a sua segunda estada a uma distância temporal de duas décadas. Conforme tenta demonstrar, a mudança do nome da rua Twerskaja para *Gorkistraße* não terá representado uma mera transformação ao nível das palavras, ou seja, do significativo, mas simbolizaria sobretudo uma mudança radical da própria realidade como efeito do avanço das políticas socialistas. Onde outrora encontrara uma “rua estreita, de paralelos, onde as montras tinham poucas coisas expostas e onde ainda era muitas vezes preciso estar-se na

<sup>236</sup> Esta antologia editada por Manfred Jendryschik é composta de mais de quarenta “Reiseerzählungen und Impressionen” [“narrativas de viagens e impressões”] – assim o subtítulo – de autores e épocas de proveniências muito diversas estendendo-se desde relatos de viagens «tipicamente» socialistas da época de Weimar até às narrativas de viagem menos convencionais e mais modernistas de um Franz Fühmann ou um Fritz Rudolf Fries

fila de espera para adquirir coisas raras” (153), uma rua frequentada por jovens delinquentes (154) e prostitutas (155), ou seja, um cenário ainda marcado por evidentes sinais de escassez, pobreza e decadência social, vinte anos depois, essa “lagarta feia”, que fora a velha rua Twerskaja, ter-se-á transformado por completo, revelando-se em todo o seu novo esplendor como uma belíssima “borboleta”, como uma artéria principal de trânsito de uma metrópole cosmopolita (157s):

Die neue Gorkistraße nimmt sich im Vergleich zu ihrer Vorgängerin, der schäßigen Twerskaya, aus wie ein leuchtender Schmetterling gegenüber einer häßlichen Raupe. Die Asphaltbahn ist so breit, daß auf jeder Seite vier Fahrzeuge nebeneinander sausen können. Einen solchen Verkehr habe ich noch nicht gesehen! Unaufhörlich jagen Trolleybusse, Autobusse, Lastkraftwagen, Taxen und andere Personenkraftwagen auf und nieder. (...) Wie primitiv war doch demgegenüber hier der Verkehr bei meinem letzten Besuch! »Verkehr« ist eigentlich schon zuviel gesagt, denn damals gab es auf der Twerskaja erst eine Autobuslinie; andere Fuhrwerke mieden diese enge Straße (...).

[A nova Rua Gorki, quando comparada com a sua antecessora, a sórdida Twerskaya, parece mesmo uma esplendorosa borboleta face a uma lagarta feia. A pista de rodagem em asfalto é tão larga que de cada lado podem acelerar quatro automóveis lado a lado. Nunca vi tanto trânsito! Há continuamente troleicarros, autocarros, camiões, táxis e outros tipos de meios de transporte de passageiros a subir e descer a grande velocidade. (...) Quão primitivo era aqui o trânsito durante a minha última visita! «Trânsito», no fundo, já é dizer demais, pois naquela altura só havia uma única linha de autocarro na Twerskaja; as outras espécies de meios de locomoção evitavam essa ruela estreita.]

Mas não só na Rua Gorki, em toda a “Moscou moderna” (161) terão desaparecido as “reminiscências históricas de uma rua e um tempo que, há muito, pertencem ao passado” (159). Nessa nova Moscou, procurar-se-iam agora em vão os sinais do triste passado, como “as prostitutas, os pedintes, as feiras de velharias e os especuladores” (157). E as antigas filas intermináveis em frente às mercearias, afirma Grüneberg, essas formar-se-iam agora apenas em frente ao mausoléu de Lenine, ao qual o público moscovita acorreria em massa (*ibid.*):

»Schlangen«, wo die Leute geduldig stundenlang warten, habe ich in Moskau auch nur noch an einer Stelle gefunden. Das war am Leninmausoleum, wo die Menschen in Viererreihen Hunderte Meter lang bis weit hinunter in den Alexandergarten anstanden.

[Filas onde as pessoas esperavam pacientes durante horas, agora só as encontrei em Moscovo num único sítio. Isso foi no mausoléu de Lenine, onde as pessoas esperavam em quatro filas que se estendiam ao longo de várias centenas de metros bem até ao fundo do Jardim Alexandre.]

Este retrato diacrónico de uma rua moscovita como representação simbólica das profundas mudanças a que se assistira na União Soviética ao longo de vinte anos é ainda complementado por algumas considerações mais genéricas acerca do planeamento urbanístico de cunho socialista. A nova paisagem arquitectónica de Moscovo é para Grünberg a manifestação mais expressiva da vontade radical de libertação da velha ordem, do acto redentor de se passar uma esponja sobre o passado dos tempos czaristas e das especulações capitalistas que teriam impedido a modernização (163s):

[Die] Zarenherrschaft [ist] für immer dahin, und auch das charakteristische Stadtpanorama von einst ist von Grund auf verändert, das bestätigt jeder Blick, den Plätze und Boulevards oder die hügelabwärts führenden Straßen freigeben. Überall wachsen aus dem Gewirr der alten Straßen und Gassen mit den unschönen Häusern einer überlebten Epoche wuchtige Neubaublocks und monumentale Einzelbauten. (...) So radieren die Erbauer des Sozialismus und Kommunismus die Schönheitsfehler ihrer alten Städte aus!

[Os tempos do domínio dos czares foram-se para sempre, e também o panorama citadino de outrora está profundamente transformado, isso é confirmado por qualquer visão oferecida pelas praças e avenidas ou pelas ruas que descem para a baixa. Por todo o lado emergem, a partir da confusão das velhas ruas e ruelas com as suas casas pouco bonitas de épocas ultrapassadas, poderosos blocos de novas habitações e monumentais edifícios singulares. (...) É assim que os construtores do socialismo e comunismo apagam os defeitos estéticos das suas velhas cidades.]

O fascínio pela nova arquitectura socialista vista como a face mais visível de uma «nova era» é, compreensivelmente, outro dos tópicos recorrentes nos relatos sobre viagens à União Soviética redigidos e publicados no período de fundação da RDA. Entre muitos outros exemplos possíveis,<sup>237</sup> centremo-nos aqui representativamente num livro de Kuba (Kurt Barthel) que resultou da sua participação na primeira delegação de escritores da Alemanha do Leste à União Soviética. À semelhança de outros textos da época sobre a capital russa, a descrição da arquitectura «tipicamente» soviética, uma temática que, por razões óbvias, fornece um pretexto deveras propício à demonstração ilustrativa do processo de *construção* de um «novo mundo», ocupa também em *Gedanken im Fluge* (1949) [Pensamentos a voar] um lugar central.

Conhecendo a Moscovo actual apenas de descrições, quer literárias quer pessoais por parte de amigos, a chegada do narrador é encenada como a realização de um sonho tão remoto e tão intenso que a «veracidade» do seu primeiro encontro «real» com a nova cidade parece difícil de assimilar (Kuba, 11): “Und hier bin ich, wirklich und wahrhaftig, und wirklich und wahrhaftig: hier beginnt Moskau.” [E aqui estou, real e verdadeiramente, e real e verdadeiramente: aqui começa Moscovo.] A «força do real», a incontestável evidência da grandiosidade das transformações ocorridas na metrópole, sobrepõe-se de imediato a todos os *clichés* que a figura do viajante trouxera na sua bagagem (*idem*: 11s):

Was an stilisierten Vorstellungen über Moskau in mir war, stirbt in den ersten zehn Minuten meines Aufenthaltes in dieser großen Stadt. Das Moskau von heute freut sich des Lebens und malt alles hübsch aus in satten, vollen Farben. (...)

Über Moskau liegt der durchsichtige Hauch der Baugerüste. Breitbrüstig ist dieses junge Moskau, neue Häuserblocks überall. – Ihnen zu Füßen kriechen zerfallene Häuserzeilen der geducktesten, ockergetünchtesten, verschossentesten Zarenzeit herum. Zwischem dem Alten und dem Neuen gibt es in Moskau kein Argumentieren mehr.

[Tudo que havia em mim de representações estilizadas de Moscovo morre durante os primeiros dez minutos da minha estada nesta grande cidade. A Moscovo de hoje alegra-se com a vida e pinta tudo de cores fortes. (...)]

<sup>237</sup> Veja-se, por exemplo, Bernhard Kellermann (1948), Eduard Claudius (1948), Hedda Zinner (1953) ou Stefan Heym (1954).



Sob Moscovo paira o sopro transparente dos andaimes de construção. Esta jovem Moscovo é peituda, por todo o lado, novos blocos residenciais. – Aos seus pés rastejam filas de casas oriundas dos tempos mais cabisbaixos, dos mais desbotados ocre dos tempos czaristas. Em Moscovo, já não é possível argumentar-se entre o novo e o velho.]

O contraste radical entre a transparência e o colorido da nova paisagem arquitectónica e os resquícios sombrios dos edifícios demolidos que representam a velha ordem política e social resulta, para o visitante, numa espécie de inversão do tradicional esquema de representação mental de uma cidade segundo o qual a realidade ficaria quase sempre aquém da imaginação. As dimensões superlativas da Moscovo «real» com que depara ultrapassam largamente as suas expectativas (16s):

Von Städten und Bauten hat man gelesen, und man kam hin, und die Vorstellung hatte zu große Maße für sie angelegt. Hier in Moskau wird die Vorstellung immer wieder gesprengt; sei es von der Weite der Straßen, sei es von der Höhe der Häuser, sei es von der Vielfalt des Lebens, sei es von der Schönheit des Kremls.

[Lê-se acerca de cidades e monumentos, e, quando lá se chega, constata-se que a imaginação concebera medidas demasiadamente grandes. Aqui em Moscovo a representação prévia é frequentemente ultrapassada, quer pela largueza das ruas, quer pela altura das casas, quer pela diversidade da vida, quer pela beleza do Kremlin.]

Não obstante essa aparente incomensurabilidade da grandeza de Moscovo aos mais diversos níveis, a hábil retórica persuasiva do viajante-narrador admite uma comparação parcial com as duas grandes metrópoles do «mundo imperialista», Londres e Nova Iorque, para, em última instância, enaltecer ainda mais os propósitos sócio-revolucionários pelos quais se regeria a reconstrução da «capital do mundo socialista» (45):

Ich meine, etwas Ähnliches wie die neuesten Moskauer Moskauer Häuserblocks nur in London gesehen zu haben. – Hoch, groß, massig ...

Whitehall aber ist Regierungsviertel und trägt die Patina englischer Empirpolitik, während die Moskauer Häuserblocks alles mögliche sein können.

Die meisten sind Wohnhäuser. Whitehall wurde gebaut, um den wachsenden britischen Reichtum zu manifestieren. Auch das neue Moskau repräsentiert wachsenden Reichtum, aber dieser Reichtum entspringt nicht, wie der britische, kolonialer Ausbeutung, sondern er entspringt sozialistischer Arbeit. Also verschwendet sich der sowjetische Reichtum nicht an Repräsentationsgebäuden und baut in den Nebenstraßen »Jerrybuild Slums«, sondern baut eine Stadt, behäbig und selbstsicher wie Londons Whitehall und hochstrebend wie New York und kein East End und kein Bronx, sondern eine Stadt aus dem Ganzen. Man wird also wohnen, wie man regiert – in einem breitbrüstigen (...) und repräsentativen Moskau. Man ist sich also seines Wohlstandes bewußt und will etwas sehen für sein Geld.

[Penso ter visto algo semelhante aos mais recentes blocos residenciais moscovitas apenas em Londres – Altos, grandes, maciços ...

Whitehall, porém, é um bairro governativo e tem a patina da política imperial inglesa, enquanto os blocos residenciais de Moscovo podem ser qualquer outra coisa. A maioria das casas é para habitação. Whitehall foi construído para dar expressão à crescente riqueza britânica. Também a nova Moscovo expressa riqueza, mas esta riqueza não provem, ao contrário daquela de Whitehall, da exploração colonial, mas do trabalho socialista. Portanto, a riqueza soviética não se desperdiça com edifícios representativos, enquanto nas ruas secundárias se constroem »Jerrybuild Slums«, mas constrói uma cidade, consistente e auto-segura como Whitehall e ambiciosa em altura como Nova Iorque, e sem os East End e Bronx, sendo, porém, uma cidade feita a partir disso tudo. Portanto, habitar-se-á como se governa – numa Moscovo peituda e representativa. Portanto, aqui tem-se a plena consciência do seu bem-estar e quer-se ver algo pelo seu dinheiro.]

Este género de estratégia retórica, ou seja, a de se fazer frequentemente referência ao sistema rival com o objectivo de se revogar a «mentira imperialista» acerca do alegado atraso económico das sociedades de regimes socialistas, não só é recorrente neste relato de viagens de Kuba, como constitui uma técnica narrativa transversal a parte significativa da literatura de viagens da RDA, mormente àquela de um cunho mais agitador e propagandístico (*agitprop*) que predominou nas primeiras duas décadas até à «mini-liberalização» no início dos anos 70. Em *Gedanken im Fluge*, um texto que aqui consideramos como um caso de estudo paradigmático desse

gênero de livros de viagens manifestamente orientados para a divulgação e consolidação da imagem da União Soviética como modelo supremo para a construção de uma «Alemanha socialista», a presença negativa do «mundo imperialista» constitui mesmo uma peça indispensável ao funcionamento da própria mecânica narrativa. Visivelmente empenhado em contrariar a falsidade e injustiça dos preconceitos ocidentais, na encenação das suas experiências *in loco* da «realidade» e «verdade» socialistas, Kuba funcionaliza aquilo a que poderíamos denominar de uma *referencialidade negativa* para denunciar o discurso ocidental sobre Moscovo como uma “cidade proletarizada” e “uniformizada” habitada por “caras desencantadas” e conceber o seu texto como uma espécie de contraprova empírica dessa imagem falaciosa. Conforme se pode verificar na seguinte passagem, essa estratégia de autenticação do narrador passa ainda pelo recurso a citações da imprensa «inimiga», cujas assunções são consecutivamente contraditas pelo quotidiano moscovita «real» que o observador tem oportunidade de «testemunhar» (*idem*: 17s):

Reflektieren wir: »Ein einziges großes, graues, nivelliertes Proletariat in einer großen, proletarisierten, nivellierten Stadt; Kleidung – zertragen. Gesichter – freudlos.« So Beaverbrook, England, und Hearst, New York; so ihre Berliner Filialen.

Eine Fifth Avenue habe ich nicht gesehen und auch kein Bronx. Weder sah ich Whitechapel noch einen Kurfürstendamm. (...)

Die Kleidung der Menschen? Das feiertägliche Publikum, das am Werktag durch die feinen Straßen unserer westlichen Städte streicht, sah ich nicht. Und die Gesichter? So im Vorüberhuschen – grad wie bei uns zu Lande. Verschieden. Wenn sich die Herren von der Hearst- und Beaverbrook-Presse vorstellen, daß der Fünfjahresplan vorsieht, alle Sowjetbürger müßten innerhalb von drei Jahren eine Art Einheitslächeln auf den Lippen tragen: – dem ist nicht so. Kein »keep smiling!«. – Mein erster Eindruck: Moskau trägt das Gesicht eines Werktätigen, der am Abend von der Arbeit nach Hause geht.

[Reflectamos: «Um grande proletariado, cinzento, todo ele nivelado, numa grande cidade, proletarizada e nivelada; vestuário – gasto. Caras – desprovidas de alegria.» Assim: Beaverbock, Inglaterra, e Hearst, Nova Iorque, assim: as suas filiais berlinenses.

De facto, não vi uma Fifth Avenue nem um Bronx. Não vi Whitechapel nem uma Kurfürstendamm. (...)

O vestuário das pessoas? O público domingueiro que nos dias de trabalho vagueia pelas ruas finas das nossas cidades ocidentais, não o vi. E as caras? Assim de passagem – tal e qual como na nossa terra. Diferenciadas. Quando os senhores da imprensa da Hearst e Beaverbrook imaginam que todos os cidadãos soviéticos terão de ter, dentro de três anos, uma espécie de sorriso uniforme estampado nos lábios: – não é assim. Nada de «keep smiling!». – A minha primeira impressão: Moscovo tem a cara de um trabalhador, que ao fim do dia regressa a casa.]

A “cara de trabalhador” que caracteriza a cidade durante o dia transforma-se, ao serão, na postura de um “bom operário com consciência de classe” que, depois de vestir uma camisa lavada e um fato apresentável, se entrega ao prazer de poder usufruir dos seus merecidos tempos de lazer (*idem*: 19):

Was um fünf Uhr richtig war, stimmt einundeinhalb (*sic*) Stunden nicht mehr. Wo ist der graue Rock und das eilige Gehabe dieser werktätigen Stadt, das wir um fünf Uhr feststellen, um sieben Uhr dreißig? Einem guten, klassenbewußten Arbeiter von vor neunzehnhundertdreiunddreißig kann direkt eine Gänsehaut den Buckel hinunterlaufen – lauter Bürger!

[O que às cinco horas da tarde ainda estava certo, hora e meia depois já não o é. Onde está, às sete horas e trinta, o casaco cinzento e a aceleração dessas cidades trabalhadoras que tínhamos constatado às cinco horas? A um bom trabalhador com consciência de classe dos tempos anteriores a mil novecentos e trinta e três isso causou logo arrepios – tudo burgueses!]

Aludindo ironicamente à denúncia ocidental de que as «viagens de delegação» à União Soviética não passariam de uma farsa propagandística, o narrador conclui (*idem*: 19):

Wenn der Moskauer Sowjetmensch den Arbeitern von Moskau nicht verbietet, am Abend die Straßen zu betreten, weil eine deutsche Delegation angekommen ist und man ihr Potemkinsche Dörfer vormachen muß, dann ist diese gutangezogene, gutbeschuhte Promenade das werktätige Volk von

Moskau. Und es ist alles so einfach zu verstehen. Moskau ist nach Hause gegangen, hat sich gewaschen, hat sich ein frisches Hemd angezogen und einen dunklen Anzug oder einen hellen oder einen gestreiften, und sieh mal an – Moskau ergeht sich.

[Se o Homem soviético de Moscovo não proíbe os seus concidadãos de, à noite, sair à rua por ter chegado uma delegação alemã e ser obrigatório apresentar-lhes a encenação de aldeias potemkinescas, nesse caso é porque esta bem vestida e bem calçada avenida de passeantes é afinal o povo trabalhador de Moscovo. E é tudo tão simples de entender. Moscovo regressou a casa, lavou-se, vestiu uma camisa lavada e um fato escuro ou claro ou às riscas, e veja-se só – Moscovo passeia-se.]

Ao contrário dos «sorrisos amarelos» estampados nas caras dos passeantes pequeno-burgueses que “vagueiam” nas “ruas finas das cidades ocidentais”, nas faces dos moscovitas a figura do visitante vislumbra a expressão de uma seriedade e serenidade optimistas que advêm, não de uma crença ilusória, mas da “experiência concreta” de que, não obstante as nefastas consequências da guerra, seria mesmo possível alcançar-se um progressivo melhoramento das condições de vida (*idem*: 22):

Die Baugerüste werden fallen, die alten Wohnhäuser werden fallen, die Preise werden fallen – solcherart ist der Optimismus des Sowjetmenschen. Er wird nicht aus dem Glauben heraus, er wird aus der Erfahrung geboren. (...) Der Optimismus ist das Werkzeug mit dem man die Wirkungen eines Krieges behebt.

[Os andaimes de obras irão cair, as velhas casas de habitação irão cair, os preços irão cair – é assim mesmo o optimismo do Homem soviético. Ele nasce da crença, ele nasce da experiência. (...) O optimismo é ferramenta com que se anula os efeitos de uma guerra.]

Percorrendo a cidade autónoma e solitariamente, as razões diversas desse optimismo dos cidadãos soviéticos vão-se revelando de forma inequívoca ao atento observador. Moscovo apresenta-se como um lugar de uma tal abundância que, a fim de poder memorizar a grande quantidade e diversidade de toda a espécie de produtos que enchem as lojas da cidade,

o narrador se vê impelido a puxar pelo seu caderno de apontamentos para proceder a uma espécie de inventariação enumerativo (*idem*: 20s):

Ich bin ganz für mich allein im großen Moskau. Moskau ist beschäftigt und hat mit sich selbst zu tun. »Man zeigt den Delegationen ja doch nur ...« - Quatsch! (...) Kein Mensch hindert mich zu sehen und zu notieren. (...) Alles, alles, alles ist vorhanden, das stapelt sich bis an die Decke: Frucht und Fisch, Fleisch und Konfitüre, Konfekt und was weiß ich ...

Kein Mensch hindert mich zu notieren: Alles ist vorhanden: Rosinen und Fadennudeln, Büchsenmilch und Kaviar, Krimwein und eingemachte Gürkchen.

[Estou completamente por conta própria na grande Moscovo. Moscovo está a trabalhar e ocupada consigo mesma. «Pois é, às delegações só se mostra apenas ...» - Que disparate! Ninguém me impede de ver e anotar. (...) Tudo, tudo, tudo, há de tudo, empilhado até ao tecto: fruta e peixe, carne e doce, confeitaria e sei lá que mais ...

Ninguém me impede de anotar: Existe de tudo: passas de uva e esparquite, leite condensado e caviar, vinho da Crimeia e pequenos pepinos em vinagre.]

À excepção de alguns anacrónicos “resquícios do comércio privado” (*idem*: 24), que ainda se poderiam encontrar em algumas poucas esquinas, todo o “comércio de rua socializado” de Moscovo, desde a venda de gelados até à de bebidas e pequenos petiscos, prima pela sua higiene, boa organização e qualidade dos produtos (*idem*: 25):

Von Schnürsenkeln, Schuhwachs und Damenhutschleierchen aufwärts (...) ist alles sozialisiert. Dieser sozialisierte Straßenhandel ist eine äußerst hygienische Angelegenheit. (...) das Speiseeis ist in Cellophan verpackt und ist fest und fett wie Speck. Die gleichen Wägelchen verkaufen Limonaden, aber Limonaden, aus denen man die Frucht herausschmecken kann. Andere verkaufen belegte Brötchen, sei's Kaviar, sei's Wurst, sei's Käse. Alles liegt appetitlich auf weißen Tellern und unter Glas verdeckt. Und die Verkäuferinnen alle im weißen Kittel – so der Straßenhandel.

[De atacadores, pomada de engraxar e de lenços para chapéus de senhora para cima (...) tudo está socializado. Este comércio de rua socializado é um assunto extremamente higiénico. (...) o gelado sorvete está embrulhado em celofane e é consistente e gordo como toucinho. Os mesmos carrinhos vendem limonadas, mas limonadas com verdadeiro paladar a fruta. Outros vendem sanduíches de caviar, fiambre ou queijo. Tudo é apresentado de forma apetitosa em pratos brancos protegidos por vidros. E as vendedoras vestem todas batas brancas – é assim o comércio de rua.]

Mas a vivacidade e abundância do comércio moscovita também se revela ao nível dos grandes armazéns e galerias onde, alegadamente, se pode encontrar de tudo, tal como em qualquer outra metrópole ocidental (*idem*: 25s):

Kaffehäuser mit Tischen direkt auf der Straße wie in Paris: leinene, buntgestreifte Sonnenschirme spenden Schatten. Man vermißt die Privataufschriften auf Firmentafeln nicht. Ganze Straßenzüge voller Magazine, die vom Zobelpelz bis zum Motorrad, von der Kernseife bis zum Orientteppich alles anbieten. Eine ganze Straße, und noch um die Ecke rum – eine Ladentür neben der anderen, jeder Laden ein Spezialgeschäft, und doch ist das ganze ein einziges Warenhaus. Und wieder Warenhäuser, wie wir sie kennen, mit Lichthöfen.

[Cafés com mesas nos passeios junto à ruas, como em Paris: chapéus-de-sol, de linho às riscas, dão uma boa sombra. Não sentimos a falta das inscrições privadas em tabuletas de empresas. Rua após rua, repletas de armazéns que oferecem de tudo, desde o casaco de pele de marta, até à motocicleta, desde o sabão, à carpete do Oriente. Uma rua inteira e ainda após o dobrar da esquina – uma porta de loja a seguir à outra, cada loja um estabelecimento especializado, ainda assim, tudo isso é um único armazém. E, de novo, armazéns como os que conhecemos, com pátios solarengos no seu interior.]

Com o intuito de rebater mais uma das muitas «mentiras imperialistas» sobre a União Soviética, o viajante-narrador insiste no facto de haver uma procura maciça, ou seja, clientes não só suficientes como extremamente conscientes e exigentes, para a vastíssima gama de oferta proporcionada pela economia planificada (*idem*: 21; 27).

Aber: sind auch Kunden vorhanden? Und was für mäklige! Wird die Verkäuferin ärgerlich, bekommt sie was zu hören, daß sie da ist, um die Kundschaft zu bedienen, (...) und ob man, hol's der Teufel, kein Recht hat, sein Geld langsam auszugeben, und man prüft und wählt aus (...). Das liegt (...) natürlich ganz einfach daran, daß der Arbeiter von seiner Arbeit sehr gut leben kann. So eifrig habe ich in keiner Stadt der Welt die Menschen beim Einkauf gesehen. Und sie kaufen nicht etwa nur kleine Dinge!

[Mas: também existem os clientes? E que exigentes que eles são! Se a balconista começa a irritar, apanha com uma repreensão, que está lá para servir a clientela, (...) e se, venha lá o diabo, não se terá o direito de gastar o seu dinheiro lentamente, e experimenta-se e escolhe-se (...). Isso deve-se naturalmente ao facto de o trabalhador conseguir viver muito bem do seu trabalho. Em nenhuma outra cidade do mundo vi gente a fazer compras com tamanho frenesim. E não é que compreem apenas coisas pequenas!]

Para a recepção contemporânea certamente menos surpreendente do que a representação de Moscovo como um sítio da abundância material equiparável às grandes metrópoles de consumo no mundo ocidental, como Nova Iorque, Londres ou Paris, é a insistência do narrador na quantidade, diversidade e qualidade da oferta cultural que teria resultado da *Bildungsrevolution* socialista. Tendo em conta que a «verdadeira» democratização do acesso à educação, formação e cultura constituiu, por razões óbvias, uma autêntica bandeira do movimento marxista-leninista, é compreensível que o enaltecimento das instituições e dos hábitos culturais do(s) povo(s) soviético(s) se configure, mais do que como um tópico recorrente, como um elemento incontornável ou mesmo constitutivo dos relatos de viagens sobre a União Soviética dessa época. No livro de Kuba, que aqui submetemos, a título exemplar e representativo, a uma análise algo mais pormenorizada, as detalhadas descrições quer dos espaços e espectáculos culturais quer do comportamento do público composto por todas as camadas socioprofissionais que usufruiria, em grande número e com uma enorme vivacidade e avidez, da diversificada panóplia de peças de teatro, de espectáculos de ópera e bailado assim como de toda a espécie de exposições de arte ocupam assim, significativa e paradigmaticamente, uma parte considerável do seu relato. Entre muitos outros exemplos possíveis das minuciosas representações da multifacetada paisagem cultural moscovita



que atravessam *Gedanken im Fluge*, foquemos aqui a seguinte passagem em que a assistência do narrador ao lendário bailado do «Lago dos Cisnes» musicado por Tchaikovsky é funcionalizada como pretexto para enfatizar tanto a qualidade do espectáculo como a dignidade comportamental de um público socialmente eclético para quem a cultura não seria um mero «passatempo» mas uma necessidade vital (27s):

»Schwanensee« im Großen Theater, russisches Ballet an der Quelle, leichte Füße ... Und der andere Teil der Freude sind die Pausen zwischen den Auftritten. Man geht ja in Moskau nicht nur ins Theater, um einer Vorstellung beizuwohnen, man geht um einen Abend zu verbringen.

Verbringen, häßliches Wort. Wenn man das Leben spürt, gibt es kein »Zeitverbringen«, kein »Zeitvertreib«, kein »Zeittotschlagen«. Im Moskauer Großen Theater aber spürt man das Leben, intensiviert durch das Leben auf der Bühne, das auf das Parkett und die fünf Ränge des weiten Hauses überspringt und sich in den Pausen in den Gängen und Vestibüls ergeht (...).

[«Lago dos Cisnes» no Grande Teatro, *ballet* russo na fonte, pés leves ... E a outra parte da alegria é constituída pelos intervalos entre as actuações. É que em Moscovo não se vai ao teatro apenas para assistir a um espectáculo, vai-se para passar um serão. Passar, palavra feia. Quando se sente a vida, não há um «passar-se o tempo», não há «passatempos», não há um «matar-se o tempo». No Grande Teatro de Moscovo sente-se a vida, intensificada pela vida no palco que trespassa para a plateia e os cinco anéis da vasta casa e que nos intervalos se dissemina pelos corredores e pelo vestíbulo.]

Conforme «comprova» a conversa que o observador visitante terá encetado com um espectador moscovita, ao contrário do que alegadamente acontece nas sociedades ocidentais, no Grande Teatro de Moscovo não só se dissolvem as fronteiras entre a arte e a vida mas também as diferenças socioprofissionais e mesmo as antigas hostilidades entre russos e alemães (*idem*: 28s):

»Paschálujsta«, sage ich zu einem, beinahe hätte ich »einfacher Arbeiter« gesagt, aber weiß ich's? Vielleicht ist er Arzt oder Kollektivbauer. Die Berufe stempeln in der Sowjetunion die Gesichter nicht so wie bei uns. Die Grenze zwischen Bauer und Wissenschaftler, zwischen Arbeiter und Künstler ist

verwettert und verwaschen wie die letzten Schützengräben draußen an der Stadtgrenze von Moskau.

»Paschálujsta«, nehme ich mir also ein Herz, und er antwortet: »Sprechen Sie ruhig deutsch.« Wie man sich schämen muß, daß man noch nicht Russisch gelernt hat! Dann gibt es ein längeres Gespräch über (...) Formalismus oder nicht Formalismus und über die »Kosmopoliten«, und über Bertolt Brecht und seine »Mutter Courage«, und zuletzt frage ich: »Gehen Sie oft ins Theater?«, und er: »Wie sollte ich sonst arbeiten können?« Ja, wie könnte er? Wie können wir's? Können wir's?

[«Paschálujsta», dirijo-me eu a um – quase que teria dito – «simples trabalhador», mas será que o sei? Talvez seja médico ou camponês numa cooperativa. Na União Soviética, as profissões não estão assim tão estampadas nas caras como acontece entre nós. A fronteira entre camponês e cientista, entre operário e artista, foi diluída, tal como a última trincheira lá fora junto à fronteira da cidade de Moscovo.

«Paschálujsta»<sup>238</sup>, encorajo-me portanto a dizer, e ele responde: «Sinta-se à vontade para falar em alemão.» Que vergonha de ainda não se ter aprendido a falar russo! Dá-se assim início a uma longa conversa sobre (...) o Formalismo ou Não-Formalismo e sobre os «cosmopolitas», e sobre Bertolt Brecht e sua «Mãe Coragem», e, por fim, pergunto: «Vai muitas vezes ao teatro?», e ele: «Como é que conseguiria trabalhar, se não o fizesse?». Sim, como é que o conseguiria? Como é que nós o conseguimos? Será que o conseguimos?]

Para enfatizar ainda mais os feitos e efeitos da reviravolta cultural ocorrida na antiga Rússia desde a Revolução Bolchevique, o autor recorre na sua estratégia de autentificação de novo à comparação contrastiva, ou seja, à referência negativa da situação num país não-socialista que conhecia da sua experiência pessoal, a Inglaterra, onde Kuba estivera, entre 1940 e 1946, no exílio<sup>239</sup> (*idem*: 29):

<sup>238</sup> Significa “por favor”.

<sup>239</sup> O facto de Kuba ter, na sua fuga ao nazismo, optado pelo exílio num país do «mundo imperialista» em vez de na União Soviética, não é, porém, mencionado no seu texto. Ainda que não o possamos provar, suspeitamos de que essa omissão poderá ter sido premeditada para não confundir o leitor acerca da sua auto-encenação como um «socialista exemplar» de longa data.

Moskau hat außer Kulturhäusern, Klubs, großen Konzertsälen, zweiundvierzig Theater, die Abend für Abend ausverkauft sind.

Wenn ich nun die wenigen Londoner Theater bedenke, wie leer sie waren, und bedenke, daß die Leute damals, als ich dort war, viel Geld verdienten, und bedenke, daß auch in England nach Kriegsende das Geld sehr knapp geworden ist, weiß ich wo Drama und Oper ihre Heimat gefunden haben, und weiß auch wer in Moskau das Publikum ist.

[Moscou tem, para além de casas culturais, clubes, grandes salas de concerto, quarenta e dois teatros com lotação esgotada, noite após noite.

Quando me lembro dos escassos teatros em Londres, quão vazios estavam, e me lembro de que, nos tempos que eu lá passei, as pessoas ganhavam muito dinheiro e me lembro que também na Inglaterra do pós-guerra o dinheiro aí se tornara raro, tomo plena consciência de onde se instalaram o drama e a ópera, assim como tomo consciência de quem em Moscovo é o público.]

A abertura da cultura às massas populares é, evidentemente, também constatada em relação aos museus moscovitas que albergam e divulgam a memória da revolução cultural processada pelo movimento marxista-leninista. Neste sentido, não surpreende que as referências a esses lugares onde se materializam quer o conhecimento «dialéctico» da História quer o culto das figuras icónicas do Socialismo assumam nos relatos sobre viagens aos países do «mundo socialista» uma função central.

Em consonância com o texto “Lebendige Museen” [Museus vivos] de Stephan Hermlin sobre a sua «viagem de delegação» a Moscovo incluído na antologia *Mit deutschen Augen gesehen (Visto com olhos alemães)* (1952: 88-97), também em *Gedanken im Fluge* se insiste no tópico da «memória viva» que, ao contrário do que se verificaria nos regimes e sociedades ocidentais, faz com que os museus soviéticos se consubstanciem como espaços transparentes de uma frescura límpida, sem poeira ou teias de aranha, com funções múltiplas adaptáveis à diversidade do público (Kuba, 1949: 30):

Museen in der Sowjetunion sind nicht Stätten des Überlebten, sondern Stätten lebendigen Lebens [sic]. Je nach Alter, Herkunft und Erziehung des Betrachters sind es Schulen oder Plätze der Erinnerung und des Besinnens oder Orte der Weihe!

Darum ist in den sowjetischen Museen die Luft so staubfrei und so frisch.

[Na União Soviética, os museus não são lugares do que sobreviveu, mas lugares de uma vida vital. Dependendo da idade, da origem e da formação do observador, podem ser ou escolas ou lugares da memória e da reflexão ou sítios solenes.

É por isso que nos museus soviéticos o ar é tão puro e fresco.]

Enquanto que para a turma de alunas, que o narrador observa, a visita ao Museu Lenine se configura como uma interessantíssima lição proferida pelos guias com uma sólida formação didáctica e académica, a ida de um idoso a esse lugar de memória constitui a comprovação solene de uma obra em que ele próprio participara mas em cuja grandiosa efectividade parece ainda custar acreditar (*idem*: 30s):

Da steht ein alter Mann, weißbärtig und klein, in der Mitte des großen Saales und dreht sich immer wieder um und betrachtet die Bilder an den Wänden und horcht versonnen hierhin und dorthin. Und sein ganzes Gehabe ist stolze Verwunderung: Wie haben wir das gemacht?

Sicher war er neunzehnhundertundfünf mit dabei und neunzehnhundertundsiebzehn. Kleine Männchen wie er haben den Zarenkoloß gestürzt und den Sowjetriesen geschaffen, und die Bilder an den Wänden und die Objekte in den Vitrinen bestätigen immer wieder: »Jawohl, Genosse, alles dein Werk.« (...)

Und da steht der [kleine] Zivilist und will's immer noch nicht recht glauben. Aber die Dokumente lügen nicht, da sind Lenins Zeugnisse (...).

[Aí se encontra um homem idoso, de barba branca e estatura baixa, no centro do grande salão voltando-se frequentemente para trás para observar os quadros na parede e escuta, pensativo, o que aqui e acolá se diz. E todo esse seu comportamento é um orgulhoso espanto: Como fomos capazes de o fazer?

Certamente, participara nisso em mil, nove centos e cinco e em mil, nove centos e dezassete. Foram homenzinhos como ele que derrubaram o colosso do czar e que criaram o gigante soviético, e os quadros nas paredes e os objectos nas vitrinas confirmam-no repetidamente: «Sim, camarada, isto é tudo obra tua.» (...)

E aí está o (pequeno) ser civil continuando incrédulo. Mas os documentos não mentem, há aí os testemunhos de Lenine (...).]

A lição e a recordação que o eu-narrador leva consigo dessa sua visita ao Museu Lenine é que os «grandes homens» que fizeram a revolução eram todos eles «homens pequenos» do povo e que a sua obra, a “grandiosa União Soviética”, remontaria toda ela aos “pequenos civis” (*ibid.*):

Eine Lehre und eine Erinnerung nehme ich von hier mit. (...) Die ganze, große Sowjetunion ist ein Hohelied auf den kleinen Zivilisten, und ein Hohelied auf den kleinen Zivilisten sind die Kämpfe und Siege der Roten Armee. Sie wurde geschaffen, um die neue Zivilisation zu schützen. Ihre Begründer waren: der Gelehrte – Lenin, der ewig Gefangene und Gehetzte des Zaren, der unzählbare Stalin, der Schlosser Woroschilow, der Bauernsohn Budjonny, ihre Begründer waren – Zivilisten.

[Daqui levo comigo um ensinamento e uma recordação. (...) Toda a grande União Soviética é um hino ao pequeno ser civil, e um hino ao pequeno ser civil são-no as lutas e vitórias do Exército Vermelho. Este fora criado para proteger a nova civilização. Os seus fundadores foram: o sábio – Lenine, o eterno prisioneiro e perseguido do czar, o indomável Estaline, o serralheiro Woroschilow, o filho de camponeses Budjonny, os seus fundadores foram – seres civis.]

Este género de legitimação do Exército Vermelho – que, convém recordá-lo, contribuíra, apenas três ou quatro anos antes, significativamente para derrotar a Alemanha e que muitos alemães, à data da publicação do livro de Kuba, ainda continuavam a perceber como «força ocupante e inimiga» – assim como o culto às figuras de Lenine e Estaline constituem, por razões óbvias, uma outra marca característica de um discurso por via do qual, nos livros de viagens da época, se pretendia solidificar a ideia do «Internacionalismo Socialista» e convencer o leitor da incontornável necessidade de a sua «nova Alemanha» se inserir na comunidade liderada pela União Soviética. Entre inúmeros exemplos possíveis que ilustram o *pathos* subjacente a esse discurso de «sacralização» dos líderes da revolução, que passa, paradoxalmente, por uma aparente dessacralização, atentemos na seguinte passagem do texto de Kuba dedicada ao Mausoléu de Lenine (33):

Er [Lenin] ruht aus von seiner Arbeit. Und die Kämpfer, die er belehrt hat, und deren Söhne, die sein Werk verteidigen, und deren Kinder, die glücklichen

Erben all der Kämpfe und opferreichen Jahre, kommen ihn besuchen. So heute, so seit vierundzwanzig Jahren. Man hat davon gelesen, Augenzeugen haben es berichtet, man steht am Roten Platz und ist erschüttert: unendlich ist der Zug, und endlich ist die Liebe.

Kühle Stufen führen in die Tiefe und das, was Lenin ist, schreitet vorbei an dem, was Lenin war. Bewacht und behütet liegt er da, eine Bestätigung aller, die an ihm vorübergehen. Seht – er war kein Heiliger. Seht – was ein Mensch vollbringen kann.

[Ele (Lenine) está a descansar do seu trabalho. E os combatentes que ele ensinara, e seus filhos que defendem a sua obra, e os filhos destes, os felizes herdeiros de todas as lutas e tantos anos de sacrifícios, vêm visitá-lo. Assim é hoje, tal como o tem sido ao longo dos últimos vinte e quatro anos. Lemos acerca de tudo isso, testemunhas oculares o relataram, encontramos na Praça Vermelha e estamos profundamente comovidos: infundável é a fila, e finalmente é o amor.

Degraus frescos conduzem à profundidade e aquilo que Lenine é desfila perante aquilo que Lenine foi. Ali deitado, bem vigiado e guardado, uma confirmação de todos que passam por ele. Vejam – ele não era um santo. Vejam – o que um ser humano é capaz de criar e realizar.]

Ao regressar das profundezas onde se encontra o corpo embalsamado de Lenine, representado no texto como o homem que em conjunto com outros «simples seres humanos» lograra construir os fundamentos de uma sociedade melhor, à superfície o narrador depara, na Praça Vermelha, com o esplendor e a vivacidade do «Socialismo Real», isto é, com as repercussões duradouras e efectivas da obra de Lenine que estariam bem patentes no quotidiano de uma sociedade imbuída de um espírito tranquilo e ponderado (*idem*: 33s):

Und man tritt hinaus in die warme Sonne auf den Roten Platz, und dieser Rote Platz ist der feierlichste Ort der Welt. – Man geht über ihn, wie man durch einen großen Dom geht. Aber, er ist mit keinem Dom vergleichbar, denn über diesen Platz pulsiert das normale Moskauer Leben.

Aber es geht gemessen. Es schreit nicht, es hupt nicht, es pfeift nicht – es geht bedachtsam.

Normales, pulsierendes Leben, und ist doch Begräbnisplatz. Hier liegen die geliebtesten Menschen der Welt inmitten der Ihren; und die Ihren sprechen die Namen derer, die hier liegen aus, ohne die Stimme zu senken, denn sie sprechen von Lebendigen. Hier ward dem Tod der Stachel genommen.

[E saímos cá para fora, para o sol que aquece a Praça Vermelha, e esta Praça Vermelha é o lugar mais solene do mundo. – Atravessamo-la como se atravessa uma grande catedral. Porém, não é comparável a qualquer outra catedral, pois nesta praça pulsa a vida normal de Moscovo.

Mas não há pressa. Não se grita, não se buzina, não se assobia – tudo acontece de forma serena.

Vida normal, a pulsar, sem deixar de ser um lugar de sepultura. Aqui jazem as mais amadas pessoas do mundo entre os seus, e os seus pronunciam os nomes daqueles que aqui jazem sem baixar as vozes, pois eles falam de algo vivo. Aqui se anulou a morte.]

A mesma relação «vital» entre a oferta cultural de qualidade proporcionada pelo governo e o público diversificado que a ela aflui em massa é constatada em relação aos museus e galerias de pintura (*idem*: 53s):

Die Gemäldegalerie setzt die Arbeit der Museen fort (...). (...) auch hier die sachkundige Führung, auch hier ein Publikum, so gemischt und gemengt wie das Moskauer Leben. Wie die Bibliotheken ihre Bücher, so bringen die Galerien ihre Bilder an die Menschen heran. Auch hier dieser lebendige Pulsschlag.

[A galeria de pintura dá continuidade ao trabalho dos museus (...). (...) também aqui, guias bem formados, também aqui, um público tão diversificado e misturado como a própria vida moscovita. Tal como as bibliotecas levam os seus livros aos seres humanos, assim o fazem as galerias com os seus quadros. Também aqui, esse pulsar de vitalidade.]

Para abreviar e sintetizar as pormenorizadas descrições da produção artística soviética assim como as divagações estético-teóricas sobre o «Realismo Russo» que o narrador vai tecendo ao longo de dezenas de páginas, poder-se-á afirmar que a sua perspectiva e medida de avaliação da cultura do país visitado se pautam, conforme demonstra a seguinte passagem, pela visão dialéctica e teleológica do marxismo-leninismo segundo a qual

toda a história e toda a produção cultural conflui no sentido da «Grande Revolução» (*idem*: 55s):

(...) die Verschmelzung der Künste, die wir in Oper, Ballett und Schauspiel feststellen, [und] die [sich] in der Malerei fortsetzt (...): Bild und Lied und Wort, alles trieb zur Revolution hin.

[(...) a fusão das artes, que constatamos na ópera, no *ballet* e no teatro, (e) que se prolonga na pintura (...): imagem e canção e palavra, tudo impeliu para a revolução.]

À semelhança dos museus, que são, conforme pudemos verificar, concebidos pelo narrador como lugares de uma memória dialéctica e viva com influência directa sobre a vida contemporânea do povo soviético, também as bibliotecas são encenadas como espaços representativos da dinâmica de sucesso inerente à democratização cultural processada pelo regime socialista. Como locais de visita obrigatória nos programas das «viagens de delegação», é assim natural que as bibliotecas constituam nos respectivos relatos um tópico recorrente. No caso paradigmático do relato de viagem de Kuba, podemos constatar como as múltiplas referências a esse género de instituições culturais se configuram sobretudo como pretextos para propagandear os resultados «evidentes» de três décadas de governação comunista. A magnificência arquitectónica e, sobretudo, a perfeição funcional do sistema mecânico de transporte de livros no interior da monumental Biblioteca Lenine, “a mãe de todas as bibliotecas da União Soviética” (*idem*: 42), configuram-se-lhe assim significativamente como um objecto de reflexão deveras propício à explanação e divulgação da bem-sucedida aplicação do conceito leninista de uma política de alfabetização e leitura de massas que, colocada ao serviço do leitor, é capaz de despertar e satisfazer os seus desejos de um modo rápido e extremamente eficiente (*ibid.*):

(...) das sind die Keller der Leninbibliothek. Die Züge, die wir rollen hören, aber nicht sehen können, erfüllen ein leninsches Gebot: Der Wert einer Bibliothek erweist sich darin, wie sie versteht, die Menschen zum Lesen zu veranlassen, und wie schnell sie die Wünsche ihrer Leser befriedigen kann. Ergo – Büchermetro. Ergo – Paternosteraufzüge, welche die gewünschten Bücher den entsprechenden Abteilungen zuführen. Ergo wird Lenins Gebot erfüllt.



[(...) isto são as caves da Biblioteca Lenine. Os comboios que ouvimos a rolar, mas não vemos, executam um mandamento de Lenine: o valor de uma biblioteca manifesta-se na medida em que sabe levar as pessoas a ler e na rapidez com que é capaz de satisfazer os desejos dos seus leitores. *Ergo* – metro(politano) de livros. *Ergo* – elevadores contínuos que conduzem os livros desejados às respectivas secções. *Ergo* – está-se a executar o mandamento de Lenine.]

Além de se ter mecanicamente materializado sob a forma daquela nova tecnologia utilizada na principal biblioteca da capital, em cujo espólio se encontraria “tudo o que jamais fora impresso, desde a publicação mais recente à raridade bibliofílica milenar” (*ibid.*), esse “mandamento de Lenine” ter-se-ia também concretizado por via da instauração de um densa e bem apetrechada rede bibliotecária em todo o país que, transpondo as tradicionais assimetrias entre a cidade e o campo, teria logrado transformar o imenso *Hinterland* soviético numa paisagem marcada não só pelas imensidão de prados mecanicamente cultivados como pelos “pequenos candeeiros de leitura verdes” que iluminariam a infindável quantidade de bibliotecas de aldeia espalhadas por toda a União Soviética (*ibid.*):

Zur ersten Forderung (...), wie versteht die Bibliothek die Menschen an das Buch heranzuführen: Die Sowjetunion ist das Land der ungeheuren traktorgepflügten Felder und der kleinen grünen Leselämpchen. Die Kolchosbibliothek eines Dorfes mit fünftausend Einwohnern besitzt zwanzigmal die Werke Tolstois. Laut Leserkartothek waren diese siebzehnmals ausgeliehen. So wird der ersten Forderung Lenins auf dem Dorfe nachgekommen.

[No que diz respeito à primeira exigência, (...) como é que a biblioteca é capaz de conduzir as pessoas ao livro: a União Soviética é o país dos imensos prados lavrados a tractor e dos pequenos candeeiros verdes. A biblioteca da cooperativa agrícola de uma aldeia com cinco mil habitantes possui vinte vezes as obras de Tolstoi. De acordo com as fichas de leitura da biblioteca, essas foram requisitadas dezassete vezes. É assim que no campo se satisfaz a primeira exigência de Lenine.]

Mas as proezas do Socialismo na União Soviética que as reportagens de viagens se encarregariam de divulgar junto do leitor do Leste alemão

não se limitam ao domínio cultural. Outros dos lugares de passagem obrigatórios nos programas do «turismo de delegação» são as unidades fabris e agrícolas. A comitiva integrada por Kuba, por exemplo, visita uma fábrica de lacticínios moscovita e uma grande unidade da indústria pesada situada nos arredores da cidade.

Em relação à primeira, começa-se por enfatizar os exigentes padrões de higiene a que são submetidos os trabalhadores e que envolvem todas as fases da produção (*idem*: 48):

Inspiziert, kontrolliert, mechanisiert, pasteurisiert – zieh dir einen weißen Kittel an, setz dir eine weiße Mütze auf den Kopf, du gehst durch eine Moskauer Molkerei, und das ist eine keimfreie Gegend. Pro Monat muß hier jeder Arbeiter einmal zum Arzt, und die saubersten Hände spielen eine große Rolle dabei, wenn du dir in diesem Beruf den Orden der roten Arbeitsfahne erringen willst.

[Inspeccionado, controlado, mecanizado, pasteurizado – veste uma bata branca, coloca um boné branco sobre a cabeça, vais visitar uma fábrica de lacticínios moscovita, que é uma zona esterilizada. Cada um dos seus trabalhadores é obrigado a ir uma vez por mês ao médico, e ter as mãos mais limpas é algo de importantíssimo se nesta profissão aspirares a receber a medalha da bandeira vermelha.]

A mecanização e o rigor dos processos de produção, nomeadamente os métodos químicos da pasteurização, oferecem ao visitante mais um pretexto para corroborar o avanço soviético face aos países ocidentais (*idem*: 48s):

In Reagenzgläsern muß die Milch beweisen, was wirklich in ihr steckt, das scharfe Auge des Mikroskopes muß sie passieren, ehe sie in ausgekochten Flaschen abgefüllt den Mosakuer Haushalten zugeführt wird. Ich weiß, daß man in London vor drei Jahren noch diskutierte, was schon damals in Moskau bald nicht mehr wahr gewesen ist: Soll man alle Milch pasteurisieren oder nicht? Man soll.

[Nos tubos de ensaio o leite é obrigado a demonstrar qual o seu verdadeiro valor, é obrigado a passar pelo olho severo do microscópio, antes de

ser fornecido, em garrafas esterilizadas, aos lares moscovitas. Sei que, há três anos, ainda se discutia em Londres o que já nessa altura em Moscovo deixaria, pouco depois, de ser verdade: deve-se ou não pasteurizar o leite? Deve-se, sim.]

Os métodos modernos subjacentes à produção «socializada» resultam, em suma, numa grande diversidade e excelente qualidade dos produtos soviéticos, não só os lacticínios, que o narrador tem oportunidade de (com)provar durante a sua visita, como, pretensamente, todos os produtos alimentares. Seguindo a mesma lógica comparativa da referencialidade negativa, o seu balanço é portanto inequívoco: a oferta alimentar na União Soviética contrastaria por completo com as duvidosas “mixórdias” dos “candongueiros” ingleses e alemães cuja indústria semi-clandestina estaria, impunemente, a “envenenar a saúde pública” (*idem*: 50).

Mas não seria apenas ao nível da indústria alimentar nacionalizada, da sua excelência e eficiência, que os países capitalistas poderiam aprender com a União Soviética. Também noutros ramos industriais haveria uma lição a tirar. A visita a uma das maiores unidades fabris moscovitas na área metalúrgica serve ao narrador como pretexto para traçar um retrato idílico da generalizada felicidade dos operários soviéticos que advinha, entre outros aspectos, do ambiente «humanizado», isto é, familiar e alegre, que reinaria nos seus postos de trabalho (*idem*: 35s):

In guten Händen fühlt man sich, wenn man eine Fabrik betritt. Die Sowjetfabrik ist so etwas wie ein zweites Zuhause. Man freut sich doch, wenn man in der »roten Ecke« auf einem Tisch Mutters alte Kommodendecke findet. Man ist einen großen Teil seines Lebens in der Fabrik, und da richtet man sich halt ein. (...). Licht sind die Räume. Topfpalmen brechen die Linien der Eisenkonstruktion.

[Sentimo-nos em boas mãos, quando entramos numa fábrica. A fábrica soviética é algo como um segundo lar. Alegramo-nos, quando encontramos, sob uma pequena mesa no «cantinho vermelho», a velha toalha de cómoda da mãe. Passa-se grande parte da vida na fábrica, e portanto é natural que aí se trate de criar um ambiente de aconchego. (...) As salas são luminosas. As palmeiras em vasos quebram as linhas das construção em ferro.]

A síntese harmoniosa de trabalho e lazer num sistema social em que, segundo a teoria marxista, a tradicional fronteira entre os domínios público e privado deixam de fazer sentido, resulta, para bem da produção, numa identificação total do trabalhador com a sua função na fábrica. É este o cenário esboçado por Kuba na seguinte passagem (*idem*: 36):

Ein Maschinesaal ist ein Maschinensaal, und dies ist ein Saal voll moderner Automaten. An den Maschinen aber stehen lebenshungrige Menschen, ihre acht Stunden Arbeit sind die fröhliche Vorbereitung für ihre acht Stunden Vergnügen. Je schneller aber die Hände sind, je sicherer die Finger zugreifen, je größer ist auch das Vergnügen; ein Wunder, daß man in der Sowjetfabrik schnell und sicher zugreift?

[Uma sala de máquinas é uma sala de máquinas, estando portanto repleta de autómatos. Junto das máquinas encontram-se, porém, seres humanos ávidos de viver, as suas oito horas de trabalho são a alegre preparação para as suas oito horas de diversão. Quanto mais rápidas são as mãos, quanto mais seguros e certos os movimentos dos dedos, tanto maior também será a diversão; admira portanto que na fábrica soviética se deite tão rápida e certamente mão ao trabalho?]

O sucesso dos processos de produção nas fábricas soviéticas assenta, segundo a descrição de Kuba, não só na automatização e conseqüente racionalização como na organização extremamente competitiva conhecida por «sistema Stachanow», cujo nome remonta a um mineiro soviético que, nos primeiros anos após a revolução bolchevique, se destacara pela sua extraordinária capacidade de trabalho e assim despertara uma maior ambição entre os colegas, transformando o trabalho numa questão de honra (*idem*: 36s).

Die Produktionskurven an den Wänden haben sich die Kollegen selber gemalt. Sie stehen einer mit dem anderen und alle mit allen im Wettbewerb. Die Arbeit ist eine Sache der Ehre ... Ja, es ist gut, daß man den Besten Sterne gibt, Orden! Damit kann man sich dann auch sehen lassen und die acht Stunden des Vergnügens in Empfang nehmen, so recht mit der Freude des Besitzers.

[Os gráficos da produção nas paredes foram desenhados pelos próprios colegas. Eles estão uns com os outros e todos com todos em competição. O trabalho é uma questão de honra ... Sim, é bom que se confira estrelas aos melhores, medalhas de condecoração! Serão motivo de orgulho perante os outros e a alegria da recepção das oito horas de diversão será, por parte de quem as possuir, ainda maior.]

No entanto, essa competição não desumaniza o ambiente de trabalho, pelo contrário, contribui para dignificar ainda mais o operário, conforme o narrador insiste em demonstrar com o seguinte exemplo de uma trabalhadora que, apesar de ser a mais rápida da fábrica, não abdica de cuidar do seu aspecto feminino (*idem*: 36):

Eine Stachanowarbeiterin hat Zeit, von ihrer Arbeit aufzublicken, zu lächeln, die Hände an einem sauberen Lappen abzuwischen, das Haar zurückzustrichen, und ist doch die allerschnellste. Diese Stachanowarbeiterin hat rotlackierte Fingernägel, kirschrote.

[Um das operárias do sistema Stachanow tem tempo para levantar o seu olhar do trabalho, de sorrir, de limpar as mãos num pano limpo, de puxar o cabelo para trás, e, ainda assim, é a mais rápida. Esta operária tem unhas pintadas a vermelho, um vermelho cor de cereja.]

O ambiente alegadamente familiar e alegre assim como as instalações bem equipadas e limpas dos lugares de produção industrial revelam-se aos participantes da delegação de viagem também durante as suas visitas de outras instituições dos mais diversos sectores dos serviços médicos e educativos. As longas e detalhadas descrições da excelente qualidade dos serviços que o Estado prestaria à população em diferentes domínios convergem, sintética e paradigmaticamente, no sentido da seguinte afirmação (*idem*: 37):

Die häusliche Atmosphäre des Betriebes finden wir in der Poliklinik und im Nachtsanatorium, aber am meisten finden wir sie in der Kinderkrippe wieder. Es ist alles vorhanden, es ist alles unendlich sauber, aber es ist nicht die jodoformgetränkte Atmosphäre kartoffelstärkesteifer Nonnenhauben

in katholischen Krankenhäusern. Es ist die aufgeräumte und gescheuerte Sauberkeit am Sonntag bei uns zu Hause.

[O ambiente caseiro da empresa fabril também o encontramos na policlínica e no sanatório nocturno, mas onde mais o encontramos é na creche infantil. Há de tudo, tudo está irrepreensivelmente limpo, mas não é aquele ambiente imbuído de cheiro a iodo dos bem engomadinhos capuzes de freiras em hospitais católicos. É aquela limpeza de uma arrumação domingueira como em nossa casa.]

Conforme viriam a atestar as breves excursões da delegação alemã a Leninegrado e a Tbilissi, capital da República Soviética da Geórgia, os espantosos resultados de mais ou menos três décadas de governação socialista não se cingiam apenas à capital. As visitas aos mais diversos géneros de instituições estatais noutras regiões da União Soviética, tais como a «Academia das Ciências» (92s), o «Centro de Juventude» (93ss), o «Palácio dos Pioneiros» (95s) e a «Casa da Cultura Gorki» (96), em Leninegrado, assim como o «Parque Cultural Estaline» (131s), o «Teatro Estatal» (142ss), o «Palácio dos Jovens Pioneiros», um verdadeiro “paraíso infantil” (147), ou o «Clube Cultural dos Trabalhadores» (150ss), em Tbilissi, constituem para o narrador provas evidentes de que revolução socialista não se limitara a Moscovo, como se de uma espécie de montra representativa se tratasse, mas dera os seus frutos em toda a gigantesca União Soviética.

Além de servirem para «comprovar» o imparável progresso socialista em todas as frentes da imensa URSS, as viagens a Leninegrado e à Geórgia, ainda que reduzidas a apenas dois dias cada, revelam-se propícias a outro género de reflexões. Enquanto Leninegrado é funcionalizada para evocar duas memórias distintas, por um lado, como o berço do movimento bolchevique e, por outro, como a cidade que, sitiada durante novecentos dias, resistira ao exército nazi, o que faria dela uma espécie de cidade duplamente heróica, a capital da «exótica» Geórgia configura-se como exemplo ilustrativo do alegado respeito das políticas socialistas pelas diversidades étnicas e culturais das múltiplas repúblicas que constituíam a União Soviética, contrariando assim “die größte und gemeinste Lüge über die Sowjetunion, [namentlich] die von der Vermassung der Völker.” (*Idem*: 132), isto é, “a maior e mais injusta mentira acerca da união Soviética, mormente a da massificação dos povos”. Observemos portanto como é

que esses dois géneros de funcionalizações se processaram ao nível das estratégias narrativas que sustentam o relato de Kuba.

A viagem nocturna de Moscovo para Leninegrado é feita de comboio, no «Flecha Vermelho», a cuja concepção e equipamento técnicos, “de generosas dimensões e de um conforto tipicamente russos, nos quais se viaja e dorme como num berço” (*idem*: 82), o narrador não poupa em elogios. Esse conforto do próprio meio de transporte contamina os passageiros de forma positiva, proporcionando assim um simpático ambiente de camaradagem e de amena cavaqueira entre os participantes alemães da «delegação de viagem» e os seus cicrones soviéticos. Conversa-se pela noite dentro, entre outros assuntos, sobre pintura, literatura e arquitectura, mas nunca sobre “política mundial, América e a bomba atómica. Na União soviética há palavras consideradas sujas. Uma dessas palavras é a guerra, que nem sequer deve ser pronunciada.” (*Idem*: 85) A referência ao pretenso pacifismo soviético - que contrasta, evidentemente, com o belicismo norte-americano simbolizado pela bomba atómica - serve na estrutura narrativa para introduzir o tópico da dolorosa memória da guerra. Assim, não obstante a beleza das planícies, dos pântanos e florestas que, ao amanhecer, se oferece à vista do visitante, enquanto (bom) alemão que se envergonha do passado recente, a sua percepção da paisagem é necessariamente co-determinada pela memória das atrocidades cometidas pelo exército de Hitler nessa região. Ainda que o próprio autor, que emigrara antes de ser recrutado, não tenha participado *in persona* na invasão da União Soviética, no texto a figura do narrador veste, por instantes, a pele de um soldado cuja visão estaria limitada ou distorcida pelo seu capacete de guerra alemão e que, por conseguinte, percepcionara essa mesma realidade paisagística, não na sua beleza que se assemelharia a de uma “ilustração de um conto de fadas” (*idem*: 85), mas como um cenário de horror.

Wenn man sich natürlich in diesen Wäldern als Soldat herumgedrückt hat, kann ich mir vorstellen, daß man keine idyllischen Erinnerungen hat. Mücken – nicht wahr? Und ein tieffliegender Doppeldecker (...) und Partisanen in der Dämmerung ... (...) Ein weiter See, und drüben taucht aus dem Morgendunst – Atlantis auf: Skelette von zerbrochenen Fabriken und Kirchen; ein leichter Wind streicht über die blasse Wasserfläche, und die Stadt am Ufer war noch ganz, aber der Rand des deutschen Stahlhelms verwehrte dem Blick die weite Sicht. Nur einmal sah ich etwas Ähnlich-Grausames, das war

als Ruhrort aus dem Morgennebel hervortrat; aber der Rand des deutschen Stahlhelmes verwehrte auch den Blick für die Wirkung, die der Angriff auf die Menschheit in Deutschland hatte. Was hindert uns eigentlich, heute zu sehen, da wir keinen Helm aufhaben?

[Imagino que aquele que nestas florestas se tenha refugiado como soldado, naturalmente, delas não possa ter memórias idílicas. As melgas – não é verdade? E um avião em voo raso (...) e guerrilheiros soviéticos no lusco-fusco ... (...) Um lago imenso, e do outro lado emerge da neblina matinal – Atlântida: esqueletos de fábricas e igrejas quebradas; uma leve brisa sopra sobre a superfície da água, e a cidade junto à margem ainda estava intacta, mas o rebordo do capacete de metal alemão impedia uma visão mais abrangente. Apenas por uma vez vi um horror tão semelhante, isso foi quando Ruhrort (destruída) saía do nevoeiro matinal; mas o mesmo rebordo do capacete de metal alemão também impedia de se ver o que o ataque à humanidade causara na própria Alemanha. O que é afinal hoje nos impede de ver, uma vez que já não usamos capacete?]

Diga-se de passagem que a alusão aos bombardeamentos americanos a cidades alemãs, que coloca os actos de guerra dos Estados Unidos ao nível dos da Alemanha nazi, constitui mais um exemplo da estratégica insistência por parte do narrador de incluir nas suas descrições da «realidade» soviética, frequente e subliminarmente, referências negativas ao «contra-modelo» ocidental, estratégia retórica essa que ajudaria a convencer o leitor da superioridade ética do modelo socialista.

Voltando à sua representação de Leninegrado propriamente dita, não surpreende assim que seja precisamente nessa «cidade heróica» que, após ter sido sitiada pelas tropas nazis durante quase três anos, impusera à Alemanha uma “desastrosa derrota” (*idem*: 109), se situem no texto as cenas mais enfáticas de uma confraternização simbólica entre os visitantes alemães e seus anfitriões. Desde os cultos e letrados acompanhantes da delegação alemã até à população da aldeia visitada, a ausência de qualquer espécie de rancor ao antigo inimigo e o saber perdoar as atrocidades alemãs são representados como um qualidade que, advindo da identificação com o «Internacionalismo Proletário», parece ter profundamente imbuído a mentalidade de todos os povos soviéticos. Acompanhando os seus «novos amigos» alemães na sua visita aos lugares de sua memória pessoal, a expe-



riência catártica do “camarada Schamanin”, que participara activamente quer na defesa de Leninegrado quer na tomada de Berlim, representa um exemplo paradigmático do efeito «maravilhoso» que emana do profundo humanismo inerente ao Socialismo (*idem*: 102s):

(...) an einem Platz, wo ein Mensch die schwerste Zeit seines Lebens verbrachte, (...) geschieht ihm ein Wunder: hier geht er spazieren mit Deutschen und glaubte, sie ewig hassen zu müssen. Ein erlösendes Wunder ist es: nein, ich muß sie nicht ewig hassen; ein erlöstes Lachen, das sich freut, weil man nicht ewig hassen muß, ein menschliches Lachen.

Der Mensch liebt es in Frieden zu leben. (...) Auf Brüder schießt man ungern. Brüderlich lieben die Arbeiter und Bauern der Sowjetunion das Proletariat der ganzen Welt, auch das deutsche. Die Namen von Karl Marx und Friedrich Engels nennt man in einem Atem mit den Namen von Wladimir Iljitsch Lenin und Josef Stalin. [Das ist das] Vertrauen auf das gesunde Empfinden der deutschen Arbeiterklasse.

[...] num lugar onde um ser humano passara os tempos mais difíceis da sua vida (...) sucede-lhe um milagre: por aqui se passeia agora com alemães, apesar ter acreditado que os teria de odiar para sempre. É um milagre redentor: não, não sou obrigado a odiá-los para toda a eternidade; um sorriso solto que se alegra por não se ser obrigado a odiar para sempre, um sorriso humano.

O ser humano adora viver em paz. (...) Não se gosta de atirar aos irmãos. É de um modo fraternal que os operários e camponeses da União Soviética amam o proletariado de todo o mundo, também o alemão. Os nomes de Karl Marx e de Friedrich Engels são enunciados num mesmo sopro com os de Vladimir Iljitsch Lenine e Josef Staline. (Isto é) a confiança no modo ser saudável e razoável da classe operária alemã.]

Numa aldeia, nos arredores de Leninegrado, onde os visitantes têm oportunidade de testemunhar a boa organização colectivista da economia agrícola do sistema *kolkhoz* e a consequente satisfação dos seus habitantes (*idem*: 118ss), uma das típicas “avozinhas russas” confirma igualmente o espírito fraternal, mesmo perante o antigo inimigo, como uma marca indelével da mentalidade soviética (*idem*: 123s):

Es sind fast alles russische Großmütterchen, mit denen wir sprechen. Alle, alle haben sie einen geliebten Menschen im Krieg verloren. Ihre Bilder hängen an den Wänden. Jungengesichter, Männergesichter, und eine Stube voller Deutscher. Wir haben angeklopft. Weit wurden die Türen geöffnet. (...) »Wie kann man die deutschen Frauen hassen? Haben doch auch ihre Männer und Söhne hergeben müssen.« Einfach und menschlich ist ihre Einstellung zu dem besiegten Volk, und offenherzig wird über alles gesprochen.

[São quase todas avozinhas russas com quem falamos. Todas, todas elas perderam um ente querido durante a guerra. Os seus retratos estão pendurados nas paredes. Caras de rapazes, de homens, e um dos quartos cheios de alemães. Batemos à porta. As portas abriram-se amplamente. (...) «Como é que se pode odiar as mulheres alemãs? Elas também tiveram que entregar os seus maridos e filhos.» A sua atitude perante o povo vencido é simples e humana, e de tudo se fala de coração aberto.]

Esse profundo e sincero humanismo da população dever-se-ia, conforme sugere o texto, ao facto de essa região da antiga Rússia representar o “berço da Revolução”, onde “Dostoiévski levantara a sua voz” e onde, em 1905, se assistira a diversos levantamentos populares que culminariam, uma dúzia de anos depois, no assalto ao Palácio de Inverno e da marcha gloriosa da «Grande Revolução Bolchevique» liderada por Lenine (*idem*: 88s). Conforme ilustra a seguinte passagem, a “autoridade revolucionária” de Leninegrado, o lugar onde “se dera início a uma nova era” (*idem*: 90), serve não apenas para evocar a memória do movimento bolchevique propriamente dito como para construir toda uma multissecular linhagem «proto-socialista» de diversas correntes artísticas e culturais que acabariam por confluír, teleologicamente, na revolução de 1917 e na voz de Lenine (*idem*: 89):

In diesem Hurra war die Stimme Puschkins und Gogols, Lermontows und Nekrassows, war die Farben- und Formenrevolte Rjepins; war (...) Tschai-kowskis (...) Harmoniensturz, waren vereinigt die aufrührerischen Stimmen der »Räuber« des jungen Schiller, waren die Aussagen der Philosophen, die zu Karl Marx und Friedrich Engels führten, und alles, was lebendig war – Weinen und Gelächter – gipfelte in Lenins Stimme, und Lenins Stimme eben war das Hurra der Rotarmisten, als sie das Winterpalais stürmten.

[Estes coros de hurra continham a voz de Pushkin e Gogol, de Lermontov e Nekrassov, continham a revolta de cores e formas de Rjepin; continham a torrente de harmonias de Tchaikovsky; reuniam as vozes rebeldes dos «salteadores» do jovem Schiller, as afirmações dos filósofos que levaram a Karl Marx e Frierich Engels, e tudo o que estava vivo – choros e risos – culminou na voz de Lenine, e a voz de Lenine foi precisamente o hurra dos combatentes do exército vermelho quando assaltaram o Palácio de Inverno.]

Se Leninegrado representa, por um lado, um excelente pretexto para o autor explicar a sua retórica de exaltação da «Grande Revolução» e prestar a sua homenagem ao «patrono» do Socialismo que dera o seu nome à antiga São Petersburgo dos tempos czaristas, a evocação da memória da desastrosa derrota que a Alemanha aí sofrera durante a Segunda Guerra Mundial serve, por outro lado, sobretudo para sustentar o seu discurso de um enaltecimento quase sacralizante do Partido Comunista da URSS e do Exército Vermelho cujos comportamentos e visões profundamente humanistas teriam, em contraste com os bombardeamentos aéreos de Dresden pelos “Yankees”, poupado a população alemã (*idem*: 105s):

Daß wir am Leben sind, verdanken wir der Kommunistischen Partei der Sowjetunion. Wer hätte die Rote Armee hindern können, uns zu vernichten, so, wie die Yankees Dresden vernichteten? Daß wir nicht verhungert sind, verdanken wir der Kommunistischen Partei der Sowjetunion. Wer konnte sie zwingen, uns Brot zu geben, nachdem die Deutsche SS Vorrathshäuser mit ukrainischem Weizen und Speck vom Balkan in Berlin in die Luft gesprengt hatte und von der Bevölkerung nicht daran gehindert worden war? Selbst daß sich die aufgewühlte siegreiche Armee so schnell den menschlichen Befehlen ihres Stabes fügte, danken wir der Kommunistischen Partei der Sowjetunion; keiner anderen Macht der Welt hätte sich diese empörte Flut gefügt.

[O facto de estarmos vivos agradecemos-lo ao Partido Comunista da União Soviética. Quem poderia ter impedido o Exército Vermelho de nos aniquilar, tal como os *Yankees* aniquilaram Dresden? O facto de não termos morrido à fome agradecemos-lo ao Partido Comunista da União Soviética. Quem o poderia ter obrigado a dar-nos pão, depois de as SS terem mandado pelos ares armazéns repletos de trigo ucraniano e de toucinho dos Balcãs em Berlim, sem que a população alemã as tivesse impedido? Mesmo o facto de o

exército vencedor, então em polvorosa, ter tão rapidamente acolhido as ordens humanísticas dos seus superiores agradecemos-lo ao Partido Comunista da União Soviética; a nenhum outro poder do mundo essa vaga de indignação se teria submetido.]

Uma vez que o povo alemão tudo deveria à visão fraternal do “poderoso Partido Comunista da União Soviética”, inclusive o facto de a sua auto-estima se poder agora, a pouco e pouco, sobrepor ao sentimento de culpa colectiva, leva o narrador a exaltar-se contra as «mentiras ocidentais» que insistiriam em denegrir a imagem do «monstro russo» (*ibid.*):

Und: daß sich Genosse Schamanin freut, daß er nicht mehr hassen muß; und daß wir wieder zu atmen beginnen, daß unsere Schuld kleiner und unser Selbstbewußtsein größer wird, alles verdanken wir der mächtigen Kommunistischen Partei der Sowjetunion.

Stopft den Brüdern die ungewaschenen Mäuler! Schnell – schnell!

[E que o camarada Shamanin se alegra de já não ter que odiar; e que nós começamos de novo a respirar, que a nossa culpa se torna menor e a nossa auto-estima maior, tudo isso agradecemos-lo ao poderoso Partido Comunista da União Soviética.

Tapem as bocas sujas a esses irmãos! Rápido – rápido!]

Outra dessas alegadas calúnias seria, conforme atrás já se aflorou, a de que o regime socialista estaria a proceder, de forma autoritária e indiscriminada, a uma imposição uniformizadora das suas políticas que não respeitariam as diferenças entre as mais diversas regiões, etnias e culturas que integravam a vastíssima União das Repúblicas. A encenação textual da breve visita à Geórgia é, como de seguida se poderá verificar, genericamente funcionalizada como uma experiência testemunhal da diversificada realidade soviética que comprovaria a falsidade das «injúrias imperialistas» sobre o mundo socialista.

Já a aproximação ao destino da excursão a bordo do avião proporciona ao visitante uma «supervisão», aparentemente distanciada e global, dos efeitos positivos da administração planificada do governo central que, extravasando os centros urbanos, conferiria uma “vida própria” ao imenso *Hinterland* soviético. A seguinte passagem do texto ilustra de um

modo paradigmático como o autor funcionaliza a vastidão e diversidade paisagísticas da URSS para reflectir essa alegada dinâmica política do Socialismo (*idem*: 127ss):

Geplante Städte (...) Hier erkennt man die Pläne am Luftbild – nein, das weite Land hinkt nicht hinter Moskau und Leningrad nach. Das weite Land hat Eigenleben. Weit vor uns – Silber und Dunst: das Meer. Links: brandende Gewitterwolken – der Kaukasus. Wir überfliegen eine tiefe Bucht (...), überfliegen laubbewaldete Vorgebirge und wieder die Küste. Weißer Strand – Ssuchum, Ssotchi – Namen wie Lieder. Weißschimmernde Paläste zwischen maigrünen Obstgärten und schwarzgrünen Zedern. Ein unbeschreiblicher Bogen, ein kreisendes Märchen (...). Unter uns ein orientalischer Teppich.

[Cidades planificadas (...) Aqui reconhece-se os planos e projectos pela vista área – não, a vasta província não fica atrás de Moscovo e Leninegrado. A vasta província tem vida própria. À nossa frente, bem ao longe – neblina prateada: o mar. Do lado esquerdo: pesadas nuvens de trovoadas a rebentar – o Cáucaso. Sobrevoamos uma baía profunda (...), sobrevoamos contrafortes de frondosas florestas e de novo a costa. Praia de areia branca – Ssuchum, Ssotchi – nomes como canções. Palácios reluzindo de branco entre pomares de fruta de um verde primaveril e cedros de um verde negro. Uma panóplia indescritível, um conto a andar à roda. (...) Por baixo de nós, uma tapete oriental.]

Ao aterrar no aeroporto de Tbilissi, a capital daquele “distante país meridional que ofereceu Estaline ao mundo” (*idem*: 129), os participantes da delegação deparam com uma paisagem geográfica, humana e cultural muito diferentes das setentrionais Moscovo e Leninegrado (*idem*: 130s):

[Georgien] begrüßt uns mit Flieder, und wir blicken in kohlschwarze, funkelnde Augen und drücken Hände von dunkler Farbe (...).

Vorgestern noch im hellen, nördlichen Leningrad, heute im hellen, südlichen Tbilissi ... Die ganze Breite der Sowjetunion haben wir in diesen beiden Tagen durchmessen (...), und Moskau und Leningrad und Tbilissi sind doch nur drei Städte des riesigen Landes. Drei Städte und drei verschiedene Gesichter, und ich kann nicht sagen, welches das schönste ist.

[A Geórgia) recebe-nos com lilases, e olhamos para olhos pretos como carvão, mas reluzentes, e damos apertos a mãos de pele escura (...).

Anteontem ainda estivéramos na clara e setentrional Leninegrado, hoje na clara e meridional Tbilissi ... Durante estes dois dias pudemos atravessar e medir toda a amplitude da União Soviética (...), e, no entanto, Moscovo e Leninegrado e Tbilissi são apenas três cidades do gigantesco país. Três cidades e três caras diferentes, e não sou capaz de dizer qual é a mais bela.]

A Geórgia oferece-se ao narrador em todo o seu esplendor exótico, revelando claramente as suas marcas orientais, sem porém corresponder à imagem do tradicional «exotismo burguês». Tbilissi é, pois, representada como um reflexo evidente de uma harmoniosa síntese de genuinidade e progresso, como uma fusão da leveza e sensualidade do Oriente com a robustez e o racionalismo russos que resultaria de um feliz “casamento” das milenares raízes da civilização oriental com a «modernidade socialista» (*idem*: 131):

Tbilissi ist Orient, aber Tbilissi ist Sowjetorient. Orient ohne romantischen Schmutz und farbenprächtige Dirnen, Orient, der in seinen hellen, modernen Bauten das Zeitalter des Betons, des Glases und der Stahlkonstruktion mit der Leichtigkeit und Empfinsamkeit morgenländischer Säulen und Bögen verbindet. Hier liegt sich der Sozialismus mit eineinhalbtausend Jahren Geschichte in den Armen. Welch eine Hochzeit!

[Tbilissi é Oriente, mas Tbilissi é Oriente soviético. Oriente sem a sujidade romântica e sem as prostitutas em vestuário colorido, Oriente que nos edifícios claros e modernos da era do betão, do vidro e das construções metálicas se une com a leveza e sensibilidade de colunas e arcos ocidentais. Aqui, o socialismo abraça uma história de mil e quinhentos anos. Mas que casamento!]

Em todas as práticas e hábitos culturais do povo georgiano que os visitantes têm oportunidade de experienciar *in loco*, desde a culinária, passando pela dança, o teatro e a música, até ao artesanato comercializado nos bazares «tipicamente» orientais, estão patentes os traços «genuínos» de uma civilização que os soviets respeitariam e fomentariam (*idem*: 131s).

In allem ist eine große Kultur, eine Jahrtausende alte Kultur, und wird von den Sowjets gepflegt wie die alten Ikonen und die jungen Pioniere. Und man kann das hier nicht mit Rußland vergleichen, das ist ein anderes Land, aber ein brüderliches, denn es ist ein sozialistisches Land. Und flöge man wieder sieben Stunden mit dem Flugzeug nach Osten, würde man ein anderes unvergleichliches Land finden, mit anderer Sprache und anderen Schriftzeichen und anderen Tänzen, und die größte und gemeinste Lüge über die Sowjetunion ist die der Vermassung der Völker.

[Em tudo se encontra uma grande cultura, uma cultura com vários milhares de anos que é preservada e estimada pelos sovietses como os antigos ícones e os jovens pioneiros. E isto aqui não pode ser comparado à Rússia, é um outro país, mas um país fraternal, pois é um país socialista. E se agora se voasse novamente de avião durante sete horas em direcção ao Oriente, encontrar-se-ia um outro país incomparável, com uma outra língua e outros grafemas e outras danças, e a maior e mais injusta mentira sobre a União Soviética é a da massificação dos seus povos.]

Conforme afirma o narrador num dos seus recorrentes contra-ataques às «calúnias ocidentais», a massificação, uniformização, normatização e industrialização culturais, essas seriam, pelo contrário, características, não de uma União Soviética onde haveria sensibilidade e lugar para a diferença «autêntica», mas de uma cultura americanizada de cunho pretensamente individualista, mas na verdade estéril e insensível, que a “prensa” do capitalismo impusera a todo hemisfério ocidental (*idem*: 132s).

(...) hier [in Georgien] ist wirkliches Gefühl und wahrhaftiger Enthusiasmus, und hier ist eine unverschämte, splitternackte Lebensfreude, die den Menschen aus dem Westen erschreckt und die ihm das Gruseln vor der Armseeligkeit seines ärmlich genormten, abgestempelten (...) Lebens beibringt. (...) Anderthalb Jahrhunderte hat man uns durch die Walze der kapitalistischen Entwicklung gedreht, mit Dampfhämmern hat man unsere besseren Einfunden totgeschlagen, unser Hirn hat chemische Prozesse durchgemacht, die es nur noch amtlich zugelassene Reflexe registrieren lassen, und die ganze westliche Hemisphäre ist über einem Leisten und schreit und schreit: »Ich will mir meine Individualität nicht nehmen lassen.« Eine Individualität hat

sie schon, die schöne Hemisphäre, aber eben leider nur eine, und die ist: made in USA.

[(...) aqui (na Geórgia) há sentimento verdadeiro e entusiasmo autêntico, e aqui há uma alegria de vida descaradamente pura e nua que assusta o ser humano ocidental e que o faz ficar horrorizado perante a pobreza da sua própria vida tão normalizada e esquematizada (...). (...) Durante século e meio fomos submetidos à prensa do desenvolvimento capitalista, mataram-se os nossos melhores sentimentos com martelos a pressão, o nosso cérebro passou por processos químicos que só lhe permitem registar reflexos aprovados pelas entidades oficiais, e todo o hemisfério ocidental mede tudo pela mesma rasoira, gritando e gritando: «Não quero que me tirem a minha individualidade.» É certo que já tem uma individualidade, esse belo hemisfério, mas é, lamentavelmente, apenas uma, e essa é: *made in USA*.]

A impressão que a representação «romântica» do povo da Geórgia como uma espécie de «bom selvagem» poderia causar junto do leitor é de seguida habilmente atenuada por Kuba, ao afirmar que o respeito soviético pela tradição não implicaria necessariamente um isolamento hermético a influências de uma modernidade cosmopolita, tais como o *jazz*, o *swing* e o *tango* que se tocava, ouvia e dançava – de um modo, porventura, mais equilibrado e mais graciosos do que no Ocidente – tanto no *Clube Gorki* em Leninegrado como, a mais de mil quilómetros de distância, no *Parque Cultural Estaline* de Tbilissi. Esse hino à ecléctica fusão da cultura musical e de dança vindas de todas as partes do mundo, que na nossa era da chamada globalização denominaríamos de *World Music*, leva, enfim, o narrador-viajante da futura RDA a afirmar, de forma hiperbólica, que “no mundo nada existe que a União Soviética também não tenha” (*idem*: 135s).

Outra característica da reportagem de viagem *Gedanken im Fluge* é, como já tivemos oportunidade de constatar em relação às descrições de Moscovo e Leninegrado, o culto prestado às grandes figuras do Socialismo. Sendo a Geórgia a terra natal de Estaline, não surpreende portanto que do programa da visita dessa região conste obrigatoriamente uma passagem pela aldeia de Gorki, onde se encontra a «casa humilde» em que o «carismático» líder da União Soviética viera ao mundo. Como seria de esperar, a visita à casa-museu de Estaline configura-se ao narrador e, por conseguinte, aos seus leitores como um espaço de projecção da «grandiosa obra» desse



homem do povo, filho de um simples operário, que abriria à humanidade caminhos seguros e risonhos para o futuro (*idem*: 141s):

Er hat seinem Volk den Frieden gebracht, er brachte den sechzig Völkern der UdSSR den Frieden. Der Weltfrieden wird den Namen »Stalinischer Frieden« tragen, und der Schlüssel dazu wird die »Stalinsche Nationalitätenpolitik« sein. Sein Geburtshaus steht in Marmor gefaßt und überdacht in einem Garten mit Fliederbüschen und Blumenbeeten. Die Wege sind mit rotem Sand bestreut, und es geht sich auf ihnen so weich wie auf einem Teppich.

[Ele trouxe a paz ao seu povo, ele trouxe a paz aos sessenta povos da URSS. A paz mundial portará o nome de «Paz Estalinista» e a chave para tal consistirá na «Política Estalinista das Nacionalidades». A sua casa natal encontra-se, enquadrada e coberta de pedra mármore, num jardim com arbustos de lilases e canteiros de flores. Os caminhos estão cobertos de areia vermelha, e neles se caminha tão suavemente como sobre uma carpete.]

Antes da “difícil despedida” (*idem*: 159) dos seus «novos amigos» em Moscovo, em Leninegrado, que fora uma “revelação”, e em Tbilissi, que representara um autêntico “sonho” (*idem*: 153), o narrador não dispensa de proceder a uma espécie de balanço final das suas experiências e testemunhos pessoais da vida quotidiana do cidadão comum na gigantesca e poderosa União Soviética. Como delegado em representação de todo o povo alemão, ele tem a consciência de ter de prestar contas a todos aqueles que representara durante a sua viagem. Por isso, a forma estilística e didáctica mais adequada para saciar a natural curiosidade dos leitores comuns que o esperariam na pátria parece ser um catálogo de perguntas simples com respostas inequívocas que, por sua vez, contradizem os habituais *clichés* anti-soviéticos. Vejamos apenas alguns dos exemplos mais representativos desse curioso «jogo» de pergunta-resposta com que Kuba encerra o seu relato (*idem*: 157):

Heim geht es; nach Deutschland, Fragen beantworten:

Wie regieren die Kommunisten? – Wie die Kraft in der Natur, die das Laub grün macht.

Kann man sich ein eigenes Häuschen kaufen? – Man kann!

(...)

Kann man sparen? – Und bekommt Zinsen obendrein.  
 Kann man arbeiten, was und wo man will? – Man kann!  
 (...)

Besteht für die Frau Arbeitszwang? – Nein! Aber meistens hat die Sowjet-  
 frau einen Beruf, weil sie gescheit ist.

Kann man sich ein Auto kaufen? – Man kann!  
 Kann man sagen was man will? – Man bittet darum.

Alles kann man, alles darf man, nur auf Kosten anderer Menschen fett  
 werden, das darf und kann man nicht.

[Rumo a casa, em direcção à Alemanha, responder a perguntas:

Como governam os comunistas? – Como a força na natureza que trans-  
 forma as ramagens em folhagens verdes.

É permitido comprar a sua própria casa? – Sim, é permitido.  
 (...)

Pode-se fazer poupanças? – E ainda por cima, recebe-se juros.  
 Pode-se trabalhar em que e onde se quer? – Sim, pode-se!

(...)

Há obrigatoriedade de as mulheres trabalharem? – Não! Mas a mulher  
 soviética tem quase sempre uma profissão, porque ela é sensata.

É possível comprar um automóvel? – Sim, é!

Pode-se dizer o que se quer? – Até se pede que assim seja.

Tudo é permitido, tudo se pode fazer, só engordar à custa de outros seres  
 humanos é que não se pode nem é permitido.]

Perante esse balanço redondamente positivo das condições de vida  
 soviéticas, uma «realidade» que o narrador pudera «testemunhar» e «com-  
 provar» aos mais diversos níveis durante a sua viagem, não surpreende que  
 o relato *Gedanken im Fluge*, com que Kuba oferece ao leitor um retrato cor-  
 -de-rosa da União Soviética – ao mesmo tempo que lhe sugere um quadro  
 negro do «imperialismo ocidental» – termine, como que natural e necessa-  
 riamente, com uma enfática saudação, um triplo cumprimento à capital e  
 ao «grande líder» desse «país de maravilhas» que deveria, por conseguinte,  
 servir de modelo para a construção de uma «Alemanha melhor» (*idem*:  
 159): “Priwjét Moskau! Priwjét UdSSR! Priwjét Stalin!”

O *pathos* inerente à retórica de glorificação da União Soviética como  
 o país dos superlativos, como *Land der unbegrenzten Möglichkeiten*, assim

o título – que, curiosamente, se costuma associar aos Estados Unidos da América – escolhido por Stefan Heym para o seu livro editado em 1954 sobre uma viagem de delegação ao «berço do Socialismo», é, conforme aqui tentámos demonstrar com base numa análise algo mais pormenorizada do caso paradigmático representado pela «reportagem de viagem» da autoria de Kuba, uma característica comum à generalidade dos relatos dedicados à «heróica URSS» durante as duas primeiras décadas de existência da RDA. Ainda que essa dimensão vincadamente politizada e propagandística da literatura de viagens produzida durante a fase da construção e solidificação de uma «Alemanha socialista» tivesse vindo, nas décadas seguintes, a atenuar-se, dando gradualmente lugar a representações de um cunho cada vez menos dogmático e mais subjectivista, o que, por sua vez, exigiria técnicas narrativas mais exigentes do ponto de vista estético, certo é que, até mais ou menos finais dos anos 60, as viagens no hemisfério socialista continuariam a ser modo geral concebidas como experiências individuais ao serviço do colectivo. Dito por outras palavras, em vez de focar a diferença e de problematizar as dificuldades de percepção e representação do Outro, essa concepção didáctico-social dos livros de viagens visava uma assimilação linear e harmoniosa das realidades de outros países e sociedades que, apesar de estrangeiros, seriam, acima de tudo, «tão socialistas» como a própria RDA. A promoção de um projecto político e social comum, estratégia persuasiva essa que exigia uma retórica esquemática e um estilo de escrita «realista», facilmente inteligível pelo leitor comum, sobrepõe-se assim à tradicional função «exotizante» da literatura de viagens, ou seja, a de proporcionar ao leitor a experiência estética da diferença cultural. Conforme pudemos verificar no texto de Kuba, não obstante a sua tentativa de imprimir ao seu relato de viagem um certo toque de exotismo, nomeadamente na sua encenação da Geórgia meridional como um “Oriente soviético” positivamente cunhado pelas marcas do Socialismo, a percepção e representação do Outro que é, afinal, o próprio, reduz-se, no fundo, à confirmação da pretensa superioridade do modelo exemplar da URSS.

#### 4.2.2 Representações dos «países irmãos» na pintura

Com a progressiva aproximação da jovem RDA aos outros países-satélite da União Soviética, aproximação essa que resultaria no estabelecimento de acordos bilaterais de cooperação com todos os Estados do hemisfério a Leste da «Cortina de Ferro», ao longo dos anos 50 e 60, não só os destinos das próprias viagens se vão, a pouco e pouco, alargando como aumenta o número de publicações relacionadas com as viagens aos diversos países da «comunidade socialista», quer em solo europeu, quer noutras regiões do mundo onde o Socialismo se implementara, nomeadamente na China, na Coreia e no Vietname. Se os livros sobre a URSS obedecem genericamente à função de encenar ou, melhor, de propagandear a matriz soviética como único modelo possível para a edificação de uma Alemanha «verdadeiramente» democrática, a maioria dos relatos de viagens sobre os países vizinhos a Leste, pretende, por um lado, ilustrar as transformações positivas processadas pelos regimes socialistas em *todos* os países do Bloco de Leste e, por outro, promover a reconciliação entre a «nova Alemanha» e as vítimas daquela «velha Alemanha» guerreira (que supostamente continuaria a ser representada pela República Federal Alemã), com vista a fomentar os contactos interculturais e solidificar a amizade e solidariedade internacional na ordem «semi-mundial» em que a RDA se inseria.

Estes dois propósitos, o do «descobrimento» pessoal do quotidiano e da cultura dos «países irmãos», por um lado, assim como o da reconciliação e da integração na «comunidade socialista», por outro, manifestar-se-iam inevitavelmente sob formas muito díspares entre si. Perante a enorme quantidade e diversidade formal dos textos de autores da RDA sobre as suas explorações viáticas<sup>240</sup> dos Estados vizinhos do Leste europeu, nomeadamente desde a década de 70, altura em que se assistiu a um verdadeiro surto dessa espécie de publicações,<sup>241</sup> escusado será dizer que, no âmbito do presente estudo *diacrónico* que não mais se propõe do que traçar um quadro meramente panorâmico do fenómeno da viagem como prática sociocultural assim como das principais tendências da presença do livro de viagens

<sup>240</sup> As antologias *Auf der Straße nach Klodawa. Reiseerzählungen und Impressionen* (1977), *Aufenthalte anderswo. Schriftsteller auf Reisen* (1976) e *Fernfahrten – erlebt und erdacht von achtzehn Autoren* (1976) oferecem um panorama representativo da diversidade do género na RDA.

<sup>241</sup> Veja-se, a esse respeito, a dissertação de Zwirner (1986) que proporciona uma visão bastante detalhada da multifacetada produção de literatura de viagens dessa época.

na paisagem editorial da RDA ao longo de todas as suas quatro décadas de existência, não pretendemos aqui proceder nem a um levantamento exaustivo nem a uma análise propriamente literária desse imenso *corpus*. Uma vez que esse trabalho já foi – pelo menos, em parte – desenvolvido por toda uma série de estudos que, de resto, já tivemos oportunidade de apresentar e discutir no nosso inventário dos «metatextos»,<sup>242</sup> gostaríamos de nos concentrar aqui noutras formas de encenação dessas viagens que, certamente por extravasarem a tradicional concepção da *literatura* de viagens como um género primordialmente *textual*, a referida investigação não contempla. Referimo-nos às representações *bi-mediáticas* que, para além de se servirem da palavra para transmitir percepções e impressões de realidades estrangeiras, recorrem a formas de expressão visuais, nomeadamente à pintura, ao desenho e à fotografia.

Como afirma François Moureau (1998: 247) no seu artigo “Le récit de voyage: du texte au livre” que incide, entre outros aspectos paratextuais, sobre a longa tradição da relação texto-imagem nos livros de viagens:

(...) l'illustration systématique de la «littérature de voyage» est une pratique qui, pour nous limiter à la Galaxie Gutenberg, date des débuts de l'imprimerie et se poursuit sans véritable crise jusqu'à la période moderne. Aucune autre forme de «littérature», sauf la «littérature scientifique» (...), n'a bénéficié d'une telle attention de la part des «libraires».

Tratando-se portanto de uma marca constitutiva do artefacto «livro de viagens», é curioso verificar-se que o multissecular fenómeno da coexistência da palavra com a imagem pictórica, coexistência essa que se estende inclusivamente até aos actuais relatos de viagens electrónicos em formato hipertextual colocados aos milhares na Internet, não se tenha, até ao momento, constituído como um objecto de estudo de uma reflexão mais sistemática e mais aprofundada num domínio de investigação tão versátil e intrinsecamente «transdisciplinar» como este relacionado com a percepção e representação da viagem. Como é evidente, no contexto de um trabalho académico com as características descritas atrás, não pode ser nosso propósito desenvolver aqui uma sistematização e fundamentação teóricas e analíticas das complexas relações intermediais nos processos de

<sup>242</sup> Cf. subcapítulo 2.2.

mediação da viagem. Ainda assim, e apesar de estarmos a pisar um terreno que se nos configura bastante movediço, uma vez que representa, por definição, um domínio das «ciências dos *media*» (*Medienwissenschaften*) do qual, mais recentemente, também se têm vindo a ocupar os «estudos interartes» que, por sua vez, focam sobretudo as múltiplas e diversas conexões estéticas entre literatura, pintura, fotografia e cinema, no nosso retrato panorâmico da topografia das construções de realidades estrangeiras na RDA não quisemos prescindir de apontar e reflectir um pouco sobre um fenómeno que, a nosso ver, carece de uma maior atenção por parte da investigação da literatura de viagens. Neste sentido, as seguintes reflexões e aproximações analíticas só podem ser entendidas, convém realçá-lo, como um mero ponto de partida, como uma proposta ainda embrionária e bastante rudimentar, para uma possível subárea dos estudos em torno da literatura de viagens que, no futuro, poderia ou deveria ocupar-se um pouco mais de perto das implicações e repercussões intermediais que, desde os tempos mais remotos da «era Gutenberg» até à hipermediática pós-modernidade, têm indelevelmente marcado a produção e recepção do género.<sup>243</sup> Pelas razões expostas na introdução, deixamos aqui de lado as encenações cinematográficas e televisivas de realidades estrangeiras que terão também na RDA, tal como em praticamente todas as sociedades da segunda metade do século XX, cunhado de um modo significativo as representações mentais do Outro. Cingindo-nos portanto ao *medium* «livro de viagens», que é em si mesmo um objecto de estudo deveras complexo e diversificado, escolhemos representativamente duas formas diferentes de encenações bi-mediáticas de viagens.

Em primeiro lugar ocupar-nos-emos de um catálogo de uma exposição de pintura, desenho e escultura, com o inequívoco título *Künstler der Deutschen Demokratischen Republik reisen in sozialistische Länder* (1961) [Artistas da RDA viajam por países socialistas], em que, para além das representações plásticas das «impressões» de viagens, se incluem também pequenos textos dos artistas sobre os seus périplos. Encetaremos depois algumas reflexões, necessariamente sucintas, sobre as complexas relações texto-fotografia. Tratando-se de uma combinação invulgarmente frequente nos mais diversos tipos de livros de viagens publicados na RDA, uma técnica bi-mediática que no mundo editorial não-socialista fora, ao longo da

<sup>243</sup> Para uma fundamentação um pouco mais alargada deste multissecular fenómeno da intermedialidade na representação da viagem, veja-se Matos (2009a).

segunda metade do século XX, basicamente relegada para os subgéneros utilitários, como os guias turísticos ou os «livros técnicos» (*Sachbücher*) sobre determinados países e/ou culturas, analisaremos representativamente, sob uma perspectiva mais funcional do que propriamente estética, alguns exemplos desse género de publicações que, na sua representação dos vizinhos socialistas europeus, se destacam por um multifacetado e multifuncional recurso à fotografia.

Começamos portanto pelo catálogo da exposição que reúne cerca de sessenta reproduções – infelizmente só a preto-e-branco – da obra de um número total considerável de sessenta e seis artistas a quem o Estado da RDA proporcionara, ao longo da década de 1950, a oportunidade de participarem em diversas delegações rumo aos mais variados destinos dentro do hemisfério socialista. Dessas viagens resultaria assim um *panopticum* geográfico em que, desde a União Soviética, a China, a Coreia do Norte e o Vietname, passando pela distante e exótica Mongólia, pelos países meridionais da «comunidade», como a Albânia, a Bulgária e a Roménia, até aos vizinhos imediatos, a Polónia, a Checoslováquia e a Hungria, estavam representados praticamente todos os países do «gigantesco» e «poderoso» mundo socialista – à excepção de Cuba, que na época ainda se encontrava mergulhada no «processo revolucionário». Para a elaboração dessas suas «impressões de viagem» dos mais variados países e culturas, os artistas recorreram, de acordo com as suas apetências e competências pessoais, às mais variadas técnicas e materiais, desde o bronze para as esculturas, passando pelos desenhos a carvão e a tinta-da-china, pela xilogravura, até às aguarelas sobre papel e às telas a óleo de diversas dimensões. Curiosamente, e ao contrário do que o público dessa exposição provavelmente esperaria, apesar da notável diversidade quer dos países visitados quer dos artistas e suas técnicas, o conjunto das obras – pelo menos, o das mais de cinco dezenas reproduzidas no catálogo – oferece tudo menos um quadro heterogéneo, «multicolor» ou multicultural. A surpreendente uniformidade que caracteriza essa colecção de representações de um tema como a viagem que é, à partida, deveras propício à encenação da diversidade e da diferença, do inesperado e do novo, da revelação, e não do nivelamento, constitui uma demonstração, literalmente visível, por um lado, do esquematismo estético inerente ao «Realismo Socialista» e, por outro, da função inequivocamente político-ideológica que na RDA da época da fundação e construção se atribuía à arte e à viagem.

A nossa primeira impressão causada pela observação das próprias reproduções das peças de arte foi-nos, de resto, confirmada quando nos debruçamos sobre os textos incluídos no catálogo. O programático prefácio, da autoria de Lea Grundig, membro da presidência da associação dos artistas plásticos da RDA (*Verband Bildender Künstler Deutschlands*), não deixa dúvidas quanto às expectativas da política cultural do regime em relação ao que os delegados enviados em viagem *deveriam* trazer consigo (e para o público) desses seus périplos pelo vasto mundo socialista. O prefaciador começa, como não poderia deixar de ser, por evocar o tradicional *cliché* do potencial inovador e criativo inerente à experiência da viagem, da sua histórica importância para os artistas, para, logo de seguida, puxar, em perfeita consonância com o esquema dicotómico «velho-novo», «antes e depois da Revolução» que já pudemos constatar no texto de Kuba, pela cartilha das proezas do Socialismo que agora proporcionariam aos artistas excelentes condições para poderem aproveitar as potenciais virtudes da viagem em toda sua plenitude:

Schon immer waren Reisen für die Künstler von größter Bedeutung. Das Erlebnis fremder Länder, ihrer Menschen, der Schönheiten ihrer Landschaft, ihrer Geschichte, Sitten und Gebräuche, befruchtet seit jeher die Künstler in ihrem Schaffen.

Jedoch die Sehnsucht nach den Fernen, nach der Bereicherung der Erkenntnis der Welt, war schwer zu befriedigen.

Wir wissen aus Reiseberichten vieler Künstler der Vergangenheit (...), welche entscheidende, oft schwer zu ertragende Rolle dabei das Geld, die materielle Abhängigkeit, spielte.

Wie anders reisen wir heute, in fernste Länder, zu Freunden, und wir sind erwartete, liebevoll umsorgte Gäste. (...) Unser Arbeiter-und Bauern-Staat öffnet uns durch die in den Verträgen über freundschaftliche kulturelle Zusammenarbeit enthaltenen vielfältigen Möglichkeiten die Tore der mit uns brüderlich verbundenen sozialistischen Länder.<sup>244</sup>

[As viagens foram desde sempre da maior importância para os artistas. As vivências de países estranhos, dos seus povos, das belezas de suas paisa-

<sup>244</sup> Uma vez que o catálogo não tem paginação numérica, somos obrigados a citar sem a respectiva indicação.



gens, da sua história e hábitos culturais, fecundam, desde tempos ancestrais, a criação dos artistas.

No entanto, os desejos de regiões longínquas, do enriquecimento pelo conhecimento do mundo, eram muito difíceis de saciar.

Sabemos dos relatos de viagens de muitos artistas do passado (...) qual o papel determinante, muitas vezes difícil de suportar, tivera em relação a esse assunto, o dinheiro, a dependência material.

Quão diferentes são hoje as nossas viagens aos países mais longínquos, ao encontro de amigos para quem somos hóspedes esperados, afavelmente recebidos. (...) O nosso Estado dos Operários e Camponeses abre-nos, por via dos tratados de uma amigável cooperação cultural que contém múltiplas possibilidades, as portas dos países socialistas com os quais estamos fraternalmente interligados.]

A benevolência do “Estado dos Operários e Camponeses” para com os seus artistas, nomeadamente a de lhes abrir as portas para o mundo (socialista), tem, no entanto, um preço. A viagem não significa apenas fruição pessoal; o artista-viajante deve pois desempenhar uma “missão” colectiva:

Wir wissen aber auch, daß die Reisen für uns Künstler nicht nur persönliches Erlebnis, Freude und Entspannung sind, sondern zugleich gesellschaftlicher Auftrag.

[Porém, também sabemos que estas viagens não são, para nós artistas, apenas experiências, alegria e lazer individuais mas representam, ao mesmo tempo, também uma missão social.]

O discurso da funcionalização do contacto intercultural com os povos e culturas socialistas é inequívoco. Essas viagens dos artistas da RDA deveriam contribuir para estilhaçar a aura do «exotismo burguês» representado pelos guias de viagem *Baedeker* e assim servir para dar expressão à “proximidade fraternal”, representar os aspectos semelhantes e comuns, e não as diferenças:

Die Reisen sind ein bedeutender Beitrag zum besseren gegenseitigen Verständnis und zur Festigung der Freundschaft unserer Völker. Diese Reisen

helfen uns, die Reste von Vorurteilen zu überwinden, sie helfen uns, in dem Fernen das uns so Nahe, völkerverbindende Gemeinsame, zu erkennen. Der Bädekerzauber [sic] der Vergangenheit, des unverbindlichen Reisenden von gestern, geht in Scherben. Wir zerstören kräftig “die Exotik der fernen Länder“. Statt ihrer wollen wir die brüderliche Nähe, die Gemeinsamkeit, die uns verbindende internationale Solidarität, das neue Leben in diesen Ländern in unseren Kunstwerken ausdrücken.

[As viagens constituem um significativo contributo para um melhor entendimento mútuo e para o fortalecimento da amizade entre os nossos povos. As viagens ajudam-nos a transpor os resquícios de antigos preconceitos, ajudam-nos a reconhecer na distância o que nos é tão próximo, o comum que une os povos. A magia do Baedeker do passado, do viajante descomprometido de ontem, estilha-se. Destruímos com veemência o “o exotismo dos países longínquos”. Em vez disso queremos a proximidade fraternal, o comum, a solidariedade internacional que nos une, expressar nas nossas obras de arte a vida nova nesses países.]

Apesar de não se prescindir de enunciar os lugares comuns da tradicional sensibilidade individual do artista, isto é, os seus modos de ver e suas formas de expressão diferenciadas, essa alegada diversidade das obras apresentadas na exposição é, no entanto, logo de seguida, «aplainada». À semelhança do que aqui já pudemos constatar em relação à reportagem de viagem escrita, nomeadamente na formulação citada atrás de Maximilian Scheer do tal «ponto de vista ideologicamente correcto» que o narrador-viajante deveria obrigatoriamente adoptar, também ao artista plástico se exige uma percepção e representação esquematizadas do Outro pautadas pelos grandes ideais socialistas, o que resultaria, necessariamente, numa efectiva anulação da pressuposta originalidade diversificada das obras apresentadas na exposição.

Reich und vielfältig sind die Handschriften, unterschiedlich die Art des Sehens, des Erkennens und Gestaltens. Durch die individuellen, differenzierten künstlerischen Temperamente widerspiegelt sehen wir Arbeiten, die bei Reisen in die Sowjetunion, die Volksrepublik China, Volkspolen, die CSSR, die Albanische, Bulgarische, Rumänische und Ungarische Volksrepublik sowie die Republiken Korea und Vietnam entstanden sind.

So unterschiedlich diese Kunstwerke auch gestaltet sind, so gleichen sie sich doch alle in einem – nämlich, daß Freundesaugen gesehen, daß Freunde erlebt haben.

[Ricas e diversificadas são as caligrafias de cada um, diferentes são os modos de ver, de reconhecer e criar. Reflectidos nos temperamentos individuais e artisticamente diferenciados, vemos trabalhos que surgiram durante viagens à União Soviética, à República Popular da China e da Polónia, à Checoslováquia, às repúblicas populares albanesa, búlgara, romena e húngara, assim como às repúblicas da Coreia e do Vietname.

Por mais diferentes que sejam as formas destas obras de arte, há, no entanto, um aspecto em que todas se assemelham – mormente, o facto de terem sido olhos de amigos a ver, amigos a vivenciar.]

Conforme se pode verificar pelos exemplos reproduzidos abaixo, esse nivelamento pelo “olhar de amigo” – ou melhor, pelo «olho ideológico» – repercutiu-se de forma indelével nas próprias obras. Apesar de diversificadas, do ponto de vista técnico, reflectem, uniformemente, não só os temas típicos como os traços estilísticos tão característicos do Realismo Socialista. As seguintes representações ilustram-no de forma paradigmática: os operários, mormente a «clássica» figura do mineiro como ícone por excelência dos primórdios do movimento trabalhista; os agricultores como protagonistas das revoltas rurais e da conseqüente colectivização agrária; a figura da camponesa prefigurando a emancipação da «mulher socialista», as paisagens industriais e as vistas panorâmicas (tudo menos «românticas» ou «exóticas») de portos equipados de modernas infra-estruturas que representam o progresso científico e tecnológico do Socialismo; as cenas de ruas e praças repletas de um povo de pequenos comerciantes no alegre cumprimento das suas tarefas laborais. Face ao esquematismo e à monotonia evidenciados por esse conjunto de obras produzido por sessenta artistas-viajantes diferentes, pode, em suma, considerar-se que o catálogo da exposição *Künstler der Deutschen Demokratischen Republik reisen in sozialistische Länder* constitui uma espécie de manual escolar para qualquer artista que, a fim de ser premiado com uma «viagem de delegação», estivesse disposto a pôr a sua sensibilidade perceptiva, os seus saberes e competências técnicas ao serviço do dogma estético e político do «Internacionalismo Socialista».



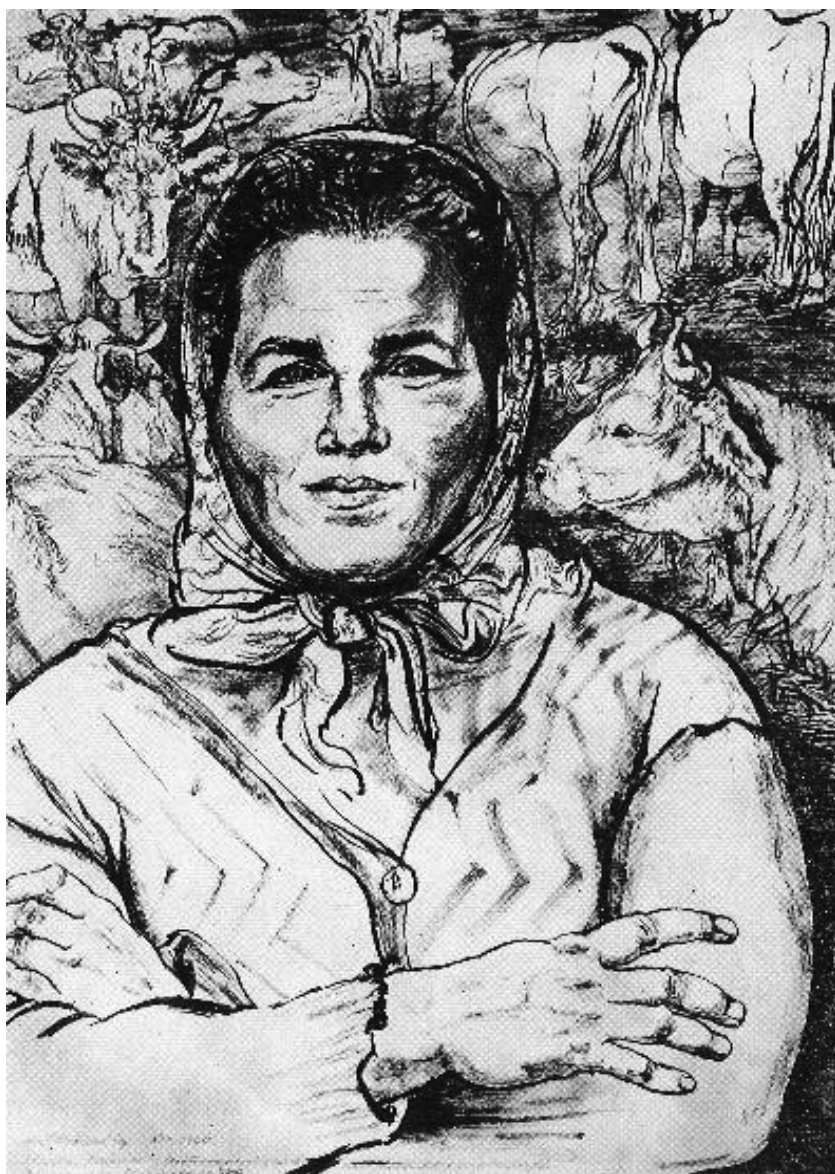
Walter Zschunke, "Donbass-Kumpel"  
[Camarada da Donbass], URSS,  
(Litografia)



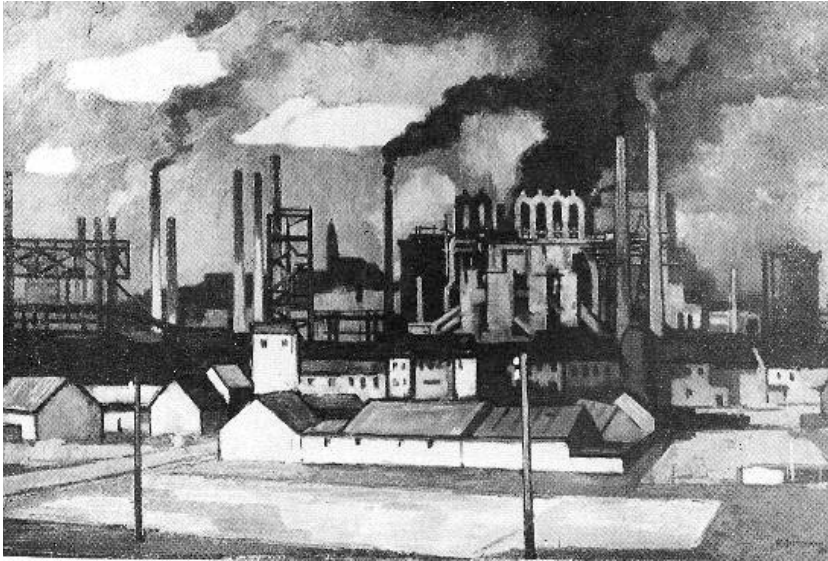
Lea Grundig, "Bestarbeiter Neagu  
Konstantin"  
[O «Melhor Operário» premiado da  
Neagu Konstantin],  
República Popular da Roménia,  
(Tinta da china)



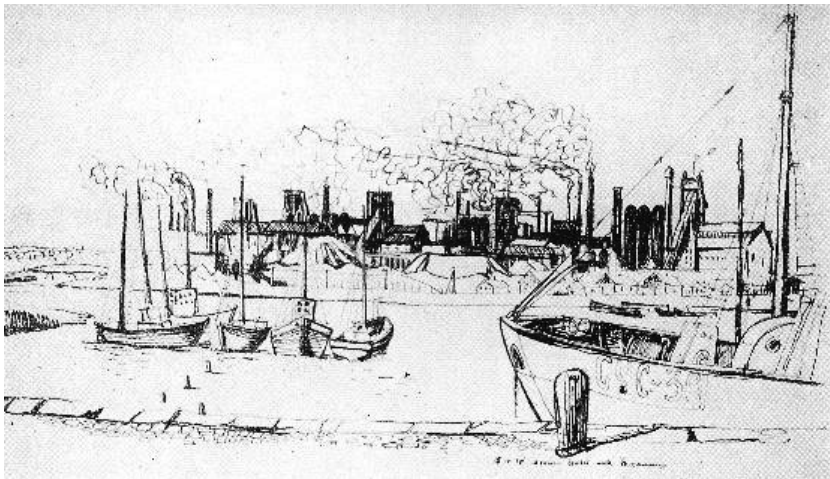
Bruno Bernitz, "Kollektivarbeiterin in einer bäuerlichen Genossenschaft",  
[Trabalhadora de uma cooperativa agrícola], Checoslováquia, (Óleo)



Lea Grundig, “Maria Murăa, Leitungsmittglied einer Kollektivwirtschaft”,  
[Maria Murăa, membro da direcção de uma cooperativa agrícola], República Popular da  
Roménia. (Tinta-da-china)



Herbert Aschmann, ohne Titel [Sem título], Checoslováquia, (Óleo)



Otto Schutzmeister, ohne Titel [Sem título], URSS, (Tinta-da-china)



Wilhelm Schmied, "Am Kosaner Bahnhof"  
[Na estação de Kosane], Moscovo, (Litografia colorida)



Wilhelm Schmied, "Auf der Straße in Moskau"  
[Na rua em Moscovo], (Desenho)



A «lição socialista» proferida no prefácio e o esquematismo evidenciado nas próprias representações plásticas estão também patentes nos textos que dez (entre o conjunto de mais de sessenta) artistas redigiram sobre as suas experiências de viagem. Ainda que tivessem participado, em alturas distintas, em diferentes delegações, a países diversos, as suas «impressões» revelam uma espantosa unanimidade. Traduzidas no catálogo para russo, francês e inglês, o que confere à exposição, para além da própria temática das viagens, um certo toque de cosmopolitismo, as breves declarações estereotipadas dos artistas convergem todas no sentido de enfatizarem a simpatia e amizade com que teriam sido acolhidos, o inestimável valor das suas viagens para uma aproximação efectiva entre os «irmãos socialistas» assim como a importância dessas experiências interculturais quer para a percepção da realidade na própria RDA quer para o desenvolvimento pessoal do seu trabalho artístico. O seguinte excerto de um texto da autoria de Willi Neubert reflecte e sintetiza-o de um modo exemplar:

Für mich war der Aufenthalt in Albanien ein wesentlicher Beitrag zu meiner künstlerischen Entwicklung. Vor allem wird die neue Farbigkeit, die ich in den großen Landschaftsstudien gewonnen habe, in der künftigen Arbeit von großem Nutzen sein. Aber auch gesellschaftlich ist der Einblick in einen sozialistischen Staat für uns von großer Wichtigkeit, man erkennt unsere eigene Entwicklung besser und sieht sie wieder mit ganz anderen Augen. Die Gastfreundschaft der albanischen Kollegen ist für unsere Begriffe fast unbeschreiblich.

[Para mim, a estada na Albânia representou um importante contributo para a minha evolução artística. É sobretudo o novo colorido, adquirido nos meus estudos das vastas paisagens, que nos meus futuros trabalhos me deverá ser de grande utilidade. Mas também de um ponto de vista social, a possibilidade de observar por dentro um Estado socialista é para nós de uma grande importância, pois reconhecemos melhor a nossa própria evolução e passamos a vê-la com olhos completamente diferentes. A hospitalidade dos colegas albaneses é, quando comparada com a nossa, indescritível.]

Para terminarmos esta breve incursão pelas representações do «estrangeiro socialista» propostas por uma considerável série de artistas plásticos na viragem da década de 1950 para os anos 60, há ainda a referir que o peso

da História e a reconciliação com os povos e países outrora humilhados pela Alemanha fascista constituem outros dos tópicos recorrentes, não só nos mais diversos relatos de viagens, narrativas e romances de escritores da RDA,<sup>245</sup> como também nas impressões de viagem descritas nos textos incluídos no catálogo. Em relação à sua estada na União Soviética, Erich Gerlach, por exemplo, constata o seguinte:

Da es meine erste größere Reise ins Ausland war, ist für mich der Vergleich sehr nahe mit dem Kinde, welchem sich plötzlich das Tor öffnet zu Nachbars Garten, in den es bisher nur durch ein Astloch schauen konnte. 1931 wollte ich durch Intourist in die Sowjetunion reisen, doch reichte das Geld nicht aus. Damals hätte ich nie geglaubt, daß ich noch 27 Jahre würde warten müssen. Dazwischen lag der verbrecherische Krieg, in dem das faschistische Deutschland die Nachbarvölker überfiel. Diese Schuld meines Heimatlandes ließ mich diese Reise sehr nachdenklich antreten. Vor mir stand die Frage, wie man uns wohl aufnehmen wird. Sie wurde bald von der großen Herzlichkeit, die man uns entgegenbrachte, positiv beantwortet. Diese Herzlichkeit begegnete uns überall und hat eine tiefe Freundschaft und Dankbarkeit in mir geweckt.

[Uma vez que foi a minha primeira viagem ao estrangeiro, a minha experiência aproxima-se muito da de uma criança à qual se abre de repente o portão para o quintal do vizinho que ela apenas conhecia de olhar por um buraco na cerca de madeira. Em 1931 pretendia viajar com a agência *Intourist* pela União Soviética, mas o dinheiro não chegara. Nessa altura nunca teria acreditado que ainda teria de esperar durante mais 27 anos. Pelo meio deu-se a guerra criminoso durante a qual a Alemanha fascista assaltou os seus povos vizinhos. Esta culpa da minha pátria fez com que tivesse iniciado esta viagem num estado muito pensativo. Defrontava-me com a pergunta de como nos iriam receber. Essa seria rapidamente respondida de forma positiva devido

<sup>245</sup> Esta temática é, por razões óbvias (*vide* «Auschwitz»), um tópico central em parte significativa dos relatos da RDA sobre viagens à Polónia. Veja-se, a esse respeito, Bulmahn (1984), Jäckel (1989), Zwirner (1986: 98-104) e o posfácio de Heinrich Olchowsky no volume editado por Grasnack (1988) sobre as relações germano-polacas na literatura alemã. Ainda que não se trate de um relato de viagens propriamente dito, neste contexto não se pode deixar de referir o paradigmático romance de Christa Wolf *Kindheitsmuster* (1976), em que a protagonista vagueia pela Polónia em busca da sua memória pessoal e colectiva reflectindo necessariamente sobre a problemática questão da culpa colectiva (*Vergangenheitsbewältigung*).

ao grande afecto com que deparámos. Encontrámos esse afecto em qualquer lugar e isso despertou em mim uma profunda amizade e gratidão.]

Bruno Bernitz, outro dos artistas representados com um texto sobre a sua viagem à Checoslováquia, realça igualmente o valor «reconciliador» do seu périplo que lhe terá, enquanto cidadão da RDA, agudizado o sentido de responsabilidade para evitar uma repetição da História:

Die DDR ist der Tschechoslowakischen Sozialistischen Republik, unserem Nachbarland, dem in seiner bewegten Geschichte viel Leid zugetan wurde, von ganzem Herzen verbunden. Mögen die Künstler unseres Landes mit ihren Werken dazu beitragen, diese Freundschaft zu vertiefen. Jeder von uns, der dort war, hat die Aufgabe, mit seinem Schaffen Einblick in das Leben unseres Nachbarvolkes zu vermitteln, zu zeigen, daß wir eine Gemeinschaft bilden und die Verpflichtung haben, es nie wieder zu dem kommen zu lassen, was vor über 20 Jahren dieses Land mit Schrecken erfüllte.

[A RDA está, do fundo do coração, unida à República Socialista da Checoslováquia, nosso país vizinho ao qual tanto mal se fez durante a sua agitada história. Que os artistas do nosso país possam contribuir com as suas obras para um aprofundamento desta amizade. Cada um de nós que aí estive tem a tarefa de transmitir pela sua criação uma visão da vida interior do nosso povo vizinho, de mostrar que constituímos uma comunidade e que temos a obrigação de não permitir que volte a acontecer o horror que há vinte anos se cometera contra este país.]

Ainda que de um modo algo especulativo, gostaríamos de concluir as nossas reflexões acerca das representações plásticas reproduzidas no catálogo afirmando que muitos dos espectadores que, em 1961, visitaram a exposição em Leipzig se terão, provavelmente, sentido defraudados. Face à multissecular tradição de todo um imaginário relacionado com a viagem que se foi, para além das fronteiras ideológicas e geopolíticas, historicamente consolidando na memória colectiva da cultura ocidental, é de supor que o público esperaria encontrar aí um universo – ainda que «meramente» artístico – substancialmente diferente do seu quotidiano. Esta suposição parece-nos tanto mais legítima se tivermos ainda em consideração que os anos de 1950 significaram para o cidadão comum, conforme

podemos constatar no capítulo sobre a história do turismo na RDA, uma época de uma manifesta imobilidade internacional. Mas em vez de serem presenteados pelos artistas com um «mundo alternativo», multifacetado, multiforme e multicolorido, deparam com a oferta de um universo que, afinal de contas, pouco ou nada diferia do seu próprio dia-a-dia socialista: um universo povoado por operários e camponeses, instalações industriais, ruas, praças e mercados, paisagens rurais e florestais que, apesar de ligeiramente diferentes, também poderiam experienciar no seu próprio país sem que para tal tivessem de encetar longas viagens. Em suma, poder-se-á considerar que esse género de propostas artísticas produzidas em conformidade com as prescrições e a retórica do «Internacionalismo Socialista», quer se tratasse de livros sobre viagens ao «estrangeiro socialista» quer de desenhos, pinturas ou esculturas em que *não* se procurava representar a diversidade cultural, a diferença do Outro, mas a uniformidade política e social, a supra-estrutura que unia toda a «comunidade dos povos socialistas», não terá representado senão uma proposta de *Ersatz* manifestamente deficiente e insatisfatória para a sede da viagem generalizada entre a população da RDA.

#### 4.2.3 «Guias de turismo» à socialista

A década de 1970, mormente desde a «mini-liberalização» e a «abertura ao mundo» proclamadas pelo governo de Erich Honecker, iria trazer mudanças significativas tanto ao nível da prática da viagem como no que concerne às respectivas estratégias de mediação no formato do livro. Numa época não só de uma progressiva «normalização» da experiência turística concreta do estrangeiro – mesmo que maioritariamente limitada aos países socialistas em solo europeu – assim como das tecnologias telemáticas (sobretudo a TV) que agora traziam imagens de todo o mundo – ainda que «seleccionadas» pela censura – pelas salas de estar adentro, o público passaria necessariamente a desenvolver outras expectativas em relação ao *medium* do livro de viagens. Já não se contentando com aquele esquematismo dogmático e nivelamento da diferença cultural que, modo geral, caracterizou, conforme vimos, as representações dos «países amigos» nas duas décadas anteriores “einer nahezu reiselosen Zeit” (Zwirner, 1986: 55), isto é, num tempo em que quase não se viajara, os leitores, que entretanto

teriam passado, de meros «viajantes de poltrona», a turistas verdadeiros, como que exigem novas estratégias de encenação das mais diversas realidades estrangeiras. Como é evidente, essas mudanças também não passaram despercebidas aos próprios escritores, conforme ilustra a seguinte passagem do estudo de Zwirner (*idem*: 53) sobre a literatura de viagens da «era Honecker» em que recorre à citação de uma recensão contemporânea de um relato de viagens de Johannes Arnold (1976) sobre a Sibéria publicada na prestigiada revista literária da RDA *neue deutsche literatur*:

Moderne Nachrichtentechnik und erweiterte Reisemöglichkeiten haben dem DDR-Bürger als Adressate dieser Reiseliteratur die Sowjetunion [und andere sozialistische Länder] näher gebracht. Das mittelbare Fremderlebnis, mehr noch der eigene Augenschein, machen es dem Schriftsteller “leicht und schwer zugleich; er hat es leicht, weil er vieles als bekannt voraussetzen darf, er hat es schwer, weil er neue Ansätze für das Leseinteresse finden muß“.

[As tecnologias de comunicação modernas e o alargamento das possibilidades de se viajar aproximaram o cidadão da RDA enquanto destinatário dessa literatura de viagens da União Soviética (e de outros países socialistas). A experiência mediada de realidades estrangeiras e, ainda mais, a observação pelo próprio «facilitam e dificultam ao mesmo tempo» a vida ao escritor, «facilitam porque este pode pressupor muito como já sendo conhecido» do leitor, «dificultam porque é obrigado a encontrar novas abordagens a fim de cativar o interesse dos leitores.»]

De facto, a dissertação de Barbara Zwirner proporciona um panorama analítico bastante detalhado da grande diversidade formal e estilística que caracterizou o “boom” de livros de viagens vindos a lume entre 1971 e 1986, entre as quais destaca a frequente recorrência dos escritores de viagens quer às formas tradicionalmente mais subjectivistas ou intimistas da “Reiselyrik” (poesia de viagem), do “Tagebuch” (diário), das “Reisebriefe” (correspondências de viagem) e das “Impressionen”, quer às “fragmentarische Reisebeschreibungen” (*idem*: 55s), ou seja, às descrições fragmentárias, como os “Reisebilder”, “Notizen” (apontamentos), “Feuilletons”(relatos jornalísticos), “Porträts” (retratos) (*idem*: 55s) e, acrescentaríamos nós, as “Reiseskizzen” (esboços de viagem), formas essas que, logo à partida, contrariam a perspectiva teleológica, totalizante e pretensamente objectiva

do dogma estético do «Realismo Socialista» que predominara nos anos de 1950 e 60. Uma vez que esse pormenorizado estudo de Zwirner se concentra apenas na “literatura de viagens num sentido mais restrito” (*idem*: 56), excluindo assim, desde logo, os muitos volumes de «foto-livros» em grande parte editados pela chancela da casa F. A. Brockhaus sediada em Leipzig, podemos aqui prescindir de nos debruçarmos mais intensamente sobre aquele segmento que a autora considera – de um modo, diga-se, de passagem, evidentemente problemático e discutível – «a literatura de viagens propriamente dita». É certo que aqui ainda retomaremos alguns exemplos desse género de «produtos literários» da autoria de escritores de uma indiscutível qualidade poética, como Kunert ou Fries, nomeadamente no subcapítulo sobre os textos de viagens ao mundo não-socialista. Neste momento, porém, queremos «aproveitar» esse espaço deixado em branco não só pelo estudo supracitado como pela esmagadora maioria dos trabalhos que se inscrevem no vasto e profícuo domínio de investigação sobre a literatura de viagens,<sup>246</sup> para arriscarmos uma incursão por um terreno que continua em grande parte por desbravar: a perspetivação analítica do livro de viagens, não como um produto primordialmente literário, mas como um artefacto multimedial *avant la lettre*.

Ao contrário do que é sugerido pelo grosso dos trabalhos de investigação dedicados à literatura de viagens da RDA, sobretudo os estudos desenvolvidos pela germanística da antiga RFA e da Alemanha reunificada, aquele «país que já não existe» não se limitou a constituir uma reserva anacrónica da «literatura de viagens propriamente dita», ou seja, de um género que aí teria continuado a ser cultivado por «verdadeiros» escritores de viagens. Na verdade, as nossas pesquisas e consultas bibliográficas de várias dezenas de publicações da RDA relacionadas com a viagem levaram-nos a concluir que parte significativa da chamada «literatura de viagens» ultrapassa notória e visivelmente a sua tradicional concepção como um género narrativo primordialmente *textual* que representa a experiência da viagem na primeira pessoa, distinguindo-se assim, de um modo ora mais ora menos claro, da «literatura utilitária» (*Sachliteratur*) que, por sua vez, apresenta

<sup>246</sup> No mesmo sentido, veja-se por exemplo Biernat (2004: 28) que, a páginas tantas do seu interessante estudo sobre uma época em que a literatura de viagens se faz em inúmeros casos acompanhar de todo o género de ilustrações extratextuais, se limita laconicamente a afirmar em nota de rodapé: “Fotos und Zeichnungen, die viele Reiseberichte ergänzen, können hier nicht analysiert werden.” [As fotos e os desenhos que complementam muitos relatos de viagens não poderão ser aqui analisados.]

determinada realidade sem recorrer a qualquer trama narrativa. Face à ausência – ou melhor, ao estratégico apagamento – da instância narradora, o recurso a elementos não-verbais diversos, tais como figuras ilustrativas de toda a espécie, gráficos, tabelas, desenhos ou fotografias, é assim, modo geral, apontado como uma das características que diferencia esse tipo de «livros técnicos» de outros géneros literários. Seguindo a mesma lógica, os livros de viagens que, para «narrarem» a sua história, recorrem às mesmas técnicas ou aos mesmos meios de representação são, muitas vezes, ainda que de um modo mais subliminar do que propriamente assumido, relegados pelos críticos literários para a estante dos guias turísticos ou das monografias etno-culturais, nomeadamente se os seus autores não pertencerem ao cânone dos reconhecidos poetas-viajantes. É assim que, a nosso ver, se explicará o facto curioso de a meticulosa e muito profícua investigação sobre a literatura de viagens ainda não se ter ocupado de um modo mais aprofundado das múltiplas configurações bi- ou, mesmo, multimídiais, enfim, das estratégias intermediáticas em que assenta parte significativa da literatura de viagens que ao longo da segunda metade século XX – para não irmos mais atrás e nos cingirmos aqui apenas ao período temporal a que o nosso estudo diz respeito – ou se faz acompanhar de tais «adornos» extratextuais ou reflecte no interior dos próprios textos essa mesma questão por via de referências intermediais a signos e ícones não-verbais, tais como determinadas pinturas ou filmes que «pré-formam» o imaginário colectivo e pessoal de determinadas realidades estrangeiras. Não sendo aqui, pelas razões expostas atrás, o lugar apropriado para se proceder a uma teorização sistemática de um fenómeno tão complexo que exigiria uma dissertação própria com uma concepção metodológica diferente deste trabalho, retomemos o contexto mais concreto do presente estudo e concentremo-nos, representativamente, em dois exemplos de livros da RDA sobre viagens à vizinha Checoslováquia, que, vindos a lume na viragem dos anos de 1970 para a década de 80, nos parecem característicos de uma determinada evolução formal e funcional de um certo segmento do vasto campo da literatura de viagens da antiga Alemanha de Leste.

Para além das tendências de uma progressiva despolitização e subjectivização, por um lado, e de uma evidente diversificação formal do género, por outro, que, segundo o bem documentado estudo de Zwirner, se verificaram nessa área literária durante as duas últimas décadas da existência da RDA, assistiu-se, conforme veremos, também ao que aqui designamos

de uma «pragmatização» de uma determinada zona do difuso campo da literatura de viagens.

No nosso levantamento crítico dos «metatextos» relacionados com esse território literário constatámos que existe como que um consenso tácito acerca do subgénero do guia turístico propriamente dito. Verificámos então que, ao contrário da diferenciação (mais ou menos clara) da literatura de viagens em «relatos beletrísticos» e «livros de viagens técnicos» a que se procedera na indústria e mercado livrescos a ocidente da «Cortina de Ferro» e da qual teria resultado toda uma série de editoras e/ou colecções especializadas<sup>247</sup> que, por sua vez, remontavam aos arquetípicos *Baedeker*, aos *Red Books* e aos *Guides Bleus* dos tempos primórdios do turismo do século XIX, na paisagem editorial da RDA “[waren] Reiseführer absolute Mangelware”, isto é, os guias de viagem eram um produto extremamente escasso, o que, segundo Brigitte Krawohl (2000: 20), que aqui citamos em representação de muitas outras posições semelhantes, teria aí transformado a “prosa de viagem beletrística” (*ibid.*) no meio mais propício para os leitores e cidadãos comuns adquirirem informações sobre países estrangeiros. Se bem que não possamos, como é evidente, discordar desta afirmação – mais não seja, já pelo próprio facto de qualquer relato de viagem se poder configurar, em qualquer altura e de acordo com qualquer função que o leitor lhe queira atribuir, como uma fonte de conhecimento –, parece-nos, porém, necessário relativizar-se a assunção da quase inexistência do género «guia turístico» na RDA. Exceptuando a questão da ausência de um eu-narrador, que se poderá utilizar como um dos critérios possíveis para se diferenciar o «livro de viagens técnico» da «literatura de viagens propriamente dita», constatamos que o leitor comum teve afinal no mercado editorial da RDA toda uma panóplia de livros de viagens à sua disposição que, apesar de não prescindirem da narração na primeira pessoa e constituírem assim uma peculiar síntese de dois subgéneros, desempenharam basicamente as mesmas funções dos guias turísticos no mercado ocidental «além-muro». Vejamos, portanto, como é que essas funções se manifestaram ao nível dos processos de media(tiza)ção.

<sup>247</sup> A este respeito, vejam-se, entre muitos outros exemplos possíveis, Johst (1989) e, mais recentemente, Gohlis (2001), assim como o nº 11 da revista *online literaturkritik.de* (2000) dedicado ao “Schwerpunkt: Reiseliteratur” e em que na secção “Verlagsreihen” se apresenta um panorama bastante detalhado de editoras e/ou colecções especializadas em “Reise(sach)bücher”.



Por razões diversas, que aqui já tivemos oportunidade de expor, a Checoslováquia representou, mais tardar desde 1975, o destino predilecto dos alemães de Leste, tendo absorvido até 1989 mais de metade de todas as viagens transfronteiriças empreendidas pelos turistas da RDA.<sup>248</sup> Perante a possibilidade *real* – e já não meramente virtual – de o cidadão comum experimentar *in loco* um espaço físico e cultural que noutros tempos se vira forçosamente limitado a ver/ler pelos «óculos ideológicos» de determinado autor que obedecia, ora mais ora menos, às convenções do «Realismo Socialista», as suas expectativas em relação à literatura sobre um país que pretende conhecer durante as férias ou que acaba de conhecer e, por isso, deseja aprofundar os conhecimentos a seu respeito, configuram-se de um modo necessariamente diferente das de um *arm chair traveller*. Em complemento à diversificada panóplia de relatos de viagens *personais* (a tal «literatura de viagens propriamente dita»), que entretanto também já teria à sua disposição e que lhe proporcionariam um olhar mais estético sobre determinada realidade estrangeira, é natural que o leitor/turista desejasse também obter informações mais *pragmáticas* sobre o destino da sua viagem. Ora, essas duas visões e funções complementares são-lhe proporcionadas por uma série de volumes que assentam, à maneira do tradicional guia de viagem, numa concepção vincada e manifestamente bi-mediática de uma combinação de texto e imagem (*Text-Bild-Bände*). A título representativo, escolhemos aqui dois livros sobre duas regiões diferentes da antiga Checoslováquia.

Tag für Tag passieren viele tausend Menschen die Freundschaftsgrenze zwischen den beiden sozialistischen Nachbarländern DDR und ČSSR. 459 Kilometer ist diese Grenze lang. Motorräder, Personenwagen, Autobusse voller Touristen, andere zu Fuß oder mit einem Schiff auf dem Strom der Elbe. Und am Grenzübergang Zinnwald-Cínovic sind es Lastzüge mit den unterschiedlichsten Frachten.

Voller Erwartung sind die Gesichter der Menschen, die sich aufmachten, jenseits der Landesgrenze touristisches Neuland zu entdecken, zufrieden die jener, die sich auf der Heimreise befinden. Ein wenig müde und abgespant, doch die Reise hat sich gelohnt! Viele schöne Erinnerungen sind im Gepäck, bleibende Erinnerungen, eine Handvoll belichteter Farbfilme und Souvenirs

<sup>248</sup> Cf. subcapítulo 3.3.3.

aus den verschiedenen Gegenden von nebenan. Es hängt von der Lieferfrist des Farbfilmlabors ab, wann der große Familien- oder Hausgemeinschaftsabend stattfindet, mit »selbstgeschossenen« Dias aus der ČSSR und vielleicht auch einer Flasche Moldauwein oder Becher-Liqueur.

[Dia após dia, milhares de pessoas atravessam a fronteira amigável entre os dois países socialistas vizinhos da RDA e da Checoslováquia. A fronteira estende-se ao longo de 459 quilómetros. Motos, automóveis ligeiros, autocarros repletos de turistas, outros a pé ou num navio sobre o rio Elba. E na passagem fronteiriça de Zinnwald-Cínovic são-no os camiões com as mais diversas cargas.

As caras das pessoas espelham uma grande expectativa, pessoas que se puseram a caminho para conhecer novos territórios turísticos situados além das fronteiras do seu próprio país. As caras satisfeitas dos que se encontram em viagem de regresso a casa. Um pouco cansadas, mas a viagem valeu a pena! Há muitas boas recordações na bagagem, recordações que permanecerão, uma mão cheia de rolos de fotografias a cores e *souvenirs* das mais diversas regiões do país ao lado. Dependerá agora dos prazos de entrega do laboratório de revelação de fotos a altura em que se organizará o grande serão em família ou com toda a comunidade de vizinhos preenchido com diapositivos da Checoslováquia “da própria autoria” e talvez também acompanhando de uma garrafa de vinho da Moldávia ou de licor Becherovka (da região checa de Karlovy Vary).]

É neste tom «familiar» que Manfred Blechschmidt e Klaus Walther (1979: 5) iniciam o seu livro *Böhmische Spaziergänge* (Caminhadas na Boémia), traçando um quadro alegre de um ritual turístico que, exceptuando a referência da praxe à “fronteira amigável” entre os “estados vizinhos socialistas”, se adequaria na perfeição também à realidade dos «campeões da viagem» da RFA, isto é, dos turistas *habitués* na outra Alemanha situada a ocidente do Muro. As fotografias a cor e os *souvenirs* (gastronómicos ou de outra espécie qualquer), os serões, em ambiente familiar, para apresentar os *slides* como comprovação póstuma das «inesquecíveis experiências» das férias, a garrafa de vinho ou de licor estrangeiros sobre a mesa da sala de estar; enfim, um cenário em tudo semelhante aos hábitos e práticas socio-culturais relacionados com o turismo dos seus conterrâneos ocidentais de que Elisabeth Fendl e Klara Löffler (1995) nos oferecem, no seu interessante

artigo com o título alusivo ao famoso ensaio de Walter Benjamin “Die Reise im Zeitalter ihrer technischen Reproduzierbarkeit: zum Beispiel Diaabend” (A viagem na era da sua reprodutibilidade técnica: por exemplo, o serão de diapositivos), uma análise elucidativa. Neste sentido, poder-se-á portanto considerar a introdução do livro de Blechschmidt e Walther como um reflexo da «normalização» da viagem turística ao estrangeiro socialista durante a segunda metade da História social e cultural da RDA.

Mas essa «normalização» turística não se espelha somente na introdução como subjaz à própria concepção de todo o volume. É certo que do ponto de vista gráfico difere substancialmente da habitual disposição multicolor dos guias turísticos ocidentais, em que as listagens dos monumentos ou das paisagens a visitar e as respectivas fotos se sobrepõem aos textos ou ocupam, no mínimo, o mesmo espaço. As semelhanças entre este «livro de viagens» da RDA, no qual as fotos e outro tipo de ilustrações históricas de determinadas paisagens naturais, rurais e urbanas são apenas reproduzidas a preto-e-branco e se submetem, em termos de espaço ocupado, claramente ao texto corrido, são porém notórias no que concerne aos habituais conteúdos, sobre os quais nos debruçaremos mais à frente, de um *Reiseführer* produzido para o mercado ocidental.

Ainda que a incursão pela região da Boémia, situada no noroeste da Checoslováquia, seja, em bom rigor, narrada na primeira pessoa do plural, facto é que, perante a imensidão de informações pormenorizadas que o texto oferece, as figuras dos viajantes-narradores quase que desaparecem. Recorrendo-se quase sempre à «impessoal» voz passiva, o que constitui outra característica dos géneros «utilitários», o aparecimento meramente esporádico da instância do narrador não funciona portanto como uma estratégia de autenticação da veracidade subjectiva de um olhar pessoal nem, muito menos, como uma forma de auto-estilização da autoridade moral do «poeta-viajante», mas parece somente sugerir ao leitor uma espécie de fio condutor, propondo-lhe uma rota possível a traçar durante as suas próprias descobertas de uma região muito densa do ponto de vista paisagístico e cultural. Esta impressão é ainda corroborada pelo facto de os autores se absterem por completo de qualquer forma de discurso directo, o que, contrariando uma recorrente estratégia narrativa dos relatos de viagens «literários», abona, evidentemente, a favor da nossa tese de que este livro desempenha primordialmente a função pragmática que se costuma atribuir ao género informativo do «guia turístico».

Uma vez que as escassas três dezenas de fotografias se dispersam pelo volume em três conjuntos de dez cada, sem que se consiga vislumbrar nem qualquer relação directa com os espaços descritos nos textos<sup>249</sup> nem qualquer preocupação estética em especial com a sua disposição, e tendo em vista que se limitam a reproduzir, à maneira de postais turísticos de paisagens florestais e arquitectónicas, apenas alguns *clichés*, podemos aqui prescindir de uma análise mais alongada da relação texto-imagem que neste caso se parece contentar com um efeito de mero adorno. Em contrapartida, a forma de disposição e apresentação da verdadeira avalanche de informações proporcionada por esse livro parece-nos merecedora de uma observação algo mais atenta.

No texto introdutório mencionam-se, logo a seguir ao excerto supracitado, porventura, num estilo extremamente sóbrio que contrasta com o coloquialismo desses primeiros dois parágrafos, quatro passagens fronteiriças e, respectivamente, quatro estradas diferentes por via das quais se podia aceder, a partir da RDA, à vizinha Boémia. Os autores aconselham a rota mais cómoda constituída pela *Transitstrecke* entre Dresden e Ustí nad Labem. O que, ao nosso olhar, se apresenta como algo curioso, ou seja, a identificação dessas estradas com a denominação e número oficiais (“Fernverkehrsstraße Nr. 17”; “Touristenstraße Nr.2”, etc.), explica-se pelo simples facto da manifesta dificuldade do cidadão comum da RDA poder aceder a mapas de países estrangeiros. Neste sentido, pode-se portanto considerar que essas indicações meramente «logísticas» sobre a rede rodoviária, as estradas e rotas principais e secundárias (cuja “excelência” é, por diversas vezes, reiterada), atravessando todo o livro, assumem, para o leitor – que, ao contrário dos seus conterrâneos ocidentais, não pode recorrer ao *ADAC-Straßenatlas* que não faltaria em qualquer porta-luvas das viaturas dos turistas da RFA – um valor de grande utilidade prática. Exceptuando esse pequeno, mas útil pormenor, o resto da introdução proporciona, como qualquer «guia turístico» disponível no mercado ocidental, um panorama sintético das regiões paisagísticas, dos rios e lagos, da flora e da fauna assim como de algumas das etapas historicamente mais importantes do espaço geográfico e cultural escolhido pelo turista ou para passar as suas férias mais alongadas ou para fazer apenas uma breve excursão.

<sup>249</sup> Facto que não surpreende, uma vez que as fotos incluídas no volume não são da autoria nem de Blechschmidt nem de Walther, tendo sido recolhidas para o efeito - aparentemente de um modo bastante arbitrário - da *Deutsche Fotothek Dresden*.

Prescindindo, conforme já constatámos, de um fio narrador e, por conseguinte, de uma rota de viagem linear, os restantes dezanove capítulos são organizados como «jornadas» (*Tagestouren*) em torno de determinada cidade, paisagem ou tópico temático cuja ordem será o turista/leitor a estabelecer de acordo com os seus objectivos ou apetências. Assemelhando-se ao que se poderia designar de mini-monografias, cada uma dessas unidades obedece, modo geral, à mesma estrutura de organização e disposição das respectivas informações. De acordo com as marcas mais características de cada região, ora se focalizam as idílicas paisagens e rotas para passeios pedestres, como por exemplo no capítulo significativamente intitulado de “Abseits der großen Straßen” (Blechschild/Walther: 46-54) (À margem das grandes estradas), que proporciona um quadro idílico das vastas florestas da Boémia, “[wo] man stundenlang durch Wälder wandern [kann], Pilze und Beeren wachsen einem als Leckerbissen zu, und wer jagen und angeln kann und darf, findet auch dafür ein Paradies” (*idem*: 46); ou seja, um autêntico paraíso natural onde seria possível “caminhar-se horas a fio por florestas”, apanhar-se cogumelos e frutos silvestres ou ir-se à pesca e à caça, ora se realçam as modernas e excelentes infra-estruturas industriais, económicas e sociais, como nos casos da “capital da indústria química” da Checoslováquia, Ustí nad Labem (*idem*: 145-149), e das cidades mineiras de Most, Chomutov e Kadaň em que, devido às políticas implementadas pelo regime socialista pós-1945, se teria assistido a um profundo “processo de transformações” positivas que lhes estaria a imprimir uma nova cara (*idem*: 114-118); ora se enfatiza a riquíssima e muito diversificada oferta cultural.

Ainda que na introdução se faça referência aos “laços de amizade” entre as organizações comunistas alemã e checa que remontariam aos tempos anteriores ao fascismo, “tradições que teriam sido retomadas (pela RDA) no pós-guerra e que entretanto se solidificaram no seio da luta de classes internacional” (*idem*: 14), ao longo das restantes 150 páginas não se encontram quaisquer alusões ao *pathos* do «Internacionalismo Socialista». As reminiscências ao passado, e não são poucas as de que este «guia turístico» está eivado, remetem maioritariamente para eminentes personagens da história cultural dos séculos XVIII e XIX, o que, de certo modo, confere a este volume a dimensão de uma monografia histórico-cultural. Apesar de não se poupar em indicações práticas e úteis para o leitor, tais como conselhos em relação às rotas rodoviárias e pedestres a percorrer, à

culinária e gastronomia – entre os quais se destacam os repetidos elogios à iguaria dos *Böhmische Knödel* (*idem*: 94 e 135) –, a hotéis, pensões e parques de campismo, o livro *Passeios Boémios* prima sobretudo pelo facto de proporcionar àquele perfil de turista mais interessado em assuntos culturais uma bem documentada viagem ao passado recheada de citações de grandes figuras que noutros tempos escreveram sobre as suas impressões dessa região, nomeadamente sobre as diversas estâncias termais cuja fama remonta a uma multissecular tradição. Já não constituindo, conforme se insiste em realçar, espaços reservados aos “ricos e super ricos” mas abertos a todos os “trabalhadores” (*idem*: 57), as mais conhecidas caldas de Mariánské Lázně (Marienbad) e de Teplice representam para os autores um espaço por excelência para evocar as memórias de grandes vultos da cultura mundial, entre os quais se destaca Goethe, cujas repetidas estadas nas termas de Marienbad, onde inclusivamente existe uma estátua sua, estiveram na origem da sua “Marienbader Elegie” (*idem*: 53s):

Marienbad und J. W. Goethe, das ist nur ein Kapitel aus dem Buch der Weltliteratur, das sich hier aufblättert, wenn man in den Gästelisten vergangener Dezennien liest. Gogol, Gontscharow und Turgenjew waren hier zu Gast. Vom 6.12.1923 bis zum 3.4.1924 wohnte im »Maxhof« Maxim Gorki, und heute trägt das Haus seinen Namen. Henrik Ibsen kam hierher und Ruyard Kipling, Mark Twain auf seinem »Bummel durch Europa«, Hebbel und Björnson – die Liste ist zu lang, als daß man alle aufführen könnte. Musikgeschichte könnte man in Mariánské Lázně ebenfalls sehr leicht studieren. (...) im Wandel der Zeiten sah man hier auch die Großen aus der musikalischen Welt: Weber und Chopin, Wagner und Bruckner, Rubinstein und Richard Strauß (...). Sie alle, alle kamen, doch genug der Namen. (...) Geschichte und Geschichten, da ist es also an uns, ein Stück Geschichte nachzutragen.

[Mariánské Lázně e Goethe, isso é apenas um capítulo do livro da literatura mundial que aqui se abre, quando nos debruçamos sobre as listas de hóspedes de décadas (sic) passadas. Gogol, Gontsharov e Turgenjev também aqui foram hóspedes. Entre 6.12.1923 e 3.4.1924 Maxim Gorki esteve hospedado no «Maxhof», devendo-se esse actual nome do albergue à sua estada. Henrik Ibsen também cá veio e Ruyard Kipling, Mark Twain durante o seu périplo pela Europa central, Hebbel e Björnson – a lista é longa de mais para que se possam enunciar todos os nomes. Em Mariánské Lázně também seria

fácil cursar-se história da música. (...) no decorrer do tempo, aqui também puderam ser vistos os grandes vultos do mundo musical: Weber e Chopin, Wagner e Bruckner, Rubinstein e Richard Strauß (...). Todos eles aqui estiveram; mas já chega de nomes. (...) História e histórias, compete-nos portanto a nós acrescentar mais um bocado de história.]

No capítulo intitulado de “Teplicer Impressionen” essa extensa lista de notáveis turistas termais é alongada por mais uma série de nomes sonantes, tais como Beethoven, Heinrich Kleist, Louis Bonaparte (*idem*: 127) e o autor do famoso relato de viagens de início do século XIX *Spaziergang nach Syrakus*, Johann Gottfried Seume, cujo túmulo ainda hoje se encontra nessa famosa estância e a quem os autores não deixam de prestar a sua homenagem por ter sido um “recto democrata” (*idem*: 128) do seu tempo ou, se quisermos, um socialista *avant la lettre* canonizado pelos estudos literários da RDA:

Wer im Kurpark spazieren geht, der wird vielleicht auf die Gruft stoßen, die Johann Gottfried Seumes sterbliche Reste birgt. »Ich schnallte in Grimma meinen Tornister, und wir gingen ...«, so beginnt einer der berühmtesten Reiseberichte des 19. Jahrhunderts. Der Mann, der dies schrieb, ging freilich nicht, wie man annehmen könnte, nach Leipzig oder Wurzen, sondern er stiefelte zu Fuß nach Syrakus und schrieb alsdann seinen berühmten »Spaziergang nach Syrakus«. In Teplice finden sich mehr Erinnerungen an den aufrechten Demokraten als in seiner Heimat. Krank und noch mit der Niederschrift seiner Fragment gebliebenen Autobiographie beschäftigt, kam er im Mai 1810 nach Teplice. Schon am 13. Juni starb er hier, hier liegt er begraben unter einem Stein und unter einem grünenden Baum, der uns wie ein Symbol seiner Lebendigkeit erscheinen will.

[Quem se passear no jardim das termas deparará talvez com o túmulo em que se encontram os restos mortais de Johann Gottfried Seumes. «Em Grimma coloquei a minha mochila às costas, e assim partimos ...», assim se inicia um dos mais famosos relatos de viagens do século XIX. O homem que escreveu isso não se dirigiu, conforme se poderia supor, a Leipzig ou Wurzen, mas caminhou a pé até Siracusa e escreveu então o seu famoso «Passeio até Siracusa». Em Teplice encontram-se mais recordações a este democrata recto do que na sua pátria. Adoentado e ainda ocupado com a sua autobiografia que

se manteria fragmento, chegou a Teplice em Maio de 1810. Logo no dia 13 de Junho acabaria por falecer aqui, aqui está sepultado, sob uma pedra e uma árvore florescente que se nos oferece como um símbolo da sua vitalidade.]

Como de outra forma não seria de esperar, num livro sobre a Boémia também não poderia faltar uma referência à cerveja, ainda que apenas *en passant*. Entre as suas incursões pela densa paisagem cultural dessa região e antes de se dirigirem ao último «ponto alto», o chamado «Böhmischer Garten» na zona de Bilína, que lhes proporcionará um outro excelente pretexto para fazer desfilar as memórias de grandes personalidades, como os pintores Ludwig Richter e Caspar David Friedrich, o compositor Richard Wagner e, mais uma vez, «Sua Eminência» Goethe, que, de uma ou de outra forma, retrataram as suas impressões desse «Jardim da Boémia» (*idem*: 139-144), os narradores saboreiam um breve momento de lazer com a deliciosa cerveja de Pilsen e Budějovice,<sup>250</sup> sem porém deixarem de advertir, num gesto responsável típico da conduta correcta de «bons cidadãos socialistas», o leitor do perigo da condução sob o efeito de álcool (*idem*: 138):

Wer Bier als köstliches Getränk nicht zu schätzen weiß, lernt es auf alle Fälle bei einer Reise ins Nachbarland, vorausgesetzt, er kommt ohne motorbetriebenen Untersatz oder macht es wie wir, lehnt sich in die Polster, und läßt sich fahren. Wir können sie nur loben, die edlen Gerstensäfte aus Plzén oder Budějovice, ja selbst die aus weniger berühmten Orten. Hoch über Eisenbahn, Straße und breitem Wasser saßen wir im schattigen Grün der Bäume, ließen den Wind durch unser Haar streichen und genossen nicht nur den klaren Sommertag, auch das Bier, freilich in für uns viel zu großen Gläsern. Und wir waren uns darin einig: Der Tag hätte viel an Reiz verloren ohne dieses köstliche Naß.

[Quem não souber apreciar a cerveja como uma deliciosa bebida irá aprendê-lo com toda a certeza durante uma viagem ao nosso país vizinho, desde que não venha conduzir um veículo motorizado ou o faça como nós, encostando-se no assento traseiro fazendo-se conduzir até aqui. Só podemos mesmo elogiá-los, esses nobres sumos de cevada oriundos de Plzén ou

<sup>250</sup> Daí advém a marca americana *Budweiser*.



Budějovice, sim, e mesmo aqueles de localidades menos famosas. Bem lá no alto, sobre a linha férrea, a estrada e o largo rio, estivemos sentados à sombra refrescante da verdura das árvores, cabelos ao vento, e fruímos não apenas do solarengo dia de Verão, mas também da cerveja, embora servida em copos demasiadamente grandes para nós. E houve unanimidade entre nós: esse dia teria perdido muito da sua graciosidade sem esta deliciosa bebida.]

A conclusão a tirar desta análise necessariamente comprimida da publicação de Blechschmidt e Walther é que nos encontramos perante um livro que, misturando informações de índole pragmática com digressões histórico-culturais sobre uma região muito procurada pelos turistas comuns da RDA, terá desempenhado, basicamente, as mesmas funções dos guias turísticos oferecidos no mercado editorial da RFA. As diferenças entre este género de «guias turísticos à socialista» e os guias de viagem ocidentais consistem, mais do que ao nível do conteúdo e das informações propriamente ditas, primordialmente ao nível do grafismo, que era, sem margem para dúvidas, mais colorido e mais atraente nas congéneres do lado de cá do Muro, e no que diz respeito à maior ou menor predominância do texto sobre as imagens, sendo que na «versão socialista» as representações textuais se sobrepõem manifestamente às imagéticas.

Por fim, há ainda a realçar que o leitor/turista ocidental tinha ao seu dispor um leque de opções incomparavelmente mais vasto, mais diferenciado e mais diversificado do que o seu conterrâneo do Leste alemão que, para obter um desses valiosos volumes, teria, possivelmente, de activar junto do livreiro o tal «sistema paralelo» dos «pequenos e grandes privilégios»<sup>251</sup> pelo qual se regia a sociedade da RDA. Visto que a procura deste género de publicações foi sempre superior à da oferta, para planear as suas férias num dos «países amigos», o turista/leitor ter-se-ia frequentemente de contentar com outros géneros de livros de viagens que nem sempre ofereciam a mesma quantidade de informações úteis e, sobretudo, nem sempre denotavam a isenção ideológica que caracterizam o «guia» a que nos temos vindo a referir. Valerá, assim, a pena observarmos, representativamente, um outro livro de viagem dedicado à Checoslováquia que, apesar de algumas semelhanças com o volume *Böhmische Spaziergänge*, nomeadamente no que diz respeito

<sup>251</sup> Cf. capítulo 3.4.1.

ao recurso à fotografia e à oferta de um grande manancial informativo, no entanto, dele se diferencia em diversos aspectos.

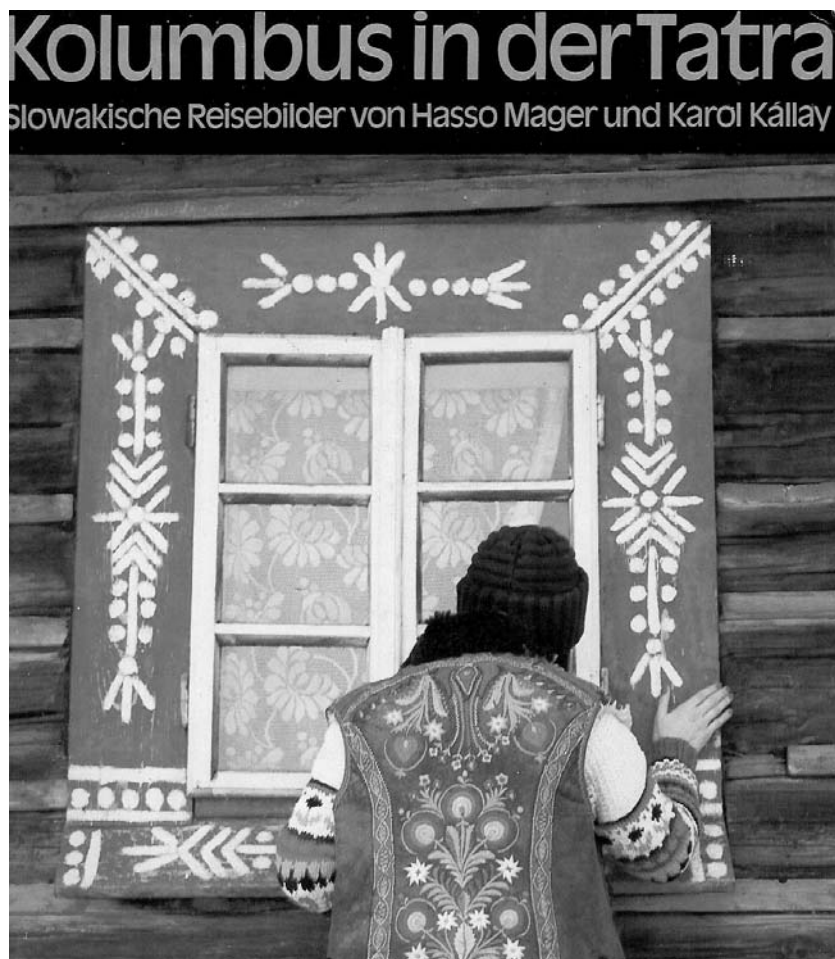
Ao contrário dos *Passeios Boémios*, cujo despretenso título alude, desde logo, à viagem como uma prática sociocultural de mero lazer, *Kolumbus in der Tatra. Slowakische Reisebilder* (1979) da co-autoria do escritor da RDA Hasso Mager e do fotógrafo eslovaco Karol Kállay remete, à partida, para dois aspectos programáticos que não parecem coadunar-se com aquela concepção turística da viagem. Enquanto Colombo simboliza a «clássica» figura do descobridor aventureiro, do curioso e atento observador que busca o novo e imerge a fundo numa realidade estranha, representando portanto todo um programa *cognitivo* subjacente à percepção e experiência do Outro, a evocação do *Reisebild*, entendido, por um lado, como matriz heiniana do relato de viagens literário manifestamente *subjectivo* e (*sócio-*) *crítico* e, por outro, como *medium* não verbal, aponta, por sua vez, para a dimensão *estética* da representação da viagem. O próprio título deste livro, que de seguida submeteremos a um breve análise, remete assim o leitor para uma determinada tradição epistemológica e estética preconditionando, por conseguinte, as suas expectativas. Se bem que, já pela sua maior distância geográfica, a Eslováquia (então ainda parte integrante da Checoslováquia) não fosse uma região tão «explorada» como a Boémia, os Cárpatos, mormente o maciço montanhoso Tatra, e a estância termal de renome internacional de Piëstany podem ser, ainda assim, destinos predilectos de um turismo de massas que, desde a década de 1970, atraíam anualmente várias centenas de milhares de cidadãos vindos da RDA. Não esperando, certamente, um guia turístico propriamente dito sobre uma região que muitos já conheciam da sua experiência *in loco*, é de supor que o leitor tenha tido a expectativa de que esse livro de Mager e Kállay lhe proporcionasse, em contraste com a superficialidade dos habituais *clichés* dos prospectos turísticos, uma aproximação diferente, uma visão mais pormenorizada, mais «sensível» da realidade eslovaca, enfim, um olhar estético que se diferenciasse daquele género de livros de viagens maçudos, visivelmente politizados e sobrecarregados de dados enciclopédicos, das décadas anteriores. De facto, a própria capa e as 128 fotografias (a cores e a preto-e-branco) disseminadas pelo volume, que lhe conferem um aspecto esteticamente muito apelativo, parecem ir de encontro a essas expectativas, que o paratexto promocional na badana enfatiza, sintomaticamente, do seguinte modo:

Hasso Mager reiste durch die Slowakei. Das Ergebnis seiner Eindrücke ist das vorliegende Buch, das für den Leser zum Erlebnis wird, weil es ein individuelles Bild einer Reise vermittelt, weil es hinter den Fakten, Geschichten und Begegnungen den tieferen Sinn entdeckt. Er bedient sich aller denkbaren literarischen Darstellungsmethoden und gibt ein dichtes Bild seiner Impressionen. Die ausgezeichneten Aufnahmen des slowakischen Fotografen Karol Kállay ergänzen und vertiefen das gemeinsame Anliegen eindrucksvoll und poetisch überzeugend.

[Hasso Mager viajou através da Eslováquia. O resultado das suas impressões encontra-se no presente livro que se transformará para o leitor numa extraordinária experiência, uma vez que transmite uma imagem individual de uma viagem, uma vez que encontra, por detrás dos factos, das histórias e dos encontros, o sentido mais profundo. O autor serve-se de todos os métodos de representação literária que possamos imaginar e dá-nos uma densa imagem das suas impressões. As excelentes fotografias da autoria do eslovaco Karol Kállay complementam e aprofundam o objectivo comum de um modo impressionante e poético.]

Na verdade, uma leitura mais atenta do texto de Mager levar-nos-á a concluir que a pretensa diversidade e qualidade poética das suas “impressões” individuais ficam, por vezes, bastante aquém do incontestável valor estético das fotografias que, a nosso ver, compensam o leitor da desilusão em relação a longas passagens de uma representação verbal que não corresponde nem às expectativas criadas pelo(s) programa(s) inerente(s) ao título nem à sua idealização no paratexto de promoção supracitado. Mas antes de nos debruçarmos sobre as estratégias narrativas do texto e sua relação com as imagens que o acompanham, observemos, por um instante, a belíssima capa que faz referência a uma breve passagem do eu-narrador por uma idílica aldeia situada nas montanhas do Tatra.<sup>252</sup>

<sup>252</sup> Atente-se nas unhas pintadas da mão direita da figura, o que nos faz supor tratar-se de uma mulher. Apesar de no livro não se encontrar qualquer indicação no sentido de o escritor e o fotógrafo terem feito as digressões em conjunto, facto é que algumas fotos se reportam a lugares e situações descritos no texto. Quanto à figura presumivelmente feminina da capa, poderá tratar-se de uma artista plástica de Bratislava com quem, segundo referido no texto (Mager/Kállay, 1979: 47), o escritor visitou uma pequena aldeia nas montanhas.



Capa (Mager/Kállay, 1979)

Tão promissor e atraente como a capa, que nos transporta, imaginariamente, para um universo colorido que parece pertencer a um outro tempo e a um espaço civilizacional diferente, é o início do relato textual. O narrador demarca-se, desde início, da banalidade “tecnicamente perfeccionista” da viagem turística moderna, para se auto-estilizar, num tom semi-irónico, como um «verdadeiro» viajante disposto a enfrentar as peripécias e aventuras de uma viagem «à boa moda antiga» (Mager/Kállay, 1979: 7):

Ein Abenteuer ist jede Reise; vorausgesetzt, sie erfolgt nicht lediglich als technisch perfektionierter Ortswechsel, der heutzutage so beliebt wie unerlässlich ist und uns, in des Wortes wörtlicher Bedeutung, im Fluge über Ländergrenzen hinwegträgt. Wer fliegt fühlt sich den Sternen näher, fühlt respektvoll (oder gewohnheitsmäßig), wie weit wir schon fortgeschritten sind. Doch wer fliegt, reist nicht: Er schwebt, scheinbar ohne sich fortzubewegen, hoch droben in den Lüften (...); und spürt er endlich wieder festen Boden unter den Füßen, sieht er sich überrascht, weil völlig unvorbereitet, in eine fremde Umgebung versetzt: Andere Stimmen als daheim, andere Farben, andere Düfte ...

Aber genug, ich bin ja nicht geflogen. Ich habe mich für die gute alte Eisenbahn entschieden. So begann mein Abenteuer schon am Fahrkartenschalter. Werde ich einen Bettplatz erhalten? Eine banale, wenn auch keineswegs nebensächliche Frage (hätte ich einen Flug gebucht, wäre sie mir erspart geblieben). Um mit ihr während dreier Wochen nicht täglich neu und täglich dringender konfrontiert zu sein, stürzte ich mich einstweilen in ein geistiges Abenteuer.

[Qualquer viagem é uma aventura, desde que não aconteça apenas como uma mudança de local tecnicamente aperfeiçoada que, hoje em dia, é tão apreciada como indispensável e que nos faz voar, num sentido literal da palavra, rapidamente sobre fronteiras terrestres. Quem voa sente-se mais perto dos astros, sente-se respeitosamente (ou habitualmente) quão avançados já nós estamos. Porém, quem voa não viaja. Pára, aparentemente sem se mover para a frente, pelas alturas dos ares (...); e quando, finalmente, sente de novo terra firme sob os seus pés, vê-se, estupefacto, porque completamente despreparado, transposto para um meio estranho em seu redor: vozes diferentes das de casa, outras cores, outros aromas...

Mas basta, eu nem sequer voei. Decidi-me pelo bom velho comboio. Deste modo, a minha aventura começou logo na bilheteira da estação. Ficarei com um lugar-cama? Uma pergunta banal, ainda que de forma alguma secundária (se tivesse optado pelo voo poderia ter-me poupado essa questão). Para não me ter que ver diariamente com ela confrontada ao longo de três semanas, tornando-se, dia após dia, cada vez mais premente, lanço-me, por agora, numa aventura espiritual.]

Serve esse mergulho numa “aventura espiritual” para explicar uma longa reflexão de índole histórico-filosófica que «autentifica» a profundidade com que a figura do «verdadeiro» viajante se preparara para o seu périplo por uma região repleta de História. Não se contentando com os lugares-comuns das conversas entre amigos acerca da Eslováquia, que a reduzem às pitorescas paisagens das montanhas de Tatra, às caldas termais de Piěstany, a imponentes castelos e fortalezas, a bons hotéis e restaurantes de bom gosto, antes de encetar a sua viagem, o narrador procura inteirar-se – em vão – da «essência» de um espaço e tempo que apenas poderá conhecer à superfície (*idem*: 8):

(...) historische Ereignisse oder das, was von ihnen übrigblieb, habe ich jeweils an Ort und Stelle erkundet. Vorerst, noch daheim an meinem Schreibtisch, vertiefte ich mich in den Geschichtsatlas, jenes wahrhaft unvergleichliche Buch, das von der Beständigkeit des Wechsels, von der Weltherrschaft und ihrer zeitlichen Flüchtigkeit handelt, ohne einen einzigen Satz an diesen Gegenstand zu verschwenden: Topographisch wird überzeugender als mit Worten belegt, wie jung selbst die ältesten Völker sind, gemessen an der Tatsache, daß der Mensch diese Erde schon seit Millionen Jahren bewohnt. Indes: wir wissen von neunundneunzig Prozent unserer Vergangenheit nichts (oder doch verschwindend wenig). Geschichte ist vor allem *schriftlich überlieferte* Geschichte.

[...] os acontecimentos históricos ou o que deles nos resta explorei-os em pessoa nas respectivas localidades. Antes disso, ainda à minha escrivania em casa, imergi no atlas de história, esse livro incomparável que trata da constância da transformação, do domínio mundial e sua efemeridade temporal, sem desperdiçar uma única frase com este objecto. Quão jovens são mesmo os povos mais antigos, quando comparado com o facto de o ser humano já habitar esta terra há milhões de anos, é algo que pode ser comprovado de forma mais convincente pela topografia do que por palavras. Apesar disso, nada (ou, pelo menos, infimamente pouco) sabemos acerca de noventa e nove por cento do nosso passado. A história é sobretudo história transmitida pela escrita.]

Não obstante ter estudado os mapas e manuais, conforme evidencia na sua digressão pelas principais etapas da agitada História da região e da milenar separação das duas nações checa e eslovaca, até finalmente se

terem unificado, em 1918, sob a forma da República da Checoslováquia, o narrador tem a plena consciência de que lhe é impossível penetrar na complexidade dessa realidade histórica cunhada por uma imensidão de contactos e conflitos interculturais, limitando-se necessariamente a ficar com uma “ideia vaga”, tal como acontece quando se atravessa uma paisagem num comboio nocturno de alta velocidade (*idem*: 9s):

Eigenartiges Unberührtsein, während du Karte um Karte betrachtetest:  
So viele welthistorische Niederlagen, die du registrierst, ohne die Opfer, um deren Preis sie jeweils stattfanden, auch nur annähernd ermessen zu können. Es ist wie eine nächtliche Schnellzugfahrt. Wie der Vorüberflug mäßig erhellter Stationen: ihre Namen sind dir aus der Schulzeit her noch vertraut; aber mit den Städten, die sie meinen, verbindest du nur einen vagen Begriff.

[Estranha forma de virgindade, enquanto observas mapa a mapa. Tantas derrotas da história mundial que registas, sem ter nem uma noção aproximada das vítimas à custa das quais aquelas aconteceram. É como um viagem de comboio nocturno. Como a rápida passagem de estações difusamente iluminadas: ainda conheces os seus nomes dos tempos da escola, mas com as cidades a que se referem só és capaz de estabelecer uma vaga ideia.]

Com o recurso a esta metáfora consegue-se, assim, de um modo hábil e inteligente, não só reflectir filosoficamente a concepção da viagem como uma forma de deslocação no tempo e proporcionar um crítico desfilhar de «pré-conceitos» acerca do espaço atravessado, como permite ao narrador recolocar-se a si mesmo e ao leitor no presente do seu périplo. Uma vez que não consegue a almejada cama – um privilégio que, significativamente, ficará reservado a “dois senhores de Hannover” que, tendo chegado depois dele, “puxaram primeiro do seu porta-moedas” para subornar o revisor –,<sup>253</sup> a viagem nocturna servir-lhe-á para uma primeira aproximação a determinadas características do povo eslovaco expressas pela ecléctica composição dos seus co-passageiros, mormente a sua genuína cortesia, um tópico que será insistentemente retomado ao longo do texto (*idem*: 13):

<sup>253</sup> Este reparo reflecte uma das insatisfações frequentemente apontadas pela população da RDA e não raramente referidas em relatos de viagens em relação ao tratamento desigual nas suas viagens turísticas pelos «países amigos», onde o maior poder de compra dos turistas ocidentais e o conseqüente favorecimento pelas populações locais os fazia muitas vezes sentir como «turistas de segunda classe».

So bin ich noch nicht angekommen und lerne schon einen charakteristischen Wesenszug dieses Volkes kennen: Höflichkeit, die selten allein konventionell und noch seltener kommerziell motiviert ist, vielmehr aus Takt und Einfühlungsvermögen erwächst.

[Apesar de ainda não ter chegado, já fico a conhecer uma característica deste povo: cortesia, que raramente é motivada por conveniências e ainda mais raramente por interesses comerciais, advindo antes de um bom tacto e apurado sentido de compreensão do outro.]

Além de lhe proporcionar um primeiro contacto com a mentalidade de checos e eslovacos, durante a travessia nocturna há ainda tempo para duas breves reflexões em relação a dois «lugares de memória», em cujas estações o comboio faz uma breve paragem: Brno e Praga. Enquanto Brno, “a segunda maior cidade da Checoslováquia, centro da engenharia mecânica, com o seu impressionante parque de exposições”, é sobretudo lembrada por representar um lugar simbolicamente importante da luta do “proletariado checo” que, em 1843, “aqui se levantara pela primeira vez contra os donos das fábricas maioritariamente alemães” (*idem*: 12), Praga desencadeia toda uma série de associações da memória cultural do viajante, na qual, por via de uma mera alusão intertextual, Franz Kafka, um poeta que, poucos anos antes, ainda representara um daqueles poetas «modernistas, formalistas e decadentista» proscritos pela germanística enquadrada com o regime, ocupa um lugar de destaque (*idem*: 11):

In Prag schläfst du nicht, selbst wenn du nur in einem Zug sitzt und auf die Weiterfahrt wartest. In Prag fällt dir zuviel ein. »Mütterchen mit Krallen.«. Du denkst an den Hradshin, an den Wenzelsplatz, das ist unvermeidlich. Du denkst an (...) das Gewirr von Gassen und Gäßchen, ihrem vielhundertjährigen Geflüster und Gewisper, das noch niemand ganz entschlüsselt hat. Dies, so fühlst du unbestimmt, ist einer der Orte, in denen das Geheimnis unserer Herkunft schlummert, ob wir es schon wissen oder nicht.

[Em Praga não dormes, nem mesmo que estejas apenas sentado num comboio, à espera de continuar viagem. Em Praga vêm-te demasiadas coisas



à cabeça. «Mãe com garras».<sup>254</sup> Lembras-te do bairro alto de Hradčany, da Praça Wenzel, é inevitável. Lembras-te (...) da labiríntica imensidão e ruelas e becos, os seus multisseculares sussurros, rumores e murmúrios que ainda ninguém foi capaz de decifrar por completo. Isto é, assim o teu sentimento incerto, um dos lugares que encerra o enigma da nossa origem, quer o saibamos quer não.]

Em contraste com essa aura misteriosa de Praga, para cuja mitificação também a enigmática obra de Kafka muito contribuiu, a capital da Eslováquia apresenta-se, à chegada do narrador, com uma esplendorosa transparência, como uma cidade alegre que, alegadamente, reflecte o modo de ser da própria população (*idem*: 15):

Bratislava empfängt dich heiter, ob du im Sommer oder im Winter, bei Regen oder Sonnenschein ankommst. Städte, schreibt Musil, lassen sich an ihrem Gang erkennen wie Menschen. Gewiß ... Und sicher, läßt sich hinzufügen, auch an ihrer Psyche, ihrem Temperament, am Naturell ihrer Bewohner wie am Charakter ihrer Umgebung. Und so wird jene Heiterkeit, die sich dir mitteilt, ob du ausgeruht oder übermüdet ankommst, wohl aus mehr Quellen speist, als sich hier aufzählen lassen.

[Bratislava recebe-te de forma alegre, quer aí chegues no Verão quer no Inverno, faça chuva ou faça sol. As cidades, escreve Musil<sup>255</sup>, podem ser reconhecidas, tal como os seres humanos, pelo seu modo de andar. Sem dúvida ... E certamente se pode acrescentar que o mesmo sucede em relação à sua psique, ao seu temperamento, ao feito de seus habitantes assim como ao carácter do seu meio circundante. E, portanto, aquela alegria que te é transmitida, quer aqui chegues relaxado quer cansado, advém com certeza de mais fontes do que as que aqui podemos enunciar.]

<sup>254</sup> Nos seus diários, Kafka descreve Praga como “uma mãe com garras que não solta os seus filhos”.

<sup>255</sup> Na RDA, Robert Musil fora, até à década de 1970, considerado pela política cultural do regime, tal como Kafka, um dos indesejados «modernistas» proscritos como «formalistas» e «decadentes». Com as referências explícitas a estes dois autores «vanguardistas», entre outros, Hasso Mager sinaliza, em 1979, claramente as suas simpatias por uma nova tendência de abertura a que se ia gradualmente assistindo no meio literário e cultural da RDA, tendência essa que, opondo-se ao dogmatismo antiformalista da linha dura, então lutava por ganhar um espaço maior na produção e crítica literárias da RDA.

Tratando-se de um aspecto formal, mormente intermedial, que indica de modo exemplar no sentido de não existir uma relação directa entre a narrativa textual e a representação imagética neste livro, é de mencionar que, apesar de a figura do viajante não ter podido, na sua chegada de comboio a Bratislava, usufruir de uma visão panorâmica da cidade, se apresenta, precisamente junto da passagem narrativa do primeiro contacto, a seguinte fotografia que sugere uma aproximação aérea, «típica» do turismo moderno que recorre progressivamente ao avião como meio de transporte de massas.



Vista panorâmica de Bratislava (In Mager/Kállay, 1979)

À semelhança do que já pudemos constatar no início dos *Slowakische Reisebilder*, também no primeiro contacto com Bratislava se assiste a uma estratégia de auto-estilização da figura do «poeta-viajante», por via da qual se pretende, logo à partida, distanciar de um olhar meramente turístico que estaria necessariamente pré-condicionado pelas visões superficiais dos prospectos de viagem (*idem*: 15s).

Man muß eine Stadt kennengelernt haben, um zuverlässig über sie aussagen zu können; es sei denn, man beschränkt sich auf eine Kurzinformation für

zeitknappe Touristen, die ihren Trip nach dem Balaton oder in die Hohe Tatra mal eben unterbrechen möchten, um hierorts einen raschen Besichtigungs-respektive Einkaufsbummel zu unternehmen.

[É obrigatório ter-se feito o reconhecimento de um cidade, antes de se poder proferir afirmações fidedignas a seu respeito, a não ser que nos limitemos a breves informações para turistas com falta de tempo, que pretendem fazer uma breve interrupção da sua viagem ao Lago Balaton ou às montanhas Tatra dando um pulo até aqui, a fim de fazer uma breve visita dos principais monumentos ou de dar um passeio de compras.]

Apesar de o narrador insistir em autodiferenciar-se do «turista vulgar», não deixa ele mesmo de enumerar uma grande quantidade de informações turisticamente úteis. Neste sentido, vai inquestionavelmente ao encontro da grande procura de guias de viagem de toda espécie por parte do cidadão comum da RDA. A seguinte passagem representa um exemplo elucidativo desse peculiar modo de se «camuflar», sob o manto de um discurso pretensamente anti-turístico, a função pragmática de um guia turístico mais ou menos convencional (*idem*: 16):

Man sollte eine fremde Stadt möglichst vorbelhaltslos betreten, sozusagen naiv, wie man in einen neuen Lebensabschnitt eintritt. Man macht dann andere Entdeckungen als die von Fremdenführern und Reiseprospekten vorgeschriebenen; oder man entdeckt dies und das, wovon die touristischen Glanzpunkte gewöhnlich ablenken. Man weiß ja ohnehin, daß es hier eine geschichtsträchtige Burg gibt, einen historischen Stadtkern, eine entwicklungsfreudige Industrie, einen erstaunlichen Wohnungsbau, ein modernes Sportareal, altherwürdige Kirchen, neuzeitliche Hochhäuser, viel Glas, viel Beton – man weiß nur noch nicht, wie sich das alles zusammenfügt und ob aus dem Ganzen der Charakter eines unverwechselbaren Gemeinwesens erwächst.

[Dever-se-ia entrar numa cidade, na medida do possível, sem qualquer espécie de reservas, por assim dizer, de um modo ingénuo, tal como se entra numa nova fase da vida. Far-se-ão assim outras descobertas do que aquelas prescritas pelos guias de viagem e prospectos turísticos; ou descobre-se isto e aquilo, aspectos de que os *ex libris* turísticos fazem normalmente desviar nossa atenção. É mais que sabido que aqui há uma fortaleza carregada de história, um centro

histórico, uma indústria em franco desenvolvimento, um admirável parque habitacional, um moderno complexo desportivo, igrejas muito antigas, prédios modernos, muito vidro, muito betão – só não se sabe como tudo isso forma uma unidade e se do todo emerge o carácter de uma comunidade inconfundível.]

Ora, é esse o programa que a figura do viajante atento às inter-relações das peças e pormenores de um «todo característico» se propõe cumprir. Na verdade, a sua representação de Bratislava resulta numa acumulação de «factos» enciclopédicos de toda a espécie, nomeadamente de longas digressões histórico-políticas e culturais, onde esporadicamente também apareçam alguns chavões da «grande narrativa socialista», tais como a ênfase da indispensável e vital ajuda soviética para o desenvolvimento social, económico e cultural da cidade e suas redondezas (*idem*: 24ss) ou as repetidas referências às aspirações imperialistas alemãs até à ocupação nazi (*idem*: 56ss) e ao sentimento de culpa colectiva por parte do narrador (*idem*: 22). Neste esquema de uma espécie de «turismo de delegação» à socialista inserem-se também as minuciosas explicações do funcionamento de centrais hidráulicas, as suas visitas a fábricas de produtos químicos e petrolíferos (*idem*: 25-29), os mais rasgados elogios à política socialista de educação e investigação (*idem*: 27), assim como aos «grandiosos» planos quinquenais de urbanização (*idem*: 26, 47ss) que permitem aos habitantes de Bratislava viver o seu dia-a-dia com grande “dignidade humana”, numa cidade que, pela impressão transmitida pelo narrador, sintetiza harmoniosamente o antigo com o moderno. Visto que o viajante se perde, por vezes, em demasia nos seus «passeios» historiográficos, que tornam vastas passagens do seu livro bastante maçudas e cansativas, as ilustrações fotográficas da Bratislava moderna e quotidiana podem ser consideradas uma distração certamente bem-vinda pelos leitores que terão, como é de supor, atribuído a esse género de publicações a (tradicional) *dupla* função de informar e ensinar, por um lado, mas também de lhes proporcionar um prazer meramente lúdico.

As fotografias de Kállay complementam assim as poucas e breves passagens em que na representação textual a capital da Eslováquia se configura como uma cidade alegre e viva, com um certo toque de cosmopolitismo (*idem*: 51): “Tagsüber, auch abends bis spät in die Nacht hinein, herrscht [in der Innenstadt] reger Fußgängerverkehr.” [Durante o dia e também pela noite dentro, há no centro da cidade uma agitada movimentação de peões.]



Cenas do quotidiano de Bratislava (In Mager/Kállay, 1979)

Curiosa ou significativamente, as esplanadas espalhadas pelo centro de Bratislava, que constituem o motivo de diversas fotografias deste volume, não são de forma alguma referenciadas no próprio texto. Tratar-se-á de uma realidade demasiadamente banal para um viajante que pretende, sobretudo, conforme é sugerido pela imagem do «poeta-viajante» sensível à *la Heine* construída quer pelo texto promocional da badana quer pela legitimação filosófica do próprio eu-narrador, “descobrir o sentido profundo por trás dos factos, das histórias e dos encontros”? De facto, as suas apetências parecem concentrar-se mais em fenómenos históricos e culturais que, no entanto, também não deixam de imprimir as suas marcas ao quotidiano de Bratislava.



Uma esplanada animada no centro de Bratislava (Fonte: Mager/Kállay, p. 52)

Na perspectiva do viajante-narrador, a música, quer a popular quer a erudita, representa um desses fenómenos culturais mais característicos não só de Bratislava mas de toda a região eslovaca, sendo-lhe por isso dedicado um dos mais longos capítulos de todo o livro (*idem*: 65s).

Bratislava ist eine Musikstadt von alters her (...). Man ist hier, wie allerorten in der Slowakei, musisch gestimmt, was viel mehr ist, als musisch interessiert zu sein. (...) Man singt hier nicht nur beiläufig und selbstvergessen, so wie »ein Kind singt sacht beim Kartoffeljäten«. Man stimmt nicht nur spontan

ein Lied an, wie es so oft geschieht, wenn Menschen gemeinsam entspannen.  
 (...) Ich meine, man pflegt hier auch das Kunstlied, die Musik großer Meister.  
 Man blickt diesbezüglich auf eine reiche Tradition zurück.

[Bratislava é, desde os tempos mais remotos, uma cidade da música (...). Aqui é-se, como em qualquer sítio na Eslováquia, votado à música, o que significa muito mais do que ter-se interesse musical. (...) Aqui não se canta apenas de forma casual e absorta, assim como «uma criança canta levemente enquanto sacha as batatas».<sup>256</sup> Não se inicia uma canção de forma espontânea, tal como muitas vezes acontece quando as pessoas se juntam num convívio de mero lazer. (...) Quer dizer, aqui também se estima e cultiva a canção artística, a obra musical de grandes mestres. Há aqui, a este respeito, uma longa tradição.]

Manifestando-se sob formas e modos diversos, como, por exemplo, na peculiar imagem dos muitos jovens que nos seus trajectos pela cidade rumo aos conservatórios se fazem acompanhar dos seus instrumentos, no hábito de restaurantes, cafés e bares terem os seus «músicos da casa» ou ainda na sua expressão mais sublime representada pela Grande Filarmónica e as diversas salas de concertos, a omnipresença da música no quotidiano de Bratislava configura assim para o viajante-narrador mais um pretexto para uma daquelas suas longas incursões pela História cultural, neste caso concreto, pela longa tradição musical da capital eslovaca. O seu “passeio pedestre pela história da música de Bratislava” (*idem*: 63) prolonga-se por mais de uma dezena de páginas em que se presenteia o leitor com um interminável desfile de grandes vultos, entre os quais se destacam: Franz Liszt, que, apenas com nove anos de idade, dera um dos seus primeiros concertos numa cidade que posteriormente revisitara com grande frequência contribuindo assim para “a sua vida musical muito progressiva” (*idem*: 65), Bela Bartók, que passara sete anos da sua vida em Bratislava e a cujo “alto nível musical deveria o seu rápido crescimento artístico” (*idem*: 66), assim como Hans von Büllow e Richard Strauß, que teriam aí dirigido, durante vários anos, a orquestra filarmónica (*idem*: 66s).

<sup>256</sup> Verso do poema hínico à cultura popular da Boémia *Voksweise* de Rainer Maria Rilke, escrito durante a sua fase juvenil em que, antes de se transformar no famoso poeta cosmopolita, a sua poesia se enquadra no que em alemão se designa de *Heimatlyrik*.



“Bratislava ist eine Musikstadt.” [Bratislava é uma cidade da música.]  
(Fonte: Mager/Kállay, p. 61)

A incursão histórica termina com um enfático elogio à excelência do Festival de Música de Bratislava cujo renome a nível internacional já há muito teria ultrapassado as fronteiras, inclusivamente para o outro lado da «Cortina de Ferro». Aterrando subitamente do seu voo pelas mais elevadas alturas do universo musical, por fim o autor não resiste a lançar uma farpa de índole explicitamente política ao Ocidente. Aproveitando uma recensão de um crítico de música austríaco acerca da edição do festival de 1975, em que o autor Franz Endler lamenta a falta de impacto de um evento de tamanha qualidade no mundo ocidental, o viajante-narrador, que nesse





“Man ist hier, wie allerorten in der Slowakei, musisch gestimmt.”[Aqui é-se, como em qualquer sítio na Eslováquia, votado à música.]  
(Fonte: Mager/Kállay, p. 62)

instante se mostra claramente um «verdadeiro» socialista, desce à «ordem política do dia» da «Guerra Fria» e acusa os ocidentais de não estarem a cumprir as resoluções das Conferências de Helsínquia sobre Cooperação e Segurança na Europa (*idem*: 70s):

«Warum«, seufzt Herr Endler am Ende seiner Kritik, »hat man in den vergangenen zwei Wochen so wenig von diesem Fest gehört? Es fand eine knappe Autostunde von Wien entfernt statt, und Musik kennt angeblich keine

Grenzen. Nun, Musiker haben sie eben doch zu kennen. Der Geist von Helsinki möge ihnen und ihrer Kunst helfen.«

Gewiß, auch den Musikern und der edlen Frau Musica. Vorerst aber Herrn Franz Endler und all seinen kakanischen Mitbürgern, die noch heute mit konstanter Penetranz von Preßburg sprechen, derweil doch die Stadt seit mehr als dreißig Jahren Bratislava heißt, und noch heute in den geographischen Vorstellungen von 1913 befangen sind. Der Geist von Helsinki möge ihnen zu der Erkenntnis verhelfen, daß Grenzen passierbar sind; sofern man sie erst einmal kennt und anerkennt.

[«Porquê», lamenta-se o Senhor Endler no final da sua crítica, «se ouviu, ao longo das duas últimas semanas, falar tão pouco deste festival? Aconteceu à distância de uma mera hora de automóvel de Viena, e a música não respeita, alegadamente, fronteiras. Bem, os músicos afinal sempre têm que as respeitar. Que o espírito de Helsínquia os ajude e à sua arte.»

Com certeza, também deverá ajudar os músicos e a nobre Senhora *Musica*. Mas antes disso, o Senhor Endler e todos os seus concidadãos da Cacânia<sup>257</sup> que, ainda hoje, falam constante e penetrantemente de *Preßburg*, apesar de a cidade se chamar, há mais de trinta anos, Bratislava, e que ainda hoje continuam amarrados às representações geográficas de 1913. Que o espírito de Helsínquia os ajude a perceber que as fronteiras podem ser transpostas, desde que, primeiramente, sejam conhecidas e reconhecidas.]

O capítulo subsequente é dedicado à zona mais turística da Eslováquia: a Serra Tatra. Como seria de esperar, o «verdadeiro viajante» observa a progressiva «turistificação» dessa região com um certo cepticismo considerando o crescente número de “todos esses turistas motorizados do estrangeiro”, inclusive os da RDA, “uma tendência alarmante” (*idem*: 71s):

Dort begeben dir auf Schritt und Tritt die vertrauten Mini-Straßenkreuzer vom Typ Trabant oder Wartburg, deren Besitzer selten etwas davon halten, gemächlich durch die alpine Landschaft zu zuckeln, sondern allzuoft dem Rausch der Schnelligkeit erliegen.

<sup>257</sup> Nome polissémico e depreciativo, derivado de *k.u.k Monarchie*, isto é, monarquia real e imperial, que o sarcástico Robert Musil cunhara para o Império Austro-húngaro, na viragem do século XIX para o século XX.

[Aí deparas constantemente com as bem conhecidas mini-limusinas do tipo *Trabant* ou *Wartburg*, cujos proprietários raramente gostam de atravessar tranquila e vagarosamente a paisagem alpina sucumbindo quase sempre à embriaguez da velocidade.]

A descrição dessa região montanhosa, que constitui, com os seus “mais de três milhões de visitantes anuais nacionais e estrangeiros”, “o maior e mais visitado centro turístico de toda a Checoslováquia” (*idem*: 73s), é dividida em duas partes distintas. Enquanto a primeira parte apresenta uma imensidão de dados enciclopédicos, que o nosso «viajante-investigador» faz questão de adquirir de fonte segura, isto é, de um membro da “comissão de governo para assuntos de turismo” (*idem*: 72) e que, conforme se pode imaginar, resulta num estilo pseudo-documental repleto de factos estatísticos extremamente enfadonhos, na segunda parte o narrador rende-se às evidências da beleza natural da serra oferecendo ao leitor uma encação de cunho manifestamente mais subjectivo e impressionista, o que o obriga, por vezes, embora quase sempre num tom auto-irónico, a rever as suas severas críticas à indústria turística. A título representativo dessa atitude, atentemos na seguinte passagem do livro de viagens de Hasso Mager (*idem*: 74s):

Touristischer Glanzpunkt (auch geographischer Höhepunkt): *Štrbské Pleso*, das Wintersportparadies. Von zehn meiner Bekannten waren wenigsten sieben schon einmal hier; den restlichen drei sei versichert: schon die Anreise ist ein Erlebnis. Der Wagen verläßt ein sommerlich grünes, sommerlich warmes Tal, um zwanzig Minuten später inmitten weißer Winterpracht zu halten. Fröstelnd steigst du aus und erblickst, von soviel Weiträumigkeit überrascht, das »Areal der Träume«, ein Skisportgelände, wie es idealer kaum zu denken ist. (...) [Alles] ist großzügig plaziert vor der grandiosen Kulisse der Tatragipfel, von denen, weißumwölkt, der Berg Vysoká (2 560 m) dominiert. *Štrbské Pleso* erstreckt sich mit modernsten und weniger modernen Hotels, mit Pensionen, Restaurants, Geschäfts- und Wohnhäusern am Ufer des gleichnamigen Bergsees, der makellos blau ist: azurblau, ansichtskartenblau (schon wieder habe ich mich zu revidieren und den Herstellern von Prospekten insgeheim abzubitten, was ich je an deren Farben zu bemängeln hatte). (...) den Verantwortlichen ist eine erstaunliche Synthese aus Sport-,

Kur-und Erholungszentrum gelungen (...), die den universalen<sup>258</sup> Charakter begünstigt.

[Ponto alto em termos turísticos (e também em termos geográficos): *Štrbské Pleso*, o paraíso de desportos de Inverno. Entre cada dez dos meus conhecidos, pelo menos sete já aqui estiveram; aos três restantes pode ser aqui assegurado: já o troço de acesso até aqui proporciona uma bela experiência. O automóvel sai de um vale verdejante com temperaturas estivais, para, vinte minutos mais tarde, parar numa esplendorosa paisagem de Inverno coberta de branco. Sais do carro, a tremelicar de frio, e a tua visão depara, surpreendida de uma impressionante vastidão de espaço, com o «Areal dos Sonhos», um complexo para desportos de esqui impossível de imaginar melhor (...). (Tudo) está disposto, em dimensões generosas, defronte ao grandioso cenário dos picos da Serra de Tatra, entre os quais domina, envolto em nuvens brancas, o Monte Vysoká (2 560 m). *Štrbské Pleso* estende-se, com os seus hotéis ora mais ora menos modernos, suas pensões, seus restaurantes, seus edifícios residenciais e de comércio, ao longo do lago com o mesmo nome, que é dum imaculado azul: um azul celeste, um azul de postal (e, de novo, me vejo obrigado a rever a minha posição, para pedir desculpa às brochuras turísticas pelas minhas anteriores críticas às suas cores). (...) os responsáveis conseguiram aqui uma surpreendente síntese de centro desportivo, termal e de lazer, que favorece o carácter universal.]

Se nesta passagem ainda se denota um certo distanciamento irónico face à beleza, por assim dizer, funcionalizada das montanhas, são evidentemente aqueles recantos da serra menos explorados que mais atraem o narrador e para cuja descrição recorre, ele próprio, a um estilo de escrita e a uma série de imagens que, não obstante a referência literária a Musil, se assemelham deveras ao «romantismo folclórico» de uma qualquer brochura turística (*idem*: 82):

Die Hohe Tatra ist beileibe nicht überall ein international frequentiertes Wintersportgebiet, nicht überall ein international heimgesuchtes Touristenzentrum mit Hotelneubauten, Kuranlagen, Autocamping, Souvenirläden und

<sup>258</sup> Segundo se percebe pelo contexto mais alargado em que é utilizada, a palavra «universal» funciona aqui como sinónimo de «cosmopolita», um termo que fora estigmatizado pelo discurso socialista oficial.

der verhaltenden Betriebsamkeit, die in Restaurants, auf Promenaden und an Kiosken herrscht ... Die Hohe Tatra ist von den bekannten Sport-, Kur- und Erholungsplätzen abgesehen, eine Oase der Stille: scheinbar unberührte Natur, scheinbar unveränderliche Landschaft. Schneebedeckte Gipfel, sommerlich grüne Täler, riesengroße Wälder. Spiegelblanke Seen, wildromantische Flüsse, einsame Wanderwege. Und natürlich auch, um (...) Musil zu zitieren: Dörfer wo der Rauch aus den Kaminen wie aus aufgestülpten Nasenlöchern steigt und das Dorf zwischen zwei Hügeln kauert, als hätte die Erde ein wenig die Lippen geöffnet, um ihr Kind dazwischen zu wärmen.

[A Serra de Tatra está longe de ser na sua totalidade uma zona de desportos de Inverno internacionalmente frequentada, nem por todo lado é um centro turístico procurado por um público internacional, com hotéis novos, estâncias termais, parques de campismo, lojas de *souvenirs* e a frequente agitação em restaurantes, ruas de comércio e quiosques .... À parte os conhecidos locais de desporto, de termas e lazer, a Serra de Tatra é um oásis da tranquilidade: natureza aparentemente virgem, paisagem aparentemente imutável. Picos cobertos de neve, vales de um verde estival, gigantescos bosques e florestas. Lagos luzidios como espelhos, rios de um romantismo selvagem, trilhos pedestres solitários. E, naturalmente, para aqui citarmos Musil, também: aldeias em que sai fumo das chaminés como de grandes narinas e a aldeia se aconchega entre dois montes, como se a terra tivesse aberto um pouco os seus lábios para aí aquecer os seus filhos.]

E será precisamente uma dessas idílicas aldeias de montanha que proporciona à figura do viajante uma das experiências mais marcantes do seu périplo eslovaco. Numa espécie de momento de epifania, a visão de um pequeno povoado situado num vale, como que perdido no espaço e no tempo, transporta o narrador de regresso à sua infância (*ibid.*):

Du findest ein solches Dorf (wenn du Glück hast) vielleicht in den Bergen, vielleicht in einem versteckt gelegenen schmalen Tal, das sich plötzlich deinem Blick öffnet und dir das Dörfchen offenbart. Dann gehst du verblüfft auf die winzigen Häuser zu, als gingest du wieder an der Hand der Großmutter, die dich vor fünfzig Jahren in ebendieses Dorf mitnahm, nur daß es damals nicht in der Hohen Tatra, sondern im Thüringer Wald oder im Lausitzer Hügelland war. Du bist gerührt; wer von uns wird nicht wenigstens manchmal, nicht

wenigstens anflugsweise von nostalgischen Regungen heimgesucht. Aber es ist nicht so sehr die romantische Liebäugelei mit dem Vorgestern, als vielmehr die unverhoffte Wiederbegegnung mit einem Teil deiner frühen Kindheit.

[(Se tiveres sorte) encontras uma aldeia desse género talvez nas montanhas, talvez num vale estreito e escondido que, repentinamente, se oferece ao teu olhar e te revela o pequeno povoamento. Depois aproximas-te, estupefacto, das casinhas minúsculas, como se fosses novamente pela mão da avó que, há cinquenta anos, te levava consigo precisamente a esta aldeia, ainda que nessa altura não se situasse na Serra de Tatra, mas na Floresta da Turíngia ou na região montanhosa de Lausitz. Estás comovido; quem entre nós não é, pelo menos de vez em quando, pelo menos imaginariamente, revisitado por sentimentos nostálgicos. Porém, não se trata tanto do namoro romântico com o antontem, mas antes do inesperado reencontro com uma parte da tua primeira infância.]

O passeio pela aldeia é assim encenado como um *déjà-vu* ou um sonho, momento ilusório esse que, à maneira dos *Reisebilder* de Heine, quebram, por um breve instante, o «realismo» e a «objectividade» do restante relato de viagens (*idem*: 83):

Kein Zweifel, du bist schon einmal diese Dorfstraße gegangen, die eigentlich keine Straße ist, sondern ein breiter, leicht gewellter Hauptweg, von dem schmale Pfade zu den einzelnen Anwesen abzweigen: lehmverputzte Blockhäuser unter strohgedeckten Walmdächern, Holzblockhäuser mit kargem Zierat, die von niedrigen Zäunen umfriedet sind. Das Holzkirchlein, der kleine Friedhof, die Häuser und Hütten – all das mutet an, als habe ein sagenhafter Riese absichtsvoll einen Sack ausgeschüttet. In den Gärten, unmmittelbar vor den Häuserwänden, lagern Wirtschaftsgeräte, die du längst vergessen hattest, aber sogleich wiedererkennst (...). Hinter den kleinen Fenstern, so glaubst du unwillkürlich, sind noch fleißige Rastelbinder und Korbflechter, emsige Klöpplerinnen und Weberinnen tätig ...

[Não há duvida, já caminhaste por esta rua de aldeia, que, no fundo, não é uma rua mas um caminha principal, largo e ligeiramente ondulado, do qual ramificam pequenos trilhos em direcção a cada uma das propriedades: casa de troncos de madeira rebocadas com argila sob telhados em albarda

cobertos de palha, casas de madeira com poucos ornamentos circunscritas por cercas baixinhas. A pequena capela de madeira, o pequeno cemitério, as casas e cabanas – tudo isto se parece como se um lendário gigante tenha aqui propositadamente despejado um saco. Nos jardins, mesmo em frente às paredes das casas, encontram-se ferramentas agrícolas que há muito esqueceras, mas que de imediato redescobres. (...) Por trás das janelinhas, assim o imaginas espontaneamente, ainda há laboriosos cesteiros, diligentes rendeiras e tecelãs em actividade ... .]

Esse avivar da memória pessoal é, no entanto, rapidamente interrompido. O facto de o viajante não vislumbrar qualquer presença humana durante a sua «exploração» da aldeia trá-lo de novo ao presente, para retomar o seu discurso reflexivo e sócio-crítico (*ibid.*):

Träge, friedlich liegt das Dörfchen im Glast der Mittagssonne; es ist eine Stunde, die nur zaghaft vergeht. Du siehst keine Männer, keine jungen Leute; sollte es sie geben, arbeiten sie gewiß in weitab gelegenen Genossenschaften oder Fabriken. Es gibt hier keine Bauern, sondern nur Häusler, die mittlerweile einen anderen sozialen Status haben. Vielleicht hausen hier überhaupt nur noch Großeltern; diese Gegend ist nicht ertragreich, und so überlebte das Dörfchen allein kraft der Bodenständigkeit seiner Bewohner, die, so fürchte ich, die letzten in einer langen Reihe von Geschlechtern sind. (...) sie sind wohl nur ein launisches Überbleibsel, eine (...) Vergeßlichkeit des gesellschaftlichen Fortschritts, der in keinem Lebensbereich so augenfällige Veränderungen bewirkt hat wie im Bereich der sozialistischen Landwirtschaft. Aber selbst als Überbleibsel erfüllen diese Dörfer noch eine wichtige Funktion: sie unterrichten die Nachgeborenen, wie einst gelebt worden ist.

[A aldeia banha-se, indolente e tranquila, no sol do meio-dia; é uma hora que avança muito devagar. Não vês homens, não vês gente jovem; se eles existem, trabalharão com certeza em cooperativas e fábricas situadas longe daqui. Aqui não há camponeses, mas apenas caseiros que entretanto adquiriram um outro estatuto social. Talvez aqui só morem mesmo apenas os avós; esta região não é produtiva, e portanto a aldeia só sobreviveu graças ao sedentarismo dos seus habitantes, os quais são, assim temo, os últimos de uma longa linhagem de gerações. (...) serão apenas um caprichoso sobejo, um esquecimento (...) do progresso social que em nenhum outro domínio da

vida provocou tão manifestas transformações como no domínio da agricultura socialista. Mas mesmo enquanto sobejo, estas aldeias ainda desempenham uma importante função: elas ensinam às gerações póstumas como outrora se viveu.]

Não se deixando portanto enredar num discurso de lamentação nostálgica, o viajante prossegue o seu percurso dissertando sobre a importância didáctica de se preservar a arte e a arquitectura populares que tem oportunidade de visitar em diversos museus e da qual as fotografias do volume oferecem ao leitor, conforme se pode verificar nas seguintes reproduções, uma visão esteticamente muito interessante.



Arte e arquitectura populares da Eslováquia  
(Fonte: Mager/Kállay)



A viagem eslovaca de Mager não termina aqui. As minuciosas explorações do “Colombo na Serra de Tatra” estendem-se ainda, como não poderia deixar de ser, à segunda grande atracção turística da região, a estância termal de renome internacional Piěstany, à qual dedicada um capítulo próprio, à indústria mineira e petrolífera, assim como a outros ramos industriais, tais como a cerâmica de Modrae, cujas descrições nos deixam a impressão de se tratar mais de uma espécie de relatórios ou monografias sobrecarregados de «factos» estatísticos e técnicos do que de um relato de uma viagem propriamente dito. Fiquemo-nos portanto por aqueles «quadros de viagem» mais «poéticos» que temos vindo a citar e a reproduzir e que terão representado, sem margem para dúvidas, os momentos de maior prazer que esse ecléctico volume de qualidade e funções desiguais terá proporcionado aos leitores da RDA.

De seguida, dedicar-nos-emos aos livros sobre viagens ao outro lado da «Cortina de Ferro» que, como se pode imaginar, mais do que qualquer outro género de relato sobre qualquer outra viagem a qualquer outro país situado no hemisfério socialista, terão sobremaneira atraído o interesse do cidadão comum da RDA.

### 4.3 Postigos para o mundo não-socialista

Em comparação com a verdadeira avalanche de livros dedicados ao «países irmãos», as «narrativas» sobre viagens ao Ocidente representam, por razões óbvias, um segmento relativamente pequeno da vasta paisagem da literatura de viagens da RDA. Durante as nossas investigações depará-mos, ainda assim, com uma surpreendente quantidade de títulos dedicados a uma considerável diversidade de destinos geográficos espalhados pelo «estrangeiro não-socialista» que, não podendo ser aqui nomeados na sua totalidade nem, muito menos, todos submetidos a uma análise, nos permite apontar, pelo menos, algumas tendências características desse domínio.

Em primeiro lugar, há que mencionar a extrema escassez desse género de publicações durante as duas primeiras décadas. Exceptuando as memórias do exílio passado em países ocidentais durante o período *Terceiro Reich* que vários autores foram, após o seu regresso à zona de ocupação soviética,

publicando durante a fase de fundação de uma «Alemanha socialista»<sup>259</sup>, até à chegada de Honecker ao poder e à proclamada «abertura ao mundo», são de facto muito raros os livros dedicados a viagens ao «hemisfério capitalista». Esta situação ir-se-ia todavia alterar significativamente durante as décadas de 1970 e 80. Face ao reconhecimento internacional da RDA que, em 1973, culminaria na sua aceitação oficial pela ONU, a diplomacia da Alemanha de Leste abriu-se progressivamente a um intercâmbio de índole política, económica e, evidentemente, cultural com o Ocidente consubstanciando-se sob a forma mais visível do estabelecimento de embaixadas e centros culturais da RDA em grande parte dos países ocidentais. É neste «clima de degelo», neste *Tauwetter*, conforme se costuma denominar este período na historiografia sobre a Alemanha de Leste, que a uma série de escritores é dada a oportunidade de encetarem périplos «ao outro lado». Como já tivemos oportunidade de verificar no capítulo dedicado aos «Contextos», esses não deveriam, porém, viajar pelo seu bel-prazer, como meros turistas ou apenas para alargarem o seu horizonte pessoal e profissional, mas para cumprirem as suas «missões ocidentais» como «embaixadores culturais» da pátria socialista. Sobre as implicações desse estatuto oficial do escritor-viajante como «mensageiro» e mediador intercultural nos processos da própria textualização teceremos, mais à frente, algumas considerações.

Uma vez que as nossas análises de alguns exemplos de textos sobre viagens ao Ocidente se cingem necessariamente a uma pequena amostra de um *corpus* que se caracteriza, não só devido à diversidade dos autores, da sua escrita e dos países visitados, por uma grande heterogeneidade formal e temática, será conveniente traçar-se aqui previamente um quadro, por mais sucinto que seja, desse vasto panorama.<sup>260</sup> Assim, no que diz respeito aos autores, destacam-se em primeiro lugar, já pela quantidade de títulos exclusivamente dedicados às suas viagens reais pelo «mundo além-muro», Günter Kunert e Fritz Rudolf Fries. Apesar das suas obras não se limitarem, de modo algum, ao género literário do relato de viagens, sendo Kunert sobretudo internacionalmente (re)conhecido pela sua poesia

<sup>259</sup> Vejam-se, por exemplo, os vários volumes de cunho autobiográfico de Maximilian Scheer (1964, 1966, 1975), de Ludwig Renn (1951, 1964, 1979), F. C. Weiskopf (1978) e de Hanns Cibulka (1960, 1976).

<sup>260</sup> Para referências mais pormenorizadas sobre os autores, os títulos, as datas de publicação e os países representados, consulte-se a bibliografia em anexo.

e Fries pelos seus romances picarescos, a quantidade e qualidade dos seus textos viáticos permite-nos considerá-los os «escritores de viagens» mais significativos da RDA. Enquanto as excursões ao Ocidente capitalista de Fries se limitaram ao território europeu, nomeadamente à França, aos Países Baixos e à Espanha pós-franquista, resultando desta última um dos raros livros da RDA sobre a Península Ibérica,<sup>261</sup> Kunert teve o privilégio de visitar um número consideravelmente maior de países ocidentais, o que se encontra «documentado» um pouco por toda a sua obra em prosa e em poesia.<sup>262</sup> Entre essas suas repetidas viagens ocidentais destacam-se duas prolongadas temporadas como escritor-convidado em universidades, quer em Inglaterra (*Ein Englisches Tagebuch*), quer nos Estados Unidos da América (EUA), sendo que esta última esteve na origem do livro de viagens da RDA inquestionavelmente mais bem estudado até ao momento, que é *Der andere Planet. Ansichten von Amerika*.<sup>263</sup>

Na verdade, e isso constitui uma das surpreendentes tendências a constatar em relação aos textos viáticos sobre o Ocidente, o «arqui-inimigo» americano tem nesse território literário uma presença significativa, não sendo, ao contrário do que se poderia esperar, apenas grosseiramente encenado como o «reino do mal». Se, por um lado, Edith Anderson (1972), Victor Grossmann (1976), Klaus Walther (1986) e David Fischer (1987), para aqui citarmos apenas alguns exemplos, parecem sobretudo empenhados em projectar uma imagem dos Estados Unidos como um sistema injusto atravessado por fortes tensões políticas e sociais, ao qual contrapõem a «outra América» dos movimentos trabalhistas, anti-racistas e ecológicos, há, por outro lado, toda uma série de livros de viagens, como o atrás mencionado de Kunert (1974), o de Manfred Jendryschick (1986) ou o de Irene Runge (1986), que, longe de se enquadrarem no esquema dicotómico do «Bem» (prefigurado pelo «Mundo Socialista») e do «Mal» (consubstanciado, por

<sup>261</sup> À excepção da tradução do checo do livro de Vlach (1963) e dos volumes de reportagens sobre a (falhada) «Revolução dos Cravos» mencionados na bibliografia, Portugal não se constitui como objecto de representação nos livros de viagens da RDA. Uma vez que a história das relações políticas e culturais entre Portugal (mormente, o do pós-25 de Abril) e a RDA ainda não foi escrita - um campo de pesquisa que mereceria, a nosso ver, um estudo aprofundado -, não queremos aqui conjecturar sobre as razões dessa quase ausência da Península Ibérica do «cânone» da literatura de viagens da RDA.

<sup>262</sup> É de realçar o seu peculiar volume de «poemas de viagem» e desenhos a tinta-da-china da sua própria autoria *Verlangen nach Bomarzo. Reisegedichte* (1978).

<sup>263</sup> Veja-se, a esse respeito, o capítulo 2.2.

excelência, no «Ocidente imperialista»), oferecem ao leitor «visões» bastante ecléticas, não a preto-e-branco mas a cores, das suas experiências de viagens ao «paraíso proibido».

Na diversificada paisagem textual do mundo ocidental na RDA há, para além dos Estados Unidos da América, outras regiões que se constituíram como destinos geográficos e objectos de representação mais frequentes do que outros. O Oriente, nomeadamente a Índia, que representa, desde finais do século XIX, um dos destinos predilectos dos «poetas e pensadores» alemães, também atraiu diversos escritores da «nova Alemanha». Assim, Richard Christ, um dos mais viajados e mais produtivos autores de relatos de viagens, presenteou o leitor com as suas impressões subjectivas e experiências transcendentais, que o narrador encena, com grande *pathos* e num tom deveras maçudo, ao longo das mais de 600 páginas que compõem o seu volume *Mein Indien* (1983). No seu livro *Kalkutta liegt nicht am Ganges* (1970) Inge von Wangenheim não só narra, de um modo sensível e desprezioso, as suas impressões textuais de um Oriente dilacerado por séculos de colonização, como tenta «captar», nas suas pinturas a óleo, das quais dezasseis são reproduzidas no próprio volume, o multicolor ambiente tropical das paisagens e cidades indianas. Com esses *Reisebilder* verbais e visuais, von Wangenheim, uma autora a quem aqui ainda voltaremos num contexto diferente, proporcionou aos leitores da RDA uma agradável alternativa às místicas divagações de um Richard Christ e ao «impressionismo filisteu» de um Willi Meinck (1971) sobre os seus périplos indianos.

Esta aura de um «exotismo oriental(ista)» que, apesar de produzida por escritores oriundos de um país socialista, se inscreve, *grosso modo*, na multissecular tradição de um *Orientalismo* (Edward Said) ocidental – e, neste sentido civilizacional, a Alemanha «oriental» nunca deixou de pertencer ao Ocidente –, contrasta com uma outra estratégia de *exotização politizante* que subjaz, de forma subliminar, ao que poderíamos denominar de um «exotismo à socialista» patente em muitos dos livros de viagens de autores da RDA. Ainda que aqui não possamos desenvolver esse complexo fenómeno com a desejada profundidade, fenómeno esse a que noutro sítio ensaiamos uma primeira aproximação,<sup>264</sup> em termos sucintos,

<sup>264</sup> Como exemplo dessa espécie de funcionalização exotizante e politizante de um terceiro espaço («Terceiro Mundo») situado entre o Ocidente industrializado e o hemisfério socialista, veja-se o breve estudo de Matos (2003) sobre a representação do Brasil na literatura de viagens da RDA.

é de referir que se trata das estratégias representacionais inerentes a uma série de publicações sobre viagens ao «Terceiro Mundo», entendido como um espaço de disputa política entre os dois grandes sistemas rivais da «Guerra Fria», nomeadamente às nações em emergência no processo de descolonização do pós-Segunda Guerra Mundial. Conforme demonstra a considerável quantidade de relatos publicados na RDA sobre viagens às mais diversas regiões da Ásia e da África, e, em certa medida, também da América do Sul, as encenações dessas nações emergentes não se terão apenas submetido à função de saciar a multissecular «fome burguesa» do exótico longínquo. *Eine unvergeßliche Reise* (1965) [Uma viagem inesquecível], em que a «Primeira Dama» de então, Lotte Ulbricht, «relata» a sua viagem diplomática ao Egito em acompanhamento do seu marido, ou o título programático *Von Afrika nach Kuba* (1961) [Da África até Cuba] de um livro da autoria de Maximilian Scheer sobre diversas viagens pelo Egito, o Sudão, a Etiópia até à então «recém-libertada» Cuba, são apenas dois exemplos, entre muitos outros possíveis, de um «exotismo à socialista» que, sem abdicar de construir, de acordo com a tradição discursiva da literatura de viagens ocidental, um cenário impregnado de imagens exóticas, submete as representações do «Terceiro Mundo» a uma função primordialmente ideologizante. É ainda de referir que esse «programa» assente numa dupla estratégia de exotização e politização se manteve inclusivamente pelos anos 80 adentro, nomeadamente no que concerne a países como Angola, Moçambique ou a Guiné, isto é, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), cuja descolonização aconteceu, como se sabe, mais tarde do que em qualquer outra parte do mundo, situação essa que incentivou uma série de jovens escritores da RDA, apoiados pelos programas de intercâmbio,<sup>265</sup> a encetarem viagens a esses países em plena transformação política e social nos quais, assim se esperava, acabaria por vencer a «Grande Revolução Socialista». *Ondjango. Ein angolantisches Tagebuch* [Ondjango. Um diário angolano] de Jürgen Leskien (1980), *Bom dia, weißer Bruder* [Bom dia, irmão branco] de Landolf Scherzer (1984) ou *Der Schlangenbaum. Eine Reise nach Moçambique* [A árvore das cobras. Uma viagem a Moçambique] de Ursula Püschel (1984) são apenas alguns exemplos dessa peculiar literatura de viagens pós-colonial «à socialista» envolta numa aura anacrónica de um «romantismo revolucionário» que,

<sup>265</sup> A respeito das relações políticas e culturais entre RDA e os países africanos pós-colónias, veja-se Van der Heyden *et al.* (1993).

em certa medida, parece reavivar o *pathos* entusiástico da fase de fundação da RDA.

Voltando à Europa ocidental e à nossa breve inventariação dos destinos geográficos mais representados nos livros de viagens da RDA, é incontornável fazer-se ainda referência a um outro país que no imaginário colectivo alemão em torno da viagem remonta a uma longa e sólida tradição que nem a divisão da nação em dois estados e sua respectiva inserção em dois universos ideológicos separados por uma «Cortina de Ferro» e um Muro conseguiram abalar. Trata-se, evidentemente, da mítica Itália, que representa na memória viática dos alemães um dos mais densos espaços geográficos e simbólicos. Conforme já pudemos constatar na introdução a este estudo, a literatura de viagens, no seio da qual a *Italienische Reise* de Goethe ocupa um lugar de destaque, contribuiu de um modo significativo para esse fenómeno. Ao contrário dos seus conterrâneos ocidentais, a quem, desde meados da década de 1950, as infra-estruturas da indústria do turismo de massas proporcionam a experiência «real» de um espaço outrora apenas imaginado, os cidadãos da RDA ter-se-iam de continuar a contentar com uma «Itália virtual», media(tiza)da quer pelo cinema e pela televisão quer por uma série relativamente reduzida de livros de viagens contemporâneos. Além dos breves relatos e poemas de viagens italianas transversalmente disseminados pela obra de Günter Kunert,<sup>266</sup> no parco cânone da literatura de viagens da RDA sobre a Itália realçam-se as publicações de Hugo Huppert (1965), de Christine Wolter (1982) e de Waldtraut Lewin (1989). *Münzen im Brunnen. Erlebtes Italien* [As moedas na fonte. Itália experienciada] de Hugo Huppert<sup>267</sup> constitui um exemplo paradigmático de uma imagem bastante dogmática ou pelo menos extremamente politizada de uma Itália que o autor afirma ser, não uma visão impressionista, mas a representação “do país Itália tal como eu o vejo – enquanto marxista, realista do século XX” (Huppert, 1965: 11). Os volumes *Italienfahrten* de Wolter e *Reisen in Italien* de Lewin, que reúnem respectivamente as suas diversas publicações prévias sobre a Itália, oferecem olhares bem menos esquematizados do ponto de vista político-ideológico, contrastando nitidamente com a concepção de Huppert que, já no prólogo, adverte o leitor de pretender oferecer-lhe

<sup>266</sup> Veja-se, nomeadamente, a série de poemas dedicados a Pompeia e a Veneza no volume *Verlangen nach Bomarzo* (Kunert, 1978b: 31-40).

<sup>267</sup> Sendo de origem austríaca, após o seu exílio na União Soviética, Huppert adoptaria a nacionalidade da RDA.

“novas medidas de comparação de valores, novos saberes históricos” (*idem*: 12) sobre uma Itália contemporânea que pouco teria a ver com aquele país representado nos, nada mais, nada menos, de “onze mil livros de viagens em língua alemã sobre a península apenas publicados desde a «Viagem a Itália» de Goethe” (*idem*: 10):

(...) ein Land (...) des niedergerungenen Faschismus, des Kalten Kriegs, (...) der kommunistischen Massensiege bei Wahlen, der Problematik einer schon sehr, sehr wackligen NATO-Treue, der widersprüchlichen ‘Öffnung nach links’, der Abkehr Roms vom neuen Achsen-Experiment Bonn-Paris, endlich der späten, mühseligen Neuzeiddämmerung unterm obersten Kuppelbau des katholischen Klerikertums (...). (*idem*: 11s).

[(...) um país do fascismo derrotado, da Guerra Fria, (...) das vitórias maciças dos comunistas nas eleições, da problemática da sua fidelidade à NATO já muito, muito vacilante, da contraditória «abertura para a esquerda», do virar costas de Roma à nova experiência do eixo Bona-Paris, por fim, do crepúsculo tardio e penoso sob as mais altas cúpulas do clero católico (...).]

Se bem que o narrador não se limite, na sua encenação dessa Itália “no limiar para um novo milénio” (*ibid.*), às suas recorrentes dissertações sobre as tensões sociais e políticas que não só assolariam esse país mas todo o mundo ocidental, enveredando igualmente por descobrir, numa perspectiva mais cultural, “os trilhos italianos de Goethe, Byron, Stendhal, Gorki, Thomas und Heinrich Mann, com cujas marcas me cruzei aqui e acolá e que transformei em objecto de interessantes retrospectivas históricas” (*idem*: 13), na verdade, é difícil imaginar-se que as maçadas 500 páginas desse volume tenham proporcionado ao cidadão comum da RDA o prazer da leitura que Huppert pressupõe (*idem*: 12):

(...) jedermann soll von vornherein ins Bild gesetzt werden: daß er hier nicht Reportagen noch Kolportagen vorfindet, keinen verkappten Touristen-Baedeker noch eine popularisierte Kunstgeschichte, auch keine feuilletonistische Südländkokerterie mit mondäner Reisebuch-Anekdotik.

Vielmehr will dies Buch als ein durchaus *poetisches* aufgenommen sein, als das Wanderschaftsbuch eines in Bildern Denkenden: ein Stück Poesie mit Einbezug des “Bildungsgutes” und der sozialgeschichtlichen Einsichten, also

mit geradezu nutzbringendem Erkenntniswert. Es will eine Unterhaltung sein für Anspruchsvolle, das heißt Nicht-Oberflächliche.

[(...) todos deverão ser, previamente, informados de que aqui não encontrarão reportagens nem boatos populares camuflados de jornalismo, nem um encapotado Baedeker para turistas, nem uma história de arte popularizada, nem, tão-pouco, uma coquetice meridional em estilo de folhetim com episódios mundanos à maneira de muitos livros de viagens.

Pelo contrário, o presente livro pretende ser recebido como algo de poético, como o livro das andanças de alguém que pensa em imagens: uma peça de poesia que engloba os «bens culturais» e os conhecimentos socio-históricos, portanto, com um valor acrescentado de saberes. Pretende ser entretenimento para o leitor exigente, isto é, não superficial.]

Apesar de todos esses pretensiosos propósitos poéticos e epistemológicos, facto é que o livro de Huppert resulta, em suma, num daqueles típicos produtos *agitprop* dos anos 1950/60 que dificilmente terá ido ao encontro do gosto quer do «leitor culto», “não superficial”, quer do «leitor comum» que, face à impossibilidade real de viver essa «realidade» (d)escrita, teria, muito provavelmente, preferido as tais “reportagens”, um guia turístico *à la* Baedeker ou um relato de viagens mais “mundano” e trivial que lhe permitisse pelo menos empreender uma agradável «viagem na poltrona».

Se as «viagens italianas» das duas escritoras mais jovens Wolter e Lewin lhes terão mesmo possibilitado esses momentos de lazer e do prazer da leitura é, naturalmente, algo que não pode ser empiricamente comprovado. Os seus estilos de escrita, que evidenciam, em contraste com a grandiloquência de Huppert, uma certa leveza descritiva e as suas perspectivas narrativas mais «intimistas», mais sensíveis às «pequenas coisas» do dia-a-dia estrangeiro (por exemplo, os modos de estar dos italianos, o que vestem, como e o que se come, os seus comportamentos em espaço público, as relações interpessoais em geral e entre os sexos em particular,) parecem constituir, por si sós, indicadores suficientes para nos levar a supor que os diversos livros de viagens de Wolter e Lewin terão ido, senão por completo, pelo menos parcialmente, ao encontro das expectativas da generalidade dos leitores. Ainda que os textos de Lewin demonstrem, por vezes, uma certa tendência para o que poderíamos designar de ensaísmo historiográfico – o



que, face a um país em que os vestígios arqueológicas imprimem as suas indeléveis marcas na paisagem e onde o passado impregna o presente de reminiscências histórico-políticas e culturais, de resto não surpreende –, pensamos que a afirmação de Elke Mehnert (1989: 55) em relação à imagem de Itália projectada por Christine Wolter também se pode aplicar às *Reisen in Italien* de Lewin:

Sie wendet sich an Leser, die zumeist das Geschilderte nicht an eigenen Italienerlebnissen messen können. Die wollen nicht *wiedererkennen*, sondern *kennenlernen*; also möchten sie die weltberühmten Sehenswürdigkeiten vorgeführt bekommen. Diese Erwartungshaltung wird von Christine Wolter respektiert. Ihre “Wege durch Rom” führen zu (...) den berühmten Bauwerken (...) – aber es wird nicht verschwiegen, daß sich der Schatten massentouristischer Vermarktung auf die Denkmale einer großen Vergangenheit legt. Die Berichterstatterin ist auch mit einer Portion touristischer Neugier darauf aus, römische Impressionen zu sammeln; denn Großes trübt ihr den Blick nicht für kleine Beobachtungen am Rande.<sup>268</sup>

[Ela (Christine Wolter) dirige-se aos leitores que, na maior parte dos casos, não podem medir o representado por experiências pessoais da Itália. Esses leitores não querem *reconhecer* mas *ficar a conhecer*; portanto, querem que lhes sejam apresentados os *ex libris* mundialmente famosos. Essa expectativa é respeitada por Christine Wolter. Os seus “caminhos através de Roma” levam aos (...) famosos monumentos – mas não se sonega que a sombra da comercialização turística paira sobre os monumentos de um grandioso passado. A relatora pretende, com uma certa dose de curiosidade turística, coleccionar impressões romanas; pois a grandiosidade não lhe turva a visão para registar pequenas observações à margem.]

Essa hábil combinação de descrições das atrações turísticas e de “pequenas observações à margem”, a mistura de elementos descritivos com passagens reflexivas em que, aqui e acolá, não se abdica de proferir algumas críticas às «típicas» injustiças sociais num «país capitalista», assim como a perspectiva feminina de duas viajantes nórdicas numa região tradicionalmente conhecida pela sua ordem patriarcal e machista que se manifesta,

<sup>268</sup> Destaques gráficos no original.

não sob uma forma militantemente feminista, mas em alguns reparos humorísticos tão característicos da universal «guerra dos sexos», resultam, no seu conjunto, num género de literatura de viagens sobre a Itália em que, contrastando com parte significativa dos livros de viagens da RDA, as marcas da proveniência das narradoras como cidadãs de um Estado quase hermeticamente fechado às «maravilhas turísticas» da Europa meridional não se sobrepõem à própria encenação textual das experiências da viagem. Para bem do leitor, seríamos tentados a concluir. Como mais à frente tentaremos ilustrar por via de uma análise comparativa de diversas representações de um outro importante lugar do imaginário colectivo dos alemães em torno da viagem, isto é, Paris, nem todos os textos viáticos produzidos por escritores da RDA revelam uma relação tão «harmoniosa» entre o escritor e o leitor. As diferentes concepções dessa relação de produção-recepção e, respectivamente, as diferentes opções por estratégias narrativas distintas devem-se, como de seguida se explicará de um modo mais aprofundado, à diversidade de funções atribuídas aos livros de viagens.

Face à severa política de viagem do regime da RDA que regulava a circulação internacional dos seus cidadãos e que, mormente no que dizia respeito à mobilidade com destino ao «estrangeiro não-socialista», lhes impunha fortíssimas restrições, transformando assim a viagem ao Ocidente num raro privilégio, os livros sobre viagens «além-muro» revestem-se, evidentemente, de funções diferentes das que constatamos em relação aos relatos de viagens (em si mesmos bastante heterogéneos) dedicados aos mais diversos países situados no hemisfério socialista. Se no caso dos livros de viagens até aqui analisados se pode verificar, senão uma perfeita consonância, pelo menos não uma intransponível dissonância entre as funções idea(liza)das pelo sistema político, por um lado, isto é, a consolidação do espírito do «Internacionalismo Socialista», e, por outro, as expectativas dos leitores/turistas que, além do prazer lúdico da leitura, por via desse *medium* procuravam adquirir informações mais pormenorizadas e/ou perspectivas (estéticas) diferentes sobre regiões que já conheciam por experiência própria ou que estariam «realmente» ao seu alcance, no que concerne às publicações dedicadas a países que lhes eram de facto *inacessíveis*, é lógico e natural que as suas expectativas não se coadunariam com os objectivos do discurso político. Enquanto na perspectiva dogmática da «grande narrativa» socialista a literatura de viagens sobre o Ocidente deveria, em última instância, assumir a função de um instrumento de contrapropaganda, cuja

missão consistiria, basicamente, em atestar e ilustrar os defeitos do sistema rival, a esmagadora maioria dos leitores da RDA terá esperado que esse género de publicações – género esse que, convém recordá-lo, é tradicionalmente entendido como um meio «factográfico» – lhes proporcionasse um retrato «verdadeiro», «autêntico», «documental», «objectivo» e/ou «fiel» de uma realidade a que de facto não tinham acesso directo. Entre esses dois pólos situa-se uma terceira instituição ou instância, a figura do «escritor de viagens», a quem, à partida, caberia portanto a difícil tarefa de ir ao encontro de duas expectativas divergentes ou mesmo irreconciliáveis ou, dito por outras palavras, de «servir dois senhores» distintos: por um lado, o poder político, que não só lhe concedia e/ou retirava o privilégio do visto para o Ocidente como sentenciava, por via da censura, mesmo sobre a sua existência profissional, e, por outro, o público que representa(va), em última instância, o poder legitimador de qualquer produto artístico. Para esta peculiar complexidade e multidimensionalidade do contexto de produção e recepção dos livros de viagens na RDA, nomeadamente daqueles dedicados aos países «além-muro», contribuíram ainda outros factores que não poderiam deixar de imprimir as suas marcas ao nível do processo de textualização/media(tiza)ção e que, por isso, também teremos de levar incontornavelmente em consideração. Referimo-nos ao que se poderá chamar de «quadro de referências ideológicas» do produtor das narrativas, isto é, os valores éticos e estéticos do próprio viajante que, por sua vez, se desdobra em diversas configurações e funções, ou seja, as de cidadão, de escritor e de figura textual.

Ainda que nos encontremos portanto perante uma série de funções e factores que na prática discursiva e representacional se manifestam sob a forma de uma intrincada e inextrincável teia textual, pensamos ser heurísticamente possível distinguir três tipos de relatos sobre viagens ao mundo não-socialista cujas estratégias de media(tiza)ção denotam, de um modo evidentemente apenas sintomático e tendencial, um maior ou menor pendor de um dos respectivos factores ou funções. Sob esta perspectiva, que assenta – convém enfatizá-lo – numa construção teórica necessariamente algo esquematizada, analisaremos, primeiro, alguns exemplos daquele género de encenações que, de certo modo, procedem a uma «demonização» dos países a ocidente da «Cortina de Ferro». De seguida, focaremos representativamente construções narrativas de viagens que, sem denegrir nem idealizarem o «paraíso proibido», parecem sobretudo desempenhar a

função cognitiva de informar, ora mais subjectiva ora mais «objectivamente», o leitor. Por fim, centrar-nos-emos sobre alguns textos de viagens em que, a nosso ver, a dimensão da auto-reflexividade estética se sobrepõe ao mero objectivo de produzir para o receptor uma simples *Erstsz* «realista» de determinados países ou regiões que lhes eram factualmente inacessíveis.

#### 4.3.1 Pelo «(sub)mundo da decadência»

Num espécie de inversão simétrica do que aqui já pudemos verificar em relação a uma série de livros de viagens sobre a União Soviética e a «comunidade dos países socialistas», cuja função principal consistira, sobretudo nos anos 1950/60, em realçar as proezas do Socialismo e propagar o espírito do «Internacionalismo Socialista», na perspectiva do discurso oficial, as representações de deslocações ao «mundo não-socialista» deveriam, antes de mais, atestar as insuficiências dos regimes capitalistas. Na verdade, parte significativa dos relatos de viagens sobre os mais diversos países ocidentais que tivemos oportunidade de consultar e de que aqui apenas podemos considerar alguns exemplos representativos não cumpriu essa «missão» com o rigor que os políticos da RDA teriam desejado. Subtraindo-se, na medida do possível, a essa tarefa puramente propagandística de proceder a uma «demonização» bacoca do «mundo além-muro», os livros sobre viagens ao «paraíso proibido» resultam, modo geral, em imagens relativamente neutras do ponto de vista político. Focando primordialmente aspectos culturais e paisagísticos, a maioria dessas representações parece ir sobretudo, conforme ainda teremos oportunidade de verificar em pormenor, ao encontro das expectativas cognitivas e lúdicas dos leitores proporcionando-lhes um eclético manancial de impressões subjectivas e informações «objectivas» de realidades estrangeiras das quais, apesar de não concretamente vividas, esses já teriam uma representação mental prévia, nomeadamente no que concerne a certos lugares da memória colectiva mundial, tais como as grandes metrópoles Roma, Londres, Nova Iorque ou Paris. Perante as evidentes dificuldades metodológicas de uma comparação das representações dessas diversas cidades e países, optámos aqui por centrar paradigmaticamente a nossa análise comparativa em diversos livros de autores e épocas diferentes sobre a mesma cidade, nomeadamente Paris.

Ainda que não possamos concordar por completo com a afirmação de Zwirner (1986: 55) sobre a alegada inexistência de representações da «outra Alemanha» “no cânone da literatura de viagens da RDA”, é todavia inquestionável que, em comparação com a França, a Itália ou mesmo os Estados Unidos, a RFA teve na vasta paisagem desse género de publicações uma presença bastante discreta. À excepção de um volume de Eduard Claudius, cujo título *Paradies ohne Seligkeit*. (1955) [Paraíso sem felicidade] expressa, por si só, todo um programa de «diabolização» da Alemanha ocidental e do livro *Spieler. Reisebilder aus Westdeutschland* (1955) [Jogadores. Imagens de viagens da Alemanha ocidental], em que Maximilian Scheer, que concebe, como vimos, a reportagem de viagem como uma «arma política», traça um retrato verdadeiramente devastador da influência «imperial» americana sobre a RFA, de facto, os textos sobre viagens à outra metade da nação alemã cingem-se a algumas breves e esporádicas aparições em antologias, como é, por exemplo, o caso de “Antagonismen”, em que Helmut Baierl (1976) descreve uma desastrosa digressão com o seu grupo de teatro pela RFA

Um dos poucos autores da RDA que nos seus diversos livros sobre as suas viagens pela Europa oriental e ocidental dedicou também vários textos à Alemanha Federal é Rolf Schneider. Na sua narrativa de viagem “Orphée oder Ich reise in den Westen” [Orpheu ou Eu viajo ao Ocidente], que dá também o título ao seu pequeno volume, de 1977, composto de diversos ensaios «impressionistas» sobre importantes locais da memória alemã, como Weimar e Nuremberga, entre outros, Schneider oferece ao leitor um daqueles relatos de viagens em que o mundo ocidental se apresenta de um modo nada «paradisíaco». Conforme é aludido pelo próprio título, a viagem configura-se como uma descida ao «submundo da falsidade». Uma vez passadas todas as desagradáveis tramóias aduaneiras e atravessado o «espelho» para o outro lado, a figura do viajante depara, logo no aeroporto de Berlim ocidental, com um outro mundo, labiríntico, sombrio e hipócrita (Schneider, 1997: 30s):

Ein Grenzpolizist überprüft zum letztenmal Paß und Visum. (...) Danach beginnt eine Welt anderer Waren und anderer Währungen. Der Spiegel ist durchschritten. Sofern sich Orphée auf ein Labyrinth eingerichtet hat, findet er es: Gänge zu verschiedenen Bahnsteigen. (...) Der Geruch auf dem Bahnsteig war noch der gleiche, der unverkennbar brandige Geruch aller

U-Bahnschächte in dieser Doppelstadt. Im Inneren des Wagens ist die Luft gesättigt vom süßen Geruch fermentierter Zigaretten. Die Menschen auf den Sitzbänken zeigen graugrüne Gesichter, eingefärbt durch die Lichter von Neon-Röhren. Sie lesen Zeitungen mit fremdartigem Layout. Jedenfalls hier sieht Orphée sich sofort bestätigt; die Schlagzeilen der Zeitungen handeln bevorzugt von Toten: Selbstmördern, Erschlagenen, letalen Unfällen.(...) Übergang zum Flughafen. Hastiger Erwerb eines Tickets. Vor dem Durchqueren der Sperre wird ein Besuch bei Westberliner Polizisten notwendig, die einen Fragebogen vorlegen, genaue Auskünfte erfragen, den Paß im harten Dunkelblau betrachten, aufblicken, dabei unentschieden zwischen höhnischer Freundlichkeit und Mißtrauen. Sie spenden den erforderlichen Stempel.

[Um polícia aduaneiro controla pela última vez o passaporte e o visto. Depois começa um mundo de outros produtos e outras moedas. Foi atravessado o espelho. Na medida em que Orpheu se preparara para um labirinto, aqui o encontra: corredores para diferentes cais. (...) O cheiro no cais da estação ainda era o mesmo, o cheiro inconfundivelmente ferrugento de todos os corredores subterrâneos do metropolitano nesta dupla cidade. No interior dos vagões o ar está saturado do cheiro adocicado de cigarros fermentados. As pessoas nos assentos mostram caras de um verde acinzentado, coloridas pelas luzes dos tubos de néon. Lêem jornais com estranhos *layouts*. Não há dúvida de que pelo menos aqui Orpheu se vê confirmado; as manchetes dos jornais tratam preferencialmente de mortos; suicidas, assassinados, acidentes letais. (...) Passagem para o aeroporto. Compra apressada de um bilhete de avião. Antes de passar a barreira impõe-se uma visita aos polícias de Berlim ocidental, que apresentam um questionário, exigem informações muito detalhadas, observam o passaporte com a capa de um duro azul escuro, levantam o seu olhar, indecisos entre uma simpatia hipócrita e a desconfiança. Eles doam o carimbo necessário.]

O destino da sua deslocação, Frankfurt no Meno, revela-se, desde o primeiro momento, um cenário banal, aparentemente típico da megalomania ocidental, da uniformidade e anonimidade de todas as grandes cidades da RFA (*idem*: 31):

Betrachten wir also diese Stadt Frankfurt am Main. Sie ist austauschbar gegen andere Städte mit den Namen München, Hamburg, Düsseldorf, Köln; in

jeder wird örtlich Unverwechselbares überwuchert von lauter Austauschbarkeit, und jede scheint dazu verurteilt, Partikel einer zusammenwachsenden Megapolis zu sein, so groß und so gleich wie das Land, das sie trägt.

[Observemos portanto esta cidade Frankfurt no Meno. Ela é permutável por outras cidades com nomes como Munique, Hamburgo, Düsseldorf, Colônia; em cada uma delas aquilo que é local e incomparável é sufocado por uma imensa permutabilidade, e cada uma delas parece estar condenada a ser uma partícula de uma emergente *megapolis*, tão grande e tão igual como o país que a suporta.]

Um passeio pela cidade não só corrobora a primeira impressão negativa como proporciona ao viajante encontrar sinais de decadência e alienação visíveis desde na poluição causada pelas intermináveis filas do trânsito automóvel às expressões faciais dos seus condutores (*ibid.*):

An Labyrinth ist kein Mangel. Begeben wir uns also am späten Nachmittag zu einer Kreuzung der Mainzer Landstraße, blicken wir in den Fluß aus Blech und bleiversetztem Kohlenmonoxyd zwischen zwei Fahrbahnrandern. Der Fluß ist von ständigem Stau bedroht; derart haben wir Gelegenheit, die Gesichter der Fahrenden zu betrachten. Es sind verhärtete Gesichter. Es sind müde Gesichter. Es sind böse Gesichter. Es sind kranke Gesichter. Es sind fremde Gesichter. Es sind Gesichter, imprägniert vom Gift der Maschinen, über die sie gebieten. Es sind Gesichter der Moribunden und Mörder.

Oder ist das alles ein Irrtum? Erliegt Orphée seinen eigenen Legenden?

[Labirintos não escasseiam. Dirijamo-nos então, ao fim da tarde, a um cruzamento da Mainzer Landstraße, olhemos para o rio de chapa trespassado de carbono monóxido entre as suas duas margens que enquadram a faixa de rodagem. O fluxo está ameaçado de uma paragem constante; assim sendo temos oportunidade de observarmos as caras dos condutores. São caras endurecidas. São caras fatigadas. São caras más. São caras doentes. São caras estranhas. São caras impregnadas do veneno das máquinas que eles dominam. São caras de moribundos e assassinos.

Ou será isto tudo um engano? Será que Orpheu sucumbe às suas próprias lendas?]

Ciente de que os preconceitos e as aparências podem iludir, o que incentiva uma percepção demasiadamente esquemática, o viajante-narrador entrega-se por isso a uma longa e profunda reflexão sobre as causas dessa sua primeira imagem em tudo negativa. Ainda que essa auto-reflexão o leve a perceber o porquê desse «outro mundo» se lhe apresentar de um modo tão estranho, nomeadamente porque se rege por um sistema político, social e cultural “americanizado” que, submetendo o ser humano a um excesso de estímulos e imagens sensoriais assim como à racionalidade (capitalista) da máquina, da economia e do lucro, lhe retira a profundidade da essência e lhe imprime esse notório egocentrismo e egoísmo superficiais, o desconforto da figura do viajante perante essa estranha realidade não é atenuado mas retoricamente confirmado, sobretudo pelo facto de se encontrar na posição privilegiada de um observador exterior ao sistema (*idem*: 32):

Das Gefühl der Befremdung sucht uns heim wie kein anderes. Befragt über Gründe, müssen wir ausweichen. Unsere Antwort lautet (wir sind uns des Ungefähren bewußt): Diese Welt sei in stupendem Maße amerikanisiert, ihren Bewohnern darin kaum noch auffällig, uns Außenstehenden um so mehr.

Wir meinen Äußerlichkeiten damit, doch nicht bloß sie. Zum Äußeren gehört der schmerzhafteste Ansturm sensueller Reize. Geräusche, Bewegungen, Farben. Optische Signale. Akustische Botschaften. Lettern und Zeichen im Übermaß, einander überbietend, einander verdrängend, sich mischend unter Signale, die keinen anderen Zweck haben als sich selbst, versinkend darin, Infusorien eines Mahlstroms aggressiver Impulse, die müde machen, gegen deren ständige Wiederkehr es keine andere Abwehr gibt als Gleichgültigkeit.

Dies ist, so scheint es, einer der Ursachen für jene selbstverständliche Ich-Besessenheit, die das allgemeine Leben hier prägt. Sie sind Konkurrenten. Sie zu überrunden, lohnt es die äußerste Anstrengung aller Kräfte; derart produziert sich wirtschaftliche Effizienz.

[Somos assaltados por um sentimento de estranhamento. Interrogados sobre a causa, somos obrigados a esquivarmo-nos. A nossa resposta é (temos consciência do vago): o mundo estaria estupendamente americanizado, o que os seus habitantes já nem sequer notariam, a nós, estando de fora, ainda nos saltaria mais à vista.



Com isto referimo-nos a aspectos exteriores, mas não só. Do exterior fazem parte o doloroso assalto de estímulos sensoriais. Cheiros, movimentos, cores. Sinais ópticos. Mensagens acústicas. Letras e signos em medidas excessivas, concorrendo uns com os outros, acotovelando-se uns aos outros, misturando-se entre sinais que não têm outro fim senão eles mesmos, aí submergindo, infusórios de um fluxo triturador de impulsos agressivos que fatigam e contra o seu constante regresso não há outra defesa senão a indiferença.

Isto é, assim parece, uma das causas daquele evidente egocentrismo que aqui cunha a vida. São concorrentes. Para os ultrapassar vale a pena ir até ao extremo limite de todas as forças; é assim que se produz a eficiência económica.]

Em suma, pode-se portanto afirmar que a sua breve excursão «ao outro lado do espelho» serviu ao viajante oriundo de um mundo que aparentemente ainda não teria sucumbido ao reino das ilusões criado pelo capitalismo e às suas «terríveis» repercussões para a vida humana em sociedade como uma inequívoca confirmação de que, afinal de contas, seria mais aconselhável ficar-se do «lado de cá» do espelho, isto é, da «Cortina de Ferro». O seu regresso à estação principal de Berlim Leste é assim encenado, num contraste absoluto com a sua experiência das grandes cidades na RFA, como um reencontro tranquilo com a pacata normalidade da pátria. Tudo segue a sua bem regrada ordem; aqui já não haveria aquela confusão labiríntica na qual o indivíduo se pudesse perder (*idem*: 36):

(...) Bahnhof Friedrichstraße: Schilder machen den Weg kenntlich. An einem Schalter wird der Reisepaß gegen einen kleinen Papierstreifen mit aufgedruckter Nummer gewechselt. Eine Lautsprecherstimme nennt eine Zahl (...). An einem anderen Schalter wird der Streifen gegen den Paß gestauscht. Zehn Schritte weiter nehmen Zöllner die vorgedruckte Erklärung in Empfang. Sie stellen kurze Fragen. Sie entwerten das Papier. Der Passagier tritt durch eine Pendeltür auf den Vorplatz des Bahnhofs (...). Es ist kaum Verkehr. Ein paar Leuchtbuchstaben stehen in der Dunkelheit: wenige. (...) Die Luft ist warm. Sie riecht sehr vertraut.

[(...) Estação Friedrichstraße: placas indicam o caminho. Num guiché o passaporte é trocado por uma pequena fita de papel com um número impresso. Uma voz do altifalante enuncia um número (...). Num outro guiché a fita é

trocada pelo passaporte. Dez passos mais à frente os aduaneiros recebem a declaração num impresso. Fazem perguntas curtas. Obliteram o papel. O passageiro passa por uma porta pendular para a praça à frente da estação. (...) Quase não há trânsito. Vêem-se algumas letras fluorescentes no escuro: poucas. (...) O ar está quente. Tem um cheiro muito familiar.]

O mesmo volume de Schneider inclui ainda dois outros textos sobre viagens à Alemanha ocidental, nomeadamente a Nuremberga e a Hamburgo. Conforme anunciado pelo próprio título “Nürnberg oder Variationen über die Bösigkeit” [Nuremberga ou Variações sobre a maldade], a visita à cidade dos *Reichsparteitage* do partido nacional-socialista oferece ao autor um pretexto para uma longa reflexão sobre o passado fascista e suas reminiscências na ordem económica e social do “capitalismo tardio” do presente (*idem*: 45):

Natürlich prägen Steine keinen Zeitgeist, behaune, zu Gebäuden und Straßen und Städten gefügte Steine prägen ihn nicht, sowenig wie sie ihn verkörpern oder gar hervorbringen. Natürlich schleppe ich Erinnerungen mit mir herum, Vorurteile vielleicht; Faschismus, das weiß ich aber, ist eine besondere und radikale Herrschaftsform im späten Kapitalismus, folgt wirtschaftlichen und sozialen Gegebenheiten, sie ist nicht darauf angewiesen, zwischen gotischen Türme zu nisten.

[É evidente que as pedras não cunham o *Zeitgeist* de determinada época, pedras trabalhadas, transformadas num conjunto de edifícios e ruas e cidades não o cunham, tão-pouco o prefiguram e ainda menos o fazem emergir. É evidente que transporto comigo recordações, talvez preconceitos; o fascismo, isso sei porém, é uma forma de tirania específica e radical no capitalismo tardio, segue circunstâncias económicas e sociais e não precisa de se aninhar entre torres góticas.]

Enquanto por Nuremberga não consegue desenvolver qualquer espécie de empatia, por se tratar de uma cidade em que as marcas petrificadas do nacional-socialismo estariam ainda demasiadamente patentes, Hamburgo, pelo contrário, desencadeia na figura do viajante um forte sentimento de simpatia, o que é, desde logo, expresso no título do texto que lhe é dedicado: “Liebe” [Amor]. Ainda que, nesse breve «retrato de cidade», o narrador

alegria desconhecer a razão desse seu «amor à primeira vista» – “Eu amo Hamburgo, e este amor foi espontâneo, irreversível; assim se manteve, desde o meu primeiro contacto com ela, em 1965, até ao dia de hoje. (...) Amo Hamburgo. Não tenho explicação. É simplesmente assim!” (*idem*: 57, 62) – certo é que a representação de Hamburgo como o “espaço vital da democracia” (*ibid.*:59), por excelência, tradição liberal essa que é repetidamente lembrada e enunciada, nos sugere ser o principal móbil da relação íntima e sentimental que o viajante estabelece com a cidade. Em todo caso, é curioso verificar-se como o autor parece mesmo sentir-se pressionado a explicar e legitimar esse «amor imoral» de um bom cidadão socialista por uma metrópole no «hemisfério do mal», mormente na «outra Alemanha imperialista», conforme frequentemente era designada a RFA.

Mas Rolf Schneider não descreveu apenas as suas viagens «inter-alemãs». O volume *Annäherungen & Ankunft* (1982) [Aproximações & Chegada] reúne relatos diversos dos seus múltiplos périplos. Entre uma série de textos dedicados às suas viagens dentro da própria RDA assim como por diversas regiões das vizinhas Polónia e Checoslováquia, destaca-se um relato sobre Viena que ilustra, de um modo exemplar, o que aqui designamos de estratégia de «demonização» do «mundo além-muro». Sob o pretexto da sua tradicional imagem como capital do decadentismo finissecular, Viena é assim submetida a uma encenação extremamente sombria sendo projectada como a cidade da “tristesse” (Schneider, 1982: 81), da “morte e da mentira” (*ibid.*: 82). O texto mais extenso desse volume é, no entanto, constituído por um relato de uma viagem à França que, de seguida, submeteremos a uma análise algo mais pormenorizada.

*Von Paris nach Frankreich. Reisenotizen* [De Paris até à França. Apon-tamentos de viagem], cuja publicação original data de 1975 mas que aqui citaremos a partir da sua inclusão na supra mencionada antologia, representa, a nosso ver, um daqueles casos paradigmáticos em que o autor parece empenhado em servir, ao mesmo tempo, dois «senhores» diferentes, ou seja, oferecer, por um lado, uma visão crítica dos regimes e modos de vida ocidentais e, por outro, transmitir aos leitores uma imagem, na medida do possível, diversificada e «autêntica» de um país cuja representação se inscreve numa longa tradição literária. Não surpreende portanto que este relato comece precisamente com uma reflexão sobre esse denso “véu” literário que envolve Paris e que o viajante-narrador se propõe “dissecar” a fim de poder ver a «realidade» que essa tradição discursiva oculta (Schneider, 1982: 102s):

Ich glaube, man kann London besuchen, ohne ein einziges Mal an Dickens zu denken. Ich glaube, Berlin ist weit vielgestaltiger als die Gestalten von Döblin oder Fallada oder Fontane: ein Dutzend, die sich verlieren unter ein paar Millionen. Das alte Petersburg, das heutige Leningrad, scheint auf besondere Weise von schöner Literatur infiziert: die Höfe und Gassen Dostojewskis, Puschkins Duell, der Lenin in Majakowskis Poem und der Schmerz in den Versen der Achmatowa. (...) Ich glaube, es gibt keine Stadt auf der Welt, die so sehr von schöner Literatur verstellt ist wie Paris. Wie ein Schleier hängt das herab, mühsam zu zerteilen.

[Penso que é possível visitar-se Londres sem se pensar uma única vez em Dickens. Penso que Berlim tem múltiplas figurações, não se limitando de forma alguma àquelas esboçadas pelas figuras de Döblin ou Fallada ou Fontane: uma dúzia que se perde entre alguns milhões. A velha S. Petersburgo, a Leninegrado de hoje, parece estar infectada de um modo especial de bela literatura: os pátios, becos e ruelas de Dostoievski, o duelo de Pushkin, o Lenine dos poemas de Maiakovski e a dor nos de Achmatova. (...) Penso que não há qualquer outra cidade do mundo que esteja tão envolta de bela literatura como Paris. Isso cai sobre ela como um véu, difícil de dissecar.]

Enquanto o avião se prepara para a aterragem no aeroporto Le Bourget, o viajante-narrador faz desfilas perante o leitor todo um manancial de referências de índole literária, enumerando uma série de cenários e figuras romanescos assim como uma verdadeira cascata de nomes de poetas (Balzac, Villon, Cocteau, Aragon, Dumas, Heine, etc.), que impregnam a sua representação prévia de Paris. Mas esta densa *imagerie* ou, melhor, *rêverie* não irá resistir à «experiência real», assistindo-se logo no primeiro contacto concreto com a cidade a uma cabal desilusão. O palimpsesto de imagens veiculadas pela tradição literária desmorona-se perante a Paris «real» que se revela extremamente desoladora (*idem*: 103):

Die ersten Eindrücke sind Schmutz und rettungslose Übervölkerung. Das Taxi fährt vorbei an Fabrikmauern, Schornsteinen, an Miethäusern mit runzigen Gesichtern und trüben Augen. Der Himmel ist violett. Zerfetzte Plakate flattern von den Zäunen, dreckig und bunt. Die leeren Tische vor den Kaffehäusern scheinen zu frieren. (...) Der Verkehr wird dichter (...); die Läden werden kleiner und bunter (...). Die Farben überschreien einander nicht. Sie

scheinen tot zu sein. Ich sehe weder Kinder noch Hunde. Der Wagen, in dem ich sitze, droht zu ertrinken in einem Meer aus Blech. (...) Von der Place St. Michel, die um diese Stunde nichts anderes ist als irgendein von zuviel Verkehr überspülter Platz, fährt der Wagen in eine enge Gasse und hält.

[As primeiras impressões são imundice e um irremediável excesso populacional. O táxi passa por muros de fábricas, chaminés, por prédios residenciais com caras enrugadas e olhos turvos. O céu é violeta. Nas cercas, cartazes rasgados tremulam ao vento, sujos e coloridos. As mesas vazias à frente dos cafés parecem ter frio. (...) O trânsito torna-se mais denso (...); as lojas tornam-se mais pequenas e mais coloridas (...). As cores não são esganiçadas. Parecem estar mortas. Não vejo nem crianças nem cães. O carro em que estou sentado ameaça afogar-se numa mar de chapa. (...) Da *Place St. Michel*, que a esta hora não passa de uma qualquer praça inundada de um trânsito tremendo, o carro vira para uma ruela estreita e pára.]

É certo que os longos passeios por quarteirões diversos, por praças, avenidas, ruas e ruelas e as suas visitas a museus, clubes de jazz, bibliotecas e livrarias, aos quais o *flâneur* se entrega durante a sua curta estada em Paris, vão atenuado essas devastadoras impressões da chegada. Mesmo assim, não se pode de modo algum considerar que o «retrato parisiense» de Schneider tenha proporcionado aos leitores da RDA o prazer de acompanhar a figura do viajante, ainda que apenas virtualmente, numa agradável descoberta de uma «cidade de sonhos». Apesar de o narrador os conduzir, numa espécie de *sightseeing* literário, às principais atracções turísticas de Paris (Montmartre, Torre Eiffel, Champs-Élysées, Place Pigalle, Sacré-Coeur, Quartier Latin, etc.), são, porém, raros os lugares que não lhe suscitam severos comentários ou, pelo menos, algumas relativizações críticas. A famosa avenida dos Campos Elísios, por exemplo, é submetida a uma representação que arrasa todos os habituais *clichés* acerca da sua beleza e elegância (*idem*: 109):

Eine schreiende Lüge ist es, als schönste Straße von Paris die Avenue des Champs-Élysées zu nennen. Sehr breit, entsetzlich lang und mit vielen kahlen Bäumen bestückt, geht sie von der Place de la Concorde aufwärts bis zum Triumphbogen und bietet vor allem Platz für schnellrollende Automobile. Östlich des Rond-Point ist sie nichts anderes als eine Art Volksgarten, mit

Bänken, Kiosken und einem Puppentheater. Hinter dem grauen Redaktionsgebäude der konservativen Tageszeitung *Le Figaro* beginnt dann erst, was unermüdliche Werbemünder als Inbegriff Pariser Eleganz anpreisen, was sich aber bei näherem Hinsehen nur als Ansammlung von angelsächsischen und amerikanischen Versatzstücken zeigt.

[É uma mentira aberrante considerar-se a *Avenue des Champs-Élysées* a mais bela rua de Paris. Muito larga, horrendamente longa e adornada com muitas árvores calvas, ela sobe da *Place de la Concorde* até ao Arco do Triunfo, dando sobretudo lugar a automóveis que rolam a alta velocidade. A leste do *Rond-Point* ela não é senão uma espécie de jardim popular, com bancos, quiosques e um teatro de marionetes. Atrás do edifício de redacção cinzento do diário conservador *Le Figaro* começa então aquilo que as incansáveis vozes promotoras propagandeiam como a essência da elegância parisiense, o que numa observação mais atenta se revela, porém, como uma mera acumulação de retalhos anglo-saxónicos e americanos.]

O narrador distancia-se claramente de um território onde “os transeuntes falam em todos os idiomas possíveis do capitalismo europeu e respiram com prazer o que julgam ser os bons ares de Paris mas que, na verdade, se compõem substancialmente dos gases de escape dos automóveis” (*idem*: 110). A paisagem humana e arquitectónica da zona em redor dos *Champs-Élysées*, um “domínio da burguesia parisiense e sua multissecular arrogância” (*ibid.*), apresenta-se-lhe, em suma, como um espectáculo ridículo em que as “belas, magras e muito sintéticas criaturas” (*ibid.*) dos manequins, não passando de meras figurantes, vivem a ilusão de serem as protagonistas de um palco e de uma encenação cujas regras de jogo são determinadas por um sistema de poderes de que essas «marionetas» não têm sequer a mínima consciência.

Constituindo, para qualquer «viajante sensível» com consciência social – pois é assim que o autor insiste em auto-encenar-se – um verdadeiro lugar de culto, a casa onde Heinrich Heine morara durante os seus últimos e dolorosos anos de vida encontra-se, lamentavelmente, submersa entre os pomposos e monótonos edifícios que representam a ordem (semi-)universal do poder capitalista (*ibid.*):

In der Avenue Matignon muß man lange suchen, zwischen glatten Botenschaftsgebäuden, Versicherungshäusern und dem Medien-Palast von Time-Life, ehe sich das Haus finden läßt, wo Heinrich Heines Matratzengruft<sup>269</sup> stand und wo er sich, seine Schmerzen zu ertragen, Opium in eine ständig geöffnete Wunde schüttete.

[Na *Avenue Matignon* é preciso procurar-se muito, entre edifícios de embaixadas bem polidos, empresas seguradoras e o palácio dos média da *Time-Life*, até se encontrar a casa onde estivera a cova do colchão de Heinrich Heine e onde ele, para suportar as suas dores, irrigara uma ferida permanentemente aberta com ópio.]

O seu nostálgico passeio pelo *Bois de Bologne* «em busca dos tempos perdidos», onde procura, em vão, reminiscências da história literária e cultural, também não é capaz de proporcionar ao narrador um momento de satisfação, consubstanciando, pelo contrário, mais uma desolação (*ibid.*):

Der Bois de Bologne: teure Sportwagen, Pferde, Villen und die kostspieligsten Huren von Paris. Auf der Suche nach Marcel Proust finden sich keine Spuren mehr, bloß Namen, die Erinnerung erregen.

[O *Bois de Bologne*: carros desportivos de gama alta, cavalos, mansões e as prostitutas mais caras de Paris. Na busca por Marcel Proust já não se encontram vestígios, apenas nomes que despoletam recordações.]

Tal como o *Trocadéro*, que é descrito como “frio, mundano e daquela *grandeur* francesa que não passa de uma outra palavra para uma dispendiosa monotonia” (*ibid.*), também o *ex libris* propriamente dito da cidade, a Torre Eiffel, não representa senão uma horrenda desilusão (*ibid.*):

All mein Entzücken für das Gußeisen Fouriers versagt vor dem Eiffelturm: er mag für andere grandios sein oder komisch, ich finde ihn bloß erschreckend. Ich sehe zu, wie die Aufzüge in den Grundpfeilern nach oben schweben. Ich versage es mir, eine Eintrittskarte für eine Aussichtsplattform

<sup>269</sup> Assim chamou o próprio Heine simbolicamente ao lugar onde passou os últimos anos de sofrimento da sua vida, ou seja, na cama de um pequeno apartamento no centro de Paris.

zu erwerben. Ohnehin ist es dämmrig. Der Wind weht sehr kalt. Ich blicke in das schwarze Geäst der Bäume, hinter denen irgendwo das Lateinische Viertel liegt, höchstens ein paar Kilometer von hier und dennoch weltenfern und tatsächlich eine andere Welt.

[Todo o meu encanto pelo ferro fundido de Fourier se desmorona perante a Torre Eiffel: para outros, poderá ser grandiosa ou estranha, eu próprio apenas a acho horrenda. Observo como os elevadores nas colunas basilares flutuam para cima. Privo-me de comprar um bilhete de entrada para uma plataforma de vista panorâmica. De qualquer modo, também já está a escurecer. O vento sopra muito frio. Olho para a ramagem negra das árvores, atrás das quais se encontra algures o quarteirão latino, no máximo, a uns escassos quilómetros daqui e, ainda assim, à distância de um mundo inteiro sendo, de facto, um outro mundo.]

Na verdade, o *Quartier Latin* configura-se ao narrador como “um outro mundo”, radicalmente diferente dessa Paris «burguesa das fachadas», da «hipocrisia» e das «megalomanias», sendo representado como um espaço vivo e aprazível onde o viajante consegue colher as impressões mais positivas de toda a cidade. Todavia, isto não o impede de apontar também algumas manchas mais sombrias de um quarteirão onde coabitam as mais diversas culturas. Ainda que a forte presença dos imigrantes do Norte de África imprima às ruelas um ar exótico repleto de cheiros agradáveis, “aromas penetrantes de comidas estranhas, *couscous*, borrego, atum, menta, alho, anis, azeitonas” (*idem*: 115), o narrador não se deixa embalar pelo ambiente pseudo-romântico de um multiculturalismo aparentemente harmonioso. Ele chama também a atenção para as zonas de conflito, nomeadamente para as difíceis condições de vida das marginalizadas comunidades de imigrantes nos bairros de lata (*ibid.*):

Daß sich die Nordafrikaner hier treffen, bedeutet nicht, daß sie durchweg hier wohnen. Ihre Schlafquartiere sind der Stadtrand, die Banlieue, wo es riesige endlose weiße Betonsiedlungen gibt, tödliche Kompositionen aus Hochhäusern: aber auch hier wohnen sie noch nicht, sie haben bloß diese Konstruktionen errichtet, sie selber hausen in Wellblechsiedlungen, bidonvilles, die den äußeren Rand der Metropole markieren, Territorien aus Müll, Schmutz und Armut.



[O facto de os norte-africanos se encontrarem aqui não significa que morem todos aqui. Os seus dormitórios estão não na margem da cidade, na *banlieue*, onde há gigantescos, intermináveis bairros brancos, composições mortais de prédios altos: mas também ainda não aqui que eles moram, apenas erigiram estas construções, eles próprios habitam bairros de lata, *bidonvilles*, que marcam a margem extrema da metrópole, territórios de lixo, sujidade e pobreza.]

Na mesma zona da cidade, no histórico *Quartier Latin*, a figura do viajante depara ainda com outras tensões e contradições que se sobrepõem a alguns nichos anacrónicos da «boa velha» Paris, cujo progressivo desaparecimento é, melancolicamente, lamentado (*idem*: 117):

In diesem Quartier gibt es auch noch die letzten Jazz-Lokale von Paris, im zweiten Kellergeschoß unter der Erde, die Feuchtigkeit tropft aus den porösen Mauern, sieben Leute spielen ihren lustigen oder melancholischen Dixieland, das Publikum hockt auf rohen Holzbänken (...) und an der Bar steht traurig und frierend ein magerer Neger und schüttet unverdünnten Ricard in sich hinein. Aber die Zeit dieses guten alten Jazz ist vorläufig vorbei. Die Gitarren von Liverpool haben den Kontinent ergriffen, und in diesem Viertel hat man sie gratis.

[Neste *quartier* há ainda os últimos bares de jazz de Paris, nas profundidades das subcaves, onde a humidade pinga dos muros porosos, sete pessoas tocam o seu *Dixieland* alegre ou melancólico, o público está sentado em altos bancos de madeira (...) e ao balcão encontra-se, triste e a tremer de frio, um negro magro a deitar *Ricard* puro para dentro. Mas o tempo deste bom velho jazz chegou, por agora, ao seu fim. As guitarras de Liverpool conquistaram o continente, e neste quarteirão há-as de borla.]

Esse crescente predomínio do «modelo anglo-saxónico» na Europa ocidental manifesta-se, segundo a perspectiva do narrador, sobremaneira na cultura dos jovens, numa geração perdida que se refugia num «paraíso artificial» das drogas e de alguns simples acordes de guitarra, “mundo escapista” esse que, face ao seu notório esvaziamento de qualquer ideal ou projecto sociopolítico, o sistema capitalista controla sem problema de maior (*idem*: 117 s):

An der Kreuzung (...) stehen fünf von Haschisch betäubte Jungen und singen schrill und selbstverständlich ihr Lied von *love that never comes back*. (...) Hundert Meter weiter, vor einem Straßencafé am Boulevard St. Michel, geht eine schöne und völlig zerlumpte Britin mit ihrer Gitarre von Tisch zu Tisch, singt dabei ihre traurigen Strophen, sucht keinerlei Reaktion bei den Zuhörern und erhält auch keine; teure Sportwagen quälen sich pulkweise durch die Trauben von gestikulierenden und manchmal bettelnden jungen Leuten; und ab zehn Uhr abends finden sich die Polizeistreifen ein, darauf zu achten, daß in diesem Gewühl keine ordnungsgefährdende Revolte keime. Ihre Furcht ist vermutlich unbegründet. Diesen aus aller Welt hergewehten Jugendlichen steht der Sinn nicht nach Aufruhr. Sie schaffen sich mit Drogen, Saitenakkorden und Armut ihre eigene eskapistische Welt.

[No cruzamento (...) estão cinco rapazes anestesiados de haxixe cantando, estridentes e com toda a naturalidade, a canção do *love that never comes back*. (...) Cem metros mais à frente, defronte a uma esplanada de café no *Boulevard St. Michel*, uma bela jovem britânica, completamente esfarrapada, vai de mesa em mesa com a sua guitarra e canta as suas tristes estrofes, não procura qualquer reacção dos ouvintes e, portanto, também não a recebe; carros desportivos de topo de gama movimentam-se a muito custo por entre cachos de jovens a gesticular e, por vezes, a pedir; e, a partir das dez horas da noite, aparecem as patrulhas policiais, a fim de prevenir que nesta confusão possa germinar uma revolta que pusesse a ordem em perigo. O seu receio é, presumivelmente, infundado. Estes jovens, vindos com o vento de todo o mundo, não estão inclinados para a revolta. Eles criam, por via das drogas, dos acordes e da pobreza, o seu próprio mundo escapista.]

Curiosa e significativamente, o «atento observador» não perde uma única palavra nem sobre as revoltas estudantis de 1968 nem sobre a vaga de greves que, na altura da sua presença em Paris, não poderia ter deixado de se fazer sentir no ambiente da cidade.

Outro ponto (literalmente) alto das suas incursões pela cidade é a subida ao “monte dos moinhos vermelhos, o reino dos impressionistas” (*idem*: 115). Mesmo que junto ao *Sacré-Coeur* se sinta incomodado pela presença excessiva de turistas e de monumentos católicos, a pretensa sensibilidade estética do narrador é, ainda assim, compensada com o prazer de poder aí usufruir de um panorama sublime imbuído da belíssima

luminosidade eternizada na história da pintura. Descendo pelas ruelas e escadarias que “serviram, em dezenas de filmes franceses, como cenários de histórias de amor e tristes paixões”, o nostálgico *flâneur* encontra, no cemitério de *Montmartre*, um momento de tranquilidade junto do túmulo de Heinrich Heine (*ibid.*):

Dort oben [am Sacré-Coeur] ballen sich Touristennepp, langweiliger Katholizismus und der Geruch unsauberer Latrinen. Ich wende mich lieber zur Stadt zurück, da ist es, daß ein ubeschreibliches Licht auf den Dächern liegt, warm und irrlichtend, das ungläubliche Licht der Île de France, dem drei Generationen von Malern verfielen. Dann der Weg zurück, dem Friedhof von Montmartre zu, wo der Geliebte der süßen dicken Mathilde begraben liegt, Henri Heine.

[Lá no alto (no *Sacré-Coeur*) amontoam-se a burla turística, o entediante catolicismo e o cheiro de latrinas por limpar. Prefiro virar-me para a cidade, e é aí que há uma luz indescritível sobre os telhados, quente e fugaz, a incrível luminosidade da *Île de France* a que três gerações de pintores sucumbiram. Depois, o caminho de regresso, em direcção ao cemitério de *Montmartre* onde se encontra sepultado o amante da rechonchuda Mathilde, Henri Heine.]

Uma vez que num «roteiro parisiense» – mesmo que encenado sob a forma de um relato «literário» – não podem faltar, para além de todas as reminiscências histórico-culturais, as habituais referências à (*haute*) *cuisine française*, o narrador-viajante não pode deixar de tecer também alguns comentários sobre a gastronomia. Chegada a hora de jantar, colocam-se-lhe três hipóteses de restaurantes bem diferentes entre si, respectivamente destinados a clientelas distintas. O outrora «aristocrático» *Hotel d’Alsace*, onde “onde, há setenta anos, falecera o empobrecido e proscrito Oscar Wilde, (...) que acabara de se escapar da prisão”, fica logo fora de questão, visto que entretanto aí se instalara “uma fraudulenta empresa gastronómica” (*idem*: 116), isto é, um *fast food* «americanizado». A segunda alternativa é constituída por um restaurante cujos ambiente caricato, serviço antipático e preços exagerados levam o narrador a optar por uma «casa de pasto» minúscula, mas simpática e economicamente acessível (*idem*: 116):

Patron und Servierkräfte sind von denkwürdiger Unhöflichkeit. Es gibt keine Speisekarte. Es gibt eine Schiefertafel neben dem Eingang, darauf ist das Speiseangebot mit Kreide notiert, und die Gäste an den Tischen erhalten Operngläser, damit sie es studieren können. Roger la Grenouilles Restaurant ist (...) ein Museum des vollkommensten Nonsens, außerdem ist es teuer hier, aber wer es sich leisten kann, ißt hier *Coquilles St. Jacques á* (sic) *la crème*, sie soll außerordentlich sein. Billiger ist *La Grillade* (...); ein winziges mittelalterliches Gasthaus (...); dies ist eines der wenigen Restaurants des Quartiers, wo statt englisch noch überwiegend französisch gesprochen wird, und man erhält für wenig Geld auf einem Holzbrett ein gigantisches *Entrecôte* mit hineingespießtem Messer.

[O patrão e os empregados de mesa são de uma impressionante antipatia. Não há ementa. Há apenas uma lousa junto à entrada onde se pode ler a oferta de comida apontada a giz, e aos clientes às mesas são postos à disposição uns binóculos de teatro para poderem estudar o que lá está escrito. O restaurante de Roger la Grenouille é (...) um museu do disparate absoluto, além do mais, é caro, mas aqueles que o podem pagar comem aqui *Coquilles St. Jacques á* (sic) *la creme*, que consta ser deliciosa. O *La Grillade* é mais barato (...); é uma minúscula casa de pasto medieval (...), sendo um dos poucos restaurantes do *Quartier Latin* onde, em vez de inglês, ainda se fala predominantemente francês e onde, por pouco dinheiro, é servido numa tábua de madeira um enorme *Entrecôte* com um faca espetada na carne.]

Na verdade, estas breves referências ao simples prazer da degustação representam uma das poucas passagens em que o narrador parece ir – ainda assim, não sem prescindir de uma certa crítica – ao encontro das (prováveis) expectativas do leitor, ou seja, a de ser apresentado com uma «ilusão referencial» da aura de leveza «tipicamente» parisiense, daquele *savoir vivre* à francesa que, aparentemente, contrasta em absoluto com a austeridade alemã, nomeadamente com o «quotidiano cinzento» da RDA. De notar ainda que a insistência em colorir-se o relato com uma imensidão de expressões francesas, muitas das quais poderiam ter sido facilmente traduzidas para alemão, representa nesta descrição textual um importante factor estilístico que contribui, à semelhança do que acontece na literatura de viagens em geral, para a criação do efeito de um ambiente exótico, «genuíno» e «autêntico».

Conforme indicado no próprio título *Von Paris nach Frankreich*, a metrópole parisiense constitui apenas uma etapa do périplo francês de Rolf Schneider. Tendo quase um mês inteiro e um pouco de dinheiro à sua disposição, o narrador compra um dos famosos *Guide Bleu* da Michelin e, perante a descoberta de que “em França há de tudo que transforma um país num destino ideal para viajar” (*idem*: 119), propõe-se explorar um pouco da grande diversidade paisagística e cultural que a «província» lhe teria a oferecer (*ibid.*):

Hoch-und Mittelgebirge und Binnensee und Flußtäler und Ebenen, es gibt ewigen Schnee und ewige Palmen, und See gibt es gleich dreimal: als Ärmelkanal, als Atlantik und als Mittelmeer. Schon angesichts der grün-und-braun-und-blauen Pastellfarben der Karte von Michelin will mir schwindlig werden vor so viel potentieller Herrlichkeit. Ich will ein wenig in diesem Land umherreisen.

[Serras altas e médias e lagos e vales de rios e planícies, há neve eterna e palmeiras eternas, e o mar até existe em três versões: como Canal da Mancha, como Atlântico e como Mediterrâneo. Só as cores de pastel dos mapas da Michelin, em tons de verde, castanho e azul, já me põem a cabeça a andar à roda de tanto potencial esplendor. Quero viajar um pouco por este país.]

Refugiando-se num tom irónico-humorístico, que contrasta nitidamente com os seus reparos, modo geral, carrancudos e severos em relação a Paris, o narrador-viajante dá assim um sinal de que doravante poderia dignar-se a descer ao nível dos leitores, para lhes propor uma representação mais «turística» e mais simpática de um vasto *Hinterland* francês que ainda não estaria tão encoberto pelo tal véu literário e todos os  *clichés*, quer os românticos quer os mais politizados, tradicionalmente associados à «grande capital». A repetida referência à questão monetária, que em relatos de viagens da autoria de escritores oriundos das sociedades de bem-estar capitalistas não merece sequer ser mencionada, mas que na RDA constitui um tópico recorrente em muitas publicações do género, poderá ser aqui interpretada como um desses acenos por parte do privilegiado escritor de viagens ao seu «fiel público», sinalizando-lhe assim que ele próprio não passaria de um simples cidadão do Leste europeu com o seu típico e crónico

problema da escassez de moeda estrangeira ocidental (*Devisenknappheit*) e se encontraria, portanto, ao mesmo nível do leitor comum (*idem*: 119s):

Ich habe knapp vier Wochen Zeit und etwas Geld, herrührend aus einem Veröffentlichungshonorar. Mein Geldbündelchen wird im Verlaufe der vier Wochen immer dünner werden. Am Ende wird es so sein, daß ich, wenn ich das Land Frankreich verlasse, gerade noch so viel Münzen habe, um vier duftende Camemberts (...) dafür zu kaufen. Ein sehr sinnliches Souvenir, aber auch ein sehr vergängliches, vor allem jedoch kein teures. Frankreich ist ein teures Reiseland, (...) das teuerste Reiseland Europas. (...) Das Land ist groß (...). Das ganze Land gründlich zu bereisen, brauchte es womöglich den Zeitraum eines Jahres, und statt eines Bündelchens von Banknoten brauchte es einen dicken Stapel. Ich werde mich demnach mit geographischen Proben bescheiden müssen (...) und (...) mich mit Dingen der Kultur befassen. Hier, so bilde ich mir ein, kenne ich mich etwas aus. Jedenfalls steht mir danach der Sinn.

[Tenho mais ou menos quatro semanas e um pouco de dinheiro, advindo do honorário de uma publicação. O meu macinho de notas irá emagrecer ao longo das quatro semanas. E no final, quando abandonar o país da França, terei apenas a quantia de moedas suficiente para comprar quatro bem cheirosos queijos *camemberts* (...). É um *souvenir* muito dado aos sentidos, mas também é muito efêmero, sobretudo, não é caro. A França é um país de férias caro, (...) o país de férias mais caro da Europa. (...) O país é grande (...). Para se viajar a sério por todo o país seria provavelmente necessário o período de um ano inteiro e, em vez de um macinho de notas, seria necessário um montão delas. Assim sendo, ter-me-ei de contentar com algumas provas geográficas apenas (...) e ocupar-me de coisas da cultura. Desta área, acho eu, percebo um pouco. Seja como for, é isso que me apetece fazer.]

O itinerário da figura do viajante leva o leitor às mais diversas regiões da França, sem porém seguir uma lógica geográfica, desde à Bretanha e Normandia, onde tanto visita pequenas vilas e aldeias piscatórias como elegantes estâncias balneares e cidades industrializadas, tais como Rouen, Rennes ou Bayeux, passando pelo famoso *Mont St. Michel* e por Versalhes, pela região de Lyon, até ao mais profundo Sul mediterrâneo; ao parque natural da Camargue, a cidades como Perpignan, Arles, Avignon, Tarascon,

Aix-en-Provence e, por fim, até à cidade portuária de Marselha. Para além das «românticas» descrições paisagísticas que, em certas passagens, se revestem de uma aura algo «folclórica», o narrador evoca, em quase todos esse lugares, figuras e obras importantes do cânone da cultura ocidental (escritores, pintores, políticos, protagonistas de romances e filmes), o que, por vezes, dá ao seu livro um toque demasiadamente académico ou mesmo algo filisteu. Em suma, pode-se assim considerar que o périplo francês de Schneider oferece ao leitor (sedentário) um retrato pessoal de uma considerável qualidade literária, ao mesmo tempo que lhe transmite um quadro bastante diferenciado e informativo – se bem que com algumas marcas ora mais ora menos evidentes da «grande narrativa socialista» – de um país que para o cidadão comum se manteria meramente *virtual*.

Que essa espécie de *Ersatz* seria manifestamente insuficiente para saciar a sua crónica saudade do longe (*Fernweh*) é evidente. Se, no final do seu relato, o próprio narrador, que sempre pudera usufruir do privilégio de viajar *realmente* pela França, se mostra consciente de que essa experiência única iria, doravante, perpetuar e mesmo intensificar o seu desejo de poder repetir a viagem, não será difícil imaginar que a media(tiza)ção de uma experiência viática por via de outrem tivesse causado junto do leitor um efeito semelhante, isto é, não de fazer diminuir mas de lhe aguçar ainda mais a sua «fome de mundo» (*idem*: 201).

(...) kaum daß ich [im Flugzeug] den Sicherheitsgurt festzurre, werden die Île de France, Normandie, Bretagne, die Pyrenäen, die Provence nur noch melancholische Andenken sein, die ich mit bunten Mitbringseeln notdürftig illustriere. (...) Ein paar Stunden später, im vertrauten Bett, wird mir zu mitternächtlicher Stunde das Radio ein Lied von Gilbert Bécaud vorspielen, darin sämtliche Kräuter der Provence, les fines herbes de Provence, aufgezählt werden; ich werde den Klang der Namen schmecken, und eine Sehnsucht wird mich heimsuchen, die ich fortan mit mir zu tragen habe, in alle märkischen Alltage hinein, lebenslang.

[...] logo que (no interior do avião) aperto o cinto se segurança, a *Île de France*, a Normandia, a Bretanha, os Pirenéus e a *Provence* serão apenas recordações melancólicas que eu ilustrarei, de forma algo pobre, com coisinhas coloridas que trago comigo. (...) Algumas horas mais tarde, na minha cama habitual, a rádio tocará para mim, por volta da meia-noite, uma canção de

Gilbert Bécaud em que são enumeradas todas as ervinhas aromáticas da Provence, *les fines herbes de Provence*; irei saborear a sonoridade dos nomes e serei tomado por uma saudade que doravante terei de suportar em mim, durante todos os dias do dia-a-dia na região em que vivo, durante toda a vida.]

Para concluirmos esta breve análise do livro de Schneider, nomeadamente da parte referente a Paris, é ainda de notar que a sua representação do vasto e multifacetado *Hinterland* francês contrasta bastante com a desencantada encenação da capital. Se para esse narrador a Paris «real» escondida por trás do tal «véu literário» se configura, modo geral, como uma desilusão, a seguir poderemos verificar que outra viajante oriunda da RDA, a escritora Inge von Wangenheim, irá, pelo contrário, conceber o mesmo espaço topográfico como uma projecção deveras positiva do «encanto» que uma breve estada de apenas uma semana em Paris – *Eine Woche Paris*, assim o subtítulo do seu livro – lhe terá proporcionado.

#### 4.3.2 Incursão pelo «paraíso proibido»

Ao contrário do que se poderia supor, o título *Der goldene Turm* [A torre dourada] do relato de uma viagem a Paris de Inge von Wangenheim não contém em si qualquer alusão irónica. A sua breve estada na “mile-nar capital da França” é, na verdade, representada como uma semana «maravilhosa», “uma estada tão curta, mas tão feliz” (*idem*: 163), em que a narradora se entrega, de corpo e alma, ao «esplendor» da cidade. Num contraste absoluto com as primeiras impressões desoladoras da figura do viajante na narrativa de Schneider, este texto projecta, desde as suas primeiras linhas, uma imagem «impressionista», colorida e harmoniosa da capital francesa (Wangenheim, 1988: 5):

Wir fahren auf der hohen Uferstraße die Seine entlang. “L’heure bleu” (sic) – die blaue Stunde naht, die bis zu drei Stunden dauern kann, der Maiabend wirft sein pastellfarbenes, weiches, schmeichelndes Tuch über die tausendjährige Hauptstadt Frankreichs. Alle Konturen verschwimmen, das Auge badet in dieser sanften Phantasie in bleu, und wer das in seiner Jugend sah, vergißt es auch im Alter nicht.



[Percorremos de carro a estrada da marginal ao longo do rio Sena. Aproxima-se a “l’heure bleu” (sic) – a hora azul, que pode durar até três horas, o final do dia de Maio lança o seu manto macio, em cores de pastel, bajulador, sobre a milenar capital da França. Todos os contornos se diluem, o olho banha-se nesta suave fantasia em *bleu*, e quem o viu na sua juventude também na velhice não o esquecerá.]

A alusão no final deste parágrafo com que se inicia a relação da viagem é, logo de seguida, explicitada. Não se trata, de facto, do primeiro encontro da autora com Paris. Esse acontecera mais de meio século antes, num contexto quer biográfico quer político e social substancialmente diferente do da visita agora narrada por uma idosa senhora de 74 anos (*idem*: 18). Fora nos tempos difíceis e sombrios do nacional-socialismo que a jovem Inge von Wangenheim tivera o seu primeiro contacto com a cidade, onde se refugiara durante alguns meses (*idem*: 5s).

Ich überlasse mich seit zwei Tagen schon jener wohligen Sorglosigkeit, die der Reisende in der Fremde genießt, wenn er die Heimat an seiner Seite weiß. Damals, vor dreiundfünfzig Jahren, hatten wir keine Heimat an unserer Seite und ganz andere Sorgen, (...) weil wir weder Touristen noch Gäste waren und schon gar keine willkommenen. Wir waren nur Flüchtlinge, blank und bloß und von allem verlassen, was aus einem Menschen eine Persönlichkeit macht, mit einem gesetzlichen Anspruch auf das Recht der Daseinsfreude.

Aber daran denke ich jetzt nicht. Ich schaue nur. Endlich darf ich! Mußte man über ein halbes Jahrhundert darauf warten, ist es vervielfachter Genuß.

[Já há dois dias que me entrego àquela despreocupação que o viajante saboreia em sítios estranhos quando está ciente de que a pátria o acompanha. Outrora, há cinquenta e três anos, não tínhamos qualquer pátria ao nosso lado e tínhamos preocupações bem diferentes, (...) pois não éramos nem turistas nem hóspedes, e muito menos visitantes bem-vindos. Éramos apenas refugiados, sem qualquer posse e abandonados por tudo o que faz de um ser humano uma personalidade com o direito legal a uma existência feliz.

Mas não é nisso que agora penso. Apenas vejo. Até que enfim que o posso fazer! Quando se teve que esperar durante mais de meio século, a fruição multiplica-se.]

Este contexto (auto)biográfico é portanto um factor que determinará indelevelmente a percepção da narradora e, por conseguinte, a sua representação da “Paris de hoje”. O seu reencontro tardio com a cidade, que acontece agora em condições incomparavelmente mais favoráveis, nomeadamente pelo facto de se encontrar numa “viagem em serviço” (*idem*: 15) durante a qual deverá, a pretexto de uma exposição sobre Weimar no Centro Cultural da RDA em Paris, proferir uma série de palestras e leituras públicas da sua obra literária, permite-lhe, ainda que apenas por uma semana, viver a sua incursão pelo «paraíso proibido» com toda a intensidade, o que inclui também uma série de «pequenos pecados» hedonistas. Conforme ainda teremos oportunidade de observar com maior pormenor, esse *topos* do mero e puro prazer, esse “direito a uma existência feliz”, manifesta-se no texto sob formas diversas. Curioso é verificarmos, por parte da figura da viajante-narradora, uma estranha oscilação entre um deixar-se levar apenas, como uma viajante «normal», pelo apelo dos seus sentidos, por um lado, e, por outro, a necessidade de legitimar essa sua «irracional» entrega aos «pequenos prazeres». O seguinte excerto, em que reflecte, de um modo algo irónico, sobre o seu híbrido estatuto de «viajante em serviço», distanciando-se satiricamente da concepção oficial do escritor de viagens da RDA como um «embaixador cultural» do Estado, reflecte esse seu subliminar dilema (*idem*: 113):

Was aber war ich in diesen meinen Frühlingstagen zu Paris? Gewiß weder Tourist noch Refugié; als BerlinerIn würde ich sagen: Ick war uff Dienstreise – offiziell ehmt war det. Ick habe dabei wat “vertreten” – wat eijentlich genau, darüber müßt ick nachdenken ... villeicht Weimar? Oder meinen Staat? Also nee, det greift zu weit, oder doch villeicht die Literatur jewissermaßen ...? Na det greift ja schon direkt in’t Blaue. *Die* Literatur jibt et ja nich. Also war et eben nur ne Stippvisite, bei der ick mir selbst vertreten habe, und nischt weiter ...? Tut ma leid, ick muß det dem Leser überlassen, wie *er* det beurteilt, und basta!<sup>270</sup>

[Mas afinal o que é que eu fui durante estes meus dias primaveris em Paris? Com toda a certeza, nem turista nem *refugié*; como berlinense diria: Estive em viagem de serviço – a coisa foi oficial. «Representei» qualquer coisa

<sup>270</sup> Destaque gráfico no original. A narradora recorre ao dialecto coloquial berlinense para ironizar um pouco com o carácter oficioso, isto é, a suposta missão político-cultural, da sua viagem.

– mas afinal, o quê, ao certo, sobre isso teria de reflectir ... talvez Weimar? Ou o meu Estado? Não, isso iria longe de mais, ou talvez a literatura, de certo modo ...? Não, isso é mesmo completamente descabido. É que a literatura nem sequer existe. Portanto, foi apenas uma visita breve, durante a qual representei apenas a mim mesma, e mais nada ...? Bem, lamento, mas terei de deixar isso ao leitor, *ele* que o avalie, e basta!<sup>271</sup>

Mas não é apenas nesta passagem mais explícita que a narradora se demarca da função «missionária» que deveria oficialmente desempenhar. Sempre que se refere ao motivo oficial da sua viagem, isto é, representar a política cultural da RDA em Paris, recorre-se, repetida e ironicamente, da impessoal expressão “unsere Sache” [a nossa coisa], dando assim ao leitor mais um pequeno sinal de que o seu relato de viagem pessoal e subjectivo não pretende esboçar e transmitir uma imagem enquadrada com os usuais parâmetros de um “escritor político” ao serviço do regime. O seu auto-entendimento como escritora, diferindo claramente do criticismo e cepticismo racionalistas patentes em muitas das representações do «estranheiro não-socialista» por parte dos seus colegas de profissão conterrâneos, manifesta-se, por exemplo, na seguinte passagem que pode ser lida como uma legitimação do que poderíamos designar de uma *poética dos sentidos* que impregna este livro de viagens de Wangenheim (*idem*: 148s):

Was soll der politische Schriftsteller tun? Jeden Tag von neuem die Apokalypse an die Wand malen? Im Einzelfall von hoher Bedeutungskraft ist das möglich, auf die Dauer für die Literatur im Ganzen bedeutet es Verkümmern. (...) Der Mensch ist nun mal halb Tier, halb Gott. Bis zur Hüfte eine rein biologische Kreatur, ab Sonnengeflecht aufwärts bis hinauf zur Kortex ist er Schöpfer und Erhalter seiner selbst (...). Dieses Doppelwesen kann unmöglich immerzu Angst haben oder entsetzt sein über die wirklichen Zustände in unserer wirklichen Welt. Aus purem Überlebenswillen bedarf es auch jener anderen Überlebenshilfe, die der Genuß, die Freude, ein Glücksgefühl, auch das ganz einfache Aufatmen und Sich-Hingeben bieten. Die Kunst weiß das, seit es sie gibt. (...) Jeder im Grundsatz konzipierte Gegenversuch, entweder

<sup>271</sup> Como é evidente, não é possível fazer passar na tradução o tom coloquial num dialecto berlinense que a autora imprime às palavras da viajante-narradora.

ohne die Angst oder ohne die Lust mit dieser Welt zurecht zu kommen, ist, seit es Literatur gibt, gescheitert.<sup>272</sup>

[O que é que o escritor político deve fazer? Projectar diariamente o apocalipse nas paredes? Em casos singulares de grande significância isso é possível, mas a longo prazo significa um definhamento para a literatura no seu conjunto. (...) Acontece que o ser humano é um semi-animal e um semideus. Até à cintura é uma criatura puramente biológica, daí para cima e até ao córtex ele é o criador e o guarda de si mesmo. (...) É impossível que este ser bicéfalo tenha sempre medo ou que esteja sempre indignado com as condições reais no nosso mundo real. Já por pura *vontade* de sobreviver, ele também necessita daquela outra *ajuda* vital proporcionada pela fruição, pela alegria, um sentimento de felicidade, e também o simples respirar e oferecer-se. A arte sabe disto desde que ela existe. (...) Toda e qualquer concepção de uma tentativa contrária de lidar com o mundo sem medo ou sem o desejo foi gorada desde que existe literatura.]

A concepção poética de Wangenheim, que assenta em encenações «sensualistas» repletas de referências a cores, odores e paladares, não se coaduna, como é evidente, nem com a dialéctica materialista do «Realismo Socialista» nem com o «solipsismo», isto é, a indiferença ou o distanciamento perante o espaço exterior e a excessiva concentração no espaço interior do sujeito, que subjaz a parte significativa da literatura de viagens da segunda metade do século XX. Sem deixar de integrar no seu relato igualmente algumas reflexões críticas sobre as insuficiências do regime capitalista e suas respectivas marcas na vida parisiense, é todavia notório que a representação de Wangenheim se pautava, primordialmente, pelo objectivo de apresentar ao leitor um «quadro vivo» da cidade mais direccionado aos sentidos do que ao sentido, ou seja, à cognição racional propriamente dita. A sua enfática descrição da “maravilha” representada pela Torre Eiffel iluminada por milhares de lâmpadas de halogéneo que transformam essa “preciosidade tecnológica” numa “obra de arte estética” (*idem*: 8), ilustra-o de um modo paradigmático (*idem*: 7s):

<sup>272</sup> Destaque gráfico no original.

Wir nähern uns dem Marsfeld. Ich weiß es nicht, ich erahne es nur, weil das weiche, blaue Himmelstuch sich merklich erhellt ins Gelbliche. (...) und urplötzlich ist alles offen. Ich stehe vor einem Wunder, erblicke den goldenen Turm in seiner Totalität bis hinauf zur Spitze. Seine Krone scheint das tiefblaue Tuch der Nacht mit seinem Lichtblick zu küssen, als sei er eins mit der Unendlichkeit über uns.

Mir steht der Atem still. Es ist ein Augenblick ohnegleichen. Von seinen vier mächtig ausschwingenden Füßen bis hinauf zur letzten Höhe verstrahlt er seine Herrlichkeit über Nähe und Ferne. (...) Paris hat sein neues Wunder – seinen *goldenen Turm!*<sup>273</sup>

[Aproximamo-nos do campo de Marte. Não o sei, apenas o adivinho porque o lenço celeste, suave e azul, se vai transformando num tom mais claro, amarelado. (...) e, num ápice, tudo se revela. Encontro-me perante um milagre, vejo a torre dourada na sua totalidade até ao seu pico. A sua coroa parece beijar, com a sua luminosa visão, o lenço celeste da noite de um azul profundo, como se fosse uma união eterna sobre nós.

Sustenho a minha respiração. É um momento inigualável. Desde os seus quatro pés, sólida e poderosamente pousados no solo, até às suas mais elevadas alturas, ela erradia a sua magnificência e seu esplendor sobre o que está próximo e longínquo. (...) Paris tem o seu novo milagre – a sua *torre dourada.*]

Enquanto Schneider vira na Torre Eiffel e sua paisagem envolvente apenas a tal “dispendiosa *grandeur* francesa” (Schneider, 1982: 110) desprovida de qualquer beleza e qualquer sentido histórico, a magnitude do *Champ de Mars*, onde se situa a “torre dourada”, representa para a narradora do livro de Wangenheim (8) um importante lugar de memória para evocar os ideais da Revolução Francesa:

Es [d.h. das neue Wunder] steht auf dem “Marsfeld” – denkwürdiger noch als der Turm [selbst], denn die “Bastille”, deren Erstürmung die Große Bürgerliche Revolution Frankreichs einleitete, gibt es nicht mehr. Sie soll, wie ich höre, wieder aufgebaut werden ... doch eben hier, auf dem Marsfeld, auf dem ich nun, es ist auch ein Wunder, lustwandle, fand am 14. Juli 1790 der

<sup>273</sup> Destaque gráfico no original.

Schwur auf die erste Verfassung Frankreichs statt, jene großartige Proklamation, die ein neues Kapitel europäischer Politgeschichte aufschlug.

[Este (novo milagre) encontra-se no «Campo de Marte» – mais impressionante ainda do que a própria torre, pois já não existe a Bastilha, cujo assalto despoletou na França a Grande Revolução Burguesa. Tenciona-se, segundo me contam, reconstruir a Bastilha ... porém, foi mesmo aqui, no Campo de Marte, sobre o qual – o que também é um milagre – agora me passeio, que, no dia 14 de Julho de 1790, se procedeu ao juramento da primeira constituição francesa, aquela grandiosa proclamação que abriu um novo capítulo da história política da Europa.]

Lamentado o subsequente desenvolvimento de uma revolução burguesa que acabaria por “devorar, ou melhor, por degolar os seus próprios filhos na guilhotina” (*idem*: 9), numa alusão aos sinais mais ou menos evidentes da implosão do «Socialismo Real» que, em 1988, altura da sua viagem, já se podiam vislumbrar no horizonte, a viajante não abdica, porém, da sua utopia e reenfatiza por isso a importância dos *ideais* da Revolução Francesa para a projecção de um mundo melhor (*idem*: 9):

Wir Heutigen freilich sind aus der Nacharbeit [der Französischen Revolution] noch immer nicht entlassen. Die weit in die Zukunft hinausweisende Idee, die Völker dieser Erde müßten eine “Menschheit” werden – die bleibt! Auch dann bleibt sie, falls der goldene Turm eines Tages doch in sich zu einem bloßen Haufen von grauen Eisenträgern zusammenstürzte ... Aber er steht ja noch! Und ich stehe unter ihm, blicke fasziniert immer wieder hinauf in seine Spitze.

[É certo que nós hoje ainda não nos podemos demitir do trabalho póstumo (da Revolução Francesa). A ideia que aponta, de forma abrangente, para um futuro em que os povos desta terra possam vir a representar uma «Humanidade» – essa, mantém-se! E manter-se-á, ainda que a torre dourada venha mesmo a implodir transformando-se num mero amontoado de pilares de ferro ... Facto é que ela ainda se mantém de pé! E eu encontro-me sob ela, olho, fascinada e repetidamente, até ao seu pico lá nas alturas.]

Esta insistência na utopia socialista (mas não no regime político do *Realsozialismus* que restringia o contacto real entre os povos), ressurgiu, significativamente, já na parte final do relato. Perante a aproximação do inevitável fim da sua «maravilhosa incursão» pela cidade, eterna e indissolúvelmente, associada ao lema revolucionário *Liberté-Égalité-Fraternité*, a narradora revisita, por duas vezes, o local onde, outrora, se abriu o tal “novo capítulo da história da política europeia” para reiterar a sua esperança de que o projecto de um «verdadeiro» Humanismo universal subjacente ao «sonho» socialista possa, um dia, vir a transformar-se numa realidade “palpável” (*idem*: 144):

Drei Tage bleiben mir noch – dann ist alles zu Ende. Für immer? Vermutlich.

Hernach gehe ich zur Seine, stehe lange an der Pont Neuf (...), schaue hinüber zu meinem Goldenen [sic] Turm. Er leuchtet mir aus der Ferne mit seinem Gitterwerk zu, Symbol meiner Hoffnung und Sehnsüchte auf ein wirkliches, greifbares, nacherlebbares “Verhältnis” zwischen den Völkern dieser Welt. Phantasie ist schließlich kein Delikt.

[Ainda me restam três dias – e depois tudo terá terminado. Para sempre? Provavelmente.

Mais tarde, vou até ao Sena, fico durante muito tempo sobre a Pont Neuf (...), olho, à distância, a minha Torre Dourada. De longe, as suas grades brilham na minha direcção, símbolo da minha esperança e do meu desejo de um «relacionamento» verdadeiro, palpável, que se possa mesmo experienciar entre os povos deste mundo. Afinal de contas, a fantasia não é um delito.]

No mesmo sentido, não surpreende que o seu derradeiro passeio em Paris, ao fim da tarde do último dia da sua estada, seja igualmente dedicado à «grande visão» proporcionada pelo Campo de Marte (*idem*: 180s):

Ich will ein letztes Mal meinen Goldenen Turm in der Ferne schauen. Und wenn ich ganz alt würde, als eine winzige bloße Möglichkeit, auf deutsche Art doch einmal glücklich zu werden im Kreis der Völker, würde ich immer wieder sagen: Kommt, Freunde! Laßt uns auf dem Marsfeld unter dem strahlenden Wahrzeichen noch einmal zusammenfinden, um aus uns so sehr verschiedenen und durch ganze Zeitalter getrennten Menschwesen in

Schwarz, Gelb, Braun und Weiß das wirkliche Wunder unserer Einmaligkeit im Kosmos herauszufinden; das Wunder eine Menschheit zu werden. Es ist nur eine vage Hoffnung, ich weiß (...).

[Quero ir ver, pela última vez, a minha Torre Dourada ao longe. E se eu viesse a atingir uma idade muito avançada, como uma mera possibilidade, ínfima, de sempre chegar a ser feliz à maneira alemã entre os povos, repetiria e reiteraria: Venham, amigos! Reunamo-nos mais uma vez no Campo de Marte, sob este esplendoroso símbolo, para descobrirmos, nós, criaturas humanas tão diversas, pretas, amarelas, castanhas e brancas, e separadas por eras completas, o verdadeiro milagre da nossa unicidade no cosmos; o milagre de nos tornarmos uma humanidade. É apenas uma vaga esperança, bem o sei (...).]

Ao contrário do que o *pathos* utópico patente no início e no final deste texto da autoria de Inge von Wangeheim possa sugerir, o seu relato de Paris caracteriza-se, *grosso modo*, por uma escrita leve e despreziosa. Ainda que não abdique por completo de tecer alguns comentários esporádicos à situação política e social, prescinde, todavia, das longas divagações de índole explicitamente ideológica que cunham muitos dos livros sobre viagens ao Ocidente redigidos por escritores da RDA. O estilo mais descritivo do que reflexivo resulta, em suma, num efeito de transparência e sinceridade que, por sua vez, advém de uma estratégia de representação que podemos genericamente denominar de fenomenológica e por via da qual se oferece ao leitor um espaço ilusório de autenticidade. O efeito desse simulacro de imediaticidade assenta, por um lado, numa técnica perceptiva e descritiva que parte quase sempre dos fenómenos visíveis à superfície para, só de seguida, se proceder a um olhar mais «arqueológico» e, por outro, numa acumulação de referências sensoriais que, em conjunto, convergem eficazmente na construção do que Riffaterre (1982) designa de “ilusão referencial”. Observemos alguns exemplos concretos do funcionamento desses mecanismos ao nível textual.

A seguinte cena, em que a narradora primeiro observa e «registra», para depois explicar o ambiente multicolor e multicultural na sempre muito povoada zona em torno da Torre Eiffel, constitui uma passagem bem ilustrativa das técnicas de representação a que a autora recorre para



imprimir ao seu texto uma dimensão de transparência e imediaticidade (*idem*: 10s):

(...) wir suchen uns nun auf den (...) Stufen zum Palais [Trocadéro] ein Plätzchen in der Menge. Jung und alt, ob einheimisch oder von weit her, ob weiß, braun, gelb oder schwarz von Angesicht – alles steht oder sitzt oder liegt nach Belieben, sich an der Gesamtschau zu ergötzen. (...) Ich mustere alle Gesichter, die mir begegnen (...). Ich will erspüren, woher sie alle kommen. Es ist ein Ratespiel, das mir dieser wohltemperierte Abend auf dem Marsfeld unterm goldenen Turm förmlich in den Schoß legt. (...) Mein Ratespiel zeitigt (...) erste Ergebnisse, die Registraturkasse klingelt, und es gibt keine Rätsel. Frankreichs Kolonialgeschichte blickt mich an.

[(...) nos degraus do palácio (Trocadéro), procuramos um lugarzinho entre a multidão. Jovens e idosos, quer sejam nativos, quer tenham vindo de longe, quer sejam brancos, amarelos ou pretos de cara – tudo está de pé ou sentado, conforme lhe apetece, deleitando-se com o espectáculo total a que aí se pode assistir. (...) Observo atentamente todas as caras que se cruzam comigo (...). Quero descobrir e sentir de onde é que elas provêm. É um jogo de adivinhas que este agradável serão no Campo de Marte, sob a torre dourada, me proporciona. (...) O meu jogo de adivinhas (...) começa a produzir os seus primeiros resultados, a máquina registadora é activada e deixa de haver enigmas. É a história colonial da França que me olha.]

Em vez de denunciar, como Schneider o faz de um modo bastante esquemático e dogmático, a marginalização das comunidades emigrantes oriundas das antigas colónias francesas como resultado evidente do carácter desumano e decadente do sistema capitalista, Wangenheim procede a uma complexa contextualização da problemática que envolve uma reflexão mais profunda e mais abrangente sobre as implicações dos fenómenos migratórios não só ao nível da ordem global pós-colonial, mas também interna (*idem*: 11 s):

Einst war sie [d.h. Frankreichs Kolonialgeschichte] nur an den fernen Gestaden über Land und Meer zu erleben, jetzt ist sie im “Mutterhaus” der Eroberer zu besichtigen. Als leibhaftige Quittung für noch immer unbeglichene Rechnungen. Der weiße Mann ist nicht mehr allein in seinem Haus. Zwischen

seinen Touristen aus Europa und Übersee mitsamt seinen Eingeborenen aus Frankreichs Provinzen geben sich die Fremdlinge aus Afrika und Asien auf dem Marsfeld ein Stelldichein.

[Outrora só se pudera experienciar a história colonial da França em lugares distantes, situados além terras e além mares, agora pode ser vista e visitada na «casa materna» dos conquistadores. Como uma factura em pessoa de uma conta que continua por ser liquidada. O homem branco já não está a sós em sua casa. Entre os seus turistas europeus e transatlânticos, a que se juntam os seus nativos das províncias francesas, os estranhos vindos de África e da Ásia têm encontro marcado no Campo de Marte.]

A sua aguda consciência política e social das contradições e injustiças que regem o mundo pós-colonial, não a impele todavia a pintar um cenário apocalíptico. Pelo contrário, o caldo de culturas e fisionomias, a densa paleta de cores humanas com que aí depara constitui-se à ociosa observadora como um intenso momento de fruição estética, a cujo pretexto evoca, inclusivamente, a obra de Paul Gauguin que ela considera o mais sublime representante do humanismo francês (*idem*: 12):

Der Turm belichtet alle Farben der Gesichter, vom tiefen Schwarz aus Afrikas Mitte – es ist manchmal so schwarz, daß es schon wieder blau ist – über das Dunkel- und Hellbraun aus Afrikas Norden bis hin zu den gelben Tönen aller Schattierungen aus dem fernen Osten. Es ist, wie ich gemächlich sitze und nur schaue, eine Erkundung von faszinierender Eindringlichkeit, das Auge ermißt eine Spannweite von Marroko bis Vietnam, vom Tschad bis Tahiti. Dort in der Südsee, auf La Dominica, starb Paul Gauguin am 9. Mai 1903 in seiner Hütte in großem Elend und gänzlich verlassen. (...) Gauguin ist und bleibt bis in unsere Tage der einzige große Künstler von Rang, der die Kraft aufbrachte, sich aus dem eisernen Kolonial-Korsett zu befreien, es zu sprengen ... ein Franzose von großer Tapferkeit, der dem humanistischen Frankreich besser gedient hat als die Herrschenden in “Le Rouge et le Noir”.

[A torre ilumina todas as cores das caras, desde o profundo negro da África Central – por vezes, é tão negro que já parece ser azul – passando pelo castanho escuro e claro do Norte de África, até aos mais variados tons amarelados do Extremo Oriente. Para quem, como eu, observa calma e conforta-

velmente, isto é uma descoberta fascinante e impressionante, o olho abrange uma panóplia que se estende desde Marrocos até ao Vietname, do Chade ao Taiti. Aí, nos Mares do Sul, em La Dominica, numa pequena cabana, morreu Paul Gauguin, em situação miserável de completo abandono, no dia 9 de Maio de 1903. (...) Gauguin é até hoje e continuará a ser o único grande artista de renome que fez o esforço de se libertar do colete de forças colonial, que teve a força de o fazer rebentar ... um Francês de grande coragem que serviu melhor a França humanista do que os poderosos em «Le Rouge et le Noir».]

Mas nesse cenário multicultural não é somente o cânone da arte europeia, isto é, do continente colonizador, que merece ser mencionado. Por via de uma breve descrição dá-se também visibilidade ao artesanato oriundo dos mais diversos países (outrora) colonizados. Enquanto a narradora vai reflectindo sobre essas complexas questões migratórias, observa e comenta quer as próprias peças artesanais, quer o modo como se processa o ambulante intercâmbio comercial entre os representantes do «Primeiro» e do «Terceiro Mundo» (*idem*: 12s):

(...) ich schaue einem Herkules aus dem Kongo zu, der unterhalb der Stufen des Trocadéro rasch eine Decke auseinanderfaltet und die in ihr mitgebrachten Schmuckstücke seines heimatlichen Kunsthandwerks ausbreitet. Hübsche funkelnde Säckelchen aus Metall und Holz. (...) Natürlich will er sie verkaufen, und ebenso natürlich ist das hier auf dem Marsfeld verboten. Aber es geschieht selbstverständlich an jedem Abend, den der Himmel anbietet. Polizisten übrigens sind weit und breit nicht zu sehen. Wie schön!

[...] observo um Hércules do Congo que, um pouco abaixo da escadaria do *Trocadéro*, estende rapidamente uma manta e as peças de joalheria de artesãos da sua terra que nela trouxera. Coisinhas de metal ou madeira, belas e reluzentes. (...) É evidente que as quer vender, assim como é igualmente evidente que no Campo de Marte é proibido fazê-lo. No entanto, assim acontece todas as noites, desde que o céu o permita. A propósito, polícias, aqui nem vê-los. Que belo!]

Contrastando com as repetidas referências à presença policial patentes em muitos relatos de viagens da RDA sobre os países ocidentais representados como estados policiais, a viajante do livro de Wangenheim não

a vislumbra, durante a sua estada em Paris, nem uma única vez – o que, implicitamente, abona a favor do pressuposto espírito liberal francês.

Como já pudemos constatar, um outro tópico patente em qualquer texto sobre Paris é o emblemático Quarteirão Latino. Observemos portanto alguns excertos deste relato de Wangenheim relacionados com a representação “da verdadeira magia do *Quartier Latin*” (*idem*: 26) que a narradora percebe de seguinte modo:

Die breiten Avenuen mit den honorigen Geschäftshäusern, funkelnden Schaufenstern, Restaurants, Straßencafés und Kirchen werden immer wieder durchkreuzt von Gassen und Gäßchen aus lieblicher Vorzeit, in denen die Bistros zum Anhalten einladen, der Bäcker gleich daneben seine “Baguettes” verkauft, die bekannten Weißbrotstangen, der Käseladen nebenan seine Köstlichkeiten anbietet, Tische und Stühle zum Espresso anregen, der gleich auf der Straße serviert wird, und ein paar Meter weiter die Zeitungen der Welt in Ständern dicht an dicht zu haben sind und gleich drinnen im Liliputlädchen Literatur verkauft wird, Kartenwerk aller Art und Wegweiser und Ansichten und Feuerzeuge und – und ... auch Blumen in lieblichster Fülle.

[As largas avenidas, com as honrosas casas comerciais, as montras reluzentes, os restaurantes, as esplanadas de cafés e as igrejas, são repetidamente cruzadas por ruelas e vielas de um passado encantador em que os *bistros* convidam a uma paragem, o padeiro logo ao lado vende as suas *baguettes*, os famosos cacetes de pão, a loja de queijos contígua oferece as suas delícias, as mesas e cadeiras convidam a um café expresso, que é servido na rua, e, mais alguns metros adiante, os jornais de todo o mundo densamente acumulados nos suportes exteriores dos minúsculos quiosques onde também se pode comprar literatura, mapas de toda a espécie e plantas da cidade e postais e isqueiros e – e ... até flores em quantidades encantadoras.]

Se para um leitor da Alemanha ocidental, esta descrição idílica se configura como uma «imitação barata» de um dos inúmeros guias turísticos sobre Paris que tinha à sua disposição, na perspectiva de um leitor comum da RDA, terá, presumivelmente, constituído uma verdadeira «delícia». Não só as referências culinárias e gastronómicas, mas também a possibilidade

de aceder em qualquer esquina à imprensa e literatura de todo mundo<sup>274</sup> terão representado para o cidadão «normal» de um país regido pela censura assim como assombrado por uma crónica escassez de produtos de consumo de espécies diversas (*Mangelwirtschaft*) uma «visão maravilhosa» que Wangenheim, ao contrário de tantos outros viajantes privilegiados (*Reisekader*), não suprime, mas faz, pelo contrário, questão em revelar e explanar. Assim, em vez de denunciar o eclecticismo do *Quartier Latin* como um espaço da decadência, de tensões e contradições sociopolíticas, a narradora vê nessa zona da cidade uma harmoniosa mistura que caracteriza a peculiar cultura urbana de Paris (*ibid.*):

Diese einmalige Mischung von groß und klein, von Repräsentanz und Gemütlichkeit so dicht beieinander – das eben ist Paris. Das Großartige und das Intime schließen einander nicht aus. Es ist eine immer noch unzerstörte Stadtkultur von einmaligem Reiz.

[Esta singular mistura do grande e do pequeno, de imponência e aconchego assim tão próximos um do outro – é isto que é precisamente Paris. O grandioso e o íntimo não se excluem mutuamente. Continua a ser uma cultura cidadina intacta de um singular encanto.]

Apesar do «encantamento» pessoal que essa Paris lhe proporciona, a narradora não deixa porém de reparar nos marginalizados pela “economia do mercado livre”: os *clochards* e pedintes que povoam as ruas e as estações do metropolitano (*idem*: 86s):

Es wird viel gebettelt, und natürlich gibt es Elend – sichtbares. Glanz und Pracht mit all seinen Annehmlichkeiten, die sogenannte “Überlegenheit der freien Marktwirtschaft” sind nun mal nur zu haben bei gleichzeitiger Verursachung der Verelendung. Nur die Armut ist lautlos und unsichtbar. Das Elend zeigt sich ungeschminkt.

<sup>274</sup> É de notar a este respeito que a leitura diária de jornais da RFA (*Die Zeit, Die Welt, Süddeutsche Zeitung* e a *Frankfurter Allgemeine Zeitung*) representa neste relato um dos «pequenos pecados» a que a narradora se entrega aos serões sobre a sua enorme cama de Hotel. Ainda que não deixe de proferir os seus comentários críticos sobre “os dois quilos e meio de papel”, dos quais apenas “500 gramas” constituiriam “conteúdo” jornalístico, propriamente dito, facto é que a narradora se compraz bastante com essas leituras. (cf. Wangenheim, 1988: 53-57).

[Há muitos pedintes e é evidente que há miséria – visível. É que o brilho e esplendor com todas as suas comodidades, a chamada «superioridade da economia de mercado livre» só se consegue por via de uma produção simultânea da depauperação. Só que a pobreza é silenciosa e invisível. A miséria mostra-se sem qualquer disfarce.]

A outra face, inquestionavelmente mais esplendorosa, da economia de mercado manifesta-se na vasta oferta de produtos de toda a espécie que a viajante-narradora terá oportunidade de presenciar no “palácio” representativo da sociedade de consumo: o “super-palácio-*bunker*” *La Défense*. Essa experiência configurar-se-á de um modo deveras ambíguo, uma vez que, por um lado, a viajante do Leste, habituada a uma oferta de produtos de consumo bastante limitada, se sente naturalmente atraída a sucumbir perante a avalanche de toda a espécie de «pequenos prazeres» sensoriais, mas, por outro lado, se mostra racionalmente consciente de que esse modelo não representa uma alternativa à sua utopia socialista, conforme reitera numa cena panorâmica vista do alto de Montmartre que é enquadrada pelos dois respectivos símbolos, a «Torre Dourada» e o gigantesco «palácio de consumo» (*idem*: 107):

(...) wir haben nun den großen Blick über das gesamte Panorama der allmächtigen Stadt. In der Ferne zur Linken der Eiffelturm – ebenso weit zur Rechten das Bunkerungeheuer “La Défense”. Ich weise mit dem Arm über die Totale. “Seht hin, Kinder ... *das* ist die Alternative, vor der wir stehen.”

[(...) temos agora uma abrangente visão do panorama completo da cidade toda poderosa. Ao longe, do lado esquerdo, a Torre Eiffel – à mesma distância, do lado direito, o monstro de um *bunker*, *La Défense*. Aceno com o braço sobre a totalidade. «Vejam só, crianças ...é esta a alternativa perante a qual nos encontramos».]

A atracção sensorial que emana da diversificada oferta de produtos de consumo no tal “*bunker* comercial” não só contrasta com o tom algo patético que marca sobretudo o final do livro de Wangenheim, como constitui, ao mesmo tempo, um bom exemplo ilustrativo da «poética dos sentidos» que, atravessando todo o relato, lhe confere a tal dimensão de autenticidade e imediaticidade (*idem*: 99):

In diesem Supermarkt-Palast gibt es tatsächlich alles. Vom Auto bis zur Nähnadel, vom Hammelkotelett bis zum Fotoalbum, das Angebot in der Lebensmittelabteilung ist für eine Person aus Weimar, die monatelang auf eine einzige Tomate oder Apfelsine wartet, schier überwältigend. Ohnehin ist Frankreich ein Gemüse- und Obstland, in dem alles Erdenkliche unterm Mittelmeerklima gedeiht wie Artischocken und Auberginen, Mandeln und Oliven. Aprikosen und die gesamte Gewürzpalette ... alles in vorzüglicher Qualität, dekorativ angeordnet und gepflegt, beim Himmel ja! ... mir wird doch ein bißchen eng in der Brust bei solchem Anblick. Gewissermaßen "umständehalber". Ich sagte ja schon zuvörderst, daß wir jede Valutmark dreimal umdrehen müssen, ehe wir sie ausgeben können, doch immerhin und schließlich und wenn und aber ...

[Neste supermercado-palácio há de facto de tudo. Desde o automóvel à agulha de coser, da costeleta de borrego ao álbum de fotografias, a oferta na secção de alimentos é, para uma pessoa de Weimar que espera durante meses por um único tomate ou uma laranja, simplesmente magnífica. A França é, aliás, uma terra de legumes e de frutas em que, sob o clima mediterrânico, cresce tudo que se possa imaginar, tais como alcachofras e beringelas, amêndoas e azeitonas. Alperces e toda a paleta de especiarias ... tudo de qualidade excelente, bem tratado e disposto de forma decorativa, divina! ...perante tal visão, sinto mesmo um pequeno aperto no peito. Por assim dizer, «devido às circunstâncias». Já anteriormente tinha dito que somos obrigados a virar três vezes cada moeda do estrangeiro ocidental, antes de a podermos gastar, mas, ainda assim e finalmente e se e no caso de ...]

Este género de descrições que apelam não só directamente aos sentidos, neste caso, os degustativos, como contemplam ainda o contexto de recepção dos cidadãos comuns da RDA, é uma constante ao longo de todo o relato. Poderíamos aqui mencionar muitos outros exemplos dessa poética «sensorial», nomeadamente as diversas passagens em que a narradora se entrega aos «pequenos prazeres» quer culinários, que aproveita com toda intensidade durante os diversos jantares a convite do Centro Cultural da RDA em Paris, quer estéticos, nas suas visitas a diversos museus, como o *Centre Pompidou* (*idem*: 74-77) ou o *Louvre* (*idem*: 44-48).

Para concluirmos esta incursão analítica pelo livro *Der goldene Turm. Eine Woche Paris*, fiquemos com esta última passagem, que nos parece

sobremaneira elucidativa da concepção representacional e dos mecanismos narrativos que sustentam o texto de Wangenheim (*idem*: 49s):

Im gleichen nahen Gäßchenviertel, wo ich gestern abend gespeist habe, um nunmehr etwas Nudelhaftes auf italiensich zu verschlingen, bin ich ziemlich lange auf der Suche, finde endlich an einer einladenden Ecke eine Budike à la italiano. Ein großes stabiles Preisschild vor dem Laden kündigt mir an, daß Spaghetti mit Tomatensoße für nur 24 Franc angeboten werden. Das sind immerhin sieben Mark fünfzig, und ich muß meine “Westpiepen” hüten wie der Luchs seine Beute ... doch der Louvre hat in mir einen gerdadezu nagenden Hunger entwickelt. Also frisch hinein ins Vergnügen.

[No mesmo quarteirão de ruelas e vielas onde jantei ontem à noite, procuro agora bastante tempo para poder devorar qualquer coisa de macarrão à italiana, até encontrar por fim, num cantinho convidativo, uma taberna à *la italiana*. Um placa grande e sólida à frente da loja indica-me que aqui se oferece esparguete com molho de tomate por apenas 24 francos. Isto dá, nada mais, nada menos que sete marcos e meio, e eu tenho que guardar a minha «massa ocidental» como um lince o faz com a sua presa ... mas o Louvre despoletou em mim uma fome aguda. Portanto, lancemo-nos ao divertimento!]

E para justificar, filosófica e poeticamente, essa sua entrega ao prazer tão instintivo e mundano da comida, acrescenta, num tom algo satírico, o que se pode considerar uma explicação – humorística é certo – do programa poético inerente ao seu relato de Paris (*idem*: 48):

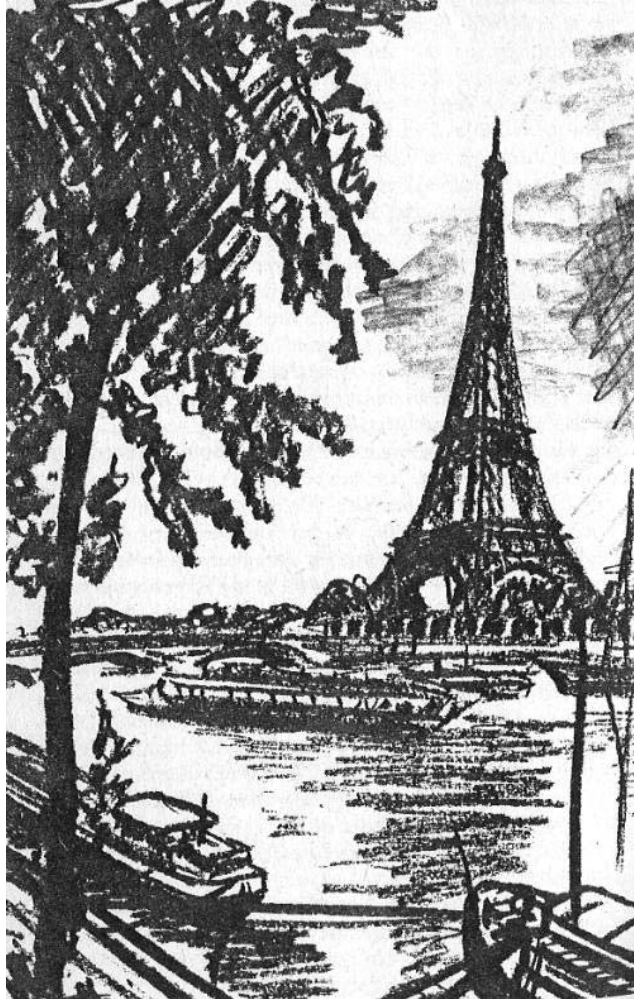
Damit der Leser ermesse, wie es um mich in dieser Sache [des Essens] bestellt ist, erwähne ich nebenbei, daß ich an manchem Votragsabend hernach gefragt wurde, woher ich meine “Laune” für das Ganze hernähme. (...) Ich antworte darauf, daß auch ich den Gram und die Verzweiflung über die Zustände dieser peinvollen Welt wohl konnte, darüber auch manches Mal recht mutlos würde ... wenn aber auf einem Tisch Spaghetti mit Tomatensoße auf mich warteten, wäre in meinem Gemüt diese häßliche Welt sogleich wieder heil ... In der Regel gibt es dann Gelächter und Applaus, was mich einfügen läßt, daß in jedem empfindsamen und nachdenklichen Menschen unserer Tage der uralte Kampf zwischen dem Sancho Pansa, der aus seinem Schnappsack Käse, Zwiebeln, Brot und Wein genießt, während sein Ritter Don Quichote



inzwischen gegen Windmühlen kämpft, weil er muß, weil er eben edel, scharfsinnig und unglücklich ist – daß dieser Kampf immer wieder neu ausgetragen werden muß, wenn daraus Literatur werden soll. So also ist das Problem auch in meiner Brust mit dem Spaghetti und der Tomatensoße.

[Para que o leitor possa ter uma ideia de como me comporto em termos desta coisa (da alimentação), devo mencionar de passagem que em algumas noites após as minhas palestras me foi perguntado de onde é que eu iria buscar a minha «boa disposição» para tudo isso. (...) Eu respondia que também conhecia bem a mágoa e o desespero causados pelas condições deste penoso mundo e que, devido a isso, também perdia por vezes a minha esperança ... porém, quando, numa mesa, me esperava uma boa dose de esparguete com molho de tomate, no meu íntimo esse mundo feio de imediato se recompunha ... Modo geral, seguem-se gargalhadas e aplausos, o que me obriga a acrescentar que em qualquer ser humano sensível e pensativo dos nossos tempos continua a haver a necessidade de travar aquela luta ancestral entre o Sancho Pança, que saboreia, tirados do seu alforge, o queijo, as cebolas, pão e vinho, enquanto o seu nobre cavaleiro Dom Quixote combate moinhos de vento, porque é obrigado a fazê-lo, precisamente por ser nobre, inteligente e infeliz – que essa luta tem de ser travada, sempre de novo, se disso deverá surgir literatura. Portanto, é isso que se passa também com o problema no meu peito referente ao esparguete e ao molho de tomate.]

Para concluirmos esta análise, pode ainda referir-se a título de curiosidade que essa aura de transparência transmitida pelo «despretensioso» e «sincero» texto de Wangenheim é, de um certo modo, complementada pelas nove ilustrações que o acompanham. Conforme a narradora menciona, trata-se de “visões de Paris espontaneamente lançadas sobre o papel” (*idem*: 101), desenhos a carvão rudimentares, tecnicamente muito simples, com os quais o seu autor (amador) Siegfried Krömer, funcionário do Centro Cultural da RDA em Paris que foi um dos três cicerones da escritora durante a sua estada, oferece ao leitor alguns esboços «artísticos» da característica paisagem arquitectónica de uma cidade densamente «pré-formada» pelos tradicionais postais turísticos. Fiquemos, exemplarmente, com a seguinte imagem do *Leitmotiv* deste livro de Wangenheim sobre Paris: a «Torre Dourada» a preto-e-branco (*idem*: 24).



Siegfried Krömer, "Blick über die Seine zum Eiffelturm"  
(Vista sobre o Sena para a Torre Eiffel).

Partindo do pressuposto de que o efeito de autenticidade e referencialidade veiculado pela literatura de viagens assenta, sobretudo no contexto de recepção específico da RDA, num «pacto de leitura» entre o produtor e o receptor que, por sua vez, espera uma representação «transparente» e «sincera», uma descrição pessoal que foque os fenómenos «palpáveis» e «mundanos», sem se deixar emaranhar em demasia na teia discursiva em

torno da «grande narrativa» propagandeada pelo regime do «Socialismo Real», pode-se portanto concluir que o relato parisiense de Wangenheim terá, muito provavelmente, preenchido as expectativas do leitor comum da RDA de um modo mais eficaz do que, por exemplo, a desencantad(or)a e sombria encenação da mesma cidade elaborada por Schneider que anteriormente analisámos.

### 4.3.3 A escrita da viagem como experiência auto-reflexiva e auto-referencial

Conforme referimos nas considerações prévias sobre a nossa abordagem metodológica e analítica de publicações da RDA dedicadas a viagens ao «mundo além-muro», procedemos a uma tripartição heurística do *corpus*. Depois de nos termos debruçado sobre os relatos parisienses de Rolf Schneider e Inge von Wangenheim, que reflectem, respectivamente, funções e estratégias narrativas diferentes, parecendo o primeiro sobretudo empenhado em desconstruir a tradicional aura de uma cidade «desencantada» pelas tensões sociais e políticas inerentes ao sistema capitalista, enquanto o segundo pretende, pelo contrário, transmitir ao leitor o «encanto» e o espírito utópico que esse lugar de memória da «Liberdade – Igualdade – Fraternidade» continuaria a emanar, dedicar-nos-emos, por fim, ao terceiro grupo de «narrativas» viáticas sobre Paris. Tentaremos demonstrar que as características auto-reflexivas e auto-referenciais deste género de representações denotam uma clara tendência para resistir às funções extraliterárias e respectivas estratégias de media(tiza)ção que (co-) determinam aqueles dois tipos de textos anteriormente analisados. Ainda que nesta «categoria» se possa incluir a prosa de viagem de diversos outros escritores «modernistas» da RDA, como por exemplo a de Günter Kunert, Fritz Rudolf Fries, Armin Stolper (1985) ou Hans-Eckard Wenzel (1989),<sup>275</sup> centraremos, representativamente, a nossa análise no livro de Heinz Czechowski (1981) *Von Paris nach Montmartre. Erlebnisse einer Stadt* (De Paris a Montmartre. Vivências de uma cidade).

<sup>275</sup> Para uma visão sucinta das características auto-referenciais da escrita viática destes autores, veja-se Matos (2001: 182ss). Sobre a poética da viagem na obra de Kunert podem ser consultados diversos artigos, tais como os de Baron (1991), Bullivant (1992), Futterknecht (1992), Jurgensen (1995), Kasper (1991) e Pütz (1991). No que diz especificamente respeito ao «experimentalismo» nos textos de viagem de Fries, veja-se Zorach (1984).

Fast jedem gebildeten Menschen, der auch nur ein wenig über Vorstellungsgabe verfügt, hält das Leben eine Begegnung mit Paris offen. Für den einen wird sie Wirklichkeit, für den anderen nicht. Je nachdem, wie ihm das Glück gewogen ist. Aber selbst wenn eine solche Begegnung nicht zustande kommt und der Mensch stirbt, ohne Paris gesehen zu haben, so hat er es sicherlich doch wenigstens in seinen Gedanken oder in seinen Träumen mehrmals besucht.

[A quase todos os seres humanos cultos que tenham um mínimo de imaginação a vida reserva-lhes um encontro com Paris. Para uns, esse encontro transforma-se em realidade, para outros, não. Depende da sorte que tiverem. Mas mesmo que um tal encontro não se venha a realizar e o ser humano morra sem ter visto Paris, tê-la-á visitado por diversas vezes pelo menos nos seus sonhos.]

Esta afirmação de Konstantin Paustowski, escritor russo da primeira metade do século XX, que Heinz Czechowski (1981: 5) coloca como epígrafe do seu livro sobre uma viagem a Paris empreendida em 1977, reveste-se, no contexto de produção e recepção específico da RDA, de um significado muito peculiar. Face à biografia deste «inconformado» ou mesmo «subversivo» poeta da Alemanha de Leste, que os serviços secretos (*Stasi*) consideravam pertencer ao “núcleo negativo de inimigos dos artistas da RDA» (Walther, 1996: 58) e que, após a expatriação de Wolf Biermann, abandonara o partido (*SED*), mas não o país,<sup>276</sup> o seu recurso às palavras de um escritor soviético pertencente ao cânone oficial da «boa» literatura socialista – o que, provavelmente, lhe terá valido a passagem impune pela censura – pode ser interpretado como um acto de denúncia, mais ou menos evidente, da restritiva política de viagem do regime. No entanto, essa citação epigráfica também permite, ao mesmo tempo, uma leitura

<sup>276</sup> Veja-se o artigo que Serke (1998: 187-215) lhe dedica no seu volume *Zu Hause im Exil* sobre o fenómeno da «emigração interior» na RDA. Curiosamente, só depois de abandonar o *SED* lhe foram permitidas as primeiras «excursões» ao Ocidente (*idem*: 209). A seguir a esta viagem a Paris, Czechowski teve ainda oportunidade de visitar a Holanda, a Inglaterra, a Itália e, inclusivamente, a RFA, onde aliás pretendia fixar residência. No entanto, olhando às “vidas desoladoras” de outros exilados da RDA que aí teve oportunidade de observar (*idem*: 211), acabaria por renunciar a essa ideia inicial optando pelo «exílio em casa própria». Em *Mein Venedig. Gedichte und andere Prosa* (1989) [A minha Veneza. Poemas e outra prosa], a sua última publicação antes da «queda» do Muro, Czechowski refere-se a algumas dessas impressões das suas viagens «além-muro».

despolitizada, menos pragmática e mais conceptual, no sentido de se configurar como uma alusão programática ao modelo filosófico e estético que enquadra a sua própria percepção e representação de Paris. Mais do que por qualquer outra razão, o potencial inovador ou, visto da perspectiva do Realismo Socialista, o potencial «subversivo» deste livro de Czechowski advém, de facto, do seu conceptualismo estético. Conforme teremos oportunidade de verificar por via da análise que se segue, as suas reflexões sobre as complexas contingências dos processos perceptivos e representacionais e a respectiva tentativa de expressar ou, melhor, de «materializar» as aporias desse interface entre a memória, a representação mental e a representação (inter)medial resultam, em suma, num inequívoco distanciamento do simplismo mimético subjacente à esmagadora maioria dos relatos de viagens vindos a lume na RDA.

Esse distanciamento crítico de uma concepção que perspectiva o acto de representação como um reflexo simétrico da experiência de determinada «realidade» exterior é, significativamente, evidenciado desde as primeiras linhas de *Von Paris nach Montmartre*, em que se enfatiza a problemática das intrincadas relações entre a percepção e a media(tiza)ção. Ciente do hiato que separa o momento da viagem do momento de sua «fixação» narrativa,<sup>277</sup> a labiríntica memória do eu-narrador, em vez de esclarecer, isto é, de mediar entre o passado e o presente, parece obscurecer uma “realidade vivida” que agora se mostra dificilmente recuperável (Czechowski, 1981: 7).

Tagelange Suche nach dem, was man einen Anfang nennen könnte.  
Umherirren im Grasgarten.

Nun, da es gilt Erinnerungen wieder aus dem heraustreten zu lassen, was sie einmal waren: nämlich erlebte Wirklichkeit, fühlt man wieder die Luft, die man einmal eingeatmet hat und die jetzt, gehärtet wie Gips, all das in sich einschließt, was doch einmal transparent und beweglich gewesen ist.

Wir sitzen aber in einem Haus, dessen hundertfünfzig Jahre alte, brüchige Wände all unseren (...) vorrätigen Gips verbraucht haben. (...) Wir

<sup>277</sup> A ênfase deste hiato encontra ainda expressão ao nível de um fenómeno paraliterário pouco usual neste género de publicações. Onde habitualmente se encontram os dados referentes à casa editorial e à data de publicação, neste livro constam as seguintes indicações: “Der Autor fotografierte im Januar 1977 in Paris. Der Text und die Gedichte entstanden im Sommer 1978 in Wuischke am Czorneboh.” (O autor fotografou em Paris durante o mês de Janeiro de 1977. O texto e os poemas foram elaborados no verão de 1978, na localidade de Wuischke junto ao rio Czorneboh). Face ao acentuado conceptualismo de Czechowski, é de supor que estas referências sejam de sua própria autoria e não da responsabilidade do editor.

könnten uns an dieser Stelle Träumen über die Geschichte unseres Hauses hingeben (...).

[Busca, ao longo de vários dias, por aquilo que se poderá considerar um início. Vaguear pela erva do quintal. Agora que chegou a altura de fazer reemergir memórias daquilo que outrora foram: nomeadamente, realidade vivida, sente-se de novo o ar que outrora se respirou e que agora, endurecido como gesso, encerra em si mesmo o que afinal outrora fora transparente e maleável.

Encontramo-nos, porém, numa casa cujas frágeis paredes de cento e cinquenta anos gastaram todo o gesso que tínhamos armazenado. (...) Aqui, poder-nos-íamos entregar aos sonhos da história da nossa casa (...).]

Depois de a sua memória se perder, por alguns instantes, pelos meandros da história da região em que se encontra a casa que habita e onde está, supostamente, a redigir as suas impressões da viagem a Paris, o narrador sempre consegue encontrar o fio que lhe permitirá regressar virtualmente ao tempo desse périplo que é, afinal, o propósito da sua escrita (*idem*: 8).

Da fahren wir endlich – o Faden der Geduld, den wir nun wieder aufgenommen haben! – über die Kölner Rheinbrücke bei Nacht (*Der Schnellzug tastet sich [vor] und stößt die Dunkelheit zurück...*), direkt, wie uns scheint, in den gelbgrau angestrahlten Dom hinein.

Doch das, was hinter uns liegt – metaphorisch wie real –, läßt sich nicht mit den Versen des Dichters Stadler allein illustrieren, sondern es weicht einem Gefühl der Erwartung, das wir nicht zu beschreiben vermögen, weil es nicht zu bestimmen ist.<sup>278</sup>

[Eis-nos, finalmente, a caminho – ó fio da paciência que agora retomámos! – passando a ponte sobre o Reno em Colónia (*O comboio rápido avança e repele a escuridão...*), directamente, como nos parece, para dentro da catedral iluminada de tons cizento-amarelados.

Mas o que se encontra atrás de nós – em termos metafóricos, como reais – não pode ser apenas ilustrado com os versos do poeta Stadler, pois estes

<sup>278</sup> Parêntesis e grafia assim no original.

são afastados por um sentimento de expectativa que não somos capazes de descrever porque não é determinável.]

Representando o início da narração da viagem propriamente dita, esta breve passagem anuncia, desde logo, dois aspectos fundamentais da concepção estética do relato parisiense de Czechowki: o frequente recurso à intertextualidade, ora mais (como neste caso) ora menos explícita, assim como as repetidas referências à problemática da indizibilidade ou incommunicabilidade de sentimentos e experiências. Perante a dificuldade de expressar as suas expectativas em relação a um país que lhe é, ao mesmo tempo, desconhecido como experiência concreta mas familiar como representação mental, a figura do viajante refugia-se assim numa explicação metafísica (*idem*: 8s):

Wann hatten wir zuletzt diese Empfindung, mitgenommen zu werden in ein unbekanntes und doch vertrautes Land, das es möglicherweise in Wirklichkeit gar nicht gibt?

Metaphysischer Augenblick, eigentlich nur der Kindheit zugehörig, da man das bekannt Scheinende verläßt, um im Nichts anzukommen, das sich hinter der Wand der Dunkelheit verbirgt.

[Quando é que pela última vez tivéramos esta sensação de sermos levados para um país desconhecido e, ainda assim, familiar que, possivelmente, na verdade nem sequer existe?

Instante metafísico, no fundo, apenas reservado à infância, em que se abandona o que parece ser conhecido, para submergir no nada que se esconde por detrás da parede de escuridão.]

Estas reflexões filosóficas de um certo cunho heideggeriano são repentinamente interrompidas, quando se apercebe de que “a memorização daquilo que se pensa saber perde o seu significado onde a consciência se tem que saciar com a matéria do contemporâneo”, (*ibid.*), seguindo-se, por isso, uma descrição «mundana» do comboio que o transportará até Paris. Sem deixar de aproveitar para lançar a suas pequenas farpas à “pátria”, o ambiente a bordo da “carruagem directa Varsóvia – Paris” é, modo geral, descrito como sendo agradável (*idem*: 9s):

(...) unseren Speisewagen, der uns mit vertrauten Gerüchen begrüßt, haben wir aus der DDR mitgebracht: einen Mitropa-Wagen, alt wie der Name der Gesellschaft, in dem man theoretisch, quasi bis nach Paris, in heimischen Scheinen und Münzen zahlen könnte, wenn er nicht pünktlich um vierundzwanzig Uhr geschlossen würde: DDR-Polizeistunde also auch im anderen Land. (...) In diesem Speisewagen sitzt man also, die Langmut des Reisens genießend. (...) Dabei keine Kollege-kommt-gleich-Bedienung, sondern schnelles, zuvorkommendes Servieren des von uns Bestellten. Wir sind zufrieden und gedenken, noch immer auf heimatlichem Boden, des Vaterlands, welches uns auch in gastronomischen Belangen nicht gerade zu verwöhnen beliebt.

[O nosso vagão-restaurante, que nos recebe com cheiros familiares, trouxemo-lo connosco da RDA: uma carruagem da *Mitropa*, tão velho como o nome da empresa, na qual, teoricamente, se poderia pagar, quase até Paris, na moeda nacional, não fosse o caso de ele ser pontualmente encerrado às vinte e quatro horas: portanto, a hora de recolha obrigatória da RDA também num outro país. (...) Encontramo-nos assim sentados nesse vagão-restaurante, saboreando a longanimidade da viagem. (...) Não há aquele serviço do género (da RDA) «o colega já vai aí», mas uma execução rápida e simpática do nosso pedido. Estamos satisfeitos e lembramo-nos, ainda sob solo pátrio, da Pátria que também em termos de desejos gastronómicos não nos costuma propriamente mimar.]

A “longanimidade da viagem” de comboio e as conversas entre os passageiros de diversas nacionalidades oferecem ao narrador o pretexto para se entregar a divagações reflexivas de ordem diversa. O peso da história que paira sobre as conflituosas relações franco-alemãs, nomeadamente as imagens de Hitler e Pétain, que a passagem por Compiègne lhe suscita (*idem*: 14), assim como o difícil relacionamento entre alemães de um e do outro lado do Muro são apenas dois assuntos, entre outros, que o desviam, intermitentemente, do móbil propriamente dito da sua narrativa, que é, como afirmara no início do seu livro e aqui convém recordar, “fazer emergir as memórias como aquilo que outrora tinham sido: realidade vivida”. Mostrando-se avesso a simplismos dogmáticos e preconceitos históricos, a respeito da complexa «questão alemã», lamenta o fosso que separa os



cidadãos da RFA e da RDA, a falta de compreensão mútua que nem a língua materna comum é capaz de transpor (*idem*: 12):

Nein, wir leugnen unsere Vergangenheit nicht, die uns nicht einig gemacht hat mit uns selbst. Aber ideologische und historische Fixierungen sind schnell zu Munde: man verständigt sich in diesen internationalen Schnellzügen in der gemeinsamen Muttersprache, ohne sich zu verstehen. Sprechblasen-Austausch, mehrfach erlebt an diesem Tag, Gespräche, fast immer eingeleitet mit der Frage: «Sie kommen aus der DDR?» oder beendet mit dem Ausruf: «Ach so, Sie sind aus der DDR!» Dabei – fast immer – ein gelindes Erstaunen, wenn man sich, wider Erwarten, nicht gleich strammstehend zu dem Staat bekennt, dem man angehört, sondern schlichter von Dresden, Haller oder einem Flecken in der Lausitz spricht, wo man zu leben gewillt ist, weil man sich dort zu Hause fühlt.

[Não, não negamos o nosso passado que não nos fez unir a nós mesmos. Mas fixações ideológicas e históricas é algo que vem rapidamente à boca: nestes comboios internacionais comunicamos na língua materna comum, sem nos entendermos. Troca de palavras à maneira da banda desenhada, nesse dia presenciei-o por diversas vezes, conversas, quase sempre iniciadas com a pergunta: «É da RDA?» ou finalizadas com a exclamação: «Pois, estou a compreender, você é da RDA!». Quase sempre – uma agradável surpresa, quando nós, ao contrário do que é esperado, não nos declaramos logo, hirtos de mão na pala, partidários do Estado a que pertencemos, mas falamos, mais sobriamente, de Dresden, Haller ou de uma terrinha na região de Lausitz onde estaríamos dispostos a viver porque aí nos sentirmos em casa.]

Não resistindo a mergulhar na longa e intrincada história da problemática intra-alemã, evoca-se toda uma série de “autocríticos nacionais que na Alemanha nunca escassearam” (*idem*: 13), tais como Heinrich Heine, Joseph Roth ou Kurt Tucholsky, autores em cuja tradição o viajante-narrador alude inscrever-se. De seguida, reemerge-se ao tempo presente da escrita que, por sua vez, se ocupa de um passado que na sua memória e consciência se *reconstancia* como presente (*ibid.*):

Doch wir müssen uns in die Gegenwart zurückrufen, wo sie auch sein mag: hier und jetzt in der Stunde meines Schreibens oder dort, wo sie bereits

der Vergangenheit angehört, also zur Erinnerung geworden ist, die wieder zur Gegenwart wird, wenn ich sie durch das Nadelöhr meines Bewußtseins fädele (...).

[Mas temos que nos chamar de regresso ao presente, onde quer que este se encontre: aqui e agora, na hora da minha escrita, ou acolá, onde ele já pertence ao passado e se transformou portanto numa memória que se transforma novamente em presente no momento em que o enfiio pelo buraco da agulha da minha consciência.]

Ainda antes de chegar, no processo da escrita, ao destino propriamente dito da sua viagem, as recorrentes reminiscências históricas, as frequentes digressões reflexivas sobre as múltiplas implicações do passado nos processos de percepção e representação do presente, assim como os constantes saltos no(s) e entre o(s) tempo(s) da experiência, da memória e da narração – mais do que apenas sinalizar – ilustram *in nuce* a complexa concepção que enquadrará a sua perspectivação de Paris. Se o viajante denota, por um lado, uma compreensível avidez sensorial pela experiência concreta, pela superfície «material» de uma «realidade» fenomenológica cuja vivência lhe fora, até então, vedada por razões geopolíticas, há, por outro lado, a sua clara e amarga consciência de que a percepção é, irremediavelmente, determinada por uma inextrincável teia de contingências de espécies diversas que, por sua vez, o impedirão de «ver» e representar Paris de um modo transparente. Daí o seu cepticismo perante a «evidência» da chegada «real» ao destino que Czechowski encena do seguinte modo (*idem*: 16s):

«Paris, Gare du Nord», sagen uns die Lautsprecher. (...) Was und wen versammelt Paris zu welchem Zweck an diesem 5. Januar 1977?

*Angekommen zu sein* ist eines jener vielen Gefühle, über die man sich klar werden muß: Wie kann man glauben, man sei in Paris, und wie kann man diesem Glauben, hat man ihn erstmal gewonnen, dazu verhelfen wahr zu sein?

Die Töne der Góngchen aber, die Abfahrt und Ankunft der Züge einläuten, sind die Signale, die uns die letzten Spuren der Nacht abschütteln lassen: Es scheint wir sind da.

[«Paris, Gard du Nord», dizem-nos os altifalantes. (...) O quê e quem é que Paris reúne para que fim neste dia 5 de Janeiro de 1977?

*Ter-se chegado* é um daqueles muitos sentimentos que somos obrigados a clarificar para nós mesmos. Como é possível crer que se está em Paris e como se pode fazer que essa crença, uma vez assimilada, se torne verdadeira?

Os sons dos gonguezinhas que anunciam as chegadas e partidas dos comboios são os sinais que nos fazem sacudir os últimos vestígios da noite. Parece que chegamos.]

A dúvida ou incredulidade da chegada, que não é apenas de índole filosófica mas também se deve às restrições de mobilidade impostas aos cidadãos da RDA, é, porém, parcialmente dissipada pelos “sinais” emitidos por uma cidade que desperta para o seu dia-a-dia. Esses “sinais de uma verdadeira chegada” (*idem*: 19) consubstanciam-se (no texto) sob a forma de uma autêntica cascata de impressões fugidias que reflectem, por um lado, o modo de vida agitado da população parisiense e, por outro, a sensação de deriva da figura do viajante. O frenético “*Flic de boné azul*” (*ibid.*) a dirigir o caótico trânsito, a viagem de táxi da estação para o hotel, que projecta o narrador para um daqueles típicos cenários de um filme policial com intermináveis perseguições por um labirinto de avenidas, ruelas e túneis, assim como o alucinante desfile de fachadas e painéis publicitários são apenas alguns dos fenómenos directamente perceptíveis que lhe “comprovam” encontrar-se, de facto, “no solo de um mundo completamente diferente” (*idem*: 9).

Sollten wir<sup>279</sup> bis jetzt immer noch nicht glauben, angekommen zu sein – es gibt untrügliche Beweise, die uns selbst in diesen Minuten und durch den nieselnden Regen erreichen. (*idem*: 19)

[Caso, até ao momento, ainda não queiramos acreditar que já chegamos – há provas infalíveis que nestes minutos nos chegam através da chuva miudinha.]

<sup>279</sup> O recurso à primeira pessoa do plural não se deve ao facto de o narrador se fazer acompanhar por um outro viajante mas é, conforme explica a dada altura, uma estratégia poética por via da qual transmite a sua concepção fenomenológica (*idem*: 80): “(Hinter) unser(em) Wir, das wir gebrauchen, sucht sich eigentlich unser Ich zu verbergen.” [Por detrás do nosso Nós que utilizamos procura-se, no fundo, esconder o nosso Eu.]



“Paris erwacht.” [Paris desperta.], (Czechowski, 1981: 18)

Após a inicial agitação, representada como uma fulminante e descontrolada aceleração através de um espaço que não parece permitir ao viajante «fixar-se» numa nova realidade, é sobretudo na peculiar “sinestesia” de cores, ruídos e odores com que Paris se lhe revela que a figura do poeta – e nesta passagem é claramente voz do poeta *lírico* Czechowski que fala – irá encontrar uma primeira «âncora» para os seus sentidos (*idem*: 20).

So leuchtest du auf, Paris, an diesem Morgen in Rot, Rosa, Orange und Blau. Und über allem die steilen Giebel mit ihren Kaminen, verdunkelt von all dem Licht, das sich unten verdoppelt im Glanz des regennassen Asphalts.

Die Geräusche ringsum – Sprachfetzen, Rufe, Motoren, Hupen, schlagende Türen – wickeln uns ein in dieses Konglomerat aufgebotener Synästhesie, zu dem sich noch die Gerüche gesellen: Auspuffgase, Parfums und der in Paris allgegenwärtige leichte Moder.

[Assim resplandeces, Paris, nesta manhã, em vermelho, rosa, laranja e azul. E por cima disso tudo, os telhados íngremes com as suas chaminés, escurecidos de toda a luz que lá em baixa se duplica no brilho do asfalto molhado da chuva.

Os ruídos em redor – pedaços de linguagem, gritos, motores, buzinas, portas a bater – envolvem-nos neste conglomerado de uma vasta sinestesia, ao qual ainda se juntam os cheiros: gases de escape, perfumes e o ligeiro mofo que em Paris é omnipresente.]

Ainda assim, persistirá a sua fundamental dúvida metafísica sobre a capacidade de os próprios sentidos fazerem emergir a «essência» ocultada por detrás dos fenómenos. A consciência de que o entusiasmo pelo novo, de que a excitação e avidez da retina provocadas pela intensa estimulação irradiada por uma realidade desconhecida provoca uma certa embriaguez que lhe impedem a clarividência analítica tão necessária para poder viver e assimilar esse extraordinário momento com toda a intensidade configura-se como uma espécie de obsessão que acompanhará o narrador praticamente ao longo de toda a sua estada (idem: 20).

Aber das Überwinden aller Zweifel, angekommen zu sein, ist doch ein langsamer Vorgang (...). Und trotzdem: langsam die Akklimatisierung der Sinne, des Körpers. Behindert von einem Aufgeregtsein, das zwar die Lust erregt, möglichst alles zu sehen, was die Netzhaut erfaßt, und das auch tatsächlich die Erlebnisfähigkeit derart steigert, daß Einzelheiten, oft die nebensächlichsten, überscharf ins Bewußtsein treten und dort wahrscheinlich auch ein lebenslängliches Gewahrsum finden – ein Aufgeregtsein, das aber das Spektrum der Farben so ineinanderfließen läßt, als führe man auf einem Karussell. (...) wievieler Sinne bedürfe man wohl hier, um endlich doch zu glauben, man sei in Paris, und um zu erleben, wie das wahr wird?

[Mas o dissipar de todas as dúvidas de ser ter chegado não deixa de ser um processo lento (...). Apesar disso: a lenta aclimatização dos sentidos, do corpo. Dificultada por um estado de excitação que aguça a vontade de, na medida do possível, se ver tudo o que a retina retém e que, de facto, faz aumentar as capacidades perceptuais ao ponto de os pormenores, muitas vezes, os mais secundários, entrarem na consciência de uma forma sobremaneira aguda e, provavelmente, aí encontrarem um lugar de retenção para

toda a vida – um estado de excitação que, no entanto, faz confluir o espectro das cores como se estivéssemos a andar de carrossel. (...) de quantos sentidos necessitaríamos aqui para finalmente acreditarmos que estamos mesmo em Paris e para experienciarmos como isso se transforma em realidade?]

Este cepticismo de cunho fenomenológico, que é, por sua vez, recorrentemente atenuado pelo irromper de «marcas concretas» de um presente «real» a que os sentidos perceptivos não são imunes, constitui-se como uma fronteira invisível que impede o viajante estrangeiro de compreender a “linguagem da cidade”. As labirínticas ruelas, percorridas em busca de um hotel situado no *Quartier Latin* onde espera encontrar um primeiro repouso, “abrigo e pequeno-almoço no meio de um deserto de pedra” (*idem*: 23), provocam-lhe um forte sentimento de desorientação e agudizam a sua consciência de que lhe será impossível desvendar os “mistérios de Paris” (*idem*: 22s).

Die Gasse, in der wir stehen, schmal, namenlos oder berühmt – jetzt hat uns Paris im Spinnennetz seiner Möglichkeiten gefangen: Man kann sich darin verlieren oder eine Aussicht gewinnen, als stünde man auf der Tour Saint-Jacques, kann zwanzig Jahre seines Lebens darauf verwenden, die Sprache der Stadt verstehen zu lernen, oder wieder abreisen, gedemütigt von so viel Fremdheit eines jeden Steins. (...) die *Geheimnisse von Paris*, Titel eines Trivialromans, dessen krause Handlung einem hier wieder sofort einfällt und dessen Vorzüge Marx erkannte, behaupten sich.<sup>280</sup>

<sup>280</sup> O narrador refere-se ao romance de costumes *Mystères de Paris* (1843) de Eugène Sue (1804-1857), um escritor que, nos anos que precederam a revolução de 1848, se converteu de um *dandy* burguês a um militante (proto-)socialista. Publicado originalmente em fascículos num jornal parisiense relativamente conservador, este romance, que causou, na época, um forte impacto a nível nacional e internacional tendo sido traduzido para diversas línguas, centra-se nas miseráveis condições de vida dos pobres e marginalizados de Paris. De facto, nas obras de Marx e Engels (1976: 497s) encontram-se diversas referências elogiosas ao seu valor político-didático para a divulgação da causa socialista, conforme ilustra a seguinte passagem de um artigo de Engels de 1844: “Der wohlbekannte Roman von Eugène Sue, die “Geheimnisse von Paris”, hat auf die öffentliche Meinung, ganz besonders in Deutschland, tiefen Eindruck gemacht; die eindringliche Art, in der dieses Buch das Elend und die Demoralisierung darstellt, die in großen Städten das Los der “unteren Stände” sind, mußte notwendig die Aufmerksamkeit der Öffentlichkeit auf die Lage der Armen im allgemeinen lenken. Wie die “Allgemeine Zeitung”, die deutsche “Times”, schreibt, beginnen die Deutschen zu entdecken, daß sich im Stil der Romanschriftstellerei während der letzten zehn Jahre eine vollkommene Umwälzung vollzogen hat; daß an die Stelle von Königen und Fürsten, die früher die Helden solcher Erzählungen waren, jetzt die Armen getreten sind, die verachtete Klasse, deren gute und böse Schicksale, Freuden und Leiden zum Thema der Romanhandlung gemacht werden; sie kommen endlich

[A ruela em que nos encontramos, estreita, sem nome ou famosa – Paris apanhou-nos agora na teia de aranha das suas possibilidades. Nela nos podemos perder ou obter uma visão panorâmica como se nos encontrássemos na Tour Saint-Jacques, podemos gastar vinte anos da nossa vida a aprendermos a linguagem da cidade, ou podemos partir, humilhados de tamanha estranheza em cada pedra. (...) os *Mistérios de Paris*, título de um romance de cordel cujo enredo encrespado aqui nos vem de novo imediatamente à mente e cujas qualidades foram reconhecidas por Marx, mantêm-se por desvendar.]

Ainda que o narrador traga na sua bagagem, como qualquer viajante, todo um manancial de imagens e «pré-conceitos» maioritariamente constituídos por referências literárias a Paris – das quais tem, todavia, plena consciência de que, em vez de contribuírem para uma revelação transparente, pré-condicionam de forma ofuscante a sua percepção e representação da cidade –, a capital francesa apresenta-se-lhe, (não só) no momento da chegada, como uma realidade indecifrável envolta numa aura de estranheza radical (*idem*: 23):

Ist es nur das Gefühl, den Mittelpunkt der Welt, der alten, erreicht zu haben, oder das Unvertraute einer anderen Lebensweise, was uns beim Anblick

---

dahinter, daß diese neue Klasse von Romanschriftstellern, wie zum Beispiel G. Sand, E. Sue und Boz <Pseudonym für Charles Dickens>, wirklich ein Zeichen der Zeit ist. Die guten Deutschen hatten immer gedacht, daß es Not und Elend nur in Paris und Lyon, in London und Manchester gäbe, und daß Deutschland völlig frei sei von derartigen Auswüchsen der Überzivilisation und des Übermaßes an Industrie. Jetzt aber beginnen sie zu sehen, daß auch sie ein beträchtliches Maß sozialer Leiden aufzuweisen haben (...). Man kann sich leicht vorstellen, wie günstig dieser Zeitpunkt für den Beginn einer ausgedehnteren sozialen Agitation in Deutschland ist (...).” [O bem conhecido romance de Eugène Sue, os «Mistérios de Paris», impressionou imenso a opinião pública, mormente na Alemanha; o modo incisivo com que este livro representa a miséria e a desmoralização que nas cidades são a moeda corrente das «classes mais baixas» teve, necessariamente, de chamar a atenção pública para a situação dos pobres na sua generalidade. Como escreve a «Allgemeine Zeitung», que é a “Times” alemã, os alemães começam a descobrir que, durante a última década, se deu uma transformação radical no que diz respeito ao estilo da escrita de romances; que no lugar dos reis e duques, que antigamente eram os heróis de tais narrativas, agora se encontram os pobres, a classe desprezada, cujos bons e maus destinos, alegrias e tristezas constituem agora o tema do enredo romanesco; descobrem, finalmente, que esta nova classe de romancistas, como, por exemplo, G. Sand, E. Sue e Boz (pseudónimo de Charles Dickens), é mesmo um sinal dos tempos. Os bons alemães pensavam sempre que a carência e miséria só existiam em Paris e Lyon, em Londres e Manchester, e que a Alemanha estaria completamente liberta de tais aberrações da hipercivilização e do excesso de indústria. Agora, porém, começam a ver que também eles próprios têm uma medida considerável de miséria social a constatar (...). É fácil imaginar-se quão propício é este momento para se dar início a uma agitação social mais extensa na Alemanha (...).]

der gegen die Morgenkühle verummten Passanten an die Heymschen Dämonen der Städte denken läßt?

*Sie wandern durch die Nacht der Städte hin, die schwarz sich ducken unter ihrem Fuß. Ihr langer Schatten schwankt im Häusermeer und löscht der Straßen Lichterreihen (...).*<sup>281</sup>

Doch wir ahnen im gleichen Moment, in dem uns diese Zeilen wieder einfallen, daß sie einem Klischee entsprechen, das wir uns mitgebracht haben, um für das Unbekannte, für das wir noch keinen Begriff kennen, wenigstens ein Bild zur Verfügung zu haben.

[Será apenas o sentimento de termos alcançado o centro do mundo, do velho, ou a estranheza de um outro modo de vida que, ao vermos os transeuntes embaçados contra a frescura matinal, nos faz pensar nos demónios da cidade de Heym?

*Eles vão deambulando pela noite das cidades que se agacham, pretas, sob o seu pé. A sua longa sombra vacila no mar de casas e apaga as filas de luzes das ruas (...).*

Mas no mesmo instante em que nos recordamos destes versos suspeitamos de que eles correspondem a um cliché que trouxemos connosco, para termos para o desconhecido, para o qual ainda não conhecemos um conceito, pelo menos uma imagem à nossa disposição.]

Essa barreira da estranheza e a respectiva angústia da figura do forasteiro de não estar à altura de a ultrapassar não são apenas sentidas no interior do labirinto das ruas e ruelas, ou seja, num cenário naturalmente propício a provocar uma sensação de desorientação. O que é significativo para a concepção estética e filosófica de Czechowski é o facto de nem sequer uma perspectiva mais distanciada, isto é, a visão panorâmica proporcionada a partir da janela do *Hôtel Panthéon*, onde o narrador entretanto se instalara, ser capaz de dissolver esse seu estranhamento radical. Conforme viria a descobrir, nesse mesmo hotel teriam estado albergados alguns nomes sonantes da cultura vanguardista de Paris da primeira metade do século XX, tais como Tzara, Éluard e Aragon, o que se constitui como pretexto para lhes prestar uma poesia de homenagem com o título “Das Hotel” em que reitera a sua sensação de não-pertença (*idem*: 28s):

<sup>281</sup> Versos das duas primeiras estrofes do poema expressionista *Die Dämonen der Städte* redigido, em 1910, por Georg Heym (1887-1912).



(...) Altes Hotel mit dem Ruhm/Längst verblichener Zeiten:/Tzara, Eluard (sic), Aragon. Das Klappern/Der Schlüssel/Verrät davon nichts.// Welche Empfindungen teilen sich mit?//Daß alles anders ist? Hier?//(...) Hier (...) / Bin ich und wundre mich selbst/Über mich, daß ich hier bin//Im alten Hotel, das mich aufnimmt/Ohne nach meinem Namen zu fragen.//Und ich bewehre mein Ich/Mit den Papieren eines anderen Ichs/An dessen Vergessen ich teilhabe/Um einzutauchen in das Aroma/Der *Hauptstadt der Welt* (...)

[(...) Velho hotel com a fama/De tempos há muito desvanecidos:/Tzara, Eluard (sic), Aragon. O ruído/Das chaves/Disso nada revela.//Que sensações nos advêm?//Que tudo é diferente? Aqui?//(...) Aqui (...) /Estou e espanto-me/Comigo mesmo, por aqui estar//No velho hotel, que me acolhe/Sem perguntar pelo meu nome.//E reforço o meu Eu/Com a documentação de um outro Eu/A cujo esquecimento eu assisto/Para mergulhar no aroma/Da *capital do mundo* (...)]



"Hôtel du Panthéon"  
(Czechowski, 1981: 33)

Perante uma realidade, simultaneamente, “banal e enigmática”, que para os parisienses representa a normalidade quotidiana mas que para o viajante se configura como uma misteriosa alteridade, a cidade parece continuar a resistir a qualquer tentativa de «assimilação» por parte do narrador (*idem*: 34s):

Ein erster Blick aus dem Fenster auf die Kuppel des Panthéon und auf die im Dunst schwimmenden Türme von Notre-Dame und Saint-Jacques löst ein Gefühl aus, dessen Wert sich nicht genau ausmachen läßt: Ist es Neugier auf die Stadt, die uns zu Füßen liegt, ist es eine leichte Beklemmung, diesem Angebot des Unbekannten nicht gewachsen zu sein? – Stumme Andacht, stille Einfalt – aber birgt nicht jedes Angekommensein im Unbekannten ein Mysterium?

Also geht man, etwas benommen noch von der Übermacht der auf alle Sinne eindringenden Empfindungen, die Treppe hinunter (...). [Vor der Tür] alltägliches Erwachen der Stadt, Szene eines Filmes vor der Kulisse des Panthéons, banal und doch rätselhaft.

[Um primeiro olhar pela janela sobre a cúpula do Panthéon e sobre as torres de Notre-Dame e Saint-Jacques a flutuarem na neblina despoleta uma sensação cujo valor não é possível determinar com exactidão: Será a curiosidade pela cidade que se encontra aos nossos pés, será uma ligeira ânsia de não estarmos à altura desta oferta do desconhecido? – Meditação muda, candura silenciosa – mas não será que cada chegada ao desconhecido contém em si um mistério?

Portanto, descemos as escadas, ainda algo atordoados pela onnipotência das sensações que penetram todos os sentidos (...). [À porta,] o acordar quotidiano da cidade, cena de um filme perante o cenário do *Panthéon*, banal e, no entanto, misterioso.]

A primeira incursão pelos meandros da cidade é, significativamente, descrita a partir de uma perspectiva posicional inversa. Depois da sua primeira aproximação panorâmica, que não lhe proporcionara uma visão nem abrangente nem clarividente, o narrador imerge “in die Unterwelt der Metro von Paris” (*idem*: 38). Esta imersão num submundo do metropolitano, em cujo “ventre” (*idem*: 39) coabitam, anónima e contraditoriamente, a tristeza, a pobreza e a morte do sem-abrigo, “*Monsieur l’Inconnu*, que a polícia encontra morto sob os seus jornais” (*ibid.*), e o hedonismo das

sociedades de consumo simbolizado pelo brilho dos cartazes publicitários que promovem “o queijo *Tartare* e a *Bière d’Alsace*” e apregoam “a alegria e o bem-estar” (*idem*: 42), não contribui para dissipar a aura de estranheza que «encobre» Paris. Pelo contrário, a observação «arqueológica» das profundas contrariedades ocultadas pela superfície vem confundir ainda mais a difusa imagem e percepção do narrador, ao mesmo tempo que lhe agudiza a consciência de se encontrar perante um mundo onírico, uma “encenação” a cujos bastidores não tem qualquer hipótese de aceder (*ibid.*):

Und sind wir bisher nicht überhaupt nur Gäste einer Traumwelt gewesen? Ist dieses graue Paris, diese im Januarlicht erscheinende Stadt, nur der Hintergrund einer Inszenierung, die von Schatten belebt ist? Und ist die Wirklichkeit hier einige Meter unter dem Asphalt nicht noch weniger wirklich als das, was wir zu sehen vermeinten?

[No fundo, não teremos sido até ao momento apenas hóspedes de um mundo imaginário? Não será esta Paris cinzenta, esta cidade que emerge na luz de Janeiro, apenas o pano de fundo de uma encenação povoada por sombras? E não será esta realidade aqui, a uns metros abaixo do asfalto, ainda menos real do que aquilo que pensávamos estar a ver?]

De regresso à superfície da cidade e à luz do dia, o narrador depara com um arsenal de “tentações de todos os países e mares” (*idem*: 43), de estímulos sensoriais que, após a descida ao submundo e à respectiva digressão reflexiva, reavivam tanto os seus sentidos como o seu ânimo: as “ondas que, silenciosa e suavemente, se dirigem a nós, alcançam os nossos sentidos, somos reavivados por aromas – passamos por lojas cuja enorme quantidade de ofertas não anula a nossa sensibilidade” (*idem*: 45). Pelo contrário, perante um autêntico “desfile de tentações para o nariz e a boca”, (*idem*: 46), proporcionado pela diversificada oferta de iguarias extremamente tentadoras, Czechowski distancia-se, por instantes, do tom profundamente melancólico que impregna o seu livro, para proceder a uma «alegre» descrição enumerativa do regalo sensorial consubstanciado nas *delicatesses* que enchem as prateleiras das *charcuteries* parisienses (*ibid.*):

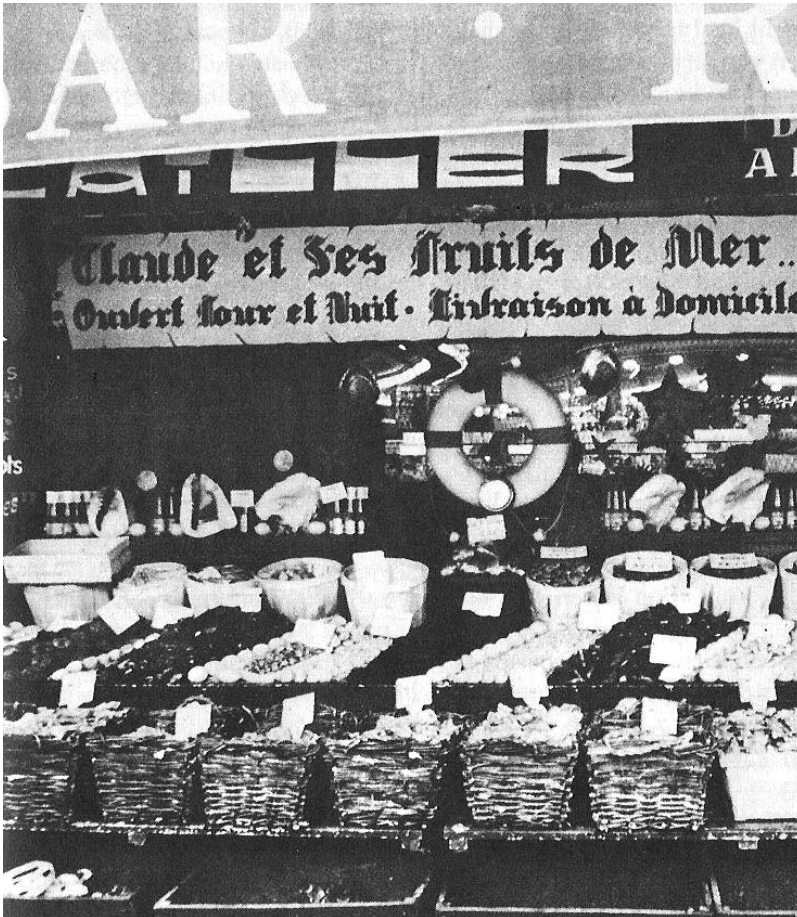
Oliven und Knoblauch, Auberginen, unzählige Büchsen mit uns bekannten Gewürzen, Konfitüren aller erdenkbaren Früchte, Datteln und Feigen,

das Aroma der Kaffeesorten und Tees – alles vereinigt sich zu einem Lobgesang auf die Felder und Gärten der Kontinente.

[Azeitonas e alho, beringelas, inúmeras latas com especiarias por nós desconhecidas, doces feitos de todos os frutos imagináveis, tâmaras e figos, o aroma das diversas espécies de café e chás – tudo se une para formar um hino aos campos e quintais dos continentes.]

Conforme já pudemos verificar nos textos de Schneider e Wangenheim, este género de representações “hínicas” das delícias paliativas, que parecem impressionar profundamente os viajantes, não se devem apenas ao *cliché* da refinada gastronomia francesa, mas têm que ser lidas à luz do contexto específico da crónica escassez de produtos «exóticos» nas mercearias da RDA. Numa espécie de aceno solidário aos seus leitores, que “durante as compras diárias se vêem privados de qualquer pequeno luxo”, (*idem*: 45), e para não suscitar sentimentos de inveja ou frustração por não o poderem também experimentar *in loco*, o narrador assegura-lhes ter tido, ele próprio, de renunciar à dispendiosa tentação de degustar todas essas maravilhas – “as ostras, os crustáceos e mariscos, (...) os *Vins de France*” (*idem*: 46) e a enorme variedade de queijos e doçarias. Tal como noutra passagem do texto, em que afirma ter resistido, por causa da manifesta “escassez de divisas” (*idem*: 56), às castanhas assadas, “que iriam custar dinheiro, enquanto a vista sobre tudo aquilo que nos faz recordar a história e do qual agora nos aproximamos em pessoa, de corpo e alma, é completamente gratuito” (*idem*: 37), também neste caso opta por continuar o seu passeio por uma zona residencial da cidade onde o «encanto» não seria tanto emanado pela estimulação dos sentidos paliativos e olfactivos, mas adviria sobretudo do seu interesse histórico e estético: “a velha Paris” (*idem*: 46).

Apesar de muitos dos antigos prédios residenciais nas ruas da “velha Paris” em torno da *Cathédral des Invalides* se encontrarem ou em restauração ou perante a eminência de serem simplesmente substituídos por construções modernas de betão e metal, a sua incursão por esse quarteirão ainda lhe permite encontrar “vestígios deixados pelo passado que nos conduzem por este *ensemble* de pátios e fachadas e cuja contemporaneidade agora nos acolhe” (*idem*: 48). Ainda que os vestígios do passado não se configurem senão como meros sinais à superfície, como uma fachada que naturalmente oculta a vida e história por detrás, o forasteiro regozija-se com o facto de essas



“Die Früchte des Meeres” [Os frutos do mar], (Czechowski, 1981: 47)

marcas permanecerem bem visíveis permitindo-lhe assim comprovar a sua imagem de uma rua genuína do centro parisiense (*idem*: 49):

Was sich hinter den Mauern verbirgt, werden wir nie erfahren; und auch die Geschichte, die in den alten Wohnungen nistet, wird uns ein Geheimnis bleiben, denn wir sind hier weder heimisch noch zu Hause ...

Aber das alles, das wir hier zusammenzubringen versuchen zu einem Bild (glauben wir es nun endlich ?), ist, wenn auch Fassade, Anblick des Außen, unaustauschbar und unverwechselbar das einer Straße der Innenstadt von

Paris. (...) trotz der parkenden Autos, die die Straßenfronten der Häuser verstellen, bleibt das Sichtbare sichtbar, zumindest für uns.

[O que se esconde atrás dos muros, nunca o saberemos; e também a história albergada nos velhos apartamentos se manterá para nós um mistério, pois aqui não é a nossa terra nem a nossa casa ...

Mas tudo isso que aqui tentamos conjugar no sentido de formar uma imagem (será que agora o cremos mesmo?) é, ainda que fachada, uma visão do exterior, a imagem insubstituível e inconfundível de uma rua do centro de Paris. (...) não obstante os carros estacionados que obstruem as fachadas frontais dos prédios, o visível mantém-se visível, pelo menos para nós.]



“Die Poesie der Hinterhöfe” [A poesia dos pátios], (Czechowski, 1981: 52)

Ciente da aporia subjacente à sua condição de estranho, da “não-pertença” de um “actor na margem do palco”, o narrador entra num café para se entregar, por instantes, ao jogo ilusório de participar numa cena «típica» e «autêntica» da vida parisiense (*idem*: 49s):

Für einen Augenblick haben wir das Gefühl, doch in der Szene, die uns umgibt, mitzuspielen, nicht Fremde zu sein, sondern dazuzugehören. (...) Doch unser leiser Verdacht, daß das, was sich rings um uns abspielt, das normale Leben sei, Teil des Alltags von Paris, verflüchtigt sich schnell. Euphorisch gestimmt, sind wir bereit, ein Detail für das Ganze zu nehmen, die Szenerie des Bistro in der Rue Vaneau als das Pariser Leben schlecht hin.

Weshalb sollen wir aber nicht, wenigstens für eine Viertelstunde, in dem Glauben gelebt haben, Paris sei *so*, wo es doch auch *so* ist und zugleich anders?

[Por um instante temos a sensação de afinal fazermos parte de uma cena que nos rodeia, de não sermos estranhos, mas de a ela pertencermos. (...) Porém, a nossa suspeita de aquilo que acontece à nossa volta ser a vida normal, uma parte do quotidiano de Paris, rapidamente se dissipa. Num estado eufórico estamos dispostos a tomar um detalhe pelo todo, o cenário do *bistro* na Rue Vaneau pela própria vida de Paris.

Mas por que é que não podemos viver, pelo menos durante um quarto de hora, com a crença de que Paris será mesmo *assim*, quando, na verdade, *assim* o é, ao mesmo tempo que é algo de diferente?]

No momento em que abandona a cena interior do *bistro*, restabelece-se de imediato a sensação de estranheza que acompanhará o viajante ao longo de toda a sua estada, estada essa cujo verdadeiro motivo, ou melhor, cujo pretexto officioso só a meio da narrativa é revelado ao leitor (*idem*: 50).

Der Nieselregen, der uns empfängt, als wir wieder den Asphalt betreten, das Quietschen der Bremsen von zwei an der Kreuzung beinahe kollidierenden Autos geben uns das Gefühl der Fremdheit zurück. Und wir erinnern uns, daß wir ja hier sind, um einen Auftrag zu erfüllen, der uns verpflichtet, den Spuren eines Lebens zu folgen.

[A chuva miudinha que nos recebe quando pousamos novamente o pé no asfalto, o chiar dos travões de dois carros que no cruzamento quase batiam um

contra o outro devolvem-nos a sensação de estranheza. E recordamo-nos de que estamos aqui para cumprir uma incumbência que nos obriga a seguirmos os vestígios de uma vida.]

A missão a cumprir consiste num encontro com Claire Goll (Aischmann, de solteira), a viúva do escritor franco-alemão Yvan Goll (*alias* Isaac Lang) que, durante os anos de 1920 e após o regresso do seu exílio em Nova Iorque, vivera em Paris, onde viria a falecer em 1950, e cuja obra poética e ensaística Czechowski pretendia editar.<sup>282</sup> No capítulo dedicado ao casal Goll, que mantivera intensos contactos com importantes figuras da vanguarda cultural da primeira metade do século, nomeadamente com Rilke, André Breton, Paul Éluard, Marc Chagall, Pablo Picasso, Hans Arp e James Joyce, entre outros, é prestada homenagem quer à peculiar modernidade da obra de um autor que o cânone literário da dogmática RDA tardara em reconhecer, quer à própria Claire Goll, que acabaria por falecer ainda em 1977, poucos meses depois de Czechowski a ter conhecido pessoalmente em Paris, onde ainda tivera oportunidade de a presentear, conforme «testemunha» a fotografia aqui reproduzida, com um ramo de flores (*idem*: 56s).

Jetzt, da ich dies schreibe, Claire Goll, wenige Monate nach Ihrem Tod, will ich die Fakten des Lebens, das Sie hinter sich ließen, nicht wiederholen. (...)

Sie waren (...) fast ein ganzes Jahrhundert lang an vielem beteiligt, das sich auf der langen Strecke zwischen Berlin, Paris und New York zugetragen hat. Der Klatsch [über Ihre vielen Liebesbeziehungen] hat das Seine getan, um Sie berühmt zu machen. Und wie oft wurden dabei Ihre Gedichte, Ihre Bücher und Ihr wirkliches Leben in den Hintergrund gestellt.

(...) Ich schleppe nicht den Ballast Ihrer Erinnerungen mit mir herum, aber ich glaube, ein Bild von Ihnen zu haben. Und blättere ich jetzt in Ihren Büchern oder in der Monographie, die über Sie verfaßt wurde, so sehe ich die Porträts, die Foujeta, Audiberti, Léger oder Chagall von Ihnen zeichnen, als Sie noch jung waren. Doch diese Bilder werden verdrängt von einem inneren Bild, das ich aus Paris mitgebracht habe.

<sup>282</sup> Esta missão e projecto resultaram de facto, em 1982, na publicação de uma antologia de textos traduzidos e comentados por Czechowski com o título *Yvan Goll: Gefangen im Kreise. Dichtungen, Essays und Briefe*. Leipzig, Reclam.



[Agora, no momento em que estou a escrever isto, Claire Goll, poucas semanas após a sua morte, não quero repetir os factos da vida que deixou para trás. (...)]

Você (...) participou, durante quase um século inteiro, em muito daquilo que aconteceu no longo trajecto entre Berlim, Paris e Nova Iorque. A bisbilhoteira (sobre as suas numerosas relações amorosas) contribuiu para a tornar famosa. E não foram raras as vezes em que por isso se relegaram os seus poemas, os seus livros e a sua vida verdadeira para segundo plano.

(...) Não ando por aí a carregar comigo o peso das suas memórias, mas creio ter uma imagem sua. E quando agora folheio os seus livros ou as monografias redigidas a seu respeito, vejo os retratos que Foujeta, Audiberti, Léger ou Chagall fizeram de si enquanto era jovem. No entanto, estas imagens são suplantadas por uma imagem interior que eu trouxe comigo de Paris.]



“Blumen für Claire Goll” [Flores para Claire Goll], (Czechowski, 1981: 58)

Conforme ilustram vastas passagens do livro de Czechowksi, das quais aqui apenas podemos citar alguns breves exemplos representativos, essa “imagem interior” de Paris que o narrador traz e leva consigo é, significativamente, condicionada por uma complexa teia de tensões inter-relacionais que se jogam entre a memória (prévia e póstuma), a percepção e o processo da escrita. A sua construção oscila, assim, constantemente entre a procura de uma visão e descrição «transparentes» proporcionadas pela “autenticidade dos nossos próprios olhos” (*idem*: 62) e a consciência auto-reflexiva de que não só o próprio acto perceptivo como a sua representação são impreterivelmente «filtrados» pelas contingências (de índole diversa) da memória (*idem*: 61).

Jetzt, in der Gegenwart dieses Sommers, umgeben von Fotos, Aufzeichnungen, Büchern, beschwört man die Vergangenheit. Gelebtes Leben, Intensität, die man mitteilen möchte: Beginnt hinter dem Doppelpunkt erst, was einst war?

Erinnert sei, was man begriff und was verging, die von Autos verstellte Stadt, der eisige Wind, der durch die Rue Mouffetard wehte und der uns die Gasse hinauftrieb in ein Café (...), in dem in den dreißiger Jahren die Emigranten Erich Arendt und Johannes Wüsten über eine gewisse Zukunft sprachen, die nun auch wieder Vergangenheit ist.

[Agora, no presente deste Verão, rodeado de fotografias, apontamentos, livros, evocamos o passado. Vida vivida, intensidade, que desejamos transmitir: Será que é apenas a seguir aos dois pontos que começa o que outrora foi?

Recordemos o que entendemos e o que se passou, a cidade obstruída pelos carros, o vento gélido que soprava pela Rue Mouffetard e que nos empurrou pela ruela acima até a um café (...), onde, nos anos trinta, os emigrantes Erich Arendt e Johannes Wüsten tinham falado de um certo futuro que, por sua vez, agora também já é novamente passado.]

E sempre a dúvida fundamental sobre a capacidade de a linguagem poder fixar e expressar a experiência ou impressão individual (*ibid.*): “Das Bild von Paris, das wir nun besitzen und von dem wir glauben, daß wir es haben – ist seine Existenz in unseren Wörtern dingfest zu machen und zu erhalten?” [A imagem de Paris que agora possuímos e da qual cremos que a temos mesmo – poderá uma existência ser objectivada e preservadas nas nossas palavras?] Cepticismo esse que é ainda intensificado pelo paradoxo de uma estada passageira que, por um lado, permite uma perspectiva

«hiper-sensorial» resultante de uma focagem desproporcional de determinados aspectos, mas que, por outro, «suspende» o viajante catapultando-o, por assim dizer, para fora da realidade circundante cuja percepção adquire uma dimensão onírica em que se misturam tempos diferentes (*ibid.*):

(...) wir haben ja in dieser Stadt, die uns umgab, nicht im eigentlichen Sinne *gelebt*: Die von der Kürze des Aufenthalts gesteigerte Intensität, das Vermögen, die Bilder schärfer zu sehen, als es dem hier Lebenden möglich ist, gleicht einem Traum von gewonnener Zeit, vom Überschreiten einer Zeitgrenze.

Zehn Tage *Gegenwart* in dieser Stadt, die sich ihren Besuchern vor allem durch ihre Vergangenheit mitteilt, ähneln dem Text eines Exposés, das nur eine Ahnung von dem vermittelt, was sich zwischen den Zeilen verbirgt.

[(...) é que não *vivemos* propriamente dito nesta cidade: A intensidade aumentada pela brevidade da estada, a capacidade de se ver as imagens de um modo mais focado do que aqueles que aqui vivem o podem fazer, assemelha-se a um sonho de tempo ganho, da transposição de uma fronteira temporal.

Dez dias de *presente* nesta cidade que se oferece aos seus visitantes sobretudo por via do seu passado assemelham-se ao texto de um breve resumo que transmite apenas uma vaga ideia daquilo que oculta entre as linhas.]

O facto de Paris constituir um denso palimpsesto intertextual formado por uma multissecular acumulação de imagens literárias é outro aspecto que não poderá deixar de pré-condicionar a percepção dessa “*erdichtete Stadt*” (*idem*: 66), cidade inventada pela poesia. O narrador tem plena consciência de que a experiência *in loco* é incontornavelmente co-formada por uma ideia preexistente de determinada «realidade», ou seja, pelas expectativas e imagens prévias que o viajante traz na sua bagagem (*idem*: 62, 66s):

Paris' literarischer Ruhm (...), Abbild der Stadt durch die Jahrhunderte, dringt in die Erinnerung allerorts ein, ist Teil dieser Stadt, mitvermittelter Ruhm, der sich nicht ausschöpfen läßt und noch in seinen Widersprüchen nachwirkt. (...)

Derartige Epiphanien, die uns Städte vermitteln, die notwendigerweise fremd bleiben müssen, selten genug vermitteln, kennen wir aus der Literatur, [die] Ahnungen in uns entstehen [läßt], die wir möglichst bestätigt sehen wollen, wenn wir diese Städte eines Tages besuchen sollten.

[A fama literária de Paris (...), imagem da cidade reproduzida ao longo dos séculos, penetra a memória em qualquer lugar, é parte desta cidade, fama transmitida que não pode ser esgotada e se repercute ainda nas suas contradições. (...)]

Epifanias desse género, transmitidas por cidades que, obrigatoriamente, se nos mantêm estranhas, epifanias essas que raramente nos são transmitidas, conhecemo-las da literatura (que) faz com que nos emergjam ideias vagas que queremos ver, se possível, confirmadas se um dia visitarmos essas cidades.]

Segue-se, a este respeito, uma longa homenagem à “fama literária de Paris” tecida de múltiplas referências intertextuais que no seu conjunto compõem uma espécie de álbum poético composto das «visões» de escritores tão diversos como Baudelaire, Hemingway, Apollinaire, Joseph Roth, Y. Goll ou Rilke, “que veio para Paris para aqui viver e se viu obrigado a constatar que aqui seria mais fácil morrer.” (*idem*: 74).



“Rue Toullier: hier wohnte Rilke.” [Aqui viveu Rilke],  
(Czechowski, 1981: 69)

A esta desolada imagem, que advém do “Rilkesche Schmerz (...), der sich selbst so ernst nimmt und alle Dinge zu Objekten macht, die diesen Schmerz zu tragen haben” (*idem*: 66), ou seja, que resulta da “dor rilkeana que se leva a si mesmo tão a sério e que transforma todas as coisas em objectos obrigados a suportar esta dor”, justapõe-se, entre outras representações maioritariamente «epífanas», a bem-humorada opinião sobre a cidade de exílio de Heine que este expressara numa carta de 1831 ao compositor Hiller da seguinte forma (*idem*: 70):

*Fragt Sie jemand, wie ich mich hier befinde, so sagen Sie: wie ein Fisch im Wasser. Oder vielmehr sagen Sie den Leuten, daß, wenn im Meer ein Fisch den anderen nach seinem Befinden fragt, so antwortet dieser: Ich befinde mich wie Heine in Paris.*

[*Se alguém lhe perguntar como me sinto aqui, diga-lhe: como um peixe na água. Ou melhor, diga às pessoas que quando no mar um peixe pergunta a outro como vai passando este lhe responde: Estou como Heine em Paris.*]

Os lugares de memória onde esse sólido «património» histórico-literário se condensa e concentra de forma mais evidente, onde, por assim dizer, a espiritualidade se petrifica por toda a eternidade, são os cemitérios. Não surpreende assim que o autor lhes tenha dedicado no seu livro sobre Paris dois capítulos inteiros, um à “Nekropolis” (*idem*: 86) do *Père-Lachaise*, o outro ao cemitério de *Montmartre*, onde Heine encontrara “o seu último exílio” (*idem*: 118). Se até esse momento o leitor pudera já intuir que a viagem do narrador se consubstancia, essencialmente, como uma viagem em busca do passado, com o objectivo de reavivar e proclamar a herança humanística submersa na Paris contemporânea, é, mais tardar, nas encenações das suas visitas aos cemitérios que se lhe dissipam quaisquer dúvidas que ainda pudessem persistir. A «verdadeira» chegada ao destino acontece, não por acaso, apenas no enfático momento em que o viajante, que se auto-inscreve na tradição do *flanêur* configurado por um Poe, Baudelaire ou Benjamin (*idem*: 86), transpõe o limiar do *Père-Lachaise* (*idem*: 85s):

*Eigentlich sind wir erst jetzt in Paris wirklich angekommen, als wir diesen Friedhof betreten haben, der uns still und fast menschenleer empfängt, ein Ort, der die Namen der Kunst und der Geschichte versammelt, der aber trotz seiner vielen Wege nur wenige Ziele hat. Hier geht man noch einmal,*

nicht abgelenkt durch das Gedröhn des Verkehrs und die magische Kraft der Schaufenster, durch diese Stadt und ihre Geschichte. (...) alle Straßen, die wir bisher in dieser Stadt gegangen sind, führen hierher, wo die verschlungenen, vom Gebüsch überwachsenen Wege den Schritt wie von selbst leiten.

[No fundo, só chegámos verdadeiramente a Paris quando agora entramos no cemitério que nos recebe quase deserto de pessoas, um lugar que reúne os nomes da arte e da história, mas que, apesar dos seus muitos caminhos, tem apenas poucos destinos. Aqui voltamos a caminhar, sem sermos distraídos nem pela barulheira do trânsito nem pela força mágica das montras, através desta cidade e sua história. (...) todas as ruas desta cidade pelas quais até agora caminhámos levam a este sítio, onde os caminhos, sinuosos e tapados por arbustos, conduzem, como que automaticamente, os nossos passos.]

Durante o seu percurso pelos caminhos principais e laterais do cemitério, o meditabundo *flanêur* presta a sua sentida homenagem não só aos ilustres vultos da cultura europeia representados por “Molière, La Fontaine, Beaumarchais, Marcel Proust, Börne, (...) Chopin, Y. Goll – para não mencionarmos mais” (*ibid.*), como aos milhares de anónimos que durante as lutas da Comuna de Paris sucumbiram às tropas do governo e cuja memória se encontra eternizada junto ao *Mur des Fédérés* (*idem*: 89):

Sollte man sich einmal fragen, warum man, käme man nach Paris, den Père-Lachaise besuchen würde: hier weiß man es plötzlich. Es ist nicht zuerst die illustre Gesellschaft der Toten gewesen, die dieser Friedhof versammelt hat, sondern dieses Gräberfeld hier mit dieser unpathetischen Mauer (...), [das] jenseits aller politischen Testamente selbst ein Testament [ist].

[Se alguma vez nos interroguemos, caso venhemos a Paris, porquê visitar o *Père-Lachaise*: aqui sabemo-lo de repente. Não foi, em primeiro lugar, a ilustre sociedade dos mortos que este cemitério reuniu, mas esta vala comum aqui com este muro não patético (...), (que) é, para além de todos os testemunhos políticos, em si mesmo um testemunho.]

Esse túmulo de massas simboliza, para o narrador, o ponto de confluência de um espírito que, apesar de universal, se revestiu ao longo da história de formas diversas, um espírito de resistência e de luta por um “progresso

que um dia já foi verdadeiro. Pão e (...) educação.” (*ibid.*) Neste sentido, estariam aí representados não apenas os *communards* propriamente ditos, ou seja, a face mais explicitamente política desse movimento, mas também os poetas «românticos» e «pós-românticos», tais como “Hölderlin, Keats, Byron, Shelley, Mickiewicz: Eles continuam a viver no espírito da comuna, assim como Heine e Baudelaire” (*ibid.*). Contrariando abertamente o dogmatismo estético do «Realismo Socialista», cuja concepção de herança cultural excluía tanto o romantismo como outras correntes «decadentistas», para Czechowski o valor «didático» desse lugar consiste precisamente no facto de reflectir, não uma visão teleológica da História («Materialismo Dialéctico»), mas os seus sinuosos caminhos de continuidades e descontinuidades que convergem numa contemporaneidade labiríntica, eivada de contradições que não permitem perspectivar nem o passado nem o presente a partir de dicotomias esquemáticas (*idem*: 90):

Es ist wohl kein Ort in Europa besser geeignet als dieses Feld an der Mauer, die Gegenwart aus der Vergangenheit zu begreifen. Und alles, was in Paris, diesem Hexenkessel der Widersprüche, nicht im Müllcontainer der Geschichte gelandet ist, bezeugt, wenn man die Stadt von hier überblickt, daß die Menschheit unteilbar geworden ist.

[Não haverá no mundo um lugar mais propício do que este campo de valas junto ao muro para entendermos o presente a partir do passado. E tudo o que em Paris, este caldeirão de contradições, não tenha ido parar ao contentor do lixo da história testemunha, quando olhamos a cidade a partir daqui, que a humanidade se transformou em algo de inseparável.]

Mais do que representar apenas uma renúncia ao utopismo esquematizado dos regimes ditos socialistas, a seguinte citação da *Histoire de la Commune de 1871* da autoria do escritor e jornalista revolucionário Prosper-Olivier Lissagaray (1838-1901) deve ser aqui interpretada – apesar de ter curiosamente passado a censura – como um acto de denúncia, como um inequívoco e corajoso ataque subversivo aos métodos demagógicos em que assentava a política da RDA (*ibid.*):

(...) man sollte sich an die mahnenden Zeilen Lissagarays erinnern: *Wer dem Volk falsche Revolutionslegenden erzählt und es – ob vorsätzlich oder aus*

*Unwissenheit – durch Geschichtsdithyramben täuscht, ist ebenso strafbar, wie der Geograph, der falsche Karten für den Seefahrer entwirft.*

[...] dever-nos-íamos lembrar das palavras de advertência de Lissagaray: *Quem contar ao povo lendas falaciosas sobre a revolução e o ludibrie – deliberadamente ou por ignorância – com ditirambos históricos é tão condenável como o geógrafo que concebe mapas errados para os marinheiros.*]



“Ein Bewohner der Nekropolis” [Um morador da necrópole], (Czechowski, 1981: 115)



Se a incursão pelo Père-Lachaise se consubstancia neste género de reflexões de índole histórico-filosófica e explicitamente política, por via das quais se presta uma homenagem pública a grandes personalidades da cultura europeia, a visita ao túmulo de Heinrich Heine no cemitério de Montmartre é encenada como um «encontro íntimo», como um momento de epifania em que “mortos e vivos dialogaram por alguns minutos” (*idem*: 123). Ainda que aí também se encontrem os restos mortais de outras grandes personalidades a propósito das quais o narrador teria tido, com certeza, muito a dizer, tais como Stendhal, Hector Berlioz, os irmãos Goncourt ou Emile Zola (*idem*: 114), certo é que ele concentra toda a sua atenção na campa de Heine que aí fora, humildemente, sepultado a 20 de Fevereiro de 1856, “numa manhã de Inverno, fria e nebulosa, pontualmente às onze horas da manhã, na presença de, nada mais, nada menos, nove pessoas que prestaram a sua última homenagem ao poeta resgatado do seu túmulo de colchões”, a “Matratzengruft” (*idem*: 116), como ele próprio designara os seus últimos anos de doença.

Nesta cena dedicada ao cemitério de Montmartre podem destacar-se três elementos estruturantes. Em primeiro lugar, este capítulo caracteriza-se, mais do que qualquer outro, pela insistência numa intertextualidade explícita, ou seja, por uma série de citações de versos do próprio Heine cujo objectivo é, inquestionavelmente, o de prestar homenagem à obra do poeta concedendo-lhe um vasto espaço à sua própria voz. Em segundo lugar, há a referir a evocação de diversos pormenores sobre a sinuosa recepção da sua obra, fenómeno esse que se reflectiria inclusivamente na peculiar história da sua sepultura que, em 1900, passaria a ter um busto do poeta da autoria de um escultor dinamarquês e cuja inscrição advém da iniciativa de um grupo de cidadãos vienenses, curiosa e precisamente, oriundos da mesma cidade de Karl Kraus que fora um acérrimo detractor de Heine<sup>283</sup> (*idem*: 118):

Heinrich, wüßten Sie nur, daß nicht die Bürger Düsseldorfs oder Berlins, die doch allen Grund gehabt hätten, Ihnen eine würdige Grabstätte zu

<sup>283</sup> Sobre a recepção da obra de Heine por Karl Kraus veja-se, exemplarmente, o artigo de António Sousa Ribeiro (1998) que, em vez de perpetuar o simplismo dicotómico que, modo geral, caracteriza a investigação relacionada com esse assunto, descortina nas aparentes contrariedades ou irreconciliabilidades das concepções estéticas destes dois autores uma complexa relação de aspectos complementares.

verschaffen, Ihnen dieses Denkmal hier gesetzt haben, sondern, wie eine Inschrift verrät, die *freisinnigen Bürger der Stadt Wien!*

Man denkt unwillkürlich an Karl Krauss' Essay *Heine und die Folgen* und fühlt Unvereinbares auf sich zukommen: Heine, der Düsseldorfer und zeitweilige Wahlberliner, hier in Paris unter einer Marmorplatte, von Wiener Bürgern gestiftet, und ein Wiener Bürger, jener Karl Kraus, der diesen Heine unversöhnlich kritisierte.

[Heinrich, se você soubesse que não foram os cidadãos de Düsseldorf ou de Berlim, que teriam tido todos os motivos para o fazer, a arranjar-lhe esta sepultura digna, mas, como revela a inscrição, os *cidadãos de livre pensamento de Viena!*

Pensamos, espontânea e irremediavelmente, no ensaio de Karl Kraus *Heine e as consequências* e confrontamo-nos com coisas irreconciliáveis: Heine, natural de Düsseldorf e durante algum tempo berlinense por eleição, aqui em Paris, sob um tampo de mármore doado por cidadãos vienenses, e um cidadão vienense, aquele Karl Kraus que criticou impiedosamente este mesmo Heine.]

Aparentemente confundido com tantos aspectos irreconciliáveis, o narrador põe, quase que literalmente, a cabeça do leitor a andar à roda, obrigando-o a girar em torno da sepultura para ser ele próprio a decifrar a inscrição. Para tal recorre a um peculiar efeito gráfico que abaixo se reproduz de acordo com a sua disposição rectangular no original, embora no livro de Czechowski a epigrafia lapidária ocupe exactamente o terço central de uma página (*idem*: 119):

Da wir, jedenfalls im Augenblick, das Unvereinbare nicht vereinen können, gehen wir um Heines Grab herum und entziffern die (...) in den Marmor gemeißelten Verse:

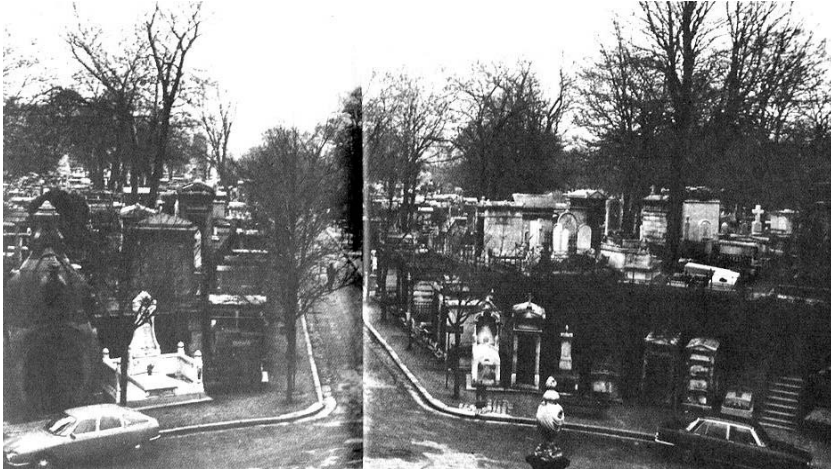
[Uma vez que, pelo menos neste instante, não somos capazes de reconciliar o que não é reconciliável, caminhamos em torno da campa de Heine e deciframos os versos gravados em mármore: ONDE SERÁ, UM DIA, DO EXAUSTO VIANDANTE/SEU ÚLTIMO LUGAR DE REPOUSO,/SOB AS PALMEIRAS NO SUL,/ SOB AS TÍLIAS JUNTO AO RENO?]<sup>284</sup>

<sup>284</sup> A nossa tradução da inscrição no tampo da sepultura segue a seguinte ordem de leitura: do lado vertical à esquerda, passando pela horizontal ao centro, a vertical à direita, até à horizontal na base.

WO WIRD EINST DES WANDERMÜDEN  
 LETZTE RUHESTÄTTE SEIN,  
 UNTER PALMEN IN DEM SÜDEN,  
 UNTER LINDEN AN DEM RHEIN?

Às técnicas e efeitos de representação visuais que constituem outro aspecto interessante deste livro, nomeadamente às fotografias do próprio Czechowski, dedicaremos, mais à frente, algumas breves reflexões. Por agora, e ainda em relação às marcas mais características da encenação textual desta visita à necrópole de Montmartre, é de realçar a ênfase da condição de emigrante de “Monsieur Heine, Heinrich, Henri?” (*idem*: 123). Colocando-se a si mesmo, de um modo subliminar, numa longa tradição de exilados alemães, o narrador vê em Heinrich Heine a «encarnação» de uma força aglutinadora que confere sentido às difíceis condições dos resistentes e emigrantes de todos os tempos, um intemporal “Zeitgeist que, através de si, se manteve vivo para lá da sepultura” (*idem*: 122). Este sentimento de proximidade com o “poeta, de quem talvez nunca tenhamos estado tão perto como naqueles minutos em que visitámos o seu último exílio” (*idem*: 118), reitera assim o auto-entendimento de Czechowski como um “poeta de ontem” (*idem*: 125) que se encontra, tal como Heine, fora do seu tempo e sofre por uma pátria melhor, essa historicamente dilacerada “Alemanha que você, apesar de tudo, tanto amava” (*idem*: 122). O problemático relacionamento de amor-ódio de ambos os poetas com a «questão alemã», quer a de uma Alemanha absolutista do século XIX dividida em dezenas de estados, quer a da segunda metade do século XX, é ainda, hábil e metaforicamente, enfatizado pela seguinte fotografia que, segundo a descrição no texto,

representa “dois automóveis, estacionados simetricamente à esquerda e à direita da avenida principal, junto à rotunda, mostrando-se mutuamente as traseiras e virados com os *capots* em direcções opostas, como se de um casal de namorados se tratasse” (*idem*: 114):



“Friedhof Montmartre” [Cemitério de Montmartre], (Czechowski, 1981: 120s)

Ao contrário desse *desencontro* das «duas Alemanhas» simbolizado pelos dois automóveis que apontam, parados, em direcções diametralmente opostas, o encontro com Heine proporciona ao visitante um intenso momento de identificação. Identificação essa que é, no entanto, assombrada pela consciência do complexo fenómeno inter-relacional de identidade-alteridade objectivado nas “duas fronteiras” (a franco-alemã e a intra-alemã que, por sua vez, reflectem também a fronteira «férrea» entre as duas vias ideológicas) que apenas a língua e linguagem espiritual comuns de Heine e do narrador podem dissolver (*idem*: 123):

Die Pflastersteine der kleinen Passage, die vom Tor des Montmartre zur Place de Clichy führt, haben unzählige FüÙe blankgeschliffen. Wieviele davon mögen den Weg von Ihrem Grab dort gegangen sein (...)? Wir gehen diesen Weg, der uns schließlich und endlich zurückbringen wird über zwei Grenzen, wir sprechen die gleiche Sprache, die Sie sprachen und in der Sie dichteten und die wir noch immer verstehen. Und bald werden wir wieder

*Unter den Linden* gehen und an unseren Schuhsohlen die gleiche preußische Erde tragen, die Sie getragen haben, nur daß diese Erde etwas schwerer wiegt als die Erde der Île de France, die Sie bedeckt.

[Os paralelos da pequena passagem que conduz do portão de *Montmartre* à *Place de Clichy* foram polidos por inúmeros pés. Quantos entre eles terão feito o caminho que dá para a sua sepultura (...)? Nós caminhamos por este caminho que, final e definitivamente, nos levará de volta sobre duas fronteiras, falamos a mesma língua que você falava e na qual escrevia a sua poesia e que ainda entendemos. Dentro em breve, caminharemos de novo na avenida *Unter den Linden* e teremos nas solas dos nossos sapatos a mesma terra prussiana que você também teve; só que esta terra pesa um pouco mais do que a terra da Île de France que o cobre a si.]

Oscilando, tal como Heine, entre uma inquebrável esperança num futuro melhor para a Humanidade e a consciência amarga de que esse se construirá sobre um passado manchado pelo sofrimento e pela morte que não poderão ser apagados pelo tempo, o narrador abandona o cemitério de *Montmartre* fazendo ecoar, em citação directa, a profética voz do poeta (*idem*: 123s):

(...) es ist als spräche Ihre Stimme von weit her die Worte:

*Das alles wird vorübergehen, ein neuer Frühling wird kommen, und damit ich ihn dann ganz genießen kann, ungestört, so mache ich jetzt die Frühlingslieder, die dazu gehören.*

Ach, welch gehörige Poesie, Heinrich Heine, und welch versöhnliche Aussicht!

Aber Pardon, das wußten Sie, und das wissen wir, wird nicht gegeben. Und die Last der toten Geschlechter hat unsere Schritte – nicht nur hier – schwerer gemacht.

[(...) é como se a sua voz, vinda de muito longe, pronunciasse as palavras:

*Tudo isto passará, uma nova Primavera virá, e para que então a possa desfrutar em plenitude, tranquilo, faço agora as canções primaveris que lhe correspondem.*

Ai, que poesia magnífica, Heinrich Heine, e que visão tão conciliadora!

Mas o perdão, você sabia-o, e nós sabemo-lo, não é concedido. E a carga das gerações mortas tornou os nossos passos – não só aqui – mais pesados.]

Que a representação de uma visita ao reino dos mortos e a confrontação com a problemática do exílio se consubstanciem num espaço narrativo imbuído de um tom de profunda tristeza e melancolia é um fenómeno (por assim dizer) natural. Menos esperado é, porém, o facto de também as descrições de outras zonas de Paris que, modo geral, desencadeiam associações semânticas de índole mais «folclórica», tais como leveza, alegria, vitalidade e/ou sensualidade, se configurarem neste relato de viagem como quadros impressionantes notoriamente melancólicos ou nostálgicos. Ainda que o trajecto de autocarro desde a *Place Panthéon*, no *Quartier Latin*, até *Montmartre* proporcione ao narrador uma espécie de “Sight-Seeing-Tour através da cidade” (*ibid.*), durante a qual se lhe revela uma outra face de Paris, ou seja, a agitada despreocupação da vida numa metrópole a que não está de forma alguma acostumado, “uma espécie de leveza da qual pouco percebemos” (*idem*: 96), essa aura de vitalidade desmorona-se no momento em que chega ao destino da sua curta excursão “de Paris a Montmartre” (*idem*: 95).

Als der Bus schließlich auf der Place Blanche hält, stehen wir im nackten, sonnenlosen Licht (...) vor einem zerklüfteten Panorama von Fassaden (...). Über der Glasfront eines Kinos, dessen Reklamen den *Sieg von Entebbe* verkünden, erhebt sich die Kulisse der berühmten Roten Mühle, touristischer Treffpunkt ungezählter Millionen, nächtlicher Turnierplatz sexhungriger Don Quichottes. (*idem*: 97ss)

[Quando o autocarro pára, por fim, na *Place Blanche*, encontramos-nos, envoltos numa luz fria e baça, perante um panorama alcantilado de fachadas (...). Sobre a frente envidraçada de um cinema, cujos reclamos anunciam a *Vitória em Entebbe*<sup>285</sup>, ergue-se o cenário do famoso Moinho Vermelho, ponto de encontro turístico para incontáveis milhões de pessoas, arena nocturna de Dom Quixotes ávidos de sexo.]

<sup>285</sup> Filme de 1976, dirigido pelo cineasta natural dos Estados Unidos da América Marvin J. Chomsky, que narra, em tom de aventura heróica e dramática, a história real do sequestro de um avião da Air France repleto de passageiros israelitas que a Organização de Libertação da Palestina (OLP) desviou para o aeroporto internacional de Entebbe na Uganda e que as forças especiais de Israel conseguem vitoriosamente resgatar. Com um elenco de luxo composto de actores como Anthony Hopkins, Burt Lancaster, Elisabeth Taylor e Richard Dreyfuss, *Operation Entebbe* assume no conflito israelo-árabe uma perspectiva inequivocamente pro-israelita.



“Place Blanche” (Czechowski, 1981: 104s)

À transparência daquele olhar despreocupado e fugidio ou, se quisermos, da visão turística que pautara a sua percepção do centro da cidade a partir do autocarro sobrepõe-se, instantânea e abruptamente, uma imagem pré-formada que o viajante traz na sua bagagem (*idem*: 99):

In der Leere des Vormittags wirkt der Platz wie jenes Lokal, das Atget vor siebzig Jahren hier in der Gegend fotografiert hat: bleich im Licht des Morgens, schäbig und hintergründig.

[No deserto matinal, a praça assemelha-se àquele local que Atget fotografara aqui nesta zona, há setenta anos: pálida, na luz matinal, sórdida e encoberta.]

A referência ao fotógrafo parisiense Eugène Atget<sup>286</sup> (1857-1929), que no início do século XX se dedicara, sistemática e obstinadamente, a «fixar»

<sup>286</sup> No site da *Bibliothèque Nationale de France* (Projecto Gallica) pode ser visionada parte significativa do espólio de Eugène Atget que na sua totalidade se compõe de cerca de 4000 fotografias. [<http://gallica.bnf.fr/themes/ImaXVIII3.htm>]. O valor artístico da obra deste fotógrafo, que é hoje uma referência incontornável do cânone internacional da História da Fotografia sendo considerado um dos pioneiros da *street photography* e da “*unverstellte Sicht*”, isto é, de uma visão crua (cf. Trottenberg, 1987: 44), foi «descoberto» pelos surrealistas Man Ray e André Breton, em cujas obras o jogo intermedial entre texto e fotografia desempenha um papel de destaque. A respeito desta vertente das «interartes», nomeadamente sobre Atget e sua relação com o surrealismo literário, veja-se, representativamente, entre um infindável número de publicações de

a *Paris pittoresque* e *Le vieux Paris* – conforme se intitulam dois dos seus portefólios –, não constitui no livro de Czechowski uma simples menção feita *en passant*. Na verdade, parece-nos que as imagens de Atget desempenham na sua concepção global um papel determinante a vários níveis. Em primeiro lugar, há assim a constatar as semelhanças, quer técnicas e formais, entre as produções fotográficas destes dois autores separados não só pelo tempo como pelas suas diferentes «especialidades» artísticas. Conforme se pode ver pela pequena selecção aqui reproduzida de um total de trinta e três fotografias de Czechowski, que no original ocupam, cada uma por si só, ou uma página completa ou se «apoderam», numa espécie de perspectiva panorâmica, mesmo de duas páginas,<sup>287</sup> os objectos de representação são, tal como no caso de Atget, maioritariamente constituídos por fachadas de edifícios, por praças e ruas. As imagens representam, quase sempre, cenários urbanos em que a presença de seres humanos é muito discreta e difusa ou, simplesmente, inexistente. À excepção da omnipresença dos automóveis que, como vimos, o narrador lamenta, nas fotos em *Von Paris nach Montmartre* há poucos sinais ou marcas da contemporaneidade. Dito por outras palavras, à semelhança da encenação textual, em que a perspectiva se centra na “velha Paris”, naquela “cidade inventada pela poesia” e eternizada nas obras de inúmeros artistas, sobretudo na literatura mas também na pintura, a representação visual focaliza primordialmente os indissolúveis vestígios materiais, os traços petrificados de um tempo passado que só a memória cultural e um olhar «conduzido» quer pelas fotografias de Atget quer pelas pinturas das ruas parisienses de Maurice Utrillo (1883-1955), a que Czechowski faz diversas referências, são capazes de fazer ressuscitar: “Plötzliche Durchblicke öffnen sich uns, die man von den Bildern Utrillos zu kennen glaubt (...)” [Abrem-se-nos visões repentinas que acreditamos conhecer dos quadros

---

uma área de investigação que tem proliferado durante os últimos anos, Erwin Koppen (1987: 215s), cujo estudo representa, no espaço de língua alemã, uma investigação pioneira. Ainda a propósito de Atget, é de referir o facto notório de Walter Benjamin (1978, Bd. II/1: 378s) ter tido, já em 1931, altura da publicação original do seu ensaio *Kleine Geschichte der Photographie* [Pequena História da Fotografia], uma clara noção da qualidade estética, da “mestria” desse fotógrafo “virtuoso” que ele considera um “precursor da fotografia surrealista (...) que [ousou] desmascarar a realidade (...), [tendo] introduzido a libertação do objecto da aura.”

<sup>287</sup> Lamentavelmente, esse género de disposição em página dupla não nos permitiu imprimir a desejada qualidade às «scanografias» aqui reproduzidas. Face ao seu valor «ilustrativo» em relação à concepção quer fotográfica quer intermedial do livro de Czechowski não quisemos, ainda assim, prescindir de alguns exemplos.



de Utrillo (...)] (*idem*: 101). Apesar da consciência céptica do narrador de que Montmartre constitui “uma peça de património público conservada e conservadora – poesia para a câmara e o olho do turista” (*idem*: 103), ou seja, uma espécie de espaço de simulação “para o olho feita de um modo tão perfeito que parece excluir qualquer hipótese de desilusão” (*idem*: 106), essa zona da cidade, em que o sonho e a realidade se misturam, “onde se torna difícil distinguir entre a verdade e a mentira de *Montmartre*” (*idem*: 99), proporciona-lhe uma das mais enfáticas impressões da sua visita a Paris (*idem*: 106):

So viel Echtheit und Dekoration: bis ins Großartige gesteigert und fast wie ein Traum, der schon der Wahrheit sehr nahe kommt und hier nun Wirklichkeit wird. – Wir flüchten wieder vor soviel ungeklärter Realität. Das Bild – sei es nun Traum oder Wirklichkeit – wartet tief im Schacht unserer Erinnerungen, wo es seine Auferstehung erlebt, die hier erfolgt ...

[Tanta autenticidade e decoração: sublimadas até à magnificência, quase como um sonho que já se aproxima muito da verdade e que aqui e agora se transforma em realidade. Fugimos de novo perante tanta realidade por esclarecer. A imagem – quer seja um sonho ou a realidade – espera nas profundezas das nossas memórias onde se dá sua ressurreição, que aqui acontece ...]

Nesse processo de uma dupla “ressurreição”, isto é, quer a do momento da percepção *in loco* quer a do momento de sua textualização, o *medium* da fotografia assume funções diversas. As fotografias de Atget desempenham, por um lado, um papel «pré-formativo» em relação ao enquadramento da visão do visitante e, por outro, funcionam como meio de autentificação de uma “verdade” que parece resistir ao tempo (*idem*: 106s):

Blättern wir [bei] dieser Auferstehung in einem Band mit den Fotografien, die uns Eugène Atget, der berühmte Pariser Lichtbildner, von diesem Quartier [Montmartre] aus der Zeit um die Jahrhundertwende hinterließ, begreifen wir sehr schnell: Hinter der Patina, die sich auf seine Ansichten gelegt hat, zeigt sich die Wahrheit, die jenseits von dem, was wir Dekoration nannten, noch immer existiert.

[Ao folhearmos, durante esta ressurreição, num volume com as fotografias que Eugène Atget, o famoso fotógrafo de Paris, nos deixou deste quarteirão (de Montmartre) na época da viragem de século, entendemos de imediato: por detrás da pátina que encobre as suas visões revela-se a verdade que continua a existir, para além do que chamáramos de decoração.]

A legenda que acompanha a seguinte fotografia de Czechowski «atesta» a sua busca daquela antiga Paris que Atget eternizara e de que o narrador encontra pelo menos alguns iniludíveis vestígios.



“Ein Motiv Atgets: Passage des Patriarches.”  
[Um motivo de Atget: Passage des Patriarches], (Czechowski, 1981, 108)

A “pátina” das fotos de Atget acima mencionada, ou seja, a aura tecnicamente antiquada, o esbatimento de contrastes e contornos que se dissolvem numa vasta paleta de cinzentos, também representa, conforme dará para intuir a partir das imagens do próprio Czechowski aqui reproduzidas, uma característica formal e conceptual da encenação quer textual quer visual em *Von Paris nach Montmartre*.

No que diz especificamente respeito à relação entre o texto e as fotografias incluídas neste livro é de notar que elas se encontram, modo geral, muito próximas das passagens narrativas para que remetem, o que nos leva a supor que as imagens desempenham para o processo da própria escrita uma função pragmática de mnemonização, representando portanto elementos impulsionadores da génese narrativa. Neste sentido, poder-se-á considerar que o texto e as imagens constituem um entrelaçado narrativo de meios complementares que, para além de se ilustrarem e/ou se autenticarem mutuamente, em conjunto enfatizam e densificam a aura nostálgica que envolve a representação da viagem deste poeta da RDA a Paris, viagem essa que se configura, tanto textual como visualmente, como uma «busca dos tempos perdidos».

Não surpreende assim que o capítulo final, intitulado de “Die Einsamkeit des Lesers” [A solidão do leitor], nos remeta para a “prosa do senhor P.” (*idem*: 127), que é, evidentemente, Marcel Proust. Recorrendo a uma técnica característica dos *Reisebilder* de Heine que consiste na inclusão de (narrativas de) sonhos, Czechowski faz terminar a sua representação da viagem no cenário «fantástico» do jardim público de Luxembourg onde combinara encontrar-se com esse “Senhor P.”. Durante a sua espera paciente e tranquila, que, por fim, se revela ter sido em vão, assiste, numa espécie de *flash back* fílmico em que se confundem as coordenadas do tempo e do espaço, ao desfile de toda uma série de imagens «impressionantes» da sua breve estada em Paris. Desse balanço resulta a tomada de consciência de que afinal chegara irremediavelmente atrasado para ainda poder encontrar aquela “velha cidade” que previamente imaginara, *Le vieux Paris* evocada por Atget e Proust,<sup>288</sup> entre muitos outros artistas que Czechowski homenageia (*idem*: 128, 130):

<sup>288</sup> A título de curiosidade, pode aqui referir-se o belo volume em que o editor e prefaciador Arthur D. Trottenberg (1987) junta trechos das produções fotográficas e literárias desses dois artistas parisienses que, tendo vivido sensivelmente na mesma época e seguido a ideia semelhante de «fixar» e «eternizar» uma Paris em plena fase de transição paisagística, nunca se terão pessoalmente encontrado.

Herr P. ließ indessen auf sich warten. Vieles von dem, was ich dachte, wäre mir wohl nie eingefallen, hätte ich dieses Rendezvous nicht vereinbart. (...) es war nicht schwer, hier seinen Träumen nachzugehen und Unzeitgemäßes zu denken, auch wenn jetzt in dieser Stadt kaum noch etwas in der Gestalt existierte, in der es der Fotograf Atget auf seine Bromsilberplatten gebannt hatte, und die Hochhäuser ringsum wie Pilze aus der Erde schossen.

Die Zeiten hatten sich übrigens während meines Wartens auf eine seltsame Weise vermischt. (...) Und natürlich dachte ich (...) auch an Herrn P., ja, ich versuchte, mich einzelner Gestalten und Situationen seiner Romane zu erinnern, war ich doch (...) einer seiner Bewunderer, ein, wie ich plötzlich wußte, zu spät gekommener (...).

[O senhor P. fazia, entretanto, esperar por si. Muito do que então pensei certamente nunca o teria pensado se não tivesse combinado esse encontro. (...) não foi difícil seguir aqui os seus sonhos e pensar em coisas extemporâneas, ainda que agora já quase não existisse nada nesta cidade sob a configuração que o fotógrafo fixara na sua placa de brometo de prata e os prédios altos tenham surgido por todo o lado como cogumelos.

Aliás, os tempos tinham-se, durante a minha espera, misturado de um modo estranho (...). E, evidentemente, também pensava no senhor P., sim, eu tentei recordar-me de certas personagens e situações dos seus romances, pois eu era um dos seus admiradores, um admirador, como de repente realizara, que chegou atrasado.]

O facto de o “Senhor P.” não ter comparecido ao *rendez-vous* com o narrador não é, porém, representado como uma desilusão. Pelo contrário, essa não comparação ter-lhe-á permitido – a si mesmo e ao seu leitor da RDA, a quem aqui faz um solidário aceno de consolação – manter o seu «sonho» de Paris (mais ou menos) intacto (*idem*: 134):

(...) das Gefühl, auf etwas verzichtet zu haben, das möglicherweise meine Vorstellung von Herrn P., den ich ja nur aus Büchern und von dem erlebten oder geträumten Telefongespräch kannte, zerstört haben könnte, machte mich froh.

Nichts hatte die Einsamkeit des Lesers, der in ein fernes Land gefahren war, um jenen kennenzulernen, dem er auf den Buchseiten unter dem Licht der Lampe ja schon begegnet war, gestört.

[...] a sensação de ter abdicado de algo que possivelmente poderia ter destruído a minha imagem do senhor P., que eu apenas conhecia dos seus livros e do telefonema, real ou sonhado, com ele, deixou-me feliz.

Nada tinha perturbado a solidão do leitor que viajara a um país distante para conhecer aquele que já encontrara nas páginas dos seus livros à luz do candeeiro.]

Para terminar esta análise pode-se, em suma, concluir que este livro profundamente melancólico sobre Paris constitui um exemplo bem ilustrativo e elucidativo quer da avaliação global que Serke (1998: 189) faz deste peculiar poeta do «exílio interior» da RDA, nomeadamente que “para Heinz Czechowski e a sua obra o desejo da felicidade se consubstancia sempre um regresso à historicidade”, quer da tendência modern(ist)a da auto-referencialidade que, rompendo com o simplismo mimético-realista que continua a sustentar parte significativa da literatura de viagens contemporânea, reflecte no próprio *medium* as aporéticas contingências da percepção e representação do Outro. Que o leitor específico da RDA – que sofria, como vimos, de uma crónica «saudade do longe» – se tenha, de um certo modo, identificado com essa nostálgica imagem de uma cidade cuja «essência» se teria, aparentemente, perdido no tempo é, senão comprovado, pelo menos indicado pelo facto de *Von Paris nach Montmartre* ter contado, entre 1981 e 1986, com três edições. Uma vez que em 1991, ou seja, no imediato pós-reunificação, se seguiria ainda uma quarta edição, é de supor que muitos dos ex-cidadãos da (antiga) Alemanha do Leste que então se puseram avidamente a caminho para descobrir *in loco* a mítica Paris terão levado esse livro de Czechowski na sua bagagem.

Resta saber se o terão lido sob as múltiplas perspectivas e dimensões que encerra, ou seja, não só como um «guia turístico» que propõe uma visão, por assim dizer, arqueológica, uma profunda incursão pelos meandros da multissecular memória cultural de uma História europeia *comum* que a conjuntura geopolítica da «Guerra Fria» não foi capaz de apagar, mas também como uma complexa auto-reflexão sobre as múltiplas e multifacetadas condicionantes que interferem, de forma indelével e inextrincável, no processo policontextual(izado) da percepção, (re)memorização, representação e media(tiza)ção por via do qual emerge «realidade». Realidade essa que é, inexoravelmente, uma construção ou, se quisermos, um artefacto cultural.

#### 4.4 Resumo

Depois de nos capítulos anteriores se ter, primeiro, procedido a uma exposição crítica dos múltiplos metadiscursos em torno da literatura de viagens, quer numa perspectiva mais geral, quer pelo prisma mais específico da presença desse género na RDA, à qual se seguiu uma observação reflexiva dos multifacetados contextos políticos, sociais e culturais que co-determinaram tanto as práticas turísticas como a produção e recepção dos livros de viagens num país em que a mobilidade nacional e internacional se revestiu de múltiplas funções e dimensões, neste capítulo, dedicado aos «textos e imagens em movimento», submeteram-se as «narrativas» de viagem propriamente ditas a uma análise mais pormenorizada. Face à diversidade dos países aí representados assim como à multiplicidade de aspectos formais e de funções extra-literárias que, ao longo de quatro décadas, caracterizaram a paisagem editorial desse segmento de publicações, dividiu-se o *corpus* heurísticamente em dois grupos. Enquanto o primeiro se refere a encenações de viagens empreendidas nos confins do «hemisfério socialista», o segundo diz respeito a representações de périplos pelo «mundo além-muro».

Perspectivados como formas e modos diversos da construção e media(tiza)ção do ideal de um «Internacionalismo Socialista», no que concerne aos livros sobre viagens aos «países-irmãos» distinguiram-se três tipos de representações. As publicações vindas a lume na época da fundação e solidificação de uma «nova Alemanha», isto é, *grosso modo*, durante as duas primeiras décadas de existência da RDA, denotam, conforme vimos, uma clara tendência para um discurso visivelmente politizado com traços temáticos e formais muito semelhantes aos relatos de viagens do género *agittrop* dos tempos da República de Weimar. Inscrevendo-se numa tradição que concebia a «reportagem de viagem» como «arma política», na década de 50, o principal objecto de representação foi constituído pela União Soviética, cuja imagem, que durante o período do nazismo fora insistentemente denegrida,urgia então reabilitar. Por via de uma breve incursão por uma antologia de textos sobre as primeiras «viagens de delegação» de artistas da RDA ao «país-berço» do Socialismo vinda a lume em 1952 e, mormente, com base numa observação mais pormenorizada do livro *Gedanken im Fluge* (1949) do escritor Kuba sobre a sua participação num desses périplos, demonstrou-se que essa estratégia de «desdemonização» consistiu,

primordialmente, na construção de um mito glorificador desse «grandioso país» que deveria servir como modelo sublime à recém-fundada RDA.<sup>289</sup> Além deste patético enaltecimento da União Soviética – que, embora diminuindo a partir de finais dos anos 60, ainda foi residualmente resistindo até à implosão definitiva do edifício socialista –, nos anos subsequentes assistiu-se a uma progressiva intensificação do «turismo de delegação» aos outros «países-irmãos», intensificação essa que resultaria num aumento significativo de livros de viagens cujo objectivo era fomentar o intercâmbio e o espírito de identificação mútua entre os povos da «comunidade socialista». Como exemplo representativo dessa crescente mobilização de toda a espécie de artistas que se colocaram ao serviço da divulgação do «Internacionalismo Socialista», procedeu-se à análise de um catálogo de uma exposição dedicada às viagens de pintores e escultores da RDA ao estrangeiro socialista. Conforme se pôde verificar, as representações por parte de várias dezenas de artistas que nessa exposição «documentaram» os seus contactos com os mais diversos «povos irmãos» resultaram, não obstante o recurso a técnicas muito distintas entre si, numa visão notoriamente uniforme que nivela ou suprime as marcas da diferença, isto é, a diversidade de culturas que de facto coexistiam no gigantesco «império» socialista.<sup>290</sup> Em relação às viagens dentro do hemisfério sob o domínio da União Soviética foi ainda destacado um terceiro tipo de livros de viagens que denominámos de «guias de turismo à socialista». Ainda que, ao contrário do que acontecera no mercado livreiro do «mundo capitalista», na RDA não se tenha assistido a uma subdiferenciação (mais ou menos) clara do campo da literatura de viagens em obras literárias mais próximas da *Belletristik*, por um lado, e em guias de viagem de índole pragmática, por outro, com o exponencial aumento do turismo transfronteiriço a partir da década de 1970, altura em que parte significativa dos cidadãos da RDA passaria a encetar viagens regulares aos países socialistas vizinhos, constatou-se uma proliferação de toda a espécie de livros de viagens. Entre esta vaga de publicações destacámos um subgénero que se caracteriza, menos por representar «narrativas» subjectivas, mas por fornecer aos leitores – sem, porém, se prescindir de um eu-narrador – todo um manancial de informações de índole pragmática a que poderiam recorrer durante

<sup>289</sup> Cf. subcapítulo 4.2.1.

<sup>290</sup> Cf. subcapítulo 4.2.2.

as suas próprias viagens reais. Exemplarmente analisaram-se dois desses «relatos de viagens» utilitários sobre a Checoslováquia, que foi, conforme já anteriormente se constataria no subcapítulo sobre as principais tendências da mobilidade internacional dentro do Leste europeu, o país mais visitado pelos turistas da RDA. Nesse contexto foram ainda tecidas algumas reflexões a propósito das funções do frequente recurso a fotografias nesse eclético ou híbrido género de «guias de viagem» à socialista.<sup>291</sup>

A segunda parte deste capítulo foi dedicada aos livros sobre viagens ao Ocidente «além-muro» que, em comparação com a enorme quantidade de representações dos mais diversos países socialistas, constituíram, por razões óbvias, um segmento relativamente pequeno da vasta paisagem da literatura de viagens da RDA. Pôde-se, ainda assim, verificar uma surpreendente quantidade de títulos dedicados a uma considerável diversidade de destinos geográficos espalhados pelo «estrangeiro não-socialista» dos quais se tentou traçar um panorama necessariamente sucinto.<sup>292</sup> Face a essa diversidade e ao respectivo risco de dispersão que poderia transformar as análises num confuso emaranhado de perspectivas, optou-se, do ponto de vista metodológico, por submeter, representativamente, diversas «visões» de uma mesma região, nomeadamente Paris, a uma observação mais detalhada. Constituindo um duradouro e importante lugar da memória europeia anterior à «Guerra Fria» que diversos autores da RDA tiveram oportunidade de visitar, as diferentes representações dessa mítica Paris foram aqui submetidas a um estudo comparativo de três tipos distintos de estratégias de encenação que nos parecem paradigmáticas do fenómeno geral da representação do «mundo além-muro» num país em que os leitores tiveram de se contentar, na sua esmagadora maioria, com as imagens projectadas quer pelos meios audiovisuais – que aqui não foram, pelas razões expostas na introdução, contemplados – quer pelos livros de viagens. No que concerne às encenações no formato medial do livro analisaram-se, primeiro, o texto *Von Paris nach Frankreich* de Rolf Schneider, depois o relato de viagem de Inge von Wangenheim *Der Goldene Turm* e, por fim, o volume *Von Paris nach Montmartre* em que Heinz Czechowski traça uma visão textual e fotográfica da sua breve estada nessa «capital do velho mundo». Conforme pudemos constatar, cada uma dessas represen-

<sup>291</sup> Cf. subcapítulo 4.2.3.

<sup>292</sup> Cf. subcapítulo 4.3.



tações reflecte – ainda que não de forma tão claramente delineada como a nossa tripartição teórico-metodológica, que deve ser entendida como uma abordagem necessariamente heurística, o sugere – uma daquelas três tendências. Enquanto no relato de Schneider se denota uma inclinação visivelmente céptica em relação à tradicional mistificação de Paris, o que implica uma «sobrefocagem» dos aspectos mais sombrios que, alegadamente, derivam do sistema concorrencial do capitalismo que imprime as suas marcas negativas à cidade,<sup>293</sup> o livro de von Wangenheim perpetua, conforme aludido pelo próprio título, quer o «encanto» sensorial, quer o espírito utópico que Paris, o «berço» da primeira grande revolução democrática, continuaria a emanar.<sup>294</sup> Se a visão desmistificadora de Schneider terá representado, para os seus leitores sedentos de uma experiência *in loco* dessa mítica cidade, uma desilusão ou um certo desconsolo (que, por sua vez, terá certamente agradado à visão demonizadora do «capitalismo imperialista» por parte dos socialistas mais dogmáticos), a leveza narrativa assim como a (aparente) transparência e a aura de autenticidade que caracterizam *Der Goldene Turm* terão proporcionado ao público sedentário da RDA encetar uma agradável viagem na poltrona acompanhando a narradora, passo a passo, durante a sua «maravilhosa» incursão por um «paraíso proibido» cujas portas, assim o esperavam, num futuro próximo também se lhes abririam a eles próprios. Conforme se tentou demonstrar, o livro de Czechowski destaca-se dessas duas representações de Paris por diversas razões.<sup>295</sup> Ao contrário das estratégias de media(tiza)ção que sustentam os textos de Schneider e de von Wangenheim, estratégias narrativas essas por via das quais se pretende transmitir uma imagem «autêntica», «verdadeira» ou, pelo menos, «verosímil» das vivências dos próprios autores-viajantes, em *Von Paris nach Montmartre* assiste-se, desde o início, a uma diferenciação auto-reflexiva não só das figuras do viajante, do narrador e do escritor como das diversas contingências e aporias inerentes aos processos da percepção e da representação. Neste livro, o narrador e fotógrafo não se propõe esboçar uma imagem «transparente» da superfície visível de uma Paris contemporânea, concebendo antes o próprio acto da narração (textual e imagética) como um reflexo auto-referencial da sua insistente

---

<sup>293</sup> Cf. subcapítulo 4.3.1.

<sup>294</sup> Cf. subcapítulo 4.3.2.

<sup>295</sup> Cf. subcapítulo 4.3.3.

«busca dos tempos perdidos». A nossa análise do texto e das fotografias assim como das suas respectivas inter-relações levou-nos a concluir que a sua representação de Paris resulta, em suma, numa imagem imbuída de uma profunda melancolia, melancolia ou nostalgia essas que advêm de uma consciência aguda de que o presente se configura como uma espécie de palimpsesto formado por múltiplas camadas intertextuais e intermediais, como um denso espaço de uma memória cultural cuja «revelação» absoluta, apesar do árduo trabalho de (re)memorização e de media(tiza)ção que o narrador lhe dedica, se mantém, irremediavelmente, um projecto para o futuro, ou seja, uma projecção utópica.

## 5. A vi(r)agem pós-socialista

Uma vez que no final de cada capítulo já se tiraram, sob a forma dos respectivos resumos e sínteses conclusivas, ilações diversas, quer a respeito das múltiplas dimensões das práticas turísticas, quer no que concerne às multifacetadas figurações e funções dos livros de viagens na RDA, proceder-se aqui às habituais «conclusões finais» representaria, a nosso ver, uma redundância. Preferimos, por isso, encerrar o nosso estudo com algumas reflexões, necessariamente sucintas, em torno do fenómeno da viagem na era pós-socialista.

Conforme a florado na introdução a este trabalho, nos primeiros anos após a derrocada do Muro de Berlim assistiu-se por parte dos antigos cidadãos da RDA, como que naturalmente, a um verdadeiro frenesim turístico visando sobretudo os países ocidentais e meridionais que até essa altura lhes tinham sido vedados. O facto de essa vaga de «viagens de exploração» de um «novo mundo» não ter igualmente resultado numa vaga editorial de livros de viagens poderá ser, à primeira vista, algo surpreendente. Considerando, porém, que parte significativa dos escritores da RDA – mesmo os mais críticos em relação ao sistema, como Kunert, Fries ou Czechowski, para mencionarmos apenas os casos mais conhecidos – teve, apesar de tudo, a oportunidade de usufruir do privilégio da *Westreise*, podendo ser assim considerados viajantes mais ou menos *habitués* numa sociedade «provinciana» que se fechara a toda uma metade do globo, essa escassez de relatos de viagens torna-se um aspecto perfeitamente compreensível. Na verdade, face ao “colapso do modelo da RDA como «sociedade literária»”

(»Literaturgesellschaft«) (Emmerich, 1994c: 183), um modelo que conferia à figura social do escritor tanto o papel privilegiado de «embaixador» no «estrangeiro não-socialista», como a função de mediador ou transmissor de informações (pretensamente objectivas e autênticas) sobre esse «mundo além-muro», o escritor-viajante via-se então perante um novo cenário que dispensava a sua presença como protagonista. Numa altura em que os seus leitores tinham, repentinamente, adquirido a possibilidade de representarem eles próprios o papel de turistas-protagonistas, isto é, de poderem fazer *in persona* e *in loco* a «extraordinária» experiência da viagem que anteriormente se lhes afigurava como um fenómeno, por assim dizer, transcendental, pode-se considerar que os poetas-viajantes da antiga RDA tinham perdido a sua legitimação, quer num sentido socioprofissional, quer enquanto tema ou objecto literário. Mais preocupados em reflectir não apenas sobre as múltiplas funções que tinham desempenhado num sistema que acabara de desabar, como também sobre o seu (re)posicionamento num novo modelo societal e cultural, mormente num novo *mercado* literário, o meio mais adequado para o fazer não seria o género do relato de viagens, mas a autobiografia, o ensaio e, evidentemente, o romance. Ainda que seja possível mencionar diversos exemplos de livros de viagens, vindos a lume entre 1989/90 e 1996, com marcas ainda bem visíveis dos antigos condicionalismos da RDA,<sup>296</sup> facto é que o tema da viagem foi então maioritariamente funcionalizado, não como objecto de representação propriamente dito, mas como um motivo metafórico sobre o qual se projecta a problemática identitária noutros géneros narrativos que não o relato de viagens num sentido mais restrito.

Um desses casos é representado, a nosso ver, de forma paradigmática pela peculiar *Harzreise* de Thomas Rosenlöcher (1991), em que a figura de Heinrich Heine, entendida como “Grenzgänger in Zeiten des Umbruchs” (cf. Matos, 1998: 123), isto é, como caminhante da/na fronteira em tempos de profundas transformações, e a sua matriz literária dos *Reisebilder* se consubstanciam numa espécie de apoio anímico para o desorientado cidadão-narrador de um país em vias de extinção «sobreviver» aos tempos transitórios e confusos da «viragem» que medeiam entre a queda do Muro

<sup>296</sup> Por exemplo, o relato sobre uma viagem a Jerusalém de Irene Runge (1990), o «diário cazaquistânês» de Helga Schütz (1992), a antologia de reportagens de viagens de Marko Martin (1994) ou os livros de Wolfgang Sabbath (1995) e de Adolf Endler (1996) sobre os seus périplos pelos Estados Unidos.

de Berlim e a reunificação.<sup>297</sup> Poucos anos depois da reunificação alemã e da referida publicação de Rosenlöcher, o tema da viagem revestir-se-ia, na perspectiva de diversos romancistas da (antiga) Alemanha do Leste, de uma dimensão cada vez mais melancólica. No romance de Monika Maron (1996/2003) *Animal triste*, obra entretanto também traduzida para português, encontram-se múltiplas referências a essa temática constituindo, assim, um exemplo deveras ilustrativo de como o sonho colectivo da viagem ao «*Golden West*» se transformaria, na «era *post murus*», numa banalidade pela qual já não valeria a pena ansiar. Na seguinte passagem, a protagonista, uma paleontóloga oriunda – tal como a autora – da extinta RDA, expressa por palavras suas aquele processo que, como vimos, Kracauer denominara já nos anos de 1920, de “relativização do exótico” ou, se quisermos, de «banalização» da viagem a destinos longínquos (Maron, 2003: 60):

No tempo do domínio do bando, em que todos nós sonhávamos com os países e paisagens longínquas (...), eu respondia à constante pergunta, onde iria, se apesar de tudo acontecesse o impossível: iria ao jardim de Pliny Moody e tinha a certeza de que apanharia o primeiro avião ao meu alcance para voar em direcção a South Hadley, Massachusetts.

Mas não fiz isso. Já não tinha pressa. O lugar a que eu chamava o jardim de Pliny Moody deixara subitamente de me pertencer. Tinha-se tornado um objecto acessível a toda a gente, possivelmente um lugar de paragem para agências de viagem de todo o mundo, aquelas que transportam de meia em meia hora, em autocarros climatizados com retretes químicas, bandos de turistas meios nus a South Hadley, onde eles fotografavam as pegadas de uma espécie de ave, já há muito vedadas [sic], bebiam Cola e comiam salsichas até que o autocarro os recolhia de novo (...). Eu receava que o jardim Pliny Moody não correspondesse à minha saudade e na pior das hipóteses até pudesse contradizê-la.

À inicial euforia causada pelo acesso ilimitado a todo o mundo e às consequentes expectativas da realização de um sonho desde há décadas adiado seguir-se-ia, de um modo surpreendentemente rápido, a grande desilusão. Desilusão ou desengano esses que, na nossa perspectiva, não podem ser todavia colocados ao mesmo nível do que hoje muitos consi-

---

<sup>297</sup> Veja-se, a este respeito, Matos (1998).

deram ser um nostálgico «branqueamento» da história da RDA, ou seja, a chamada *Ostalgie*. A conclusão da protagonista da narrativa *Die Überfliegerin* de Angela Krauß (1995), uma ex-cidadã da RDA que enceta uma viagem (simbólica) em torno do globo, do Leste via Ocidente de regresso ao Leste, parece-nos transcender a dimensão de uma irreflectida «nostalgia do Leste». Radicando antes numa profunda melancolia de matiz filosófica, que pode ser, ao mesmo tempo, entendida como reacção àquela vertente específica de uma «pós-modernidade» que se auto-entende como a «gloriosa vencedora» da Guerra Fria e que, por conseguinte, concebe a pretensa harmonia da «aldeia global» e a monoculturalidade como o fim – alegadamente, lógico e legítimo – da História, as conclusões finais da «circum-voadora» são colocadas na boca de uma “avozinha” sedentária numa pequena aldeia russa que se dirige à narradora com as seguintes palavras (Krauß, 1995: 118):

Ja, bleib nur, redete das Großmütterchen aus der Sofaecke heraus, bleib nur. Du bist hier wie anderswo am richtigen Ort, also kannst du auch hier sein. Es ist gleichgültig, wo du bist, alles ist richtig. Der Mensch muß nicht fort, wozu? Um die Welt zu sehen? Wozu? Der Mensch sieht immer sich selbst. Alles was er sieht, sieht ihm ähnlich, Länder, Leute, es ist alles nach seinem Maß. Er kann nicht wirklich Fremdes aufnehmen, der Mensch. Alles was er von draußen erkennen kann, ist er selbst. Er ist in sich eingeschlossen, und deshalb sucht er die Freiheit. Er sucht die Freiheit an einem Ort draußen. Wir Russen waren Nomaden, wir kennen das Umherziehen. Aber wir ziehen anders umher als ihr Ausländer. Wir suchen nicht die Freiheit. Wir ziehen zwischen Himmel und Steppe.

[Sim, deixa-te estar, dizia a avozinha sentada no canto do sofá, deixa-te estar. Estarás no lugar certo, tanto aqui como em qualquer outro lugar, portanto, também podes estar aqui. É indiferente onde estás, tudo está certo. O ser humano não precisa de partir, para quê? Para ver o mundo? Para quê? O ser humano vê-se sempre a si mesmo. Tudo o que vê se assemelha a ele, países, povos, tudo é feito à sua medida. Ele, o ser humano, não é capaz de assimilar o que lhe é verdadeiramente estranho. Tudo o que é capaz de reconhecer no exterior é ele próprio. Ele está encerrado em si mesmo, e é por isso que ele procura a liberdade. Ele procura a liberdade num lugar exterior. Nós russos éramos nómadas, nós conhecemos a migração. Mas migramos de forma dife-

rente de vós estrangeiros. Não procuramos a liberdade. Nós migramos entre o céu e as estepes.]

É certo que tal sagacidade só pode advir, por um lado, da experiência própria, ou seja, de um processo de aprendizagem que os pedagogos denominam de *learning by doing*, e, por outro, da consciência de um efeito psicológico perfeitamente normal que o incansável viandante Max Dauthendey transpôs para o fenómeno da viagem formulando-o, em 1915, no seu conto ensaístico *Himalayafinsternis* da seguinte forma:

Das ist der Fluch und zugleich die Wollust des Reisens, daß es Dir die Orte, die Dir vorher in der Unendlichkeit und in der Unerreichbarkeit lagen, endlich und erreichbar macht. Diese Endlichkeit und Erreichbarkeit aber zieht Dir geistige Grenzen, die Du niemehr loswerden wirst. Wenn sich Deine Seele, ohne daß Dein Leib reist, an einen Ort hin versetzt, in dem Du nie warst, so kann sie an dem Ort (...) geisterleicht (wandern). Hast Du aber den Ort einmal reisend mit Deinem Leib erreicht und wirkliche Tage dort erlebt, so bist Du dem Gefängnis der Wirklichkeit verfallen. (...) Dies ist der Fluch, der die Seele des Reisenden belastet. Die Flügel der Geistigkeit werden ihm von der Wirklichkeit beschnitten. (Dauthendey, 1919: 44s)

[É esta a maldição e, ao mesmo tempo, a volúpia da viagem, o facto de ela te tornar os lugares que anteriormente se encontravam na infinitude e na inalcançabilidade finitos e alcançáveis. Essa finitude e alcançabilidade impõe-te porém limites espirituais dos quais jamais te libertarás. Quando a tua alma, sem que o teu corpo viaje, se transpõe para um lugar onde nunca antes estiveras, poderá aí (...) movimentar-se com grande leveza espiritual. No entanto, uma vez que tenhas, viajando, alcançado o lugar com o teu corpo e aí realmente vivido alguns dias, nesse caso ficarás à mercê da prisão da realidade. (...) É esta a maldição que pesa sobre a alma do viajante. As asas da espiritualidade são-lhe cortadas pela realidade.]

O monumental desencanto em relação à nova liberdade de uma mobilidade ilimitada manifestado, exemplarmente, por Maron e Krauß resulta portanto da tomada de consciência de se encontrarem agora – isto é, con-

vém realçá-lo, após terem saciado a sua «fome de mundo» – na “prisão da realidade” da qual jamais se poderão evadir.

Numa perspectiva mais secular ou, se quisermos, menos metafísica, resta referir que os cidadãos daquele “país que já não existe” vivem hoje num «mundo global» em que teoricamente lhes é possível “caminhar por países que” para eles “nunca tinham existido”. Já não precisam de “Vistos livres até ao Havai” e têm (pelo menos telematicamente) a “Vista livre até Xangai”. Considerando, no entanto, os elevados custos socioeconómicos – nomeadamente as altíssimas taxas de desemprego na «província do Leste» – inerentes ao árduo processo da fusão das «duas Alemanhas» que, conforme demonstra o recente estudo de Wolfgang Herles (2005) com o título sintomático *Wir sind kein Volk* [Nós não somos um povo], se encontra numa fase de estagnação ou mesmo tendencialmente regressiva, poder-se-á especular que terá sido relativamente reduzido o número de Alemães do Leste que, desde a abertura da fronteira intra-alemã e da posterior «adopção» da RDA pela RFA, conseguiu experimentar *in loco* as «maravilhas» de tais recantos longínquos e exóticos. É que as (grandes) viagens turísticas não só requerem (apesar da crescente oferta de «pacotes» *low cost*) consideráveis quantias de dinheiro, como rapidamente se desvendam como buscas ilusórias de um paraíso terrestre há muito perdido: dois factores que nos poderão ajudar a compreender o facto algo desconcertante de o valor conferido pela população da antiga RDA à incondicional liberdade de circulação ter vindo, durante os últimos anos, a decrescer de forma notória.<sup>298</sup>

Ainda que não seja certamente a última palavra que se possa pronunciar sobre as múltiplas implicações do complexo fenómeno da viagem tanto nos tempos da RDA como na era pós-socialista, fiquemos, para darmos este estudo por encerrado, com uma afirmação de um filósofo da cultura contemporâneo. Passados apenas cinco anos após a implosão de um regime que, durante quase meio século, condicionara fortemente a mobilidade física e mental dos seus cidadãos, Jochen Kornelius Schütze (1995: 599) constata na nova «(des)ordem global» uma curiosa «convergência zero» em relação aos resultados efectivos de duas concepções distintas da prática

<sup>298</sup> De acordo com os dados estatísticos fornecidos por Herles (2005: 29), em 1990 cerca de três quartos da população da recém-extinta RDA consideravam a *Reisefreiheit* (Liberdade de circulação) – conceito «mágico» que, recordemo-lo, no mesmo ano fora precisamente eleito como «palavra do ano» – um elemento indispensável à democracia, enquanto dez anos depois apenas 53% o viam da mesma maneira.



da viagem que durante a Guerra Fria alimentaram as ilusões colectivas de ambos os lados da Cortina de Ferro:

505

---

Das Reiseverbot und die grenzenlose Reisefreiheit treffen sich nach einer langen Phase des kalten Krieges in einer Welt, in der beide ihre Bedeutung verloren haben. Das Reiseverbot schafft keine Heimat und das Reisen keine Abgeschlossenheit mehr.

[A proibição da viagem e a liberdade ilimitada da viagem encontram-se, após uma longa fase da Guerra Fria, num mundo em que ambas perderam o seu significado. A proibição da viagem não cria uma pátria e a viagem já não proporciona um refúgio.]



## Bibliografia

### I. Fontes\*

\* Face à importância da questão geopolítica relacionada com o fenómeno da viagem na RDA, sempre que o próprio título não evidencie a região ou o país a que se refere a publicação, acrescenta-se a respectiva indicação em parêntesis rectos.

- ABRAHAM, Peter (Hg.) (1976), *Fernfahrten erlebt und erdacht von achtzehn Autoren*. Berlin, Verlag Neues Leben. [Países ocidentais e do Leste]
- ANDERSON, Edith (1972), *Der Beobachter sieht nichts. Ein Tagebuch zweier Welten*. Berlin, Verlag Volk und Welt. [Estados Unidos da América].
- ANDERSON, Sascha/ERB, Elbe (Hg.) (1985), *Berührung ist nur eine Randerscheinung. Neue Literatur aus der DDR*, Köln, Kiepenheuer&Witsch.
- ARENDT, Erich u. Katja (1959), *Inseln des Mittelmeeres: von Sizilien bis Mallorca*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- ARENDT, Erich u. Katja (1962), *Griechische Inselwelt*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- ARNOLDT, Johannes (1976), *Das merkwürdige Paradies. Notizen aus Sibirien*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- BARCKHAUSEN, Christiane (1980), *Mañana, mañana. Erlebnisse in Mexiko*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- BERGER, Uwe (1981), *Nur ein Augenblick. 99 Reiseskizzen*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Diversos países socialistas]
- BLECHSCHMIDT, Manfred/WALTHER, Klaus (1978), *Böhmische Spaziergänge. Reisen zwischen Cheb und Ústí nad Labem*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- BÖHNKE, Gunter (1998), *Ein Sachse beschnarcht sich die Welt*. Leipzig, Kiepenheuer Verlag.
- BRADATSCH, Gertrud (1980), *Immer alt und immer neu. Prager Impressionen*. Rostock, Hinstorff Verlag.
- BREDEL, Willi (1956), *Gastmahl im Dattelgarten*. Berlin, Aufbau-Verlag. [China]
- CHRIST, Richard (1973), *Reisebilder. Ansichtskarten aus der DDR*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- CHRIST, Richard (1976), *Um die halbe Erde in hundert Tagen. Reisegeschichten*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [União Soviética].
- CHRIST, Richard (1979), *Adieu bis bald. Reisebriefe*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Áustria, Checoslováquia, Cuba, RFA, União Soviética].

- CHRIST, Richard (1983), *Mein Indien*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- CHRIST, Richard (1989), *Welt-Betrachtung. Zwischen Polarkreis und Äquator*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Nepal, Índia, Egipto, Áustria, RFA].
- CIBULKA, Hanns (1960), *Sizilianisches Tagebuch*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- CIBULKA, Hanns (1976), *Tagebücher*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- CLAUDIUS, Eduard (1948), *Notizen nebenbei*. Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt. [União Soviética].
- CLAUDIUS, Eduard (1955), *Paradies ohne Seligkeit*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [RFA].
- CZECHOWSKI, Heinz (1981), *Von Paris nach Montmartre. Erlebnis einer Stadt*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- CZECHOWSKI, Heinz (1989), *Mein Venedig. Gedichte und andere Prosa*. Berlin, Verlag Klaus Wagenbach.
- DAUTHENDEY, Max (1919), "Himalayafinsternis". In *Die schönsten Geschichten von Max Dauthendey*. München, Albert Langen/Georg Müller, pp. 44-66. [Ed. orig.: 1915, in *Geschichten aus den vier Winden*].
- DAVID, Kurt (1963), *Polnische Etüden von Sopot bis Zakopane*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- DELIUS, Friedrich Christian (1995), *Der Spaziergang von Rostock nach Syrakus. Erzählung*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt.
- EGGERATH, Werner (1949), *10000 Kilometer durch das Sowjetland*. Weimar, VEB Landesverlag Thüringen.
- EGGERATH, Werner (1960), *Fahrt ins Donaudelta und andere Reportagen aus Rumänien*. Berlin, Dietz Verlag.
- ENDLER, Adolf/MICKEL, Karl (Hg.) (1966), *In diesem besseren Land. Gedichte der Deutschen Demokratischen Republik seit 1945*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- ENDLER, Adolf (1976), *Zwei Versuche über Georgien zu erzählen*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- ENDLER, Adolf (1996), *Warnung vor Utah. Momente einer USA-Reise*. Leipzig, Gustav Kiepenheuer Verlag.
- FISCHER, David (1987), *Der verkrüppelte Riese. Impressionen aus den USA*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- FÖRSTER, Wieland (1974), *Begegnungen. Tagebuch, Gouachen und Zeichnungen einer Reise in Tunesien*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- FRÉMONTIER, Jacques (1978), *Portugal: die Nelken sind verwelkt*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Tradução do francês: Christl Schneider, Waltraud Schwarze, Thomas Dobberkau].

- FRIES, Fritz Rudolf (1973), *Seestücke*. Rostock, Hinstorff Verlag. [RDA, Costa do Mar Báltico].
- FRIES, Fritz Rudolf (1974), *Das Luft-Schiff. Biografische Nachlässe zu den Fantasien meines Großvaters*. Rostock, Hinstorff Verlag.
- FRIES, Fritz Rudolf (1978), *Der Seeweg nach Indien. Erzählungen*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag
- FRIES, Fritz Rudolf (1979), *Mein spanisches Brevier. 1976-1977*. Rostock, Hinstorff Verlag.
- FRIES, Fritz Rudolf (1980), *Alle meine Hotel Leben. Reisen 1957-1979*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Albânia, Checoslováquia, Cuba, França, Polónia].
- FRIES, Fritz Rudolf (1982), *Alexanders neue Welten. Ein akademischer Kolportage-Roman aus Berlin*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- FRIES, Fritz Rudolf (1983), *Leipzig am Herzen und die Welt dazu. Geschichten vom Reisen*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Albânia, Checoslováquia, Espanha, RDA]
- FRIES, Fritz Rudolf (1996), *Im Jahr des Hahns. Tagebücher*. Leipzig, Gustav Kiepenheuer Verlag.
- FÜHMANN, Franz (1973), *22 Tage oder Die Hälfte des Lebens*. Rostock, Hinstorff Verlag. [Budapeste].
- GLADE, Heinz (1970), *Auf der Fahrt zwischen Elbe und Müritz*. Leipzig, Brockhaus Verlag. [Polónia].
- GILDE, Werner (1984), *Dienstreisen mit Augenzwinkern. Erlebnisse auf vier Kontinenten*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag. [Austrália, China, Cuba, Estados Unidos da América, Inglaterra, Itália, Japão, União Soviética].
- GILDE, Werner (1988), *Der Große Buddha lächelt. Reisen zu Wasser und zu Lande*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag. [Egipto, China, Japão]
- GOSSE, Peter (1967), *Antennendiagramme*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag. [União Soviética].
- GRASNICK, Ulrich (Hg.) (1988), *Zwei Ufer hat der Strom. Deutsch-polnische Beziehungen im Spiegel deutschsprachiger Dichtung aus 150 Jahren. Mit einem Essay von Heinrich Olschowsky*. Berlin, Verlag der Nation.
- GROSSMANN, Victor (1976), *Per Anhalter durch die USA*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- GROSSPIETSCH, Walter/REHER, Lothar/STEINECKERT, Gisela (1969), *Neben an zu Gast. Reiseerlebnisse in Finnland, Norwegen und Schweden*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- GRÜNBERG, Karl (1970), *Von der Taiga bis zum Kaukasus*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- HAUPTMANN, Helmut (1956), *Schwarzes Meer und weiße Rosen*. Berlin, Verlag Neues Leben. [Bulgaria, Roménia].

- HAUPTMANN, Helmut (1957), *Donaufahrt zu dritt*. Berlin, Verlag Neues Leben. [Bulgária, Roménia].
- HAUPTMANN, Helmut (1965), *Blauer Himmel, blaue Helme: eine Reise auf Zypern*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- HERMLIN, Stephan (1948), *Russische Eindrücke*. Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt.
- HERMLIN, Stephan (1954), *Ferne Nähe*. Berlin, Aufbau-Verlag. [China].
- HEYM, Stefan (1954), *Reise ins Land der unbegrenzten Möglichkeiten*. Berlin, Tribüne Verlag. [União Soviética].
- HOHMANN, Dietrich (1975), *Londoner Skizzen*. Berlin, Der Morgen
- HUPPERT, Hugo (1965), *Münzen im Brunnen. Erlebtes Italien*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- HUPPERT, Hugo (1982), *Briefe aus Wien. 21 Reisebilder*. Halle und Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- JAKOBS, Karl-Heinz (1964), *Einmal Tschingis-Khan sein. Ein anderer Versuch, Kirgisien zu erobern*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- JENDRYSCHIK, Manfred (1975), *Aufstieg nach Verigo*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag. [Polónia e Bulgária]
- JENDRYSCHIK, Manfred (Hg.) (1977), *Auf der Straße nach Klodawa. Reiseerzählungen und Impressionen*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag. [Países socialistas].
- JENDRYSCHIK, Manfred (1986), *Zwischen New York und Honolulu. Briefe einer Reise*. Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- KARAU, Günter, MOLL, Jochen (1976), *Grândola. Reportagen aus Portugal*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- KANT, Hermann/REHER, Lothar (1972), *In Stockholm*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- KAUFMANN, Walter (1965), *Begegnung mit Amerika heute*. Rostock, Hinstorff Verlag.
- KAUFMANN, Walter (1966), *Hoffnung unter Glas*. Rostock, Hinstorff Verlag. [Estados Unidos da América].
- KAUFMANN, Walter (1969), *Gerücht vom Ende der Welt*. Rostock, Hinstorff Verlag. [Tradução do inglês: Wilhelm Vietinghoff]. [Estados Unidos da América].
- KAUFMANN, Walter (1979), *Irische Reise*. Berlin, Der Kinderbuchverlag.
- KAUFMANN, Walter (1980), *Drei Reisen ins Gelobte Land*. Leipzig, Brockhaus Verlag. [Israel].
- KEISCH, Henryk (1950), *Der unbekannte Nachbar*. Berlin, Der Blick nach Polen-Verlag. [Polónia].
- KELLERMANN, Bernhard (1948), *Wir kommen aus Sowjetrußland*. Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt.
- KLEIN, Lene und Walter (1971), *Begegnung in Chile*. Leipzig, Brockhaus Verlag.

- KLEINE, Dorothea (1989), *Traumsreisen*. Rostock, Hinstorff. [Checoslováquia, França, Áustria, RFA]
- KLINGSIECK, Ralf (1986), *Rendezvous mit Paris*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- KNAPE, Wolfgang (1982), *In Siebenbürgen*. Leipzig, Brockhaus Verlag. [Roménia].
- KNOBLOCH, Heinz (1979), *Mehr war nicht drin. Feuilletons und Fotos von Assuan bis Werneuchen*. Halle und Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- KÖNIGSBERGER, Klaus (1986), *Ankunft und Abschied. Reisen auf drei Kontinenten*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- KRAUSS, Angela (1995), *Die Überfliegerin. Erzählung*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- KRAUSS, Angela (1999), *Milliarden neuer Sterne*. Frankfurt am Main, Suhrkamp. [Nova Iorque].
- KRETZSCHMAR, Harald (1985), *Augenblicke. Reiseskizzen*. Berlin, Eulenspiegelverlag. [Países ocidentais e do Leste].
- KUBA [Kurt Barthel] (1949), *Gedanken im Fluge*. Berlin, Verlag Volk und Welt. [União Soviética].
- KUBA [Kurt Barthel] (1954), *Osten erglüht*. Berlin, Verlag Volk und Welt. [China]
- KÜCHLER, Manfred (1977), *Kopenhagen. Ein dänisches Mosaik*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- KUNERT, Günter (1968), *Kramen in Fächern. Geschichten. Parabeln. Merkmale*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- KUNERT, Günter (1972), *Tagträume in Berlin und andernorts*. München/Wien, Carl Hanser Verlag.
- KUNERT, Günter (1973), *Die geheime Bibliothek*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- KUNERT, Günter (1974), *Der andere Planet. Ansichten von Amerika*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- KUNERT, Günter (1978), *Ein englisches Tagebuch*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- KUNERT, Günter (1978b), *Verlangen nach Bomarzo. Reisegedichte. Mit 12 Federzeichnungen des Autors*. Leipzig, Reclam.
- KUNERT, Günter (1979), *Ziellose Umtriebe. Nachrichten vom Reisen und vom Daheimsein*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- KUNERT, Günter (1980), *Unterwegs nach Utopia. Gedichte*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- KUNERT, Günter (1999), *Erwachsenenspiele. Erinnerungen*. München, dtv. [1. Auflage, Carl Hanser, 1997].
- Künstler der Deutschen Demokratischen Republik reisen in sozialistische Länder* (s.d), hrsg. v. Verband Bildender Künstler Deutschlands. [Ausstellungskatalog].

- KUNZE, Reiner (1978), *Die wunderbaren Jahre. Lyrik, Prosa, Dokumente*. Frankfurt a.M., Wien, Zürich, Büchergilde Gutenberg.
- KURRELA, Alfred (1947), *Ich lebe in Moskau*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- KURRELA, Alfred (1956), *Der schöne Kaukasus*. Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt.
- LEHMANN, Andreas (Hg.) (1998), *Go West! Ostdeutsche in Amerika*. Berlin, Schwarzkopf & Schwarzkopf.
- LESKIEN, Jürgen (1980), *Ondjango. Ein angolantisches Tagebuch*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- LEWIN, Waldtraut (1977), *Katakomben und Erdbeeren. Notizen einer italienischen Reise*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- LEWIN, Waldtraut (1982), *Garten fremder Herren. Zehn Tage Sizilien*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- LEWIN, Waldtraut (1985), *Waterloo liegt in Belgien. Ein Reisebuch*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- LEWIN, Waldtraut (1986), *Villa im Regen. Impressionen aus der Toskana*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- LEWIN, Waldtraut (1989), *Reisen in Italien*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- LINDE, Günter/APT, Semjon (1970), *Kaukasisches Mosaik*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- LOEST, Erich (1991), *Zwiebelmuster. Roman*. München, dtv. [1. Auflage, 1985].
- LOEST, Erich (1992), *Wälder, weit wie das Meer. Reisebilder*. München, dtv.
- MAGER, Hasso/KÁLLAY, Karol (1979), *Kolumbus in der Tatra. Slowakische Reisebilder*. Halle und Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- MAKOSCH, Ulrich (1959), *Heute in Japan. Aufgezeichnet zwischen Tokio und Hiroshima*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- MAKOSCH, Ulrich (1962), *Zwischen Fudschijama und Himalaja*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- MAKOSCH, Ulrich (1966), *Paradies im Ozean. Begegnung in Ceylon*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- MAKOSCH, Ulrich (1970), *Jahre in Asien*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- MAKOSCH, Ulrich (1975), *Das Mädchen vom Sambesi*. Leipzig, Brockhaus Verlag. [Angola].
- MAKOSCH, Ulrich (1978), *Das Gebet an der Zitadelle. Reise auf den Phillipinen*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- MARON, Monika (2003), *Animal triste*. Porto, Ambar. [Orig. Alemão: 1996. Tradução de Maria José Peixoto Lieberwirth].
- MARTIN, Marko (1994), *Mit dem Taxi nach Karthago. Ein Ex-Ossi entdeckt die Welt*. Heidelberg, Wolf Schwartz Verlag.



- MEINCK, Willi (1971), *Die gefangene Sonne. Indische Impressionen*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- MEINCK, Willi (1986), *In den Gärten Ravanas. Sri Lanka – Insel im Ozean*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- MICHEL, Walter (1984), *Lieder vom Sambesi*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- Mit deutschen Augen gesehen. Erlebnisse, Erfahrungen, Erkenntnisse*. (1952) Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt. [União Soviética].
- Moskauer Begegnungen. Eine Anthologie* (1981), hrsg. v. Bezirksverband Berlin des Schriftsteller-Verbandes der Deutschen Demokratischen Republik, Berlin.
- MÜLLER, Armin (1953), *Sommerliche Reise ins Nachbarland*. Weimar, Thüringer Volksverlag. [Polónia].
- MÜLLER, Armin (1965), *Reise nach S.*. Berlin, Verlag Neues Leben. [Polónia].
- NACHBAR, Herbert/VETTER, Gerhard (1961), *Brasilienfahrt*. Rostock, Hinstorff Verlag.
- NELL, Peter (1951), *Nachbarland im Frühling*. [Polónia].
- Neue deutsche Literatur*. Heft 5/Mai 1955, pp. 12-81. (Dossier: *Sieben auf Reisen. Neue literarische Reportagen*). [Países socialistas].
- OTTO, Herbert (1961), *Republik der Leidenschaft*. Berlin, Verlag Volk und Welt. [Cuba].
- PANKOKE, Helga (Hg.) (1976), *Aufenthalte anderswo. Schriftsteller auf Reisen. Eine Anthologie*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag. [Países ocidentais e do Leste]
- PAUST, Ingerose (1985), *Zu Gast am Mississippi*. Berlin (Ost), Evangelische Verlagsanstalt.
- PELZER, Helmut/PAZKOWIAK, Alfred (1976), *Aus drei Küssen geboren – Bulgarien*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- PÜSCHEL, Ursula (1984), *Der Schlangenbaum. Eine Reise nach Moçambique*. Halle und Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- REIMANN, Brigitte (1965), *Das grüne Licht der Steppen. Tagebuch einer Sibirienreise*. Berlin, Verlag Neues Leben.
- RENN, Ludwig (1951), *Morella. Eine Universitätsstadt in Mexiko*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- RENN, Ludwig (1952), *Vom alten und neuen Rumänien*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- RENN, Ludwig, (1964), *Zu Fuß zum Orient*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- RENN, Ludwig, (1979), *In Mexiko*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- RICHTER, Egon (1972), *Sehnsucht nach Sonne. Reisen in das Land zwischen Großem Fels und Stilleem Ozean*. Rostock, Hinstorff Verlag. [União Soviética].
- ROSENLÖCHER, Thomas (1991), *Die Wiederentdeckung des Gehens beim Wandern. Harzreise*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- RUDOLPH, Manfred (1984), *London ohne Nebel*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- RUNGE, Irene (1986), *Himmelhölle Manhattan*. Berlin, Der Morgen.

- RUNGE, Irene (1990), *Sechs Wochen Jerusalem. Ein Reisebericht*. Berlin, Reihel Verlag.
- SABATH, Wolfgang (1995), *Als Ossi in Amerika. Satirische Reise zu unseren neuen Freunden*. Berlin, Edition Ost.
- SCHEER, Maximilian (1952), *Schwarz und Weiß am Waterberg. Ein Stück Afrika gestern und heute*. Schwerin, Petermänken-Verlag.
- SCHEER, Maximilian (1955), *Spieler. Reisebilder aus Westdeutschland*. Berlin und Leipzig, Aufbau-Verlag.
- SCHEER, Maximilian (1959), *Irak. Dürstendes Land*. Berlin, Verlag der Nation.
- SCHEER, Maximilian (1961), *Von Afrika nach Kuba*. Berlin, Verlag der Nation.
- SCHEER, Maximilian (1964), *So war es in Paris*. Berlin, Verlag der Nation.
- SCHEER, Maximilian (1966), *Paris – New York. Die Reise war nicht geplant*. Berlin Verlag der Nation.
- SCHEER, Maximilian (1975), *Ein unruhiges Leben. Erlebnisse auf vier Kontinenten*. Berlin, Verlag der Nation.
- SCHERZER, Landolf (1977), *Nahaufnahmen*. Berlin, Rudolstadt, Greifenverlag. [União Soviética].
- SCHERZER, Landolf (1984), *Bom dia, weißer Bruder. Erlebnisse am Sambesi*. Rudolstadt, Greifenverlag. [Angola].
- SCHIRMER, Bernd (1989), *Fensterplatz in Japan*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- SCHIRMER, Bernd (1984), *Die Hand der Fatima auf meiner Schulter. Algerische Reisebilder*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- SCHMIDT, Konrad (1977), *Über Wien nach Österreich*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- SCHNEIDER, Rolf (1975), *Von Paris nach Frankreich. Reisenotizen*. Rostock, Hinstorff Verlag.
- SCHNEIDER, Rolf (1977), *Orphée oder Ich reise*. Rostock, Hinstorff Verlag. [RDA, RFA, Polónia].
- SCHNEIDER, Rolf (1982), *Annäherungen & Ankunft*. Rostock, Hinstorff Verlag. [Áustria, Checoslováquia, França, RDA, RFA, Polónia].
- SCHULZE, Ingo (1999), *Simple Storys. Ein Roman aus der ostdeutschen Provinz*. München, dtv.
- SCHULZE, Ingo (2008), *Adam und Evelyn*. Berlin, Berlin Verlag.
- SCHÜTZ, Helga (1992), *Heimat süße Heimat. Zeit-Rechnungen in Kasachstan. Tagebuch*. Berlin, Aufbau-Verlag.
- SEGHERS, Anna (1948), *Sowjetmenschen. Lebensbeschreibungen nach ihren Berichten*. Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt.
- SEGHERS, Anna (1952), "Original-Eindruck". In *Mit deutschen Augen gesehen*. Berlin, Verlag Kultur und Fortschritt, pp. 9-11.

- SEYPPEL, Joachim (1970), *Grieschiches Mosaik*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- SPARSCHUH, Jens (1985), *Waldwärts. Ein Reiseroman von A bis Z*. Berlin, Der Morgen.
- STEINIGER, Klaus (1982), *Portugal. Traum und Tag. Aus der Chronik einer Revolution*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- STERN, Heinz (1976), *Aus Kuba, Peru und Argentinien*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- STERN, Kurt u. Jeanne (1967), *Reisfelder – Schlachtfelder*. Halle, Mitteldeutscher Verlag. [Vietname].
- STOLPER, Armin (1985), *Nach Reykjavik & Flachsenfingen. Erlebnisse auf Reisen*. Rostock, Hinstorff Verlag. [Islândia, Hungria, RFA].
- STÖTZER-KACHOLD, Gabriele (1992), *grenzen los fremd gehen*. Berlin, janus press.
- TELSCHOW, Alex (1984), *Land hinter Dünen. Report aus dem Königreich der Niederlande*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- TETZNER, Gerti/TETZNER, Reiner (1988), *Im Lande der Fähren. Bilder aus Dänemark*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag.
- UHSE, Bodo (1981), *Tagebuch aus China*. In *Gesammelte Werke in Einzelausgaben. Reise- und Tagebücher*, Bd. 5 I. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag, pp. 5-154. [Orig. 1956].
- UHSE, Bodo (1981), *Im Rhythmus der Conga. Ein kubanischer Sommer*. In *Gesammelte Werke in Einzelausgaben. Reise- und Tagebücher*, Bd. 5 I. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag, pp. 155-312. [Orig. 1962].
- UHSE, Bodo (1981), *Reise- und Tagebücher*, 2 Bde. Leipzig, Aufbau-Verlag.
- ULBRICHT, Lotte (1965), *Eine unvergeßliche Reise*. Leipzig/Berlin, Verlag für die Frau. [Egipto].
- VILLAIN, Jean (1969), *Die Schweiz. Paradies nach dem Sündenfall*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- VILLAIN, Jean (1971), *Frühling auf Kuba. Reportage*. Berlin, Verlag Volk und Welt.
- Vor meinen Augen, hinter sieben Bergen. Gedichte vom Reisen. Eine Anthologie* (1977), Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- VLACH, Roman (1963), *Ein Sommer in Portugal. Notizen von einer Reise*. Leipzig, Brockhaus Verlag. [Tradução do checo: Günter Müller].
- WAGNER, Bernd (1984), *Reise im Kopf*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WALTHER, Klaus (1986), *Noch zehn Minuten bis Buffalo. Amerikanische Augenblicke*. Rudolstadt, Greifenverlag.
- WANDER, Fred (1958), *Korsika noch nicht entdeckt*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WANDER, Fred (1972), *Holland auf den ersten Blick. Impressionen von einer Autoreise*. Leipzig, Brockhaus Verlag.
- WANDER, Fred/ Maxie WANDER (1978), *Provenzalische Reise*. Leipzig, Brockhaus Verlag.

- WANGENHEIM, Inge von (1970), *Kalkutta liegt nicht am Ganges. Entdeckungen auf großer Fahrt*. Rudolstadt, Greifenverlag.
- WANGENHEIM, Inge von (1988), *Der goldene Turm. Eine Woche Paris*. Rudolstadt, Greifenverlag.
- WEISKOPF, F.C. (1953), *Die Reise nach Canton*. Berlin: Dietz Verlag.
- WEISKOPF, F.C. (1978), *Das Eilkamel. Reiseberichte*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WENZEL, Hans-Eckard (1989), *Reise-Bilder. Satiren, Berichte, Essays*. Halle/Leipzig, Mitteldeutscher Verlag. [Espanha, Itália, França, RFA].
- WOLTER, Christine (1973), *Meine italienische Reise*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WOLTER, Christine (1977), *Juni in Sizilien*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WOLTER, Christine (1982), *Italienfahrten*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WOLTER, Christine (1987), *Straße der Stunden. 44 Ansichten von Mailand*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- WOLTER, Christine (1993), »Italien muss schön sein«. *Impressionen, Depressionen in Arkadien*, Berlin, Das Arsenal.
- WUSTMANN, Erich (1961), *Unter Palmen und braunen Menschen in Bahia*. Leipzig, Neumann Verlag.
- ZINNER, Hedda (1953), *Wir fahren nach Moskau. Junge Pioniere besuchen die Hauptstadt der Sowjetunion*. Berlin, Kinderbuchverlag.

## II. Estudos

- ADAMS, Percy G. (1962), *Travelers and Travel Liars 1600-1800*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press.
- ALBRECHT, Wolfgang/WIERLACHER, Alois (1996), "Zur Unverzichtbarkeit kulturwissenschaftlicher Xenologie als Programmteil wissenschaftlicher Weiterbildung". In *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache*, Bd. 22. München, Max Hueber, pp. 241-255.
- ARNOLD, Heinz Ludwig (Hg.) (1991), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband).
- ARNOLD, Heinz Ludwig (Hg.) (1991b), *Günter Kunert*. München, Edition Text+Kritik (Heft 109).
- ARNOLD, Heinz Ludwig (Hg.) (1993), *Feinderklärung. Literatur und Staatssicherheit*. München, Edition Text+Kritik (Heft 120).
- ARNOLD, Heinz Ludwig (Hg.) (2000), *DDR-Literatur der neunziger Jahre*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband).

- AUGÉ, Marc (1997), *L'Impossible Voyage. Le tourisme et ses images*. Paris, Edition Payot & Rivages.
- AUGÉ, Marc (1998), *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova, Bertrand. Trad. Lúcia Munznik.
- BAASNER, Rainer (1999), «Unser Staatsgeographus ist beständig auf Reisen». Zur Ausdifferenzierung von Reiseliteratur und Geographie 1750-1800“. In Michael Maurer (Hg.), *Neue Impulse der Reisetforschung*, Berlin, Akademie Verlag, pp. 249-265.
- BACHMANN-MEDICK, Doris (Hg.) (1996), *Kultur als Text. Die anthropologische Wende in der Literaturwissenschaft*, Frankfurt am Main, Fischer.
- BAGGER, Wolfgang (1991), “Arbeiterkultur und Arbeiter tourismus im Kaiserreich“. In Hasso Spode (Hg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 33-46.
- BAGGER, Wolfgang (1992), “Tourismus in der DDR vor und nach der Wende“. In D. Kramer/R. Lutz (Hg.), *Reisen und Alltag*. Frankfurt am Main, pp. 173-202.
- BARNER, Wilfried (Hg.) (1994), *Geschichte der deutschen Literatur von 1945 bis zur Gegenwart*, München, C. H. Beck.
- BARON, Ulrich (1991), “Günter Kunert als Reisender“. In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Günter Kunert*. München, Edition Text+Kritik (Heft 109), pp. 51-54.
- BARRENTO, João (2001), “Prefácio“. In *Obras Escolhidas de Goethe, volume VI, Viagem a Itália*. Lisboa, Relógio D'Água, pp. IV-XXV.
- BARSCH, Achim et al. (Hg.) (1994), *Empirische Literaturwissenschaft in der Diskussion*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- BARTHES, Roland (s. d.), *Mitologias*. Tradução e prefácio de José Augusto Seabra. Lisboa, Edições 70. [Ed. original: 1957].
- BARTHES, Roland (s. d.), *O Prazer do Texto*, Lisboa, Edições 70. Tradução de Maria Margarida Barahona e prefácio de Eduardo Prado Coelho. [Ed. original: 1973].
- BARTHES, Roland et al. (1982), *Littérature et réalité*. Paris, Éditions du Seuil.
- BARY, Nicole (1999), “L'image de la RDA en France. Réception et traduction de la littérature de RDA en France“. In *Grenzgänge*, Heft 12 (1999), pp. 144-149.
- BAUDRILLARD, Jean (1991), *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira, Lisboa, Relógio d'Água. [Ed. original: 1981].
- BAUER, Hans (1971), *Wenn einer eine Reise tat. Eine Kulturgeschichte des Reisens von Homer bis Baedeker*. Leipzig, Koehler & Amelang.
- BAUSINGER, Hermann et al. (Hg.) (1999), *Reisekultur. Von der Pilgerfahrt zum modernen Tourismus*. München, C. H. Beck.
- BEHDAD, Ali (1994), *Belated Travelers. Orientalism in the Age of Colonial Dissolution*. Durham, N. C., Duke University Press.

- BENJAMIN, Walter (1978), "Kleine Geschichte der Photographie". In *Gesammelte Schriften*, Bd. II/1. Hrsg. v. R. Tiedemann u. H. Schweppenhäuser, Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp.368-385.
- BENJAMIN, Walter (1978), "Über den Begriff der Geschichte". In *Gesammelte Schriften*, Bd. I/2. Hrsg. v. R. Tiedemann u. H. Schweppenhäuser, Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 691-704.
- BERG, Eberhard/FUCHS, Martin (Hg.) (1993), *Kultur, soziale Praxis, Text. Die Krise der ethnographischen Repräsentation*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- BERG, Henk de/PRANGEL, Matthias (Hg.) (1993), *Kommunikation und Differenz. Systemtheoretische Ansätze in der Literatur- und Kunstwissenschaft*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- BERG, Henk de/PRANGEL, Matthias (Hg.) (1995), *Differenzen. Systemtheorie zwischen Dekonstruktion und Konstruktivismus*. Tübingen/Basel, Francke.
- BERG, Henk de/PRANGEL, Matthias (Hg.) (1997), *Systemtheorie und Hermeneutik*, Tübingen/Basel, Francke.
- BERGER, Peter L./LUCKMANN, Thomas (1999), *A Construção Social da Realidade. Um livro sobre a sociologia do conhecimento*. Tradução de Ernesto de Carvalho. Lisboa, Dinalivro. [Ed. orig.: 1966].
- BERGHAHN, Klaus L./SEEBER, Hans Ulrich (Hg..) (1983), *Literarische Utopien von Morus bis zur Gegenwart*. Königstein/Taunus.
- BEUTHELSCHMIDT, Thomas (1995), *Sozialistische Audiovisionen. Zur Geschichte der Medienkultur in der DDR*. Potsdam, Phil. Diss.
- BIERMANN, Wolf (1991), "«Laß, o Welt, o laß mich sein!» Rede zum Eduard-Mörrike-Preis." In *Die Zeit* (15.11.1991).
- BIERNAT, Ulla (2004), *"Ich bin nicht der erste Fremde hier." Zur deutschsprachigen Reiseliteratur nach 1945*. Würzburg, Königshausen und Neumann.
- BISKUPEK, Matthias/WEDEL, Mathias (2003), *Urlaub, Klappfix, Ferienscheck. Reisen in der DDR*. Berlin, Eulenspiegelverlag.
- BLEICHER, Thomas (1981), "Literarisches Reisen als literaturwissenschaftliches Ziel". In *Komparatistische Hefte. Heft 3, Reiseliteratur*, pp. 3-10.
- BÖRNER, Klaus (1984), *Auf der Suche nach dem irdischen Paradies. Zur Ikonographie der geographischen Utopie*. Frankfurt am Main, Woerner.
- BORSCHIED, Peter (2004), *Das Tempo-Virus. Eine Kulturgeschichte der Beschleunigung*. Frankfurt am Main, Campus.
- BÖTHIG, Peter/MICHAEL, Klaus (Hg.) (1993), *MachtSpiele. Literatur und Staatssicherheit im Fokus Prenzlauer Berg*. Leipzig, Reclam.

- BÖTTIGER, Helmut (1985), *Fritz Rudolf Fries und der Rausch im Niemandsland*, Heidelberg, Phil. Diss.
- BORDE, Inge (1979), "Sich auf den Weg machen". In *neue deutsche literatur (ndl)*, 1, 1979, pp. 152-158.
- BORDE, Inge (1981), "Produktives Verhältnis von Nähe und Ferne". In *neue deutsche literatur (ndl)*, 5, 1981, 153-160.
- BRENNER, Peter J. (Hg.) (1989), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- BRENNER, Peter J. (1990), *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*. Tübingen, Max Niemeyer.
- BRENNER, Peter J. (1995), "Die Lügen der Dichter und die Illusion der Literaturwissenschaft. Probleme und Funktionen literaturwissenschaftlicher Stereotypenforschung". In *Mitteilungen des Deutschen Germanistenverbandes*, 42. Jg., Heft 1, Frankfurt am Main, pp. 11-16.
- BRENNER, Peter J. (Hg.) (1997), *Reisekultur in Deutschland, Von der Weimarer Republik zum «Dritten Reich»*. Tübingen, Niemeyer.
- BRENNER, Peter J. (1999), "Der Mythos des Reisens. Idee und Wirklichkeit der europäischen Reisekultur in der Frühen Neuzeit". In Michael Maurer (Hg.), *Neue Impulse der Reiseforschung*. Berlina, Akademie Verlag, pp. 13-61.
- BRILLI, Attilio (2001), *Als Reisen eine Kunst war. Vom Beginn des modernen Tourismus, Die «Grand Tour»*. Tradução (do italiano) de Annette Kopetzki. Berlin, Wagenbach. [Ed. orig.: 1995].
- BROHM, Holger (2000), "Günter Kunter vor dem Gesetz. Gutachten als Kommentarform des Kanons". In Birgit Dahlke et. al. (Hg.), *LiteraturGesellschaft DDR. Kanonkämpfe und ihre Geschichte(n)*. Suttgart/Weimar, Metzler, pp. 214-237.
- BRUNS, Stefan (1991), "Fritz Rudolf Fries, Außenseiter". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 160-168.
- BUCHHOLZ, Wolfhard (1976), *Die nationalsozialistische Gemeinschaft Kraft durch Freude. Freizeitgestaltung und Arbeiterschaft im Dritten Reich*. München, Phil. Diss.
- BULLIVANT, Keith (1992), "Gast in England. Zur Thematisierung des England-Erlebnisses im Werk Günter Kunerts". In Manfred Durzak/Hartmut Steinecke (Hg.), *Günter Kunert. Beiträge zu seinem Werk*. München, Wien, Carl Hanser Verlag, pp. 217-234.
- BULMAHN, Heinz (1984), "GDR Reisebilder of Poland, A matter of guilt, reconciliation and understanding". In *GDR Monitor*, Issue 12, pp. 18-28.

- BÜTOW, Martin (1996), “Abenteuerurlaub Marke DDR, Camping“. In *Endlich Urlaub! Die Deutschen Reisen*. Köln, DuMont, pp. 101-105.
- BUZARD, James (1998), *The Beaten Track. European Tourism, Literature, and the Ways to Culture, 1800-1918*. Oxford, Clarendon Press.
- CANTAUW, Christiane (Hg.) (1995), *Arbeit, Freizeit, Reisen: die feinen Unterschiede im Alltag*. Münster, Waxmann.
- CLARA, Fernando (1996), “«Portugiesisch? Das kommt mir spanisch vor!» ou «Alemão? Isso para mim é chinês!»”. In A. H. de Oliveira Marques *et al.* (coord.), *Portugal – Alemanha – África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político*. Lisboa, Colibri, pp. 169-177.
- CLARA, Fernando (1997), “As cidades e as ilhas. Algumas reflexões a propósito do enquadramento teórico da literatura de viagens”. In Ana Margarida Falcão *et al.* (org.), *Literatura de Viagem. Narrativa, História, Mito*. Lisboa, Edições Cosmos, pp. 579-587.
- CLARA, Fernando (2007), *Mundos de Palavras. Viagem, História, Literatura, Portugal no Espaço de Língua Alemã (1770-1810)*. Frankfurt am Main, Peter Lang.
- CLIFFORD, James/MARCUSE, George E. (Ed.) (1986), *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkley, University Press.
- CLIFFORD, James (1986), “Introduction, Partial Truths”. In James Clifford/George E. Marcus (Ed.), *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkley, University Press, pp. 1-26.
- CLIFFORD, James (1997), *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge/London, Harvard University Press.
- CONFINO, Alon (1998), “Tourismgeschichte Ost- und Westdeutschlands”. In Tobias Gohlis *et al.* (Hg.), *Voyage. Jahrbuch für Reise- & Tourismusforschung*. Bd. 2, Köln, DuMont, pp. 145-152.
- CONSENTINO, Christine (2002), “Fritz Rudolf Fries’ *Der Roncalli-Effekt* im Umfeld seiner Autobiographien *Im Jahr des Hahns* und *Diogenes auf der Parkbank*“. In *glossen* (Issue 17, 2002). [Versão online: [www.dickinson.edu/glossen](http://www.dickinson.edu/glossen)].
- CORBIN, Alain (ed.) (1995), *L’avènement des loisirs (1850-1960)*. Paris, Aubier.
- CORBIN, Alain (1998), “La révolution des loisirs”. In *L’Histoire*, nº 226, pp. 59-60.
- CORMACK, Bill (1998), *A history of holidays, 1812-1990*. London, Routledge/Thoemmes Press/Thomas Cook Archives.
- CRISTÓVÃO, Fernando (1999) (Coord.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*. Lisboa, Edição Cosmos.
- CROSS, Gary (1990), *A social History of leisure since 1600*. Pennsylvania, State College/Venture Publications.



- CULLER, Jonathan (1981), "Semiotics of tourism". In *American Journal of Semiotics*, Vol. 1, No. 1-2 (1981), pp. 127-140.
- DEEKEN, Anette (1994), "Angesehen, ungeschrieben? Vom Ende der Reiseliteratur im Zeitalter des Reisens". In *Deutschunterricht*, 47, pp. 492-499.
- De MAN, Paul (1979), "Autobiography as De-Facement". In *MLN* 94 (1979), pp. 919-930.
- De MAN, Paul (1999), *O Ponto de Vista da Cegueira. Ensaio sobre a Retórica da Crítica Contemporânea*. Tradução de Miguel Tamen. Braga/Coimbra/Lisboa, Angelus Novus & Cotovia. [Ed. orig. 1971. Reprint, University of Minnesota Press, 1983].
- Deutsch als Fremdsprache. Zeitschrift zur Theorie und Praxis des Deutschunterrichts für Ausländer. Literarisches Sonderheft 1989*. Leipzig, Herder-Institut.
- DURZAK, Manfred/STEINECKE, Hartmut (Hg.) (1992), *Günter Kunert. Beiträge zu seinem Werk*. München, Carl Hanser.
- DURZAK, Manfred/KEUNE, Manfred (Hg.) (1995), *Kunert-Werkstatt. Materialien und Studien zu Günter Kunerts literarischem Werk*. Bielefeld, Aisthesis.
- DYSERINCK, Hugo (1988), "Komparatistische Imagologie – Zur politischen Tragweite einer europäischen Wissenschaft von der Literatur". In *Dyserinck/Syndram* (Hg.), *Europa und das nationale Selbstverständnis – Imagologische Probleme in Literatur, Kunst und Kultur des 19. und 20. Jahrhunderts*. Bonn, Bouvier, pp. 13-37.
- DIEMER, Sabine (1996), "Reisen zwischen politischem Anspruch und Vergnügen. DDR-Bürgerinnen und -Bürger unterwegs". In *Endlich Urlaub! Die Deutschen Reisen*. Köln, DuMont, pp. 83-91.
- EAKIN, Paul John (1985), *Fictions in Autobiography. Studies in the Art of Self-Invention*. Princeton, University Press.
- ECO, Umberto (1986), *Viagem na Irrealidade Quotidiana*. Lisboa, Difel. [Tradução de Maria Celeste Morais Pinto. Ed. orig.: 1977].
- ELIAS, Norbert (1993), *A Sociedade dos Indivíduos*. Lisboa, Dom Quixote. [Tradução de Mário Matos. Ed. orig.: 1987].
- EMMERICH, Wolfgang (1994), *Die andere deutsche Literatur. Aufsätze zur Literatur aus der DDR*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- EMMERICH, Wolfgang (1994b), "Gleichzeitigkeit. Vormoderne, Moderne und Postmoderne in der Literatur der DDR". In Wolfgang Emmerich (1994), *Die andere deutsche Literatur. Aufsätze zur Literatur aus der DDR*. Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 129-150.
- EMMERICH, Wolfgang (1994c), "Status melancholicus. Zur Transformation der Utopie in vier Jahrzehnten". In Wolfgang Emmerich (1994), *Die andere deutsche Literatur. Aufsätze zur Literatur aus der DDR*. Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 175-189.

- EMMERICH, Wolfgang (2000), *Kleine Literaturgeschichte der DDR*, Berlin, Aufbau Taschenbuch Verlag. [1ª ed.: 1996].
- Endlich Urlaub! Die Deutschen Reisen* (1996), (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland). Köln, DuMont, 1996.
- ENGELBERG, Waltraut (1974), "Die Sowjetunion im Spiegel literarischer Berichte und Reportagen in der Zeit der Weimarer Republik". In *Literatur der Arbeiterklasse. Aufsätze über die Herausbildung der deutschen Literatur (1918-1933)*, Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag, pp. 312-379.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus (1964), "Eine Theorie des Tourismus". In Hans Magnus Enzensberger, *Einzelheiten I. Bewußtseins-Industrie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 179-205.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus (1970), "Baukasten zu einer Theorie der Medien". In *Kursbuch*, 20, pp. 159-186.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus (1974), "Revolutions-Tourismus". In Hans Magnus Enzensberger, *Palaver. Politische Überlegungen (1967-1973)*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 130-168.
- EPPELMANN, Rainer et al. (Hg.) (1997), *Lexikon des DDR-Sozialismus*. Stuttgart, Schöningh.
- ERBE, Günter (1993), *Die verfemte Moderne. Die Auseinandersetzung mit dem "Modernismus" in Kulturpolitik, Literaturwissenschaft und Literatur der DDR*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- ETTE, Ottmar (2001), *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Weilerswist, Velbrück Wissenschaft.
- FABIAN, Johannes (1993), "Präsenz und Repräsentation. Die Anderen und das anthropologische Schreiben". In Eberhard Berg/Martin Fuchs (Hg.), *Kultur, soziale Praxis, Text. Die Krise der ethnographischen Repräsentation*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 335-364.
- FALCÃO, Ana Margarida et al. (orgs.) (1997), *Literatura de Viagem: narrativa, história, mito*. Lisboa, Edições Cosmos.
- FELL, Karolina Dorothea (1998), *Kalkuliertes Abenteuer. Reiseberichte deutschsprachiger Frauen (1920-1945)*. Stuttgart/Weimar, Metzler.
- FENDL, Elisabeth/LÖFFLER, Klara (1995), "Die Reise im Zeitalter ihrer technischen Reproduzierbarkeit, zum Beispiel Diaabend". In Christiane Cantauw (Hg.), *Arbeit, Freizeit, Reisen, die feinen Unterschiede im Alltag*. Münster, Waxmann, pp. 55-68.
- FICHTE, Johann Gottlieb (1971), *Der geschlossene Handelsstaat. Ein philosophischer Entwurf als Anhang zur Rechtslehre und Probe einer künftig zu liefernden Politik*. In *Fichtes*

- Werke*, hrsg. v. Immanuel Hermann Fichte, Bd. III, Berlin, Walter der Gruyter & Co. [Publicação original, 1800].
- FISCH, Stefan (1989), "Forschungsreisen im 19. Jahrhundert". In Peter J. Brenner (Hg.), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 383-405.
- FISCHER, Manfred S. (1979), "Komparatistische Imagologie. Für eine interdisziplinäre Erforschung nationalimagotyper Systeme". In *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, Bd. 10, Heft 1, pp. 30-44.
- FISCHER, Manfred S. (1983), "Literarische Seinsweise und politische Funktion nationenbezogener Images – Ein Beitrag zur Theorie der komparatistischen Imagologie". In *Neohelicon*, 10, pp. 251-274.
- FREYER, Walter (1998), *Tourismus. Einführung in die Fremdenverkehrsökonomie*, München/Wien, Oldenbourg.
- FROMMANN, Bruno (1992), *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen. Arbeiter-Reisen und Kraft durch Freude-Fahrten*. Stuttgart, Phil. Diss.
- FROW, John (1991), "Tourism and the Semiotics of Nostalgia". In *October*, Issue 57, pp. 123-151.
- FUCHS, Anne/HARDEN, Theo (Hg.) (1995), *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*. Heidelberg, Universitätsverlag C. Winter.
- FUNDER, Anna (2004), *Stasiland. Do Outro Lado do Muro de Berlim*. Porto, Civilização Editora. [Tradução de Ana Figueria. Ed. orig. (em inglês): 2002].
- FUHRMANN, Gundel (1993), "Ferienscheck und Balaton". In *Mitteilungen der kulturwissenschaftlichen Forschung*, Heft 33, pp. 273-303.
- FUHRMANN, Gundel (1996), "Der Urlaub der DDR-Bürger in den späten 60er Jahren". In Hasso Spode (Hg.), *Goldstrand und Teutonengrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*, pp. 35-49.
- FUSSEL, Paul (1980), *Abroad. British literary travelling between the wars*. New York/Oxford, University Press.
- FUTTERKNECHT, Franz (1992), "Der andere Planet. Zu Günter Kunerts Ansichten von Amerika". In Manfred Durzak/Hartmut Steinecke (Hg.), *Günter Kunert. Beiträge zu seinem Werk*. München, Wien, Carl Hanser Verlag, pp. 235-251.
- GEERTZ, Clifford (1983), *Dichte Beschreibung, Beiträge zum Verstehen kultureller Systeme*. Frankfurt am Main, Suhrkamp. [Ed. orig.: 1973].
- GEERTZ, Clifford (1993), *Die künstlichen Wilden. Der Anthropologe als Schriftsteller*. Frankfurt am Main, Fischer. [Ed. original: 1988].

- G., F. (Anónimo) (1997), "Deutsche Englandbilder in der DDR-Reiseliteratur - Raritäten, aber es gab sie". In *Hard Times*, Heft 61, 1997, pp. 32-33.
- GESERICK, Rolf (1989), *40 Jahre Presse, Rundfunk und Kommunikationspolitik in der DDR*. München, Minerva.
- Geschichte der Literatur der Deutschen Demokratischen Republik* (1977). Hrsg. von einem Autorenkollektiv unter Leitung von Horst Haase und Hans Jürgen Geerds, Berlin (Ost), Volk und Wissen.
- GIEBEL, Marion (1999), *Reisen in der Antike*. Düsseldorf/Zürich, Artemis & Winkler.
- GLASER, Elton (1991), "Hydra and hybrid. Travel writing as a genre". In *North Dakota Quarterly*, Issue 3, pp. 48-53.
- GLASER, Horst Albert (1997) (Hg.), *Deutsche Literatur zwischen 1945 und 1995. Eine Sozialgeschichte*. Bern/Stuttgart/Wien, Utb.
- GLEBER, Anke (1989), "Die Erfahrung der Moderne in der Stadt. Reiseliteratur der Weimarer Republik". In Peter J. Brenner (Hg.), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 463-489.
- GÖCKERITZ, Heinz (1996), "Die Bundesbürger entdecken die Urlaubsreise". In *Endlich Urlaub!* (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland), Köln, DuMont, pp. 43-50.
- GOHLIS, Tobias (2001), "Holzbank. Die Reiseliteratur sitzt auf den schlechtesten Plätzen". In *Die Zeit*, 1. März 2001. [online: [http://www.zeit.de/archiv/2001/10/200110\\_glosse.xml](http://www.zeit.de/archiv/2001/10/200110_glosse.xml)]
- GRAF, Johannes (1995), "*Die notwendige Reise*". *Reisen und Reiseliteratur junger Autoren während des Nationalsozialismus*, Stuttgart, M und P, Verlag für Wissenschaft und Forschung.
- GRIEP, Wolfgang (1984), "Reiseliteratur im späten 18. Jahrhundert". In Rolf Grimminger (Hg.), *Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur*. Bd. 3/II (Deutsche Aufklärung bis zur Französischen Revolution 1680-1792). 2., durchgesehene Auflage. München, dtv, pp. 739-1764. [1<sup>a</sup> ed.: 1980].
- GRIEP, Wolfgang (Hg.) (1990), *Reiseliteratur und Geographica in der Eutiner Landesbibliothek*. Bde. 1 und 2, bearbeitet von Susanne Luber. Heide, Boyens & C.
- GRIEP, Wolfgang (Hg.) (1991), *Sehen und Beschreiben. Europäische Reisen im 18. und frühen 19. Jahrhundert*. Heide, Boyens & C. [= Erstes Eutiner Symposium vom 14. bis 17. Februar 1990 in der Eutiner Landesbibliothek].
- GRIEP, Wolfgang/JÄGER, Hans-Wolf (Hg.) (1983), *Reise und soziale Realität am Ende des 18. Jahrhunderts*. Heidelberg, Carl Winter.

- GRIEP, Wolfgang/JÄGER, Hans-Wolf (Hg.) (1986), *Reisen im 18. Jahrhundert. Neue Untersuchungen*. Heidelberg, Carl Winter.
- GRIEP, Wolfgang/PELZ, Annegret (Hg.) (1995), *Frauen reisen. Ein bibliographisches Verzeichnis deutschsprachiger Frauenreisen 1700 bis 1810*. Bremen, Ed. Temmen.
- GRIES, Sabine (1995), "Die Pflichtberichte der wissenschaftlichen Reisekader der DDR". In Diether Voigt/Lothar Mertens (Hg.), *DDR-Wissenschaft im Zwiespalt zwischen Forschung und Staatssicherheit*. Berlin, Duncker und Humboldt (Schriftenreihe der Gesellschaft für Deutschlandforschung; Bd. 45), pp. 141-168.
- GROSSEGESSE, Orlando/KOLLER, Erwin (Hg.) (2001), *Literaturtheorie am Ende? 50 Jahre Wolfgang Kayzers "Sprachliches Kunstwerk"*. Tübingen und Basel, Francke Verlag.
- GROSSMANN, Margita (1996), "»Boten der Völkerfreundschaft«? DDR-Urlauber im sozialistischen Ausland". In *Endlich Urlaub!* (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland), Köln, DuMont, pp. 77-82.
- GÜNTHER, Harri (1982), "Reiseprosa in der Gegenwartsliteratur der DDR". In *Deutsch als Fremdsprache* (Sonderheft 1982). Leipzig, Herder-Institut, pp. 39-54.
- GÜNTHER, Harri (1988), "Zur Pflege historischer Reiseliteratur in den Verlagsprogrammen der DDR. In *Deutsch als Fremdsprache* (Literarisches Sonderheft 1988). Leipzig, Herder-Institut, pp. 38-53.
- HAHN, Heinz/Hans Jürgen KAGELMANN (Hg.) (1993), *Tourismopsychologie und Tourismussoziologie. Ein Handbuch zur Tourismuswissenschaft*. München, Quintessenz.
- HAMMER, Klaus (1986), "Erzählen vom Reisen". In Siegfried Rönisch (Hg.), *DDR-Literatur '85 im Gespräch*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag, pp. 44-52.
- HAMMOND, Theresa Mayer (1980), *American Paradise. German Travel Literature from Duden to Kisch*. Heidelberg, Carl Winter.
- Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur. Band 11, Die Literatur der DDR* (1983). Hrsg. v. Hans-Jürgen Schmitt, München, dtv.
- HÄRTL, Heinz (1977), "Entwicklung und Traditionen der sozialistischen Reiseliteratur". In Günther Hartung et al. (Hg.), *Erworbene Tradition. Studien zu Werken der sozialistischen deutschen Literatur*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag, pp. 299-340.
- HELWIG, Gisela (Hg.) (1995), *Rückblicke auf die DDR*. Köln, Edition Deutschland Archiv im Verlag Wissenschaft und Politik.
- HENNIG, Christoph (1997), *Reiselust. Touristen, Tourismus und Urlaubskultur*. Frankfurt am Main/Leipzig, Insel Verlag.
- HENNIG, Christoph (1998), "Die Mythen des Tourismus. Imaginäre Geographie prägt das Bild der Reisenden von Ländern und Menschen". In *Die Zeit*. (25.06.1998).

- HENNIG, Christoph (1999), "Die Botschaft der Bilder. Illustration in Reiseführern - Eine empirische Untersuchung". In *Reisezeit – Lesezeit*. Hrsg. von Bodo Franzmann, Mainz, Stiftung Lesen / München, Profil, S. 47-59.
- HENTSCHHEL, Uwe (1999), *Studien zur Reiseliteratur am Ausgang des 18. Jahrhunderts. Autoren – Formen – Ziele*. Frankfurt am Main/New York/Zürich, Peter Lang.
- HENTSCHHEL, Uwe (2001), "Reiseliteratur. Ein kritischer Überblick über einige neuere Forschungsbeiträge". In *Wirkendes Wort. Deutsche Sprache und Literatur in Forschung und Lehre*, 51. Jg., Heft 1. Trier, Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 119-126.
- HERBST, Werner et al. (Hg.) (1994), *So funktionierte die DDR*, 3 Bde. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt.
- HERLES, Wolfgang (2005), *Wir sind kein Volk. Eine Polemik*. München/Zürich, Piper.
- HERTLE, Hans-Hermann (1996), *Chronik des Mauerfalls*. Berlin, Ch.Links-Verlag.
- HERTLING, Viktoria (1982), *Quer durch. Von Dwinger bis Kisch. Berichte und Reportagen über die Sowjetunion aus der Epoche der Weimarer Republik*. Königstein/Ts., Forum Academicum.
- HEYMANN, Barbara (1998), "Paris. Texas - Eine Retrospektive. Reiseliteratur in der DDR". In E. Höfner/F. P. Weber (Hg.), *Polititia Litteraria. Festschrift für Horst Heintze*. Berlin, Galda/Wilch Verlag, pp. 19-36.
- HIEBEL, Irmfried (1989), "Ferne Nähe. Erkundungen in der frühen DDR-Literatur". *Deutsch als Fremdsprache. Sonderheft 1989*. Leipzig, Herder-Institut, pp. 1-5.
- HILZINGER, Sonja (1991), "«Avantgarde ohne Hinterland». Zur Wiederentdeckung des Romantischen in Prosa und Essayistik der DDR". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 93-100.
- HOBUSCH, Erich (1991), "Proletarische Gesellschaftsreisen mit dem Motokabinenschiff »Baldur« um 1930". In H. Spode (Hg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 71-78.
- HOLLAND, Patrick/HUGANN, Graham (2000), *Tourists with Typewriters. Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. Michigan, Michigan University Press.
- HOLZWEISSIG, Gunter (1989), *Massenmedien in der DDR*. Berlin, Verlag Gebrüder Holzapfel. [Ed. orig.: 1983].
- HOLZWEISSIG, Gunter (1999), "Massenmedien in der DDR". In Jürgen Wilke (Hg.), *Mediengeschichte der Bundesrepublik Deutschland*. Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, pp. 573-601.
- HOLZWEISSIG, Gunter (2002), *Die stärkste Waffe der Partei. Eine Mediengeschichte der DDR*. Köln und Weimar, Böhlau.

- HONOLD, Alexander/SCHERPE, Klaus R. (Hg.) (2000), *Das Fremde, Reiseerfahrungen, Schreibformen und kulturelles Wissen*. Bern/NewYork/Zürich, Peter Lang (*Zeitschrift für Germanistik*; Beiheft 2).
- HOWARTH, Marianne (2001), "Die Westpolitik der DDR zwischen internationaler Aufwertung und ideologischer Offensive (1966-1989)". In Ulrich Pfeil (Hg.), *Die DDR und der Westen. Transnationale Beziehungen 1949-1989*. Berlin, Ch. Links, pp. 81-98.
- HUBER, Martin/LAUER, Gerhard (Hg.) (2000), *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*. Tübingen, Niemeyer.
- HUCK, Gerhard (Hg.) (1980), *Sozialgeschichte der Freizeit. Untersuchungen zum Wandel der Alltagskultur in Deutschland*. Wuppertal, Peter Hammer Verlag.
- IRMSCHER, Gerlinde (1996), "Alltägliche Fremde. Auslandsreisen in der DDR". In Hasso Spode (Hg.), *Goldstrand und Teutonengrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 51-67.
- JÄCKEL, Günter (1989), "Der polnische Nachbar". In *Deutsch als Fremdsprache. Sonderheft 1989*. Leipzig, Herder-Institut, pp. 16-27.
- JAFORTE, Alessandra (1991), *Die Mauer in der literarischen Prosa der DDR*, Frankfurt am Main, Peter Lang.
- JÄGER, Andrea (1991), "Schriftsteller - Identität und Zensur. Über die Bedingungen des Schreibens im «realen Sozialismus»". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 137-148.
- JÄGER, Hans-Wolf (1995), "Missionsreise eines Nationalsozialisten. Hans Johst 1935". In Anne Fuchs/Theo Harden (Hg.), *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*. Heidelberg, Carl Winter, pp. 542-551.
- JÄGER, Manfred (1995), *Kultur und Politik in der DDR 1945-1990*. Köln, Edition Deutschland Archiv im Verlag Wissenschaft und Politik.
- JÄGER, Manfred (1996), "Fritz Rudolf Fries – IM »Pedro Hagen«". In *Deutschland Archiv 3*.
- JEDAMSKI, Doris/JEHLE, Hiltgund/SIEBERT, Ulla (Hg.) (1994), "*Und tät' das Reisen wählen!*" *Frauen reisen – Reisefrauen*. Zürich/Dortmund, Efef Verlag.
- JOST, Herbert (1989), "Selbst-Verwirklichung und Seelensuche. Zur Bedeutung des Reiseberichts im Zeitalter des Massentourismus". In Peter J. Brenner (Hg.), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 490-507.

- JÚDICE, Nuno (1997), "A viagem entre o real e o maravilhoso". In Ana Maria Falcão *et al.* (orgs.), *Literatura de Viagem: narrativa, história, mito*. Lisboa, Cosmos, pp. 621-627.
- JURGESEN, Manfred (1995), "Ort und Reisen in der Lyrik Günter Kunerts". In Manfred Durzak/Manfred Keune (Hg.), *Kunert-Werkstatt. Materialien und Studien zu Günter Kunerts literarischem Werk*. Bielefeld, Aesthesis Verlag, pp. 89-105.
- KAELBLE, Hartmut/KOCKA, Jürgen/ZWAHR, Harmut (Hg.) (1994), *Sozialgeschichte der DDR*. Stuttgart, Klett&Cotta.
- KASCHUBA, Wolfgang (1999), "Die Fußreise – Von der Arbeitswanderung zur bürgerlichen Bildungsbewegung". In Hermann Bausinger *et al.* (Hg.), *Reisekultur. Von der Pilgerfahrt zum modernen Tourismus*. München, C.H. Beck, pp. 165-173.
- KASPER, Elke (1991), "Media vita in morte sumus. Günter Kunerts italienische Reise". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Günter Kunert*. München, Edition Text+Kritik (Heft 109), pp. 41-50.
- CAST, Theodor (Hg.) (1976), *Reportagen*. Stuttgart, Metzler.
- KAWOHL, Birgit (2000), »Besser als hier ist es überall«. *Reisen im Spiegel der DDR-Literatur*. Marburg, Tectum Verlag.
- KEITZ, Christine (1991), "Reisen zwischen Kultur und Gegenkultur - »Baedeker« und die ersten Arbeitertouristen in der Weimarer Republik." In H. Spode (Hg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 47-60.
- KEITZ, Christine (1997), *Reisen als Leitbild für die Entstehung des modernen Massentourismus in Deutschland*. München, dtv.
- KIRSCH, Frank-Michael (Hg.) (2002), *Bücher als Brückenschlag. Zum literarisch vermittelten Bild Dänemarks und Schwedens in der DDR und der DDR in Schweden*. Huddinge, Södertörns högskola.
- KISCH, Egon Erwin, "Reportage als Kunstform". In Theodor Kast (Hg.) (1976), *Reportagen*. Stuttgart, Metzler, pp.163-166.
- KLÁTIK, Zlatko (1969), "Über die Poetik der Reisebeschreibung". In *Zagadnienia Rodzajów Literackich*, Vol. XI, 2 (21). Łódź, pp. 126-153.
- KLEIN, Ulrich (1993), "Reiseliteraturforschung im deutschsprachigen Raum". In *Euphorion. Zeitschrift für Literaturgeschichte*, 87. Bd., pp. 286-318.
- KLEINDIENST, Jürgen (Hg.) (2001), *Von hier nach drüben. Grenzgänge, Fluchten und Reisen 1945-1961. 38 Geschichten und Berichte von Zeitzeugen*. Berlin, JKL Publikationen.
- KLEINDIENST, Jürgen (Hg.) (2004), *Mauer-Passagen. Grenzgänge, Fluchten und Reisen 1961-1989. 47 Geschichten und Berichte von Zeitzeugen*. Berlin, JKL Publikationen.



- KLUSSMANN, Paul Gerhard (1995), "Berichte der Reisekader aus der DDR". In Diether Voigt/Lothar Mertens (Hg.), *DDR-Wissenschaft im Zwiespalt zwischen Forschung und Staatssicherheit*. Berlin, Duncker und Humboldt (Schriftenreihe der Gesellschaft für Deutschlandforschung; Bd. 45), pp. 131-139.
- KÖCK, Christoph (Hg.) (2001), *Reisebilder. Produktion und Reproduktion touristischer Wahrnehmung*. Münster/New York, Waxmann Verlag.
- KOEPPEN, Erwin (1987), *Literatur und Photographie. Über Geschichte und Thematik einer Medienentdeckung*. Stuttgart, Metzler.
- KOHL, Stephan (1977), *Realismus, Theorie und Geschichte*. München, Wilhelm Fink Verlag (UTB).
- KOHL, Stephan (1990), "Travel Literature and Self-Invention". In Rüdiger Ahrens (Hg.), *Proceedings. Anglistentag 1989 in Würzburg*. Tübingen, Niemeyer, pp. 174-183.
- KOHL, Stephan (1993), "Reiseromane/Travelogues. Möglichkeiten einer ‚hybriden‘ Gattung". In Annegret Maack/Rüdiger Imhof (Hg.), *Radikalität und Mäßigung. Der englische Roman seit 1960*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, pp. 149-168.
- KORTE, Barbara (1996), *Der englische Reisebericht. Von der Pilgerfahrt bis zur Postmoderne*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- KOWALEWSKI, Michael (ed.) (1992), *Temperamental Journeys, Essays on the Modern Literature of Travel*. Athens, University of Georgia Press.
- KRACAUER, Siegfried (1977), "Die Reise und der Tanz". In S. Kracauer, *Das Ornament der Masse*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 40-49.
- KRASNOBAEV, Boris/ROBEL, Gert/ZEMA, Herbert (Hg.) (1987), *Reisen und Reisebeschreibungen im 18. und 19. Jahrhundert als Quellen der Kulturbeziehungsforchung*. Essen, Reimar Hobbing.
- KROL, Monika (1997), "Gabriele Stötzer's Works as Testimony". In *New German Review*, 12, 1997. [Versão online, visualizada em 31.05.2006: [www.germanic.ucla.edu/NGR/ngr12/krol.htm](http://www.germanic.ucla.edu/NGR/ngr12/krol.htm)].
- KRUMBHOLZ, Hans (1991), "Zur Geschichte des Sozialtourismus, Die Anfänge der gewerkschaftlichen Ferieneinrichtungen". In H. Spode (Hg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 61-70.
- KRUSE, Judith (1996), "Nische im Sozialismus". In *Endlich Urlaub!* (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland). Köln, DuMont, pp. 106-111.
- KRYSINSKI, Wladimir (1997), "Discours de Voyages et sens de l'Altérité". In Maria Alzira Seixo (coord.), *A Viagem na Literatura*. Mem Martins, Publicações Europa-América, pp. 235-263.

- KUNERT, Günter (1991), "Einführung". In Erich Loest, *Wälder weit wie das Meer. Reisebilder*. München, dtv, pp. 7-10.
- KUPPE, Johannes L. (1995), "Die DDR und die nichtsozialistische Welt. Ein Essay zur Außenpolitik der SED". In Gisela Helwig (Hg.), *Rückblicke auf die DDR*. Köln, Edition Deutschland Archiv, pp. 175-182.
- Kurze Geschichte der deutschen Literatur* (1987), hrsg. von einem Autorenkollektiv unter Leitung von Kurt Böttcher und Hans Jürgen Geerds. Berlin (Ost), Volk und Wissen.
- LAMPRECHT, Horst (1993), "Reisen auf der Stelle. Anmerkungen zur Reiseliteratur in der DDR". In *Studien zur Germanistik (Pécs)*, 1, pp. 108-121.
- LAUCKNER, Nancy A. (1983), "Günter Kunert's Image of the USA – Another Look at *Der andere Planet*". In *Studies in GDR Culture and Society* 3 (1983), pp. 125-135.
- LEAL, Maria Luísa (1998), "Récit, voyage et typologie. A propos de *Voyage autour de ma chambre* de Xavier de Maistre". In Maria Alzira Seixo/Graça Abreu (org.), *Les Récits de Voyage. Typologie, historicité*. Lisboa, Edições Cosmos, pp. 157-172.
- LEHMANN, Joachim (1991), "Vom »gesunden Volksempfinden« zur Utopie. Literaturkritik der DDR im Spannungsfeld von Zensur und Literatur". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 117-126.
- LEHMANN, Joachim (1995), *Die blinde Wissenschaft. Realismus und Realität in der Literaturtheorie der DDR*. Würzburg, Königshausen & Neumann.
- LEJEUNE, Philippe (1975), *Le pacte autobiographique*. Paris, Éditions du Seuil.
- LINKLATER, Beth V. (1998), *Und immer zügelloser wird die Lust. Constructions of Sexuality in East German Literatures*. Bern/Zürich/New York, Peter Lang.
- Literarische Widerspiegelung. Geschichtliche und theoretische Dimensionen eines Problems* (1981). Hrsg. von der Akademie der Wissenschaften der DDR, Zentralinstitut für Literaturgeschichte unter der Leitung von Dieter Schlenstedt. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- Literatur der Deutschen Demokratischen Republik. Einzeldarstellungen von einem Autorenkollektiv unter der Leitung von Hans Jürgen Geerds*. (1974-1987), 3 vol., Berlin, Volk und Wissen.
- literaturkritik.de* (2000), Nr. 11, "Schwerpunkt: Reiseliteratur". [Online: [http://www.literaturkritik.de/public/inhalt.php?ausgabe=200011#toc\\_nr147](http://www.literaturkritik.de/public/inhalt.php?ausgabe=200011#toc_nr147)].
- LÖFFLER, Dietrich (1975), "Literarische Interessen der Arbeiterklasse in der DDR. Empirische Daten und theoretische Fragestellungen". In *Weimarer Beiträge*, 6/1975, pp. 48-70.

- LÖFFLER, Dietrich (1978), "Die gesellschaftliche Determiniertheit literarischer Interessen". In Dietrich Sommer *et al.* (Hg.) (1978), *Funktion und Wirkung. Soziologische Untersuchungen zur Literatur und Kunst*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag, pp. 296-330.
- LOHRE, Matthias (2003), "Mehr Mauertote als bisher bekannt". In *Spiegel* (12.08.2003).
- LÖSCHBURG, Winfried (1977), *Von Reiselust und Reiseleid. Eine Kulturgeschichte*. Leipzig/Frankfurt am Main, Insel Verlag.
- LÖSCHBURG, Winfried (1997), *Und Goethe war nie in Griechenland. Kleine Kulturgeschichte des Reisens*. Leipzig, Kiepenheuer.
- LUDES, Peter (Hg.) (1990), *DDR-Fernsehen intern, von der Honecker-Ära bis "Deutschland einig Fernsehland"*. Berlin, Volker Spiess Verlag.
- LUHMANN, Niklas (1990), *Die Wissenschaft der Gesellschaft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- LUHMANN, Niklas (1996), *Die Realität der Massenmedien*. 2., erweiterte Auflage, Opladen, Westdeutscher Verlag.
- LÜTZELER, Paul Michael (Hg.) (1997), *Der postkoloniale Blick. Deutsche Schriftsteller berichten aus der Dritten Welt*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- LÜTZELER, Paul Michael (Hg.) (1998), *Schriftsteller und "Dritte Welt", Studien zum postkolonialen Blick*. Tübingen, Stauffenberg Verlag.
- MACIY, Bärbel (1988), *Funktion und Gestalt der künstlerischen Reiseliteratur von Richard Christ*, Erfurt/Mühlhausen, Historisch-Philologische Fakultät der Pädagogischen Hochschule, Phil. Diss.
- MÄHLERT, Ulrich / STEPHAN, Gerd-Rüdiger (Hg.) (1996), *Blaue Hemden. Rote Fahnen. Die Geschichte der Freien Deutschen Jugend*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- MAIER, Charles (1999), *Das Verschwinden der DDR*. Frankfurt am Main, Fischer Verlag.
- MANDEL, Birgit (1996), "«Amore ist heißer als Liebe». Das Italien-Urlaubsimage der Westdeutschen in den 50er und 60er Jahren". In Hasso Spode (Hg.), *Goldstrand und Teutonegrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 147-162.
- MANN, Ekkehard (1993), "«Dadaistische Gartenzwerge» versus «Staatsdichter». Ein Blick auf das Ende der DDR-Literatur mit systemtheoretischer Optik". In Henk de Berg/Matthias Prangel (Hg.), *Kommunikation und Differenz. Systemtheoretische Ansätze in der Literatur- und Kunstwissenschaft*. Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 159-182.
- MARKHAM, Sara (1986), *Workers, Women and Afro-Americans. Images of the United States in German Travel Literature 1923 to 1933*. New York/Berlin/Frankfurt am Main, Peter Lang.

- MARX, Karl/ENGELS, Friedrich (1975), *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa, Edições Avante. [Tradução do (original alemão) de Álvaro Pina]
- MARX, Karl/ENGELS, Friedrich (1976), *Werke*. Band 1, Berlin, Dietz Verlag.
- MATOS, Mário (1996), “Turismo nazi em Portugal (1935-1939)”. In A.H. de Oliveira Marques et al. (coord.), *Portugal-Alemanha-África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão 1995*. Lisboa, Colibri, pp. 199-214.
- MATOS, Mário (1997), *Viagens marítimas da organização nazi «Kraft durch Freude» a Portugal (1935-1939): turismo, literatura e propaganda*. Universidade Nova de Lisboa, Diss. de Mestrado.
- MATOS, Mário (1998), “Thomas Rosenlöchers *Die Wiederentdeckung des Gehens beim Wandern, Eine Harzreise auf den Spuren Heines*”. In Alfred Opitz (Hg.), *Differenz und Identität. Heinrich Heine (1797-1856), Europäische Perspektiven im 19. Jahrhundert*. Trier, WTV Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 113-124.
- MATOS, Mário (1999), “Wolfgang Emmerich, *Kleine Literaturgeschichte der DDR*. Erweiterte Neuauflage, 1996”. In *RUNA-Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, nº 27 (1997-98), pp. 335-339. [Recensão crítica].
- MATOS, Mário (2000a), “Viagens ideológicas a Portugal na literatura nazi”. In Isabel Alegro de Magalhães et al. (coord.), *Literatura e Pluralidade Cultural. Actas do 3º Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada 1998*. Lisboa, Colibri, pp. 905-914.
- MATOS, Mário (2000b), “WWW, Die unendliche Mediothek”. In *RUNA-Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, nº 28, 1999-2000, pp. 331-347.
- MATOS, Mário (2001), “«Reise nach Poetaniën». Zur literarischen Kommunikation über die Fremde in der DDR”. In Alfred Opitz (Hg.), *Erfahrung und Form. Zur kulturwissenschaftlichen Perspektivierung eines transdisziplinären Problemkomplexes*. Trier, WTV Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 175-190.
- MATOS, Mário (2003), “«Kein Pass für Rio», Brasilienbilder in der DDR”. In Orlando Grossegese et al. (org.), *Portugal-Alemanha-Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão*. Braga, Coleção Hespérides/Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, vol. II, pp. 289-309.
- MATOS, Mário (2004), “«Fome de mundo», reflexões sobre a literatura de viagens na extinta RDA”. In *Estudos Literários/Estudos Culturais. Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada 2001*. Universidade de Évora [CD-ROM].
- MATOS, Mário (2005), “Tourismus und «Totale Mobilmachung» oder *Kraft durch Freude*-Auslandsreisen als interkulturelle Inszenierung”. In Karl-Siegbert Rehberg et

- al. (Hg.), *Mobilität – Raum – Kultur. Erfahrungswandel vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Dresden, Thelem, pp. 247-264.
- MATOS, Mário (2006), “Figurações da viagem e do viajante: do «maldito turista» ao «cosmopolitismo doméstico»”. In Ana Gabriela Macedo, Maria Eduarda Keating (org.), *Novos Cosmopolitismos, Identidades Híbridas*, Colóquio de Outono. Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 131-147.
- MATOS, Mário (2009a), “«On the move»: mobilidade e migrações intermediais nos processos de representação da viagem”. In Margarida Esteves Pereira *et al.*, *Transversalidades. Viagens/Literatura/Cinema*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 27-58.
- MATOS, Mário (2009b), “«Der joy stick hat den Wanderstab ersetzt»!? Erzählen vom Reisen in hypermedialen Zeiten”. In *Testi e linguaggi. Rivista del Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari dell’Università di Salerno*, 3/2009, pp. 137-153.
- MAURER, Michael (1999) (Hg.), *Neue Impulse der Reiseforschung*. Berlin, Akademie Verlag.
- MAURER, Michael (1999b), “Reisen interdisziplinär - Ein Forschungsbericht in kulturgeschichtlicher Perspektive”. In Michael Maurer (Hg.), *Neue Impulse der Reiseforschung*. Berlin, Akademie Verlag, pp. 287-411.
- MEHNERT, Elke (1989), “Christine Wolters Italien-Bild”. In *Deutsch als Fremdsprache. Zeitschrift zur Theorie und Praxis des Deutschunterrichts für Ausländer. Literarisches Sonderheft 1989*, pp. 54-66.
- MEIER, Albert (1999), “Textsorten-Dialektik. Überlegungen zur Gattungsgeschichte des Reiseberichts im späten 18. Jahrhundert”. In Michael Maurer (Hg.), *Neue Impulse der Reiseforschung*. Berlin, Akademie Verlag, pp. 237-245.
- MERTSCHING, Klaus (1996), “Recht auf Urlaub”. In *Endlich Urlaub! (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland)*. Köln, DuMont, pp. 20-24.
- MILLS, Sara (1991), *Discourses of difference, an analyses of women’s travel writing and colonialism*. London/New York, Routledge.
- MITTENZWEI, Werner (2001), *Die Intellektuellen. Literatur und Politik in Ostdeutschland 1945-2000*. Leipzig, Faber und Faber.
- MOURA, Jean-Marc (2000), “Mémoire culturelle et voyage touristique. Réflexions sur les figurations littéraires du voyageur et du touriste”. In Maria Alzira Seixo (ed.) (2000), *Amsterdam-Atlanta*, Rodopi, pp. 265-280.
- MOUREAU, François (1998), “Le récit de voyage, du texte au livre”. In Maria Alzira Seixo/Graça Abreu (org.), *Les Récits de Voyages. Typologie, historicité*. Lisboa, Edições Cosmos, pp. 241-257.

- MÜHL-BENNINGHAUS, Wolfgang (1993), "Medienpolitische Probleme in Deutschland zwischen 1945 und 1989. Zum unterschiedlichen Verständnis der audiovisuellen Medien in beiden deutschen Staaten". In Heide Riedel (Hg.), *Mit uns zieht die neue Zeit. 40 Jahre DDR-Medien* (Ausstellungskatalog), Berlin.
- MÜHLBERG, Dietrich (1994), "Überlegungen zu einer Kulturgeschichte der DDR". In Hartmut Kaelble et al. (Hg.), *Sozialgeschichte der DDR*. Stuttgart, Klett-Cotta, pp. 62-94.
- MÜNKLER, Herfried (Hg.) (1997), *Furcht und Faszination. Facetten der Fremdheit*. Berlin, Akademie-Verlag.
- MURATH, Clemens (1995), "Intertextualität und Selbstbezug - Literarische Fremderfahrung im Lichte der konstruktivistischen Systemtheorie". In Anne Fuchs/Theo Harden (Hg.), *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*. Heidelberg, Carl Winter, pp. 3-18.
- MUTH, Ingrid (2000), *Die DDR-Außenpolitik 1949-1972. Inhalte, Strukturen, Mechanismen*. Berlin, Ch. Links.
- NEUBER, Wolfgang (1989), "Zur Gattungspoetik des Reiseberichts. Skizze einer historischen Grundlegung im Horizont von Rhetorik und Topik". In Peter J. Brenner (Hg.), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 50-67.
- NEUBER, Wolfgang (1991), *Fremde Welt im europäischen Horizont. Zur Topik der deutschen Amerika-Reiseberichte der Frühen Neuzeit*. Berlin, Erich Schmidt.
- NEUMANN, Gerhard/WEIGEL, Sigrid (Hg.) (2000), *Die Lesbarkeit der Kultur. Literaturwissenschaftem zwischen Kulturtechnik und Ethnographie*. München, Fink.
- NÖLP, Markus (2001), "W. G. Sebalds *Ringe des Saturns* im Kontext photobebildeter Literatur". In Orlando Grossegeesse/Erwin Koller (Hg.), *Literaturtheorie am Ende? 50 Jahre Wolfgang Kayser's "Sprachliches Kunstwerk"*. Tübingen und Basel, Francke Verlag, pp. 129-141.
- NÜNING, Ansgar/ NÜNING, Vera (Hrsg.) (2003), *Konzepte der Kulturwissenschaften. Theoretische Grundlagen – Ansätze – Perspektiven*. Stuttgart/Weimar, Metzler.
- OPASCHOWSKI, Horst (Hg.) (1992), *Urlaub 91/92, Trendziele und Trendsetter im Tourismus der 90er Jahre. Die zweite gesamtdeutsche Urlaubsanalyse*, Hamburg, Gema Press.
- OPASCHOWSKI, Horst (2001), *Das gekaufte Paradies. Tourismus im 21. Jahrhundert*, Hamburg, Gema Press.
- OPITZ, Alfred (1996), "Ciências Culturais e Política Cultural. Para uma descontaminação". In A. H. de Oliveira Marques et al. (ed.), *Portugal – Alemanha – África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político (Actas do IV Encontro Luso-Alemão)*. Lisboa, Colibri, pp. 179-184.

- OPITZ, Alfred (1997), *Reiseschreiber. Variationen einer literarischen Figur der Moderne vom 18.-20. Jahrhundert*. Trier, WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- OPITZ, Alfred (Hg.) (1998), *Differenz und Identität. Heinrich Heine (1797-1856). Europäische Perspektiven*. Trier, WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- OPITZ, Alfred (Hg.) (2001a), *Erfahrung und Form. Zur kulturwissenschaftlichen Perspektivierung eines transdisziplinären Problemkomplexes*. Trier, WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- OPITZ, Alfred (2001b), "Goethes «skeptischer Realismus». Empiriebedarf und Formbegriff als produktiver Widerspruch". In Teresa Seruya et al. (org.), *Contradições electivas – Colóquio comemorativo dos 250 anos do nascimento de Goethe*. Lisboa, Edições Colibri/Universidade Católica de Lisboa, pp. 91-102.
- OPITZ, Alfred (2003), "Berichte aus der «zweiten Heimat». Zum gegenwärtigen Stand der Reiseliteraturforschung". In *Akten des X. Internationalen Germanistenkongresses Wien 2000. »Zeitenwende – Die Germanistik auf dem Weg vom 20. ins 21. Jahrhundert«*, hrsg. V. Peter Wiesinger, Bd. 9, Bern/Berlin/Bruxelles/Frankfurt am Main/New York/Oxford/Wien, Peter Lang, pp. 87-92.
- OSBORNE, Peter D. (2000), *Travelling light. Photography, travel and visual culture*. Manchester and New York, Manchester University Press.
- OSTERLE, Heinz D. (1977), "Denkbilder über die USA in Günter Kunerts *Der andere Planet*". In *Basis*, Issue 7, pp. 137-155.
- OTT, Ulrich (1991), *Amerika ist anders. Studien zum Amerika-Bild in deutschen Reiseberichten des 20. Jahrhunderts*. Frankfurt am Main/Bern/New York/Paris, Peter Lang.
- PANZER, Bärbel (1983), *Die Reisebeschreibung als Gattung der philanthropischen Jugendliteratur in der zweiten Hälfte des 18. Jahrhundert*. Frankfurt am Main/Bern/New York, Peter Lang.
- PEITSCH, Helmut (1989), "Das Schauspiel der Revolution. Deutsche Jakobiner in Paris". In Peter J. Brenner (Hg.), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 306-332.
- PELZ, Annegret (1993), *Reisen durch die eigene Fremde. Reiseliteratur von Frauen als autographische Schriften*. Köln/Weimar/Wien, Böhlau.
- PETERS, Gerd (1996), "Vom Urlauberschiff zum Traumschiff. Die Passagierschiffahrt der DDR". In *Endlich Urlaub! (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland)*. Köln, DuMont, pp. 93-100.
- PFEIL, Ulrich (Hg.) (2001), *Die DDR und der Westen. Transnationale Beziehungen 1949-1989*. Berlin, Ch. Links.

- PFISTER, Manfred (1993), "Intertextuelles Reise oder Der Reisebericht als Intertext". In Herbert Foltinek et al. (Hg.), *Tales and "their telling difference". Zur Theorie und Geschichte der Narrativik*. Heidelberg, C. Winter, pp. 109-132.
- PINKERT, Ernst-Ulrich (2000), "Reisefreiheit und Goldener Westen. Westreisen in der deutschen Nachwendeliteratur". In Ernst-Ulrich Pinkert (Hg.), *Die Globalisierung im Spiegel der Reiseliteratur*. Kopenhagen/München, Wilhelm Fink Verlag, pp. 141-161.
- PINKERT, Ernst-Ulrich (2002), "Das Märchenland Dänemark - ferner als Sibirien. Gerti und Reiner Tetzners dänische Reisebilder". In Frank-Michael Kirsch (Hg.), *Bücher als Brückenschlag. Zum literarisch vermittelten Bild Dänemarks und Schwedens in der DDR und der DDR in Schweden*. Huddinge, Södertörns högskola, pp. 9-23.
- PIONTEK, Heinz (1979), "Thema Reisen". In Heinz Piontek, *Das Handwerk des Lesens. Erfahrungen mit Büchern und Autoren*. Frankfurt am Main/Berlin/Wien, Ullstein, pp. 244-267.
- PLUMPE, Gerhard/WERBER, Niels (1993), "Literatur ist codierbar. Aspekte einer systemtheoretischen Literaturwissenschaft." In Siegfried J. Schmidt (Hg.), *Literaturwissenschaft und Systemtheorie. Positionen, Kontroversen, Perspektiven*. Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 9-43.
- PLUMPE, Gerhart/WERBER, Niels (Hrsg.) (1995), *Beobachtungen der Literatur. Aspekte einer polykontexturalen Literaturwissenschaft*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- POSSIN, Hans-Joachim (1972), *Reisen und Literatur. Das Thema des Reisens in der englischen Literatur des 18. Jahrhunderts*. Tübingen, Niemeyer.
- PRACHT, Erwin (1974), *Abbild und Methode. Exkurs über den Sozialistischen Realismus*. Halle/Saale, Mitteldeutscher Verlag.
- PRANGEL, Matthias (1993), "Zwischen Dekonstruktionismus und Konstruktivismus. Zu einem systemtheoretisch fundierten Ansatz von Textverstehen". In Henk de Berg/Matthias Prangel (Hg.), *Kommunikation und Differenz. Systemtheoretische Ansätze in der Literatur- und Kunstwissenschaft*. Opladen, Westdeutscher Verlag, pp. 9-31.
- PRATT, Louise Mary (1992), *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*. London/New York, Routledge.
- PREISENDANZ, Wolfgang (1968), "Der Funktionsübergang von Dichtung und Publizistik bei Heine". In *Die nicht mehr schönen Künste. Grenzphänomene des Ästhetischen*, hg. v. Hans Robert Jauf, [=Poetik und Hermeneutik III], München, Fink Verlag, pp. 343-374.
- PÜTZ, Peter (1991), "«Der andere Planet. Ansichten von Amerika»". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 55-60.



- RECKERT, Stephen/CENTENO, Yvete K. (Org.) (1983), *A viagem «entre o real e o imaginário»*. Lisboa, Arcádia.
- REHBERG, Karl S. et al. (Hg.) (2006), *Mobilität – Raum – Kultur. Erfahrungswandel vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Dresden, Thelem.
- REIF, Wolfgang (1975), *Zivilisationsflucht und literarische Wunschräume. Der exotische Roman im ersten Viertel des zwanzigsten Jahrhundert*. Stuttgart, Metzler.
- REXIN, Manfred (1989), “Massenmedien in der DDR”. In Werner Weidenfeld/ Hartmut Zimmermann (Hg.), *Deutschland-Handbuch. Eine doppelte Bilanz 1949-1989*, München/Wien, pp. 402-412.
- RIBEIRO, António Sousa (1996), “Germanistik im Fin de Siècle. Einige Randglossen.” In *RUNA. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, 26/1996, Coimbra, pp. 919-927, vol. II.
- RIBEIRO, António Sousa (1998), “Noch einmal: Heine und die Folgen. Ein Kapitel der Heine-Rezeption am Anfang des Jahrhunderts”. In Alfred Opatz (Hg.), *Differenz und Identität. Heinrich Heine (1797-1856). Europäische Perspektiven*. Trier, WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 101-111.
- RIBEIRO, António Sousa/RAMALHO, Maria Irene (1999), “Dos estudos literários aos estudos culturais?”. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, Coimbra, pp. 61-83.
- RICHERT, Ernst (1975), “Der Autor vom anderen Planeten – Günter Kunerts Welt und Amerika”. In *Deutschland-Archiv*, 8, pp. 1090-1094.
- RICHTER, Steffen (2000), “Deutsche Schelme. Fritz Rudolf Fries und Dr. Alexander Retard lesen Balthasar Gracián”. In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *DDR-Literatur der neunziger Jahre*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 62-73.
- RIFFATERRE, Michael (1993), *Fictional Truth*, Baltimore, London, Johns Jopkins University Press.
- RIFFATERRE, Michael (1982), “L'illusion référentielle”. In Roland Barthes et al., *Littérature et réalité*. Paris, Éditions du Seuil, pp. 91-118.
- RIFFATERRE, Michael (1979), *La production du texte*, Paris, Éditions du Seuil.
- RITTER, Jürgen/LAPP, Peter Joachim (Hg.) (1997), *Die Grenze. Ein deutsches Bauwerk*. Berlin, C.H. Links.
- Romanführer A - Z* (1986), Bde. II/1, II/2 (20. Jahrhundert. Der deutsche Roman bis 1949. Romane der DDR). Hrsg. von einem Kollektiv für Literaturgeschichte unter Leitung von Kurt Böttcher, Berlin, Volk und Wissen.
- RÖSEBERG, Dorothee (Hg.) (1999), *Frankreich und “Das andere Deutschland”*, Tübingen, Stauffenberg Verlag.
- RÖSEBERG, Dorothee (1999b), “Frankreich des Herzens. Mittler zwischen Frankreich und dem «anderen Deutschland»”. In *Grenzgänge*, Heft 12 (1999), pp. 126-134.

- RUIZ, Alain (1980), "Deutsche Reisebeschreibungen im Zeitalter der Französischen Revolution (1789-1799). Ein Überblick". In Boris I. Krasnobaev et al. (Hg.), *Reisen und Reisebeschreibungen im 18. und 19. Jahrhundert als Quellen der Kulturbeziehungs-forschung*. Berlin (Studien zur Geschichte der Kulturbeziehungen in Mittel- und Osteuropa 6).
- RYBACK, Timothy W. (1988), *The image of the United States in the literature of the German Democratic Republic*. Cambridge/Mass., Phil. Diss.
- SAHLMEN, Andrea (1992), »Das Vehikel der Imagination«. *Loests Erzählwerk als Reflexion innerdeutscher Diskrepanzen*. Frankfurt am Main/ Berlin/Bern/New York/Paris/ Wien, Peter Lang.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (1994), "»Diese zarten, fast unsichtbaren Fäden der Arachne«. Das wahrnehmende Subjekt und die Konstituierung der Wahrheit bei Forster". In Claus-Volker Kleuke (Hg.), *Georg Forster in interdisziplinärer Perspektive*. Berlin, Akademie Verlag, pp. 133-146.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (1999), "Nas margens, os estudos culturais e o assalto às fronteiras académicas e disciplinares". In *Etnográfica*. Vol. III (1). Lisboa, pp. 193-210.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (org.) (2005), *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa, Cotovia.
- SARETZKI, Hans-Ulrich/KROHN, Ursula (1992), "Vom gewerkschaftlich organisierten Urlaub zum begrenzten Tourismus. Reisen als Beitrag zur Lebensqualität". In Egon Hölder (Hg.), *Im Trabi durch die Zeit. 40 Jahre Leben in der DDR*. Stuttgart, Metzler-Poeschel, pp. 329-341.
- SAUDER, Gerhard (1995), "Formen gegenwärtiger Reiseliteratur". In Anne Fuchs/Theo Harden (Hg.), *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*, pp. 552-573.
- SAUDER, Gerhard (1999), "Empfindsame Reisen". In Hermann Bausinger et al. (Hg.), *Reisekultur. Von der Pilgerfahrt zum modernen Tourismus*. München, C. H. Beck, pp. 276-283.
- SCHEER, Maximilian (1955), *Die Reportage – gestern und heute*. In *Beiträge zur Deutschen Gegenwartsliteratur*, Heft 7, hrsg. v. Deutschen Schriftstellerverband der DDR, 5-18.
- SCHEITLER, Irmgard (1999a), *Gattung und Geschlecht. Reisebeschreibungen deutscher Frauen 1780-1850*. Tübingen, Niemeyer.
- SCHEITLER, Irmgard (1999b), "Sind Reisebeschreibungen fiktive Texte? Bemerkungen anlässlich von Barbara Kortess Buch *Der englische Reisebericht*". In *Literaturwissenschaftliches Jahrbuch (Neue Folge)*, 40. Band, pp. 381-399.

- SCHILD, Axel (1996), „»Die kostbarsten Wochen des Jahres«. Urlaubstourismus der Westdeutschen (1945-1970)“. In Hasso Spode (Hg.), *Goldstrand und Teutonengrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation, pp. 69-85.
- SCHIVELBUSCH, Wolfgang (1977), *Geschichte der Eisenbahnreise. Zur Industrialisierung von Raum und Zeit im 19. Jahrhundert*. München und Wien, Hanser.
- SCHLENSTEDT, Dieter (1959), *Die Reportage bei Egon Erwin Kisch*. Berlin, Aufbau-Verlag.
- SCHLESIER, Renate/ZELLMANN, Ulrike (2003), *Reisen über Grenzen. Kontakt und Konfrontation, Maskerade und Mimikry*, Münster/New York/München/Berlin, Waxmann.
- SCHLESIER, Renate (2000), „Verdichtete Reiseberichte. Zur Geschichte des Homo viator“. In Gerhard Neumann/Sigrid Weigel (Hg.), *Die Lesbarkeit der Kultur. Literaturwissenschaftlichem zwischen Kulturtechnik und Ethnographie*. München, Fink, pp. 133-148.
- SCHLÖSSER, Hermann (1987), *Reiseformen des Geschriebenen. Selbsterfahrung und Welt Darstellung in Reisebüchern Wolfgang Koepfens, Rolf Dieter Brinkmanns und Hubert Fichtes*, Wien/Köln/Graz.
- SCHLÖSSER, Hermann (2003), *In Büchern unterwegs. Gedanken beim Lesen von Reiseliteratur*. Wien, Sonderzahl.
- SCHMIDT, Aurel (1992), *Wege nach unterwegs. Das Ende des Reisens*. Zürich, Benzinger.
- SCHMIDT, Aurel (1998), *Von Raum zu Raum. Versuch über das Reisen*. Berlin, Merve Verlag.
- SCHMIDT, Siegfried J. (1984), „The fiction is that reality exists“. In *Poetics Today*, vol 5, n° 2, 1984, pp. 253-274.
- SCHMIDT, Siegfried J. (1991), *Grundriss der Empirischen Literaturwissenschaft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp. [Ed. orig.: 1980].
- SCHMIDT, Siegfried J. (Hg.) (1993), *Literaturwissenschaft und Systemtheorie. Positionen, Kontroversen, Perspektiven*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- SCHMIDT, Siegfried J. (1994), *Kognitive Autonomie und soziale Orientierung. Konstruktivistische Bemerkungen zum Zusammenhang von Kognition, Kommunikation, Medien und Kultur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- SCHMIDT, Siegfried J. (1998), *Die Zählung des Blicks. Konstruktivismus - Empirie - Wissenschaft*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- SCHMIDT, Ulrich (1991), „Abschied von der «Literaturgesellschaft»? Anmerkungen zu einem Begriff“. In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*, München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp. 45-52.

- SCHMITT, Hans-Jürgen/SCHRAMM, Godehard (1974), *Sozialistische Realismus-Konzeptionen. Dokumente zum 1. Allunionskongress der Sowjetschriftsteller*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- SCHMITT, Hans-Jürgen (Hg.) (1983), *Die Literatur der DDR*. München/Wien, dtv. (=Hansers Sozialgeschichte der deutschen Literatur, Band 11).
- SCHMITZ, Walter (2005), "Mobilität des Menschen. Zur geschichtlichen Konstruktion von Räumen der Bewegung". In Karl-Siebert Rehberg et al. (Hg.), *Mobilität – Raum – Kultur. Erfahrungswandel vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Dresden, Thelem, pp. 1-22.
- SCHÖN, Heinz (1987), *Die KdF-Schiffe und ihr Schicksal. Eine Dokumentation*. Stuttgart, Motorbuch Verlag.
- SCHREIBER, Eduard (1972), *Die Reportage bei Kisch, Weiskopf und Fucik*, Leipzig, Karl-Marx-Universität.
- SCHREIBER, Jürgen (1996), "Es lebe die Völkerfreundschaft". In *Süddeutsche Zeitung. Magazin*, 31.05.96 (Nr. 22), pp. 10-17.
- SCHROEDER, Klaus (1988), *Der SED-Staat. Partei, Staat und Gesellschaft 1949-1990*. München, Carl Hanser Verlag.
- SCHÜTZ, Eduard (1974), *Reporter und Reportagen. Texte zur Theorie und Praxis der Reportage in den zwanziger Jahren*. Gießen.
- SCHÜTZ, Eduard (1977), *Kritik der literarischen Reportage. Reportagen und Reiseberichte aus der Weimarer Republik über die USA und die Sowjetunion*. München, Wilhelm Fink Verlag.
- SCHÜTZE, Jochen Kornelius (1995a), *Gefährliche Geographie*. Wien, Passagen-Verlag.
- SCHÜTZE, Jochen Kornelius (1995b), "Das Ende vom Abschied". In *Sinn und Form*, 1995, Heft 4, pp. 595-603.
- SEIXO, Maria Alzira (coord.) (1997), *A Viagem na Literatura*. Mem Martins, Publicações Europa-América.
- SEIXO, Maria Alzira (1998a), *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa, Edições Cosmos.
- SEIXO, Maria Alzira/GRAÇA ABREU (org.) (1998b), *Les récits de voyages. Typologie, historicité*. Lisboa, Edições Cosmos.
- SEIXO, Maria Alzira (Ed.) (2000a), *Travel Writing and Cultural Memory/Écriture du Voyage et Mémoire Culturelle*. Amsterdam-Atlanta, GA, Rodopi.
- SEIXO, Maria Alzira (Ed.) (2000b), *The Paths of Multiculturalism, Travel Writings and Post-colonialism*. Lisboa, Edições Cosmos.
- SELBACH, Claus-Ulrich (1996), "Reise nach Plan. Der Feriendienst des Freien Deutschen Gewerkschaftsbundes". In *Endlich Urlaub!* (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der

- Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland). Köln, DuMont, pp. 65-76.
- SERKE, Jürgen (1998), *Zuhause im Exil. Dichter, die eigenmächtig blieben in der DDR*. München, Zürich, Piper Verlag.
- SERKE, Jürgen (1998), "Heinz Czechowski: Gefangen in den Ruinen des Anfangs". In *Zuhause im Exil. Dichter, die eigenmächtig blieben in der DDR*. München, Zürich, Piper Verlag, pp. 187-215.
- SIEBERT, Hans-Joachim (1978), "Das Reisebild im Grenzbereich zwischen Sachprosa und poetischem Text". In Willi Steinberg (Hg.), *Sprachliche Wirkung poetischer Texte*, Halle/Saale, Marthin-Luther-Universität Halle-Wittenberg Wissenschaftliche Beiträge, pp. 133-139.
- SIEBERT, Ulla (2001), "Reisetexte als «true fictions». Wahrheit und Authentizität in Reisetexten von Frauen, 1871-1914". In Christoph Köck (Hg.), *Reisebilder. Produktion und Reproduktion touristischer Wahrnehmung*. Münster/New York/München/Berlin, Waxmann Verlag, pp. 153-165.
- SIEBS, Benno-Eide (1999), *Die Außenpolitik der DDR 1976-1989. Strategien und Grenzen*. Paderborn/München/Wien/Zürich, Schöningh.
- SIMONS, Elisabeth (1973), "Sozialistischer Patriotismus und proletarischer Internationalismus in der neuen Prosaliteratur der DDR". In *Weimarer Beiträge*, Heft 2/19973, pp. 10-24.
- SOMMER, Dietrich et al. (Hg.) (1978), *Funktion und Wirkung. Soziologische Untersuchungen zur Literatur und Kunst*. Berlin und Weimar, Aufbau-Verlag.
- SPIES, Bernhard (1991), "Georg Lukács und der Sozialistische Realismus in der DDR". In Heinz Ludwig Arnold (Hg.), *Literatur in der DDR. Rückblicke*. München, Edition Text+Kritik (Sonderband), pp.34-44.
- SPODE, Hasso (1980), "Der deutsche Arbeiter reist, Massentourismus im Dritten Reich". In Gerhard Huck (Hg.), *Sozialgeschichte der Freizeit*, Wuppertal, pp. 281-306.
- SPODE, Hasso (1991), "Die NS-Gemeinschaft *Kraft durch Freude* – ein Volk auf Reisen?". In Hasso Spode, (Hg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*. Berlin, pp. 79-94.
- SPODE, Hasso (Hg.) (1996), *Goldstrand und Teutonengrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*. Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation.
- SPODE, Hasso (1996), "Tourismus in der Gesellschaft der DDR. Eine vergleichende Einführung". In Hasso Spode (Hg.), *Goldstrand und Teutonengrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*, pp. 11-34.

- SPODE, Hasso (2003), *Wie die Deutschen "Reiseweltmeister" wurden. Eine Einführung in die Tourismusgeschichte*. Erfurt, Landeszentrale für politische Bildung.
- STEINECKE, Albrecht (1996), "Wohin geht die Reise? Aktuelle Tendenzen im Tourismus". In *Endlich Urlaub*. (Begleitbuch zur Ausstellung im Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland, Hg., Stiftung Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland). Köln, DuMont, pp. 112-117.
- STEINECKE, Hartmut (2003), "Reisen über Grenzen. Ein DDR-Trauma in der Nachwendeliteratur". In R. Schlesier/U. Zellmann (Hrsg.), *Reisen über Grenzen. Kontakt und Konfrontation, Maskerade und Mimikry*. Münster/New York/München/Berlin, Waxmann Verlag, pp. 143-153.
- STEWART, E. William (1978), *Die Reisebeschreibung und ihre Theorie im Deutschland des 18. Jahrhunderts*. Bonn, Bouvier Verlag.
- STONE, Margaret/SHARMAN, Gundula (Hg.) (2000), *Jenseits der Grenzen. Die Auseinandersetzung mit der Fremde in der deutschsprachigen Kultur*. Frankfurt am Main/New York/Oxford, Peter Lang Verlag.
- STRELKA, Joseph (1971), "Der literarische Reisebericht". In *Jahrbuch für Internationale Germanistik* 3 (1971), pp. 63-75.
- STRELKA, Joseph (1985), "Der literarische Reisebericht". In Klaus Weissenberger (Hg.), *Prosa ohne Erzählen. Die Gattungen der nicht-fiktionalen Kunstprosa*. Tübingen, Max Niemeyer, pp. 169-184.
- THOMANECK, Jürgen K. A. (2000), "«Mangos sind nicht Äpfel.» Der/die/das Fremde in der DDR-Literatur". In Margaret Stone/Gundula Sharman (Hg.), *Jenseits der Grenzen. Die Auseinandersetzung mit der Fremde in der deutschsprachigen Kultur*. Frankfurt am Main/New York/Oxford, Peter Lang Verlag, pp. 119-140.
- TROMMLER, Frank (1976), *Sozialistische Literatur in Deutschland. Ein historischer Überblick*. Stuttgart, Kröner.
- TROTTEMBERG, Arthur D. (Hg.) (1987): *Marcel Proust/Eugène Atget. Ein Bild von Paris*. Frankfurt am Main, Insel Verlag.
- Urlaub und Tourismus in beiden deutschen Staaten* (1978). Bonn, Friedrich-Ebert-Stiftung.
- VIRILIO, Paul (1993), *A Inércia Polar*. Lisboa, Dom Quixote. Tradução de Ana Luísa Faria. [Ed. Orig., 1990].
- VIRILIO, Paul (2000), *A Velocidade de Libertação*. Lisboa, Relógio D'Água. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. [Ed. orig., 1995].
- VALENTE, José Carlos (1999), *Estado Novo e Alegria no Trabalho. Uma História Política da FNAT (1935-1958)*. Lisboa, Colibri.
- Van Den ABEELE, Georges (1992), *Travel as Metaphor From Montaigne to Rousseau*. Minneapolis/Oxford, University of Minnesota Press.

- Van der HEYDEN, Ulrich *et al.* (Hg.) (1993), *Die DDR und Afrika*. Münster, Hamburg, Lit Verlag.
- VOSS, Matthias (2005) (Hg.), *Wir haben Spuren hinterlassen. Die DDR in Mosambik. Erlebnisse, Erfahrungen und Erkundungen aus drei Jahrzehnten*. Berlin, Lit Verlag.
- VOSSKAMP, Wilhelm (2000), "Medien – Kultur – Kommunikation. Zur Geschichte emblematischer Verhältnisse". In Martin Huber/Gerhard Lauer (Hg.), *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*. Tübingen, Niemeyer, pp. 317-330.
- WALDENFELS, Bernhard (1997), *Topographie des Fremden. Studien zur Phänomenologie des Fremdem 1*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- WALTHER, Joachim (1999), *Sicherungsbereich Literatur. Schriftsteller und Staatssicherheit in der Deutschen Demokratischen Republik*. Berlin, Ullstein. [Ed. orig.: 1996].
- WEBER, Johannes (1999), "Wallfahrten nach Paris – Reiseberichte deutscher Revolutionstouristen von 1789 bis 1802". In Hermann Bausinger *et al.* (Hg.), *Reisekultur. Von der Pilgerfahrt zum modernen Tourismus*. München, C.H. Beck, pp. 179-186.
- WEIDENFELD, Werner/ZIMMERMANN, Hartmut (Hg.) (1989), *Deutschland-Handbuch. Eine doppelte Bilanz 1949-1989*. Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung.
- WEISGRAM, Wolfgang (1993), "Urlaub in «Freundschaft»". In *Die Zeit*, 06.08.1993.
- WELKE, Dunja (1988), "Zwischen erfahrener Wirklichkeit und erfundener Welthaltigkeit. Zum reiseliterarischen Schaffen von Richard Christ". In *Weimarer Beiträge*, 34 (1988) 7, pp. 1137-1155.
- WELSCH, Wolfgang (1998), "Eine Doppelfigur der Gegenwart, Virtualisierung und Revalidierung". In G. Vattimo/W. Welsch (Hg.), *Medien-Welten Wirklichkeiten*. München, Fink, pp. 229-248.
- WEMHÖNER, Karin (2004), *Paradiese und Sehnsuchtsorte. Studien zur Reiseliteratur des 20. Jahrhunderts*. Marburg, Tectum.
- Wer war wer in der DDR. Ein biographisches Handbuch* (1996), Hg. von Bernd-Rainer Barth *et al.*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag.
- WERBER, Niels (1992), *Literatur als System. Zur Ausdifferenzierung literarischer Kommunikation*. Opladen, Westdeutscher Verlag.
- WHITE, Hayden (1993), "The Poetics of History". In Hayden White, *Metahistory, the historical imagination in nineteenth-century*. Baltimore, London, Baltimore, London, John Hopkins University Press, pp. 1-41. [1ª ed.: 1973].
- WHITE, Hayden (1999), *Figural Realism. Studies in the Mimesis Effect*. Baltimore, London, John Hopkins University Press.
- WILPERT, Gero von (1989), *Sachwörterbuch der Literatur*. Stuttgart, Kröner, 7. erw. Aufl. [Ed. orig: 1955].

- WÖHLER, Karlheinz (1998), "Imagekonstruktion fremder Räume. Entstehung und Funktion von Bildern über Reiseziele". In *Voyage. Jahrbuch für Reise- und Tourismusforschung*, Bd. 2. Köln, DuMont, pp. 97-114.
- WOLLE, Stefan (1999), *Die heile Welt der Diktatur. Alltag und Herrschaft in der DDR 1971-1989*. München, Econ & List.
- WÜLFING, Wulf (1989), "Reiseberichte im Vormärz. Die Paradigmen Heinrich Heine und Ida Hahn-Hahn". In Peter J. Brenner (Hg.), *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 333-362.
- WUTHENOW, Ralph-Rainer (1980), *Die erfahrene Welt. Europäische Reiseliteratur im Zeitalter der Aufklärung*. Frankfurt am Main, Insel Verlag.
- WUTHENOW, Ralph-Rainer (1984), *Das Bild und der Spiegel, Europäische Literatur im 18. Jahrhundert*. München/Wien, Hanser.
- WUTHENOW, Ralph-Rainer (1986), "Autobiographien und Memoiren, Tagebücher, Reiseberichte". In Horst Glaser (Hg.), *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte*. Bd. 4 (*Zwischen Absolutismus und Aufklärung, Rationalismus, Empfindsamkeit, Sturm und Drang 1740-1786*. Hg. v. Ralph-Rainer Wuthenow). Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, pp. 148-169. [Ed. orig.: 1980].
- WUTHENOW, Ralph-Rainer (1990), *Europäische Tagebücher. Eigenart, Formen, Entwicklung*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- ZIPES, Jack (1975), "Die Freiheit trägt Handschellen im Land der Freiheit. Das Bild der Vereinigten Staaten von Amerika in der Literatur der DDR". In S. Bauschinger et al. (Hrsg.), *Amerika in der deutschen Literatur. Neue Welt – Nordamerika – USA*. Stuttgart, Reclam, pp. 329-352.
- ZIPES, Jack (1989), "The United States in East German Literature. Legitimizing and legitimate images". In Heinz D. Oesterle (Ed.), *Amerika [sic]! New images in German literature*. New York, pp. 103-134.
- ZORACH, Cecile Cazort (1984), "From Grey East to Golden West, Fritz Rudolf Fries and GDR Travel Literature". In *Studies in GDR Culture and Society*, 4, 1984, Lanham, London, pp. 137-152.
- ZWIRNER, Barbara (1986), "*Besseres Land - schöne Welt*". *Sozialistischer Patriotismus und Welterfahrung in der Reiseliteratur der DDR nach dem VIII Parteitag der SED 1971*. Berlin, Freie Universität Berlin, Phil. Diss.





COLECCÃO  
POLIEDRO

O objecto de reflexão e análise deste trabalho é constituído pela complexa inter-relação entre o turismo, que no hemisfério dos países industrializados se transformou, durante a segunda metade do século XX, num fenómeno de massas, e as suas múltiplas formas e modos de media[tiz]ação num regime político e sistema sociocultural em que, ao longo dos quarenta anos da sua existência, o multifacetado tópico da viagem desempenhou, a vários níveis, um papel invulgarmente significativo. Em contraste com outras sociedades contemporâneas situadas a ocidente da «Cortina de Ferro», cuja concepção liberal entendia o turismo e contacto intercultural como um domínio apolítico por excelência, na República Democrática Alemã (RDA) verificou-se nessa área um dirigismo estatal que se revestiu sempre de uma grande relevância para a manutenção do sistema político e societal, dirigismo esse que, por ironia da História, viria, por fim, a revelar-se um dos factores mais determinantes para a sua própria implosão.

Partindo dessa peculiaridade do fenómeno da viagem num país que, apesar da constelação bipolar da era da «Guerra Fria» e da existência do Muro de Berlim, não ficaria completamente alheio ao processo da globalização, nomeadamente por via de uma crescente mobilidade telemática que facilmente transpunha as fronteiras geopolíticas assim como pelo «plano» de fomento do turismo no seio da «comunidade socialista», o presente estudo incide, por um lado, nas implicações concretas da «política de viagem» sobre as práticas e os hábitos turísticos da população da extinta RDA e, por outro, nas respectivas repercussões ao nível das estratégias discursivas e dos mecanismos formais que sustentam as representações «narrativas» da viagem no formato «bi-medial» (texto e imagem) do livro que é aqui concebido como *artefacto* cultural e não como um produto apenas literário.

